DESCRIPÇÃO

DA

VIAGEM Á MUSSUMBA

DO

MUATIÂNVUA

DT
611.2
D54
1890
v.1
MAA

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIÂNVUA

DESCRIPÇÃO

DA

VIAGEM Á MUSSUMBA

DO

MUATIÂNVUA

PELO

CHEFE DA EXPEDIÇÃO

HENRIQUE AUGUSTO DIAS DE CARVALHO

Major do Estado Maior de Infanteria

EDIÇÃO ILLUSTRADA POR H. CASANOVA

VOL. I

DE LOANDA AO CUANGO

SMITHSONIAN
SEP 23 1985
LIBRARIES

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1890

RAFAEL

Á

NAÇÃO PORTUGUEZA

O. D. C.

O chefe da Expedição

CASTOR

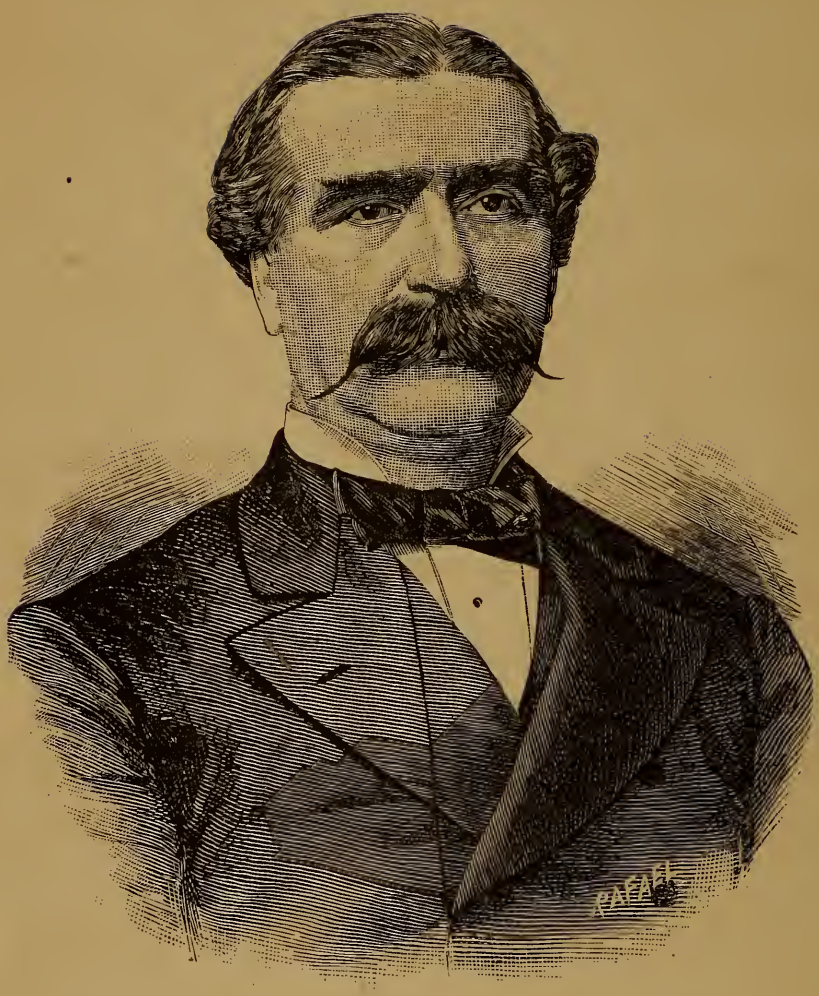
AO EXCELLENTISSIMO SENHOR CONSELHEIRO

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

MINISTRO D'ESTADO HONORARIO

CONSAGRA ESTA PAGINA

O chefe da Expedição



AO EXCELLENTISSIMO SENHOR CONSELHEIRO

FRANCISCO JOAQUIM DA COSTA E SILVA

Pelo muito que se interessou no bom exito da Expedição
e na publicação dos trabalhos d'ella

PARA SEMPRE GRATO SE CONFESSA

O chefe da Expedição

AOS BENEMERITOS

EXPLORADORES E VIAJANTES PORTUGUEZES

NO

CONTINENTE AFRICANO

Em testemunho de admiração pelo seu extremado patriotismo e acrisolado esforço

O chefe da Expedição.

AOS PATRIOTICOS E ILLUSTRADOS GREMIOS

SOCIEDADES DE GEOGRAPHIA DE LISBOA
DE GEOGRAPHIA COMMERCIAL DO PORTO
ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL
E ATHENEU COMMERCIAL DA MESMA CIDADE

Manifesta neste logar o seu profundo reconhecimento

O chefe da Expedição

AOS EXCELLENTISSIMOS SENHORES

A. R. GONÇALVES VIANNA

F. M. ESTEVES PEREIRA, G. DE VASCONCELLOS ABREU

J. A. DIAS COELHO, J. C. BERKELEY COTTER

J. LEITE DE VASCONCELLOS E M. FERREIRA RIBEIRO

Pela cooperação efficaz na publicação d'este trabalho

CORDIALMENTE AGRADECE

O chefe da Expedição

INDICE DOS CAPITULOS

CARTA AO CONSELHEIRO MANUEL PINHEIRO CHAGAS.

INTRODUCÇÃO

Em Lisboa — Projecto da Expedição Portugueza ao Muatiânvua — Seus fins — Consultas — Trabalhos preparatorios — Nomeações — Organisação — Correspondencia com diversos institutos e auctoridades — Instrucções do Governo pelas quaes se devia regular o chefe na sua Missão ao Muatiânvua — Partida da Expedição... Pag. 1 a 46

CAPITULO I

DE LOANDA A MALANJE

No porto de Loanda; recordações historicas; Loanda cidade dos tropicos; seus melhoramentos — Na cidade de Loanda; preparação da expedição; contractados; efficaz auxilio de S. Ex.ª o Governador Geral; os melhoramentos feitos e os que mais importa fazer; a população — No rio Cuanza; sua importancia e bella posição; informações do dr. Manuel Ferreira Ribeiro — Massangano; outras povoações á beira-mar — A villa do Dondo — Viagem para Cazengo — Concelho de Cazengo — Viagem para Ambaca — Concelho de Ambaca — De Ambaca para Pungo Andongo — Concelho de Pungo Andongo — Viagem de Pungo Andongo para Malanje — Entrada em Malanje — O nosso modo de ver sobre a região que atravessámos..... Pag. 47 a 214

CAPITULO II

CONCELHO DE MALANJE

Demora da Expedição em Malanje; em que se emprega o pessoal e informações sobre o melhor caminho para o interior — O que era Malanje antes de ser elevado á cathegoria de concelho; seus actuaes limites — Caminhos; habitações e materiaes de construcção — Pessoal da administração do conselho e as missões nacional e estrangeira — Carencia de soccorros medicos e serviços correlativos; insufficiencia da força armada — Edificios e melhoramentos publicos; causas de insalubridade e condições de saneamento — Commercio; seu desenvolvimento, suas relações com os indigenas, e gravissima concorrencia do estrangeiro — Agricultura e as providencias que o seu desenvolvimento mais altamente reclama — Uma eleição em Africa — Difficuldades com os carregadores; modo de pagar-lhes; exigencias que apresentam — Protesto contra as informações do explorador Wissmann a respeito do commercio portuguez — Despedida de Malanje ..... Pag. 215 a 356

CAPITULO III

DE MALANJE AO CUANGO

Viagem para Catala. Em Catala. Partida para Andala Quinguângua. Estação 24 de Julho; a povoação e seus moradores. Viagem para Andala Quissúa. Construcções do salalé. Chuva e trovoada. Incidente no caminho — Cafúxi. Estação Ferreira do Amaral. Visita de Sé Quitári. Gosto pela aguardente. Cumprimentos do Jaga; presentes; dança. Visita ao jaga Andala Quissúa. Abundancia de gado — Viagem do chefe para Camávu. Os carregadores Massongos. O sobeta Angonga. Na Estação Paiva de Andrada. Visita ao soba Ambango. A Estação. Ajuste de carregadores. Intrigas de Ambango. Visita do soba Anguvo. Discordias dos sobas. Desaguisado com Cáhia Cassáxi — Viagem do chefe com a 1.ª secção para o Cuango. O dia 31 de Outubro. Mona Mussengue, Mulumbo, e Zunga. Passagem do rio; pagamentos aos donos das canoas e aos pilotos. A avidez de Zunga. Episodio grotesco. Visita do potentado Mueto Auguimbo. Serão na companhia de varios gentios — Regresso do chefe á Estação Paiva de Andrada — Algumas considerações sobre a região e seus habitantes; crenças, usos e costumes d'estes — Partida da Estação Ferreira do Amaral. Correspondencia ácerca da passagem para o interior — Communicações officiaes relativas ao progresso da Espedição e suas relações com o gentio — Marcha da 2.ª secção para a Estação Paiva de Andrada. Na Estação. Entrevista com os sobas. Situação dos povos e diversas informações sobre o estado do paiz, e como se devem acceitar as informações do gentio — Algumas palavras ácerca das expedições commerciaes para o interior do continente. O negociante Braga — Participações officiaes dando conta dos trabalhos da Expedição e outra correspondencia sobre o mesmo assumpto. Preparativos de partida e incidentes desagradaveis — Viagem para o Cuango. Nas margens do Luí. Roubo nas bagagens; providencias energicas; encontro dos objectos roubados. Jornada para a povoação de Anguvo; acampamento junto a esta povoação. Entrevista com Muene Canje. Noite de Natal; tempestade; fugida de carregadores — Na margem do rio Cuango. Visitas. Passagem do Cuango. Ainda o Zunga — Na casa filial de Custodio Machado ..... Pag. 357 a 530

CAPITULO IV

O QUE DEVE SER MALANJE

Orographia do planalto de Malanje; sua meteorologia comparada com a de Loanda — Saneamento por meio do trabalhador africano — Considerações sobre os trabalhadores europeus — Situação do indigena, devido ás ambições dos estrangeiros — Aproveitamento dos indigenas na administração provincial; facto comprovativo da influencia que sobre elles exercemos. Necessidade de educar devidamente os povos que nos são sujeitos, como elementos indispensaveis para a exploração e aproveitamento das riquezas naturaes nos nossos dominios — Organisação do governo do districto de Malanje — As missões civilisadoras e de instrucção e protecção aos naturaes — Methodo a seguir no ensino; pessoal das missões; o missionario — Administração da justiça; tribunaes especiaes para o gentio — Força militar agricola; Moveis ou segunda linha; serviços que lhe pertencem; força policial — Intervenção dos sobas na administração local — Contribuições; melhoramentos publicos; pessoal do governo do districto; receita — Necessidade da creação do novo governo nos confins da provincia de Angola para efficazmente contribuir a dilatar e a assegurar o dominio de Portugal através do grande continente ..... Pag. 531 a 602

APPENDICE

PLANO E ORÇAMENTO PARA O NOVO GOVERNO DE MALANJE... Pag. 603 a 628

INDICE DAS GRAVURAS

Pag.

Agostinho Sizenando Marques, sub-chefe da Expedição..... opp. a 42
Porto de Loanda..... 46
Pharol de Loanda..... 49
Ponta do Dande..... 52
Manuel Sertorio de Almeida Aguiar, ajudante da Expedição opp. a 56
Malva..... 60
Conselheiro Ferreira do Amaral..... opp. a 60
Contractados em Loanda..... opp. a 66
Uma das encostas da cidade alta (Loanda)..... opp. a 68
Orphãs do asylo D. Pedro V..... opp. a 72
Feira diaria em Loanda..... opp. a 80
Vapor *Serpa Pinto*..... opp. a 86
Fossil vegetal..... 88
Entrada no Cuanza..... 92
Nossa Senhora da Muxima..... 93
Estrella do sul..... 96
Villa e fortaleza de Massangano..... opp. a 96
Baptisado no mato..... 97
Ponte em Massangano..... opp. a 98
Porto do Dondo..... opp. a 100
Uma rua na villa do Dondo..... opp. a 102
Dr. Luiz Collaço..... 105
Trepadeira..... 106
Typos do Libolo..... opp. a 110
Ponte Pinheiro Chagas..... opp. a 112
Planta da margem do Lucala..... 114
Fazenda *Prototypo*..... opp. a 120

Pag.
Partida da Expedição para Ambaca 126
Rua das Palmeiras 129
Fazenda *Santa Izabel* ..... opp. a 132
Icungo *(Gyps africanus)* 136
Caça aos gafanhotos ..... opp. a 150
Fabrico de uma tanga 152
Pungo (montada do ajudante da Expedição) 154
Jangada 156
Púri-á-Cacolombolo ..... opp. a 156
Patrulha do Zamba ..... opp. a 158
Pedras de Pungo Andongo 161
Cinatti Keil 164
Antonio (creado do chefe), de Golungo Alto 165
Pungo Andongo ..... opp. a 166
Idem ..... opp. a 170
Polycarpo de Beça Teixeira 172
Pungo Andongo ..... opp. a 174
Idem ..... opp. a 178
Cesalpina 182
Partida para Malanje ..... opp. a 186
Muquíxi 190
Entrada de Malanje—Ponte D. Carlos ..... opp. a 190
Secretario 191
Mungungo 204
Imbondeiro ..... opp. a 210
Casa do negociante Custodio José de Sousa Machado 217
Xaquilembe, seu filho e o Muadiata 222
Custodio José de Sousa Machado 224
Amor perfeito de Malanje 228
Matheus e Manuel 229
Adolpho (contractado) 232
Successor do soba Muhieba (carregador) 233
Typo do Songo (contractado) 235
Muquíxi 238
Estrada para Cahombo 239
Artefactos de Malanje 242
Cacolo Cahombo ..... opp. a 244
Typo do Songo (carregador) 247
João Campacala (idem) 251
Mirabilis longiflora 253
Soldados Moveis ..... opp. a 256
Mussengo ulaje 258

Pag.
Fortaleza de Malanje 263
Inveja—Propriedade de Custodio Machado ..... opp. a 264
Convolvulacea 268
Rua principal de Malanje 269
Artefactos de Malanje 277
Domingos (contractado) 281
Muende (jogo) 298
Urucú 299
Narciso Antonio Paschoal 303
Flôr e fructo do urucú 306
Morea 310
Estrada para Quissole 311
Cacuata Tâmbu 314
Manuel (carregador) 319
Silphium terebinthinaceum (Mulendica) 320
Povoação de Andala Quinguangua ..... opp. a 320
Caloi (bagre) 354
Saida de Malanje 355
Mupungo (insignia de poder) 356
Propriedade agricola de José Vaz no Quissole 359
Estabelecimento agricola de Callado no rio Luximbe 361
Estabelecimento de Francisco José Esteves em Catala 364
Estação Vinte e Quatro de Julho ..... opp. a 366
André (carregador) 369
Habitações do salalé 372
Casimiro (carregador) 373
Construcções do salalé ..... opp. a 374
Scrofularinea 376
Sé Quitári 379
Estação Ferreira do Amaral ..... opp. a 380
Mucango, tio de Sé Quitári 383
Panorama de Cafúxi ..... opp. a 384
Andala Quissúa 386
Accacia de Cafúxi 388
Estação Paiva de Andrada ..... opp. a 392
Cáhia Cassáxi 401
Mussanje 404
Catuta 409
Zunga 417
Mueto Anguimbo 420
Balaio 422
Dois soldados da Expedição 423

Pag.
Mussoma 426
Muquíxi 435
Antonio Bezerra (interprete) 438
Chapéu 440
Povoação de Ambango ..... opp. a 458
O cozinheiro Marcolino e sua mulher 459
Mulolo Quinhângua 462
Mulher de Cáhia Cassáxi 463
Sobeta Matamba 466
Soba Caputo 467
Filha do soba Anguvo 471
Indemene Méssu 481
Muquíxi 504
Rio Luí ..... opp. a 506
Fernando (cozinheiro) 512
Uangambele (carregador) 513
Passagem do Cuango—Zunga desesperado ..... opp. a 526
Citrus medica 530
Camaleão 533
Flôr do tabaco 540
Simão Candido Sarmento 568
Mujíji 578
Cogumelo 602
Vapores *Stanley* e *Peace* 625

Mappas (tres).

Illmo e ex.^mo sr.

Conselheiro Manuel Pinheiro Chagas.

Meu respeitavel amigo:

Deu-me V. Ex.ª uma bem alta prova de consideração, confiando-me a direcção da Expedição Portugueza ás Terras da Lunda, a leste da provincia de Angola, na Africa austro-central; e eu faltaria ao meu dever se, no momento em que venho apresentar ao paiz o resultado dos seus trabalhos, não o fizesse preceder de uma pagina especial, em que ficasse assignalado o meu grande reconhecimento para com V. Ex.ª

Designou-me V. Ex.ª os trabalhos a que mais particularmente devia satisfazer a Expedição, e, para melhor se comprehender todo o seu alcance politico e commercial, foram-me entregues as *Instrucções,* que sempre me serviram de norma em todos os meus actos, ainda os mais insignificantes, no meio das tribus com quem tive de manter relações, procurando consubstanciar e radicar nas mais modernas a antiga influencia que sobre os seus antecessores os nossos conseguiram exercer. Correspondem a essas *Instrucções,* os tres livros de que se compõe esta obra, que submetto á illustrada apreciação de V. Ex.ª para ajuizar das questões

vitaes, principalmente para a nossa soberania e futuro do nosso commercio a que tive de attender.

Todas as investigações e estudos a que procedeu a Expedição foram além do que no seu inicio se podia suppor; excederam os limites que lhe foram marcados, porque tambem, por circumstancias que não era dado prever, não só duplicou o tempo calculado para o desempenho da sua tarefa, mas ainda se alargou o campo em que essas investigações e estudos deviam ser feitos, em territorios cujos habitadores não tinham ainda visto o homem branco, — o que tudo consta das minuciosas communicações mensaes e mais documentos que sempre enviei á Secretaria dos Negocios de Marinha e Ultramar, e tambem, quando isso era possivel, a tres dos nossos principaes institutos scientificos.

Essas investigações e estudos constituem um volumoso e variado material que torna assaz conhecida a vasta região explorada, sob muitos pontos de vista, quer no interesse da sciencia quer no do paiz, e por isso, além d'esta obra geral, foi organisado um album ethno-

logico de photographias, que esclarece todos os estudos da Expedição, e coordenaram-se mais quatro volumes parciaes, referentes: um, ás *producções* e aos *climas;* dois, aos *vocabularios* e á *grammatica das linguas;* e o outro, á *ethnographia e historia tradicional dos povos;* constituindo o todo um trabalho baseado em factos escrupulosamente observados, e devidamente elucidados por gravuras, chromos, cartas, mappas, schemas e diagrammas.

Não posso, nem devo deixar de tributar tambem aqui os meus sinceros e calorosos agradecimentos aos successores de V. Ex.ª no Ministerio dos Negocios de Marinha e Ultramar, pelos auxilios e protecção que se dignaram dispensar-me, no proposito de que todo o material adquirido pela Expedição ficasse aproveitado, auctorisando não só a respectiva publicação com todo o seu desenvolvimento, mas ainda facilitando os recursos indispensaveis para que se pudessem consultar e cotejar os trabalhos similares já publicados dentro e fora do paiz—o que permittiu completarem-se com

vantagem os estudos da Expedição, e d'elles se tirarem conclusões praticas em beneficio da sciencia em geral e da Africa em particular.

Entregues todos estes trabalhos ao Governo de Sua Magestade seria occasião opportuna de dar por finda a missão de que fôra encarregado; mas faltaria ao meu dever, como militar e como cidadão portuguez, se, tendo chegado do centro de Africa com o mais completo conhecimento dos gravissimos perigos que estão imminentes sobre as nossas provincias de Angola e Moçambique, não indicasse o melhor meio de os conjurar e de se aproveitarem tambem naquelle continente as terras a que temos incontestaveis direitos.

Já dei conta de alguns d'esses alvitres a S. Ex.ª o Sr. Conselheiro Barros Gomes, a quem igualmente devo inolvidaveis provas de deferencia e boa vontade; mas não me soffre o animo limitar-me apenas á indicação dos mais graves d'esses perigos e não tratar da sua melhor resolução no campo pratico, procurando fecunda applicação a todas esses alvitres, visto o co-

nhecimento que tenho do theatro em que se vão succedendo precipitadamente os acontecimentos que nos podem ser funestos, e ter-me servido de lição tudo o que vi e observei, tanto da parte dos estrangeiros como das tribus com que mais em contacto me encontrei.

Posso, pois, dar informações seguras, porque fiquei conhecendo o apertado cêrco que nos estão pondo as principaes nações da Europa, mandando ás terras da Africa, por um lado os missionarios mais instruidos, os deanteiros mais ousados, os exploradores mais destemidos, os investigadores mais competentes; mantendo, por outro lado, na costa, bloqueios, cujo fim é mais politico que humanitario; e de costa a dentro, nas zonas centraes, insinuando-se no animo dos chefes indigenas, arrancando-lhes contratos de que elles não teem consciencia, apossando-se das suas terras e fazendo convergir para os portos maritimos os seus productos commerciaes; — e nós, Portuguezes, que já temos o exemplo tristemente eloquente da Guiné e do Zaire, ficaremos apenas com as paragens mais insalu-

bres nas vertentes oceanicas, se não procedermos com toda a segurança, actividade e energia.

Travou-se a campanha, sem que o presentissemos; porque a nossa attenção estava subdividida na applicação de providencias internas mais urgentemente reclamadas nos logares aonde a nossa auctoridade restringira a sua influencia, esquecendo-nos que essas providencias nunca poderiam dar os resultados que se pretendiam quando nos fosse limitado o vasto horizonte a que miravam.

Previ-o e disse-o por muitas vezes, mas não fui attendido!

Estamos agora no mais vivo d'essa campanha, para sustentarmos a integridade das nossas possessões de Angola e Moçambique, e mal me ficaria a mim se, conhecendo que ainda não é tarde, abandonasse o meu posto, tendo perfeito conhecimento do perigo, e não mostrasse, por todos os modos ao meu alcance, qual a maneira mais efficaz de o combater; e é isso o que faço no decorrer d'esta obra, á medida que os assumptos

m'o sollicitam, justificando-se assim o seu desenvolvimento.

Não são as pugnas, por emquanto, á mão armada, (e faço os mais ardentes e sinceros votos para que se não chegue a tal extremo), mas as que visam á absorpção pela influencia politica e commercial—não menos arriscadas para a independencia das nações; e essas novas conquistas, que mais caracterisam o ultimo quartel d'este seculo, fazem-se por meio da mais activa propaganda e vulgarisação, discutindo-se qual é a nação mais capaz e mais competente para civilisar os povos africanos, e promover o seu progresso e bem estar.

Discute-se mesmo qual é a nação que mais serviços tem feito em beneficio da raça negra, debatendo-se exactamente neste momento este pleito, de que tanto se tem abusado, e em que Portugal deve sempre figurar como parte mais interessada.

Mas ainda não é tudo quanto deixo exposto, como muito bem o sabe V. Ex.ª, pois arrojam-se a dizer que

os Portuguezes nada teem feito nas terras da Africa para alargar o conhecimento d'ellas, e chegam mesmo a pôr em duvida a nossa competencia para esta ordem de trabalhos.

É contra tão ousadas asserções que me cumpre protestar perante o paiz, e oxalá o podesse fazer perante a Europa, ou melhor, perante o mundo civilisado — embora como o mais humilde de todos os trabalhadores que se internaram no seio do continente africano para o estudar, — affirmando mais uma vez que, assim como fomos nós os primeiros a descobrir, conquistar e explorar as mais vastas e mais extensas regiões intertropicaes — patenteando ao mundo novos mundos e novas gentes, — ninguem melhor do que nós, ainda na actualidade, se pode antecipar no estudo e resolução das mais importantes questões scientificas, tanto no que respeita ás raças e á acclimatação de europeus de tropicos a dentro, como ao aproveitamento das terras e das condições favoraveis á sua colonisação pela raça preta e á transformação d'esta raça; porque, ninguem

como nós, conhece o seu viver intimo, a sua politica, o seu commercio, as suas producções industriaes, e mesmo as suas linguas, onde se encontram assimilados, e de remotos tempos, antigos vocabulos portuguezes.

E que assim é, provam-no: a infinidade de roteiros, descripções, noticias, estudos e outros documentos que temos dispersos por varios archivos das mais antigas instituições, na metropole e repartições publicas das nossas duas grandes provincias africanas; as collecções dos annaes ultramarinos e dos bolletins officiaes d'aquellas provincias, e varias publicações e ainda escriptos ineditos. Que se collijam todos esses trabalhos na devida ordem, agrupando-se pelas regiões a que se referem, e ainda subdividindo essas secções pelos varios assumptos a que respeitam, e formaremos assim uma collecção especial de dados preciosos ácerca do continente africano, que, se nem sempre tiverem para a sciencia o cunho da precisão, que hoje lhe imprimem os especialistas armados dos instrumentos mais moder-

nos de investigação, nella se reconhecerá que para a sua acquisição presidiu sempre o espirito da observação e a boa fé, que é bem melhor do que as ruidosas informações do momento, e a falta de conhecimento de causa de que se ressentem certos trabalhos estrangeiros.

É justificado, por certo, o nosso orgulho, por termos sido os primeiros que chegámos ás terras intertropicaes, precedendo todas as demais nações, quer na America e Oceania, quer na Asia e na Africa; mas devemos encontrar ahi tambem o mais vivo estimulo para mostrar aos estrangeiros, que se abeiram cubiçosos das nossas possessões, que somos os mais competentes para tratar com as raças que as povoam, dirigindo a sua transformação e não promovendo a sua extincção como, em geral, tem feito a Inglaterra e estão fazendo tambem outras nações nas variadas regiões que occuparam, quer num quer noutro hemispherio.

As luctas, porém, accentuaram-se e proseguem com assombrosa actividade, e não pode haver o menor tem-

po a perder, a minima dilação, reclamando hoje todas as nossas possessões, mais do que nunca, o auxilio e a attenção de todos os que se prezam de Portuguezes.

E dirigi-me a V. Ex.ª nestes termos, porque se trata de um assumpto palpitante de interesse e verdadeiramente nacional. E se, como chefe de uma Expedição portugueza que foi ao centro da Africa, eu me alegro e ufano de ver publicados os seus trabalhos, porque são os melhores documentos e os mais irrefragaveis para comprovar que me esforcei por corresponder á idea que V. Ex.ª teve em vista enviando-me ali; como Portuguez não deixaria de lamentar que se não aproveitassem as indicações fornecidas pela Expedição, perdendo-se tantos esforços, tantas canseiras, tantos sacrificios e tão boa opportunidade para triumphar dos muitos obstaculos, que se oppõem á nossa expansão colonial e á nossa legitima liberdade de acção em todos os territorios portuguezes de além-mar.

Vão os principaes alvitres indicados nestes trabalhos, lembra-se mesmo o modo pratico da sua melhor

applicação; e a V. Ex.ª venho impetrar toda a sua valiosa e cordial coadjuvação na propaganda do que deve ser hoje uma Santa Cruzada, a fim de que unidos todos pelo mesmo pensamento possamos luctar com exito feliz, e mostrar ao mundo inteiro, que os Portuguezes não faltaram nunca aos seus deveres como povo civilisado e colonisador.

Não podem ir tão longe estes modestos escritos, nem tenho nome nem auctoridade para os apresentar; mas depondo-os nas mãos de V. Ex.ª apello para o seu formoso talento e para o seu acrisolado patriotismo, pois estou certo de que, sob o seu alto patrocinio e aquecidos á luz da sua superior intelligencia, poderão elles melhor servir de estimulo para que novos labores se iniciem e novas expedições se preparem, que de uma vez ponham termo ás accusações que se nos estão fazendo, offerecendo-se tambem simultaneamente á justa e sensata apreciação de toda a gente de boa fé e de intenções honradas os trabalhos e serviços já emprehendidos, e ainda os que estão em via de execução, attestados

pelos verdadeiros monumentos de progresso que vamos levantando nas nossas possessões africanas.

Quando, porém, V. Ex.ª não encontre nos trabalhos da Expedição, que tive a honra de conduzir ás terras do Muatiânvua, o merecimento que deveriam ter, confio que ficará convicto de que procurei satisfazer, até ao extremo limite das forças proprias e com os recursos de que dispunha, ás *Instrucções* que recebi, e á confiança que V. Ex.ª depositou naquelle que com a maior satisfação se subscreve

De V. Ex.ª
com o mais subido respeito e consideração
amigo muito dedicado

Henrique Augusto Dias de Carvalho.

DE LOANDA AO CUANGO

INTRODUCÇÃO

Em Lisboa — Projecto da Expedição Portugueza ao Muatiânvua — Seus fins — Consultas — Trabalhos preparatorios — Nomeações — Organisação — Correspondencia com diversos institutos e auctoridades — Instrucções do Governo pelas quaes se devia regular o chefe na sua Missão ao Muatiânvua — Partida da Expedição.

Em fevereiro de 1884 empenhava-se, com interesse, o Exmo Conselheiro Manuel Pinheiro Chagas, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, pela construcção do caminho de ferro de Loanda a Ambaca.

Este projecto, que havia mais de dez annos estava na tela da discussão e cujos estudos tinham sido feitos por um pessoal technico distincto, por mais de uma vez, e por Ministros de politica diversa, fôra apresentado ao parlamento afim de obter a indispensavel auctorisação para tornar-se realisavel.

Para tão arrojada empreza vacillavam ainda os mais enthusiastas por este importante meio de desenvolvimento da provincia de Angola, quando tinham de attender ás fontes de receita que, logo de principio, haviam de saldar os enormes sacrificios do seu custo e conservação.

Contava-se com o commercio do centro do continente; porém, a verdade era que, na alfandega de Loanda, os rendimentos nos ultimos annos haviam diminuido muito, e os exploradores allemães, que por lá tinham andado de 1875 a 1882, nada haviam feito transpirar sobre o que viram com respeito a esse commercio.

Tinhamos, é certo, o roteiro da viagem de Rodrigues Graça de 1843 a 1848, e informações d'este e de alguns negociantes sertanejos, que se lhe seguiram, de tempos a tempos, a devassar a região central além do Cuango que, a dar-se-lhes cre-

dito, nos aconselhavam a procurar ali mercados para as nossas industrias em troca dos productos conhecidos — marfim, borracha, cera e gommas.

Havia, pois, toda a conveniencia em se conhecer das actuaes circumstancias d'esses mercados, e em attrahir os productos que ahi se encontrassem, ao menos para ir alimentando o caminho de ferro, que, por necessidade da provincia, ia construir-se, até que se encetassem em larga escala a exploração agricola e a mineira, na região que elle ia beneficiar.

Assim o comprehenderam o Ex.mo Ministro da Marinha Manuel Pinheiro Chagas, o Secretario Geral do seu Ministerio, Conselheiro Francisco Joaquim da Costa e Silva, a Sociedade de Geographia de Lisboa e todos quantos se empenhavam pela construcção d'aquelle caminho de ferro.

Demonstrava eu, então, na revista illustrada *As Colonias Portuguezas,* — de cuja fundação me ufano, pois a vejo sustentar os bons principios de propaganda iniciada,— as vantagens, que obteriamos em reatar antigas relações, que principiaramos a manter com os estados da Lunda; e, ouvido pelo Ex.mo Ministro Manuel Pinheiro Chagas e pelo Conselheiro Francisco Joaquim da Costa e Silva, por intervenção do benemerito explorador africano Paiva de Andrada, fui convidado a apresentar o projecto da Expedição que tinha em vista.

Delinear o projecto como eu o imaginára, com a maior brevidade possivel, era, por certo, trabalho mui arduo; porém, como desejava satisfazer ao honroso convite que recebera, não vacillei, apresentando logo um trabalho bem mais modesto, pois se tratava de uma missão em Africa, que me parecia muito urgente, sobre o modo de fazer um estudo pratico de toda a região a leste do antigo reino de Angola, que habilitasse o Governo a providenciar de sorte que se oppuzesse um dique ás intenções absorventes que então se manifestavam, e que tendiam a cercear as principaes fontes de riqueza do nosso commercio colonial pelo occidente, tanto mais que estavam estabelecidas as bases para um tratado com a Inglaterra, sobre a nossa malfadada questão do Zaire.

Este plano, que, até então, eu não encontrara, sequer esboçado, em nenhum dos trabalhos publicados a respeito da Africa Central, afigurava-se improrogavel, e para quem conhece practicamente a vastissima provincia de Angola, sempre onerada com grandes encargos, é evidente que o melhor modo de lhe dar o desenvolvimento, de que ella é susceptivel, seria alargar a area do seu commercio, facilitando-lhe as communicações com o interior.

Era manifesto o definhamento do commercio da sua capital, emquanto que florescia o do Ambriz ao Zaire. Não era, pois, no amago da provincia que deviamos procurar as fontes que por muito tempo o alimentaram; era preciso ir além dos seus limites orientaes, e ultrapassar o rio Cuango.

E este rio, que fôra em parte estudado pelos benemeritos exploradores Capello e Ivens, e tambem por Van Mechow, até certa altura, não seria navegavel d'ahi em deante até ao Zaire?

E sendo-o, eram grandes os obstaculos a vencer para a união d'essa linha fluvial com a continuação do caminho de ferro de Loanda a Ambaca, já projectado?

Quando tudo isto fosse possivel, que vantagens nos podia offerecer a região central limitrophe?

E como se ha de conhecer bem esta região, sem conhecer os productos do seu solo, os seus climas, as aptidões dos seus povos, os seus usos e costumes, a sua historia, a sua existencia politica, e antes de tudo a sua lingua?

Dominavam-me estas ideas, como se prova pelas minhas communicações ao Governo durante o desempenho da missão que me foi confiada, mas abstive-me de apresentar um projecto muito desenvolvido e de precedê-lo de largas considerações, receando prometter o que eu talvez não pudesse realisar.

Tratei de fixar, por isso, as principaes questões a que deveriamos attender como mais instantes, a saber: restabelecer a nossa antiga influencia com os povos do Estado do Muatiânvua; estreitar mais as nossas relações commerciaes com esses povos, chamando de novo para a provincia as correntes mercantis que se procurava desviar para o norte; garantir communicações

seguras ao nosso commercio entre elles, por meio de Estações civilisadoras, commerciaes e hospitaleiras; e ainda crear-lhes necessidades pelo contacto comnosco, ao mesmo tempo que, por uma influencia pacifica e benevola, os fossemos preparando a recorrerem a nós, que retribuindo-lhes o trabalho lhes proporcionariamos meios de as satisfazerem.

Neste sentido formulei o projecto, e S. Ex.ª o Ministro entendeu conveniente sobre elle consultar a Sociedade de Geographia de Lisboa, que, reconhecendo-lhe a urgencia, não fez demorar o seu parecer sobre tão importante assumpto. Julgo do meu dever reproduzir aqui este documento para melhor se avaliarem as ideas da benemerita Sociedade sobre a missão de que eu era encarregado.

Sociedade de Geographia de Lisboa

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Satisfazendo aos desejos, para nós muito honrosos, que V. Ex.ª foi servido communicar-nos por officio da Direcção Geral do Ultramar de 28 de janeiro ultimo, e acolhendo com particular agrado o pensamento e projecto a que o mesmo officio allude, a Direcção d'esta Sociedade encarregou a Commissão Nacional de Exploração e Civilisação Africana, de estudar o assumpto e tem a honra de apresentar, incluso, a V. Ex.ª o parecer da mesma Commissão.

A urgencia e a natureza do caso e a circumstancia de se achar suspenso o expediente interno da Sociedade, por motivo da mudança e reinstallação da séde, fez-nos prescindir de levar o assumpto pendente á consideração da assembléa geral.

Cremos, comtudo, poder assegurar a V. Ex.ª que interpretâmos o sentimento e a opinião dos nossos consocios, fazendo nosso o parecer da nossa Commissão Africana.

Parece-nos até que este, como outros assumptos de analoga natureza, ganham muito sob o aspecto dos interesses e necessidades da politica nacional, —nas presentes circumstancias,— em não serem extemporaneamente submettidos a uma publicidade que, sem trazer proveito algum ao estudo e á resolução competente d'elles, pode ser, e tem sido, porventura, mais de uma vez explorada contra o paiz e contra os esforços patrioticos da sua administração.

Não ignora V. Ex.ª que particularmente, em relação ás nossas cousas africanas, diversos e poderosos interesses de politica e de cobiça estranha intrigam e conspiram incessantemente contra nós.

Não pode já duvidar-se, e o Governo de certo o sabe muito melhor do que nós, que esses interesses teem em Portugal agentes habeis e dedicados que espiam as nossas tentativas, e exploram as ingenuidades e imprudencias da nossa boa fé e da nossa indiscrição habitual.

Julgâmos escusado alongar-nos mais ácerca d'esta questão delicada e ingrata, em que apenas de leve tocâmos, para affirmar a V. Ex.ª que por nossa parte temos entendido de ha muito dever acautelar-nos, até onde podemos, e consoante o pensamento patriotico e pratico que a nossa Sociedade representa e procura servir, contra a vulgarisação prematura e indiscreta de certos negocios e tentativas de que nos parece que não convem que os estranhos possam ter, como já tem succedido, um conhecimento antecipado que os habilite a preparar-nos difficuldades e mallogros.

Assim é que, relativamente á Missão ao Muata-Yanvo, se tem conservado reservado para nós o assumpto desde as primeiras conversações de alguns dos nossos collegas com V. Ex.ª e com o sr. Paiva de Andrada, por nos ter parecido que nas vesperas de uma nova expedição allemã áquelle potentado, e na situação presente da questão africana, haveria conveniencia em que a Missão Portugueza se organisasse e partisse sem ruido, além de tudo prematuro e inutil.

Infelizmente tambem neste assumpto se não poude manter a necessaria reserva; a noticia da Expedição Portugueza, e até do seu caracter politico, chegou já a Bruxellas e a Berlim, e estas circumstancias bastarão para tomarmos a liberdade de chamar a particular attenção de V. Ex.ª sobre a conveniencia manifesta, que nos parece haver em que essa Expedição se organise rapidamente, de maneira que possa partir no paquete de 6 do proximo mez, expedindo-se desde já as necessarias prevenções e ordens ao Governador Geral.

Faça-nos sempre V. Ex.ª a justiça de acreditar na boa e sincera vontade da Sociedade de Geographia de Lisboa em cooperar, como possa e lhe cumpra, no serviço do Estado.

Deus guarde a V. Ex.ª Lisboa 4 de fevereiro de 1884.—Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar.=Pela Direcção, o Vice-Presidente em exercicio, *Francisco Maria da Cunha*=O Secretario perpetuo, *Luciano Cordeiro.*

Parecer da Commissão Africana

Senhores:—Á Commissão Africana da Sociedade de Geographia de Lisboa foi extremamente agradavel a communicação que a Ex.ma Direcção lhe fez do officio do Ministerio da Marinha e Ultramar, de 28 do corrente, relativamente ao projecto de uma missão de estudo e de rela-

ções politicas a enviar ao potentado africano, geralmente conhecido pelo nome de Muata-Yanvo ou *Muata-ya-nvo.*

Sem tratar agora de reivindicar para a Sociedade de Geographia de Lisboa a iniciativa da idéa ou reconhecimento da necessidade economica e politica de renovar as relações officiaes com o referido potentado, e de vigiar d'aquelle lado do sertão africano os trabalhos e esforços, nem sempre exclusivamente humanitarios e civilisadores, dos exploradores e aventureiros estrangeiros,—iniciativa e reconhecimento que se acham registados na correspondencia official da Sociedade e na particular e officiosa da sua Secretaria geral,—limitar-se-ha a prestar, em principio, a sua sincera adhesão ao pensamento que faz objecto do officio do Governo, e a offerecer á Direcção o seu parecer para que ella faça d'elle o uso que tiver por mais conveniente.

Abstendo-se igualmente de fazer, por agora, a historia das antigas relações portuguezas com o referido potentado, crê tambem escusado demorar-se na facil demonstração das conveniencias commerciaes e politicas d'estas relações, conveniencias de longa data reconhecidas e apenas accrescentadas agora pela direcção e pelas circumstancias presentes do movimento na exploração pratica geral do continente africano.

É evidente que, se tivessemos proseguido na politica por vezes ensaiada em antigas epochas —que chegou no Congo a radicar-se por uma forma notabilissima— teriamos fixado em condições seguras e vantajosas para o nosso commercio e para o desenvolvimento civilisador do nosso dominio, o prestigio e a auctoridade do nome portuguez, nos potentados sertanejos que estanceiam entre as duas costas meridionaes africanas. Mas não é menos certo tambem que podemos ainda valorisar consideravelmente a situação singular que a historia e o espirito aventureiro e ousado dos nossos conquistadores, dos nossos missionarios e dos nossos colonos nos crearam em Africa, e que estamos chegados a um momento em que, se o não fizermos de prompto por um esforço decidido e intelligente, arriscâmos devéras, com a honra do nosso nome, a segurança e a prosperidade das nossas possessões africanas, contra as quaes conspiram, por igual, a cobiça e a intriga d'aquelles a quem exactamente abrimos o grande continente. Depois de mallograda, e ainda assim gloriosa, tentativa representada pela Expedição de Joaquim Rodrigues Graça, em 1843, e á parte quaesquer particulares commissões e dedicações patrioticas de um ou outro sertanejo portuguez, as nossas relações officiaes com o *Muata-ya-nvo,* póde dizer-se que se acham interrompidas e abandonadas.

O esforço, o serviço, e o vasto e utilissimo projecto do homem a quem o Governador José Xavier Bressane Leite confiou, por instrucções de 18 de março de 1843, o encargo de explorar «os territorios dos regulos por onde transitasse, de examinar os seus usos e costumes, de conhecer da

sua agricultura, rios, minas, etc., para bem dos interesses da Nação», não teem sido apreciados com toda a justiça entre nós, posto lograssem merecer a admiração e o elogio dos estranhos, e sirvam ainda de illucidação e de guia aos exploradores que outros Estados teem ultimamente enviado ao poderoso potentado do sertão central do continente negro. Vem a proposito citar a Expedição de Graça, cujo diario, nunca publicado na integra, esperâmos poder em breve offerecer ao publico, porque nos parece que o projecto que agora o Governo nos communica, se approxima naturalmente d'aquelle que a Expedição de 1843 representava.

Essa Expedição, infelizmente desprovida de recursos scientificos, tinha o duplo caracter de commercial e politica, de particular e de official, na sua organisação e destino, e cremos que é igualmente este o caracter da nova Expedição projectada, sendo pelo menos, o que nos parece e que todas as circumstancias aconselham que se lhe imprima, desde o seu inicio, até aos ultimos pormenores da sua organisação.

O caminho ou caminhos que conduzem ao *Muata-ya-nvo* são conhecidos, e sem esquecer a necessidade de aproveitar todas as occasiões que se offereçam de augmentar e de rectificar os nossos conhecimentos e informações scientificas das regiões africanas, considerâmos o projecto sobre que temos de pronunciar-nos como o de uma missão, principalmente commercial e diplomatica, destinada:

1.º A estudar os meios mais praticos e faceis de assegurar e desenvolver as relações commerciaes entre os territorios e portos da nossa provincia de Angola e os povos e territorios sujeitos á dominação do *Muata-ya-nvo;*

2.º Renovar junto d'este a memoria e cordialidade das relações antigas, reforçar no seu animo e governo a estima e o respeito pelos portuguezes, vigiar e combater as influencias estranhas e hostis que tendam a alheal-o de nós e promover, emfim, os trabalhos convenientes no sentido de fixar n'aquellas regiões, e junto d'aquelle potentado, o prestigio e auctoridade da civilisação portugueza por meio do estabelecimento de uma missão religiosa, de um «residente» politico ou de algumas feitorias nacionaes.

Qualquer que tenha de ser a solução da chamada questão do Zaire, ou das que possam surgir pelo estabelecimento dos allemães e dos inglezes ao sul do Cunene, é indispensavel assegurar e desenvolver as relações do interior com os portos da provincia de Angola, e evitar e combater por meios praticos e promptos o desvio d'essas relações para quaesquer occupações ou estabelecimentos estrangeiros ao norte e ao sul, ou a preponderancia politica de quaesquer influencias estranhas nas regiões não avassalladas do interior.

O nosso principal alliado em Africa foi sempre, e diz o mais rudi-

mentar senso pratico que ha de continuar a ser, o indigena que nós conseguimos attrahir e prender ao convivio da nossa civilisação, do nosso protectorado pacifico e liberal, da nossa influencia e da nossa actividade mercantil e instructiva.

Pequenos e pobres como somos, criam-nos recursos singulares de força e de expansão colonial, a indole e tendencias de raça, uma excepcional facilidade da adaptação e de assimilação ethnica e climaterica, a larga affirmação antiga da nossa actividade e do nosso dominio. Circumscrevendo, porém, as nossas considerações aos quesitos que nos são propostos no officio do Ministerio da Marinha, e dando como perfeitamente dispensavel qualquer demonstração das necessidades e das vantagens determinativas da Missão projectada, cujo pensamento nos não parece que possa soffrer a menor contestação razoavel, passaremos a expor, summariamente, o nosso parecer ácerca da forma por que entendemos que esta Missão deve levar a cabo os seus trabalhos e o que principalmente lhe cumpre fazer.

1.º As lições da experiencia propria e alheia, facilmente explicaveis para quem conhece as condições a que por emquanto teem de subordinar-se as expedições sertanejas em Africa, á parte as rasões de economia e de caracter especial indicadas pelo Governo, aconselham que a Missão projectada se componha, pelo que diz respeito ao seu pessoal *branco,* do menor numero que for possivel de individuos.

Quer em relação ao numero, quer á qualidade, cargo ou profissão d'esses individuos, segundo a indicação do officio do Governo, mal poderiamos manifestar a nossa opinião não nos tendo sido enviada a proposta a que n'elle se allude.

Naturalmente nessa proposta se terá determinado as rasões por que se entende que a missão se deve formar de um chefe, um ajudante, um padre e um pharmaceutico.

Bastará de certo um chefe, official do exercito ou da armada, ou até um individuo da classe civil, regularmente habilitado, branco, entende-se, para com uma pequena escolta e comitiva de serviço indispensavel levar a cabo o projecto.

É, porém, de evidente vantagem que um missionario, branco e portuguez igualmente, exemplarissimo de caracter e costumes, acompanhe a Missão, e pode ser conveniente que mais brancos lhe sejam addicionados para os trabalhos de exploração scientifica e de representação official, e muito particularmente, se como é para desejar, se conseguir estabelecer junto do *Muata-Yanvo* uma missão religiosa ou uma «residencia» politica portugueza.

Parece-nos escusado indicar as qualidades e caracter de instrucção e de confiança que devem determinar a escolha do chefe.

É claro que elle ha de ser um homem intelligente, de saude vigorosa,

energico e prudente, soffredor e resoluto, de costumes severos, conhecedor, quando não experimentado, nas cousas africanas e nos trabalhos principaes d'estes reconhecimentos e campanhas de exploração de estudo, dotado de uma instrucção scientifica, provada por trabalhos ou por titulos escolares que sufficientemente garantam a sua capacidade, sabendo determinar pelos processos mais rudimentares e expeditos, quando mais não seja, a situação geographica de qualquer ponto; fazer as observações astronomicas e meteorologicas, fundamentaes, colher e conservar *specimens* e exemplares geologicos, zoologicos e botanicos, etc. Todo o pessoal deve ser escolhido por elle, e manter-se-lhe subordinado na mais severa disciplina.

Não seria facil, nem parece que nos fosse pedido, que formulassemos o orçamento d'esta Expedição, orçamento que, além de tudo, terá de variar muito segundo as applicações e fins do projecto inicial.

Accresce que a Expedição se diz que será auxiliada por subscripção particular, certamente no pensamento, que não podemos deixar de approvar, de que ella tenha tambem por encargo o ensaio de algumas operações commerciaes.

É, pois, provavel que na proposta se estabeleçam as condições orçamentaes que ficam á conta e responsabilidade do Governo, e que este adopte consequentemente uma forma contractal precisa e definitiva, o que igualmente nos parece ser o melhor processo para a formação da Missão, do seu pessoal e despezas geraes d'ella.

A Expedição cremos poder fazer-se sem largos dispendios, parecendo-nos igualmente conveniente dar como determinado o processo de accessos, quando se trate de individuos militares, ou de futuras concessões extraordinarias não especificadas no contracto primitivo, seja qual for a classe a que esses individuos pertençam.

Pode o chefe ser um official do exercito ou da armada, com o curso da respectiva arma, parecendo haver realmente vantagem em que o seja, mas pode tambem ser individuo da classe civil correspondentemente habilitado. O que importa, sobretudo, é que tenha as qualidades moraes e instructivas necessarias ao bom desempenho do cargo.

2.º Relativamente aos intuitos principaes da Missão, cremos te-los indicado já com sufficiente clareza.

As instrucções politicas e scientificas podem ser moldadas pelas que levou a Expedição scientifica Serpa, Capello e Ivens. As instrucções commerciaes terão naturalmente de ser propostas pelos promotores da Expedição, estudadas, modificadas ou approvadas pelo Governo, ou por quem elle encarregar de o fazer.

É certo, porém, que determinado o pensamento e fim da Missão, á discrição, intelligencia e zelo do seu chefe, tem de ficar a liberdade de proceder pela melhor forma que as circumstancias e os recursos lhe per-

mittam. A elle tambem deve pertencer a indicação ou proposta dos instrumentos e utensilios que tiver como indispensaveis, sem prejuizo de approvação superior.

Nenhuma duvida terá comtudo a Commissão Africana, se o Governo e a Direcção entenderem por conveniente, de fixar quaesquer instrucções ou indicações fundamentaes, e bem assim de accordar com o chefe que for nomeado, a resolução de qualquer assumpto referente á mesma Expedição, desejando prestar a esta, por si e pela Sociedade toda a cooperação e parecer que for de sua competencia. Aqui, porém, cabe uma observação, que julgâmos ser de particular importancia.

Como a Direcção da Sociedade não ignora de certo, a Expedição scientifica de 1877 esteve para mallograr-se, quando apenas attingira o Bihé, pela superveniencia no seio da extincta Commissão Central permanente de Geographia, de susceptibilidades e suggestões tardias que, posto não se tivessem reduzido a uma deliberação e consulta regular, inspiraram ordens que lançaram a confusão entre os tres benemeritos exploradores.

Por outro lado facilmente se comprehende que estas expedições e trabalhos, pelo menos no que elles teem de scientifico ou no que importa ás necessidades e conveniencias do estudo geral, mal podem subordinar-se exclusivamente ao expediente ordinario das secretarias e repartições publicas.

Ha resultados e noticias que exigem immediata publicidade, devidamente fiscalisada e dirigida, e convem igualmente conservar interessado o publico nos diversos incidentes e resultados do emprehendimento.

É finalmente necessario centralisar e assegurar a correspondencia, e as informações auctorisadas e convenientes da Expedição. Comprehende-se, e faz-se isto em toda a parte, e ainda ha pouco, em relação aos trabalhos de Savorgnan de Brazza, o Governo Francez procedeu por esta forma estabelecendo que todos os serviços e correspondencia que lhes dissessem respeito se reunissem e centralisassem numa estação especial, devidamente habilitada. Importa chamar a attenção do Governo sobre este assumpto.

Existindo junto do Ministerio do Ultramar, e fundida nesta Sociedade, a Commissão Central de Geographia, cujo Presidente é o proprio Ministro, parece-nos que nenhuma duvida pode haver de que nessa Commissão se concentre todo o expediente e correspondencia relativa á Expedição projectada, e das mais que estejam ou venham a organisar-se de igual natureza, começando por aquella que ha pouco partiu de Lisboa formada pelos nossos illustres consocios os srs. Capello e Ivens.

Relativamente ao itinerario a seguir, mal pode determinar-se antecipadamente com precisão e segurança. Hão de determiná-lo, dia a dia, muitas vezes as circumstancias e as necessidades da Expedição por um lado, por outro, o bom criterio e zelo do chefe respectivo.

Não se tratando rigorosamente de uma Expedição de descoberta de novos caminhos e regiões, e sendo o principal objectivo o restabelecimento das relações com o Muata-Yanvo, parece-nos conveniente adoptar como ponto de partida no sertão angolense, Malange, ponto que os exploradores allemães teem escolhido como base habitual das suas expedições naquella mesma direcção. Ali, e no Quibundo, encontrará a Missão, entre outros sertanejos costumados a visitar as terras do Muata, os conhecidos irmãos Machados, que tantos serviços teem prestado aos allemães, e tão acariciados são por elles.

É porventura chegada a occasião de o Governo Portuguez estimular tambem a dedicação d'aquelles negociantes por qualquer testemunho de distincção e de apreço. Não ha muito que elles projectaram uma Expedição ao chamado paiz do Cacheche, tendente a anteceder, senão a invalidar, em grande parte os projectos de Stanley, em relação á dragagem commercial d'aquellas regiões.

Vem tambem a proposito chamar a attenção do Governo para a importancia notavel de Malange, quer sob o aspecto politico, quer sob o dos interesses commerciaes da provincia de Angola. É necessario consolidar e fortalecer seriamente d'aquelle lado, e naquelle ponto, o dominio portuguez. Uma boa occupação militar e uma administração habil, vigilante e moral, parece-nos que seria uma forte garantia, indispensavel, a estabelecer ali sem delonga, para tranquillidade e honra da nossa soberania e da nossa influencia no sertão.

São do maior interesse todas as informações que a Missão possa colher ácerca dos caminhos commerciaes mais faceis e seguidos, dos processos, necessidade e preferencias do commercio indigena, das aptidões do solo e do clima, dos costumes, tendencias e situação dos diversos povos, em summa, de quanto importa ao melhor desenvolvimento das nossas relações mercantis. Estudar e pesquizar o procedimento e propositos dos exploradores e agentes estrangeiros, é necessariamente um dos fins da Missão portugueza.

Em relação ás providencias tendentes a evitar que o commercio seja desviado dos caminhos ou das relações dos nossos territorios e negociantes, o assumpto é vasto e complexo de mais para que o desdobremos aqui n'algumas indicações summarias e incidentaes.

Resolvida a questão do Zaire, um dos nossos immediatos e mais vigorosos empenhos deve ser, até onde for ainda possivel, assegurarmos os caminhos commerciaes indigenas, do interior para a nossa costa e para a margem sul do Baixo-Zaire. O desvio do commercio dos sertões ao sul do grande rio para o norte d'elle, é provavel que continue a encontrar difficuldades e resistencias consideraveis.

Ha annos instou a Sociedade de Geographia pelo estabelecimento de uma estação civilisadora em Noki, como inicio e preparação de uma

occupação effectiva. Stanley percebeu depois a importancia d'aquelle ponto, e estabeleceu-se n'elle.

Os caminhos de S. Salvador para leste, e os do mesmo ponto para o Ambriz pelo Bembe, que nunca deveramos ter abandonado, podem ter para nós, muito em breve, uma importancia decisiva. Tudo isso, porém, apenas por natural divagação nos vem á lembrança, que o que agora ha de occupar o estudo e attenção da Expedição projectada é o desenvolvimento e segurança das correntes mercantis, entre os vastos territorios do Muata e os nossos estabelecimentos que lhe ficam mais proximos, ou os nossos portos de Loanda e Benguella.

Em relação ao primeiro, o caminho de Malange parece-nos naturalmente indicado; em relação ao segundo o caminho do Bihé impõe-se necessariamente. Recapitulando, respondemos aos quesitos do officio de Ministerio do Ultramar.

1.º A Expedição deve ser organisada com o menor numero de individuos *brancos* que seja compativel com o seu caracter e missão, não podendo a Commissão julgar da organisação a que o officio allude, por não conhecer a proposta respectiva, em que provavelmente essa organisação se explica e fundamenta. Parece-lhe, comtudo, que ha vantagem em que acompanhe a Expedição um padre ou missionario catholico, branco e portuguez, e que não haverá inconveniente em que d'ella façam parte dois outros brancos com as qualidades ou cargos indicados no documento official, sendo, porém, absolutamente indispensavel que este pessoal se ache moral e instructivamente habilitado, nas condições atraz expostas e consoantes á missão de que vae incumbido.

2.º A Missão deve ser principalmente commercial e politica, á maneira da de Rodrigues Graça, mas sufficientemente dotada dos requisitos e meios indispensaveis á exploração scientifica, que deverá simultaneamente fazer, das regiões que atravessar.

Convirá que ella se empenhe no estabelecimento de uma missão religiosa, de uma feitoria commercial ou de uma residencia politica junto do Muata.

É claro que a Missão deve apresentar ao potentado africano, uma dadiva ou offerta do Governo Portuguez, e que na resolução d'este ponto, que aliás não foi consignado ao nosso parecer, deve haver toda a discrição e cuidado, reflectindo-se bem nas circumstancias em que se acha o poderoso regulo, frequente e generosamente presenteado pelos allemães.

A Commissão Africana, approvando calorosamente, nos termos que ficam expostos, o projecto da Expedição indicada, estimará poder cooperar, na medida das suas forças, para o melhor exito d'ella.

Casa da Sociedade, em 3 de fevereiro de 1884. = Pela Commissão Africana, o Presidente, *Visconde de S. Januario* = O Secretario-relator, *Luciano Cordeiro.*

Está largamente desenvolvido o parecer da Sociedade de Geographia de Lisboa e exposto com a proficiencia que caracterisa todos os trabalhos d'esta benemerita Sociedade. Não mencionava, porém, especialmente estudar os diversos idiomas d'aquelles povos, sem duvida porque a Sociedade depois de 1878 por differentes vezes já tem manifestado a necessidade d'esse estudo; nem tão pouco se referia o parecer á conveniencia de se proceder ás investigações fundamentaes para se examinar a vida social e o modo mais facil de ir civilisando cada um d'esses povos, e de activar as suas relações com a provincia de Angola; certamente, porque taes trabalhos só por si demandam, além de aptidões especiaes, o tempo indispensavel.

Mas, em todo o caso, esse parecer, tão notavel sob muitos pontos de vista, mostrava a importancia da missão que eu me propunha a desempenhar, e não faltavam já as bases imprescindiveis para S. Ex.ª o Ministro resolver.

A portaria, que em seguida transcrevemos e que me encarrega de organisar a Expedição, evidencía que a idea do Governo era que a Expedição se occupasse principalmente de um consciencioso estudo commercial, do estabelecimento de Estações e de manter boas relações com todos os povos entre os quaes tivesse de transitar até ao ponto do seu destino, fazendo tratados de boa amizade e commercio com os respectivos potentados.

Portaria

Sendo de maior conveniencia attrahir aos portos da provincia de Angola o commercio do sertão africano, amiudando, quanto possivel, as relações entre esta provincia e os povos que demoram a leste d'ella, favorecendo-nos excepcionalmente neste empenho, não só as relações já existentes, mas o grande prestigio que entre aquelles povos teem ainda o nome e a lingua portugueza, o que obriga os exploradores estrangeiros que se dirigem áquellas paragens e demorarem-se em territorio portuguez para aprenderem os rudimentos da nossa lingua a fim de poderem facilmente ser entendidos, e a procurarem as recommendações das auctoridades e negociantes portuguezes; e sendo inquestio-

navelmente, no intuito indicado, um dos meios mais efficazes de alargarmos o nosso commercio naquelle sertão o estabelecer relações faceis e frequentes com os seus regulos e povos mais importantes, demonstrando-lhes que sabemos conservar a influencia que desde remotas eras ali temos sempre mantido: ha Sua Magestade El-Rei por bem, pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, encarregar o Major do exercito de Portugal, Henrique Augusto Dias de Carvalho, de organisar uma expedição que, tendo por fim especial ir em missão ao Muata Ianvo, procure ao mesmo tempo realisar os seguintes fins:

1.º Estudar, especialmente sob todos os pontos de vista do interesse commercial, a região que demora a leste da provincia de Angola, examinando quaes as suas principaes producções, o seu commercio, os caminhos por onde elle actualmente se dirige para os mercados de consumo, e os meios que poderiam empregar-se para o attrahir ás nossas possessões de Angola;

2.º Indicar quaes os pontos, onde conviria fundarmos nucleos de estações commerciaes ou estações civilisadoras, procurando desde logo promover as relações directas dos principaes centros commerciaes d'aquella região com o commercio da provincia de Angola;

3.º Conciliar o respeito e amisade dos povos por onde passar, inspirando-lhes confiança no nome portuguez, ensinando-lhes, a par dos principios da religião christã, as praticas mais uteis que os levem ao melhor aproveitamento do solo, e de todas as riquezas naturaes, e assegurando-lhes que encontrarão sempre nas relações com os portuguezes intuitos de paz, de protecção e de progresso; e tratando por todos os meios de propaganda ao seu alcance de lhes tornar odioso o estado da escravidão.

Para o desempenho tanto da missão ao Muata Ianvo, como das indicações mencionadas, receberá o referido Major Henrique Augusto Dias de Carvalho opportunamente as instrucções convenientes, incumbindo-lhe desde já propor ao Governo o pessoal que deve compor a mencionada Expedição e que será constituido, alem do chefe, por um sub-chefe, um missionario e um ajudante, convindo que todos elles tenham conhecimento, senão da região que vae ser percorrida, pelo menos do interior da provincia de Angola, e que a um d'elles não sejam estranhos os conhecimentos pharmaceuticos.

No intuito de mais completamente corresponder aos fins da missão que lhe é incumbida, deverá o Major Henrique Augusto Dias de Carvalho procurar interessar nesta Expedição o commercio das praças de Lisboa e do Porto, que, segundo consta teem acolhido com favor a idéa que se pretende realisar, diligenciando, se for possivel, que desde já se inicie qualquer tentativa que conduza directa ou indirectamente a levar

áquelle sertão africano, em larga escala, os productos da industria portugueza e a abrir-lhes ali faceis e abundantes mercados.

Paço, em 24 de março de 1884. = *Manuel Pinheiro Chagas.*

Estava, pois, dado o principal impulso e fixados officialmente os problemas a que a Expedição mais devia attender; e bem sabia eu a responsabilidade que assumia para com o paiz, para com a Europa e para com a sciencia, que se empenha com ardor em promover o estudo de tudo o que diz respeito ás questões da Africa intertropical.

Não havia tempo a perder, porque a Expedição tinha de partir de Lisboa no paquete de 6 de maio para aproveitar a melhor monção para viagens no interior do continente africano, e por isso, em 3 de abril, sob proposta minha, eram nomeados: Sub-chefe, o pharmaceutico, reformado em Major, do quadro de saude da provincia de S. Thomé e Principe, Agostinho Sizenando Marques; Missionario, o sacerdote, professor da escola principal de Loanda, Antonio Castanheira Nunes; e Ajudante, o Tenente do exercito de Africa Occidental, Chefe do concelho de Massangano, Manuel Sertorio de Almeida Aguiar.

Todos tinham largo tirocinio em Africa, e as habilitações indispensaveis para os cargos especiaes que lhes foram commettidos.

O Sub-chefe, além do serviço que lhe fôra peculiar durante treze annos que esteve na ilha de S. Thomé, ganhara credito não só na direcção do observatorio meteorologico d'aquella ilha, mas ainda no estudo da sua fauna e flora, encarregando-se da organisação das variadas collecções de productos coloniaes, que durante o seu tempo se enviaram a differentes exposições nacionaes e estrangeiras.

O Missionario havia já exercido este mesmo cargo por muitos annos a norte, sul e leste da provincia de Angola, mais ou menos internado; e no professorado grangeara prestigio com o indigena, — predicado essencial, que só se adquire pelo conhecimento de seus usos e costumes e da sua linguagem.

O Ajudante já contava quinze annos de serviço na Guiné, Cabo Verde e em diversos pontos da provincia de Angola,

contando duas campanhas contra o gentio, e tendo servido, como Chefe em concelhos internados, como Cacongo e outros, accrescendo o dedicar-se ao estudo da photographia, em que adquirira pratica.

Nomeado o pessoal, tratou-se de organisar o material, em que, se houve deficiencias, devidas a circumstancias de economia e tempo, houve demasias por falta de bases que nos esclarecessem; estes factores poderiam deixar de existir para analogas expedições regionaes, quando se tenha em attenção o que sobre tal assumpto teremos a expor.

Como tinha de interessar na Expedição o commercio das praças de Lisboa e Porto, e diligenciar que se iniciassem quaesquer tentativas para levar em larga escala, ao sertão por onde tinhamos de passar, os productos de industria do paiz, dirigi ás Direcções das Associações Commerciaes de Lisboa e Porto, Banco Nacional Ultramarino e Sociedade de Geographia Commercial do Porto, o officio e circular que seguem, circular, que directamente enviei tambem aos negociantes mais importantes de Lisboa, do Porto e de outras praças.

Officios

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Desejando o illustrado Ministro da Marinha e Ultramar aproveitar, para o paiz, todos os vantajosos elementos de que ainda dispõe o prestigio portuguez na vasta região do continente africano, comprehendida entre as possessões de Angola e Moçambique, dignou-se honrar-me com o encargo de Chefe da Expedição exploradora que para ali se deve dirigir em 6 de maio proximo, tendo entre outros fins o especial de procurar novos mercados ao nosso commercio e industrias, estudando tudo que possa interessar e garantir a propaganda e desenvolvimento do que reciprocamente possa convir neste intuito a Portugal, e aos paizes que a Expedição tenha de atravessar.

O Governo, pela sua parte, entendeu confiar-me instrucções para que possam ter toda a validade os tratados de amizade que a Missão tem de celebrar com os chefes d'aquelles povos, e designa quaes os estudos de exploração a que se deve dar preferencia, tanto no interesse do paiz como no da sciencia; porém, no que respeita a iniciar qualquer tentativa que conduza directa ou indirectamente a levar áquelle sertão, em larga

escala, os productos da industria portugueza e abrir-lhes faceis e abundantes mercados, incumbe-me o mesmo Governo de procurar interessar desde já nesta Expedição o commercio das praças de Lisboa e Porto.

Para que possa bem desempenhar-me d'esta missão, para mim de certo em demasia honrosa, tomei a liberdade de dirigir pelo correio aos principaes negociantes, industriaes e capitalistas das referidas praças a inclusa circular.

Mas não é isto sufficiente, como V. Ex.ª sabe, porque o nosso paiz não está, como a Allemanha, costumado a esta especie de associações, que teem sido ultimamente o alimento das explorações allemãs ao centro da Africa, e que tão bons resultados praticos teem dado. Agora mesmo segue o Tenente Wissmann, a reforçar a estação Luquengo, onde está o seu companheiro o Dr. Pogge, com uma grande expedição de fazendas e artigos diversos, obtidos por subscripção em Berlim, entre os seus capitalistas, commerciantes e industriaes.

Solicito, pois, por este meio o valiosissimo auxilio da Direcção da respeitavel Associação de que V. Ex.ª é mui digno Presidente, na propaganda de que — nesta tentativa de experiencia — entrem já, pelo menos, alguns artigos de commercio, que por quaesquer circumstancias, em armazens ou depositos, estão sendo considerados como capital estacionario, se não perdido.

A Expedição, tendo o maximo empenho em se tornar util aos interesses praticos dessa e de outras instituições, muito deseja que V. Ex.ª e a illustrada Associação se dignem dar-lhe quaesquer instrucções neste sentido.

Deus guarde a V. Ex.ª Secretaria dos Negocios da Marinha e Ultramar, 29 de março de 1884. — Illmo e Exmo Sr. Presidente da Associação Commercial do Porto. = *Henrique Augusto Dias de Carvalho,* Major do exercito.

(Identicos para os Ex.^mos^ Srs.: Presidente da Associação Commercial de Lisboa, Governador do Banco Nacional Ultramarino e Presidente da Sociedade de Geographia Commercial do Porto.)

Circular a que se refere o officio anterior

A Expedição Portugueza á Africa Central, encarregada de uma missão especial junto ao «Muata Ianvo», grande potentado que domina na vasta região da Lunda, entre as nossas possessões de Angola e Moçambique, tendo de transitar por povoados ricos em marfim, cera e outros productos hoje procurados nos principaes mercados europeus, com a devida auctorisação, offerece seus serviços ao commercio do paiz, que

poderá aproveitar, querendo, a opportunidade de dar saida ás fazendas e generos armazenados, que a concorrencia tenha afugentado dos nossos mercados.

Nesta circular encontrará V. Ex.ª uma lista das fazendas e diversos artigos que teem mais prompta venda naquelles sertões, e que devem ser empacotados em volumes de facil manejo, e de peso não superior a 30 kilos.

Dará V. Ex.ª as suas ordens para que nos involucros d'esses volumes se leiam, numa das faces as iniciaes da firma de V. Ex.ª e a respectiva numeração, na outra face — *E. P. A. C.* — *Expedição Portugueza, Africa Central.*

Os volumes devem ser acompanhados da copia do inventario, em que pela numeração se conheça o que conteem e tambem os seus respectivos valores.

Uma commissão nomeada pelo Governo entregará á Expedição os volumes que V. Ex.ª enviar, e esta, sempre que houver opportunidade, fará á commissão remessa do valor dos productos transaccionados, e, effectuada a devida liquidação, fará a mesma dividir os interesses proporcionalmente aos valores recebidos.

Como a Expedição deve seguir no paquete de 6 de maio, pede-se a V. Ex.ª, caso queira aproveitar-se dos seus serviços, se digne officiar-me para o Ministerio da Marinha e Ultramar, e fazer preparar o que tenciona enviar, até ao fim do mez de abril.

A resposta de V. Ex.ª é muito necessaria para se proceder á nomeação da commissão, e poderem calcular-se os carregadores, que será necessario ajustar com a devida antecedencia.

Será V. Ex.ª avisado do dia e local para onde devem ser dirigidos os volumes.—De V. ex.ª, muito attento venerador e creado = O chefe da Expedição, Major *Henrique de Carvalho*.—Lisboa, 24 de março de 1884.

Lista

Espingardas diversas; espadas, idem; polvora; bacias de arame; panellas de ferro; espelhos de diversas qualidades e tamanhos; barretes de lã, côres diversas; camisolas de lã; facas de differentes qualidades; missanga de bordar, côres sortidas; contaria; almandrilha, etc.; coral fino e grosso; louças (faiança e outros generos, das nossas fabricas), como canecas, tijellas, pratos, etc.; vidros differentes (industria portugueza); machetes; algodões crus differentes; baeta amarella, vermelha e azul, diversos tons; pannos diversos; chitas, idem; fardas, idem; velludos, idem; zuartes; tapessarias de differentes qualidades e tamanhos; lenços estampados; sedas differentes; louça de folha; relogios; copos bronzeados; pannos da costa; galões dourados; fio de ferro, de cobre e de latão;

varios utensilios de ferro; chapeus de palha e outros; chapeus de sol, de côres; caixas de musica e harmonios; realejos; bonés bordados, de borla; fechos de porta e varias outras ferragens, incluindo pregaria; miudezas e todos os mais artigos de facil consumo e permutação nos sertões de Africa. = O chefe da Expedição, o Major *Henrique de Carvalho.*

Procurei estabelecer, por este meio, as relações indispensaveis, com as associações e casas mais importantes do commercio do paiz; e completava assim as bases fundamentaes, sobre que deviam proseguir os trabalhos da Expedição no que dizia respeito á sua missão principal.

Tambem julguei do meu dever communicar á Sociedade de Geographia de Lisboa que fôra eu encarregado de dirigir a Expedição ao Muatiânvua, solicitando os seus bons officios para o melhor desempenho d'esta minha missão; o que fiz nos seguintes termos:

Officio

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Sendo presente a S. Ex.a o Sr. Conselheiro Ministro dos Negocios da Marinha e Ultramar a consulta da Sociedade de Geographia de Lisboa sobre o projecto de exploração dos paizes a leste da nossa provincia de Angola até aos dominios do Muata Ianvo, honrou-me S. Ex.a encarregando-me de organisar e dirigir a Expedição que, além de uma missão especial junto áquelle potentado, terá de satisfazer a todos os quesitos sobre que versa a consulta da nossa Sociedade; nesse intuito prepara-se a Expedição para chegar a Malanje por todo o mez de julho, devendo sair de Lisboa no paquete de 6 de maio proximo.

Muito me honrará a benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, dignando-se dispensar á Expedição, dirigida, por um dos seus mais insignificantes, mas dos não menos dedicados socios, os seus sabios conselhos, confiando-me as instrucções cujo desempenho julgue conveniente aos fins da mesma Sociedade e do maximo interesse na occasião presente á provincia de Angola e ao paiz em geral.

Deve-se á Sociedade de Geographia de Lisboa a iniciativa das nossas primeiras explorações scientificas no continente africano realisadas depois da sua instituição; e se essas, pelo merito scientifico e arrojado emprehendimento, encontraram desde a origem a maxima protecção que lhes podia ser dispensada pela Sociedade, a esta, cuja organisação mais modesta, mas cujos fins não devem ser menos proveitosos ao nosso

engrandecimento colonial e commercial, conto que não faltará o mesmo illustrado patrocinio. Falta-lhe uma direcção firme, sabia e já provada como a dos benemeritos Serpa Pinto, Capello e Ivens; mas eu ouso esperar que, pela intervenção de V. Ex.ª, não será menos bem acolhida e considerada pela Sociedade, e que esta se dignará dispensar-lhe a sua benevola e mui valiosa cooperação.

Deus guarde a V. Ex.ª Lisboa, 1 de abril de 1884.—Ill.mo e Ex.mo Sr. Secretario perpetuo da Sociedade de Geographia de Lisboa. = O socio, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Não me faltava boa vontade, nem me poupava a trabalho, procurando dar as mais completas informações sobre os fins da Expedição, que se preparava a seguir para o centro do continente em concorrencia com as mais notaveis expedições estrangeiras que a precederam, largamente abastecidas de todos os recursos e com mais largas aspirações. Tinha-as eu tambem, e segredava-me a consciencia que não devia recear o confronto dos seus trabalhos com os que a nossa Expedição Portugueza pudesse levar a cabo.

Mas até onde poderiamos chegar se não fossemos francamente auxiliados? Que recursos poderia eu encontrar, consultando todas as sociedades, agremiações e as firmas commerciaes mais auctorisadas?

Aprecie a nação os documentos que deixo exarados, pois dizem mais que todas as considerações que eu possa fazer.

Offereço todos á consideração dos que se interessam pelo nosso progresso em Africa, e assim se poderá fazer inteira justiça ás intenções que me dominavam ao organisar em Lisboa a—Expedição ao Muatiânvua.

Desejava partir robustecido com os melhores conselhos e as indispensaveis adhesões das Sociedades e dos homens mais competentes em questões coloniaes, e a par de todas estas consultas procurava habilitar-me com o material mais indispensavel.

Aos Ex.mos Srs. João Carlos de Brito Capello, Dr. José Vicente Barbosa du Bocage, Conde de Ficalho, Dr. Julio A. Henriques e José Julio Rodrigues, participei a nomeação do pessoal

da Expedição, e fiz a apresentação do meu collega Sizenando Marques, como o encarregado das observações meteorologicas e colleccionador dos exemplares da fauna e flora, que fosse possivel adquirir durante a nossa missão no centro da Africa; solicitando por essa occasião, de S. Ex.as, conselhos e instrucções para o melhor desempenho de taes encargos. A benevolencia, com que todos nos acolheram e honraram, deixou-nos penhoradissimos.

Foram os nossos instrumentos devidamente aferidos no Observatorio do Infante D. Luiz, e algumas indicações se dignaram dispensar-nos os Ex.mos Srs. Conde de Ficalho e Dr. Julio Henriques, não podendo receber as que esperavamos dos auctorisados professores os Ex.mos Srs. Dr. Bocage e José Julio Rodrigues, por motivos mui justificados na occasião.

Dando publicidade ás respostas dos officios enviados a differentes institutos, devemos declarar que muitas e animadoras foram tambem as indicações particulares, e se não as mencionâmos em especial é pelo receio que temos de omittir alguma. Apresentando em seguida a relação dos exportadores que confiaram volumes á Expedição, aproveito o ensejo para lhes prestar neste logar o tributo do meu reconhecimento.

Por intermedio da Sociedade de Geographia Commercial do Porto:

Antonio José Gomes Samagario — riscados e lenços.
Antonio Marinho — riscados e baetas.
Casa Buisson — lenços.
Companhia manufactora de artefactos de malha — barretes de lã.
Costa & Companhia, fabrica das Devesas — amostras de louça.
Custodio Lopes da Silva Guimarães — galões e sapatos de liga.
Eduardo Augusto dos Santos Junior — 12 caixas de vinho do Porto.
Fundição de Massarellos — panellas de ferro.
Fundição do Ouro — uma bomba.
Gonçalves Filhos & Companhia — chapéus.
J. da Rocha e Lima — lenços.
João Camillo de Castro — louça.
João Ferreira Dias Guimarães — galões, botões, sombrinhas, pentes, mantas, rendas, emblemas, etc.

José Carneiro de Mello — cotins, sarja, lona e flanella.
Lino José de Campos — 48 latas de azeitonas.
Manuel de Sousa Loureiro Castro — chapeus de sol.
Manuel Francisco da Costa — ferragens.
Marinho Irmãos — riscados e camisolas.
Manuel José Moreira Monteiro — peças de riscado.
Santos & Nogueira — barretes de lã.
Sociedade de Geographia Commercial — chapeus de palha.

Directamente:

João S. Howarth, fabrica de Sacavem — 4 caixotes com louça.

D'estes volumes foram apenas os dos srs.: Manuel Francisco da Costa, João Ferreira Dias Guimarães, Lino José de Campos, Eduardo Augusto dos Santos e João S. Howarth, que acompanharam a Expedição. Mais adeante fallaremos minuciosamente de todos elles.

Associação Commercial de Lisboa

...Sr. — Foi presente á Direcção da Associação Commercial de Lisboa o officio com data de 29 de março ultimo, que V. se serviu dirigir-lhe e no qual, dando conta de se achar encarregado, pelo Ex.mo Sr. Ministro do Ultramar, da direcção da Expedição africana que vae brevemente emprehender a exploração d'aquelle continente na vasta região de Lunda, entre Angola e Moçambique, solicita da nossa Associação que o auxilie na tentativa de experiencia em que se acha empenhado.

O pensamento d'esta empresa não pode deixar de ser altamente sympathico á corporação do commercio da nossa praça, pois são obvias as vantagens que d'ella lhe devem derivar. Esta Direcção, desejando cordialmente o melhor exito á Expedição que V. está encarregado de dirigir, mui gostosamente deu conhecimento aos seus associados da circular impressa, inclusa no officio de V. , fazendo-a patentear no gabinete de leitura da Associação, para assim chegar a noticia do seu conteudo a algum dos seus associados que directamente a não recebesse de V.

Deus guarde a V. Lisboa, 4 de abril de 1884. — ... Sr. Major Henrique Augusto Dias de Carvalho, ... Chefe da Expedição Portugueza á Africa Central. = O Presidente, *Carlos Ferreira dos Santos Silva.* = O Secretario, *Antonio Adriano da Costa.*

Associação Commercial do Porto

... Sr. — O officio que V. se dignou dirigir a esta Associação, com data de 29 de março ultimo, foi acolhido com a consideração e apreço devidos ao interessante assumpto de que o mesmo se occupava, e se só hoje venho responder-lhe, é porque desejava participar a V. o que esta Associação tinha procurado fazer em bem do patriotico intento do illustrado Ministro da Marinha, fervorosamente secundado por V.

No dia immediato áquelle em que se recebeu o officio de V. a que estou respondendo, foi o mesmo publicado n'um dos jornaes mais importantes d'esta cidade, e bem assim as instrucções e lista que o acompanhavam.

1:500 circulares, das quaes remetto um exemplar, foram enviadas aos fabricantes e commerciantes d'esta praça, e os Directores d'esta Associação obrigaram-se a aconselhar e a promover a remessa de productos, que, estando nas condições por V. indicadas, possam contribuir para tornar pratica e proveitosa a promettedora tentativa, que todos applaudem sinceramente.

Receba V. os votos fervorosos que esta Associação faz para que o Governo de Sua Magestade e V. vejam coroados de prospero resultado tão abençoados esforços, empenhados no engrandecimento da patria.

Deus guarde a V. Porto e Associação Commercial, 14 de abril de 1884. — ... Sr. Henrique Augusto Dias de Carvalho, ... Chefe da Expedição Portugueza á Africa Central. = O Presidente, *Ricardo Pinto da Costa.*

Sociedade de Geographia Commercial do Porto

... Sr. — O Conselho Geral d'esta Sociedade, tomando conhecimento de um officio que a esta Sociedade foi dirigido pelo Sr. Henrique de Carvalho, Chefe da *Expedição Portugueza á Africa Central,* que deve partir de Lisboa em 6 de maio proximo, resolveu envidar todos os esforços para conseguir que d'esta cidade sejam enviados alguns volumes, segundo as indicações fornecidas no referido officio.

Para conseguir este resultado, cuja utilidade é obvia, além da cooperação que espera obter de todos os socios, o Conselho Geral nomeou uma commissão composta de nove membros, um dos quaes é o dignissimo Secretario d'essa Associação, o Sr. Vieira de Castro, com o especial encargo de, por todos os modos ao alcance da referida commissão e da Sociedade, angariarem a adhesão de negociantes e industriaes para a remessa de artigos para a Expedição.

Esta Sociedade, e especialmente a commissão acima indicada, luctariam com grandes difficuldades para attingirem o fim a que se propõem, se não esperassem obter o valiosissimo auxilio e protecção da meritissima Associação Commercial do Porto, a que v. ex.ª tão dignamente preside, e por isso o Conselho Geral resolveu que eu me dirigisse a V. Ex.ª, manifestando as intenções d'esta Sociedade e solicitando o auxilio e protecção de que carece, e que em tão elevado grau lhe pode ser prestado pela meritissima Associação Commercial.

É o que por esta forma cumpro, expressando ao mesmo tempo a esperança de que esta solicitação merecerá a V. Ex.ª e á benemerita Associação Commercial do Porto um bom e favoravel acolhimento.

Deus guarde a v. ex.ª Porto e Secretaria da Sociedade de Geographia Commercial, 6 de abril de 1884. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Presidente da Associação Commercial do Porto. = *J. P. de Oliveira Martins,* Presidente.

Associação Commercial do Porto

... Sr. — Em resposta ao officio que V. se dignou enviar-me com data de 23 de corrente, no qual me pede para lhe serem indicados os nomes dos cavalheiros que devem formar uma direcção representante dos expeditores de productos de fabricação nacional, destinados á Expedição official á Africa Central, cumpre-me informar a V. de que, tendo-se esta Associação e a Sociedade de Geographia d'esta cidade, encarregado de promover a remessa dos productos já referidos, qualquer d'estas corporações acceitará com prazer as informações que V. tiver a bondade de enviar-lhe, e igualmente se encarregará de as transmittir aos interessados.

Deus guarde a V. Porto e Associação Commercial, 28 de abril de 1884. — ... Sr. Henrique Augusto Dias de Carvalho, ... Major Chefe da Expedição ao Muata Ianvo. = O Presidente, *Ricardo Pinto da Costa.*

Sociedade de Geographia Commercial do Porto

... Sr. — O Conselho Geral d'esta Sociedade, apreciando no devido valor o officio que de V. recebeu com data de 29 de março findo, resolveu tomar a iniciativa na remessa de alguns fardos para a Expedição do ... commando de V. Para esse fim nomeou uma commissão especial que deve começar com a maxima urgencia os seus trabalhos.

Aproveito a occasião para rogar a V. o obsequio de expedir para esta Sociedade alguns exemplares da circular impressa com a compe-

tente lista, que V. distribuiu, a fim de poderem servir de guia aos diversos membros da referida commissão.

Deus guarde a V. Porto e Secretaria d'esta Sociedade, 6 de abril de 1884.—... Sr. Major Henrique de Carvalho, ... Chefe da Expedição ao Muata Ianvo.=O Primeiro Secretario, *Fernando Maya.*

... Sr.—Em virtude da resolução tomada no Conselho Geral d'esta Sociedade, enviei hontem a V. um telegramma, em que pedia a V. o obsequio de indicar, com a maxima urgencia, qual a direcção a dar aos volumes que d'aqui sejam enviados para a Expedição de que V. é... Chefe, bem como o ultimo dia de serem feitas d'aqui essas remessas.

A razão d'este pedido que tive a honra de dirigir a V. está em que um negociante d'esta cidade, solicitado por esta Sociedade, organisou e fez entregar na estação dos caminhos de ferro de Campanhã uma grande remessa, e tornára-se necessario o esclarecimento ácerca da direcção a dar a taes volumes. Tambem ha mais alguns expedidores que teem promptas, ou quasi promptas, remessas, e precisava esta Sociedade avisal-os convenientemente e a tempo ácerca dos dois pontos acima indicados.

Eis a razão do telegramma que, por ordem do Conselho Geral, tive a honra de enviar a V. hontem. Não tendo até á hora em que escrevo, seis da tarde, recebido resposta alguma, rogo a V. o obsequio de, pelo telegrapho, me enviar as informações e esclarecimentos a que atraz me referi.

Deus guarde a V. Porto, 25 de abril de 1884.—... Sr. Major Henrique Augusto Dias de Carvalho.=O Primeiro Secretario, *Fernando Maya.*

... Sr.—Inclusos remetto a V. os documentos relativos aos volumes que hontem enviei a V. para a Expedição de que V. é ... chefe.

A urgencia de tempo e as difficuldades inherentes a uma primeira tentativa impediram que os esforços empregados por esta Sociedade, no intuito de promover importante remessa de productos para a Expedição, se manifestassem em mais larga escala. Accresceu ainda o facto de se ter ventilado nesta occasião a questão da *Exposição do Brazil,* o que contribuiu muito para arrefecer os animos não preparados para emprezas novas, como a da Expedição á Africa Central.

Em todo o caso procurou esta Sociedade manifestar a sua vitalidade associando-se a uma empreza utilissima, e empenhando-se para o bom

exito d'ella. É esta a sua missão, que pretende e procura cumprir quanto cabe nas suas forças. Se bons desejos bastassem, muito longe se iria no empenho de que esta Sociedade tomou a iniciativa no Porto.

Tenho toda a esperança no bom exito da empreza commettida á habil direcção de V. , e a mesma confiança e esperança sente esta Sociedade, da qual neste momento me constituo interprete, certo e convicto de que exprimo os seus sentimentos e opiniões. Portanto, como necessariamente esta Expedição deve ser seguida de outra e outras que vão como que de reforço á primeira, creio poder assegurar a V. que esta cidade se fará representar de uma forma mais avantajada nas seguintes.

Para insuflar no espirito dos productores, principalmente, idéas novas, cumpre e é indispensavel fazer propaganda activa e quasi individual, para o que se tornam necessarios tempo e instrucções especiaes e desenvolvidas sobre o assumpto. Feito um trabalho longo e difficil uma vez, fica assente e garantido por muito tempo; mas é indispensavel fazer-se, o que não foi possivel para esta Expedição, pois que o tempo escasseia sobremaneira.

Em todo o caso, creio que esta Sociedade cumpriu o seu dever e satisfez a sua missão na forma como procedeu, e conquistou jus a ser considerada como interessando-se pratica e positivamente na solução do importantissimo problema colonial.

Esta Sociedade, sem duvida alguma, terá a maior satisfação em receber a V. , no caso que lhe seja possivel vir ao Porto antes da partida, e aproveitará tal occasião para significar a V. toda a consideração que tem e toda a sympathia que lhe merece a empreza que V. é ... Chefe, e, ao mesmo tempo manifestar a V. os seus sinceros votos pela boa viagem e feliz exito da Expedição.

Deus guarde a V. Porto e Secretaria da Sociedade de Geographia Commercial, 1 de maio de 1884.—... Sr. Major Henrique Augusto Dias de Carvalho, ... Chefe da Expedição Portugueza á Africa Central. = O Primeiro Secretario, *Fernando Maya.*

Sociedade de Geographia de Lisboa

... Sr. — Cumpre-me agradecer a V. a communicação que se serviu fazer-me em seu officio de 1 de abril, e o amavel offerecimento dos seus serviços á Sociedade, na honrosa commissão de que V. foi officialmente incumbido.

A Sociedade, á qual opportunamente communicarei aquelle documento, não deixará de certo de congratular-se pela resolução do Governo e pela escolha que fez de V. , que estimamos contar de ha muito no numero dos nossos dedicados consocios.

Ao Governo de Sua Magestade expoz já á direcção da Sociedade, adoptando o parecer da Commissão respectiva, aquellas ideias e indicações que entendia dever apresentar-lhe sobre a Expedição projectada ás terras do Muata Yanvo, quando fomos convidados a exprimir o nosso voto e parecer, por S. Ex.ª o Ministro da Marinha e Ultramar.

É provavel que esses documentos, se tiverem sido considerados como uteis n'alguma parte ou n'algum sentido á referida Expedição, tenham sido communicados a V.

Não tendo posteriormente recebido communicação alguma por parte do Governo, devemos naturalmente entender que elle resolveu dispensar a Sociedade de qualquer outro concurso, além da consulta alludida, em relação á ideia e plano da Expedição projectada, cumprindo-nos sómente acatar essa resolução, como o temos feito por occasião de outras expedições analogas.

Não deixará V. de comprehender perfeitamente toda a delicadeza d'esta situação creada á nossa Sociedade. Ella resolverá o que tiver por mais conveniente em relação ás amaveis suggestões contidas no officio de V. , e cumprirei então o grato dever de cumprir as suas ordens.

Agradecendo, porém, a parte que me é pessoal na communicação de V. , tomarei a liberdade de observar-lhe que, como V. não ignora, a commissão de que foi encarregado, á parte a sua particular missão diplomatica e commercial, póde accrescentar em muito o peculio de informações e de noticias que a sciencia tem procurado reunir, em relação ás regiões e povos que demoram para além da nossa occupação angolense.

É o melhor conhecimento da hydrographia africana um dos pontos capitaes da universal campanha emprehendida de ha seculos para abrir o continente negro á civilisação europea.

Quer V. se dirija por Malange, quer tenha de optar pelo caminho do Bihé para attingir a Lunda, não ha de encontrar inteiramente devassada e conhecida a questão das formações e communicações hydrographicas na vasta zona que terá de atravessar, apesar dos notaveis trabalhos e esclarecimentos fornecidos por tantas expedições nacionaes e estrangeiras, que a teem percorrido.

Permittir-me-ha, porém, V. que desde já chame a sua attenção para as informações extraordinariamente deficientes que possuimos ácerca do paiz que os nossos sertanejos chamam Cacheche, ao qual projectava dirigir-se em 1882 uma grande expedição planeada pelos Srs. Machados, de Malange.

Segundo estes, o trajecto é desconhecido do Quango para o nordeste. Essa expedição propunha-se a partir de Malange na direcção de nordeste atravez da Jinga, uma parte do Hungo, até ás fronteiras septentrionaes do Hollo, seguindo directamente ás cachoeiras do Tembo-alluma, no Quango, para ali resolver se lhe conviria marchar através do paiz do

Mussuco ou da nação do Chinge, ladeando pelo norte a Lunda até ao Pende, no Cassai.

Seguiria depois através dos Caxilangues, até ao Lulúa, e passando o Cassai, até o Lubilage, para entrar no Cacheche que se fixa na margem esquerda do Lualaba, proximo do Equador.

Em Malange e na Lunda poderá V. obter a este respeito informações importantes.

Sobre os caminhos da Lunda para o sueste tambem não deixará V. de procurar preencher a deficiencia de muitas noticias que certamente conhece e que, completadas, podem offerecer, um particular interesse para nós e para os resultados praticos da missão de que V. vae incumbido.

Creio que um ponto capital d'essa missão é o de promover as relações commerciaes das colonias portuguezas com os povos do interior, e apesar da resolução annunciada da questão do Zaire, não occultarei de V. que a minha opinião é que devemos pôr todo o empenho, não só em assegurar, mas em desenvolver as correntes commerciaes do interior sobre a costa occidental africana, de preferencia para os nossos estabelecimentos da costa ao sul do Zaire, particularmente para o Ambriz através do Congo, para Loanda e para Benguella.

As convenções com os regulos indigenas, a propaganda e consolidação da influencia e do prestigio portuguez no interior, certamente que não deixarão de merecer a V. um particular empenho.

Igualmente terá V. considerado quanto importa determinar, tão exactamente quanto possivel, o seu itinerario e o seu reconhecimento geographico e historico-natural das regiões que percorrer, averiguando, com todo o rigor compativel com os meios de que dispozer, a situação dos principaes pontos, o perfil das linhas de trajecto, as profundidades e condições particulares dos rios e lagoas que encontrar.

As questões de determinação magnetica, thermometrica, barometrica, hypsometrica, o calculo e rumos das marchas diarias, as condições do clima, aptidões do solo, circumstancias e necessidades do commercio indigena, raças, tradições, usos e linguagem dos povos, são evidentemente de uma importancia capital.

Não desconhece V. quanto importa reunir e colleccionar todos os possiveis dados elucidativos da fauna e da flora predominantes, bem como da geologia caracteristica das regiões percorridas.

A formação de vocabularios, as notas dos preços, os valores relativos do commercio sertanejo são elementos preciosos, que servem por igual a sciencia e o trato com os povos indigenas.

Relativamente á escolha e preparação de productos historico-naturaes, permitta-me chamar a attenção de V. para as Instrucções do Museu Nacional e para a parte das Instrucções publicadas nos *Annaes*

da nossa Commissão Central de Geographia, por occasião da Expedição Serpa, Capello e Ivens.

Com o modesto prestimo da nossa Sociedade creio que poderá V. contar, sempre que d'elle precise e queira utilisar-se.

Seria impertinencia accrescentar o offerecimento do meu, que é nullo, e por isso termino reiterando os meus agradecimentos e fazendo votos pelo bom exito da honrosa commissão de que o Governo de Sua Magestade houve por bem incumbir V.

Deus guarde a V. Lisboa, 15 de abril de 1884. — ... Sr. Henrique Augusto Dias de Carvalho. = O secretario, *Luciano Cordeiro.*

Pelos jornaes estrangeiros soube-se que uma nova expedição allemã, organisada pelo já conhecido explorador, Tenente Wissmann, tinha partido para Malanje, onde ia organisar o seu pessoal de carregadores para o Labuco; e tambem era sabido que o negociante sertanejo Saturnino Machado havia partido, em dezembro do anno ultimo, com uma grande expedição para o nordeste de Malanje — Expedição mercantil de Machado Irmãos e Antonio Lopes de Carvalho — que acompanhara aquelle. É, pois, em vista d'isto, que escrevi ao negociante Custodio José de Sousa Machado, em Malanje, não só lembrando-lhe a conveniencia de ir angariando carregadores, em circumstancias não menos vantajosas do que pudera obter para as expedições estrangeiras, mas ainda pedindo-lhe diversos esclarecimentos e informações.

Suppoz-se que a Expedição podia desempenhar a sua missão no espaço de dois annos, e para este tempo se calcularam as despesas indispensaveis, não podendo prever-se a relativa ao pessoal de carregadores por falta de bases, e ainda porque se contava com o poderoso auxilio do commercio, e neste sentido foram lavradas as portarias que se seguem:

Portarias

Sendo urgente habilitar a Missão enviada ao potentado africano Muata Ianvo com os meios indispensaveis para desempenhar tão importante encargo; manda Sua Magestade El-Rei, pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, fixar em 19:320$000 réis a im-

portancia a dispender com a dita Expedição, pelo modo seguinte: vencimento do pessoal superior e guardas, calculados para dois annos, 11:760$000 réis; todas as despesas de material, instrumentos ou quaesquer outras, 7:560$000 réis.

Paço, em 22 de abril de 1884. = *Manuel Pinheiro Chagas.*

Tendo sido nomeados, por portarias de 24 de março e 3 do corrente mez, o Chefe e mais pessoal para a Missão ao potentado africano Muata Ianvo, e sendo conveniente estabelecer os vencimentos d'estes empregados durante o tempo da mencionada Missão; manda Sua Magestade El-Rei, pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, que sejam abonadas mensalmente aos mesmos empregados, além dos soldos e ordenados que, segundo as suas classes, lhes pertencerem, as gratificações constantes da tabella junta, a contar das datas nas mesmas declaradas, e bem assim as ajudas de custo respectivas em todo o tempo que permanecerem no interior de Africa, devendo cessar estes vencimentos desde que os referidos empregados regressarem a Lisboa por qualquer circumstancia. Permitte o mesmo augusto Senhor que os empregados superiores da dita Missão recebam dez mezes adiantados das suas gratificações para descontarem pela totalidade de seus soldos ou ordenados, e que aos guardas, quando assim se julgue necessario, attentas circumstancias que o Governo apreciará, se paguem adiantados dois mezes de vencimento.

Paço, em 22 de abril de 1884. = *Manuel Pinheiro Chagas.*

Tabella dos vencimentos mensaes do Chefe e mais empregados da Missão ao potentado africano Muata Ianvo

Chefe (além do soldo da effectividade da sua patente), gratificação	150$000
Sub-chefe (além do soldo da sua classe), gratificação	100$000
Missionario (além do seu vencimento de professor), gratificação	50$000
Ajudante (além do soldo da effectividade da sua patente), gratificação	50$000
Ajudas de custo aos quatro ditos empregados, a 15$000 réis	60$000
4 guardas europeus, a 20$000 réis mensaes cada um	80$000
	490$000
Em vinte e quatro mezes importam em	11:760$000

Os empregados que sairem de Lisboa começam a vencer as suas gratificações desde que partirem para Africa, e os que residem em Angola desde que seguirem para o interior. As ajudas de custo são abonadas emquanto se conservarem em missão no interior da provincia.

Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, 22 de abril de 1884. = *Manuel Pinheiro Chagas.*

A despesa feita com o material, de 7:560$000 réis, desenvolve-se em: instrumentos, livros, medicamentos, armamento especial, photographia, presentes ao Muatiânvua e côrte, passagem de rios e expediente.

Não se attendeu á construcção de Estações, a presentes aos potentados onde ellas se levantassem, ou a presentes do transito, nem ao salario e rações do pessoal de carregadores, aos escoteiros, e a outras despesas extraordinarias, diligencias, gratificações, etc.

Na provincia de Angola contava a Expedição obter barracas, camas, mesas e bancos portateis, armamento Winchester com as respectivas cargas, machinas e outros auxilios para photographia, bem como tipoias e muares, o que tudo havia pertencido ao pessoal dos estudos do caminho de ferro de Ambaca e ficara em deposito.

Por causa da epizootia, a Expedição não pôde obter, de S. Thiago de Cabo Verde, as muares, como havia solicitado do governo.

Procurei organisar um material para a Expedição nas melhores e mais economicas condições, tendo especialmente em attenção dar cumprimento ás ordens superiormente recebidas, e habilitá-la com o que lhe era indispensavel.

Já eu tinha escripto em 1877 no *Jornal das Colonias,* que em França e Inglaterra ha bazares especiaes, onde se fornecem os viajantes ou colonos que emigram para paizes quentes e palustres, de todos os recursos considerados mais indispensaveis e adequados a protegê-los da influencia dos climas e dos perigos do sertão, munindo-se de ferramentas, instrumentos, machinas, livros e artigos particulares aos diversos misteres a que desejam dedicar-se; e em outros estabelecimentos se

adquirem os mais modernos instrumentos de precisão, appropriados já para trabalhos em Africa, acompanhados das respectivas instrucções praticas para os diversos estudos, que a sciencia instantemente reclama aos que se aventuram a internar-se naquelle continente.

Sabia eu tambem que os fornecimentos, que fizesse em qualquer d'esses estabelecimentos, seriam em boas condições de economia, qualidade e acondicionamento; porém, nem o tempo nem os recursos me permittiam lá ir, e era mesmo já tarde para requisições de um ou outro objecto que conhecesse mais de perto e fosse julgado essencial, como chronometros e outros instrumentos de meteorologia, anthropometria, etc., ou de conservas e outros generos de alimentação, a fim de que num pequeno volume obtivessemos o maximo de commodidades e de alimentos.

E é nisto, sobretudo, no preparar do material das suas expedições para o continente africano, que os estrangeiros se avantajam a nós, logo ao sairem dos seus paizes.

Era, porém, muito tarde, e tive de me sujeitar ao que pudesse encontrar na cidade de Lisboa, e por economia ao que o Governo me dispensasse em Loanda.

Sabia que existiam em deposito, na direcção das obras publicas e no ministerio da guerra, algumas armas antigas com o competente cartuchame e correame, barracas e artigos que lhe são inherentes; vieram apenas algumas barracas, e em tal estado, que nem foi possivel acondicioná-las para embarque. O cartuchame e capsulas estavam deteriorados, e as armas, que eram de systema Westley Richards, melhor fôra não as termos levado, porque durante mezes constituiram cargas muito pesadas e desgeitosas e, distribuidas pelos carregadores, depressa se inutilisaram.

Estava determinado que a Expedição devia sair no paquete de 6 de maio, e em 28 de abril recebia eu as instrucções que transcrevo.

Instrucções

Por que se deve regular o major do exercito Henrique Augusto Dias de Carvalho na Missão ao potentado africano Muata Ianvo

Tendo sido V. encarregado, em portaria de 24 de março ultimo, de organisar e dirigir a Missão que o Governo de Sua Magestade resolveu enviar ás terras do potentado africano Muata Ianvo, para os fins designados na mesma portaria, e com o intuito de renovar as relações commerciaes e officiaes com o mesmo potentado, que a expedição iniciada por Joaquim Rodrigues Graça, em 1843, procurára estabelecer, por bem dos interesses da Nação, deve V. observar n'aquella organisação e no cumprimento de tão importante incumbencia os preceitos constantes das presentes Instrucções, ás quaes vae junta a copia da alludida portaria.

I

A missão será composta de V. , como Chefe, do Pharmaceutico reformado em Major, Agostinho Sizenando Marques, como Sub-chefe, do Missionario Antonio Castanheira Nunes, e do Tenente da Africa occidental, Manuel Sertorio de Almeida Aguiar, como Ajudante.

Se por qualquer razão o Missionario nomeado por portaria de 3 do corrente não puder fazer parte da Missão, será por V. escolhido, de accordo com o Governador Geral da provincia de Angola, um outro que seja europeu e portuguez, e se ache moral e instructivamente habilitado para desempenhar as funcções importantes que teem de lhe ser attribuidas.

II

Para o desempenho do que incumbe á Missão cuja direcção lhe é confiada, são entregues a V. instrumentos, medicamentos e outros objectos enumerados nas relações juntas a estas Instrucções, e fornecer-se-ha na provincia de Angola dos demais a que se refere a relação respectiva, e do pessoal indigena que lhe for indispensavel para seu transporte.

III

Immediatamente á sua chegada a Loanda deverá V. apresentar-se ao Governador Geral da provincia, a fim de receber d'este magistrado

as ordens e indicações que lhe parecerem convenientes para o bom exito da Missão, considerando-as V. como addicionamento ás presentes instrucções.

IV

Reunido o pessoal da Missão e obtidos os precisos meios para a sua definitiva organisação e transporte, seguirá V. ao seu destino, demorando-se em Malange sómente o tempo necessario para obter os carregadores que lhe faltarem para a conducção do pessoal respectivo e material.

V

Em Malange procurará que os commerciantes portuguezes Machados, que ali se acham estabelecidos, auxiliem e protejam a Missão e os fins que se propõe, de modo que encontre o menor numero de difficuldades no seu trajecto. É de presumir que aquelles cidadãos, que tamanhos serviços teem prestado a muitos exploradores estrangeiros que por ali teem transitado para o sertão central do continente negro, folguem de se lhes offerecer occasião de provar o seu patriotismo, coadjuvando uma Expedição Portugueza de que o Governo tem esperança de obter singulares resultados para o commercio em geral, e especialmente para os interesses politicos de Portugal. O Governo acaba de reconhecer a dedicação dos alludidos commerciantes por um testemunho inequivoco de distincção e apreço, que accrescentará em valor, se tambem maior demonstração derem agora dos seus sentimentos de bons patriotas.

Deve ser em Malange que V. terá de planear o itinerario que lhe cumpre seguir até ás terras do potentado Muata Ianvo, e só ahi o poderá determinar com a precisão possivel, contando que circumstancias imprevistas se podem dar, que algumas vezes o obriguem a qualquer alteração. O sertanejo Graça tem marcado no seu itinerario, dia a dia, os pontos por onde transitou, mas depois de 1847 ha sido mais de uma vez devassado aquelle sertão, e será por certo facil a V. , com criterio, e investigando, regular o seu trajecto até o ponto do seu destino, encurtando sensivelmente o itinerario de Graça.

VI

No seu percurso até á Mussumba deverá visitar os principaes chefes das tribus cuja passagem marcar no seu itinerario; não se designando a V. quaes devam ser essas tribus pela difficuldade, que não desconhecerá, de lhe serem indicadas n'estas Instrucções. Só o perfeito conhecimento

do estado em que irá encontrar as relações que entre si possam ter os povos de Quibundo, Cubango e Cassai, e do modo por que actualmente costumam a tratar os exploradores e aviados europeus, é que poderá decidir V. a visitar aquelles povos e demorar-se entre elles o tempo necessario para estreitar relações de amizade e commercio, se prever que essa demora não retardará a chegada da Expedição á Mussumba. Se tiver razões que lhe assegurem a possibilidade de não transtornar o fim da Missão com a sua passagem por aquelles povos, aproveitará n'esse caso a occasião para procurar conseguir dos respectivos regulos que consintam e defendam *abrigos* construidos pela Expedição, que offereçam aos visitantes europeus ou commerciantes dos sertões mais conforto do que as cubatas levantadas nas suas senzalas; convencendo esses regulos de que, por esta forma e com essas commodidades, podem ter entre si um commercio seguro e ininterrompido, e auxiliares valiosos para a sua civilisação. Em todo o caso, deve ser empenho constante de V. proporcionar principalmente aos portuguezes que por ali forem a segurança de que necessitarem para fazerem a permutação de suas mercadorias pelos productos do paiz, sem soffrerem os vexames e exigencias que usam fazer-se naquelles sertões aos que a elles vão commerciar.

VII

Provida como vae a Missão dos instrumentos e recursos scientificos, deve V. aproveitar todas as occasiões que se lhe offereçam de augmentar e rectificar as informações que existem das regiões africanas por onde transitar, estudando similhantemente os meios praticos e mais faceis de assegurar e desenvolver as relações commerciaes entre os territorios e portos da provincia de Angola e os povos sujeitos ao dominio de Muata Ianvo; não perdendo jamais de vista quanto importa evitar, por todos os meios, o desvio d'essas relações para quaesquer occupações ou estabelecimentos estrangeiros ao norte e ao sul, e combater a preponderancia politica de estranhos nas regiões não avassaladas do interior do paiz.

VIII

A sua chegada á Mussumba deve ser precedida das formalidades e ceremonias usadas especialmente com o Muata Ianvo, e de que deverá informar-se em Malange, devendo apresentar a este potentado os presentes que lhe envia o Rei de Portugal, em demonstração do apreço em que é tido de longa data por Sua Magestade, principalmente desde que ali residiu por algum tempo Joaquim Rodrigues Graça, signifi-

cando-lhe quanto é agradavel a Portugal a renovação das cordiaes relações iniciadas pelo dito sertanejo; inspirando no seu animo e no dos seus conselheiros a estima e respeito pelos portuguezes, que foram os primeiros a trocar com elle as valiosas mercadorias que levaram ás suas terras, engrandecendo o seu commercio com o fornecimento do que carecia para satisfazer as necessidades do seu bem estar; e convencendo-o tambem de que são os Portuguezes que ha seculos são tratados e respeitados por todos os povos dos sertões visinhos pela sua liberalidade e actividade mercantil.

Logo que V. entenda que se ha insinuado no animo do potentado por forma que elle se ache bem disposto com respeito á Missão, procurará persuadil-o a celebrar um tratado do amizade e commercio, em que se consigne a necessaria auctorisação e protecção por elle dada ao estabelecimento e fixação, junto do mesmo potentado, de uma missão civilisadora, religiosa e commercial dirigida por um «Residente politico» permanente, e de algumas feitorias a que elle igualmente dê as devidas garantias de segurança, na certeza de que assim concorre para o desenvolvimento e civilisação dos territorios sob o seu dominio, que receberão proveitosas lições sobre o modo de fomentar a cultura de suas terras e alimentar empresas de permutação de generos da sua producção pelas mercadorias portuguezas que satisfaçam as suas instantes necessidades.

IX

Devem ser aproveitadas pela Missão todas as occasiões de persuadir os regulos das regiões que percorrer, e com mais demorada insistencia o potentado que vae visitar, a abandonarem o antigo costume de escravisar, fazendo-lhes sentir que o Governo Portuguez tem o maior empenho em ver para sempre terminada a escravidão nas terras de Africa, onde todos lograriam maior somma de bens se seguissem os habitos e principios civilisadores da Europa; mas estas exhortações devem ser empregadas com criterio e discrição, porque não pode esperar-se que facilmente se desarreigue do espirito de taes gentilidades, sobre que não temos dominio, o que consideram um direito e uma vantagem.

X

Deve ser um dos cuidados da Missão investigar do procedimento, propositos e influencia que entre aquelles povos vão tendo os exploradores allemães, ou outros quaesquer estrangeiros que até elles teem chegado, e registar particularmente tanto essas informações como outras

de interesse para Portugal. Sempre que a Missão verifique que algum agente estrangeiro tem usado da ascendencia, que por acaso possa ter alcançado sobre os indigenas, para prejudicar os interesses do commercio nacional ou o Nome Portuguez, protestará contra esse facto, procedendo com a perspicacia e zelo que puder empregar para destruir quaesquer prevenções ou malevolas insidias, e fazendo-lhes bem sentir que nem sempre são exclusivamente humanitarios e civilisadores os trabalhos e tendencias de alguns d'esses exploradores ou agentes.

XI

Um dos meios de captivar a sympathia dos regulos dos sertões por onde tem de atravessar a Missão, é o de se conformar com os usos e estylos do paiz, assignalando a sua passagem, para ser bem acolhida, com presentes e dadivas, a que se deve soccorrer, não como tributo, mas como espontanea demonstração de amizade e boa disposição de manter estreitas relações com os que dispõem das populações de taes paizes. E, neste ponto, vem de molde recommendar á Missão o procedimento dos exploradores portuguezes por occasião das suas viagens pela Africa e que elles nos seus interessantes livros relataram, tratando das exigencias que alguns regulos ousaram fazer-lhes, que mais poderiam denominar-se verdadeiras extorsões. Um dos meios mais seguros de se livrarem dos ataques dos indigenas consistia quasi sempre em ser por estes reconhecido, que os exploradores se achavam bem preparados para resistir a quaesquer tentativas de depredação. Mas, ao passo que conservavam a conveniente firmeza, esgotavam tambem todos os recursos da prudencia e da conciliação com os que peores instinctos revelavam.

XII

A quem conhece as necessidades, tendencia e superstições dos povos gentilicos, não será preciso encarecer a influencia e preponderancia que entre elles pode adquirir a Missão, prestando-lhes os soccorros medicos de que necessitarem, e que serão dispensados pelo pharmaceutico da mesma Missão. É pois escusado inscrever longas recommendações sobre este assumpto.

XIII

A influencia moral que a Missão deve exercer sobre o espirito dos indigenas cumpre que seja inalteravelmente mantida, dando o exemplo de bom procedimento a todos que se reunirem em torno d'ella e dos

seus estabelecimentos, tratando os povos com benevolencia, observando e fazendo observar pelos que a compõem, ou a ella se juntarem, a mais estricta justiça nos negocios que tenham relação com os indigenas, e não consentindo por caso algum que qualquer da Expedição illuda, insulte ou maltrate os mesmos indigenas. É da observancia exacta d'estes preceitos que depende o bom resultado da Missão, e especialmente o credito do Nome Portuguez.

XIV

Deve a Missão, desde a sua saida de Loanda até o ponto do seu destino, durante todo o tempo que se achar constituida, e na sua volta a Loanda, fazer um diario exacto e completo de tudo quanto occorrer e das mais pequenas circumstancias que interessem aos seus fins. Sempre que encontre opportunidade remetterá copias d'esse diario, acompanhando-as de esboços dos caminhos percorridos, da situação geographica de qualquer ponto, das observações astronomicas e meteorologicas fundamentaes, e fará constar ao Governador Geral de Angola a situação da Missão. Quando esta terminar apresentará no Ministerio da Marinha e Ultramar o alludido diario e um relatorio de tudo quanto possa interessar á sciencia e ao commercio em geral, e em especial ás relações com o Muata Ianvo, assim como a collecção de especimens e exemplares geologicos, zoologicos, botanicos, etc., que deve ter colhido e conservado.

XV

Um dos maiores cuidados de V. deverá ser o de procurar assegurar a sua correspondencia e relações entre Malange e quaesquer pontos do itinerario que concertar, e entre estes e os estados do Muata Ianvo, a fim de poder fazer, com mais cautela, a remessa do que lhe é recommendado no artigo 14.º, e enviar para o Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Ultramar, Presidente da Commissão Central de Geographia, os resultados e noticias que exigirem immediata publicidade, que ha de ser devidamente fiscalisada e dirigida, para que possa fazer-se conhecer pela imprensa o que for politico publicar; sendo certo que muito convem conservar o publico interessado nos diversos incidentes do emprehendimento que vae ser commettido, na intelligencia de que não é permittido a V. dar informações do andamento, successos e resultados da Missão a outra qualquer pessoa ou a qualquer jornal, visto como só o Ministro pode estar nas circumstancias de discriminar e apreciar o que se poderá publicar sem inconveniente, e haver sido resolvido que toda a correspon-

dencia e serviços relativos á Missão se deverão reunir e centralisar na Commissão Central de Geographia, cujo Presidente é o Ministro.

XVI

Serão tidas em apreço especial todas as informações que a Missão possa vir a colher com respeito aos caminhos commerciaes mais faceis e seguros, aos processos, necessidades e preferencias do commercio indigena, ás aptidões do solo e do clima, aos costumes, tendencias e situação das diversas populações que atravessar, e, emfim, a tudo quanto importe ao maior desenvolvimento das nossas relações commerciaes.

XVII

Fazendo parte da Missão um Missionario portuguez, e indo entre as alfaias que ella conduz um altar portatil, recommendará V. ao dito Missionario a installação do mesmo altar no local mais proprio, e que for cedido pelo Muata Ianvo para se celebrar missa, resguardando-o de qualquer profanação que inutilise o prestigio que se lhe deve attribuir, ou macule o respeito com que deve ser venerado, sobretudo entre gentios. A Missão é politica e commercial, mas deve ser tambem religiosa. N'esta qualidade pode fazer relevantissimos serviços á civilisação do paiz.

XVIII

Pode presumir-se que a Missão de que V. é incumbido requeira dois annos para satisfazer aos fins a que se destina, e que ficam designados nestas Instrucções. Não ficará, porém, sendo obra de grande utilidade o que fizer, se na sua retirada for deixando ao abandono todos os esforços, diligencias e dispendios. É por isso que, referindo-me ao que fica dito no artigo 8.º, eu lhe recommendo que insista em procurar conseguir do Muata Ianvo que permitta que fique junto d'elle um «Residente» que dirija a Missão civilisadora, religiosa e commercial que ali deve permanecer. Assim não afrouxarão as nossas relações com aquelle potentado, que é de crer estariam ainda mantidas desde 1846, se não fosse a imprevidencia do sertanejo Graça, que pode ser relevada pela necessidade da sua forçada retirada.

XIX

Os exemplos que os membros da Missão derem, de moralidade, de respeito pela boa fé dos contractos, de honestidade nas transacções, de

cumprimento exacto de seus deveres sociaes, hão de necessaria e proveitosamente reflectir-se nas outras partes componentes da Expedição, e ser reconhecidos pelas povoações por onde transitarem e pelos povos dos estados do Muata Ianvo. É, pois, a pratica d'esses exemplos que muito recommendo, como essencial á Missão, e não menos importante será que V. mantenha sempre na melhor ordem e subordinação todos os elementos de que ella se compozer.

Tudo o mais que nestas Instrucções não vae mencionado e que for necessario ter em consideração, será facilmente supprido pelo zelo e pela pratica que V. tem dos sertões africanos.

Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, em 28 de abril de 1884. = *Manuel Pinheiro Chagas.*

Approxima-se o dia da partida, e o serviço accumula-se por tal forma que não dá tempo a descanso. Era indispensavel aproveitarem-se todos os momentos.

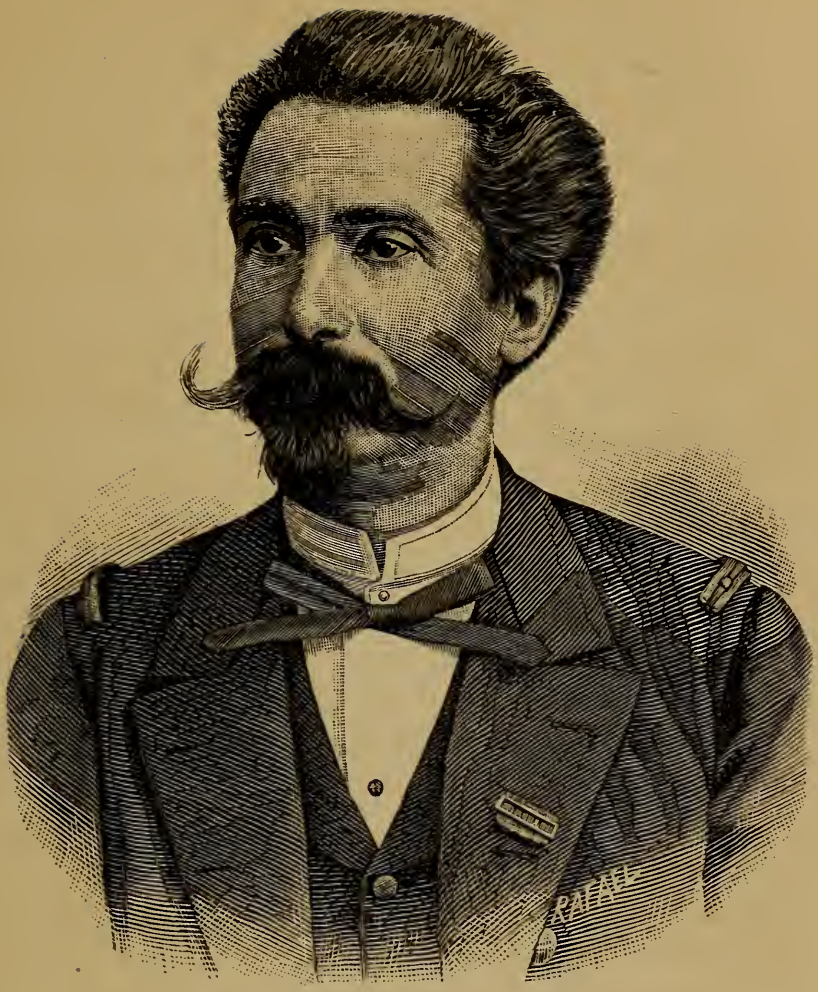
Do Porto annunciava-se-me, já pelo correio, já por telegrammas, a remessa de cargas, e estas não chegavam.

O meu collega Sizenando Marques, occupado com a acquisição de instrumentos e seu aferimento, escolha de medicamentos e rancho, e outras minudencias para os serviços a seu cargo, e ainda vigiando a maneira por que tudo se acondicionava em volumes de grandeza e peso determinado, não podia attender a outros trabalhos.

As cargas propriamente da Expedição, bagagens e ainda uns setenta volumes do commercio do Porto, a pouco e pouco iam entrando nos depositos do Arsenal, para d'ahi seguirem para bordo logo que tudo estivesse reunido; mas em 5 ainda faltavam perto de duzentos volumes, que eu sabia terem já sido expedidos do Porto. Os telegrammas a tal respeito succediam-se, mas as cargas estavam demoradas no transito.

A alfandega achava-se fechada, e d'ahi nova fadiga para serem recebidas a bordo as cargas que estavam no Arsenal. A custo, ás seis horas e meia, entraram ellas no paquete.

Era tempo de tratarmos dos nossos preparativos, e de cumprirmos com os deveres que mais custam a quem se ausenta do paiz por motivos analogos — as despedidas aos nossos parentes e amigos.


RAFAEL

Recolhi tarde a casa neste ultimo dia, e parece que a sorte me queria apurar o soffrimento. Horas depois de ter dado um abraço de despedida em meu estimado tio, o General Commandante das Guardas Municipaes, Luiz de Almeida Macedo, recebi de subito a noticia de que se finára repentinamente.

A familia banhada em pranto com a dor cruciante da separação e a dolorosa noticia da morte de um parente tão querido (dos poucos que me restavam ascendentes) davam ao dia do meu embarque uma sombra de tristeza tão profunda que eu mal podia resistir-lhe; e, digo bem, fugi de casa para bordo, convencido de que se voltavam contra mim todas as angustias da vida.

Tomara, porém, sobre mim graves encargos. Havia-me collocado ao serviço do paiz, e antepunha-se a tudo o cumprimento do meu dever.

Parti.

A Sociedade de Geographia de Lisboa, sempre benevola e sempre prompta a animar os que trabalham, lá estava representada na ponte do Arsenal, aguardando o nosso embarque. A do Porto, que tanto cooperou com o seu valioso auxilio para o melhor desempenho da nossa Expedição, ainda, á ultima hora, nos veiu animar com um telegramma de enthusiasticas felicitações.

Tambem no Arsenal estavam os parentes e alguns amigos mais dilectos para nos acompanharem, e a todos eu procurava occultar a minha dor, fechando commigo todas as minhas maguas.

A sineta de bordo dá o signal de partida. Ainda os abraços de despedida, e segue o vapor *S. Thomé,* pelo Tejo abaixo, no rumo em que na sua ultima viagem, quatro mezes antes, levara os notaveis e sympathicos exploradores portuguezes Capello e Ivens, para essa rapida e audaciosa viagem através de Africa—uma das grandes glorias do paiz neste ultimo quartel do seculo.

Ia comnosco o sympathico Tenente da armada italiana Affonso Maria Massari, já conhecido pelos seus trabalhos de ex-

ploração no norte da Africa, agora contratado para o serviço da Internacional, e que me fôra apresentado pelo meu antigo amigo o explorador africano Dr. Max Büchner, que, estando de passagem em Lisboa com o fallecido Nachtigal, veiu a bordo despedir-se de mim, e recommendar-me aquelle seu amigo.

Massari parecia desanimado por uma idea triste. Separava-se da sua futura noiva e ia para longes terras, entregue a uma sorte incerta e talvez contraria aos seus mais ardentes desejos. Tambem não recebera informações satisfactorias de Stanley, seu futuro chefe, e via-se assim duplamente embaraçado.

As circumstancias approximaram-nos, o que foi para nós de grande prazer, e muitos foram os assumptos que discutimos com respeito a explorações.

Tanto a mim como a Sizenando nos davam cuidado os trabalhos que iamos emprehender, mas não podiamos fugir a estas influencias de bordo, que são de todos conhecidas, e de que todos os que teem viajado nos nossos paquetes da carreira de Africa se recordam sempre com saudade.

O commandante A. de Oliveira Fialho, nosso antigo amigo, e que bem conheciamos de outras viagens, procurou tornar esta o mais agradavel possivel.

O vapor era bom. Já conhecia o caminho, como elle dizia; fazia onze a doze milhas por hora, e tudo promettia uma viagem feliz e rapida.

Um dos passageiros, porém, portuense, dos seus trinta annos e de genio folgazão, achava a vida a bordo monotona, e dizia-me enthusiasmado:

«Tenho pena de o não ter conhecido em Lisboa, pois o não deixaria mais, e bons serviços lhe havia de prestar.

«Gósto muito de commoções fortes, novas, nunca sentidas! Imagine, eu mettido numa cubata no meio de um deserto e que de repente, sem me ser dado prever, um leão de um salto apparece ao pé de mim!

«Fixa-me com os seus olhos de fogo, mas não vacillo um só momento. Se não tenho a espingarda á mão deito fogo á cubata, e elle enraivecido lá vae para a floresta berrando como

um possesso, e eu cá fico ao pé do fogo com os meus companheiros, cantando victoria, emquanto não rompe o dia.

«É d'isto que eu gósto! São estas commoções que eu procuro ha muito tempo. Olhe que eu já percorri o Amazonas, o Rio da Prata como commissario, e andei por muitas terras do Brasil, e declaro-lhe que só em Africa poderia encontrar o que desejo; d'estas scenas que ora nos assustam, ora nos animam, e muitas vezes nos fazem suppor termos a nossa vida por um fio.

«São estas commoções fortes, que ha de ter a cada momento, que eu lhe invejo! Pois ha nada mais bello que, depois de dias de fome, disputar-se a tiro com o gentio uma gallinha, um ovo, um fructo qualquer, e ir saboreá-lo depois com todo o descanso!

«São estes momentos felizes de que só podem gozar actualmente os exploradores!»

E é assim que uma grande parte da gente pensa com respeito a explorações!

Não eram essas commoções que eu procurava, não; e, pela minha parte, confesso que as muitas por que passei me abalaram e fatigaram bastante, e estou certo de que aquelle enthusiasta, que por ellas tanto almejava, pelo menos no fallar, se tivesse soffrido metade, de certo se daria por satisfeito.

O que me preoccupava sempre era dar fiel cumprimento ás «Instrucções» pelas quaes havia de guiar-me, e que os leitores já conhecem; instrucções de que se deprehende a importancia da missão que se nos encarregara.

Cumpria-nos, pois, estudar as terras, para onde nos dirigiamos, sobre diversos pontos de vista politicos, economicos e scientificos.

Era, emfim, uma missão de paz, de civilisação, e em que se apresentavam os mais importantes problemas a resolver. Poder-se-iam resolver ao menos alguns d'elles?

Que raças habitavam todas as terras até á Mussumba? Que linguas fallavam? Quaes os seus usos e costumes? Quaes os seus caracteristicos ethnographicos? Qual a influencia do meio

que os cercava? Qual a sua forma de governo? A sua politica? A sua historia? Em fim, como aproveitá-los para o bem, sem a macula da escravidão?

Da maneira pela qual a Expedição attendeu a todos estes assumptos se verá nas differentes monographias que vão apparecer a publico, e que em summula abrangem: *Descripção da viagem e exposição de todos os trabalhos nos quatro annos que durou a Expedição,* 3 volumes; *Os climas e as producções das terras de Malanje á Lunda,* 1 volume; *Methodo practico para fallar a lingua da Lunda, contendo narrações historicas dos diversos povos,* 1 volume; *Vocabularios dos dialectos dos povos do occidente da região tropico-austral da Africa, para portuguez e de portuguez para esses dialectos, com explicações dos vocabulos de difficil definição,* 2 volumes; *Ethnographia e historia tradicional dos povos da Lunda, corroborada por caracteres physicos, linguisticos e outros essenciaes,* 1 volume; *Meteorologia e climatologia das regiões visitadas pela Expedição, comparadas com as do littoral africano ao occidente e ao oriente nas mesmas latitudes,* 1 volume; *Album ethnographico,* 1 volume.

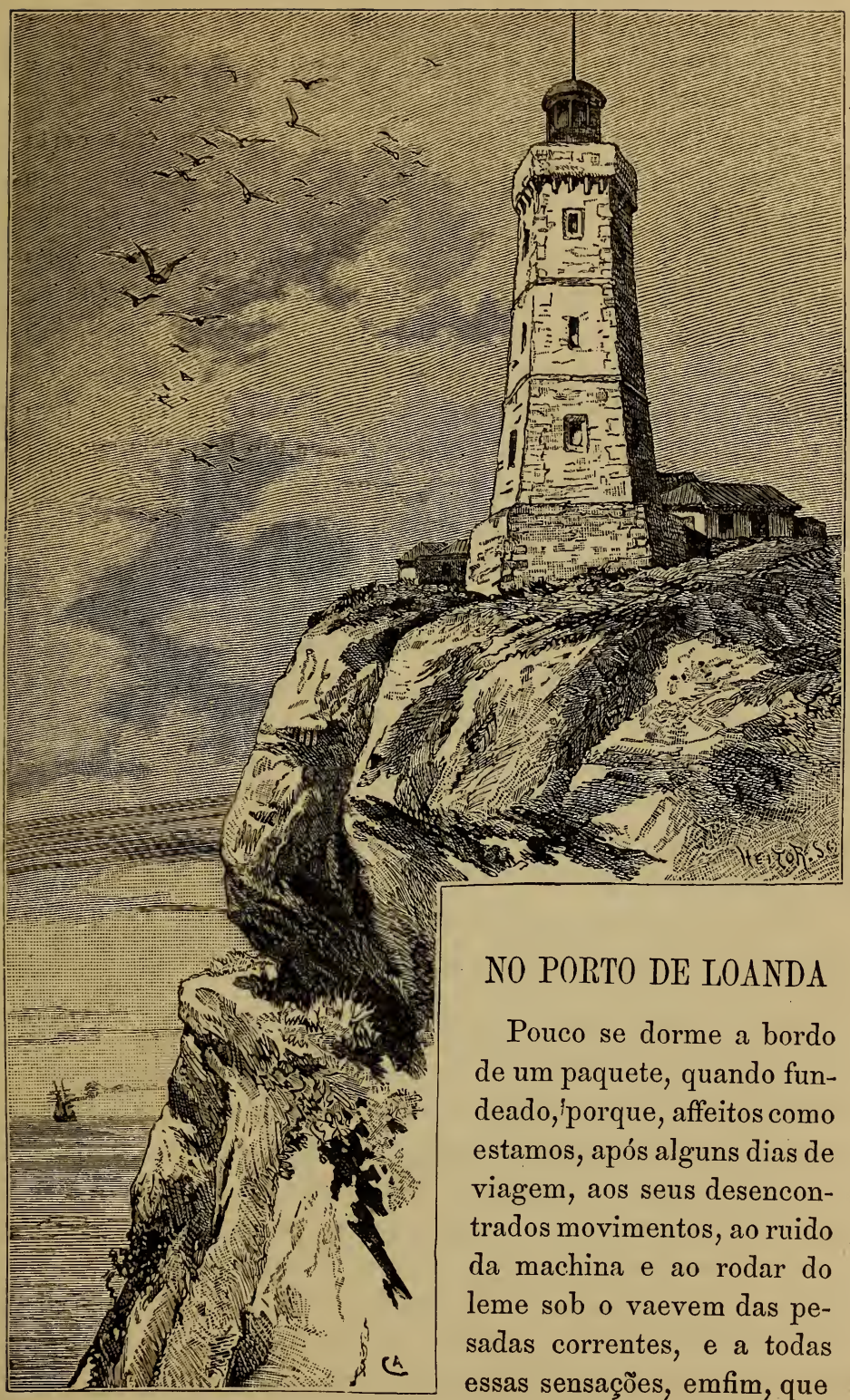
PORTO DE LOANDA

CAPITULO I

DE LOANDA A MALANJE

ači ukŭete ŭoma, nalike kŭia kulutŭè
«se tens medo, não avances.»

No porto de Loanda; recordações historicas; Loanda cidade dos tropicos, e seus melhoramentos — Na cidade de Loanda; preparação da expedição; contratados; efficaz auxilio de S. Ex.ª o Governador Geral; os melhoramentos feitos e os que mais importa fazer; a população — No rio Cuanza; importancia; sua bella posição; informações do dr. Manuel Ferreira Ribeiro — Massangano; outras povoações á beira-rio — A villa do Dondo — Viagem para Cazengo — Concelho de Cazengo — Viagem para Ambaca — Concelho de Ambaca — De Ambaca para Pungo Andongo — Concelho de Pungo Andongo — Viagem de Pungo Andongo para Malanje — Entrada em Malanje — O nosso modo de ver sobre a região que atravessámos.



NO PORTO DE LOANDA

Pouco se dorme a bordo de um paquete, quando fundeado, porque, affeitos como estamos, após alguns dias de viagem, aos seus desencontrados movimentos, ao ruido da machina e ao rodar do leme sob o vaevem das pesadas correntes, e a todas essas sensações, emfim, que

nos embalam e ao principio mesmo nos atormentam, e contra as quaes nos não é dado reagir, sentimos então a sua falta e não podemos conciliar o somno.

Accresce a estas circumstancias, justo é dizê-lo, uma certa inquietação, ou, ainda, a natural curiosidade que nos desassocega e nos estimula.

Não é, pois, para estranhar que, fundeado o vapor, logo ao romper do dia, mesmo antes da baldeação, sobre a tolda se encontrem muitos passageiros, uns com a idea predominante de irem para terra nas primeiras embarcações que larguem do navio, outros ansiosos, esperando um parente ou amigo que lhes venha dar noticias e proporcionar-lhes um bom transporte; e ainda outros, que nem as bagagens fecharam, com o unico fim de contemplarem o panorama da terra naquellas horas em que começa o movimento matinal e em que o sol nascente dá certo tom de novidade ao porto e á cidade que nos defronta: e se isto succede em todos os portos onde, ainda que seja apenas de passagem, se entra, com muito mais razão se observa quando se chega a um porto tropical, onde se deseja viver por algum tempo.

Foramos tambem dos primeiros a subir á tolda, onde nos encontravamos mais uma vez com todos os nossos companheiros de viagem, de quem estavamos prestes a separar-nos.

«Mas por que nos vamos demorando tanto tempo a bordo?» perguntava um passageiro, que pela primeira vez aqui chegava.

Tornou-se esta interrogação o assumpto geral da conversa, e, de facto, todos mais ou menos lamentámos que, sendo Loanda uma cidade secular e de uma grande importancia commercial, e tendo chegado um paquete na vespera á noite, não estivesse este rodeado de embarcações que se afretassem para o transporte de passageiros, bagagens, etc.

Attribuiam uns esta grave falta a medidas preventivas de policia, outros a que ainda não tocara a alvorada em terra, mas nem uns nem outros acertavam. O navio havia sido visitado logo que chegou, e a policia estava a bordo. A razão era, com

magoa o dizemos, não haver em Loanda embarcações d'essa ordem. E custa a crer que ninguem se lembrasse ainda de prover a tão imperiosa necessidade, sendo certo que havia de auferir bons lucros.

Uma cidade de primeira ordem como Loanda, puramente commercial, que tudo importa e que tudo paga com os ricos productos de exportação; que vae ser dotada com um caminho de ferro de penetração e uma linha telegraphica que a liga á Europa, e servida no seu recinto por uma rede telephonica, não ter no seu porto grande numero de barcos para transportes, dá desde logo uma triste idea das suas commodidades commerciaes.

E como pode explicar-se que qualquer particular, para sair da cidade ou nella entrar com sua bagagem pela via maritima, esteja dependente do favor de transporte do Governo ou de qualquer amigo?!

O movimento de navios no porto de Loanda é tal, que conviria mesmo organisar este serviço e facilitar assim ao indigena os trabalhos maritimos, com o que muito se aproveitaria.

Mas deixemos este incidente, provocado por um passageiro que pela primeira vez aqui veiu, e olhemos em derredor, contemplando os logares que víramos em outra epocha, e procuremos descobrir o seu progresso durante o tempo que d'elles estivemos ausente.

O paquete ancorara entre a ponta de Isabel e o morro das Lagostas, negro promontorio não mui saliente, onde termina a enseada do rio Bengo, hoje coroado por um bom pharol de luz de rotação, que se vê a grande distancia, projecto do illustre engenheiro Manuel Raphael Gorjão, ampliado e levado a effeito sob a direcção do seu collega e successor no serviço das obras publicas Arnaldo de Novaes.

Na nossa frente, a leste, estamos vendo, revestida de um cinzento claro, a fortaleza do Penedo, que primeiro foi um pequeno forte que mal continha seis boccas de fogo, mandado construir por Luiz Lobo da Silva no seu governo de 1684 a 1688. Nelle fôra preso, por ordem do mesmo governador, o

traidor jaga de Caconda, que ahi terminou os seus dias, em castigo do quanto incommodara os povos de Benguela.

Este forte, transformado oitenta annos depois em fortaleza, pelo, ainda hoje não olvidado, Governador D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, apesar das interrupções por falta de material e porque a maior parte das novas construcções era feita onde chegava o mar, concluiu-se em dezesete mezes.

Elle lá está ainda em bom estado, vendo-se sempre em asseio e boa ordem, sendo aproveitados os seus bons armazens abobadados, abaixo do terrapleno, para deposito de polvora do Governo e do commercio.

Ultimamente, como já não tenha a capacidade indispensavel ás exigencias do commercio, sob um bem elaborado projecto do nobre Marquez das Minas, está-se procedendo um pouco além do pharol, para o interior, no alto da Bella Vista, á construcção de um paiol em boas condições e munido dos competentes pára-raios.

Para o norte do logar em que estamos vae-se desdobrando a costa por largas curvas reentrantes, que terminam em pontas mais ou menos salientes, sendo a que divisâmos mais longe a do Dande, que nos occulta as bellezas das margens do rio do mesmo nome.

O terreno sobre as praias, de uma areia esbranquiçada, eleva-se quasi a prumo, parecendo-nos cortado pela mão do homem e formando barreiras dispostas em camadas de composição variada, ora vermelhas, ora pardacentas, desanimando pela falta de vegetação a quem pela primeira vez vae penetrar nesta provincia, sobretudo quando tenha admirado a prodigiosissima vegetação das nossas primorosas ilhas de S. Thomé e do Principe.

A impressão desagradavel que se sente é tal, que estamos convencidos de que ainda não houve uma só pessoa que, nesse momento, se não recordasse com saudade da patria e de tudo o que lá deixou, lembrando-se de voltar no mesmo paquete sem pôr os pés numa terra de tão desolada apparencia!

E são estas impressões que, juntas á triste opinião que na metropole corre sempre com respeito á Africa, muito teem

PONTA DO DANDE

contribuido a tornar-nos aventureiros coloniaes e nunca colonos; isto é, procurâmos obter um capital com a idea de regressar em pouco tempo á patria!

É esta uma das causas que mais teem concorrido para o atraso em que, nesta quadra do seculo XIX, ainda se encontram todos os nossos dominios de além-mar, que tão facilmente nos poderiam elevar ao grau de prosperidade a que aspirâmos, fazendo de Portugal uma nação mais respeitada, do que o está sendo, pelas nações colonisadoras. Mas não culpemos apenas os Governos d'este atraso, pois que o mal é devido aos nossos costumes e, talvez, a estar estabelecida a corrente da emigração para outros pontos do globo, em que temos importantes centros commerciaes; não querendo referir-nos a epochas anteriores ao primeiro quartel ainda d'este seculo, onde encontramos a causa apparente do seu estacionamento, senão já definhamento, porque essas grandezas tão falladas eram meras illusões, que todas se desfizeram, e com que a provincia de Angola nada lucrava.

As colonias não se fazem sem homens e sem capitaes, e sem se pôrem em pratica os grandes melhoramentos materiaes e moraes que mais podem transformar as terras e as sociedades.

A Gran Canaria, que é de hontem, é um modelo que temos a seguir; aliás, em menos tempo do que se pode suppor, as nossas ilhas da Madeira e de S. Vicente decairão a par do florescimento e desenvolvimento da sua vizinha, que se tornou já sua rival.

As ultimas estatisticas do movimento do seu porto já apresentam um numero de vapores entrados mensalmente maior que os annuaes anteriores, e muitos individuos que este anno procuraram aquella ilha para estação de recreio, tiveram de retirar por não haver já onde se hospedarem!

Mas como levantar a opinião publica em favor das nossas possessões?

Ha, sem duvida, muitos processos para o fazer; mas entre elles deve prevalecer sempre o de uma energica propaganda por meio de descripções exactas e das informações mais comple-

tas que sejam possiveis, dadas por todos os expedicionarios e por todos os funccionarios e negociantes, que são, para assim dizer, os batedores que abrem e facilitam o caminho a uma larga emigração.

E nós, honrados pelo Governo de Sua Magestade com um importante trabalho de exploração commercial, diligenciaremos, tanto quanto couber em nossas forças, dizer a verdade inteira sobre os factos que observámos.

Conheciamos a historia da cidade de Loanda, onde serviramos, tomando parte em muitos dos seus melhoramentos: nella estavamos prestes a entrar pela segunda vez, e não o podiamos fazer com indifferença.

E, obrigados a contemplar de novo a princeza das nossas colonias, porque não lhe consagraremos algumas palavras?

É bello o seu porto, é grandioso o panorama que ella nos offerece, mas quizeramos ver-lhe mais animação, mais movimento, mais vida e maior população.

Cidade dos tropicos, quizeramos vê-la com toda a pujança das cidades que lhe são congeneres sob os mesmos parallelos.

E porque não se tornará ella a primeira cidade do mundo intertropical africano?

Vejamo-la por um momento, no seu estado actual e através da sua heroica historia.

Quem pode olhar com indifferença para a veneranda fortaleza de S. Miguel, que tantos feitos illustres recorda?

E porque não existe já esse padrão do governo de Luiz da Motta Feio, de que ainda nos falla Lopes de Lima nos seus *Ensaios estatisticos,* — o esplendido passeio publico, sobrepujado de frondosas e fructiferas arvores, com os seus obeliscos e assentos de pedra?

Fôra esta construcção attestada em 1819 como um padrão do bom governo de Motta Feio, pelo Juiz, Vereadores e Procurador do senado da Camara; mas o tempo, talvez, encarregou-se de fazer desapparecer todos os vestigios d'esse monumento, e lá rareiam agora as arvores, que não são de certo as plantadas por aquelle benemerito Governador!

E como tinham fecunda iniciativa os portuguezes de outro tempo!

Lembremo-nos de alguns nomes laureados e prestemos-lhes a devida homenagem.

Francisco de Vasconcellos da Cunha, que governava os reinos de Angola e Benguela desde 1635, mandou construir o forte de S. Miguel apenas de barro, taipa e adobes, sendo a despesa paga com os rendimentos do dizimo, além dos da fazenda.

E foi d'este forte que o valente general Salvador Correia de Sá Benevides, treze annos depois, no dia 15 de agosto, fez sair hollandezes, francezes e allemães em numero superior a mil, e outros tantos pretos que o occupavam, os quaes, ao passarem pelo pequeno numero de portuguezes que os desalojaram, quasi se arrependeram da precipitação em se renderem!

Como é agradavel recordar os heroicos feitos d'esses bellos tempos, e como esta velha cidade se foi desenvolvendo, já no planalto, já á beira-mar!

E teem sido grandes na verdade os seus melhoramentos; mas o seu clima, o seu commercio e as suas condições geographicas exigem que se realisem muitos outros, e julgâmos do nosso dever lembrá-los aqui.

A cidade de S. Paulo da Assumpção de Loanda está disposta em dois taboleiros, um superior e outro á beira-mar; pelo quê se tem feito a distincção de cidade alta e cidade baixa.

A baixa estende-se até á encosta, e para o norte vae-se estreitando, limitando-se a um renque de casas distanciadas umas das outras; mas nunca se attendeu á natureza dos terrenos e á influencia que nelles exercem as aguas pluviaes.

As chuvas, por exemplo, como bem o mostra a gravura, encarregam-se de arrastar as areias, que facilmente se desaggregam da encosta, dando a esta a forma de talude, e depositam-nas em monticulos, que novas chuvas levam para o taboleiro inferior, e d'aqui para o mar, augmentando assim o terreno sub-marino em prejuizo da cidade alta.

Não sabemos se ha elementos sufficientes para se avaliarem estes phenomenos geologicos, já calculados para a costa do Balti-

co, delta do Egypto, e outros logares onde os problemas d'esta ordem são estudados com affinco; mas esta profunda modificação nas camadas superficiaes de terreno é assás intensa, e d'isso mesmo se ressente o porto, cujo fundo se eleva, e mostra que a ilha fronteira, ou antes o cordão littoral que tem este nome, é de formação recente.

Somos, pois, levados a crer que os dois taboleiros em que assenta a cidade de Loanda tendem a nivelar-se com o andar dos seculos, se a mão do homem não se oppuzer ao desenvolvimento d'este phenomeno de erosão.

Como a propria gravura indica, as communicações entre a baixa e a alta da cidade fazem-se por calçadas, construidas em differentes epochas, orladas com arvores, que, apesar da sua antiguidade, não teem tido grande crescimento.

Aquem, no planalto, vêem-se os cemiterios, o do alto das Cruzes e o protestante, como tristes mansões dos mortos; e mais além, para o interior, a obra mais monumental dos ultimos tempos — o hospital Maria Pia.

Um pouco mais para o sul, como limite da parte mais elevada, avista-se uma torre, de construcção antiga e que fazia parte da primitiva igreja da sé, muito bem aproveitada para o observatorio meteorologico, de onde teem saido trabalhos notabilissimos depois de 1877, e de que, por certo, os medicos do ultramar não deixarão de deduzir as formulas meteorologicas e dos climas, sempre uteis aos que desejarem fixar-se por estas terras.

Cá em baixo, á beira-mar, e quasi a meio do contorno da bahia, distinguem-se importantes edificios, como o mercado, a casa ingleza, a alfandega, a capitania do porto, as officinas das obras publicas; e mais além, quasi occulto pelo theatro, o velho edificio do terreiro publico, importante construcção do Capitão General Sousa Coutinho, e que no seu governo, que teve principio em janeiro de 1764, já serviu para celleiro de diversos generos, que elle mandou distribuir pelos mais necessitados, na triste quadra de uma cruel fome, por que passou a cidade durante vinte mezes; e de tal modo se houve aquelle benemerito

governador, que os effeitos d'essa calamidade publica foram muitissimo atenuados.

Recordavamo-nos com todo o enthusiasmo d'estes factos, quando a nossa attenção foi despertada pela atracação de escaleres ao navio, e, entre alguns amigos que vinham de terra, apresentava-se o nosso collega, Ajudante da Expedição, o Tenente do exercito da Africa Occidental Manuel Sertorio de Almeida Aguiar, que estava em Loanda havia poucos dias, vindo de Massangano, onde exercera o cargo de Chefe do concelho.

Chegara, pois, a hora de desembarque, e sendo-nos offerecidas algumas casas particulares para nossa residencia na cidade, muito gratos pela distincção, não pudemos acceitar, mostrando a tão bons amigos, que assim nos queriam obsequiar, a conveniencia que tinhamos de residir proximo da alfandega, para mais facilmente nos occuparmos das cargas e do seu acondicionamento, até se reembarcarem nos vapores da carreira do Cuanza.

Queriamos tambem isolar-nos o mais possivel de todas as distracções, que sempre proporciona a hospitalidade de bons e antigos amigos, attento o muito que havia a fazer.

A organisação da Expedição, de que era forçoso occuparmo-nos com actividade, para nos demorarmos o menos tempo possivel no littoral e aproveitarmos ainda para a viagem no interior a quadra propria, que já ia muito adeantada, era o nosso principal cuidado.

É uma regra já experimentada, e que nunca deve ser esquecida por quem se destina ao interior do continente africano, — o affastar-se bem depressa da costa, muito principalmente se tem de passar para as regiões mais elevadas.

A resistencia organica que se adquire no littoral não se obtem em poucos dias, nem mesmo em poucos mezes, e por consequencia a demora que houver aqui predispõe o individuo para as febres e a não poder resistir ás longas marchas que tem de fazer, debaixo de um sol ardentissimo, pelas regiões onde o veneno miasmatico, com os seus terriveis effeitos, o pode surprehender, encontrando-o já sem aquelle vigor que tinha ao entrar em Africa.

A retirada deve ser mais rapida quando se tenha contratado algum pessoal indigena numa povoação qualquer da localidade de onde tenha de partir uma expedição, muito principalmente da zona maritima, porque as distracções, que elle procura, prejudicam e são causa de quebras de contractos.

Não olvidemos ainda um conselho da experiencia que respeita a nós, europeus, principalmente, e que adoptámos desde que fundeámos na ilha do Principe; é o uso diario do sulfato de quinina como preventivo, pelo menos cinco grãos em jejum.

Tambem se perde a acclimatação já adquirida quando se passa de um clima quente para o paiz natal; e nós, embora habituados ás terras da Africa, já estavamos em Lisboa havia dois annos, e portanto iamos passar por uma nova adaptação, que a experiencia tem provado não ser das mais faceis, e por isso mesmo nos tornaramos mais cautelosos, apesar de nos encontrarmos com mais forças do que quando de lá regressámos.

O preventivo de sulfato de quinina, neste caso, tanto ao Chefe como ao Sub-chefe, impoz-se-nos de tal modo, que só passados dias, depois de estarmos em Lisboa, deixámos de o usar; e se alguma vez d'elle em Africa nos esqueciamos, accommettia-nos uma excitação febril, e eramos obrigados a tomá-lo em dose dobrada ou ainda maior.

A falta de sulfato de quinina tornou-se sensivel e mesmo grave, pois o Chefe da Expedição, deixando de o tomar por se lhe ter acabado, tres dias depois, em que se viu obrigado a estar exposto ao sol intenso de março, foi accommettido de uma febre comatosa que o ia levando á sepultura, tendo de se sujeitar ao tratamento curiosissimo do gentio, de que daremos conhecimento no logar competente.

É indispensavel recorrer ás auctoridades competentes para sabermos das prevenções de que nos devemos rodear para resistirmos ás doenças do continente africano.

Os nossos medicos coloniaes, pela sua longa pratica, nos seus relatorios, e nos ultimos annos o Sr. Dr. Manuel Ferreira Ribeiro em todas as suas obras, que, com muita dedicação, tem escripto sobre a nossa Africa, mui principalmente nos seus estu-

dos medico-tropicaes, durante os trabalhos do campo para o caminho de ferro de Ambaca, dão-nos valiosos conselhos a seguir.

Mas seja-nos permittido observar que notámos algumas deficiencias nos trabalhos que consultámos, e a que mais adeante nos referimos, trabalhos aos quaes precisam de recorrer os individuos que são obrigados a internar-se nos sertões da Africa Central com o intuito de se demorarem no desempenho da sua missão—faltando-lhes umas vezes a alimentação conveniente, aproveitando-se outras dos alimentos dos gentios, soffrendo quasi sempre suores abundantes, expondo-se aos raios de um sol ardentissimo, atravessando activos focos de infecção, e tendo não poucas vezes de passar dias inteiros sem poder mudar de roupas, que a cada passo se encharcam e seccam sobre o corpo.

A todas estas circumstancias, a que se expõe quem se interna nos sertões da Africa Central, ajuntem-se a acção deprimente do clima, o trabalho constante, os incommodos com os indigenas e difficuldades de toda a ordem que não podem deixar de apparecer entre povos, cuja lingua, usos e costumes se ignoram, e que forçosamente nos hão de servir de auxiliares.

São, pois, constantes as causas de desanimo e de graves doenças, que se manifestam após atormentadoras febres e indisposições gastricas, que nos inhabilitam para o trabalho e para as mais simples concepções intellectuaes.

Haviamos compulsado com vivo interesse os livros de viagens de exploradores nacionaes e estrangeiros, e notaramos quaes as difficuldades com que haviam luctado, a fim de nos apercebermos e podermos luctar com vantagem; e nos relatorios do serviço de saude do ultramar procurámos as informações mais indispensaveis para nos fornecermos de alimentos, abrigos, roupas, remedios, e mesmo indicações praticas para melhor os acondicionar e aproveitar.

Não haverá algum alimento, perguntavamos a nós mesmo, que seja *anti-depauperativo* e de que se faça boa provisão para auxiliar o uso da alimentação indigena, sempre tão monotona e tão deficiente para o europeu? Não haverá o que possa sup-

prir a falta de sal, que se não encontra na região para onde nos dirigimos? E que alimentos nos seriam mais uteis, qual o melhor modo de os conservar e o mais simples de os cozinhar?

Na falta, porém, das indicações que procuravamos, guiámo-nos pela pratica que haviamos adquirido no littoral e pelas informações que obtiveramos da leitura de viagens no interior das nossas provincias e centro do continente, já publicadas, e fornecemo-nos do que julgámos mais indispensavel.

Durante a nossa viagem, á medida que nos iamos internando, démo-nos ao trabalho de ir registando não só os defeitos da organisação da nossa Expedição e as difficuldades com que tivemos de luctar, mas ainda o modo pratico de as resolver.

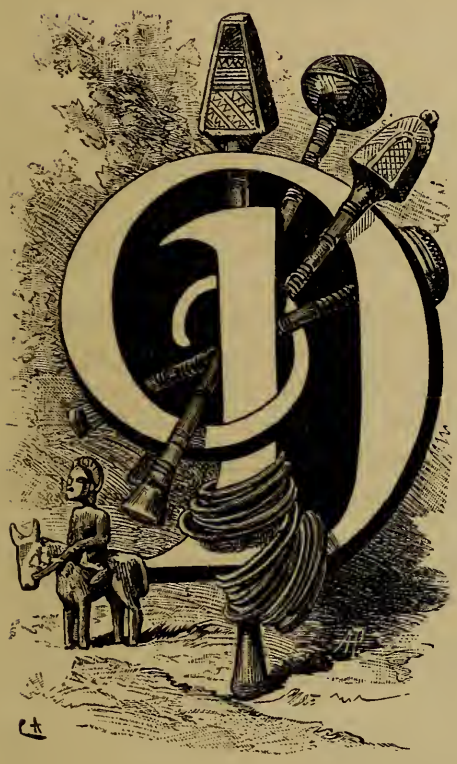
Sobre todas estas observações fizemos um trabalho, comprehendendo a maneira de acondicionar todos os objectos, foram de volumes e modo de os fechar e transportar mais facil e economicamente; qual a melhor alimentação para levar em reduzido volume, os preventivos indispensaveis que nos devem acompanhar e meio de os ter sempre á mão; emfim, a simplificação de todo o serviço com vantagem e mais alguma commodidade.

São, por certo, indicações estas muito uteis aos que tiverem de se occupar de quaesquer trabalhos no centro de Africa, emquanto se não espalharem por esse vasto sertão estações civilisadoras, devidamente montadas, e os caminhos de ferro não rasgarem de um a outro lado todo o continente, abrindo as florestas, e fazendo com que a industria offereça ao viajante todos os recursos de que este carece, para, sem perigo, se entregar aos trabalhos que lá o levarem.

MALVA

CONSELHEIRO FERREIRA DO AMARAL

NA CIDADE DE LOANDA



esembarcando em Loanda, immediatamente mandámos pedir a S. Ex.ª o Governador Geral, o Conselheiro Joaquim Francisco Ferreira do Amaral, se dignasse marcar a hora, em que nos poderia receber, e, neste mesmo dia, tivemos a honra de ser recebidos por S. Ex.ª com a sua proverbial delicadeza; e com o senso pratico, que lhe é peculiar, manteve a conversação sobre os diversos fins da nossa missão, ora interrogando, ora aconselhando sobre tudo o que se lhe afigurava melhor para se diminuirem os attritos á marcha da Expedição em todo o territorio da provincia sob a feliz administração de S. Ex.ª

Estavam feitos os comprimentos officiaes, e, na nossa residencia, aguardava-nos o velho amigo Cunha Foes, agente da acreditada casa Bensaude, que, segundo as ordens do seu director em Lisboa, vinha offerecer os seus prestimosos serviços, e dar-nos o credito de que carecessemos aqui em Loanda e na sua casa do Dondo.

Por varias vezes o occupámos e nelle encontrámos sempre a melhor vontade em nos servir, e por isso aqui lhe endereçâmos os nossos agradecimentos.

A Expedição aproveitava todos os momentos na sua organisação pratica, e ao mesmo tempo esperava quaesquer ordens ou instrucções particulares do Governo provincial, como lhe fôra determinado; e em 3 de junho recebeu um officio, onde se consignavam algumas recommendações da mais alta conveniencia com relação aos potentados com que nos poderiamos achar mais em contacto.

O officio é do teor seguinte:

... Sr.—Encarrega-me S. Ex.ª o Sr. Governador Geral de dizer a V. que nenhumas instrucções ha por parte d'este Governo Geral a accrescentar ás que recebeu do Governo de Sua Magestade, porquanto tudo dependerá das decisões que as circumstancias da viagem aconselharem.

No emtanto parece que deve V. ser prudente no uso dos medicamentos para com os potentados mais fortes, por isso que poderiam aquelles espiritos rudes e ignorantes attribuir aos remedios qualquer morte inevitavel, e filha de causas naturaes, e esta prudencia é aconselhada por todos os exploradores da Africa, e na phrase do celebre Abbadie: as vantagens da cura não correspondem aos inconvenientes de uma terminação fatal da doença.

Pedem-se igualmente a V. os seus bons officios e esforços no caminho para augmentarem as remessas de productos para a Exposição, aconselhando os moradores a que concorram a este certamen que muito directamente os interessa, e cujos resultados a elles mais particularmente aproveitarão.

Quanto a todos os meios necessarios para seguir viagem a Expedição da qual V. é mui digno Chefe, deverão ser requisitados á Ex.ma Junta da Fazenda.

Por este Governo Geral vão dar-se ordens aos Chefes dos Concelhos que para bom resultado da Expedição sigam sem hesitação as indicações de V. , e satisfaçam as suas requisições, a fim de que esta viagem pela qual S. Ex.ª o Sr. Governador Geral se interessa muito pessoalmente, possa fazer-se e terminar com o exito que é de esperar da competencia de V. , e dos seus illustrados companheiros.

Deus guarde a V. Secretaria do Governo Geral em Loanda, 3 de junho de 1884.— ... Sr. Chefe da Expedição ao Muata Ianvo. = *Alberto Carlos d'Eça de Queiroz,* Secretario Geral.

Como nenhumas ordens havia a esperar mais de S. Ex.ª, ao officio acima transcripto respondeu o Chefe no dia immediato:

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Aguardava as determinações de S. Ex.ª o Conselheiro Governador Geral d'esta provincia, não só com respeito ás providencias indispensaveis de que muito carece a Expedição a meu cargo, emquanto transita por territorios onde chega sua benefica influencia, mas muito principalmente para ter na devida consideração e dar cumprimento a quaesquer encargos que o mesmo Ex.mo Sr. julgasse dever confiar-me.

O officio de V. Ex.ª, n.º 517, de hontem, communicando-me as resoluções de S. Ex.ª dá-me ensejo a deliberar que a Expedição siga no vapor que se espera para o Dondo, e d'ahi, tão promptamente quanto possivel, para Malanje.

E, pois, para esta viagem que eu tomo a liberdade de solicitar desde já communicação á Alfandega para que a carga da Expedição possa dar entrada nos armazens da Companhia de navegação do Cuanza, e á direcção da Companhia para á Expedição ser concedido o transporte de pessoal e carga no primeiro vapor a partir, se bem dizem, *Serpa Pinto.*

Além das tres passagens para o pessoal superior ha ainda a solicitar uma para Augusto Cesar, empregado subalterno, que do Reino acompanha a Expedição, e duas para dois indigenas de confiança contratados nesta cidade.

Para os meios de transporte por terra, que S. Ex.ª o Governador se dignou dispensar, peço a V. Ex.ª se digne apresentar a S. Ex.ª as inclusas requisições que faço á Ex.ma Junta de Fazenda.

Numa d'essas pedem-se oito bois-cavallos em substituição das muares que não puderam ser dispensadas, e aquelles podem ser adquiridos em Pungo Andongo ou em Malanje, segundo as conveniencias que a economia e a qualidade aconselhem.

Como a Expedição pode contar com a protecção das auctoridades administrativas nos concelhos por onde tem de transitar, só ahi e a essas auctoridades deve requisitar os carregadores indispensaveis até Malanje, onde tem de concluir definitivamente a organisação do pessoal de carregadores da sua caravana para o interior.

Sendo possivel, se S. Ex.ª o Sr. Conselheiro Governador pudesse conceder á Expedição cincoenta soldados indigenas do batalhão de Ambaca, para vigiarem pelas cargas em todo o tempo da sua missão; e quando por vontade delles, seria isso muito para desejar, pelo auxilio que lhe prestariam, evitando-se assim, que a Expedição tenha de instruir cincoenta homens boçaes, para os quaes trouxe o armamento indispensavel

concedido pelo Ministerio da Guerra, para melhor garantia dos valores que o Governo de Sua Magestade confiou á mesma Expedição.

Por ultimo devo dizer a V. Ex.ª que a Expedição se empenha por corresponder á confiança que nella depositou o paiz e o Ministro que a nomeou, e agora, ao interesse que S. Ex.ª o Governador Geral acaba de patentear mais uma vez no citado officio de V. Ex.ª pelo bom exito de sua missão.

Deus guarde a V. Ex.ª Loanda, 4 de junho de 1884.—Ill.mo e Ex.mo Sr. Secretario Geral do Governo Geral da provincia de Angola.=O Chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Activo como é, o Ex.mo Conselheiro Ferreira do Amaral não fez demorar a resposta, que é do teor seguinte:

... Sr.—Tenho a honra de accusar a recepção do officio de V. sem numero e com data de hoje, o qual foi presente a S. Ex.ª o Governador Geral, que me encarrega de lhe responder que as requisições que elle incluia foram enviadas á Ex.ma Junta de Fazenda, para que esta as tome na devida consideração.

Quanto ao pedido feito por V. de soldados para acompanharem a Expedição, n'esta data officiou-se ao Commandante de caçadores n.º 3, aquartelado na Pamba, concelho de Ambaca, para que forneça trinta homens que queiram voluntariamente seguir a viagem por V. emprehendida, visto como não podem legalmente ser compellidos a prestar esse serviço. Estou, porém, certo que essa força será facil e expontaneamente recrutada no referido batalhão de caçadores n.º 3, devendo ao mesmo tempo dizer a V. que será bom evitar nos pontos mais affastados os apparatos de força, que são sempre motivos de desconfiança e susto para os naturaes, que attribuem logo ás expedições compostas d'esta maneira intenções bellicosas e de conquista, as quaes enraizando-se podem trazer obstaculos á realisação do pensamento civilisador que V. prosegue.

Finalmente, cumpre-me communicar a V. , que foram dadas hoje ordens á Alfandega para lhe entregar os objectos pertencentes á Expedição e trazidos da Europa.

Deus guarde a V. Secretaria do Governo Geral em Loanda, 5 de junho de 1884.—... Sr. Chefe da Expedição ao Muata Ianvo.=*Alberto Carlos d'Eça de Queiroz,* Secretario Geral.

Sendo incerto obterem-se as trinta praças concedidas, porque só como voluntarios é que se podiam acceitar, e como se tivessem apresentado alguns carregadores que em Loanda se empregavam no serviço da Alfandega e de maxila, entendi não dever desprezar a offerta.

Fez-se entre estes a escolha dos individuos conhecidos do Chefe que já haviam trabalhado no serviço das obras publicas, e que lhe inspiravam mais confiança.

O contracto era vantajoso, não só pelo lado financeiro, mas ainda pela garantia que offerecia, sendo feito na Administração do concelho; e, por isso, no dia 7 o Chefe dirigiu-se ao Secretario Geral do Governo da provincia nos seguintes termos:

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Procurando-me nesta cidade doze carregadores indigenas, alguns filhos de Malanje, um das proprias terras da Lunda, e dois que dão conhecimento e informações de rios e povoados até além do Cassai, que pouco differem dos que são do nosso dominio, e querendo elles contractar-se para fazer parte da Expedição em condições que julgo de grande vantagem, rogo a V. Ex.a, se digne de solicitar do ex.mo Conselheiro Governador Geral a devida permissão para que na Administração do concelho d'esta cidade se lavre um termo de contracto, em vista do qual se possa providenciar, caso algum d'esses individuos, depois de ter recebido os adeantamentos, deixe de embarcar, ou fuja de qualquer ponto para esta cidade.

Se desejo contratar este pessoal, é por ter elle servido commigo nas obras publicas d'esta cidade, de 1878 a 1882, em diversas construcções, e querer acompanhar-me. Alguns mais se apresentaram; porém, por me ser indispensavel attender á economia, não posso contemplar todos.

Outrosim, peço ainda a S. Ex.a a necessaria auctorisação para ser dada passagem de 3.a classe a estes carregadores no vapor da Companhia de navegação do Cuanza, em que segue a Expedição.

Deus guarde a V. Ex.a Loanda, 7 de junho de 1884.—Ill.mo e Ex.mo Sr. Secretario Geral do Governo Geral da provincia de Angola=O Chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

A resposta de S. Ex.a foi a seguinte:

... Sr.—Em resposta ao officio de V. datado de 7 do corrente, incumbe-me S. Ex.a o Governador Geral de dizer a V. que n'esta data se mandou abonar passagem para o Dondo, n'um dos vapores da companhia do Cuanza, aos doze carregadores que teem de o acompanhar, assim como se ordenou ao Administrador d'este concelho para mandar lavrar os termos de contractos dos referidos carregadores.

Deus guarde a V. Secretaria do Governo Geral em Loanda, 9 de junho de 1884.—... Sr. Chefe da Expedição ao Muata Ianvo.=*Alberto Carlos d'Eça de Queiroz,* Secretario Geral.

Fazemos referencia especial aos contractos que celebrámos, para que se conheçam mais algumas provas sobre o modo por que nos entendemos com os indigenas, e acabe para sempre a idea de que nas nossas possessões se tolera um vislumbre sequer de escravatura.

Dirigimo-nos á Administração do concelho no mesmo dia em que recebemos o officio de S. Ex.ª, e ahi, perante o nosso antigo amigo o Ex.mo Sr. Administrador, Antonio Urbano Monteiro de Castro, e testemunhas, se registou no livro II de termos diversos do anno de 1884, fl. 22 e 23, o contracto feito com doze dos carregadores, que se offereceram para o serviço da Expedição, os quaes eram: 1.º, Paulo, de Malanje; 2.º, Matheus, do Libolo; 3.º, Manuel, da Jinga; 4.º, Paulino, da Quissama; 5.º, Roberto, de Benguela; 6.º, Cabuíta, de Quibundo; 7.º, Marcolino, do Congo; 8.º, Narciso, da Lunda; 9.º, Domingos, de Loanda; 10.º, Francisco Domingos, de Cassanje; 11.º, Antonio, de Golungo; 12.º, Adolpho, do Congo.

Contrataram-se mais: um cozinheiro, José, do Libolo, e um corneteiro (que fôra dos Moveis), Domingos, de Massangano.

O contracto dos primeiros foi de 100 réis por cada dia ao serviço da Expedição, e o equivalente a 100 réis diarios para rações, recebendo no acto do contracto 36$500 réis para preparativos de viagem e para deixarem alguma cousa a suas familias; o do cozinheiro foi de 10$000 réis mensaes, recebendo tres mezes adeantados, e o do corneteiro de 5$000 réis mensaes, recebendo dois mezes adeantados; e todos principiavam a vencer rações do Dondo em deante. Compromettiam-se elles a acompanharem a Expedição á mussumba do Muatiânvua, vigiando e defendendo as cargas e os expedicionarios, e a fazerem serviço de carregadores sempre que por falta de pessoal assim se tornasse preciso.

Qualquer dos primeiros, em Loanda, ao serviço de maxila só que seja, vence, ordenado e ração, de 5$000 a 6$000 réis mensaes. A vantagem foi, pois, nos 36$500 réis, que logo dispenderam, e em receberem todos os vencimentos juntos no

FEIRA DIARIA EM LOANDA

regresso, o que não compensou de certo os perigos a que se expuzeram e trabalhos por que passaram.

Tendo chegado o vapor *Serpa Pinto* e estando annunciada a partida para o dia seguinte á noite, não havia tempo a perder em se cuidar na arrumação e boa disposição das cargas e bagagens.

Auctorisada pelo Conselheiro Governador Geral, a Expedição cedeu á Direcção das obras publicas, pelo preço da factura, sessenta volumes de diversas ferragens e pregaria que o negociante da praça do Porto, o sr. Manuel Francisco da Costa, enviou a tempo de acompanharem a Expedição, e a sua importancia foi applicada á compra de artigos proprios para o interior; e assim esses sessenta volumes reduziram-se a quatorze, onde se contavam esses artigos e os que por conta do Governo recebemos na cidade de Loanda, taes como: barracas, camas, mesas portateis, machinas e aprestos de photographia, armas e suas munições, etc.

Tinhamos ainda algumas horas deante de nós e iamos deixar a cidade, onde se nos haviam dispensado favores e distincções, e onde tantos e tão extraordinarios melhoramentos estavam em rapido curso de realisação.

Consagremos, por isso, alguns momentos a todos estes melhoramentos, que se estão fazendo, prestando assim o nosso enthusiastico preito a esta bella cidade, a altiva rival de todas as cidades sub-tropicaes africanas, que foi o theatro de tantos heroicos feitos dos nossos antepassados, e que será, num futuro proximo, o modelo de todas as nossas possessões do ultramar.

Não desejo, por ocioso, repetir o que já está dito nos bem elaborados relatorios dos Governadores, Chefes de serviço de saude, Directores das obras publicas, nas descripções e viagens dos exploradores Serpa Pinto, Capello e Ivens, nos ensaios estatisticos de Lopes de Lima, nas memorias de Motta Feio, nas obras do Dr. Ferreira Ribeiro e em outras de differentes escriptores que se teem occupado da cidade de Loanda.

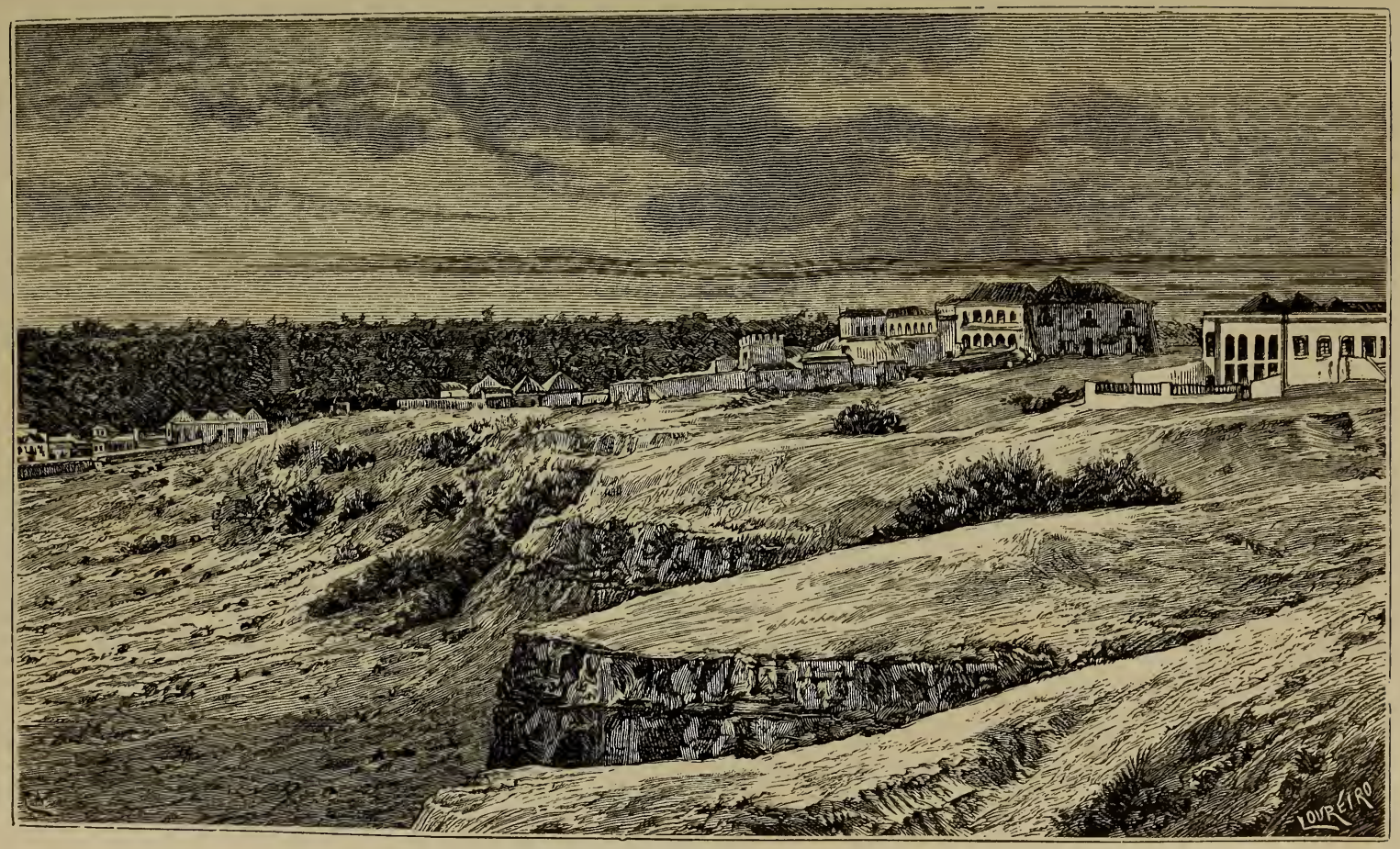
Em um periodo que ainda não vae longe, teve a cidade de Loanda os seus dias de amargura, e todos procuraram conhecer

da sua causa. Attribuiam-na uns á falta das chuvas, outros á falta de transportes e de boa viação, muitos ás dissidencias com o Banco Nacional Ultramarino, e alguns, finalmente —e esta é a razão mais plausivel, quando não o seja conjuncto de todas— a terem escasseado, ou pelo menos a terem-se desviado, os principaes artigos do commercio do interior, marfim e borracha, o que obrigou a fecharem-se muitas casas filiaes nos concelhos sertanejos; — symptoma gravissimo e que mal pode logo explicar quem não conhece praticamente o commercio do sertão, e a preferencia de alguns de seus povos em correrem para o norte e sul, affluencia com que teem lucrado as alfandegas de Ambriz e Benguela em prejuizo da de Loanda.

É certo, porém, que, devido ás expedições de obras publicas e aos estudos do caminho de ferro de 1877, e agora á actividade, intelligencia e bons desejos do Director das obras publicas, o Major de engenheria João Ferreira Maia, que accumula estas funcções com as de Presidente da Camara Municipal, para que foi eleito no corrente anno, e ainda á superior administração do bemquisto Governador e distincto official da armada, Conselheiro Ferreira do Amaral, começou a desapparecer a crise, que se apresentou medonha, e em toda a cidade se vae já notando uma fecunda transformação, em que é muito grato attentar.

O Ministro por um lado animando o Governador na dedicação e bons desejos que sempre tem manifestado pelo engrandecimento da colonia, e este pelo seu dando com toda a energia o seu apoio á Camara Municipal, á Direcção das obras publicas e a outras distinctas corporações que dispõem de recursos, todos, emfim, se mostram empenhados em que Loanda não desmereça do logar que occupa entre as principaes cidades do littoral africano.

A singular distribuição orographica do terreno em que assenta a cidade de Loanda, a irregularidade da encosta que separa os dois taboleiros em que a cidade se divide, e a que já nos referimos, chamam desde logo a attenção dos engenheiros e dos hygienistas, que procuram estudar as causas da insalu-



UMA DAS ENCOSTAS DA CIDADE ALTA (LOANDA)

bridade de uma localidade, em que, comquanto não haja superficies pantanosas, são frequentes as febres palustres.

Desnudadas as terras de vegetação que as segure, o movimento das areias sob a acção das chuvas torrenciaes é patente, vendo-se, como prova indiscutivel, as suas grandes accumulações nas ruas calçadas da cidade baixa, — obra esta importante do Governador Ponte e Horta, em que se consumiu muito tempo e dinheiro e que jazia occulta aos transeuntes por estar alguns decimetros abaixo do nivel do solo, achando-se transformadas as portas em janellas, apesar de dois e tres degraus que aquellas tinham á sua frente.

Por outro lado o porto ia-se entulhando, e de tal modo, que nas baixas marés quasi se podia ir a vau até á ilha, pois nem já a corrente tinha força para repellir essas grossas camadas de areias, que se amontoavam no seu leito.

As correntes maritimas, para o que concorre o Cuanza em grande parte, e as marés, por seu turno, teem influido na barra da Corimba; em outro tempo dava esta passagem a grandes embarcações, porém de um pequeno banco que era, se tornou já num dique, o que as obriga a tornearem a ilha para entrarem no porto.

Era, pois, urgente que a mão do homem tratasse de obviar ao desmoronamento de edificios importantes da cidade alta, hoje á beira da encosta, e se removessem as accumulações de areias que pejavam as ruas da baixa, sendo dirigidas essas obras de modo que de futuro não houvesse de attender aos mesmos inconvenientes.

O melhoramento que immediatamente lembra é o de um revestimento de cantaria, de baixo a cima, aproveitando-se os taboleiros, que se fizessem em toda a altura, para habitações, jardins, hortas, passeios etc.; mas estas obras seriam dispendiosas, e Ferreira Maia, que assim o comprehendeu, planeou um projecto que offerecesse vantagens immediatas, mas sob um ponto de vista mais modesto e mais economico.

Esse projecto consistia em fazer proseguir o aterro marginal, já encetado por uma das Camaras transactas, e ligá-lo á

ponta de Isabel, e em continuar o anterior da principal praça Pedro Alexandrino á beira-mar, até ao morro da fortaleza de S. Miguel; obra esta de reconhecida necessidade, porque, além de outras vantagens, tinha a principal — fazer desapparecer o pestilente lameiro do Bengo e da praia a sueste.

Para desvio das aguas fazia construir sobre a encosta, então em barrocas, ruas calçadas, ligando-as ás já existentes para communicação directa com a cidade alta, e revestindo os terrenos que as separassem, e que não pudessem ser murados para futuras habitações, de arbustos e raizes que, engradando-se, fossem estorvos a novos esboroamentos, quando menos temporariamente, até que fosse possivel dispor de recursos para uma mais segura consolidação.

Ferreira Maia, eleito Presidente da Camara, e com o apoio do Governador Geral, principiou logo a executar o seu plano, e é certo que hoje se vê o empedrado das ruas da cidade baixa; que o aterro marginal em parte vae seguindo, havendo já bons lanços devidamente arborisados; que novas ruas muradas, empedradas e com os seus renques de arvores, cortam a encosta de onde vinham as maiores enxurradas; e que está em começo uma avenida, do aterro proximo ao mercado, a seguir directamente ao largo do hospital Maria Pia, sobre esses morros e barrocas, que ainda ha bem pouco conheciamos escalvados e de formas extravagantes.

Não pôde Ferreira Maia ver o resultado do seu projecto em execução, porque succumbiu á fadiga; e, infelizmente, como acontece a maior parte das vezes áquelles que do coração se dedicam a uma causa de que só tira proveito o paiz, — morreu, legando apenas a seus filhos um nome honrado.

Para Loanda morreu aquelle prestimoso cidadão, mas não o seu projecto, pois encontrou quem o fizesse proseguir; e assegurâmos que no nosso regresso, quatro annos depois, a sua execução tinha grande incremento e as ruas da cidade baixa estavam limpas e nellas se continuava a ver o empedramento tantos annos soterrado.

Acreditâmos que ainda serão arrastadas algumas areias nas

grandes enxurradas; mas não se dê a execução por concluida; continue-se o projecto de Ferreira Maia tal como elle o deixou planeado, emquanto não for possivel, com a protecção do Governo ou por meio de um emprestimo, fazer a verdadeira obra, que é levantar differentes andares com paredões de supportes, que possam vender-se ou arrendar-se, com o que a camara lucrará bons rendimentos.

Que se continue, pois, a cavar na vinha do Senhor, como diz o nobre Visconde de S. Januario, quando se trata de beneficios para as colonias, e alguma cousa se conseguirá.

Um dos importantes e bem estudados projectos do engenheiro Raphael Gorjão era o aterro marginal, ligando a ponta de Isabel com a Alfandega, e o estabelecimento ali de uma ponte, á qual atracariam navios de alto bordo e d'onde a carga sairia para a Alfandega em carris assentes sobre esse novo aterro.

Este projecto ia seguir-se, e já lá vimos uma ponte provisoria para mais prompta descarga do material do caminho de ferro e da canalisação das aguas da cidade.

Estas duas obras, da maxima importancia para a cidade, são dois immorredouros padrões de gloria para o illustrado Ministro que teve a iniciativa da sua execução, prendendo-se com elles ainda um terceiro, de não menos vulto — o da ligação da cidade com a capital da metropole pelo cabo submarino.

Estas tres obras, só por si, bastariam para provar que a cidade de Loanda se levanta e não desmerece os creditos de terceira praça commercial portugueza; e se honram o Ministro que as iniciou, a ellas tambem fica vinculado o nome do distincto Governador Ferreira do Amaral, que, pela sua pertinaz insistencia, conseguiu que taes melhoramentos fossem começados na sua administração.

Na cidade ha tambem uma rede telephonica, devida á iniciativa do mesmo Governador. Simplifica-se assim o expediente official, e muito tem a ganhar o commercio e os habitantes em particular. Ultimamente, para evitar recados, sempre deturpados pelos servos indigenas, havia necessidade de se escrever

para a mais pequena cousa, e nisso se gastava muito tempo e papel, emquanto que por este meio de communicação — o telephone — promptamente se resalvam quaesquer duvidas.

A construcção do hospital Maria Pia levou tal impulso nos ultimos tempos, que já o encontrámos recebendo doentes e nas melhores condições possiveis.

Este estabelecimento colossal, bellamente situado quanto á sua exposição, está sob a direcção de um distincto quanto sympathico medico, Dr. Ramada Curto. Pela sua magnificencia, pela distribuição e boa disposição dos seus alojamentos e repartições, com luxuosas mobilias, machinas, gazometros, lavanderia, cozinhas, canalisação de aguas, hortas, jardins, emfim por todos os recursos essenciaes para a hygiene, serviço clinico e boa alimentação de que dispõe, rivalisa com um hospital de primeira ordem na Europa, e tem sido a admiração dos estrangeiros que o visitam. É um monumento da longa permanencia, no Ministerio dos Negocios do Ultramar, d'esse vulto que para Portugal é uma gloria dos tempos modernos, — o Conselheiro João de Andrade Corvo.

Foi um dia de regozijo para a cidade de Loanda o da inauguração d'este monumental edificio de caridade. Por essa occasião não esqueceu ao benemerito Governador Ferreira do Amaral essa outra antiga instituição, tambem de caridade, que se tem mantido, em lucta com muitas difficuldades, á custa da iniciativa particular, a que se deve o seu estabelecimento. Referimo-nos ao *Asylo D. Pedro V,* recolhimento onde as orphãs de europeus e africanos teem encontrado o indispensavel agasalho e educação, e que mereceu a protecção que, particularmente, o estimado Governador e sua chorada esposa lhe puderam dispensar.

O que officialmente não era permittido ao philantropico magistrado fazer suppria-o a magnanimidade d'esses dois bondosos corações, revelando-se em muitas esmolas e beneficios. A elles se deve a feliz lembrança de abrir naquelle dia um bazar, que produziu uma boa receita para a manutenção de tão pio recolhimento.

ORPHÃS DO ASYLO D. PEDRO V

As orphãs, com os seus simples e asseados uniformes, foram photographadas; e neste logar a gravura é um mudo apello aos poderes publicos, para que concedam áquelle estabelecimento uma dotação, que vá melhorar as suas circumstancias, permittindo-lhe dar á instrucção que ali se ministra um desenvolvimento á altura das aspirações da cidade que o instituiu.

A par d'estes notaveis melhoramentos, não devemos esquecer outros, não menos dignos de se patentearem á Europa, para que se conheça o caracter progressivo e humanitario que todos elles revelam.

As esplendidas officinas das obras publicas, a Escola profissional e o Observatorio meteorologico, que já mencionámos, — obras e instituições que honram a expedição de obras publicas de 1877 — merecem sempre especial menção.

As suas officinas, que de anno para anno teem tomado maior desenvolvimento pela acquisição de grandes e aperfeiçoadas machinas, já teem feito reparos importantes em navios nacionaes e estrangeiros, e estão no caso de satisfazer ás exigencias da agricultura moderna, e em pouco tempo não deixarão de attender a trabalhos de maior vulto.

Creou-as, e tem-nas visto medrar, o intelligente e activo engenheiro David Sarmento, um dos benemeritos d'aquella expedição, e a quem foi entregue a execução do projecto por elle elaborado, bem como a organisação da sua instituição, que abrange diversos officios.

Muito seria para desejar que nellas fossem aproveitados dois recursos importantes da provincia, — ferro e carvão.

Aqui tem a iniciativa particular onde bem collocar capitaes, e para os trabalhos não lhe faltarão braços baratos.

As industrias em Angola mais ou menos teem sido ensaiadas com proveito, e se uma ou outra apenas tem vingado, é porque lhe faltava então o apoio do Governo, com as providencias que só elle podia dispensar.

Poderá, pois, exigir-se ao Governo que emprehenda grandes trabalhos de deseccamento de pantanos e de irrigação em ex-

tensos valles, nas regiões em que apenas se encontra uma ou outra povoação indigena que pouco ou nada produz?

Só os esforços combinados do Governo e da iniciativa particular poderão produzir salutares effeitos, porque tambem não faltam provas de que pouco se tem conseguido com os trabalhos isolados de individuos emprehendedores, luctadores que teem succumbido sem poderem vencer tão grandes obstaculos, como são: a insalubridade do clima, a falta de braços, as estiagens, as grandes cheias, carencia de soccorros medicos e outros.

Presentemente não ha governo algum que se recuse a auxiliar a iniciativa particular ou a encaminhá-la.

As minas de ferro e carvão não estão muito distantes da linha fluvial do Cuanza, e o systema de viação Decanville, aproveitado, facilitará os transportes até lá.

Desenganemo-nos. O preto não é um ente inutil, e bem dirigido é um auxiliar poderoso nas industrias agricola, mineira e fabril; e não faltando na nossa provincia de Angola os recursos naturaes indispensaveis, é urgente aproveitar esses mananciaes de riquezas, sem os quaes não ha prosperidade que se possa sustentar.

É no homem que está a principal força de qualquer paiz.

Faltam apenas capitaes, e esses não se devem esperar dos governos.

Fallâmos com conhecimento de causa, e no decorrer d'este nosso trabalho ver-se-ha que não somos exaggerados.

Continuemos, porém, apreciando os melhoramentos da cidade de Loanda.

Como complemento á instituição das officinas foi lembrada a escola de artes e officios, sob o titulo de *Profissional*.

Aproveitaram-se as ruinas da extincta igreja do Collegio dos jesuitas e terreno adjacente para a sua construcção. A rica capella mór de mosaico, que um inglez em tempo propoz comprar ao Governo, devidamente restaurada, serviria de capella para a escola. Ao passo que tudo se preparava para se iniciar a

construcção, uma commissão competente estudava o projecto d'esta tão util instituição.

Os alumnos preparados ahi pelas lições theoricas, iriam melhor comprehendê-las praticando nas officinas e nas obras em construcção, emquanto que outros, nos casões dos corpos da capital, trabalhariam em roupas e calçado para os seus companheiros. A regeneração da povoação indigena tornava-se assim mais salutar, e proveitosa.

Este edificio ficou por concluir numa pequena parte, esperando opportunidade de maiores recursos; e, na verdade, impressiona, não só que se não conclua, mas ainda que se não fundasse uma instituição tão util para a provincia, em que as creanças, recebendo a instrucção primaria a par da religiosa, adquirissem ao mesmo tempo a profissional junto de operarios devidamente habilitados.

Mais onerosa e inutil tem sido essa outra instituição superior, com o pomposo titulo de *Escola principal,* em que se suppoz poder ensinar ao indigena economia politica, francez, inglez, geographia e historia patria, quando, na verdade, elle pouco sabe de instrucção primaria; e o resultado tem sido desampararem os alumnos a escola logo em seguida ás matriculas.

Em geral, o indigena africano precisa de um estimulo para sair da indolencia em que o crearam, e esse estimulo, encontrado na instrucção profissional tal como a comprehendêra a commissão que regulamentára essa nobre instituição, seria o agente mais efficaz de sua civilisação.

Ahi encontraria elle boa alimentação e vestuario, e só isto era bastante para o incitar ao trabalho; emquanto que na *Escola principal* vê-se sujeito ás circumstancias da familia, se é que a tem, e como a instrucção o não favorece na occasião, foge d'ella.

Assim o comprehendeu o pratico Governador Ferreira do Amaral, que mandou regressar o professor de economia politica á metropole, e aproveitou parte do edificio da referida escola para uma aula de instrucção primaria.

A existencia do Observatorio meteorologico não é hoje apenas

uma formalidade, como o foi até 1877. Está devidamente montado, tendo como annexo um observatorio magnetico.

A direcção d'elle, confiada aos briosos e competentissimos officiaes da nossa armada, acha-se em communicação com o Director do Observatorio meteorologico do Infante D. Luiz, em Lisboa.

A elle recorrem já navios nacionaes e estrangeiros, para confronto de suas observações e verificação de chronometros.

As publicações das suas multiplices observações fazem-se com regularidade ha dez annos, e d'ellas se podem tirar resultados muito proveitosos.

A questão da climatologia de toda a região a leste de Loanda é importante e merece que se estude, pois do seu conhecimento depende a melhor exploração d'esse sertão.

Não esqueçamos que foi ainda depois de 1880 que o porto de Loanda começou a ser illuminado; e trata-se já de collocar na ponta das Palmeirinhas um pharol de ferro, de luz não inferior ao do morro das Lagostas, que irá illuminar pelo sul a entrada do porto.

A illuminação do porto tem sido de grande proveito á navegação e ao commercio, pois até os nossos paquetes, acostumados á carreira, muitas vezes aguardavam as madrugadas para nelle entrarem.

A linha telegraphica, tambem de iniciativa de Manuel Raphael Gorjão, e para cujo custeio o commercio concorre com o rendimento necessario, põe Loanda em contacto com diversos pontos do Cuanza e concelhos internados a leste. Deve, comtudo, prolongar-se e ramificar-se, porque além de outras muitas vantagens servirá para ligar o observatorio com os postos meteorologicos, que é indispensavel crear pelo interior e dos quaes, por emquanto, se encarregariam de bom grado os agricultores ou negociantes europeus, munidos de instrucções, e que em seguida ás leituras dos seus instrumentos as enviariam logo pelo telegrapho ao observatorio central.

Tocámos ligeiramente, é certo, nos melhoramentos mais importantes de Loanda, mas embora, em resumo, deviamos con-

signá-los aqui, para mostrarmos a injustiça com que nos tratam alguns estrangeiros, ousando affirmar que nada temos feito em prol das nossas terras de além-mar!

Livingstone, que numa das suas viagens através da Africa veiu a Loanda, notava como digna de reparo a liberdade que observava nos deportados, a confiança que elles nos inspiravam quando ali chegavam, pois que lhes entregavamos a guarda da fortaleza!

Receava que elles, senhores de armas e polvora, pudessem dar um ataque á cidade!

Notava tambem as restricções da nossa Alfandega, pondo peias ao commercio estrangeiro, e que ainda fosse interdicto a qualquer estrangeiro a propriedade do solo!

Era verdadeiro Livingstone nas notas que tomava na sua interessante viagem através do continente, mas nem sempre as illações que d'ellas tirou foram felizes.

Com respeito aos deportados houve sempre a necessaria vigilancia, sendo certo que até hoje não ha noticia de se ter dado o caso que elle receava.

Nos ultimos tempos, a deportação de sentenciados para Loanda tem sido assumpto de muita attenção para governantes e governados, e o illustrado e nunca esquecido Rebello da Silva, de certo na esperança de que fosse reformado o nosso codigo penal, havia decretado o estabelecimento das colonias penitenciarias de modo a aproveitarem-se as forças d'essa leva de criminosos que todos os mezes entravam em Loanda, ao mesmo tempo que pelo trabalho se contribuiria para regeneração d'elles.

Na pratica apresentava difficuldades a sua execução; comtudo, nos ultimos annos algumas tentativas se fizeram nesse intuito, e para a colonia *Esperança,* instituida ultimamente pelo benemerito Governador Amaral, vão sendo enviados os degredados que da metropole veem chegando. O mesmo Governador tenta instituir no sul outra colonia d'este genero.

Quanto ás restricções, é o proprio Livingstone que nos diz o motivo por que em 1845 as casas inglezas, que mantinham

relações commerciaes em Loanda, se retrahiram. As ligações, que então havia com o Brasil, se por circumstancias de força maior foram prejudiciaes a essas casas, não o foram menos ás dos negociantes portuguezes.

E tanto o commercio não encontrava ahi restricções, que Livingstone ficára surprehendido de ver em Loanda só um negociante inglez, emquanto no paiz todas as trocas eram feitas com tecidos de algodão das fabricas inglezas!

Tambem ali, como em todas as nossas colonias, se permittiu aos estrangeiros a acquisição de propriedades, ou de terrenos para as levantarem, e nas mesmas condições que aos portuguezes, isto é, concessões gratuitas, e em tempo sem confrontações — um dos males de taes concessões.

Havia restricções para os navios? Mas qual é a nação que as não tem tido?

Leroy Beaulieu aponta, — perfeitamente discriminados em cinco classes, — os processos adoptados pela Inglaterra para restringir os movimentos do commercio das suas colonias, e não certamente com o fim de prejudicá-las, mas sim de fazê-las prosperar, e foi só a pratica que mostrou a necessidade de as fazer cessar.

Estas restricções diziam respeito:

1.ª Á exportação dos productos das colonias que só devia fazer-se para a metropole;

2.ª Á importação dos artigos de fabricação estrangeira nas colonias;

3.ª Á importação de productos provenientes de colonias estrangeiras na metropole;

4.ª As que não permittiam o transporte de mercadorias, provenientes das colonias ou destinadas para ellas, senão em navios nacionaes;

5.ª As que prohibiam ás colonias fabricarem os seus productos brutos.

E todas estas restricções tinham por movel o favor aos interesses da nação liberal por excellencia.

Não a Livingstone, mas áquelles que ainda hoje argumen-

tam como elle e professam os seus principios a nosso respeito, recordaremos factos dos nossos dias, e digam-nos depois onde se encontram mais restricções para estrangeiros.

Na verdade, a Inglaterra nem sempre foi nossa amiga, principalmente tratando-se de questões coloniaes.

Durante o anno de 1875 saíam nos seus vapores de Acrá e portos proximos até ao da Serra Leoa, indigenas que quizessem emigrar para a ilha de S. Thomé; e vinham em tal estado de nudez, que o Governador da provincia exigiu ao consignatario portuguez que os vestisse para os poder desembarcar.

Nesse anno não houve peias a tal emigração. No anno seguinte habilita-se um navio da casa Tarujo para o transporte de emigrantes, contratados nas mesmas condições e localidades; o navio é aprisionado e a emigração prohibida, sob o pretexto de escravatura!

Houve uma demanda que durou dois annos, se bem nos recorda, mas a justiça estava do nosso lado e foram satisfeitas as indemnisações reclamadas com respeito á presa.

Mas a ilha e os agricultores, foi quem soffreu com a mal entendida restricção, ao mesmo tempo que de Lourenço Marques e Inhambane nós consentiamos que saissem emigrantes para as colonias inglezas do sul, Natal e outras!

Na mesma epocha deu-se o seguinte facto em Macau:

Governava a provincia o Almirante Sergio de Sousa (o fallecido Visconde de Sergio), e a vizinha cidade de Hong-Kong, pela sua imprensa, bradava contra a emigração chineza que se fazia, por Macau, para a America. Fazendo-se ella tambem por Hong-Kong, tratou aquelle governador de a regulamentar, tendo em vista o que se praticava ali.

Ainda não ficou satisfeita aquella imprensa, e mais tarde o Governador Visconde de S. Januario, fez mais: determinou que se observassem os regulamentos adoptados em Hong-Kong!

Pois ainda isto não foi o bastante, por que vimos que o nobre Visconde suspendeu a saida dos colonos por Macau!

A consequencia foi os vapores da carreira de Cantão e outros barcos, que faziam escala pelo nosso porto para Hong-Kong, virem carregados de emigrantes, que para lá seguem, e d'ahi vão então nos vapores da carreira da America, no porão com ferros aos pés emquanto a terra está á vista!

E querem os filhos da liberal Inglaterra maiores restricções do que as que temos apontado?

Agora consideremos outra ordem de factos.

As missões do bispo americano *Taylor* estão disseminadas pelo interior da nossa provincia com prejuizo nosso; as fabricas de Manchester, prejudicando as nossas, lá vão espalhando os seus artefactos até aos pontos mais longinquos; os belgas, prejudicando a industria das nossas lazarinas, mandam-nos por anno milhares de espingardas; os exploradores scientificos entram nas nossas provincias ultramarinas como em terras proprias, e mais, isentos dos direitos que paga o nosso commercio, e com os productos assim importados, vão concorrer nos concelhos do interior; não ha colonia alguma nossa onde não se vejam estrangeiros estabelecidos nas mesmas condições que os portuguezes, e livres dos encargos officiaes a que estes por lei são obrigados.

Encontrarão, pois, os inglezes nas nossas colonias menos liberdade de acção de que nas suas? Não acreditâmos.

Se ha quaesquer restricções para o commercio, tanto as soffrem os estrangeiros como os nacionaes, e quanto á sua existencia é isso devido a principios e theorias economicas, sobre os quaes até hoje a sciencia não disse a ultima palavra.

Enganou-se, pois, Livingstone, e enganar-se-hão sempre, por certo, todos os que se metterem a descrever qualquer paiz, sem ahi se demorarem o tempo indispensavel para o estudarem.

Mudam as circumstancias do commercio com as localidades, com as condições do clima e com os usos e costumes, e como se pode então apreciar um facto social ou economico sem se avaliar cada um dos factores que mais influem nos seus resultados?

FEIRA DIARIA EM LOANDA

Chega, finalmente, a hora de deixarmos a cidade de Loanda, a que nos ligam saudosas recordações. É opportuna a occasião de darmos conta das cartas retardadas que nesta cidade recebemos do negociante Custodio José de Sousa Machado, de Malanje.

4 de abril de 1884.—Amigo e Sr. Major Henrique de Carvalho.—Foi-me muito agradavel a prezadissima carta de V. datada de 4 de fevereiro, e mais agradavel me foi poder ver como V. luctou e poude vencer tanta difficuldade. Muitos parabens.

Meu irmão seguiu d'aqui em dezembro com uma grande expedição para a Africa equatorial e sem passar pela mussumba do Muat'ianvo, pois que, se tal fizesse, não lograria chegar aonde se deseja, que é a terra dos Cassungamenos.

Devido a essa expedição, ha aqui agora uma falta enorme de carregadores para toda a parte, como aqui nunca se notou! Basta dizer, que para a expedição allemã, que aqui tenho, só pude arranjar por em quanto cem carregadores para o Lubuco, e não sei como se ha de arranjar o resto. É verdade que para a Mussumba, ponto já mais conhecido, talvez que seja mais facil apparecerem; no emtanto, só com a vinda de V. é que se ha de poder assentar no que for melhor.

Aqui encontrará V. não o conforto que se póde encontrar numa terra civilisada, mas um pobre e humilde tecto para o resguardar, e aos seus companheiros, das intemperies da estação; mas pobre e humilde como é, é-lhe todavia franca e sinceramente offerecido com o maior prazer e satisfação.

Ao dispor de V. fica quem com a mais subida estima e consideração é — De V. , etc. = *Custodio J. de Sousa Machado.*

Malanje, 19 de maio de 1884. — . . . Sr. Major Henrique de Carvalho.— Loanda. — Comquanto não tenha noticia da chegada de V. , pela esperança que me deu na sua muito apreciada carta de 4 de abril, sou levado a crer, pelo seu conteudo, que chegou; e que chegasse de perfeita saude é o que sinceramente estimo.

Emquanto aos varios assumptos de que trata na sua citada carta, para cabalmente responder sobre tão vasto plano, era mister que eu dispozesse de grande intelligencia e de tempo, que não tenho; mas quando V. aqui chegar, então teremos muito tempo de conversar, não deixando da minha parte, sempre que me for possivel e o melhor que puder, de lhe fazer as indicações que mais convenham ao bom desempenho da sua espinhosissima commissão.

No entretanto, pode V. já ficar disposto, se admitte a minha sincera

franqueza, que Quimbundo é um ponto actualmente morto, não tendo já aquella importancia commercial e politica que já teve; além d'isso, para se ir por tal via, era dar-se uma derrota ao sul para descair depois para o norte, derrota a meu ver totalmente desnecessaria, por não haver razões e interesses que a justifiquem. Passar por dentro de Cassanje é isso impossivel, porque os Bangalas não consentem a passagem dos europeus pelo seu territorio para o outro lado do Cuango; haja vista o que fizeram aos nossos illustres exploradores Capello e Ivens, para me dispensar de dizer mais. Para se passar pelo Loango, muito ao sul de Cassanje, que era o caminho que meu irmão levava para Quimbundo, é preciso ir-se preparado de modo a perder metade do que um commerciante leva, para pagar imaginarios crimes, que elles phantasiam, só na mira de roubar o viandante. Á vista, pois, do que com toda a verdade acabo de expor a V. , e que me parece do seu interesse saber, o caminho que tem a seguir deve ser necessariamente o que levou agora meu irmão á frente da nossa expedição mercantil, que é: ir d'aqui direito a Cafuxi (Bondos), direito ao porto do rio Cuango entre os rios Luí, que ao norte separa a fronteira dos Bangalas (Cassanje), e o Luhanda, que ao sul separa a fronteira da nação do Holo, ficando entre estes dois rios um mixto de nações, todas independentes entre si, e a cuja região demarcada entre esses dois indicados rios se dá o nome *Mahari* ou *Cahari*, cujo chefe, que dizem ser bastante poderoso, se chama Mueto-nguimbo, dono do porto da passagem no rio Cuango, situado abaixo alguns kilometros aonde o rio Luí conflue no Cuango. Este caminho é completamente novo, sendo meu irmão e mais um companheiro que levou, os primeiros europeus que passaram por tal via, segundo a affirmativa dos proprios naturaes. É ainda por este caminho por onde convenci o Tenente Wissmann que devia seguir a expedição allemã de que é chefe, desprezando assim a instrucção que trazia de *ir direito ao Tembo-á-Luma*, seguindo o trilho até ao Cuango que anteriormente tinha d'aqui levado o Major Mechow.

O caminho, pois, que levou meu irmão com a nossa expedição, é magnifico; e quando V. o queira seguir tambem, parece-me, não terá que arrepender-se. E seguindo-o, terá do outro lado do Cuango a nação do Xinje, cujo povo é manso como os cordeiros. D'esta nação tomará V. o trilho que conduz ao Caungula, um potentado bastante poderoso, mas já subordinado ao Muat'ianvo. De Caungula, seguirá V. direito a Mussumba, capital da Lunda, e aonde reside o Muat'ianvo.

O caminho até ao Cuango é bastante fertil de mantimentos para toda a comitiva, muito principalmente de gado vaccum, suino, cabrum, etc.

É preciso que V. saiba, que o Muat'ianvo tem por uso e costume receber tudo que o individuo leva para negocio, encarregando-se elle de mandar comprar marfim nos pontos aonde o ha, e como para esta gente

o tempo não tem valor, os annos succedem-se uns aos outros, sem que elle preste contas do que recebe; e, como elle é o dono das suas terras, não havendo por isso a quem recorrer, o remedio já se vê, é esperar. Além d'isto não consente que europeu nenhum passe além dos seus Estados.

Acho ocioso encarecer a conveniencia politica que ha na alliança da Lunda com Portugal: eu já o tenho demonstrado muitas vezes pela imprensa, e ainda ao proprio Sr. Conselheiro Governador Geral, quando aqui esteve o anno passado; mas é preciso muita prudencia e tacto da nossa parte, e coadjuvá-lo, estimulando-o no seu valor (despotico aliás) contra os invasores do seu territorio — os Quiocos — que lhe teem avassallado já uma grande parte dos seus melhores e mais poderosos feudatarios. Sobre tão melindroso assumpto, só aqui, pessoalmente, teremos occasião de fallar; e por isso, e por falta de tempo, reservo-me para então.

Emquanto a estações commerciaes eu vou estabelecer uma no porto do Cuango, mas na margem direita; outra, logo que tenha um europeu de confiança, vou estabelecê-la no Caungula, e outra no porto do Cassai, em Quicassa, que dá passagem para o Lubuco (Tu-Chilangues), para os Ma-cubas (Luquengo e outros pontos do norte para o Lualaba).

Os exploradores allemães é que me teem impedido de ter mandado já o individuo encarregado da estação do Cuango, pois me pediram para que o não despachasse sem ser na sua comitiva, a que accedi por comprazer.

Estabelecidas as estações nos pontos que deixo indicados, teremos sem difficuldade communicações escoteiras, rapidas e sem difficuldades com a Africa Central.

Mas aonde é que hei de ir buscar pessoal de confiança que possa encarregar de fazer negocio, receber e despachar cargas e a correspondencia de uns para outros pontos? É isso que me tolhe de maior desenvolvimento. Lançar mão de ambaquistas? É impossivel, por serem elles os maiores ladrões, ao ponto de, quando nos não queremos deixar roubar por elles, seduzirem o gentio para nos roubar, a pretexto de um nada, apparentando para comnosco, e principalmente quando não conhecemos a lingua, o maior interesse em defesa da nossa causa. Creia V. que não estou phantasiando, estou-lhe expondo com franqueza os males de que tenho sido victima. Isto é uma gente que não precisa que os convidem a acompanhar-nos, porque elles são os proprios a encorporarem-se nas nossas comitivas; são elles ainda os verdadeiros ciganos da Africa, porque em toda a parte se encontram, não para nos auxiliar, mas para nos crear difficuldades. Mas tambem teem seu prestimo. Emquanto aos carregadores, já se poderiam ter pago alguns, se estivesse auctorisado, ou por outra, habilitado a fazê-lo, pois alguns teem apparecido.

Não acredite V. que pagando-os d'aqui para um ponto qualquer do interior, que lhe é facil poder depois obter os precisos para onde quizer; é mister conservar os que teem de o acompanhar até Mussumba, e ali depois, fazer com elles novo ajuste, quer para cá, quer para o norte, quer para o sul, *quando elles queiram continuar ao serviço* de V. É por isso, que quero, além do interesse commercial, estabelecer a estação commercial na margem direita do Cuango, porque sendo os Ma-Chinjes um povo docil, desejo costumal-os a transportarem cargas de lá para aqui, e de lá para o Caungula e Cassai; porque do outro lado do Cassai já estão os Tu-Chinlangues que se prestam ao carreto de pequenas cargas, por ser gente muito fraca, mas igualmente docil.

Muito mais longe me levaria o conteudo da muito apreciada carta de V. , mas escasseia-me o tempo, e por isso me reservo para quando V. chegar. Todavia ahi ficam os principaes pontos que offereço á apreciação de V. para d'elles colher o que possa julgar aproveitavel, se de aproveitavel achar alguma cousa.

O que peço a V. é que não leve á conta de abuso da sua extrema bondade o ter-lhe roubado, com tão esteril massada, o mais precioso do seu tempo. No mais, ercia ao seu dispor quem com toda a estima e consideração se subscreve — De V. , etc. = *Custodio J. de Sousa Machado.*

Repetiam-se as visitas e os affectuosos comprimentos, desejavam-se as mais felizes horas através de todo esse sertão que iamos percorrer, e, com satisfação o dizemos aqui, todos mostravam o mais vivo interesse em que obtivessemos resultados essencialmente praticos.

Urgia, porém, partir, mas não o deviamos fazer sem dirigir a S. Ex.ª o Ministro, neste momento, um officio por intermedio do governo da provincia, dando conta de que a Expedição seguia para o seu destino.

Esse officio é o seguinte:

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Que poderei eu dizer a V. Ex.ª com respeito á viagem de Lisboa a Loanda, que não seja muito conhecido? No emtanto, pelo que respeita á Expedição, é forçoso confessar que, em todos os portos onde o paquete fundeou, foram bem lisonjeiras as demonstrações que tanto eu como meu collega recebemos das auctoridades superiores e de alguns dos seus habitantes. Estas demonstrações, bem o sabemos, todas vão recair no Ministro que levou por deante um projecto que, se estava na mente de muitos, deve a elle a remoção das difficuldades para se emprehender a sua realisação.

Na noite de 30 do mez passado fundeámos em frente d'esta cidade, e pouco depois, pelos cavalheiros que foram a bordo, soubemos ser esperada a Expedição, sendo-nos em tres casas particulares offerecida hospitalidade, que não pudemos acceitar, por nos ser conveniente tomar quartos numa hospedaria proximo á Alfandega, e ser preciso tambem estarmos um pouco isolados para continuarmos os trabalhos preparatorios encetados em Lisboa.

Desembarcámos na manhã de 31, e nesse dia fomos comprimentar, como era do nosso dever, S. Ex.ª o Governador Geral da provincia, o qual desde logo nos dispensou toda a coadjuvação official para que a Expedição não encontrasse difficuldade, nem o mais pequeno estorvo nos seus primeiros passos ao dirigir-se a Malanje.

Tendo conhecimento que o Missionario A. Castanheira Nunes entendia dever propor condições para se lhe garantir um futuro, ou á sua familia, caso morresse no serviço da Expedição, convidei-o a declarar-me qual era a sua definitiva resolução. Allegou: a sua avançada idade, longa carreira no funccionalismo d'esta provincia, parte em pontos mais ou menos internados, em que prestára serviços que, segundo elle, não tiveram a devida remuneração; a demora na confirmação da nomeação de professor da escola principal d'esta cidade, cargo em que apenas lhe faltavam tres mezes de serviço para completar o prazo em que por lei lhe deveria ser dada a aposentação; o receio de preterir os seus direitos a essa aposentação pelo facto de acceitar o penoso encargo de Missionario da Expedição, não obstante ser esta, por certo, commissão por elle reconhecida de maxima importancia para o paiz; e finalmente o sacrificio dos interesses que hoje disfructa em Loanda, onde vive com a commodidade, que a sua idade e longa permanencia em Africa requerem, e que não era compensado pela pequena gratificação mensal que lhe fôra arbitrada. Foram estas as principaes razões que muito influiram no seu animo, para ainda que a seu pesar, deixar de fazer parte da Expedição, a não ser que o Governo de Sua Magestade se dignasse acceitar as condições que elle apresentava.

Era tarde — foi a minha resposta. E não devendo nem podendo demorar a Expedição, que não posso ainda dizer a V. Ex.ª quando sairá de Malanje, deliberei partir para o Dondo no vapor da companhia, que se diz deve largar do porto ámanhã, aguardando no emtanto quaesquer determinações de S. Ex.ª o Governador Geral.

Pelas cartas que hontem recebi do negociante Custodio Machado, de Malanje, sei que a Expedição allemã, sob a direcção do Tenente R. Wissmann, tem encontrado ali grandes difficuldades para organisar o seu pessoal de carregadores. Verdade é que ha sempre taes difficuldades quando se trata de explorações para o norte; e, no dizer do mesmo negociante, parece haver toda a probabilidade de que a nossa Expedição seja mais

feliz, porque tanto os povos de Malanje como os de Sanza e Ambaca, e carregadores que regressam nesta epocha do serviço de transporte de Dondo a Cazengo, se prestam a ir ás terras do Muatiânvua, onde este e outros, seus immediatos, lhes facilitam a ligação com mulheres de seus povoados a troco de presentes. Essa região, na linguagem fluente e elegante do Dr. Max Büchner é por esse facto o Eldorado d'estes povos, e mui principalmente dos interpretes e ambaquistas.

Mas não obstante esta minha bem fundada esperança, repito, não me é dado por emquanto calcular o tempo que a Expedição se demorará em Malanje; e, como seja certo que tenha de estacionar antes do Cuango, não procurei nesta provincia quem quizesse substituir o referido Missionario, aguardando que V. Ex.ª resolva que á Expedição venha aggregar-se o sacerdote que em Lisboa solicitára de V. Ex.ª fazer parte da mesma, e que se promptificava a residir na Estação que lhe fosse indicada, apenas com os vencimentos designados pela lei que creou as Estações Civilisadoras.

Se este Missionario já não encontrar a Expedição em Malanje, tudo fica prevenido para se facilitar o seu transporte até encontrá-la.

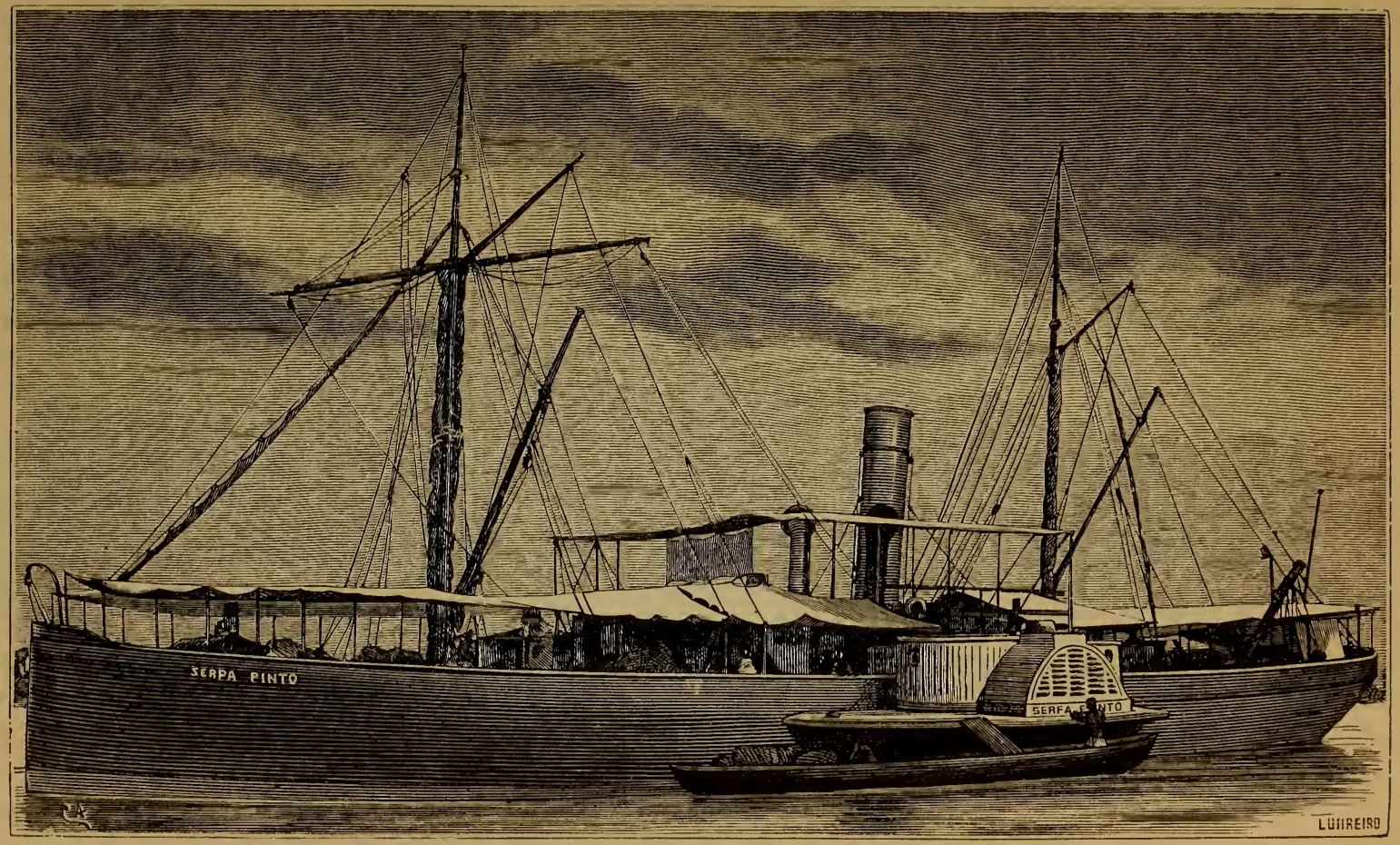
Do que se requisitára no paquete anterior á Direcção das obras publicas d'esta provincia para o serviço da Expedição apenas se conseguiu obter, mandando-se-lhes fazer os devidos reparos, barracas, mesas portateis, cinco carabinas Winchester com tres mil cargas, e alguns artigos para a secção photographica.

S. Ex.ª o Governador auctorisou a compra de camas, redes, macas, cantinas e ainda de oito bois de monta.

Pelo orçamento, approvado por V. Ex.ª, deviam acompanhar-me de Loanda para o interior mais tres empregados subalternos europeus, o que importava em 60$000 réis mensaes, fóra rações; porém, tendo-se-me apresentado aqui, para fazerem parte da nossa Expedição, uns trinta indigenas, de mim conhecidos por haverem trabalhado sob a minha direcção nas construcções a meu cargo quando fiz parte das obras publicas nesta cidade, de entre elles escolhi doze dos mais robustos, e com auctorisação de S. Ex.ª o Governador foram contratados na Administração do concelho, de modo que, para o tempo calculado, dois annos, ha uma differença a favor de 126$000 réis.

Estes homens teem familias em Loanda, estão já costumados aos usos europeus, e fallam mais ou menos portuguez; dois d'elles, os mais velhos, foram carregadores de maxilas durante perto de quatro annos que estive em Loanda, e offerecem-nos garantia de que serão bons vigias das cargas, que hão de procurar mais agradar-nos que ao gentio, e finalmente que não nos abandonarão com receio de serem deportados para Moçambique ou para a Guiné.

Além d'isto, como não é possivel dispensarem-se mais que trinta sol-


SERPA PINTO
SERPA PINTO
LUIREIRO

dados indigenas, e é incerto poder obter-se este numero entre voluntarios, aquelles, armados como estes, augmentarão a nossa força policial armada, e assim se infundirá mais respeito ao gentio.

Sobre os pombos-correios, devo dizer a V. Ex.ª que chegaram bem, e que deixo nesta cidade quatro casaes para dois pombaes, um no palacio do Governo e outro a cargo do Director das obras publicas, a quem deixei as competentes instrucções. Os restantes seis são para o pombal em Malanje, e espero que o negociante Custodio Machado d'elle tome conta.

Como no proximo paquete espero cheguem as cargas dos diversos volumes do commercio do Porto, que não chegaram a Lisboa a tempo de virem comnosco, pedi a S. Ex.ª o Governador se dignasse providenciar para que me fossem remettidos para Malanje.

Não tendo sido calculada a verba a dispender com transportes, e variando estes de concelho para concelho, a S. Ex.ª o Governador solicitei que elles fossem fornecidos pelos Chefes e pagas as despesas pela Ex.ma Junta de Fazenda; ao que S. Ex.ª annuiu promptamente, estando aquella prevenida para, sem hesitação, proporcionar todos os meios de que lhe é dado dispor para o rapido progresso da Expedição.

A Expedição, devendo partir ámanhã para o interior, despede-se de V. Ex.ª, fazendo votos para que lhe seja possivel corresponder sempre á confiança que V. Ex.ª nella depositou.

Deus guarde a V. Ex.ª Loanda, 9 de julho de 1884. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar. = O chefe da expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Chegára a hora de embarcar no vapor *Serpa Pinto,* que estava atracado ao caes da companhia, aguardando os passageiros e recebendo ainda as ultimas cargas da Expedição.

Não nos sendo possivel acceitar todos os convites que tivemos, nem tão pouco o do Governador Ferreira do Amaral, que demais a mais era commemorativo do seu anniversario, — faltas estas que só podem ser attribuidas ao pouco tempo de que podiamos dispor, — aqui consignâmos o nosso reconhecimento para com todos os que nos deram tantos testemunhos de deferencia.

Os contratados iam comparecendo a pouco e pouco no caes, todos mais ou menos alegres, e dois já muito embriagados, o que é para desculpar, pois entre elles e seus parentes e amigo se travaram durante o dia acaloradas discussões, acêrca das probabilidades do regresso, porque os perigos eram muitos

nas terras do gentio bravo, em que se cortavam as cabeças da gente e se comia a sua carne. Diziam-lhes tambem que o Major os fizera soldados, e elles agora já não podiam largar a praça e haviam de ir para a Guiné, para Moçambique, ou para onde elle quizesse.

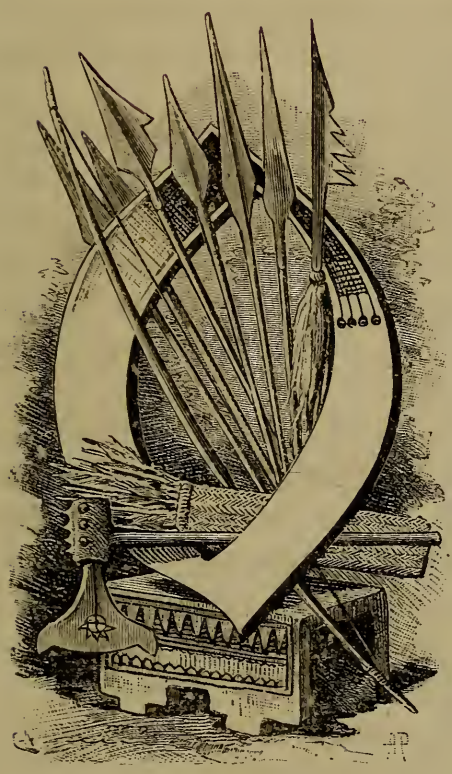
Um dos embriagados chorava a valer, porque, segundo elle, lhe haviam roubado a roupa que comprára para a viagem, que a tinham levado para o Terreiro Publico e este estava agora fechado!

Era tão incomprehensivel o que o homem dizia, que o Chefe o convenceu a ir deitar-se para bordo, ficando de dar providencias no dia seguinte; e elle foi, certamente sem consciencia do lugar onde estava, e lá adormeceu.

Dados os ultimos abraços aos amigos que nos acompanharam, entrámos á meia noite no vapor, onde já, sobre a tolda, umas camas de campanha de bastante uso e cobertas por ordinarios mosquiteiros estavão promptas; nellas nos deitámos fatigados das fainas do dia, acordando de madrugada quando o vapor se fazia ao largo para dar volta á ilha, pelo norte, e seguir o seu rumo para a bocca do Cuanza.

FOSSIL

NO CUANZA



vapor *Serpa Pinto,* visto do exterior, é um bonito barco, tem bom andamento, mas infelizmente é só de carga e sem condições que o recommendem para navegar numa região tropical.

Quando se argumenta que em cerca de quarenta horas este vapor chega ao *terminus* da sua carreira —Dondo— e que uma noite se passa bem, respondemos que na maior parte das viagens não succede assim; mas ainda que succeda, gastam-se 10$000 réis por dia, o que é caro!

Nos vapores da companhia do Cuanza só se faz distincção de duas classes. A superior differe da inferior em a primeira ter comida e a outra não; em nos offerecer, para nos deitarmos, as taes camas de campanha sobre o convez, emquanto que na inferior serve de leito o proprio convez; em proporcionar uma bacia e uma toalha para os passageiros mais abonados, e aos demais apenas uma celha.

Por taes commodidades paga o passageiro de primeira classe 10$000 réis, e o da segunda 5$000 réis!

Ora devemos confessar que tudo isto é exhorbitante, e que se por qualquer circumstancia, o que succede muitas vezes, a viagem se prolonga até cinco ou mais dias, torna-se um martyrio para os passageiros de 1.ª classe pelos incommodos, falta de asseio e mau passadio; e para os da inferior pelo que ainda é peor — a fome!

Commanda o vapor Antonio de Sousa (vulgo, Carapau), um d'estes homens que indicam logo ser o que nós chamamos — homem do mar, e que, não obstante procurar ser agradavel aos passageiros, tem o seu feitio especial — um homem de mar com todas as suas birras e preconceitos!

Não é d'aquelles supersticiosos, como conhecemos muitos, e de uma devoção provada por qualquer imagem em que se represente uma das phases de provação da mãe de Christo; mas por isso mesmo, talvez, é pouco condescendente, e muito cioso no seu commando: o que na nossa viagem se revelou e pelo que mais perdeu a Companhia do que interessou, como eram os seus desejos.

Os contractados em Loanda, aportando o vapor na Muxima, como fossem devotos da imagem de Nossa Senhora que ahi se venera, traziam já de Loanda vassouras, para varrer a capella e vélas de cera e ainda outras cousas para depositarem aos pés d'aquella tão afamada imagem, implorando-lhe uma boa viagem até á Mussumba e que os livrasse de perigos e grandes trabalhos, e permittisse que regressassem todos com saude.

Seria apenas uma questão de meia hora de demora, porque a igreja fica proxima ao caes a que o vapor atracou.

Pois o capitão não annuiu ao pedido, por que queria adeantar a carreira com receio que lhes faltasse agua no Dondo.

A questão, repetimos, era apenas de meia hora!

O vapor seguiu, e meia hora depois encalhou, e só pôde safar-se passadas tres, tornando a encalhar na manhã seguinte, para só ao sol posto, e depois de muito fatigada a tripulação, continuar a navegar.

Mencionâmos este facto, porque mais tarde teremos de fazer allusão a elle.

Passámos a barra cêrca das oito horas e sem que o sentissemos, o que não é vulgar; e pouco depois entravamos na enseada, á nossa esquerda, onde estão fundeados os velhos vapores da companhia.

O Cuanza corre neste logar, fazendo grandes curvas, ora para o norte, ora para o sul, e perdendo já muito da sua velocidade, porque se vae estendendo pelas margens entre essa prodigiosa vegetação, por onde passam hoje embarcações pequenas.

E é assim que sobre as margens e nas planicies que lhes ficam proximas, nas epochas das seccas fica estagnada muita agua, que não pôde ir na corrente, formando-se então largas superficies encharcadas, d'onde emanam os effluvios paludosos que tantas vidas teem ceifado, e contra os quaes não se teem empregado ainda as grandes obras de arte, já com o intuito de melhorar as condições de salubridade da região, já com o fim de conquistar para a agricultura muitos hectares de magnifico solo hoje absolutamente desaproveitados.

A regularisação das margens do rio Cuanza impõe-se como uma das obras mais necessarias e mais productivas.

Os bongues[1], feitos para o resguardo das plantações da fazenda Santa Cruz, são d'isto uma prova bem patente.

Este rio, que tem sido a admiração de nacionaes e estrangeiros pela deslumbrante vegetação de suas margens e limpidez das suas aguas, contribuiu de um modo importantissimo para as conquistas em Angola, pois por elle se fazia a passagem para Massangano, séde heroica das operações militares, e onde ainda se conserva como monumento essa antiga fortaleza que domina o rio, e que por isso mesmo bem digna é de ser conservada para ensinamento ás gerações futuras.

O publicista Dr. Manuel Ferreira Ribeiro, que nos ultimos tempos mais tem escripto sobre a nossa Africa, nos seus *Estudos medico-tropicaes,* encarando este rio sob variados aspectos, além das impressões e considerações da sua especialidade,

---

[1] Defesas feitas de terra e canniço para resguardo dos terrenos marginaes onde se fizeram plantações.

compendiou tudo quanto d'elle se tem escripto, não só pelo que respeita á geographia e flora das suas margens e á sua navegação, acompanhando as suas reflexões com factos histo-

ENTRADA NO CUANZA

ricos que se acham espalhados em diversas obras, roteiros descripções e documentos officiaes, mas ainda o estudou como via commercial[1].

[1] Aos que se interessam pelo que temos em Africa recommendâmos a leitura d'esta interessante publicação.

O Dr. Ferreira Ribeiro descreve o rio Cuanza sob a impressão de que a Expedição dos estudos do caminho de ferro de Ambaca, de que fez parte como medico, trabalhava com o fito de que a via ferrea devia partir de Oeiras, com o que a linha fluvial tudo tinha a lucrar.

Mas hoje, que o traçado começou de Loanda, seguindo-se um projecto diverso do que primitivamente se tinha em vista, que afasta a via ferrea deste rio, volveremos á primitiva navegação gentilica em canoas de um só pau?

Deixaremos que o rio se entulhe e mais se complique o re-

NOSSA SENHORA DA MUXIMA

gimen de suas aguas, ou que estas procurem novas saidas?

Será um grande erro sob qualquer ponto de vista, principalmente o politico.

Basta lembrar que, ainda o anno passado, era uma impreterivel necessidade que todos os passageiros do vapor da carreira se armassem e fizessem fogo contra o gentio da margem esquerda para o forçar a recuar, arrependido da sua ousadia em atacar as embarcações que tinham de navegar por ali.

Estando fatalmente condemnada a carreira de navegação a vapor, não serão as pequenas embarcações de vela ou a remos que poderão resistir ao gentio da margem esquerda, e

o que succederá é ficar esse gentio senhor do rio, e d'ahi os ataques á margem opposta e ás povoações que elle banha.

Voltaremos, pois, aos antigos tempos?

E quanto não nos custará depois, se quizermos adquirir o que hoje formos perdendo?

Não será só dos *Quissamas* que teremos a receear agressões e ataques á propriedade. Os *Libolos* e *Bailundas,* mais para leste, aproveitarão da pilhagem, porque teem contas a ajustar com *Bângalas* e *Bondos,* e os unicos a perder seremos nós, porque os indigenas crêem que nas casas de commercio está depositada maior porção de polvora, armas e fazendas, do que na realidade ali existe.

Os poderes publicos, de certo, pensarão nas providencias a tomar desde já, a fim de se evitarem essas grandes e novas complicações na futura administração da provincia.

É preciso pois conservar para a navegação o rio Cuanza, melhorando-se-lhe o regimen, e fazendo na sua barra as obras que foram recommendadas pelo distincto engenheiro Arnaldo de Novaes.

O Dondo, deixando de ser o entreposto commercial dos sertões de leste, não pode, só por si, nem as povoações do littoral, custear as despesas de uma companhia de navegação, e assim torna-se indispensavel que o Governo pense já em estabelecer policia naquelle rio, preparando vapores apropriados que, recebendo algumas cargas e passageiros, poderão auferindo receitas ao menos para o custeio do carvão, servir o commercio, que não deixará de se fazer entre o Dondo e povos vizinhos do Libolo, e outros sertanejos e os agricultores das margens do Cuanza.

Deve mesmo tratar-se da exploração do carvão de Cambambe, e aproveitar se, quando mais não seja, em proporção equivalente ao que tenha de importar-se para o consumo d'esses vapores. E ainda mais se pode diminuir o custeamento da navegação, quando se colloque no leito do rio um cabo metallico, como o que se estabeleceu no nosso Douro, para reboque dos vapores, do que resultará uma economia de 25 por cento

na despesa do carvão; melhoramento este de tão grande importancia que, ha seis annos, houve quem pedisse o privilegio, quando pudesse haver um accordo com a actual companhia do Cuanza.

Acreditâmos que não foi bem comprehendido o pedido, porquanto no Douro tem o referido cabo offerecido vantagens á navegação.

Mas prosigamos na nossa viagem.

O vapor *Serpa Pinto* não se demorou em Muxima, como dissemos, apesar de ahi receber um passageiro para Massangano, e seguiu para o Cunga, onde atracou ao caes, permanecendo ahi por algumas horas.

Aqui eramos esperados por João Rebello, antigo agente da casa ingleza, a quem conveiu a farda de capitão de segunda linha para incutir mais respeito ao gentio, com o qual tem de lidar diariamente.

Rebello tem creado nome pelas suas fructuosas caçadas ao jacaré, que elle sabe artisticamente preparar para os museus, devendo nacionaes e estrangeiros á sua amabilidade os exemplares que possuem.

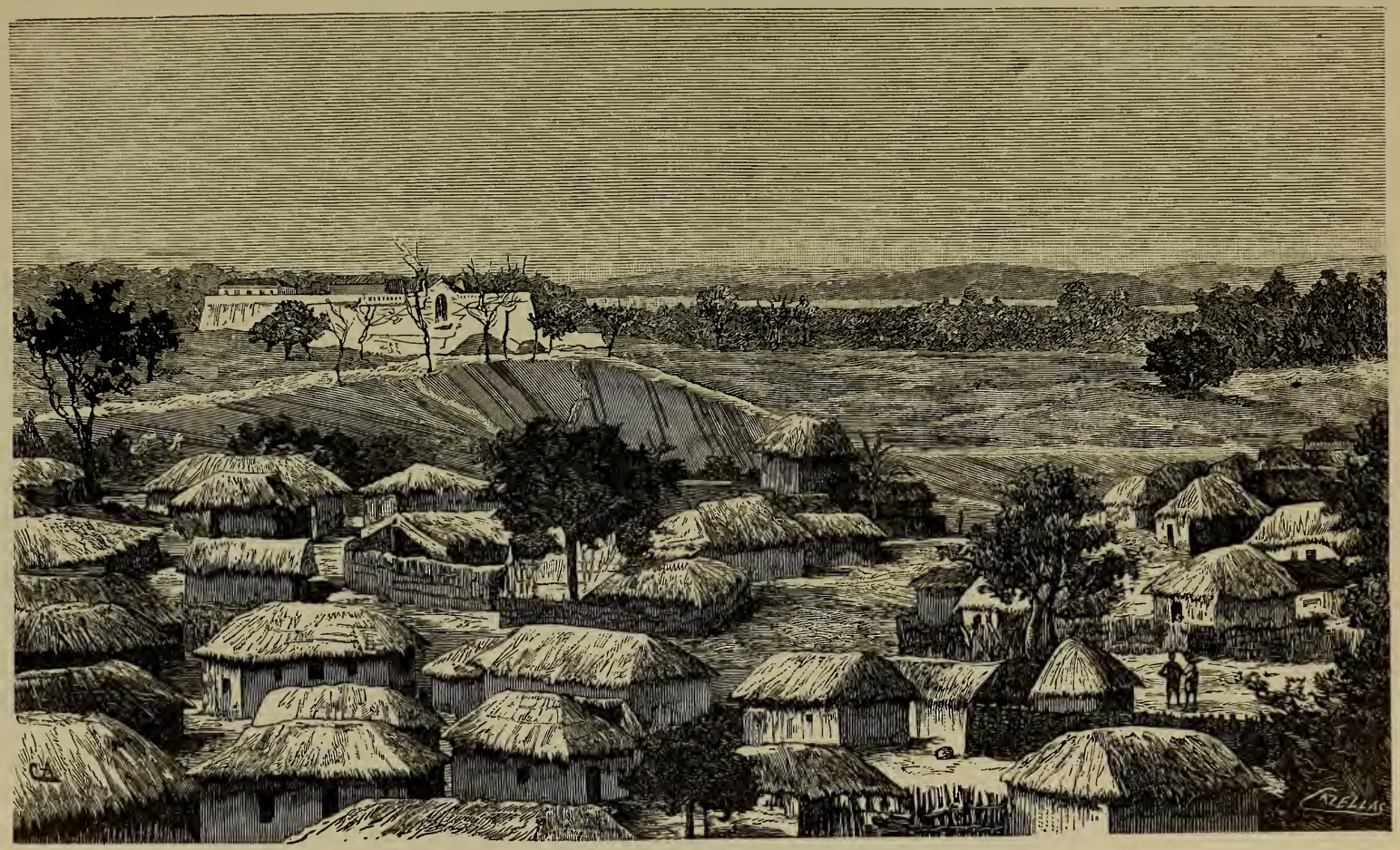
Os contractados de Loanda, em razão das boas e antigas relações do chefe da Expedição com João Rebello, a este se lamentaram da contrariedade que sentiam e da situação em que os collocára o commandante do vapor, não lhes permittindo que fossem a Muxima levar as suas offerendas a Nossa Senhora. Sempre de coração bondoso, ouviu com attenção a queixa dos pobres rapazes, e immediatamente se promptificou elle mesmo a ir na manhã seguinte, á outra banda do rio, satisfazer esse compromisso religioso, o que os interessados com mostras de intimo regosijo muito agradeceram.

E de passagem seja-nos permittido observar, posto que de simples intuição, que entre todos os povos, mas mais especialmente com a gente da raça negra, é da maxima importancia, para quem carece do seu auxilio no desempenho de qualquer empreza, manter-lhe sempre o espirito num certo grau de animação, e não lhe deixar perder a força moral pois

que do contrario, o bom exito d'essa empreza pode ficar seriamente compromettido.

A casa que João Rebello dirige, no Cuanza, é uma das mais importantes da companhia ingleza, Newton & Carnigie, e todo o seu negocio é feito, pode dizer-se, com o gentio.

ESTRELLA DO SUL



VILLA E FORTALEZA DE MASSANGANO

PONTE PINHEIRO CHAGAS

EM MASSANGANO

Seguindo viagem fomos fundear em frente do porto de Massangano. Penalisou-nos deveras o estado em que encontrámos o presidio e aquella villa de tanta nomeada, cujos fundamentos foram lançados em 1581 por Paulo Dias de Novaes.

Era ali que os nossos valentes antepassados iam descansar das fadigosas correrias ao gentio e sustentavam com as armas na mão a defesa de tão importante posto.

Neste ponto, e quasi por favor da administração provincial, mantem-se um chefe do vasto concelho d'aquelle nome, e nove soldados de primeira linha, se tanto, para garantirem a nossa auctoridade e a nossa soberania!

Á curiosidade e dedicação do nosso collega Sertorio de Aguiar, se deve a gravura representando a parte principal da

povoação gentilica e um baptisado no mato, ceremonia antiga em todo o sertão onde chega a alçada dos sacerdotes n'elle espalhados.

São esplendidos os palmares que orlam todo o rio Lucala, principalmente junto á sua foz, sendo os terrenos ali muito ferteis.

Uma bem dirigida exploração das minas de ferro, que abundam em todos estes matos, dava a receita indispensavel para conservar a fortaleza, ao menos como monumento, melhorar as condições sanitarias da villa e o seu porto, d'onde outr'ora saiam promptas as galés para a policia da costa.

Custa a crer que uma região tão productiva e bellamente situada entre a confluencia do Cuanza e Lucala chegasse ao abatimento em que hoje se vê[1].

De certo, os seus primeiros povoadores europeus deviam ter ahi deixado vestigios da sua passagem! Onde estão estes?

O emmaranhado da floresta, onde ha em verdade arvores cujas madeiras teem grande valor; o estado lastimoso da povoação, que pouco differe das mais selvagens que se vêem pelo sertão; a falta dos recursos mais indispensaveis; a vagabundagem do povo, tudo, emfim, nos faz suppor que, se algum europeu aqui trabalhou, toda a sua obra, toda a sua influencia se extinguiu. É certo, comtudo, que num rapido exame se reconhecem as boas condições naturaes da região para uma promettedora empresa extractiva.

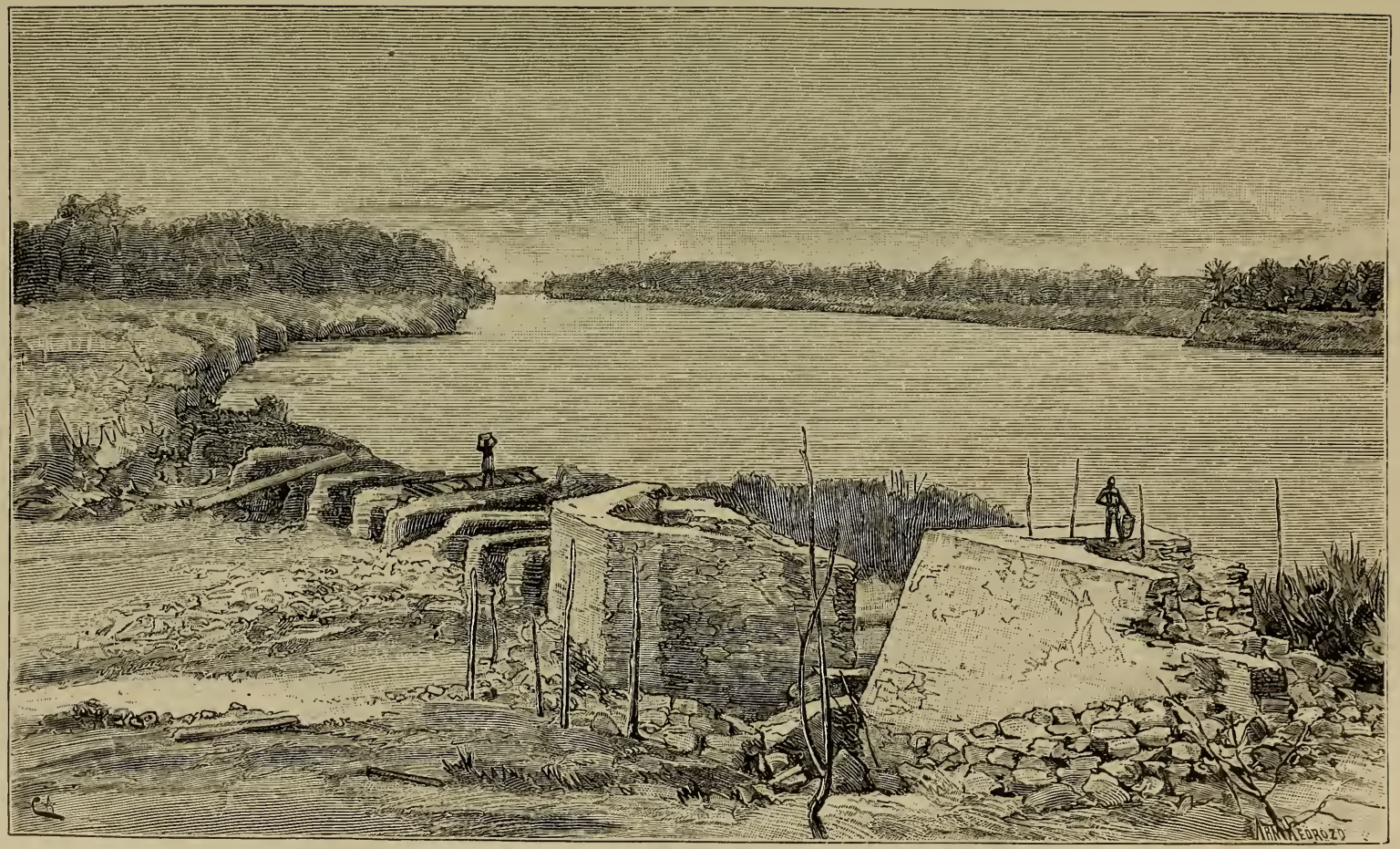
Como centro agricola e como ponto estrategico a villa de Massangano pode offerecer as mais largas vantagens e prestar os melhores serviços, se a quizermos aproveitar.

Não se deve esquecer, porém, que o seu terreno é palustre e que a natureza tropical domina ali como soberana.

Assim cogitando, encostados á amurada do vapor, iamos vendo desapparecer á nossa vista a bandeira portugueza, que lá estava tremulando acima das ameias da fortaleza.

---

[1] Á confluencia de dois rios chamam os indigenas *massangano (masaǧano);* é portanto d'aqui que veiu o nome que démos ao concelho.



PONTE EM MASSANGANO

NO DONDO

epocha era das peores para navegar a vapor no Cuanza, porque o rio levava poucas aguas e estavamos arriscados a não aportar ao Dondo. Os encalhes que se repetiam e os receios de outros fizeram atrasar o andamento do barco, e por isso a custo se conseguiu chegar áquelle porto no dia 15, depois de já estar de todo cerrada a noite, quando com melhor tempo ter-se-ia fundeado no dia 12.

Na madrugada de 16, o representante da firma Bensaude & C.ª veiu a bordo buscar-nos para sua casa; e para os seus esplendidos armazens foram conduzidas as cargas sob a vigilancia dos contractados.

A Expedição aproveita o ensejo para declarar que encontrou sempre o mais franco auxilio nesta casa, quer em Lisboa, quer em Loanda e no Dondo. Pelas recommendações do Sr. Abraham Bensaude foi tratada de uma forma que nunca poderemos esquecer, não só nos casos em que foi preciso recorrer ao seu credito, mas ainda quando ella se utilisou da sua rasgada hospitalidade.

A Expedição tratou logo de aproveitar o tempo em relacionar tudo que existia, e reduzir os volumes ás proporções convenientes para poderem ser transportados pelos carregadores; e, ao mesmo tempo, ia fazendo distribuição de armamento, correame, munições, instrumentos, utensilios, e arejando as boas roupas que levava para presentes.

No emtanto, fazia-se ahi acquisição de contaria, missangas, sal e outros artigos, julgados indispensaveis para quem viaja entre o gentio.

Havia-nos encarregado o sr. Eduardo Augusto dos Santos, negociante da cidade do Porto, de tornarmos conhecido o seu vinho confiando-nos, doze caixas, para ensaio. A um acreditado negociante nesta villa o entregámos para tal fim pelo preço da factura.

É certo que saindo elle á razão de 400 réis cada garrafa, pouco mais ou menos, se vendeu na mesma noite a razão de 1$000 réis, e quem o provava achava-o excellente, afiançando-nos alguns negociantes que d'elle mandariam vir maior porção.

Era mais um encargo do commercio do Porto de que nos desobrigavamos, e segundo nos pareceu com bons auspicios.

Não nos podia passar indifferente o movimento commercial do Dondo e por isso lhe prestavamos toda a nossa attenção.

Estava animado o commercio, com respeito ás boas colheitas de café de Cazengo, muito do qual tinha estado armazenado nas fazendas dois e tres annos, e aproveitava-se a affluencia de carregadores que apparecia nesta quadra, sendo convenientissimo manter-se até onde fosse possivel essa affluencia. Não podiamos, pois, esperar o retorno d'estes para nos internarmos.

Mas como a corrente principal era para Cazengo, e ao commercio convinha aproveitar os retornos para ali, cedeu-nos as suas comitivas para não voltarem sem cargas; e, logo que d'isto nos inteirámos, telegraphámos para o nosso antigo amigo e camarada, o chefe de Cazengo em Caculo, actualmente Major em Loanda, commandante de um dos corpos de caçadores,

PORTO DO DONDO

Lourenço Justiniano Padrel, perguntando-lhe se seria possivel angariar ali carregadores para Malanje, e elle immediatamente nos deu uma resposta favoravel e offereceu-nos hospitalidade em sua casa.

Facil foi encontrarmos um negociante que se encarregasse de enviar todas as cargas para Cazengo.

A este tempo appareceu-nos uma comitiva de trinta e um carregadores, gente do Lombe, que devia regressar a Malanje sem fretes, e por isso os contractámos para o pessoal, bagagens e cargas mais indispensaveis, devendo-nos transportar directamente a Caculo e d'ahi a Ambaca, Pungo Andongo e Malanje.

O seu contracto foi de duas peças de fazenda e 500 réis em cada uma d'estas localidades para rações, contracto que foi feito perante o Administrador do concelho.

Devidamente armados os nossos contractados, como os leitores vêem na gravura que apresentâmos, e prompto para marchar o pessoal superior, fixou-se o dia 21 de madrugada para a partida.

Passavamos pela primeira vez no Dondo, mas não nos era estranha a historia da sua fundação, e as condições do seu desenvolvimento commercial, e por isso diremos agora algumas palavras a respeito da localidade, reservando-nos para no regresso a examinarmos mais detidamente.

A villa do Dondo situada na margem direita do Cuanza entre 9° 4′ de lat. S. do equador e 14°, 31′, 36″ E. de Greenwich, numa altitude de $93^{m},7$ é limitada pelos rios Cuanza, Mucozo e riacho Capacala. Tem contra si o estar assente numa depressão insalubre, abafada pelas serras que lhe impedem a necessaria ventilação, e principalmente pelos elevados morros, que a limitam a leste; é porém um emporio do commercio do interior, e se muitas victimas de abnegação e de trabalho jazem no seu formoso cemiterio, é certo que alguns mais felizes nella fizeram as suas fortunas.

A questão principal para quem tem de ali viver é manter um bom regimen, melhorando-se tambem as condições sanitarias da povoação; e a estas de ha muito que se está atten-

dendo, devido aos esforços do habil facultativo Luiz Fernando Collaço, que todos aqui reputam como benemerito.

É tão importante o numero de casas commerciaes, que hoje aqui existe, que as antigas filiaes do commercio de Loanda teem retirado. Se bem nos recorda, actualmente continuam apenas a casa ingleza e duas portuguezas.

As actuaes casas commerciaes fornecem-se directamente da metropole, sendo certo que os seus generos, apesar das despesas com que relativamente estão onerados, se vendem ao publico por preços muito mais razoaveis, e ha, por isso, toda a vantagem para o commercio do sertão em fornecer-se d'esta praça, de preferencia á de Loanda.

A povoação do Dondo é um mixto de gente, vinda de diversos pontos da provincia, e de fora d'ella, que teem constituido senzalas nas proximidades da villa, seguindo a affluencia do commercio, uns na idéa de participarem d'essa affluencia pelo trabalho, e outros unicamente com o fim de se approximarem das estradas que conduzem para o interior, e de se locupletarem pelos roubos que com qualquer pretexto possam fazer.

Além do europeu de differentes proveniencias portuguezas, de mais ou menos longa residencia aqui e por isso mesmo mais ou menos pallido e enfezado pela acção morbida do clima, encontra-se o africano com todos os tons da côr negra, desde o preto retinto até ao menos carregado, e ainda os mestiços até ao pardo mais claro. A acção deleteria do clima tem influencia igualmente em todos e até nos proprios indigenas, porque as vidas são de curta duração, e as creanças dão um contingente importante para a mortalidade, podendo calcular-se em 60 por cento!

Este facto registámos nós em diversos pontos da região que atravessámos.

Mas como não ha de ser assim?

A alimentação das mães é o mais parca que é possivel, comendo sómente em dias successivos *infunde,* que embebem em agua fervida com sal, pimentinhas, ou com um pouco de azeite de palma e folhas de plantas esculentas, se as teem; chegam

UMA RUA NA VILLA DO DONDO

mesmo a passar dias, chuchando apenas pedaços de canna saccharina, comendo jinguba crua ou mandioca fervida em agua e sal, ou uma maçaroca de milho assada!

São dias de festa aquelles em que alcançam um bocado de peixe sêco, de carne podre, ou mesmo lagartas das arvores!

E, com tão escassa alimentação, ellas ahi vão para o serviço das lavras ou de transportes, ou de cortes de lenha, (tendo este de ser diario, embora se hajam empregado naquelles), com as creanças escarranchadas na cintura, seguras por uma tira de panno que amarram á frente, expostas ao sol, andando-lhes a cabeça num vaevem continuado.

O leite da mãe resente-se de tudo isto. É uma aguadilha, sem qualidades nutritivas e em tão pequena quantidade as mais das vezes, que ella tem necessidade de o supprir suffocando a creança, de quando em quando, com bolas de *infunde!*

Se juntarmos a isso a vivenda, essa palhoça immunda que geralmente construem, se não á beira de rios ou riachos, junto a poças de agua fetida, de que bebem, não é para estranhar que os que escapam na infancia com muita difficuldade possam exceder os quarenta annos, e que nelles predomine a indolencia, que é um predicado do indigena africano, porque a creança até quatro e cinco annos dorme no solo junto á fogueira, passando d'ahi para as costas da mãe; e a sua alimentação, durante esse tempo, é insufficientissima e sempre a mesma.

Em todo o nosso percurso notámos que apenas se destacam d'esta educação primitiva as mães que servem desde creanças algum europeu, ou serviram em outro tempo como escravas.

Quando tratarmos dos usos e costumes dos povos com quem convivemos no interior, encontraremos tudo quanto se nota entre esta mistura de povos que rodeia o Dondo, e que o contacto durante grande numero de annos com uma população europea já importante não tem sido sufficiente para modificar.

O augmento da população indigena no Dondo é devido, portanto, ás correntes de immigrantes que para aqui veem e não á sua propagação, e são estas correntes que nos trazem diale-

ctos diversos que mais difficultam a lingua, que se denomina *ambunda,* e que depois soffre alterações devidas ao contacto com os europeus.

Predomina, é verdade, o dialecto mais do interior, e é indubitavel que a sua grammatica tem soffrido pequenas modificações.

São os vocabulos novos, que de lá veem, que vão fazendo esquecer os de antigo uso, e por isso ninguem como os portuguezes, que teem residido em Angola, poderá hoje fazer um estudo comparativo da lingua ambunda, que se fallava nos seculos XVII e XVIII, com a actual, de onde concluiremos que a lingua que se falla no litoral até ao Dondo é já *mixta.*

A facilidade, com que o indigena africano — a que propriamente chamâmos gentio — muda de uma para outra localidade, tem por causas principaes a falta de culturas que o prendam á terra e o desconhecimento de todos os deveres sociaes. Estas mudanças, se por um lado augmentam a população de uma determinada localidade, tambem lhes dão decrescimos em outras, e por isso os recenseamentos no sertão só se podem fazer com alguma probabilidade na população das sédes dos concelhos.

Ainda assim havia uma população ambulante, principalmente na villa, devida á epocha de maior affluencia do commercio, que muito altera os algarismos em que se fixam os habitantes, quando podem ser apurados.

Nesta occasião calculou-se haver 4:000 pessoas na séde do concelho; mas pelo que observámos, pareceu-nos muito maior o seu numero. Acreditando, porém, no calculo, e sendo a média da mortalidade por anno, em circumstancias normaes, de 20 por cento, é este um quadro desanimador e que reclama muita attenção tanto no que respeita ao saneamento como ao cumprimento das medidas de hygiene publica.

Para nós a existencia de um foco insalubre, como o Dondo, representa a desigualdade da lucta, que se sustenta em toda a parte entre as influencias morbidas locaes e as condições de resistencia da população.

No empenho de preservar a povoação das influencias miasmaticas, tem-se tornado distincto o honrado Dr. Luiz Collaço, que á pratica de um bom medico reune o poderoso auxilio da Camara Municipal, de que faz parte.

O impulso dado ás obras publicas pela fecunda Expedição de 1877 chegára até aqui, e no seu segundo anno, encontraram que fazer, no primeiro lanço da estrada d'esta villa para Cazengo, mais de 600 trabalhadores indigenas. Por uma economia

DR. LUIZ COLLAÇO

mal entendida foi reduzida a dotação para obras publicas, e tiveram de ser suspensos este e outros melhoramentos em execução.

O Dr. Luiz Collaço, eleito Presidente da Camara, aproveitou a occasião, chamando a si os indigenas já habituados a este serviço, e que se acostumaram a occorrer a necessidades creadas pelo lucro do trabalho voluntario, e, auxiliando-se de dois artistas europeus, emprehendeu melhoramentos de grande importancia para a villa, que é a sua segunda patria.

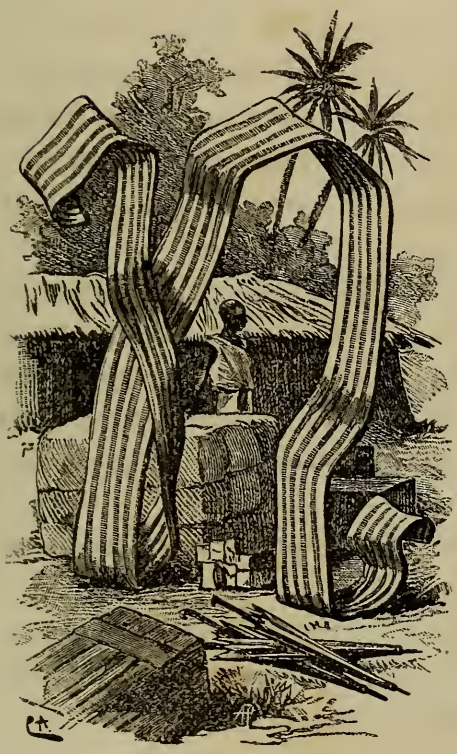
Deixemos o prestante cidadão dedicando-se a estes melhoramentos, de que teremos de fallar mais tarde, e, agora que vamos partir para o interior, aproveitemos a occasião de consignar quanto reconhecida lhe ficou a Expedição pela imponente despedida que lhe preparou.

Enthusiastas todos pelos resultados da nossa missão, oxalá elles encontrem motivos para applaudir os nossos esforços.

Nesta festa, a que assistiram amigos selectos, não podemos deixar de mencionar a presença de um joven mas já acreditado negociante, o Sr. Marcus Zagury, socio da firma Lara & C.ª, que nos offereceu hospitalidade na casa da mesma firma em Pungo Andongo.

TREPADEIRA

VIAGEM PARA CAZENGO



ova ordem de cuidados e de responsabilidades se nos apresentava agora; e por isso não admira que, ainda de noite já a Expedição estivesse em movimento, dispondo-se tudo de modo a poder-se encontrar á mão, e devidamente acondicionado, o que fosse indispensavel durante a viagem.

Rompeu o dia 21 de junho, e antes das seis horas da manhã já as cornetas e tambores estavam no largo da villa dando o signal de marcha.

A caravana das cargas, vae formando, e no emtanto vem chegando o Chefe do concelho, e alguns amigos que nos querem honrar com a sua companhia até fora da villa.

É a hora.

O porta-bandeira lá vae para a frente, e seguem-no os cornetas e tambores que, tocando uma marcha em ordinario, influem tanto no animo dos carregadores, que estes vão levantando as cargas e seguindo, sem que seja preciso dizer-lhes que avancem.

Nós vamos no couce da caravana, rodeados dos amigos que nos acompanham, e despedindo-nos dos que de suas casas saem ao nosso encontro; e assim caminhâmos até á base da montanha, que limita a povoação pelo lado de leste.

Começa, emfim, a nossa marcha para o interior e, por isso, segundo o estylo, iamos carregados, debaixo de um sol ardentissimo, de revólver, faca de mato, carabina, cantil, bolsa, instrumentos e outros objectos indispensaveis!

Temos de subir, e pouco depois de nos despedirmos d'esses amigos a quem deixâmos, acompanhando os enthusiasticos vivas levantados pelo Chefe do concelho á Expedição, principiâmos a conhecer o que são as fadigas de uma marcha em Africa com gente boçal, que não nos entende e para quem é preciso a cada passo ter um lingua que pouco os percebe, e a nós ainda menos.

Após a subida da montanha entra-se num planalto que se estende deante de nós. Dão-lhe o nome de Pambos, e é onde está, para assim dizer, a guarda avançada do commercio da villa do Dondo. É aqui que se reunem as estradas que a ligam com os dois importantes concelhos agricolas, Cazengo e Malanje.

Como iamos para Caculo, séde do primeiro, seguimos para Fúxi.

Passando em Quiringue, vimos parte do pessoal de uma secção de obras publicas, apparelhando madeiras para taboleiros da ponte, construida ainda pela Expedição de 1877.

Alguns degredados europeus que faziam parte d'este pessoal, ou por melhor alimentação, ou pela altitude da região em que vivem, ou ainda pelo trabalho em que estão distrahidos, é certo que apresentavam melhor aspecto do que muitos europeus em Loanda e no Dondo.

Tinhamos andado 34 kilometros, e era já perto de meio dia quando chegámos a Fúxi, uma extensa planura onde se viam, algumas arvores rachiticas, mais ou menos chamuscadas, e hastes de capim queimado, que já pela estrada encontráramos. Eram restos das queimadas que tanto incommodam o

viajante, pois que alem de o enfarruscarem o molestam, principalmente quando anda de rede, porque o capim ressequido chega a feri-lo batendo-lhe na cara e nas mãos.

Estas queimadas, que o gentio faz por toda a parte no tempo chamado do *cacimbo,* são certamente boas pelo que respeita á hygiene, mas tornam-se muito incommodas e mesmo perigosas. São em numero extraordinario, e pode dizer-se que teem a mais larga influencia na vegetação, nos animaes, e no estado da atmosphera!

Não se calcula a extensão enorme d'estas queimadas, que constituem um dos mais singulares caracteristicos da vida selvagem d'estes povos.

Aqui encontrámos a primeira patrulha.

É uma casa de adobe, com cobertura de capim secco, dividida interiormente, tendo um quarto destinado para abrigo dos viajantes e o resto para aquartelar uma guarda de forças móveis da divisão.

Grande recurso é este no interior da provincia quando a casa está em boas condições. Attribue-se esta instituição á iniciativa do conde de Lavradio, ao tempo que creava os regimentos de milicias para destruir as quadrilhas de salteadores que infestavam o paiz.

Esta instituição, melhorada depois, e que nalguns concelhos, como no do Golungo Alto no tempo do Governador Costa e Silva, hoje Visconde de Ovar, chegou a proporcionar bons commodos aos viajantes pelo sertão, tem-se mantido melhor ou peor, pelos esforços dos chefes dos concelhos, e sem despesas para a fazenda.

Queriam os carregadores pernoitar aqui, e foi preciso lembrar-lhes o seu contracto, e que o Chefe do concelho de Cazengo nos esperava naquelle dia.

Contentaram-se, então, com um descanso de duas horas para comerem alguma cousa; e nós, que estavamos com appetite, aproveitámos do descanso para comermos carne assada de vespera e pão que haviamos trazido.

Ao lado da casa dois homens vendiam carne de vacca, em

tiras delgadas de um palmo de comprido, de que fizemos algum fornecimento por uma macuta, 30 réis cada uma, e tambem a troco de feijão.

Examinando a casa por dentro, vimos estirado no solo um europeu esfarrapado, magro, de côr macillenta, com os pés em miseravel estado, cheios de feridas, resultado do mahundo, *Pulex penetrans*. Surprehendeu-nos e confrangeu-nos o seu estado, sobretudo quando nos disse que era soldado do batalhão de caçadores de Ambaca, de onde partíra, havia cinco dias, para recolher ao hospital em Loanda!

A ignorancia, ou antes o modo brutal de extrahir aquelle parasita, e a falta de asseio teem sido causa de que muitos estejam hoje sem dedos nos pés, sendo este desgraçado um triste exemplo de tal desleixo. Desde o dia 16 que estava em marcha e sem recursos alimenticios, e ia colhendo aqui e acolá o que lhe dessem ou o que podia furtar.

São duas horas e meia da tarde. O sol queima, mas é forçoso seguir a ver se conseguimos passar o Lucala ainda de dia.

Alegra-nos ver um caminho largo e direito deante de nós, de bom piso e limpo de capim, e por isso caminhâmos a pé.

Os carregadores vão contentes, porque se animaram com uma porção de aguardente, que se comprou a titulo de matabicho — o unico estimulo, que por emquanto nos dá a conhecer a actividade d'esta gente!

Apesar de ter sido rapida a marcha, só ao sol posto chegámos á margem do Mucozo, e por isso achámos mais prudente não passar este rio de noite. Além d'isso, ao lado da estrada encontrámos, acampadas, comitivas de cargas que chegavam de diversos pontos, e seria arriscar-nos a uma desobediencia querer obrigar a nossa gente a seguir.

É sempre bom evitar desobediencias, principalmente no primeiro dia de jornada; e, depois, diga-se a verdade, tinhamos já andado bastante.

Acampámos á beira da estrada, afastados das outras comitivas, ficando uma grande praça entre nós e a casa dos Móveis, e outras que constituem aqui uma pequena povoação.

TYPOS DO LIBOLO

Chegou a nossa gente ainda a tempo de encontrar nessa praça algumas mulheres feirando garapas, peixe secco, farinhas, jinguba e outros mantimentos, de que fez acquisição para a ceia.

É este um ponto de muita passagem do commercio; e, por isso se justifica a escolha do local, ao pé de um rio, para descanso das caravanas e incentivo áquella feira diaria.

Como não trouxessemos as barracas, porque contavamos dormir naquelle dia em Caculo, mandámos armar as nossas camas junto a duas grandes e frondosas arvores e protegemo-las com os tampos das redes.

Estavamos dispondo as nossas cousas, porque a claridade do dia ia desapparecendo, quando se avizinhou de nós um ambaquista, soldado movel, offerecendo-nos os seus serviços — certamente dar-nos um quarto na patrulha; mas querendo mostrar que sabia portuguez ás direitas, a tudo nos respondia: *pois não! é verdade!* e não houve meio de obtermos outra resposta ás nossas interrogações!

Agradecemos a sua attenção, e tratámos de jantar ao clarão das fogueiras do acampamento. A sopa foi o ultimo prato, porque levou mais tempo a arranjar; o que não foi fora de proposito, porque nos aqueceu o estomago, do que bem precisavamos, e deixou-nos aptos a resistir á cacimba da noite, que era espessa, e através da qual, em redor e a grandes distancias, viamos ainda assim sobre as abas e cumes das serras os enormes clarões das queimadas.

Era a primeira noite que iamos dormir ao ar livre, em logar para nós inteiramente desconhecido, e rodeados de indigenas que nos serviam apenas durante uma marcha, e mais além de um grande numero d'elles que nos eram absolutamente estranhos.

Cada um tratou de embrulhar-se numa manta, deitando-se sobre a sua cama, de carabina ao lado, alumiado pelas fogueiras dos diversos acampamentos, e pouco e pouco se deixou apoderar de somno, sob a impressão estranha e desagradavel da vozearia d'essa gente que o rodeava.

Ao romper da madrugada é a corneta que nos desperta, e num prompto, emquanto se enrolam camas e tudo se dispõe para a marcha, o cozinheiro arranja-nos uma chavena de café que, com a respectiva dose de sulphato de quinina, faz parte dos nossos preservativos nessas longas e fatigantes marchas.

Arrancar os carregadores do conchêgo da fogueira nas madrugadas de maio a agosto é uma lucta, e por isso não é para estranhar que em junho as marchas se principiem ás sete horas e quasi sempre depois, quando o sol já é insupportavel.

O rio Mucozo, que na epocha das grandes chuvas é de corrente bastante caudalosa, seguindo com uma velocidade superior a 10 milhas por hora e interrompendo por vezes a communicação para Massangano e Cazengo, é nesta quadra vadiavel, porque traz pouca agua.

As bordas d'este rio são escarpadas, e cobertas de densas florestas de arvores de grande porte. Parece que a natureza se encarregou de dispor as cousas de modo que as aguas do rio, nas grandes cheias, se não disseminassem e fossem formar largos pantanos, o que está lembrando ao homem que lance mão dos recursos que ella lhe proporciona para estabelecer sobre as suas margens uma ponte de passagem.

Custa a crer que, sendo este o caminho mais importante pela affluencia do commercio para os concelhos agricolas, não se tenha attendido á satisfação de tão impreterivel necessidade, já de ha muitos annos reconhecida.

Provámos da agua, que na occasião era boa, o que de certo não succederá na epocha das chuvas, por causa da quantidade de barro que arrasta na sua corrente.

Effectuámos a passagem mais depressa do que esperavamos, e seguimos para o Lucala.

A descida para este rio é feita tambem á custa do trabalho das aguas pluviaes, as quaes, denudando as encostas alcantiladas, deixaram a descoberto bancadas de rocha, em que se distinguem indicios de minerios de ferro e de cobre; e torna-se difficultoso descer em razão das quebradas e barrancos que vão augmentando de anno para anno.

Mais a sul, sob a direcção do antigo conductor das obras publicas Romano, trabalhava uma secção, preparando o terreno em que se devia lançar a ponte projectada; e esperava-se pelo Governador Ferreira do Amaral para a collocação da primeira pedra[1].

Effectuámos a passagem do rio em uma canoa gentilica, escavação rudimentar feita num bom tronco de mafumeira, trabalho em que tambem se utilisam outras arvores que teem as condições apropriadas.

São uns berços que se desequilibram ao mais pequeno movimento e se voltam com muita facilidade.

Com muita gritaria e trambolhão, e mesmo com alguns sopapos e mergulhos á mistura, se effectuou a passagem sem que, felizmente, se molhassem as cargas, o que de veras receavamos.

Desde que um honrado Governador, José Maria da Ponte e Horta, extinguiu os dizimos para pôr cobro ás extorsões e violencias a que davam azo, o porto foi considerado pertença do soba *Cabouco,* que impropriamente d'elle se apoderou para cobrar tributos de passagem, pondo ao serviço das comitivas e de qualquer viajante as suas canoas.

A Expedição era de Sua Majestade, e por isso este potentado, coronel honorario e cavalleiro da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, não exigiu tributos de passagem; apenas os pilotos da canoa receberam de gratificação o seu mata-bicho.

E não se julgue que por ser em serviço do Estado deixamos de ficar obrigados ao soba, porque é d'esse tributo que

---

[1] De facto, dias depois, com toda a solemnidade, procedeu o Governador Geral á cerimonia, dando á ponte o nome de *Pinheiro Chagas.* Por muitos motivos se tornou esta ponte bem conhecida, ficando a ella vinculados os nomes de todos quantos concorreram para a sua construcção. Quando regressámos já ella estava concluida, e porque seja importante como obra de arte, e pelo serviço que presta á agricultura, do concelho de Cazengo muito principalmente, entendemos opportuno representá-la em gravura.

elle vive com toda a grandeza, tendo já sido computado o seu rendimento annual em 5:000$000 ou 6:000$000 réis, o que mostra a importancia do trafico que por aqui transita.

Perto das dez horas poz-se a Expedição em marcha, passando a serra em direcção a Caculo, onde entrou na melhor ordem.

A região que atravessamos tem já outro aspecto. São montanhas cobertas de grandes florestas e, mais inaccessiveis por causa dos barrocaes e linhas de agua que as cortam. É a região, por excellencia, do café, e onde tambem se dá a canna saccharina. Parece que neste ponto se estabelece a transição d'esta para aquella cultura. Pelos indicios que observamos é de presumir que existam ali jazigos de minerios aproveitaveis.

A contar da villa do Dondo, haviamos feito um percurso de 56 kilometros approximadamente, e, na verdade, é só depois do Lucala que nos impressionam mais notavelmente os numerosos e gigantescos exemplares da flora, que nem nos deixam descobrir a disposição do terreno que sombreiam.

Sobrepujados de fortes e grossas trepadeiras que se cruzam e enlaçam, tornam-se estes macissos silvestres recintos impenetraveis ao homem, e fazem que supponhamos estar numa floresta primitiva, em que se abrigam as feras.

PLANTA DA MARGEM DO LUCALA

CONCELHO DE CAZENGO

ouco passava do meio dia, quando chegámos ao principal largo da villa de Caculo. Ahi nos aguardava o Chefe, Capitão Padrel, que já na vespera tinha ido até á ponte do Lucala, suppondo que ali tivessemos chegado.

Com a actividade que lhe é habitual, deu ordem para as cargas seguirem para os armazens que lhes havia destinado, e logo nos conduziu para o bello alojamento que nos tinha preparado em sua casa.

Feitos os devidos cumprimentos, immediatamente se expediram telegrammas para o Governador Geral em Loanda, participando a chegada aqui da Expedição, e para o Dondo pedindo brevidade na remessa das cargas.

A recepção que nos faz Padrel e sua excellente familia foi, como para todos os compatriotas que aqui veem, inexcedivel; e é por intervenção d'elle que temos de confessar o nosso reconhecimento a todos os funccionarios, agricultores e nego-

ciantes, a quem nos apresentou, assim como lhe devemos o que sabemos com respeito ao concelho de que vamos fallar, e que tanto interesse merece, como região puramente agricola, para a prosperidade da provincia.

As facilidades e boa recepção que em toda a parte tivemos prestaram-nos ensejo de fazermos as investigações de que careciamos para formar um juizo mais seguro sobre as difficuldades que existem para o desenvolvimento da agricultura.

Neste mesmo dia, emquanto se experimentavam carabinas, armas e revólveres, se distribuiam rações, etc., puzeram-se em ordem os diarios da viagem, e receberam-se visitas.

Entre estas, appareceu-nos Vieira Carneiro, negociante sertanejo de Além-Cuango, africano dos seus cincoenta ou mais annos, agora empregado como escripturario de commercio nesta villa, e que se propunha a acompanhar a Expedição, se o Governo lhe garantisse uma pensão para a familia, caso morresse na viagem.

Quando um angolense, conhecedor do sertão para onde vamos, nos fez uma proposta de tal ordem, forçoso é confessar que ficámos desanimados. Ou aquillo por lá é muito insalubre, ou muito nos vamos arriscar no meio do gentio.

Mas, reparando nelle, dissemos depois para os nossos companheiros: talvez o homem receie que pela sua idade já não resista ás fadigas por que terá de passar, e a que resistiu quando mais moço.

Contou-nos elle que a sua ultima viagem fôra em 1874. Levava muito negocio e roubaram-lhe quasi tudo o que trouxera, resultado de uma boa permutação; sendo forçado a enterrar o resto do marfim, antes de chegar ao Cuango, com receio de que os Bângalas lh'o roubassem tambem.

Era este o motivo principal por que se propunha a ir comnosco, embora com pequeno salario. Queria aproveitar a passagem da Expedição no regresso, para á sombra della trazer a sua pequena fortuna.

Disse-nos que numa das suas viagens fôra longe, para além do Cazembe, e descobrira o rio Luengue, o lago Calumbo e al-

gumas salinas, de que o gentio que o acompanhava não tinha conhecimento.

Interrogado, porém, com respeito a Cazembe, fez-nos convencer de que não era do Muata Cazembe que tratava, e sim de um outro proximo do rio Liba, de que nos falla Livingstone, — rio de que tambem os Lundas, com quem convivemos depois, mostraram ignorar a existencia, não obstante fallarem muito do rio Liambéji.

Disse que proximo do tal rio Luengue, que descobriu, se encontra uma região em que ha muito marfim. Será o Caiuco, ou Caiunco, de que nos fallou Livingstone, e a que tambem se referiu o nosso benemerito explorador Serpa Pinto? Será o Samba, que, por má interpretação, Cameron na sua travessia para Benguela denominou Ussamba? Ou finalmente será Canhiuca, dependencia do Muatiânvua, a que os exploradores allemães deram o pomposo titulo de reino?

Foram estas as interrogações que fizemos a Vieira, e a que elle não pôde responder.

Promptificava-se Vieira a encaminhar-nos por onde elle fôra, a Moçambique, segundo os seus calculos em trinta e cinco dias de viagem!

Na verdade, custava-nos a crer nas suas informações, porque seria sua conveniencia, neste caso, sair em Moçambique, e elle mostrava querer ir comnosco para voltar com o negocio que deixára enterrado.

Que se lhe havia de responder?

Só podiamos offerecer-lhe transporte, mesa, barraca e uma mensalidade de 18$000 réis.

Mas, como elle ficasse de nos apresentar umas cartas, que provavam não só a sua probidade, como os serviços que prestára a negociantes portuguezes no interior, nada resolvemos nesse dia.

Vieira era de opinião que a Expedição, dirigindo-se ao Muatiânvua, prestaria um excellente serviço ao commercio da provincia, porque ha annos a esta parte, tanto os Quiôcos como os Bângalas o estão prejudicando grandemente com as

amarrações[1]. E estava persuadido de que a Expedição tinha de luctar com difficuldades por causa dos carregadores da comitiva, mas que convenceria o gentio a receber bem os negociadores e a acabar com os roubos. «O que é preciso, dizia elle, é muita paciencia para o negocio, porque, em geral, todos os povos, do Cuango para lá, são muito desconfiados; e não consentir que os carregadores se mettam com as mulheres d'elles, porque isso dá logar a demandas que levam muitos dias a decidir, levantadas de proposito para obrigar as caravanas a fazerem despesas nos seus sitios, além do que teem a pagar pelo crime.»

Estas advertencias confessâmos hoje que não são para desprezar, e que nunca as olvidámos.

Chegavam as primeiras cargas do Dondo, e fomos com o chefe fazê-las accommodar em casa do negociante Soares Romeu, que se encarregou de as ir enviando para Malanje, com excepção de seis, de que precisavamos para Pungo Andongo, e de outras que nos deviam acompanhar d'aqui para Ambaca.

Impressionava-nos, sempre que saíamos, um constante nevoeiro sobre a povoação, parecendo cortar a certa altura as montanhas que a cercam e impedir-lhe a ventilação, ao passo que grandes e copadas arvores nos limitavam o horizonte.

Estavamos como que debaixo de uma grande pressão, abafados, a respiração tornava-se difficultosa, e tudo e todos apresentavam aspecto triste e acabrunhado.

Disse-nos Padrel que isto é sempre assim emquanto o sol não consegue desfazer o nevoeiro, e que dias ha em que as camadas são tão espessas que o não consegue; e é então que essa tristeza, que notámos, se torna mais sensivel.

A regular pelo que observámos, o sol só apparece á vista do observador depois das nove horas da manhã, não se tornando a ver mais depois das quatro da tarde.

---

[1] Extorsões feitas em todo o sertão aos negociantes pelo gentio.

Deve ser bem desagradavel a vida aqui, onde faltam as mais pequenas distracções!

Padrel aproveitou a occasião, de nos mostrar as obras que estava dirigindo por conta dos rendimentos do concelho e com auxilio dos agricultores. Regularisa-se o largo em frente da residencia, em que estão plantando arvores na devida ordem, e tambem se melhora a praça principal, que está rodeada por casas de commercio. A rua principal, da entrada da villa ao largo da residencia, tambem está merecendo a sua attenção, e uns pequenos aqueductos nas linhas de agua estão sendo cobertos de madeira.

Faz o que pode. Mas o que é isto numa povoação que de tudo carece, e de que já ha quarenta annos se fallava pela fertilidade das terras que a limitam, pela abundancia da borracha e desenvolvimento do seu café silvestre?

Era isto o que pensavamos ao regressar á residencia para jantar, quando Padrel se lembrou de nos convidar a visitarmos algumas fazendas, emquanto não appareciam os carregadores que nos eram indispensaveis. Escusado será dizer que acceitámos de bom grado, porque desejavamos fazer uma idéa do que era a agricultura neste concelho, já tão afamado.

A importancia de Cazengo, escreviamos nós á noite no nosso diario, é devida a umas dezoito propriedades, em que a menor, só em café, tem um rendimento annual superior a 22:000 kilos , e as maiores para cima de 150:000. A *Prototypo* já produziu 225:000 kilos. Nesta e noutra fabrica-se tambem boa aguardente.

Se o caminho de ferro for uma realidade, Cazengo terá um logar proeminente na contribuição para os cofres provinciaes, porque a fertilidade dos seus terrenos, quando devidamente cultivados, a augmentará extraordinariamente.

A vegetação, que se observa é prodigiosissima; as aguas correm em abundancia e são das mais puras que se conhecem.

A canna saccharina e o café, de rapido desenvolvimento, pedem machinas para seu tratamento em substituição de braços humanos, o que já se realisa em duas ou tres proprieda-

des; mas falta o principal factor de todo o progresso — estradas e transportes rapidos.

Lucta-se nestas propriedades, ha annos, com muita coragem, e se alguns agricultores teem sido vencidos, outros teem triumphado na lucta; e todos vão cobrando alento, esperando essa via ferrea tão desejada e cuja influencia já se conhece nos novos emprehendimentos em diversas propriedades, e em alguns melhoramentos publicos em via de execução.

Acabavamos de escrever estas notas, quando os foguetes, que no ar estalavam, nos recordaram que estavamos na noite de S. João. Tambem o popular santo aqui é festejado pelos metropolitanos, que por cá vivem, e que não esqueceram as alegres folias de taes noites nas terras da sua naturalidade.

Aproveitámos esta distracção, que nos apparecia, e fomos dar uma volta pelo largo, onde untadas de petroleo, se queimavam em fogueiras as barricas que serviram a alcatrão, cantando e dançando os indigenas em roda d'ellas.

Estas danças, como todas as que já não teem o cunho da nacionalidade, apesar de animadas pelos que nellas tomam parte, mais ou menos electrisados pela aguardente, são em geral monotonas, e para nós perdem muito no interesse.

Apesar porém da sua monotonia, é certo que, longe das distracções que nos proporcionam os centros civilisados, o nosso espirito se influe com a descompassada gritaria e movimentos desordenados com que são acompanhadas estas danças.

E conversando ora com uns ora com outros, as horas foram decorrendo despercebidamente e recolhemos já tarde, compromettidos a ir almoçar, no dia seguinte, á fazenda Santa Isabel, com o seu digno administrador Carmo Ferreira e o seu commensal Dr. Abel Augusto Correia de Pinho, juiz de direito da comarca..

A distancia da villa a essa bonita propriedade agricola vence-se em duas horas e meia de boa marcha, mas como para lá caminhámos antes de se descobrir o sol, fomos subindo, sem grande fadiga, para o logar em que estão o terreiro, as casas de habitação e os armazens.

FAZENDA PROTOTYPO

Tinhamos tomado chá á moda de Padrel, isto é, carne fria, boas torradas e um bom copo de vinho; podiamos, portanto, esperar pelo almoço, e com todo o vagar fomos fazendo as nossas investigações.

Deixaramos em baixo uma esplendida plantação de optima canna de assucar, para entrarmos logo nas plantações de pés de café que, apesar do seu grande desenvolvimento, são de acanhada apparencia á vista dos colossos vegetaes que os sombreiam.

Ainda não tinhamos chegado ao fim da rampa quando nos appareceu Carmo Ferreira, com o seu costumado bom humor, e disposto a auxiliar as nossas investigações, emquanto se preparavam as chapas para se obterem algumas photographias e o almoço não ia para a mesa.

Esta propriedade pertence hoje a uma sociedade de que faz parte Carmo Ferreira, que ha tres annos aqui permanece, dando-lhe o maior desenvolvimento, como já se observa.

As habitações estão bem dispostas, num plano de antemão preparado e muito arejado, pelo que se nos afigurou dever attribuir-se — assim como aos cuidados de uma alimentação apropriada — a saude que relativamente disfructam os europeus aqui residentes.

É certo, porém, que o nosso horizonte está muito limitado pelo frondoso arvoredo que sobrepuja os arredores do terreiro, embora em rampa, que vão descendo até formarem os valles que se aproveitaram para a plantação da canna.

E de tal modo se entrelaçam os ramos de umas arvores com os de outras, que interceptam a penetração dos raios solares, ou lhes quebram a intensidade.

O solo conserva-se sempre humido, e essa humidade deve ser bastante prejudicial; e as plantações de canna, que na baixa tiram d'ella grande proveito, são outros tantos males que se accumulam contra a salubridade do logar.

Esta impressão desagradavel, que sente quem pela primeira vez visita estas regiões, parece, sobretudo a quem não desconhece o trabalho das roças na ilha de S. Thomé, que pode-

ria deixar de se experimentar fazendo-se um desbaste bem ordenado, quando não uma roçada, deixando ficar apenas as arvores indispensaveis para protegerem os pés do café nos seus primeiros annos.

Diz-se que João Guilherme Pereira Barbosa, que conhecia praticamente a cultura do café no Brasil, chegando a Cazengo em 1837, e vendo desenvolvidos os pés de café silvestre, se propoz a arrotear uma plantação, e, devido aos seus cuidados, tomára ella um tal desenvolvimento, que os indigenas da localidade o imitaram.

As plantações dos indigenas attingiram o numero de duzentas, e ainda hoje se calcula que a sua producção era de 1.500:000 kilogrammas. É possivel que haja algum exaggero nesta informação. Teria sido muito acertado se se tivesse dado toda a protecção aos indigenas, porque, dedicando-se elles ao amanho das suas terras, não ha, por todos os motivos, nas circumstancias actuaes europeus que possam com elles competir.

Os europeus, que se seguiram a Barbosa, depois de 1845, iniciaram com felicidade as suas plantações; porém a baixa do preço do café na Europa, e outras causas, como a falta de braços, difficuldades de transporte, e ainda a carencia da protecção official, de capitaes, e os erros em afastar o pequeno proprietario, foram causas de que este as abandonasse, com quanto a producção não haja diminuido.

Desenganemo-nos: as nossas colonias africanas não poderão desenvolver-se — e não ha outro rumo a seguir emquanto as influencias climatericas forem tão nocivas ao europeu — senão civilisando o indigena pelo trabalho.

A educação do indigena em trabalhos ruraes nas regiões agricolas, transformando-o em pequeno proprietario, é o expediente que conhecemos mais fecundo para se attingir a maxima riqueza agricola de que estas terras são susceptiveis.

Argumenta-se aqui com o facto de que os primeiros indigenas plantadores de café alcançaram em pouco tempo um rendimento razoavel, e que os filhos, em vez de proseguirem

no caminho trilhado por seus paes, se suppuzeram ricos, e se entregaram á indolencia, contraindo emprestimos ruinosos, de que resultou serem espoliados do que tinham.

Este facto não se deu só aqui. Em S. Thomé registam-se factos analogos, e de alguns sabemos nós que se deram com os naturaes!

Mas de quem é a culpa?

Da falta da necessaria educação e das ambições dos que pretenderam espoliá-los.

Enriqueceu-se o aventureiro á custa dos incautos, com o prejuizo das localidades, que definharam, e das populações, que fugiram!

E isto deu-se aqui, quando Barbosa, doze annos depois de começar a sua plantação, dizia: «É injusto quem julgar esta gente incapaz de progresso na civilisação e na industria».

Nesse tempo já as plantações de café tinham grande desenvolvimento, e faziam-se ali tambem tecidos de algodão, e fabricava-se o ferro para negocio com o gentio da Quissama em troca de sal, e com o de leste em troca de cera.

Se a administração publica tivesse intervindo na educação d'este povo, que tendia a civilisar-se, se fossem aproveitadas as lições praticas de Pereira Barbosa e aqui fosse creada uma escola de agricultura, que com o tempo teria muito desenvolvimento, de certo não tinhamos hoje a lamentar que esta região, tão fertil, tivesse passado por um periodo de retrocesso.

Vieram e aqui se estabeleceram alguns europeus ignorando o que era a agricultura africana, inteiramente diversa da que se estuda em Portugal. Desconhecendo todos os perigos que os rodeavam e contra os quaes se não teem tomado as devidas providencias; prescindindo do seu bem estar; supportando toda a casta de sacrificios; abnegando da sua propria vida pelo amor á causa a que se dedicaram e de que só pensavam obter immediatos fructos, esqueciam que na vespera, a seu lado, sucumbiam um e outro patricio, victimas sempre das illusões em que se embalavam!

E, cousa singular, os agricultores vão morrendo, dizendo

sempre os que ficam que o clima da terra é benigno, e confiados em que na colheita seguinte ficarão mais desaffrontados, e com mais duas terão uma fortuna que lhes permitta ir gozar nas terras da sua naturalidade o fructo de tanto sacrificio!

E quem protege estes heroes do trabalho?

Onde estão as escolas que lhes ministrem conhecimentos de agricultura nos paizes tropicaes, e as indispensaveis regras para nelles viverem?

Onde hão de procurar os livros de vulgarisação que lhes sirvam ao menos de gúia nessas empresas a que se aventuram?

Como se illudem! E como illudem os seus parentes e amigos na metropole!

Foi Alberto da Fonseca, esse enthusiasta pela riqueza agricola de Cazengo, essa victima da sua dedicação, e que succumbiu na lucta pelo trabalho, que sem o pensar talvez, insistindo pela construcção do caminho de ferro de Ambaca, fez conhecer Cazengo como uma das regiões mais insalubres a leste de Loanda; região, repetimos, que requer desde já medidas sanitarias de grande alcance para se aproveitarem os recursos que a natureza lhe prodigalisou.

Até então, se houve no concelho um delegado do serviço de saude, foi apenas de passagem; e os agricultores, negociantes e funccionarios do Estado, apenas para consultas medicas tinham o inseparavel *Chernoviz,* que para alguns é um flagello, pois imaginam soffrer de todas as doenças que nelle se apontam.

Mas se os estudos do caminho de ferro de Ambaca nos fornecem argumentos e documentos importantes da situação de Cazengo, com respeito a insalubridade; se está reconhecido que a exhuberancia da vegetação é a causa primordial da malignidade do clima; se é certo que a construcção do caminho de ferro se vae fazer e ha de servir esta região; como é que seis annos depois d'aquelles estudos ainda encontrâmos este concelho no abandono já condemnado?!

Ha effectivamente uma grande falta de propaganda, e, o que é mais, de propaganda official que anime a iniciativa particular a constituir empresas!

Para nós, acceitâmos como principio que grandes empresas europeas hão de crear pequenos proprietarios indigenas, e que só assim se transformarão as regiões agricolas — hoje focos de infecção — em logares apraziveis pela modificação do clima.

Será crivel que, tentando o Governo uma arrojada empresa para facilitar os transportes de productos de Cazengo, esqueça ainda por mais tempo as providencias de que carece esse nucleo de colonia europea, que vae sendo dizimado.

Se esses agricultores, que, na verdade, são os nossos benemeritos exploradores coloniaes, os deanteiros da civilisação que se hão disseminado pelos sertões das nossas provincias africanas, não merecem essa attenção dos poderes publicos; deixarão estes então sacrificar os seus funccionarios, quando não a uma morte certa, a um estado sempre precario de saude?

Não o acreditâmos.

Um dos grandes defeitos da nossa vida colonial tem sido a nossa disposição para acceitarmos como verdadeiro o principio — que as colonias são terras em que qualquer que para lá vá encontra sempre melhor aproveitadas as suas forças do que nas terras da sua naturalidade.

Um mau filho vae para as colonias; o que não tem habilitações para se empregar na metropole vae para as colonias; emfim, tudo o que não é bom manda-se para as colonias! Basta uma carta de recommendação e o seu futuro está feito!

E estes erros de tal modo se arraigaram, que se patenteiam dias depois de entrarmos em qualquer das nossas possessões! Illudimo-nos quando suppomos que de tudo entendemos, que de tudo podemos fallar, que tudo podemos fazer sempre, com melhores resultados do que os obtidos pelos que nos antecederam, e assim esquecemos que nas nossas terras nem mesmo prestámos a devida attenção ao que pretendiam ensinar-nos!

Mas se estes defeitos, devidos a uma falta de orientação segura sobre as nossas colonias, teem passado despercebidos, porque alguns individuos foram felizes, é certo que teem sido um mal para o desenvolvimento d'ellas. E este mal torna-se tanto

mais grave por ser implicitamente auctorisado pelo systema que ainda hoje se segue na sua administração.

Assim nomeiam-se para os differentes cargos do funccionalismo individuos que só tiveram conhecimento da existencia de taes cargos pela sua nomeação!

Um primeiro sargento, que pode ter sido um bom official inferior no exercito, pelo facto da sua promoção a official subalterno para o ultramar, está hoje apto para dirigir todos os

PARTIDA DA EXPEDIÇÃO PARA AMBACA

cargos da administração publica, o caso é que lhe convenha acceitar a vida attribulada do sertão com todas as suas consequencias! Mas a accumulação de funcções vae muito mais longe. Entrega-se á sua responsabilidade uma ambulancia de medicamentos, e ha de tornar-se tambem medico e pharmaceutico!

E digamos de passagem, que conhecemos alguns chefes, certamente intelligencias privilegiadas, que lá se arranjam com as drogas e as teem applicado ás vezes com tal felicidade, que debellaram doenças consideradas de gravidade.

Mas isto ainda não é tudo. Recentemente o chefe, só por ser chefe, é um sabio!!

Elle, que tem um expediente que não lhe permitte sair da residencia official, tem de conhecer os limites do seu concelho, e nestes as nascentes dos rios e o curso que seguem, as montanhas, serras, cordilheiras, a sua geologia e mineralogia, a meteorologia e climatologia, as doenças predominantes, a fauna e flora, a população, usos e costumes das diversas tribus que a compõem, as producções, industrias e commercio, e tudo isto como se fosse a cousa mais simples do mundo!

Não exaggerâmos, e o documento em que se interrogam os chefes dos concelhos sobre todos estes assumptos acha-se publicado num dos numeros do *Boletim official da provincia,* fim do anno de 1887, e é sobre as suas respostas que se pretende fazer a nova carta geographica!

De que teem servido então os pareceres dos homens technicos que teem visitado em differentes epochas os concelhos da provincia?

Com respeito á agricultura crearam-se logares de agronomos, é verdade, mas onde praticaram?

Se o pensamento é ir implantar ali as nossas culturas de Portugal, commettemos um grande erro!

Em tempo, ouvimos que era conveniente fazerem-se em S. Thomé, antes de tudo, viveiros de café, quando junto a cada pé ha um viveiro natural! E já houve quem se lembrasse de destruir, em Malanje, o salalé pela dynamite!

É tempo de pensarmos a serio nas nossas colonias.

Que se crie uma corporação de agronomos coloniaes no nosso paiz, mas que vão dois ou tres annos para a America ver o que lá se passa, com respeito ás culturas proprias—café, cacau, canna, algodão, tabaco, etc.; que sejam depois distribuidos esses funccionarios pelas diversas regiões agricolas das nossas provincias, onde devem estabelecer-se quintas modelos, em que aprendam os indigenas, ao mesmo tempo que sirvam de exemplares aos europeus que se querem dedicar á agricultura; e, finalmente, que ao lado do agronomo se colloque o engenheiro

mechanico, o medico e o pharmaceutico; e assim já teremos alguma cousa que preste em beneficio da agricultura.

As despesas que se fizessem com estes funccionarios, eram bem pagas pelo desenvolvimento da producção.

Estamos convencidos de que tanto o governo da metropole como o provincial continuam ainda suppondo benigno o clima d'este concelho, e que os portuguezes que dirigem essas dezoito fazendas, que constituem a parte mais importante da agricultura de Cazengo, vivem na abundancia e com todas as commodidades e só precisam de um caminho de ferro, que a seu tempo lá chegará.

A não ser assim, já aqui teriam enviado uma missão de individuos competentemente habilitada com conhecimentos praticos das regiões tropicaes, que devidamente os elucidassem sobre as providencias necessarias para se não desacreditar esta região a ponto de ficar despovoada.

Sobre o que vimos e ouvimos, foram estas em resumo as considerações a que fomos levados; e que se nos desculpe a franqueza com que as expomos, porque, acima de tudo, a verdade é para nós um dever dizer-se, quando, em consequencia da nossa missão, nos dirigimos ao Governo e ao paiz, para que se remedeiem os males que apontâmos.

Fixára-se a nossa partida para 25, ás onze horas da manhã, por isso que iamos jantar e pernoitar na fazenda *Prototypo* a convite do seu administrador.

Tudo estava preparado para este fim, e logo na madrugada d'esse dia se fez partir a caravana das cargas; e nós, depois de almoçarmos com Padrel, seguimos com elle.

E, mais uma vez ainda, temos de consignar quanto iamos penhorados pela affabilidade e demonstrações de sympathia de que foi alvo a Expedição, tanto da parte do Chefe do concelho e sua familia, como de todas as pessoas com quem mantivemos relações.

Não citamos nomes, nem fazemos referencias especiaes, porque podemos deixar de memorar algum, e todos tiveram igual jus ao nosso reconhecimento.

VIAGEM PARA AMBACA

Tinhamos andado 10 kilometros e chegámos ao rio Quissecula, onde parámos para ver a bella ponte em construcção, dirigida por Padrel, sob a fiscalisação de F. Lopes da Costa e Silva, commandante da divisão de Moveis, que perto d'ali tem a sua patrulha.

As obras de alvenaria estavam completas, e feitas com muita solidez; faltava apenas o taboleiro, cujas madeiras, já apparelhadas, foram offerecidas pelo administrador da *Prototypo,* J. Augusto da Silva.

Esta ponte devia ser posta brevemente á disposição do publico, e esperava-se a vinda do Governador Ferreira do Amaral para se fazer a inauguração.

É obra de reconhecida utilidade para o transito de cargas, cuja affluencia por aqui é muita, e deve-se á dedicação do Chefe e bom auxilio dos fazendeiros.

E é geralmente assim! Fora das vistas das auctoridades principaes das nossas colonias, os melhoramentos publicos que existem são resultado da iniciativa particular. Referindo-nos especialmente a Angola, o que se encontra bom pelo interior deve-se á dedicação dos chefes de concelhos, mas com o auxilio dos agricultores e negociantes.

Quanto não custam, porém, esses melhoramentos?!

Só a muita necessidade d'estes pode fazer esquecer aos que mais contribuem para os melhoramentos que se fazem nas capitaes o onus que acarretam á agricultura e ao commercio.

Houve já um governo, que se lembrou ser indispensavel acudir de prompto ás necessidades da producção e do commercio das nossas possessões em Africa, e tentou emprehender, em larga escala, as obras publicas no ultramar; mas, infelizmente, o seu pensamento foi mal apreciado, e uma economia mal entendida fez com que se interrompessem muitos trabalhos já em via de execução, e outros devidamente estudados para serem iniciados na primeira opportunidade, e este concelho, que era contemplado, mais uma vez ficou esquecido!

Que os que se preoccuparam com as despesas em estudos reconheçam o seu erro, e vamos nós proseguindo na nossa tarefa.

Esta ponte marca, por assim dizer, a entrada, por este lado, na fazenda *Prototypo,* para onde nos dirigimos. Esta fazenda pertence á viuva e filhos de Albino José Soares—outro martyr da sua dedicação pela agricultura, que elle fez desenvolver, sendo esta a propriedade mais importante do concelho.

Seguimos subindo suavemente pela já afamada *Rua das Palmeiras,* que se póde dizer é uma boa estrada de serventia publica com mais de 5 kilometros de extensão, tendo uns 20 metros de largo, orlada de altas palmeiras symetricamente dispostas.

Percorremos os dois primeiros kilometros, admirando a affluencia de carregadores, em numero de quatrocentos, sendo grande a actividade no serviço dos armazens.

O administrador, a quem já nos referimos, esperava-nos, e mostrava-se satisfeito com a nossa chegada, pois é sempre motivo de satisfação, para quem vive tão longe da patria e tão isolado de distracções, encontrar com quem fallar e quem mostre interesse por estas terras. É mesmo um pretexto para se descansar do aturado trabalho quotidiano.

Encontrámo-lo muito satisfeito por ter conseguido, durante o mez, enviar para o Dondo grande quantidade de café, ainda restos das colheitas de 1880 e 1881, que até agora estavam armazenados por falta de carregadores.

Os pilões, nesta fazenda, são movidos por uma machina a vapor da força de cinco cavallos; esta porém carecia agora de alguns reparos, que o administrador esperava poderem ser feitos pelo engenheiro Sarmento nas officinas em Loanda.

Até agora, quatro horas da tarde, a machina, ainda assim, limpára e lustrára desde a manhã trinta e uma saccas de café de setenta e cinco kilos cada uma.

Quantos braços não se poupam neste serviço, e com que rapidez elle se faz?

Visitámos os armazens, e muito é o café nelles arrecadado, mais do dobro do que tem saido nesta quadra!

J. Augusto da Silva veiu da metropole para esta provincia em 1851, e vive nesta fazenda ha dez annos! Na verdade está bem conservado, revelando assim a sua boa organisação para resistir á influencia do clima de Cazengo.

Vimos o lago artificial para creação de peixes; e provámos das magnificas uvas, tão afamadas no concelho e seus arredores.

Toda a fazenda é cortada por largas ruas, e entre ellas sobresaem os enormes cantões de arvores de café dispostas em quincunce, o que permitte á arvore maior desenvolvimento, e torna mais facil a limpeza entre ellas, quando, como aqui, as parallelas estão distanciadas dois metros.

Ainda ha densas florestas de boas e ricas madeiras por explorar nestas encostas dos quadrantes do norte, o que não admira, porque esta propriedade, ainda hoje conhecida pelos indigenas com o nome de *Cabonda,* é nova. Foi principiada por Albino Soares, em 1855, e não foi só para o café que elle a trabalhou. A cultura do algodão mereceu-lhe tambem muito interesse, chegando a remetter para a metropole 2:500 kilogrammas, de que obteve bom resultado.

Albino, que não fôra estabelecer-se ali como aventureiro, mas sim como colono, estava fazendo uma propriedade para seus filhos, e com esse fito não attendia só ao presente.

Procurava o bem estar dos seus trabalhadores; estabelecera-lhes senzalas em logares apropriados, acasalava-os, dava-lhes terrenos para cultivo proprio, e proporcionava-lhes distracções, chegando mesmo a organisar uma banda de musica, cujas despesas com instrumentos e professores corriam por sua conta.

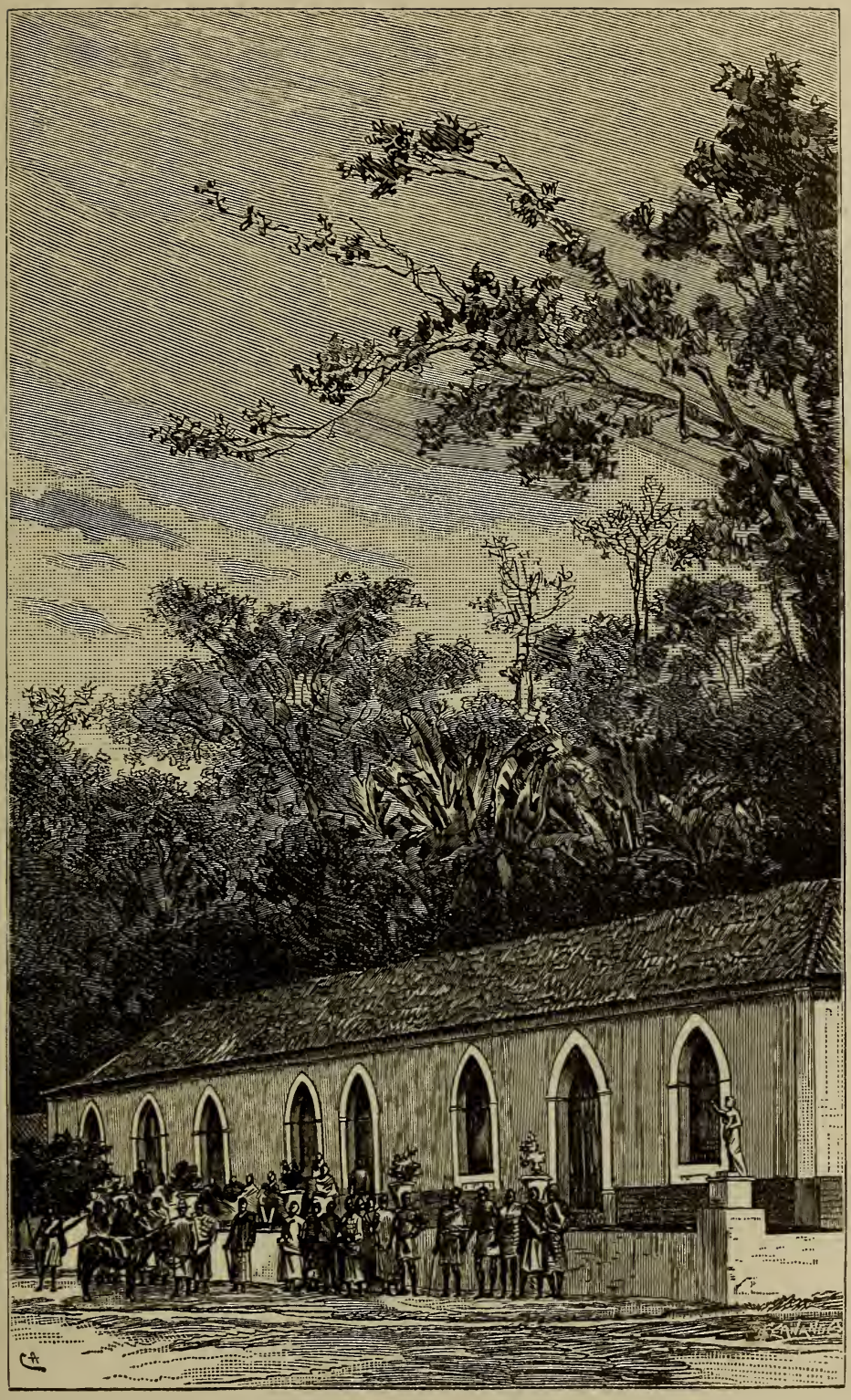
Chegou mesmo a ter agentes no interior do continente para resgatar individuos de ambos os sexos, proporcionando a estes vantagens e concessões, que os libertavam do estado de escravidão a que estavam sujeitos.

Para toda a parte para onde nos voltâmos, se encontram signaes de que a civilisação aqui não tem sido uma palavra vã, e tem encontrado proselytos.

É esta uma fazenda agricola modelo, e lastimâmos que o seu iniciador succumbisse na epocha em que ella florescia, e podia ser incentivo para que outros o imitassem.

Chamados para a mesa do jantar, á sua vista ficámos surprehendidos.

Não estavamos em Cazengo, estavamos na casa do mais rico lavrador da melhor das nossas provincias de Portugal! Foi o que se nos afigurou, para em seguida exclamarmos: — não é



FAZENDA SANTA IZABEL

para estranhar que, com taes condições de alimentação, de commodidades de casa, e boa disposição e exposição da fazenda, se resista ás influencias do clima!

Mas quantas victimas não houve para se poder aqui viver hoje em taes condições!

E o que agora nos está causando admiração é mais um argumento em abono do que dissemos com respeito ás necessidades da agricultura do concelho em geral.

Entrámos nos aposentos que nos eram destinados, e, ainda aqui, tivemos que admirar a grandeza com que foram mobilados. Com quantas difficuldades não teve que luctar Albino Soares para fazer transportar estas mobilias de Lisboa até aqui!

E foi pensando nisto que adormecemos!

Rompeu o dia; e depois de tomarmos o genuino café, fizemos seguir as cargas para Caringa, limite do concelho com o de Ambaca, e fomos admirar os bellos productos da horta que fica proxima da residencia.

Silva presenteou-nos com um bonito boi preto, ainda novo, mas que já dava cavallaria, e com um garrafão de azeite de palma purificado.

Para recordação tiraram-se algumas photographias da notavel vivenda em que estivemos hospedados.

São horas de partir, e seguimos por essa bella estrada orlada de palmeiras, deixando á nossa direita as senzalas Quilombo e Principe.

Silva e outros acompanharam-nos até ao fim da estrada extrema da fazenda, que são mais uns 4 kilometros, e dirigimonos para casa do negociante Luiz Antonio Pereira em Andalatando, onde Padrel havia mandado preparar hospedagem para ali dormirmos.

Aqui chegámos já perto do sol posto, depois de um percurso de mais 7 kilometros.

Encontrámos em Andalatando uma pequena colonia de negociantes, que confessam terem obtido este anno bons lucros, porque o indigena lhes traz muito café para comprarem, e não lhes faltam carregadores para o levarem ao Dondo.

Todos estão muito animados, porque se está construindo a ponte sobre o Lucala. O que será quando se principiar a construir o caminho de ferro?

E são estas esperanças que vão dando alento aos europeus com quem temos conversado neste concelho!

Se, a par dos melhoramentos materiaes de reconhecida utilidade, se forem adoptando medidas sanitarias essencialmente praticas, os resultados serão muito mais proficuos, não só para os europeus como para os indigenas e por conseguinte para esta productiva região.

Aqui, onde a corrupção atmospherica é principalmente devida á infecção tellurica, só a cultura do solo, o desbravamento das florestas, e o desvio conveniente das aguas, poderão a pouco e pouco melhorar as condições de salubridade.

E isto conseguir-se-ha com o tempo, como já dissemos, creando uma escola agricola, aproveitando as boas disposições do indigena d'este concelho para a agricultura, e procedendo ao desbravamento das florestas, a começar de baixo para cima, sobre essas abas de serra onde a exposição seja melhor em relação aos ventos predominantes e ao sol, para o desenvolvimento do café e cacau. Assim se crearão pequenas propriedades, que com o tempo se desenvolverão até á maior altura; e é certo que a salubridade da localidade ha de logo augmentar consideravelmente, porque os pequenos proprietarios se irão encarregando de outros melhoramentos ao seu alcance, que hoje lhes não occorrem por falta de incentivo e não porque os não apreciem.

Isto que já foi ensaiado e que, por desmedidas ambições, não fecundou nem se desenvolveu, é o que ha a fazer com respeito a Cazengo.

Apesar de ser já bastante tarde, ainda antes de jantar fomos visitar uma olaria em que se fabrica, por processos rudimentares, boa telha, que dizem ter consumo nos concelhos proximos.

É esta uma industria que era da maxima conveniencia que se desenvolvesse, porquanto, nestes concelhos sertanejos, as coberturas das casas dos europeus e até mesmo as de resi-

dencias officiaes, ainda são em geral feitas ao uso primitivo, como a choupana do gentio—de capim secco, o que é um perigo, sobre tudo na epocha das queimadas!

Ora, onde não faltam os recursos indispensaveis, como boas madeiras e barros, isto só mostra da nossa parte uma grande incuria, e faz crer que o progresso e a civilisação nos teem sido indifferentes. E é por este indifferentismo que somos mal considerados pelos estrangeiros.

José Antonio Pereira, Commandante da primeira companhia de Móveis do concelho, encarregado da casa de negocio de Luiz Antonio Pereira, onde fomos hospedados, informou-nos de que esta casa tem mantido ha dois mezes, em constante movimento para o Dondo, cento e cincoenta carregadores em transporte de cargas de commercio—o que não succedia ha muitos annos.

Se o café nos mercados da Europa subir de preço e se mantiver por algum tempo, de certo que os agricultores e negociantes sertanejos se libertarão de uma grande parte do onus com que teem luctado nos ultimos annos.

O Chefe Padrel ainda nos quiz acompanhar até Caringa, limite do seu concelho com o de Ambaca, e fez expedir um escoteiro ao Coronel Victor, como este lhe pedira, participando a nossa entrada no dia seguinte no concelho que administra muito a contento das povoações ainda de gentios, para quem a vassallagem é ainda incomprehensivel.

Custou-nos a separação de tão bom companheiro e camarada, que pretendia adivinhar o que mais desejassemos para nos ser agradavel, e procurou sempre proporcionar-nos todas as commodidades. Aqui lhe renovâmos os nossos sinceros agradecimentos.

Em Caringa esperavam-nos os carregadores, que fizemos seguir para Caméxi, onde, junto ao rio, descansámos para registarmos algumas informações emquanto nos preparavam o almoço para o qual nos chamaram ás duas horas.

Deviamos ter chegado aqui muito mais cedo; porém, o boi que alguns montaram para experiencia, entreteve-nos pela serie de trambolhões por que os fez passar, e de uma das

vezes escapuliu-se da mão de um dos cavalleiros, e elle ahi foi de batida por entre o capim secco, obrigando-nos a fazer-lhe cerco, e perdendo-se mais de uma hora para o agarrar durante a qual se deram episodios que provocaram a gargalhada.

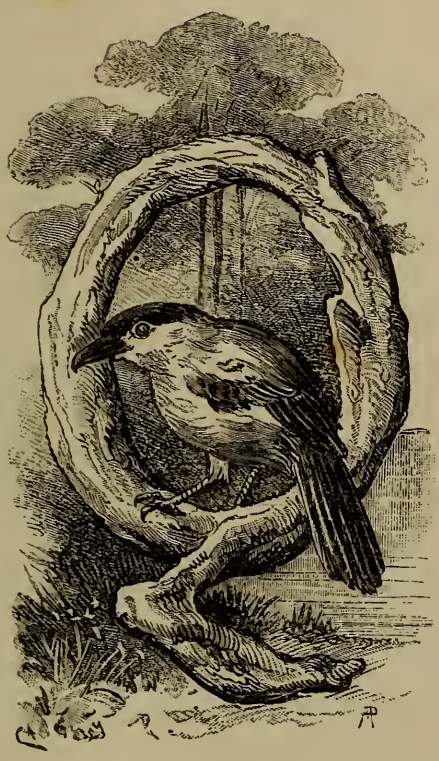
A nossa marcha até aqui foi de 18 kilometros.

Ás tres horas da tarde continuámos a viagem, e pouco depois apresentou-se-nos um soldado, do batalhão do commando do bravo coronel do nosso exercito de Africa occidental, Antonio Geraldo Victor, hoje reformado em general de brigada, com uma guia para ficar ao nosso serviço, e com os bilhetes de visita d'este nosso amigo, offerecendo-nos hospitalidade em sua casa e dos seus officiaes felicitando-nos pela chegada ao concelho.

ICUNGO (*Gyps africanus*)

Peito, pescoço e azas superiores, branco sujo; pernas, cinzento escuro; bico e olhos, negro claro.

CONCELHO DE AMBACA



uando ia a esconder-se o sol no horizonte, chegámos a Pamba, onde está aquartelado o batalhão de caçadores n.º 3, podendo calcular-se o percurso de Caculo até aqui — em 57 kilometros — marcha que bons escoteiros teem feito num dia.

O Commandante e seus officiaes, mal sentiram, ao longe, o toque das cornetas da Expedição, vieram ao nosso encontro.

Tivemos a satisfação de encontrar antigos camaradas e amigos, o que nos alegrou; e, emquanto os carregadores com as cargas se dirigiam para o local que lhes fôra destinado, o Commandante convidava-nos a ir ver o quartel — a obra de maior importancia nos ultimos tempos em Ambaca — começada ha pouco sob a sua direcção, apenas com os recursos materiaes da localidade e com o trabalho das praças do batalhão.

A exposição do quartel é boa, e o seu plano foi subordinado ás recommendações mais modernas para este genero de edificações. Tem um só pavimento raso, sendo isoladas as casernas, arrecadações e demais dependencias por largas ruas e

pateos, estes com cultura horticola, o que é de bom effeito, e de que tiram o maximo proveito as praças indigenas, que, dispensando rancho de caldeiro, teem melhor alimentação.

Os officiaes estão bem alojados. As repartições da secretaria e casa do commandante são amplas e bem ventiladas.

As edificações, comprehendendo o quartel e todas as suas dependencias, com paredes de adobes, caiadas exteriormente, faziam-nos lembrar uma bonita aldeia onde entrára a animação.

É um contraste com as senzalas de palhoças, que constituem a povoação em redor e a d'ali afastada.

«Se não fosse esta sua obra, dissemos nós ao Coronel, passariamos por aqui na supposição de que isto era um deserto, pois o alto capim não só encobre a povoação, como não deixa ver o trilho para aqui se entrar!»

Fomos depois ver a ponte que o Coronel está fazendo construir sobre o Lucala, que neste logar é muito estreito.

A ponte é feita por conta da Camara, que já na sua acta consignou o nome que ha de ter:—*Ferreira do Amaral.*

Nada mais justo, porque ao benemerito Governador geral se deve o novo impulso para levantar Ambaca do marasmo a que chegára.

Estão promptos os pilares de alvenaria e prepara-se a madeira para o seu taboleiro, e tudo espera o Coronel se conclua com brevidade, pois deseja aproveitar a passagem do Conselheiro Ferreira do Amaral, que tenciona ir a Malanje, para se fazer a inauguração.

Principiava a noite, e o nosso hospedeiro convidou-nos a recolher para jantar.

Esta rapida inspecção a duas construcções novas, confessâmos que nos impressionou agradavelmente, porque nada mais viamos, e faziamos uma outra idéa de tudo isto!

Não pensavamos que a capital do mais importante concelho do interior tivesse caído num tal esquecimento!

Será realmente este o logar, diziamos nós, para onde se mudou, em 1606, a séde do presidio fundado dois annos antes pelo Governador Cardoso, nesse logar a que chamam *Praça Velha,*

e onde existem as ruinas do forte, ou antes reducto, que os valentes portuguezes de outrora foram construir á vista dos inimigos?

Será aqui, onde os jesuitas vieram collocar o berço da civilisação, e de onde dimana esse vislumbre de instrucção que se encontra disseminada por toda esta parte do continente?!

Seria nesta vasta planicie, que acabavamos de ver, que por vezes se reuniram forças de milhares de homens armados, para repellir o gentio que nos hostilizava?!

Mas onde estão os vestigios de factos tão importantes, que aqui se deram e a historia nos aponta?

Na verdade, tudo isto é triste; e se não fossem alguns documentos que escaparam ao devorador salalé, e os cuidados de homens dedicados que lhes deram publicidade, pareceria que tudo que se diz de Ambaca era uma fabula!

Entre os commensaes tomaram assento alguns amigos do Coronel que vinham ver-nos; e sobre o assumpto ouvimos um homem velho da localidade, que, se bem nos recordamos se chamava Balthazar, e outros; e reunindo as notas, que então tomámos, e as investigações a que procedemos, concluimos:

Que fôra neste local que se reuniram, em 1740, vinte mil homens armados por ordem do Governador Magalhães, dos quaes apenas soldados eram duzentos e sessenta de infanteria e trinta de cavallaria;

Que todos os presidios contribuiram para aquella força, sendo a isso obrigados todos os brancos, e pretos calçados;

Que a guerra era contra a rainha Jinga, por ter sido assassinado nos seus estados um negociante branco, a quem roubaram todo o seu commercio;

Que esta guerra fôra feita por proposta do Governador, com o assentimento de todas as auctoridades que tinham voto.

A rainha estava então no recinto que as pedras de Pungo Andongo limitam, e entre os penedos na parte mais recondita. Os nossos, com receio de que ella fugisse para as suas ilhas no Cuanza, como era uso de seus antecessores, trataram primeiro que tudo de tomar posse das ilhas, e depois, de perse-

guirem aquelles que em debandada procuraram refugiar-se entre os penedos.

Pedia a Jinga que se lhe concedesse a paz, sujeitando-se ás condições que lhe fossem impostas, porquanto não fôra ella que ordenára se praticasse tal attentado na pessoa de um branco; que o crime era grande, mas fôra obra de seus vassallos, a quem ia mandar castigar.

Ha quem diga que fôra um dos ascendentes de Calandula, potentado nas terras d'este concelho, que, combatendo ao nosso lado, perseguíra a rainha, e, apaixonando-se por ella, a protegêra escondendo-a entre as pedras, emquanto elle não obteve as pazes em que interveiu.

Balthazar diz que não fôra Calandula, e sim o homem com quem ella viveu depois, e que era tambem soba aqui do concelho. Fôra este encarregado pelo chefe de descer ao covil onde ella estava, e vendo-a, de tal modo ficára encantado da sua belleza, que ella tirou d'isso partido, conseguindo que protegesse a sua fuga para o *Songo,* promettendo-lhe que ficaria sendo sua mulher se obtivesse as pazes que desejava, o que conseguíra; e depois d'isso foram estabelecer-se mais para leste.

Foi depois d'esta guerra que a feira da Lucamba passou para aqui, pois a Lucamba ficou despovoada por não serem ahi as terras boas para a cultura.

Muitas são as causas que teem contribuido para que Ambaca não indique hoje o que foi; porém, de facto, os jesuitas ministraram aos filhos d'esta terra os rudimentos da lingua portugueza, a par de uma instrucção em officios e no cultivo dos campos; ensino este que se tem transmittido de paes para filhos, porém já viciado. Os mais espertos, como deixasse de vir commercio para aqui, vão hoje procurar fortuna noutras terras.

Com respeito a Calandula, continuou Balthazar, é ainda agora um potentado importante, porque tem muito povo e subordinados até ao Cuango. E a importancia deve-a á parte activa que um dos seus antepassados tomou a nosso lado, numa das guerras contra o rei do Congo.

Contam ainda hoje os seus, que Calandula tinha aconselhado o chefe da expedição militar, que fôra de Loanda com elle, sobre o melhor modo de combater as forças do rei; e como o referido chefe rejeitasse os seus conselhos, tendo receio de que o julgassem traidor, mandára prevenir a familia de que os portuguezes iam morrer, e elle havia de morrer ao pé d'elles, portanto tratassem já de quem lhe havia de succeder no estado.

De facto assim aconteceu, e os seus vieram então estabelecer-se aqui nas vizinhanças do presidio com o consentimento do nosso Governo, e sempre teem auxiliado as nossas forças contra o gentio, principalmente da Jinga!

Convinha ao Governo garantir a segurança d'este posto avançado no interior, e por isso a auctoridade local tem sempre fechado os olhos aos abusos que o seu povo mais ou menos tem praticado, expoliando os viajantes indigenas.

O antecessor do actual Calandula adquiriu fama de valente por taes abusos, e foi destacando para o interior representantes seus, com a imposição de lhe serem tributarios; e estes foram-se estabelecendo proximo dos caminhos do commercio entre os Bondos, e nos Holos e Bongos, proximo do Cuango.

O actual segue as pisadas d'aquelle, e a preponderancia que elle e os seus sobas vão tendo já prejudica o commercio, porque se tornaram os seus estabelecimentos coutos de ladrões e vadios, filhos d'aqui e de outros concelhos, que demais fallam portuguez; e são elles os que os incitam a roubarem seus patricios e Bângalas, mostrando-lhes que nada teem a recear porque pouca força militar temos no interior.

Depois que o batalhão veiu para cá, esses salteadores, que infestavam os caminhos para o interior, já não dão tanto que fallar.

Houve ultimamente um governador que pensou em mandar ao Calandula uma embaixada com presentes, procurando por meios suasorios chamá-lo á ordem; e isto era um passo muito acertado.

O actual queixa-se de que o Governo não tem feito caso d'elle, nem nunca teve em attenção os serviços de seus avós, em-

quanto que *Cabouco* e *Cassanje,* constantemente são lembrados, tendo-se revoltado varias vezes contra as nossas auctoridades.

Esta conversação era realmente interessante para nós, e pena foi que, cortada por varias interrupções, se generalisasse e viesse cair nas questões da actualidade, que já conheciamos.

Comtudo, não foi em vão que a registámos, porque a ella, mais tarde pela tradição de outros povos, conseguimos juntar factos, que nos permittem marcar muito approximadamente quando principia a formar-se o estado d'esse tão afamado e temido potentado no centro do continente, e a que menos correctamente se tem chamado *Muata Ianvo.*

O Coronel Victor tambem é de opinião que se devia trazer sempre contente o Calandula, porque dispõe de muita gente atrevida e mesmo aguerrida, e que nos pode auxiliar para conter sujeitos os Dembos, Bondos e Hungos, não avassalados e vizinhos, e garantir, não só a segurança do commercio e agricultura em Encoje, Duque, Pungo e Malanje, como tambem do caminho para o Dondo.

Mesmo para a exploração das minas de oiro do Lombije, e aproveitando esse pretexto, diz o Coronel, é de toda a conveniencia a intervenção do Calandula, porque tem influencia bastante para remover quaesquer difficuldades que apresentem os povos limitrophes, difficuldades que se devem esperar, porque ninguem ignora que o gentio não acceita bem que lhe explorem a terra.

Para quem conhece o Coronel Victor — que passou a sua vida como subalterno em combates com o gentio, que foi o chefe das ultimas operações militares em toda a região do Duque de Bragança, que por muito tempo tem vivido em todos estes sertões como chefe dos seus concelhos, onde se soube impor pelo terror, e, finalmente, que das guerras da Guiné chegou ha pouco tempo agraciado com a commenda da Torre e Espada, o que entre estes povos mais veiu confirmar a fama que já tinha, de *Quijando* «invencivel» — a sua opinião não é para desprezar.

Muitas vezes ouvimos fallar, mesmo além Cuango, do *Quijando,* d'este camarada africano, chegando a attribuir-se-lhe

o costume de: —antes de entrar em fogo, esfregar a farda com um remedio que só elle conhece, para que as balas do inimigo lhe não toquem.

Esta é a lenda que se tem propalado entre o gentio, e que é para nós muito aproveitavel, pois basta muitas vezes a presença d'este chefe, para evitar conflictos, de que se podem originar graves consequencias para a provincia.

Acabaramos de jantar tarde, e a conversa ainda nos reteve por muito tempo á mesa. As visitas querem retirar, e o Coronel pede-nos que ainda passemos o dia seguinte com elle, para com descanso se preparar a força que nos quizer acompanhar; e nós aproveitámos o ensejo pedindo a Balthazar para nos guiar num passeio ao romper do sol, pois desejavamos obter ainda mais algumas informações, ao que elle de bom grado annuiu.

Pouco dormimos, porque tivemos uns maus vizinhos—umas ratazanas que entre os forros das divisorias do nosso alojamento nos faziam uma impressão desagradavel com os ruidos das suas ascensões e cambalhotas; e outras mais aventurosas que conseguiam sair e davam saltos por cima da nossa cabeça.

Por isso, logo de madrugada viemos para o largo a esperar o nosso companheiro.

Um grande silencio que reinava para o lado do quartel provava-nos que era ainda muito cedo, e para ahi nos dirigimos para conhecer dos seus arredores.

Completa desillusão!

Estende-se a planura para norte, rareando já o capim, e eleva-se depois o terreno em morros, uns seguidos aos outros, mais ou menos elevados, despidos de vegetação, apresentando aqui e acolá manchas esbranquiçadas e avermelhadas!

Para elles estivemos olhando algum tempo e diziamos voltando: — antes de se construir este quartel, o que haveria aqui para mencionar? Uma rua com algumas moradias de adobe, e uma porção de palhoças dispostas a esmo?

Onde estará a igreja de Nossa Senhora da Conceição de Ambaca?

Por que razão se escolheu este logar para terminus da linha ferrea de Loanda, pela qual tantos se empenham?

Será certo que foi aqui a capital do grande districto organisado em 1838, que contava oitenta mil habitantes e centenares de sobados, dos quaes cento e trinta eram feudatarios da corôa?

Mas durante o meio seculo que se lhe seguiu qual é a evolução que se tem dado? Augmentou ou diminuiu a população? Essa agricultura, que existia, e que chegára mesmo a exportar para Loanda os seus productos, porque definhou? Porque se não desenvolveram essas grandes manadas de gado vaccum? A população industriosa, esses ferreiros, carpinteiros, alfaiates, sapateiros que destino tiveram?

Como tudo aqui é desolador!

E estará o Governo ao facto de tudo isto? Conhecerá das causas d'esta desolação? Ou vamos construir um caminho de ferro sem conhecer de taes causas, e sem ter a convicção de que elle poderá attrahir os restos d'esses elementos civilisadores dispersos, e que Ambaca ainda lhes poderá offerecer vantagens, superiores a outras terras, pela agricultura e outras industrias que tiveram já aqui nomeada?

É possivel, e aqui temos mais uma d'essas fecundas lições, escriptas nas terras intertropicaes, e onde o clima se patenteia assombrosamente nivelador!

Desappareceram as culturas de Ambaca e fugiu a sua população; desappareceram as obras collossaes de Oeiras e desapparecerá tudo o que se fizer, se não se tomarem em linha de conta os vivos coefficientes de correcção que mais caracterisam as localidades tropicaes.

Faziamos estas reflexões, quando nos appareceu o bravo Coronel, com Balthazar, convidando-nos para tomarmos café e irmos em seguida todos dar o nosso passeio, emquanto o ajudante do batalhão ia apurando das praças voluntarias as de melhor comportamento, para passarem ao serviço da Expedição.

No passeio apresentou-nos o Coronel varios sobas vizinhos que, uniformisados a capricho, vinham comprimentar os seus

hospedes. Todos, mais ou menos, se faziam perceber em portuguez, e d'elles obtivemos tambem algumas informações.

E, cousa notavel, o ambaquista, o afamado ambaquista, esse vulto com quem se topa a cada passo no centro do continente, diz-se, e é conhecido por branco; e todos os que nos outros nossos concelhos sertanejos procuram imitá-los no seu modo de trajar, e nos seus usos e costumes, dizem-se filhos de ambaquistas! E, a avaliar por aqui, a população de Ambaca deve ser na verdade muito grande.

O ambaquista, para mostrar a sua importancia sobre estes, ao seu nome de baptismo junta um appellido portuguez cuja fama lhe é vulgar; e assim, de envolta com os heroes da primitiva, Salvador Correia, Paulo Dias de Novaes, Sousa Coutinho, de que tiram um e dois appellidos, lá se encontram já, modernos Sá da Bandeira, Lopes Calheiros, Ferreira do Amaral, etc.

Alguns querem, ainda, destacar-se de seus parentes por ascendencia distincta, como, por exemplo, o primeiro interprete da Expedição, que entendeu por melhor aggregar ao appellido *Bezerra,* de seu pae, o de *Lisboa,* para que todos soubessem, dizia elle, que seu bisavô viera do reino!

As missões de jesuitas que por aqui estiveram muito tempo, tendo a sua séde no Ambango-á-Quitambo, e as ruinas de cujo convento, Santo Hilarião, ainda lá existem, deixaram vestigios de sua passagem na educação dos povos que os rodeavam. Á parte os interesses da companhia que os moviam, e davam logar ao que hoje se censura como escandalos, é certo que a elles se deve a transformação de Ambaca em berço da civilisação É d'aqui que partem esses rudimentares conhecimentos da nossa lingua, quer fallada, quer escripta, as noções de agricultura e de officios manuaes e de outras profissões.

O que elles não puderam destruir, infelizmente, foi essa maldita crença nos encantos e feitiços, e que faz mais mal aos que se aventuram a internar-se no continente do que as crenças dos gentios.

É porque naquelle ensino havia factos, havia exemplos, e

no de hoje ha eloquencia, e como muito bem diz o sr. A. F. Nogueira no seu excellente livro *A raça negra:* «Os indigenas acreditam mais nos factos do que na eloquencia, por mais sublime que seja, e quer seja profana ou sagrada».

A este respeito, quem conhece hoje o ambaquista ou individuo por elle educado — que todos são baptisados os que andam por estes sertões — póde dizer como o bispo de Angola em 1772: «que do baptismo só aproveitam as creanças que morrem em tempo conveniente, porque as que chegam á puberdade e d'ahi para cima, ficam reincidindo em suas superstições e leis barbaras em que vivem os outros».

E ainda é verdade o que então affirmava o referido bispo: «mesmo em velhos perseveram nas suas superstições, em que crêem, e na multiplicidade de mancebas, que não querem largar, e outros mais abusos gentilicos e diabolicos em que vivem sem remedio».

O ensino religioso era extemporaneo; e como muito bem diz o nosso ousado explorador Serpa Pinto: «façamos primeiro do preto um homem, e temos tempo para d'esse homem fazermos um christão».

Mas, se o ensino religioso nada produziu, é certo que o outro, apesar de muito incompleto, deixou fructos, e são elles que mostram a protecção que Portugal sempre dispensou aos povos das suas colonias.

Raro é o ambaquista, descendente dos educados n'aquellas missões, que não se dedique a algum dos officios manuaes, sapateiro, alfaiate, carpinteiro, pedreiro; e todos elles mais ou menos sabem ler e escrever, sendo mesmo peritos em calligraphia.

Depois dos missionarios, são os paes que se teem encarregado da educação dos filhos; e pena é que esse ensino vá sendo inconscientemente tão deturpado, tornando-se quasi inintelligiveis as cartas que elles hoje nos enviam, algumas das quaes teremos occasião de publicar.

Todos trajam á europea; mas, entre elles, distinguem-se os que estão em melhores circumstancias pelo chapeu alto e sobre-

casaca preta, e logo abaixo os que fazem o seu fato de orleã preta; e todos calçam, hoje, ou sapato de liga, ou sapatos por elles feitos de couro ou de panno de algodão, que fabricam e tingem, e que teem, em logar de sola, madeira.

A maior ambição do ambaquista que se preza é ser isento de praça, e possuir muitas mulheres; e são estes os dois motivos fortes por que larga o domicilio paterno, logo que chega aos seus vinte annos.

Torna-se negociante sertanejo, porque encontra sempre quem lhe forneça uma pacotilha a credito; e lá vae para o interior com dois ou tres discipulos, que lhe confiam sob condição de elle lhes ensinar as prendas de que é dotado.

O vidro da tinta, pennas e papel acompanham-no para toda a parte no seu rolo de folha que usa a tiracollo; e mesmo sobre o joelho, sentado no solo, elle escreve uma carta.

As duas primeiras viagens são geralmente pequenas; perde sempre para os credores, mas traz a familia que procurava, mulheres e rapazes que resgatou, e estabelece-se no seu sitio.

Fabríca uma casa de adobe, coberta de capim, e faz lavrar a terra de que se apossou.

É ainda ás lições praticas dos missionarios, que se deve o pequeno cultivo das terras que por aqui se encontra. A sua producção hoje reduz-se a arroz, feijão, batatas do reino e indigenas, milho, cebolas, alhos, bananas, mangas, jinguba e tabaco.

Do trigo já não tratam, mas affiança-nos Balthazar e tambem o Coronel, que se colhêra muito bom trigo em Ambaca.

Os velhos é que vão dando noções agricolas aos rapazes e mulheres. Vimos boas tangas de algodão, e fumámos excellentes charutos aqui fabricados.

Feita a sementeira, o que tem queda para o negocio recorre de novo ao seu credor a titulo de lhe pagar o augmentado credito, e parte para uma nova exploração; e, em vista da producção que calcula, determina á familia que deixa, geralmente só mulheres, a quantidade de dinheiro que quer encontrar no mealheiro, que é o solo onde o enterra.

E assim se explica, em parte, não só o desenvolvimento da população que teve Ambaca, como o da sua producção, e ainda o apparecimento recente de moedas de cobre e peças de oiro antigas, que se conhece terem estado muito tempo debaixo da terra.

Os impostos e a decadencia de Ambaca é que teem feito apparecer essas moedas.

Mas a que devemos attribuir esta decadencia? Dizem-nos que ao abuso da supremacia eleitoral a que fôra guindado o commendador Manuel Mendes da Conceição Machado, filho da localidade, e que pelas suas prepotencias a auctoridade superior da provincia mandou prender em 1876 e remetter para Loanda, onde morreu pouco depois.

No que este celebre commendador mais feríra a população, fôra em amarrar seus filhos a cordel para sentarem praça no exercto, e as eleições para deputados forneciam-lhe o ensejo.

Á sombra das suas influencias, elle, o homem dos codigos, sugava o povo defraudando-o nos seus interesses, fazendo justiça de Ambaca, como ainda hoje se diz; e por isso a gente mais aproveitavel emigrára para outros concelhos, e alguns sem pouso certo por lá andam pelo interior, lembrando-lhe Ambaca, apenas como recordação da grandeza de seus paes.

Não acreditâmos que seja só este o motivo; este é dos nossos dias, e a decadencia vem de epochas muito anteriores.

Pelo que temos lido, acreditâmos que Ambaca, ao fundar-se o nosso presidio na latit. 9° 15′ S. do Equador e longit. 15° 20′ E. de Greenwich, se tornou um centro de sobados avassallados, e que fugiam ao despotismo dos Jingas, governando-se independentemente, embora submettidos á nossa bandeira, e contribuindo com impostos para de nós terem uma protecção efficaz.

A estes povos reuniram-se outros, fugidos mais de leste, tambem com o seu governo independente, avassallando-se uns e outros não, mas correspondendo ao mesmo por se avassallaram aos sobas já vassallos.

Entre elles, uma leva de gente da Lunda, como veremos mais adeante, capitaneada por um principe, com auctorisação de um dos governadores D. Manuel, certamente D. Manuel P. Forjaz, foi-se estabelecer em Lucamba, de onde retirou poucos annos depois por as terras nada produzirem e, seguindo atrás da caça, internou-se até ao Cuango.

Começou, depois, o commercio de marfim e escravos entre estes e os aviados do nosso commercio, que já então chegavam até aqui, a despeito das prohibições de auctoridade superior em mercadejarem, no sertão, brancos, mulatos e negros calçados.

Os jesuitas, com a mira neste commercio, conseguiram rodear-se de povos que catechisavam, animando-os ao mesmo tempo que lhes dispensavam o ensino incompleto de que já fallámos.

Por muitos annos as guerras da Jinga, e outras a leste d'este povo, eram as barreiras ao nosso ingresso para o interior, e todo o commercio se fazia em Ambaca, seguindo para Loanda pelo caminho protegido pelos jesuitas até S. Antonio do Bengo.

Já se vê, pois, que essa grandeza baseada no commercio de Ambaca era ephemera, desde o momento em que nos internavamos e a viação era outra, isto é, logo que o gentio foi repellido das margens do Cuanza e se conseguiu um caminho mais directo para Loanda; e sendo os povos avassallados que procuravam as casas do commercio do litoral, Ambaca principiou a perder em importancia pelo lado commercial.

Restavam a agricultura e a industria fabril; estas, porém, com a retirada das missões, foram tambem affrouxando pela falta de estimulo e protecção official, e sobretudo de transportes faceis.

Vieram depois as exigencias e extorsões dos chefes; esquecemo-nos de aproveitar os sobas na administração publica; e, por ultimo, deixámos imperar a tal potencia do commendador, e por isso necessariamente devia succeder o que presenciámos — Ambaca ficar exanime.

Quanto a nós, é á accumulação e successão de todos essas causas que se deve attribuir a decadencia de Ambaca, e, por conseguinte, a emigração de seus filhos mais prestaveis.

Os ambaquistas, espalhando-se, teem servido de nucleos em outros pontos do sertão, de onde dimanam usos e costumes nossos, embora envolvidos nos gentilicos da localidade em que elles residem; mal que temos de lastimar, porque tem servido de argumento para os estrangeiros nos desacreditarem, pois só querem ver nelles um portuguez que está explorando o commercio do gentio; e mal contra que, na verdade, tem de reagir todo e qualquer europeu que se embrenha por esses sertões, no intento de ser util ao seu paiz e á sciencia.

Teve Ambaca fama pelos seus bois-cavallos, e houve em tempo quem affirmasse que ahi abundava o gado bovino.

Para os informadores onde terminaria então o concelho de Ambaca?

Quanto aos bois-cavallos acreditâmos que se vissem bastantes, porque, sendo aqui que o indigena começou a adaptar-se aos nossos usos e costumes, reconhecendo as vantagens que tiravamos do cavallo, nos procurou imitar, domesticando os bois novos que por negocio adquiria de leste; porém, é certo que nem a abundancia, nem a qualidade de pastos indicam, pelo menos agora, que a região que temos percorrido até aqui, seja a preferivel para esse gado, e sobretudo quando se conhece, como nós conhecemos, a região que se segue, já fora d'este concelho, até ao Cuango, onde os pastos são excellentes e o gado se tem desenvolvido de modo, que surprehende a quem percorre todo esse sertão.

Ahi é unicamente o pasto que sustenta o gado, emquanto que aqui e noutros pontos é necessario cuidar da sua alimentação.

É possivel que se haja sustentado aqui alguma manada, e como consequencia o exaggero da fama. Talvez succeda o mesmo que se dá com os papagaios de pennas carmezins ou rosadas, que muitos suppõem oriundos de Malanje e Cassanje, quando elles a final nem da Lunda são. Os que apparecem vem do norte, trazidos pelas comitivas de commercio que lá vão; e os Lundas, se os tivessem, não os cediam, porque as pennas da cauda d'estas aves são muito apreciadas pela nobreza, e

A CAÇA AOS GAFANHOTOS

constituem um dos ornamentos de distincção entre os potentados e pessoas da sua côrte.

Para o potentado lunda, hoje, um papagaio d'estes é um presente de valor, porque ha grande falta das taes pennas e já recorrem ás de aves menos raras.

Com respeito á caça, fomos informados de que se não encontra com facilidade em Ambaca; o que não admira, porque tendo sido este um dos pontos mais povoados do sertão, com certeza a que escapou foi corrida para o interior.

É talvez por isso, que faz parte da alimentação do povo a grande abundancia e variedade de gafanhotos, sendo o meio de os apanhar mais facilmente o largar fogo ao capim depois de se conhecer a direcção do vento, a fim de sem risco se fazer uma boa colheita. Este meio poderá ser bom, mas ia-nos sendo fatal no meio de um deserto, e por isso o prohibimos d'ahi em deante. O outro meio de os apanhar é mais moroso e requere muita gente: juntam-se raparigas e rapazes, com ramos de folhas e vão batendo o capim.

O ambaquista, bem como as suas mulheres, quer em passeio, quer conversando, aproveita as horas do dia fiando algodão, de antemão preparado por elles para tal fim.

O processo é o mais rudimentar possivel. Ajeitam as pastas, em redor de uma pequena vara rija, e o fio vae sendo enrolado a uma outra, delgadinha e mais pequena que fazem girar, descrevendo espiraes, entre os dedos pollegar e index da mão direita, tendo por peso na parte inferior um fructo redondo, que faz lembrar, pela forma e côr, um limão pequeno ainda rijo.

Livingstone, que viu este modo de fiar o algodão por estas regiões, não achou differença do que adoptavam os egypcios nos primitivos tempos.

O ambaquista, á falta de recursos para obter fazendas do nosso commercio, faz bons lençoes de algodão pelo systema das tangas de mabela, batendo os fios transversaes com uma regua abahulada por entre os fios collocados ao alto, trabalho este que a Expedição melhor estudou numa colonia de am-

baquistas que encontrou na mussumba de Luambata, e de que dará conhecimento mais desenvolvidamente.

É com estes tecidos que elles se vestem e calçam, e tambem teem vestido os povos do interior, entre os quaes residem por algum tempo.

FABRICO DE UMA TANGA

Acreditâmos tambem que este trabalho é devido ao ensino dos jesuitas, a quem, devemos confessar, é justo o reconhecimento que ainda existe nestes povos pela educação que elles lhes ministraram.

Lastima-se que elles quizessem intrometter-se na administração da provincia; mas é certo que os padres, que depois dos jesuitas para lá foram, não deram os resultados que a posteridade tem ido herdando destes, e que seriam hoje muito mais proficuos se o ensino que elles deram tivesse continuadores.

Agora Ambaca apenas exporta para os concelhos mais a leste algum arroz e batata; e cremos que a attenção que está merecendo aos poderes publicos a construcção do caminho de ferro de penetração a partir de Loanda, influiu no animo do actual Governador para mandar aquartellar aqui um batalhão de caçadores, sob o commando do Coronel Victor, de onde se destacam forças para guarnição dos concelhos proximos.

Era o Coronel o individuo que mais convinha, não só para o commando do batalhão como para Chefe do concelho, por ser africano e muito sympathico á soldadesca, e respeitado pelo gentio.

Durante o dia tivemos occasião de conhecer que assim era, não só pelo que ouvimos aos sobas e aos filhos da localidade, como pelo que presenciámos entre as praças do seu commando, que de muito boa mente lhe obedecem.

Estavam apuradas doze praças, que por sua vontade passaram ao serviço da Expedição, e contrataram-se quatorze carregadores para transportarem arroz, batatas e feijão até Pungo Andongo.

Promptos para seguirmos viagem de madrugada, fez-se a correspondencia para o Governo e depois fomos jantar.

O Coronel Victor, sempre cortez, surprehendeu-nos com um jantar de dezoito talheres, a que assistiram os seus officiaes, funccionarios e principaes pessoas da localidade.

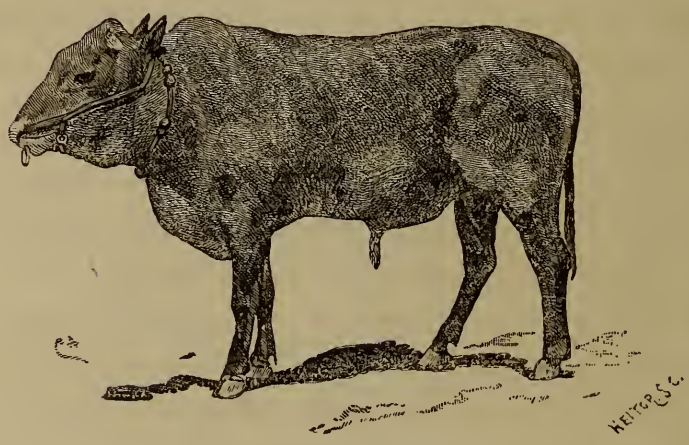
Terminou tarde, como era natural, o jantar, brindando-se por Sua Majestade El-Rei, Ministro da Marinha, Governador Amaral, e fazendo-se os mais ardentes votos pelos bons resultados da Expedição.

O reverendo parocho convidou-nos a assistir a uma missa que elle tencionava rezar por nossa intenção no dia seguinte, e á qual todos prometteram comparecer.

A offerta era de tal ordem que se não podia recusar.

Na madrugada de 29, já amarradas as cargas e tudo disposto para a marcha, seguiu a Expedição para a capella, e foi annunciada a ceremonia, a que ia proceder-se, por uma girandola de foguetes.

Findo o acto religioso, cuja intenção muito temos a agradecer ao celebrante e a todos que a elle concorreram, despedimonos do Coronel Victor e de todos os nossos amigos, e partimos seguindo a nossa bandeira, que já ia na frente.



PUNGO (MONTADA DO AJUDANTE DA EXPEDIÇÃO)

DE AMBACA PARA PUNGO ANDONGO

Como o Coronel Victor estivesse já soffrendo de uma enfermidade que mais tarde se aggravou e o obrigou a regressar a Loanda, mandou-nos acompanhar pelo Alferes Candido e por outros funccionarios até ao porto do Lucala.

Estes, montados em magnificos bois-cavallos, chegaram á margem do rio muito antes de nós, e sob a sua vigilancia já quasi todas as cargas e carregadores tinham passado para o outro lado.

Pela primeira vez vimos as jangadas — um amontoado de palhas ligadas, com uma similhança de popa e proa, e governadas por dois homens que as empurram nadando.

Ao pormos pé em um tão caprichoso transporte fluvial, faltariamos á verdade se não confessassemos que receámos que essa jigajoga se virasse, e nós, de mistura com as bagagens, lá fossemos levados pela corrente, sabe Deus para onde.

Emfim tudo passou bem, e já perto do meio dia seguimos em direcção á *Praça Velha*.

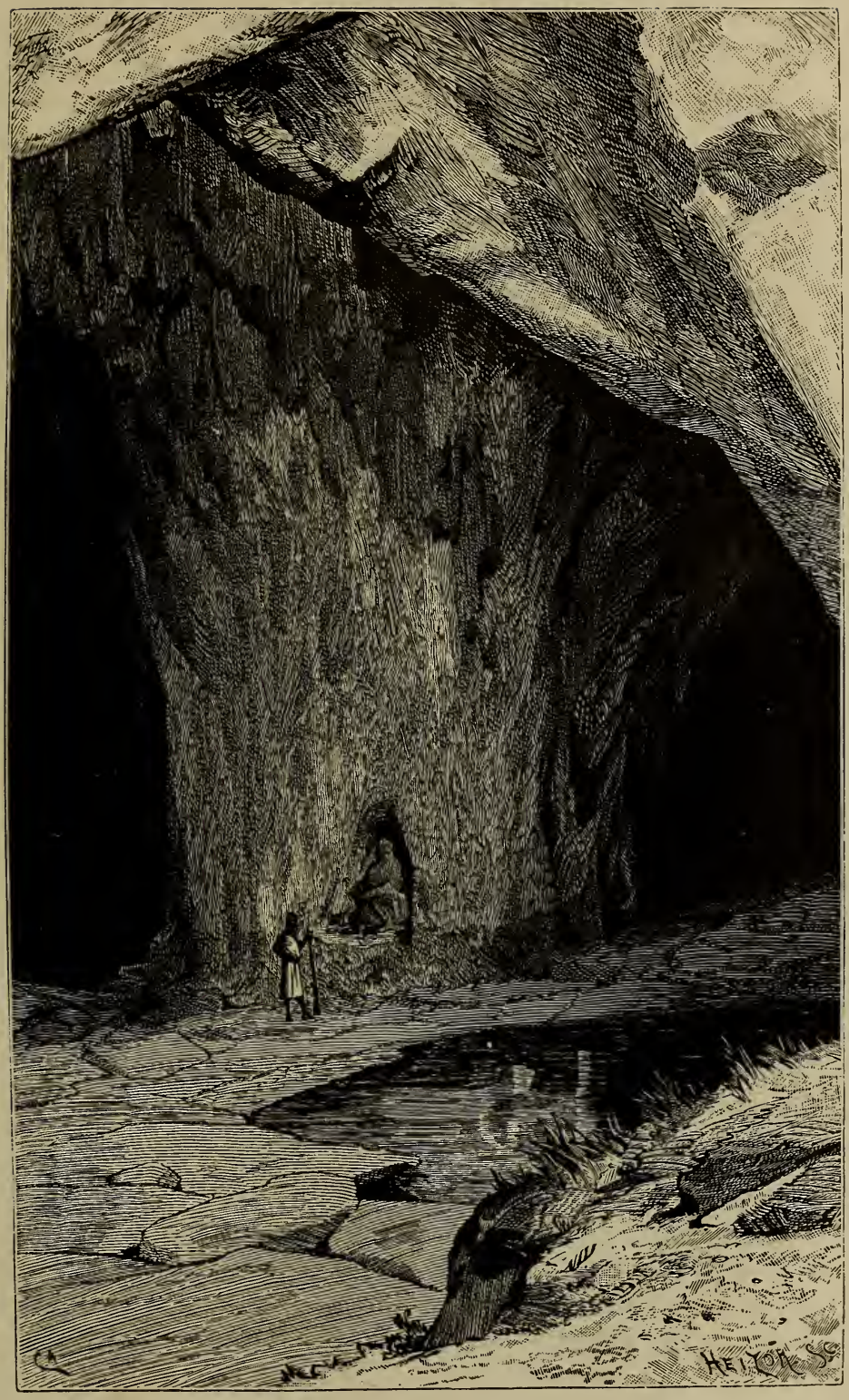
Ao defrontarmos com esses vestigios do reducto, recordámonos da sua historia, e pensámos quanto não custou esta liberdade, que hoje se disfructa, de por aqui transitarmos sem receio do gentio traiçoeiro! Quantas victimas por esta liberdade?

Os carregadores haviam rodeado o rio Camuéji, e seguiram; por isso nós continuámos e fomos acampar, eram seis horas, no Cacusso, um pouco adeante do Ala, ao pé de umas pedras que

JANGADA

se elevam em pequeno numero acima do solo 1 a 2 metros. Tinhamos feito um percurso de 20 kilometros.

Estas pedras, não sei porquê, lembraram-nos, e não sem pena, que nem sequer perguntáramos em Ambaca pelo denominado Púri-á-Cacolombolo, admiravel subterraneo, no dizer do negociante Pereira, de Andalatando, e que tentámos esboçar á sua vista pelas indicações que nos ia dando, com o fim de corrigir o desenho se lograssemos visitá-lo.



PÚRI-Á-CACOLOMBOLO

É uma grande rocha de grés schistoso, cuja extensão se calcula em mais de 400 metros, com duas entradas quasi em sentido opposto para uma especie de tunnel que a atravessa, tendo diversas alturas interiores.

Para a chamada entrada principal, a descida, porque é bastante ingreme, torna-se tão incommoda que muitos teem desistido de ir até lá abaixo.

Tendo ahi chegado, encontra-se ao lado direito um lago que segue para o interior, e continuando em frente penetra-se logo na caverna, afigurando-se ter ahi uma altura superior a 15 metros, altura que diminue para dentro. A rocha, tanto dos lados como superiormente, é esbranquiçada; porém, inferiormente está revestida de uma camada de limos até uma certa altura, e o piso é da mesma rocha, devendo andar-se com cautela para se não escorregar, porque está sempre molhado.

A entrada é espaçosa, e quasi ao centro, formando o fundo, se unem a parte superior e inferior da caverna, ficando dos lados aberturas menores para galerias, que se tornam tanto mais escuras quanto mais nellas se penetra.

Nesse paredão ao fundo, chama a attenção do menos curioso explorador uma cavidade em forma de capella, no meio da qual uma pequena pedra em bruto tem uma tal configuração, que faz lembrar uma imagem de Nossa Senhora: os ambaquistas chamam-lhe *Nossa Senhora da Pedra Preta,* e para elles tornou-se oraculo, que consultam e ao qual fazem suas promessas. Ao lado da imagem encontram-se cartas que lhe dirigem, e garrafas com azeite, vinho e outras offerendas.

Pereira diz que tentou penetrar pela galeria da direita, porém as luzes dos que o acompanhavam apagaram-se; e sentindo correr um riacho proximo retirou-se com os amigos com quem ali fôra, deixando ir os pretos mais ousados para deante.

Vieram então esperar os pretos no lado opposto, e elles de facto appareceram, molhados até para cima do joelho, e disseram não ter encontrado caminho enxuto. Certamente esta agua é continuação d'aquella que se viu á entrada e a que chamam lago.

A largura da entrada aqui é superior á da primeira, mas é muito mais baixa do que ella. Nesta parte da rocha sae agua como de um filtro.

É de suppor que os jesuitas, ou os antigos chefes d'este concelho, como Lourenço José Marques, um dos homens mais versados em curiosidades e factos historicos da provincia, e que muitos manuscriptos, segundo é voz publica, deixou no seu espolio, tenham já dado conhecimento d'esta importante obra natural, que a terra esconde á vista do viajante; porém, confessâmos que, apesar de termos residido em Loanda perto de quatro annos, foi a primeira vez que d'ella ouvimos fallar, e sentimos de veras o esquecimento imperdoavel de não irmos verificar os apontamentos que haviamos tomado no nosso diario em Andalatando, sobre os quaes é baseada a gravura que apresentâmos.

Pela primeira vez se armam as barracas de lona. O tempo está bom e os carregadores não fazem abrigos, e dormem ao ar livre junto de fogueiras, que já se vêem espalhadas pelo acampamento. As cargas estão entre as nossas barracas e distantes d'essas fogueiras.

Jantámos muito tarde, e logo em seguida cada um tratou de se recolher, tomar as suas notas e deitar-se.

Aproveitando a boa vontade dos carregadores, conseguimos partir no dia seguinte ás seis horas e meia da manhã, e ás dez haviamos chegado ao Zamba, tendo feito um percurso de 12 kilometros.

Até aqui a vegetação é muito semelhante, e as queimadas produzem os seus effeitos devastadores, que nesta epocha são bem visiveis.

Logo que saimos das redes, apresentou-se-nos o Commandante da divisão dos Moveis, um ambaquista de seus cincoenta annos, asseado, de altura regular, grosso, bem parecido, vestido de preto, sobrecasaca e chapeu de palha: bello typo de homem, que nos offereceu o seu bom quartel, com um grande quarto para hospedes, na supposição de que quizessemos ahi pernoitar, e um boi da sua manada para darmos de comer á nossa gente.

PATRULHA DO ZAMBA

Era uma novidade grande, para esta terra, a nossa Expedição, de que já se fallava nas vesperas, e por isso fomos logo rodeados de muito povo.

A offerta do boi ainda mais despertára a curiosidade, porque se ia conhecer da valia do atirador que o abatesse, missão de que se encarregou Sertorio de Aguiar, que logo ao primeiro tiro, fazendo passar a bala por entre a manada, atirou com o sentenciado por terra. Este, depois de ter rodado um pouco para o lado e como quem sacode uma mosca que o magôa, caiu esperneando, em meio da gritaria e palmas do populacho; e assim Aguiar, não perdendo os bons creditos que disfructava entre nós de bom atirador, tinha d'ora avante a sua fama estabelecida.

Esfolar um boi, esquartejá-lo, e fraccioná-lo depois em rações é uma faina que acaba sempre ao bofetão, quando não acaba em facadas; e se a primeira vez entretem, nas outras enfastia, e nos excita contra tudo e contra todos que nos rodeiam.

A pratica foi-nos mostrando as providencias que tinhamos de adoptar em taes occasiões; e o certo é, que por fim se faziam todos esses serviços como se estivessemos num açougue em qualquer cidade civilisada, no maior silencio e ordem possiveis, sem contendas, recebendo cada um a ração que lhe era destinada.

Esperemos por occasião mais opportuna para fazer a descripção completa d'esses serviços, e quaes as providencias que por ultimo se adoptaram para evitar contendas sempre desagradaveis; pois é um bom aviso que damos aos que se acharem em circumstancias analogas ás nossas, convencidos, como estamos, de que, em qualquer ponto do continente, a contar da costa, o preto rude perde a cabeça ao ver correr o sangue de qualquer animal.

O que estavamos vendo dá a justa medida do estado de atraso em que se acham estes povos.

Terminou aquella operação como de costume: uma porção do interior do boi não se reparte; os que trabalharam na sua

divisão deitam a mão a um grande pedaço, e cada um puxando para seu lado vae sendo arrastado pelo mais forte, até que caem todos sem querer largar a presa. Então, os mais fatigados, e já pisados, vão desistindo a pouco e pouco, descompondo os outros, até que dois ou tres que ficam, servindo-se por fim das facas, lá se retiram com o seu quinhão.

Nesta barulhada, não se estranha que tomem parte um ou outro morador das povoações, e tambem os cães.

A Expedição encontrou neste logar uma secção com as nossas cargas, vindas de Cazengo para Pungo Andongo, a qual tambem tomou parte na festa da carne.

A população aproveitou do festim, mandando os seus vendilhões com fuba, farinha, cebollas, e outros generos que se permutam por carne.

Emquanto se tirava uma photographia da localidade, preparava-se o nosso almoço, no qual tomou parte o Chefe da divisão.

Á sombra da casa collocou-se a mesa, e d'ali estivemos disfructando, na nossa frente, uma esplendida floresta, já descripta por Welwitsch.

Bartholomeu Pedro Brandão, que está satisfeito com os seus hospedes, come pouco, mas bebe-lhe bem; e diz-nos: «O vinho é muito bom, e peço licença para o dar a provar ás minhas raparigas»; e cada uma por seu turno vem molhar os beiços no precioso liquido, que o nosso amigo lhes dá por conta.

Principia o homem a alegrar-se, e ahi começam os presentes: agora gallinha, depois fuba, farinha, ovos, e, por ultimo, quer que levemos um porco!

Isso não pode ser, lhe diz um de nós, não temos carregadores para tanta cousa!

Tudo se arranja, retorquiu; e elle ahi vae ás curvas, gritando por fulana e sicrana para lhe trazerem dois rapazes, que levem as cargas dos seus amigos a Pungo Andongo, e elles apparecem.

Fomos então mais exigentes: comprámos alguma cousa do que precisavamos, mas pagando o porco.

Isto deu logar a uma discussão, em que elle, aos abraços, nos queria provar que era muito nosso amigo, e que não parecia bem fazer negocio com pessoas grandes de Muene Puto; mas cedeu, por fim, com a condição de nos acompanhar até ao Lutete, á margem do qual queriamos pernoitar, e assim fizemos alguns fornecimentos.

PEDRAS DE PUNGO ANDONGO

Mandou apparelhar o seu boi, mas como a alegria já fôsse grande, e as pernas fraquejassem, tudo eram pretextos para passarmos a noite ali.

Ás tres horas, emfim, estava o homem convencido de que nós eramos mais teimosos do que elle, e resolveu-se a montar o boi. Os carregadores seguem e nós vamos para as redes.

Rodeado dos seus, quer mostrar que ainda é agil e não está em tal estado que não possa montar o boi; mas, ao fazê-lo, vae cair do outro lado, rolando pelo chão.

Um de nós, que ficou atrás, fez côro com as suas mulheres para que ficasse e fosse descansar um pouco, e elle cedeu abraçando-o, e lá ficou sobre um pequeno morro, agitando um lenço, e em grande gritaria, dando vivas á Expedição.

Ás seis horas haviamos percorrido 4 kilometros. Parámos junto ao rio Lutete, onde depressa os carregadores improvisaram um acampamento, e os contratados armaram as nossas barracas, para onde fomos escrever as impressões do dia, aguardando o jantar, para o qual todos tinhamos appetite.

Arranjam-se fogueiras como de costume. Os carregadores com a barriga cheia estão satisfeitos, e tratam de cantar e dançar; e nós, com esta bulha infernal a que nos vamos acostumando, adormecemos, lembrando-nos da bebedeira do nosso Bartholomeu e da sua boa gente.

Bartholomeu, chefe da divisão, é uma potencia aqui: tem bastantes mulheres, boa manada, bellos porcos, cabras, gallinhas, lavras bem tratadas, e além d'isto boas propinas pela resolução das questões dos povos que constituem a divisão! Que mais quer elle?

Parece á primeira vista, que estas entidades, chefes ou commandantes de divisão — auctoridades gratuitas do governo da provincia espalhadas por todo este sertão — são o flagello dos povos e um estorvo ao desenvolvimento das localidades.

Impressionados pelo que se tem dito e escripto sobre taes auctoridades, confessâmos que vinhamos predispostos contra ellas; porém, o que fomos vendo depois, mostrou-nos que essas entidades, quando bem aproveitadas, são um grande auxilio á boa administração da provincia, como esperâmos provar depois da nossa rapida viagem por estes concelhos sertanejos.

Começava o mez de julho e começava bem. Logo ao romper do dia, o maioral do povoado proximo traz-nos um cabrito de presente, e pouco depois, um homem d'ahi pede providencias contra um dos soldados que nos acompanha.

Eis a questão:

Um soldado na vespera á noite roubára-lhe uma rapariga e trouxera-a amarrada para o acampamento.

Chamou-se o soldado e o seu cabo, e todos os cabos de carregadores, ao mesmo tempo que se deram ordens para a Expedição amarrar cargas.

O soldado confessou que roubára a rapariga, porque um tio d'ella em Ambaca lhe devia 6$000 réis.

O homem que se diz pae pede justiça de *Mendes Machado;* isto é: que o soldado lhe dê fazenda e dinheiro, e leve a rapariga.

O soldado diz: «Já estou privado do meu dinheiro; minha irmã esta amigada com o irmão do queixoso, tio da rapariga; fique elle com o dinheiro e minha irmã, e eu levo a rapariga para cozinhar a minha comida na viagem.»

A rapariga não quer ficar com o soldado, porque se não portou bem com ella, deixando-a ficar amarrada toda a noite.

O soldado insiste que só a foi buscar para cozinheira.

Resolução: A rapariga fica com seu pae.

O corneta toca a avançar; cada um se dirige para as suas secções, e seguimos.

Vamos subindo suavemente. Já aqui se nota outra qualidade de terra; já a vegetação é mais forte, e o capim mesmo é diverso.

Tinhamos andado 13 kilometros e começámos a atravessar uma extensa mata, de que tambem falla Welwitsch, finda a qual entrámos em Cazela, pouco depois das dez horas, sendo o percurso, do Lutete até aqui, 16 kilometros.

Descansámos para almoçar, e fizemos seguir o cabo da força com a carta de recommendação de M. Zagury ao gerente da casa Lara & C.ª, em Pungo Andongo.

Passava já do meio dia quando proseguimos a nossa jornada, e pouco depois começavamos a descobrir os cabeços das celebres e tão afamadas pedras.

Com verdadeiro enthusiasmo iamos vendo apparecer esses ennegrecidos monolithos naturaes, de que se falla com admiração ha dois seculos.

Conheciamos o que se tem escripto a respeito d'esta maravilha da natureza, e já em tempo escreveramos alguns ar-

tigos, mostrando muito especialmente as vantagens de aqui se estabelecer uma colonia europea; e mesmo, quando fomos consultados, na commissão da reorganisação do exercito do Ultramar, preferimos esta localidade a Ambaca para se aquartelar um batalhão, baseando-nos nasinformações que então haviamos colhido.

Chegámos, emfim, ao pé d'este monumento natural, ás tres horas e um quarto da tarde do dia 1.º de julho de 1884; tendo feito de Ambaca até aqui, no rumo quasi sempre sul, um percurso de 69 kilometros — viagem que um bom escoteiro tem feito em dia e meio.

CINATTI KEILA

CONCELHO DE PUNGO ANDONGO

ANTONIO (CREADO DO CHEFE), DE GOLUNGO ALTO
(Phot. da Expedição)

Nós, que nos sentiramos impressionados, attentando nos monumentos de Loanda, observando as bellas margens do Cuanza, descobrindo-nos respeitosos em presença das heroicas fortalezas de Muxima e de Massangano, estudando o notavel movimento commercial do Dondo, percorrendo as plantações de Cazengo e atravessando os descampados da lendaria Ambaca, não pudemos dominar a nossa confusão e o nosso assombro quando nos achámos em presença das majestosas pedras de Pungo Andongo!

E, com franqueza o confessâmos, não nos sentiamos com animo de caminhar avante sem as contemplarmos por largo espaço.

Approximámo-nos depois para fazer uma idea da sua altura, e recuámos em seguida, como que receiando ficar esmagados por um d'esses penedos, que parece quebrado, e cuja parte superior se mantem em equilibrio, ameaçando despenhar-se!

Afastámo-nos ainda para mais longe a fim de melhor abranger com a vista esses monstros de formas diversas, ligados até meia altura a constituirem uma muralha ondulada, terminando superiormente em figuras phantasticas mais ou menos arredondadas, mais ou menos agudas, que se destacam em intervallos como ameias de antigas fortalezas. E assim se estendem por kilometros para noroeste estes penedos, interrompendo-se a sua continuidade para depois nos apparecerem de distancia em distancia, como se fossem as cristas da mesma muralha que affloram á superficie e que diminuem de altura até desapparecerem no terreno que vae subindo.

Como isto é soberbo!

Quizeramos, antes de penetrar nas entranhas d'esta enorme estructura, que a natureza se encarregou de levantar para desafiar a audacia do poder humano, e onde os Portuguezes foram esconder as suas habitações, avaliar-lhe as diversas alturas, conhecer-lhe o aspecto e attentar na côr que a reveste, que só de per si representa um phenomeno interessante.

E, na verdade, como são grandiosos estes problemas da natureza, que se revelam ao homem investigador!

E quem dirá que a côr negra d'estes penedos é devida a uma simples alga do genero *Scitonema,* a qual não só imprime caracter a esta região pedragosa, mas tambem, o que não é menos interessante, serve para proteger toda a vegetação contra os raios do rei dos tropicos — o dominador implacavel de todas estas terras!

Apresentaram-se essas pedras como uma maravilha geologica e como uma curiosidade botanica, e em verdade tudo aqui para nós é admiravel, surprehendente!

PUNGO ANDONGO

E que de recordações historicas, politicas, coloniaes nos iam acudindo á mente, memorando-nos da conquista d'estas pedras e dos heroicos feitos dos Portuguezes em toda esta vastissima provincia!

Mas o territorio das *Pedras Negras* não era o objectivo da nossa viagem, e por isso, assim pensando, naturalmente iamos penetrando nos dominios d'aquelles soberbos gigantes da natureza, seguindo por vezes em estreita vereda que dá acesso á povoação.

Chegámos, emfim, eram quatro horas da tarde, a este excepcional logar habitado, onde já nos estava esperando o sympathico negociante Philippe da Silva Leonor, cavalheiro que nos captivou pelas suas maneiras distinctas e modos insinuantes. Havendo embarcado muito novo para o Brasil, percorreu o Amazonas e o Pará, de onde veiu para esta provincia, fixando ultimamente aqui a sua residencia como negociante e socio da acreditada firma Lara & C.ª

Recebeu-nos com verdadeira affabilidade, e tinha-nos preparado um bom aposento.

Tratámos de aproveitar o pouco que tinhamos da claridade do dia, pois bem sabiamos que das pedras a dentro anoitecia muito mais cedo.

É este, por certo, um phenomeno de facil explicação; mas que influencia póde elle ter nos habitantes e na vegetação, se inquestionavelmente recebem uma somma de luz e de calor muito menor do que se estivessem a horizonte descoberto?

São questões de pequena monta á primeira vista, mas não o podem ser quando se deseja conhecer a influencia de uma localidade na vida dos seus habitantes.

E a nós, que haviamos recommendado as terras de Pungo Andongo como logar adequado para uma colonia europea, cumpria-nos reconhecer a verdade do que haviamos affirmado, embora para isso tivessemos pouco tempo de que dispor; e, portanto, tratámos logo do que era indispensavel providenciar com respeito á Expedição, para nos dedicarmos depois com mais cuidado ás nossas investigações.

No grande quintal da casa que o gerente poz á nossa disposição fizeram-se acampar os carregadores, arrumando-se as cargas num armazem, e armando-se uma das nossas barracas de lona para os doentes, que, por infelicidade, já havia, certamente em razão das fatigantes marchas que ultimamente fizeramos, por termos ainda de nos demorar em Malanje e ir já muito adeantada a quadra do melhor tempo para nos internarmos.

Da parte de fóra do quintal armou-se outra barraca para as doze praças, que davam uma sentinella para as cargas, ao mesmo tempo que vigiavam pela ordem entre os nossos carregadores, pois que estavam aqui comitivas de diversas proveniencias ao serviço da casa.

A bandeira da Expedição foi arvorada junto da barraca dos soldados, porque os nossos desejaram sempre destacar-se das outras comitivas particulares com que se encontram; e é certo que a bandeira portugueza os anima e infunde respeito.

Fomos, em seguida, procurar o chefe para sabermos se tinha já feito acquisição dos bois de monta, como lhe fôra recommendado pelo Governador geral da provincia. O chefe, que não passava de ser um bom homem, e desejava viver sem incommodos, disse-nos que era cousa difficil o alcançarem-se de prompto oito bois em boas condições, e que por isso nos esperava para nós os escolhermos.

Voltámos a Philippe Leonor, que se encarregou de os apresentar no outro dia de manhã, affiançando-nos que já podiamos dispor de tres.

Despediram-se os carregadores que terminaram os seus contractos, e aproveitou-se o retorno de oito para Malanje, que ficaram logo a nosso serviço e se encarregaram de obter mais, devendo os contractos de todos ser feitos no dia seguinte.

Nestes serviços se passou o resto da tarde, até nos chamarem para o jantar.

Vieram procurar-nos algumas pessoas da localidade as quaes o dono da casa, com a boa vontade de se nos ser agradavel, convidara para nos fazerem companhia.

Generalisou-se a conversação, e largamente se apreciou a importancia d'esta região, e se fallou da sua opulencia passada e sua presente decadencia.

Tratando-se da opulencia, já se vê que fallámos do coronel Manuel Antonio Pires, cujas filhas e netas nós conhecemos. Recordáram-nos o modo principesco como elle em sua casa recebêra Livingstone, que tambem no seu livro lhe consagra palavras de muito louvor.

O coronel, como se sabe, era negociante; dispunha de grande força de gente armada e havia-se tornado o sustentaculo do prestigio portuguez por estes sertões mais proximos.

As suas comitivas de negocio, passando através dos Libolos, iam até o Bié e regiões ao norte, alargando cada vez mais a fama do seu nome. Na verdade, chegou a possuir riquezas fabulosas. Tinha boas propriedades agricolas, boas manadas de gado, e offerecia aos seus hospedes pão fabricado com o trigo que colhia das suas fazendas, e excellentes queijos, a que Livingstone se refere como verdadeiro apreciador.

As hortaliças mais perfeitas, e as carnes mais saborosas, que não eram excedidas pelas melhores da Europa, os fructos mais finos, mais mimosos e mais delicados, e os doces que d'elles mandava fabricar, constituiam as refeições d'esse homem tão singular, como as pedras a cuja sombra se acolhêra.

Das hortaliças, carnes, fructas e doces, tivemos occasião de provar magnificos exemplares.

Na sua residencia, nesta villa, viam-se mobilias luxuosas mandadas vir da metropole; os tectos e paredes dos quartos eram primorosamente pintados por artistas de mais subido merito, que para tal fim mandou chamar.

Era extraordinaria, na verdade, esta narração, e tem tanto mais de real, quanto é confirmada com sinceridade pelo celebre Livingstone.

Como o coronel, lembra-nos Rodrigues Graça, nas suas propriedades do Golungo Alto, e mais tarde o mallogrado Borges; e ainda em Moçambique e em S. Thomé, ha memoria de outros Portuguezes que deixaram nome pela opulencia em que vive-

ram, ou pelos vestigios que ainda d'ella se vêem nas propriedades que administraram.

São importantes, é certo, os factos que apontâmos, e não menos notaveis, annos antes, os que se contam de Fortunato de Mello.

Advogára este com enthusiasmo a idea de aqui se estabelecer uma colonia europea; e seu pae, medico e naturalista distincto, diz-nos Lopes de Lima, havia escolhido esta região de preferencia a todas as outras para aqui passar os ultimos dias da sua vida.

Tudo isto, porém, não foi sufficiente para salvar esta localidade do abatimento em que hoje a encontrâmos, e de que nos é facil dar a explicação.

Como quasi sempre succede, e ainda hoje, a respeito dos mais vivos assumptos coloniaes, procede-se por informações menos auctorisadas, e assim vimos que as pedras de Pungo Andongo foram consideradas como insalubres e tão más, certamente por causa da côr negra por que são conhecidas, que foi este por muitos annos o logar escolhido para onde se enviavam degredados os facinoras mais perigosos!

Tambem para aqui veiu desterrado o preso politico José de Seabra da Silva, que fôra ministro, e a quem por commiseração sustentára um dos ascendentes do indigena Polycarpo de Beça Teixeira, cujo retrato apresentâmos.

Prolongou-se a conversa até alta noite, e bem profunda foi a impressão que ella nos deixou.

Os tempos aureos de Pungo Andongo tiveram, como os de Ambaca, uma causa exterior, a qual foi o largo commercio de marfim, escravos, borracha e cera, e com o seu desapparecimento foram-se todas as riquezas. O tempo encarregou-se de apagar tudo o que era obra dos homens, e que elles não souberam tornar duradouro.

Logo de madrugada puzemo-nos a caminho para o logar da habitação de José de Seabra da Silva, e já não a encontrámos. No sitio em que essa casa existiu, quasi no fim da rua principal da villa, ao lado esquerdo, foi construida uma outra mais

PUNGO ANDONGO

pequena, onde a Expedição se alojou no regresso, devendo esse favor ao negociante A. Coimbra; no seu quintal ainda vimos restos das ruinas da antiga casa.

E o que restava da habitação principal do coronel Pires?

Que influencia tiveram estes homens nos habitantes?

Custa a attentar no poder nivelador que impera nestas terras, pois tudo desappareceu sem haver reliquias á vista das quaes se preste homenagem aos que mais se distinguiram! Mas, o que não podemos deixar de reconhecer é a singular disposição das habitações e hortas que vemos nos reconcavos d'estas muralhas, de um e outro lado, fazendo-nos esquecer o seu ligamento que nos serve de piso.

Os moradores internados neste profundo covão, aproveitaram os espaços entre as saliencias d'estas moles gigantes, e ahi fizeram as moradias com os recursos materiaes da localidade, sem ordem ou alinhamento.

A maior parte d'estas edificações teem terrenos annexos, onde se vêem laranjeiras e bananeiras, sempre regadas pelas linhas de agua que saem da penedia e descem de alturas diversas, sendo depois convenientemente dirigidas para as regas d'outros pomares, hortas e jardins.

A população não tem augmentado e a raça branca não tem tido aqui a devida propagação; e diz-se que são frequentes o escorbuto, as pneumonias e doenças dos orgãos respiratorios, e ainda outras, provenientes da suppressão da transpiração.

Attribuem-se algumas doenças ao uso da carne de gado suino e á qualidade das aguas, que não obstante, são das mais limpidas e frescas.

Será de facto a população victima d'essas causas?

É urgente que os medicos façam estudos a tal respeito, por ser este um dos assumptos que mais interessa á sciencia.

A par da influencia da localidade nos habitantes, levantam-se outras questões não menos dignas de estudo.

Tinhamos lido o que a respeito d'estas pedras escreveram Livingstone, os benemeritos exploradores Capello e Ivens, e, antes d'estes, Welwitsch.

As pedras apresentam-se realmente em fórma de muralha, tendo kilometros de extensão, e com saliencias e reintrancias mais ou menos agudas ou arredondadas, o que para o geologo não póde ser indifferente.

As fórmas, como bem se vê nas gravuras que apresentâmos, são em geral, tão variadas quanto phantasticas; erguem-se

POLYCARPO DE BEÇA TEIXEIRA

umas pedras a mais de 60 metros, e encastellam-se outras, lembrando um enorme castello medieval, ou, antes, esses monumentos gigantescos do Egypto, que nos assombram sendo obras dos homens, como estas nos deixam estupefactos sendo obra da natureza.

D'estas pedras nos diz Livingstone[1]: «Ces rochers sont formés d'un conglomérat de fragments arrondis de nature diverse, renfermés dans une matrice de grès d'un rouge sombre, et

[1] *Explorations dans l'intérieur de l'Afrique australe, 1840-1856,* pag. 463, trad. Loreau.

reposent sur une couche puissante de grès semblable, où sont contenus, en très petite quantité, quelques-uns des galets, qui entrent dans la composition des colonnes .....

.....

«Les fragments dont le conglomérat de ces piliers est formé sont des morceaux de gneiss, de schiste argileux, de mica et de grès schisteux, de trapp et de porphyre, dont la plupart sont assez gros pour faire supposer que ces rochers sont les derniers vestiges de bancs énormes de galets primitifs.»

Sobre este mesmo ponto escreveram os nossos exploradores Brito Capello e Roberto Ivens[1], o seguinte:

«Da analyse que fizemos, concluimos que são as penedias de Pungo Andongo exclusivamente constituidas por um conglomerado duro e resistente, em que figuram schistos argillosos, de envolta com o gneiss, porphyro, alguma mica e a alludida especie de basalto, para o qual, porém, deve haver toda a reserva, pela duvida em que estamos.»

E como se formariam estas penedias?

A este respeito escreve Livingstone[2]:

«Les piliers gigantesques de Pungo Andongo, doivent avoir été formés par un courant maritime venant du sud-sud-est; il est facile de voir, en les considérant d'un point élevé, qu'ils suivent cette direction, et leur origine remonte à l'âge où les rapports de l'Océan et de la terre différaient complètement de ce qu'ils sont aujourd'hui, bien avant l'époque où le globe terrestre fut prêt à devenir la demeure de l'homme.»

A idéa de uma corrente oceanica, vinda do sul e formando estes pilares, não foi acceita pelos nossos exploradores, que explicam d'este modo o phenomeno:

«A primeira idéa suscitada a quem faz a ascenção de qualquer dos penedos (porquanto quasi todos são accessiveis), e que, reconhecendo a sua disposição, tenta explicar, pela existencia em

---

[1] *De Benguella ás Terras de Iacca,* vol. II, pag. 190.

[2] *Op. cit.,* pag. 463.

todo o conglomerado de calhaus perfeitamente roliços, a acção indubitavel da agua, é que outrora o leito do rio Cuanza deslisava pelas pedras, e um effeito vulcanico, elevando-as, deslisou o curso do mesmo rio umas poucas de milhas para o sul. [1]»

Parece-nos mais consoante aos factos observados a explicação de Livingstone, do que a dos nossos exploradores Capello e Ivens.

A lucta do Oceano com o continente, mais poderosa e mais accentuada outr'ora, poderia suggerir aquella explicação natural quando se attenta, mesmo em nossos dias, nos phenomenos de levantamento e abaixamento da costa maritima.

Refere-se Livingstone a um facto que relembrâmos pelas suas mesmas palavras. São as seguintes:

«On nous a fait voir sur l'un de ces rochers l'empreinte d'un pied, qui passe pour être d'une reine célèbre dont tout le pays reconnaissait l'autorité [2].

Os nossos exploradores, porém, fallam da existencia: «De pegadas humanas á mistura com as de quadrupedes, certamente cão, que existem, que nós as vimos e as desenhámos por serem authenticas.»[3]

Tambem vimos essa pegada muito visivel e a respeito da qual os habitantes se chegam a convencer seja artificial. Ella apresenta-se de fórma que pareceria, se fosse autentica, ter havido um escorregamento de quem descesse; porém, é só de um pé, e nem para a frente nem para trás ha outros vestigios.

O nosso amigo Francisco Salles Ferreira, na sua visita de inspecção das contribuições aos concelhos, como neste tivesse de demorar-se, conseguiu obter um molde d'esta pegada, e promette apresentá-lo num interessante trabalho que tenciona publicar sobre a provincia, e fazer sobre elle algumas considerações.

---

[1] *De Benguella ás Terras de Iacca*, vol. II, pag. 196.

[2] *Explorations dans l'intérieur de l'Afrique australe*, pag. 464.

[3] *De Benguella ás Terras de Iacca*, vol. II, pag. 191.

PUNGO ANDONGO

Julgâmos, pela nossa parte, que a linha de Cachoeiras que se estende quasi parallela á costa atlantica, levantando-se os terrenos d'essa linha até aos planaltos centraes, e havendo noutros logares pedras assim postas a descoberto, como as do Congo e de Encoje para norte, está demonstrando que as correntes oceanicas chegavam não longe d'este limite, cobrindo toda a zona baixa da costa occidental da Africa, que é de formação relativamente moderna.

As aguas diluviaes, que nessas epochas cairam e abriram valles, reduziram as alturas de montes e escavaram estes terrenos, deixando as pedras a descoberto, e enchendo de detritos de toda a especie, os terrenos que o mar ia deixando livres.

E bem sabido que as coordenadas geographicas são os primeiros factores que servem á determinação de um clima. As d'este já ha muito se acham calculadas, e são as seguintes:

Latitude 9° 42′ 14″ sul.

Longitude 15° e 30′, E. Greenwich.

Altitude, 1071 metros.

É, pois, evidente que o territorio de Pungo Andongo está muito mais proximo da linha equinoccial do que dos tropicos, e, por isso mesmo, a sua posição não é das melhores, dando-se além d'isto a circumstancia da sua baixa altitude, em relação ás exigencias dos modificadores do clima.

Nem a latitude nem a altitude são, pois, favoraveis a esta região; mas a disposição do terreno, só de per si, neste caso, tem grande influencia, e dá ao clima caracter mais benigno do que o de outras localidades sob o mesmo parallelo.

O sol, passando aqui duas vezes no zenith, faz tambem com que o calor domine; e é grande, por certo, a correcção da temperatura dada pela disposição que offerecem as pedras.

Mas qual será a influencia de similhante localidade, especialmente na acclimatação da raça branca?

Apresentou-se-nos um caso, que a todos impressionou, e não se sabe como explicá-lo!

É o de uma lindissima creança de sete annos, em segunda geração. De pelle finissima e de uma grande alvura, olhos gran-

des, cabellos louros, caindo-lhe em graciosos anneis sobre as costas, bôca pequena e beiços rosados; era o enlevo dos paes.

Tinha, porém, um defeito, e grave, que causava pena encontrar em rosto tão formoso — os dentes eram completamente podres!

Este mesmo phenomeno se dava numa sua irmã mais pequena, e que com ella muito se parecia.

Estas duas creanças são netas do velho Tavira, que ha muitos annos aqui se estabeleceu, tendo sido primeiramente capitão de navios mercantes.

São filhas estas creanças de uma filha d'elle e de um seu sobrinho — rapaz activo e que seu tio chamou para a direcção da sua bella propriedade agricola, situada a uns 6 kilometros fóra da villa.

Tambem conhecemos os netos do coronel Pires, de que Livingstone nos falla com tanto enthusiasmo. E estes, filhos de sua filha e de um europeu, nasceram em Malanje e tambem soffrem do mesmo mal, sendo a mãe natural de Pungo Andongo.

Poderiamos suppor o mal hereditario, se não soubessemos que no Perú e n'outros paizes se dão factos analogos.

Deve attribuir-se esta doença, aqui, ás aguas, aos alimentos ou antes ao clima?

É o que cumpre averiguar.

Causava-nos enthusiasmo fallar com os habitantes e recordar factos historicos, que tanto ennobreceram os nossos maiores.

Foi o invicto capitão Luiz Antonio de Sequeira que, em 1671, conquistára esta maravilha para a corôa de Portugal ao atrevido D. João, ultimo rei dos Dongos.

Eram arrojados e persistentes os portuguezes, que abnegando de tudo que individualmente lhes era caro, se expunham aos maiores perigos, sómente estimulados pelo amor e engrandecimento da sua patria!

Rebellára-se aquelle vassallo ingrato contra a soberania de Portugal, que por vezes libertára o seu reino do jugo dos Jingas, animado pela derrota que as nossas forças haviam soffrido

contra o *Sonho,* sabe Deus se pela imprudencia de se não attenderem os conselhos do leal e dedicado Calandula, de que já fallámos.

Custa a crer que Luiz Antonio de Sequeira e os seus companheiros, durante onze mezes, tivessem a constancia de se sustentarem entrincheirados defronte d'este grandioso blocaus natural e que se suppunha inconquistavel, esperando a opportunidade de lhe dar assalto.

Em diversos pontos, arcando com as difficuldades das asperezas das rochas e falta de rampas accessiveis, elles trepam, debaixo da resistencia de um inimigo forte, aos cumes d'essa penedia, de onde o desalojam e perseguem. É tal o terror que d'elle se apossa pela bravura dos nossos, que muitos se despenham de differentes alturas perecendo assim muitos d'elles.

Pagaram bem cara a ousadia de irem atacar os nossos nos entrincheiramentos!

E com actos de tal heroicidade occorre-nos o triste fim que teve esse valoroso capitão! Alguns annos depois, é ainda um traidor d'esse povo dos Háris que, combatendo a seu lado contra as hordes aguerridas de D. Francisco, successor da Jinga, aproveitando-se da desordem e confusão da nossa victoria, cobarde e traiçoeiramente o mata á queima roupa!

Aquelle Portuguez, que foi o terror de todos estes sertões, morreu vencendo, como muito bem disse um dos nossos historiadores modernos!

A conquista das Pedras Negras representa, pois, um dos mais grandiosos feitos que os nossos praticaram por estas terras; e é preciso que se divulguem bem todos os factos que ennobrecem o nome portuguez em Africa, visto que a Europa é tão injusta para comnosco, e tenta absorver por tantos modos as nossas melhores conquistas!

Luiz Antonio de Sequeira bem mereceu da patria que tanto honrou; e o melhor monumento para coroar os seus feitos, conquistou-o elle. A nós cumpre saber aproveitá-lo para gloria da nação, arroteando devidamente as terras a que está vinculado o seu nome!

É esta a homenagem que desejáramos se prestasse aos heroes que tanto se sacrificaram, e alguns dos quaes quasi são desconhecidos dos Portuguezes!

Noutro tempo, pela sua bella situação, affluia aqui o commercio de Jinga e Cassanje, vindo do interior, do Libolo, de todo o sertão bailundo e ainda do Bié; hoje, porém, restringe-se ao de leste, transportado por Bângalas e Calandulas, e a muito pouco da outra margem do Cuanza, e por este motivo muitas das casas commerciaes, que aqui floresceram, já retiraram, e mais algumas pensam em fazer o mesmo.

Benguela attrahiu a si todo o commercio mais a sul; Malanje e Dondo o que passa por Cassanje e Songo. Hoje Pungo Andongo é apenas um ponto de passagem de comitivas.

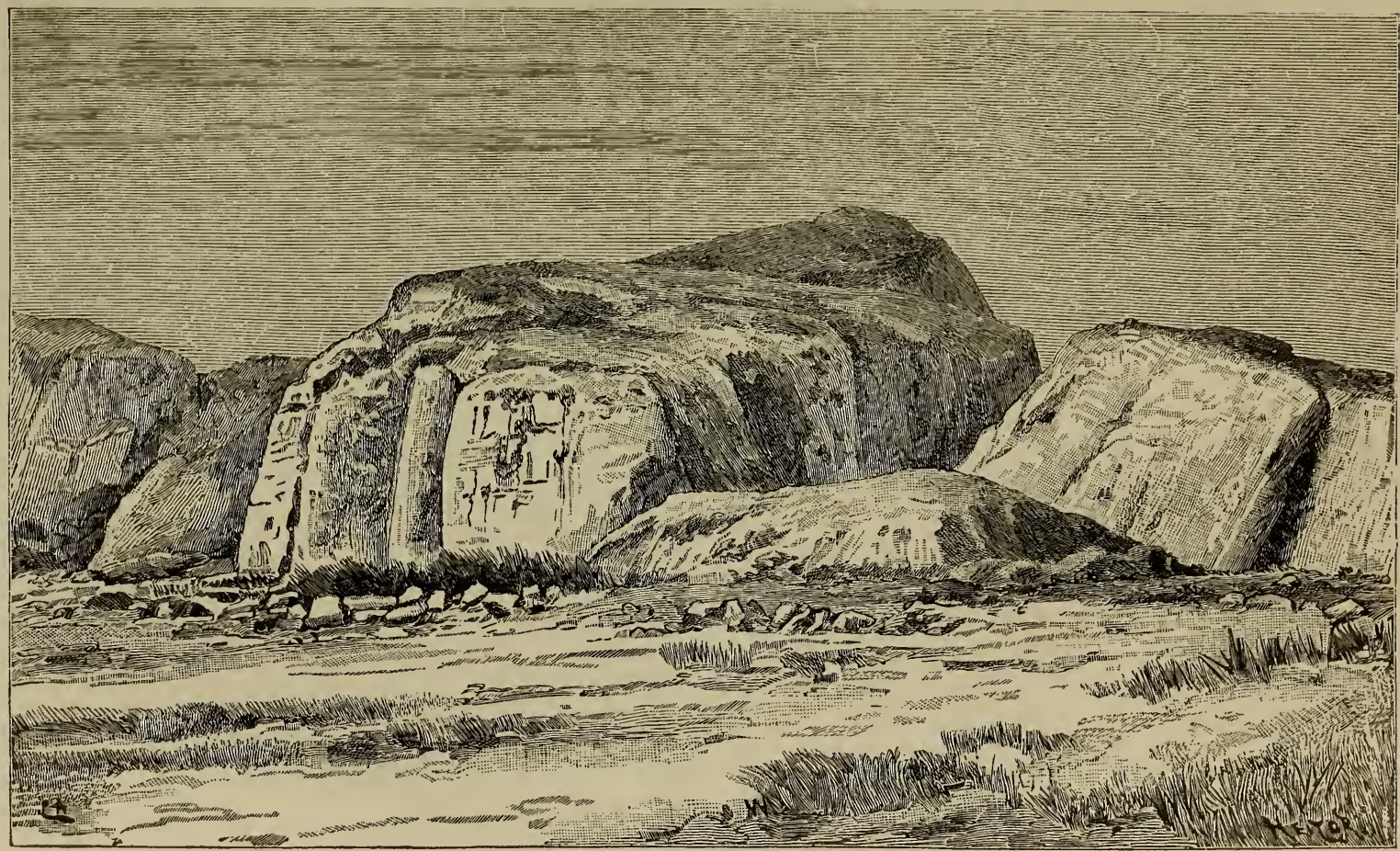
O gentio, sempre desconfiado de que o enganam, embora afreguezado numa casa, em sabendo que noutro logar lhe dão mais alguma cousa pelo seu genero, ainda que seja uma gratificação, sem olhar a distancias, vae lá com as suas cargas.

É sabido que o commercio no Dondo está menos onerado que o de Pungo Andongo, e, portanto, póde offerecer mais vantagens ao gentio. É preciso que se dê certo numero de circumstancias para haver compensações, e poder o negociante em Pungo Andongo competir com o do Dondo. Ora essas circumstancias dão-se com as casas filiaes, e são estas que fazem concorrencia.

Aos gentios não passa este jogo indifferente e tratam tambem de fazer o seu, de que se arrependem muitas vezes, porque teem vendido o genero por mais baixo preço do que lhes fôra offerecido anteriormente.

Reconheceu o nosso commercio não haver grandes vantagens em ter espalhadas casas filiaes, e deu preferencia aos aviados; limitando-se, pois, o seu numero em Pungo Andongo.

Todos estes factos, sendo o primordial o augmento de casas commerciaes em Malanje, motivaram a decadencia commercial, e atrás d'ella a ruina de muitos predios urbanos, e o desapparecimento de todos os vestigios d'essa opulencia de que só os homens antigos se recordam.



PUNGO ANDONGO

Todo o commercio por estes territorios se tem feito sempre ao acaso; e a povoação era mais uma guarda avançada para uma exploração do commercio exterior, do que uma localidade em que se fixasse a população, para constituir uma sociedade regular.

Bastariam estes factos para se explicar toda a insciencia com que aqui se fazia o commercio.

E que poderemos dizer das explorações agricola, industrial e mineral?

Como os europeus, arrastados pela idéa do commercio indigena, não pensavam senão em lhe ir ao encontro, esqueciam tudo que a terra lhes podia offerecer como fonte de riqueza publica; a sua passagem não era assignalada, em geral, por serviço algum feito á localidade, e a sua retirada significava o aniquilamento completo.

Houve, é verdade, os ensaios agricolas de Fortunato de Mello e do coronel Manuel Antonio Pires, e estes deram alguns resultados beneficos á população indigena que por aqui se encontra, mas que está mui limitada pelas emigrações, por já não poder satisfazer ás necessidades que creou. E esta bella região será um ponto morto, se lhe não acudirem com as providencias mais urgentemente reclamadas.

Tenta-se a plantação da canna saccharina já com algumas vantagens, e parece que a agricultura se ensaia pela primeira vez! Acuda-se, pois, a esta região com todas as providencias que possam aproveitar a estes pequenos nucleos de cultura.

Não offerece duvida que estas terras são magnificas para diversas culturas europeas e para as que são proprias do clima, e nellas tambem se dão bem, melhor que em toda a região que percorremos, os bons pastos, e o gado aqui desenvolve-se e vive bem.

E assim deve de succeder attenta a boa qualidade do capim que é differente d'aquelle que haviamos encontrado antes do Lutete, ainda na região de Ambaca. Aqui sim, dissemos nós, aqui por certo que o gado bovino encontrará muito melhor sustento, o que deve ser de grande vantagem para os colonos

que procurem esta região para se estabelecerem permanentemente, e queiram entregar-se a trabalhos agricolas e á valiosa industria da creação e engorda do gado, que estabelecida a linha ferrea, encontraria por certo facil saida para o melhor mercado do littoral.

Tambem é certo que o europeu, sejam quaes forem as circumstancias que se deem, resiste ás influencias do clima, e propaga pelo menos até á terceira geração.

Devemos acreditar que o caminho de ferro de penetração, de Loanda, mais mez menos mez, ha de atravessar esta região para Malanje. É, portanto, occasião de pensarmos seriamente em aproveitar os recursos com que a natureza dotou esta localidade, e a facilidade de transportes que os poderes publicos lhe proporcionam.

A iniciativa particular é por emquanto muito restricta no nosso paiz, e por isso aos poderes publicos ainda solicitâmos mais um sacrificio, de que ao cabo de certo tempo resultarão vantagens importantes, principalmente no desenvolvimento da agricultura, e do commercio com a metropole; porque este pequeno mercado, que hoje aqui existe, tomará grandes proporções e terá uma outra ordem de necessidades.

Uma colonia penitenciaria e um batalhão agricola podem servir ao Governo, não para ensaio, porque este está feito de ha muito, mas para despertar a attenção e estimular a iniciativa particular.

Mas que uma e outro se estabeleçam devidamente, procedendo-se aos trabalhos preparatorios indispensaveis, sob a direcção de individuos competentes, cujos planos deverão ser apreciados na metropole, depois de ouvidas as auctoridades sobre o assumpto.

Convençamo-nos. A nossa provincia de Angola ha de prosperar quando os seus productos poderem entrar, em concorrencia, nos mercados europeus, com os similares de outras proveniencias.

É tal o interesse que tomâmos por esta região, sobre a qual já publicámos pela imprensa periodica alguns estudos,

que nos iamos esquecendo de que estavamos em vespera de partida; mas sejam tambem estas nossas resumidas considerações tomadas como tributo de reconhecimento a todas as pessoas que em Pungo Andongo nos prestaram informações, e mais ou menos manifestaram sympathia pelos bons resultados da nossa missão.

Fizemos varias experiencias para carregar os bois; a vontade era grande, porém o trabalho baldado, apesar dos diversos modos como pretendemos segurar as cargas. Se conseguiamos o nosso intento com alguns bois, lá iam elles de encontro a uma arvore, ou esquina de alguma casa, e a carga logo caía por terra; outros entravam pela primeira porta aberta, e faziam dentro das casas grandes disturbios, arrastando as cargas até as largar.

Com o tempo e com um ensino persistente seria possivel conseguir alguma cousa, mas em caminhos estreitos; agora não era possivel. Não havia, pois, outro remedio senão contratar mais carregadores, porque, além das faltas que já tinhamos, eram precisos mais alguns para o transporte dos fornecimentos, que aqui fizemos, de polvora, armas e lençaria grande, por nos terem avisado de que a expedição allemã comprára todos os artigos d'esta qualidade que existiam em Malanje. Os carregadores forneceram-se de camisas e bonés de velludilho.

Como a Expedição partisse no dia seguinte e Sertorio de Aguiar estivesse preparado para tirar algumas vistas photographicas, aproveitou-se a occasião para photographar em grupo a Expedição, em frente da casa onde estivemos hospedados, obtendo-se assim a gravura que apresentâmos.

Não obstante haver ainda falta de alguns carregadores, deu-se ordem para a expedição partir na madrugada seguinte, dividida em secções; e todo o dia se levou no preparativo de cargas, trabalhos sempre fastidiosos por causa dos pesos, distribuição de rações para a viagem, etc.

Para o serviço dos nove bois de monta nomeou-se um dos contratados em Loanda acostumado a elle; porém até Malanje nenhum de nós quiz ir montado.

A pedido de Philippe Leonor, e como não pudessemos ir d'aqui pernoitar a Calundo, ficámos ainda em sua casa, e os carregadores marcharam durante o dia por secções e foram pernoitar a Cacolo, para seguirem de madrugada para ali.

Foi assim melhor, porque tudo se fez com mais descanso, e tivemos o prazer de mais uma vez jantarmos na companhia de bons amigos.

CESALPINA

VIAGEM DE PUNGO ANDONGO PARA MALANJE

udo estava prompto para partir ás sete horas e meia do dia 4, e emquanto esperâmos por alguns amigos que querem acompanhar-nos, teimam tres dos contractados de Loanda, já alegrotes pelo mata-bicho, em carregar os bois; teimosia que dá ensejo a bons trambolhões e correspondente galhofa, e a fazerem-se arrecadar as cargas para, na primeira occasião, nos serem enviadas.

Seguimos até ao fim da villa, acompanhados pelas pessoas da localidade a quem já agradecemos essa attenção; e ás dez horas e meia estavamos fóra das Pedras, e á uma e meia chegámos a Cacolo, onde almoçámos.

Fóra do recinto da villa deixámos já, numa baixa, uma povoação indigena com bastantes palhoças. O terreno desce suavemente d'ahi para o Lutete, affluente do Cuanza; para sueste ficavam as pedras chamadas Jingas.

Alegra-nos a viagem pelo grande horizonte que descobrimos, parecendo-nos ter saido de uma prisão, e a nossa vontade é andar e ver, mas ver longe; e de quando em quando deitâmos um olhar furtivo para essa penedia, que vae desapparecendo, e se nos afigura agora muito mais sombria.

Em Carima, povoação que passámos, apresentou-se-nos um homem com um bilhete e um boi-cavallo. O bilhete era de um dos nossos soldados que nos mandava mostrar aquelle boi para o comprarmos, como cousa muito boa, por sete libras! Isto deu occasião a uma conversa, de que resultou comprarmo-lo por 16$000 réis.

Apresentaram-nos outro boi-cavallo pouco depois, mas arreado, que tambem foi comprado pelo mesmo preço; lembrando-nos então o conselho do Governador da provincia, de que era preferivel este meio de transporte a outro qualquer, porque, em casos extremos, nos proporcionava alimentação para alguns dias.

Ainda depois apresentaram-nos mais, talvez uns seis; e custa-nos a crer que os allemães que mandaram escoteiros a Ambaca procurando até quarenta bois, se não lembrassem de os mandar aqui!

Occorreu-nos tambem o que nos dissera o pachorrento chefe de divisão em Pungo Andongo que haveria alguma difficuldade em arranjal-os!

Ás quatro horas seguimos para o Lutete, a cuja margem fomos acampar, admirando-nos da volta que este rio dá, sendo já a segunda vez que dormimos proximo d'elle e nos servimos da sua agua.

Effectivamente, não nos enganaram com as informações ácerca das distancias: são 15 kilometros das pedras a Cacolo, e 10 de Cacolo até aqui.

A nossa refeição teve de ser muito parca; mas o peor de tudo foi que tivemos de passar a noite nas redes, sobre o capim, porque as camas ficaram para trás, certamente porque os carregadores vinham entretidos com os outros que beberam de mais.

As secções que tinham partido de vespera estavam á nossa espera em Calundo; mas era já tarde para ali irmos, e ao menos aqui tinhamos a casa da patrulha para abrigo.

Logo de madrugada estavamos de volta com os nossos carregadores para seguirmos viagem, e depois de 10 kilometros de marcha chegámos a Calundo, de onde queriamos fazer seguir comnosco as secções que já ali estavam acampadas; porém, o negociante Moreira, gerente naquella localidade da casa Oliveira & Irmãos de Loanda, teve a amabilidade de vir ao nosso encontro a dizer-nos que o almoço estava na mesa á nossa espera.

Fizeram-se seguir as cargas para Matete. Contractaram-se mais uns oito carregadores, que ahi estavam devoluto que eram de Malanje, e mandaram-se a Pungo Andongo para nos trazerem as cargas que lá haviam ficado, e ao mesmo tempo dizer aos carregadores retardados no caminho que avançassem a encontrar-nos.

Paulino, o encarregado dos bois-cavallos, lembrou que havia conveniencia em serem estes montados tornando-se assim mais facil a marcha. Era razoavel o conselho, e, por isso, elle e os soldados lá os montaram e acompanharam as cargas.

O inesperado almoço vinha de molde, porque nos permittia ter menos demora em Calundo, pois os nossos desejos eram vencer a distancia que nos separava de Andala Samba; além d'isso, Moreira, que tem fama de ser um bom negociante do sertão, porque sabe viver com o indigena, prestar-nos-hia valiosos esclarecimentos.

Notámos á sua mesa, como já o haviamos feito em Pungo Andongo, que as louças e talheres eram productos de industria allemã, e, a tal proposito, soubemos que por estes sertões ha tambem carabinas, revólveres, facas de mato, e variedade de capacetes de metal, tudo de proveniencia allemã, que os exploradores d'esta nacionalidade para cá trouxeram e por aqui teem ido negociando.

Registâmos estes factos, porque foi por uma concessão graciosa do Governo portuguez, em beneficio da sciencia, que se

lhes facilitou o serem despachadas as suas cargas nas alfandegas da provincia, com isenção de direitos, e é bom que isto conste.

Moreira, este amavel rapaz, tão digno de melhor sorte, é um mau exemplar para animar a immigração europea. Mortificado com feridas incuraveis nas pernas, apresenta-se-nos macillento, com falta de sangue, senta-se e falla sempre como quem está muitissimo fatigado; e o que tambem concorre para augmentar a impressão penosa que sentimos ao vê-lo é o facto de ser a sua pelle de uma alvura lymphatica, os olhos claros, e o cabello louro claro.

Pede licença para vegetar; e, comtudo, a sua residencia está num planalto elevado, completamente desassombrado, e elle lá tem o *Chernoviz* para consulta!

Como isto é triste!

Reconhecidos o deixámos, e seguimos para Matete, a 5 kilometros de distancia, que se vencem numa hora, e, com pequenas differenças, no rumo de leste.

Aqui encontrámos, definhando-se tambem em lucta com o clima, á testa de uma casa filial de Moreira, um pobre rapaz, Ferreira, que nos convidou para jantar, dizendo-nos logo que tinha apenas uma gallinha, porque não quizeram vender-lhe mais; porém empenhava-se em que o nosso collega Sizenando Marques visse um doente, amigo d'elle, indigena, sobrinho de Narciso Paschoal, de Malanje.

Causou-nos dó tudo isto, e resolvemos ficar. Sizenando Marques foi ver o doente emquanto se comprou, matou e distribuiu um boi; e, da parte que tirámos para nós, da melhor vontade repartimos com Ferreira, e com o que levavamos do nosso rancho se fez um excellente jantar, em que tomou parte, e que estamos convencidos foi para elle um jantar de festa.

A nossa gente aproveitou tambem do descanso para preparar o fogo e cozinhar parte das suas rações de carne e fuba, que se lhe havia distribuido; não tendo deixado de haver, como sempre, a infallivel bulha e as rixas por occasião da repartição da carne.

PARTIDA PARA PUNGO ANDONGO

Apresentaram-se ainda mais alguns bois-cavallos á venda, mas não os acceitámos por entendermos que já tinhamos os que nos eram necessarios.

O commandante da divisão dos Moveis veiu comprimentar-nos, e pedir licença para mandar prevenir o chefe do concelho de Malanje da nossa chegada a este ponto, conforme elle lhe ordenára de vespera; e por isso se aproveitou o portador, escrevendo-se um bilhete para elle, e outro para o negociante Custodio Machado.

A nossa gente seguiu, com ordem de acampar em Andala Samba, e nós partimos ás quatro horas, depois de Sizenando Marques voltar de ver o doente, e de lhe deixar as prescripções para o tratamento a seguir com os preparados por elle mesmo manipulados.

Continuámos no rumo leste 1/4 les-sueste, e ainda não completos 4 kilometros, novamente passámos o Lutete, pela terceira vez, e deparou-se-nos uma boa senzala num planalto á direita, e á beira do caminho um bom quartel (patrulha), em vista do que a nossa gente já havia acampado eram cinco horas e tres quartos da tarde.

Custando-nos a crer, pelas informações que tinhamos colhido, que fosse ali Andala Samba, onde a gente recebera ordem de acampar, chamámos o commandante da divisão que nos disse ficar esse ponto a úma hora de distancia; e, não sem custo, fizemos seguir para ahi os carregadores, só com o fim de acostumá-los á obediencia.

Havia luar, e ás sete horas e meia lá chegámos, tendo percorrido 7 kilometros, pouco mais ou menos, sempre no rumo de leste.

Ahi encontrámos tambem estabelecida uma divisão de Moveis, e o seu commandante apresentou-se immediatamente, pondo á nossa disposição um bom quarto na patrulha, em que havia umas tarimbas feitas de mabú, para servirem de leito, o que nos foi bem pouco commodo, porque julgámos poder prescindir das nossas camas, que deviamos ter collocado em cima d'ellas.

Os carregadores, na sua maioria, acamparam ao ar livre, entre fogueiras, entretendo-se primeiro a cozinharem o mantimento que tinham, e depois de terem a barriga cheia começaram cantando e dansando; e nós, já affeitos a estas berrarias infernaes, adormecemos.

O Lutete, com todas as suas ramificações, cortando a região em que temos andado depois de Pungo Andongo, rega muitos valles, que podiam ser excellentemente aproveitados para varias culturas remuneradoras; os indigenas, porém, apenas os aproveitam parcialmente para mandioca — base principal da sua alimentação e que não requere cuidados — para milho, feijão, alguma batata doce, abobora, ainda algumas bananeiras e ananazes, e no todo, mais ou menos para tabaco.

Tambem pelo transito se tem encontrado, aqui e acolá, bons pés de algodoeiro.

Quando chegará o dia em que a iniciativa particular se convencerá de que o algodão é uma fonte de riqueza que vale muito a pena de explorar, com o auxilio do indigena, e que poderá ainda entrar na concorrencia com o algodão da America, muito principalmente agora, que se acredita que o caminho de ferro ha de servir esta região?

As explorações commerciaes são boas nos centros em que haja vida, e esta, aqui, só lh'a póde dar a viação accelerada e a agricultura, quando queira aproveitar-se judiciosamente a excellencia do torrão e a abundancia das aguas.

A affluencia do commercio, por todo este sertão, se por um lado teve vantagens, por outro, trouxe o grande inconveniente de fazer desapparecer um producto rico, que, desenvolvido devidamente, era a grande fortuna da provincia. Referimo-nos á borracha, de que ainda se encontram vestigios nessas florestas por onde temos passado. A mira no lucro immediato arrastou o indigena á imprevidencia e, diga-se mesmo á barbaridade, de destruir as fontes de todo esse producto, pela maneira porque o colheu.

Estavamos no dia 6, e logo de madrugada nos puzemos a caminho com o firme proposito de entrarmos nesse mesmo dia em Malanje.

Eram quasi dez horas quando acampámos junto á patrulha do Lombe, tendo feito um percurso de 13 kilometros, descaindo para les-noroeste.

O chefe da divisão dos Moveis veiu offerecer-nos de almoçar, e por consequencia fizemos seguir os carregadores para Culamuxito, que verificámos depois ficar distante 15 kilometros de Malanje.

Deixámos um caminho para leste, que vae para o Duque, e seguimos o de noroeste.

Neste percurso encontrámos um soldado do destacamento de Malanje, que se nos apresentou com uma guia do chefe d'este concelho para ficar ás ordens da Expedição; era tambem portador de uma carta do negociante Machado, que dizia esperar-nos para jantar.

Tivemos apenas um curto descanso de talvez meia hora, em Culamuxito, para se reunirem os carregadores que haviam ficado para trás.

Culamuxito é um logar aprazivel, devido ao esplendido desenvolvimento das arvores que povoam a sua grande floresta, que lhe deu o nome indigena; é considerado vantajoso por ahi affluir o commercio do interior, e tambem pela fertilidade dá terra, que alguns cultivadores aproveitam para plantações de canna saccharina.

Foi aqui iniciada a cultura da cana saccharina pelos irmãos Machados, e foram elles os primeiros a fabricar aguardente no concelho, o que lhes custou bastantes dissabores pela concorrencia do alcool do commercio.

Estão estabelecidas neste logar algumas casas de commercio, na sua maior parte filiaes das firmas de Pungo Andongo e Malanje.

Ás quatro horas e meia saiu d'aqui a Expedição, na melhor ordem possivel, indo os *cavalleiros* na frente, seguindo-se-lhes a bandeira, depois as cargas e por ultimo nós.

O corneta, que vae montado, toca com toda a valentia, porque só assim os bois se dispõem a correr, e elle depois de alguns exercicios de equilibrio cae, o que é motivo para grande risota. Tudo isto disfructámos bem, porque iamos subindo para uma soberba planicie verdejante, que mais não deixámos até Malanje, chegando ao rio, que limita a villa pelos quadrantes de noroeste para o norte, ao sol posto, e tendo feito um percurso de 5 kilometros, pouco mais ou menos.

Todos estes valles, ou melhor, o conjuncto de valles entre o Lombe, Cuanza e Cuíje, tendo de permeio o rio de Malanje com os seus affluentes que, juntos com os d'aquelles rodeiam a villa situada num planalto, surprehendem pela variedade de arvoredo, e pela sua vegetação, em geral superabundante.

O solo de toda esta região, desde Pungo Andongo, póde dizer-se que é composto de uma espessa camada de grés micaceo vermelho, em que o grão vae diminuindo de tamanho á medida que nos afastâmos d'ali, assentando sobre outras rochas sedimentares.

MUQUIJE (IDOLO)

ENTRADA DE MALANJE — PONTE D. CARLOS

ENTRADA EM MALANJE

SECRETARIO

Não fallaremos da recepção do negociante Custodio José de Sousa Machado, por quem fomos hospedados, porque nesta casa é proverbial captivarem-se os hospedes, que a miudo a frequentam, com o acolhimento o mais bizarro; nem do jantar, pois a sua esplendida mesa tem fama, e nella se não fazem alterações quando elles faltem.

Custodio Machado á mesa é considerado hospede, e D. Rosa procura sempre ser-lhe agradavel: dizendo isto, está dito tudo.

Principiavamos a refeição, quando nos foi entregue um cartão da expedição allemã, felicitando-nos pela nossa chegada; e pouco depois appareceu a comprimentar-nos o seu chefe, o

sympathico Tenente H. Wissmann, que tomou um logar á mesa, que lhe fôra offerecido pelo seu amigo o dono da casa.

Como era de suppor, o assumpto da conversa foi o que mais nos interessava — exageros dos exploradores, falta de carregadores e de bons interpretes, necessidade do estudo das linguas, difficuldades da pronuncia, morte do Dr. Paul Pogge, as viagens de Shut e Büchner, etc., etc.

O jantar terminou com brindes *(Prosit)* — muito agradaveis para as duas expedições.

Recolhemos, não para descansar, mas para pormos em ordem as notas que tomaramos, baseadas nas informações que nos haviam dado, e impressões que receberamos.

E estas melhor se apreciam percorrendo os seguintes officios, que nessa mesma noite principiámos a escrever.

A S. Ex.ª o Governador Geral:

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Chegámos a esta villa ás seis horas da tarde de hontem, e devendo aproveitar a opportunidade do correio que parte ámanhã para essa cidade, principío por communicar a V. Ex.ª que a Expedição saiu de Pungo Andongo em 4, ás dez e meia horas da manhã.

Pernoitámos nas patrulhas do Lutete e Andala Samba, sendo a marcha do primeiro dia de cinco horas, a do segundo de seis, e a de hontem de sete, ao todo dezoito horas; o que nos convence de que a distancia é pouco mais ou menos de 85 kilometros, como pelas cartas se nos afigurou.

O caminho é realmente bom, e em algumas partes, proximo ás residencias dos commandantes de divisões de Moveis, estava limpo, e para sentir é a falta de pontes e de algumas obras de arte sobre riachos e linhas de agua, que occasionam os charcos e pantanos que ha a atravessar.

Permitta V. Ex.ª que diga agora o que tenciono dizer a S. Ex.ª o Ministro, é que esta viagem do Dondo a Malanje mais me convenceu da necessidade que eu já de ha muito sustentava: de se conservar, e renovar-se mesmo em alguns pontos, a antiga instituição das patrulhas.

No tempo em que governava o districto de Golungo-alto o distincto major de artilheria, hoje general, Visconde de Ovar, as patrulhas d'este districto foram até fornecidas com leitos, lavatorios e mais mobilia.

De certo para quem não póde fazer-se acompanhar de barracas e camas de campanha, são tão apreciaveis estes agasalhos, que bem se poderiam fornecer as patrulhas com uma ou duas camas de campanha, um can-

dieiro, uma mesa, duas cadeiras, e um lavatorio completo, objectos que, ficando a cargo dos commandantes de divisão, e devidamente reservados, só seriam facultados a individuos de uma certa educação.

V. Ex.ª, que já viajou por este sertão, e conhece bem estes caminhos, certamente terá reconhecido esta necessidade, e envidará todos os seus esforços para que se sustentem as patrulhas que existem, se reedifiquem as que estão em ruinas, e se levantem outras onde se sinta a sua falta.

Os exploradores allemães que pernoitaram nas que encontraram no seu transito apreciam-nas, e confessam a ellas deverem alguns commodos que não esperavam do Dondo até Malanje.

Em tempo propoz o actual director das obras publicas d'esta provincia, o Major de engenheria José Antonio Ferreira Maia, que os soldados d'estas patrulhas, pagos de rações pelo serviço das obras publicas, tivessem a seu cargo conservar sempre limpos os caminhos, até 2 kilometros para cada lado do quartel.

Isto sería muito util; e quando accumulassem esse serviço com o de vigilancia pelos taboleiros de simples passagem sobre as linhas de agua, poderiam elles mesmo substituir as madeiras que estivessem em mau estado.

V. Ex.ª bem sabe, e assim o demonstrou na nossa Sociedade de Geographia de Lisboa: «que as verdadeiras estradas na provincia seriam as ferreas, tudo mais sería infructifero e póde reduzir-se a caminhos limpos de vegetação, com passagens ligeiras sobre as linhas de agua».

Sendo isto assim, o projecto do illustrado Ferreira Maia tem agora todo o cabimento, e, devidamente ampliado, póde ainda offerecer mais vantagens.

Emquanto a provincia não póde aproveitar um pessoal proprio, poderiam ligar-se as patrulhas d'esta região, em que se tocam os concelhos centraes, por uma linha telegraphica; e indigenas habilitados poderiam habituar-se á leitura de simples instrumentos meteorologicos, a horas determinadas, cujo registo communicariam para Loanda, ao passo que teriam a seu cargo uma pequena ambulancia de medicamentos com umas prescripções geraes, para servirem aos viajantes que de momento d'elles carecessem.

Ainda mais. Se ás patrulhas fossem aggregadas arribanas para dois ou tres bois de monta, e se aproveitassem os Moveis para, a cavallo, levarem de umas ás outras as malas da correspondencia, creio que muito melhoraria o serviço do correio, e com pequena despesa.

Com estes limitados recursos das obras publicas, telegrapho e correio, transformariamos as patrulhas em modestas estações hospitaleiras e civilisadoras, e certamente, bem educados os Moveis, cujos serviços hoje não são remunerados, constituiriam centros, quando mais não fosse, de pequena agricultura.

V. Ex.ª, melhor que eu, pelo seu modo pratico de ver, poderá julgar do bom resultado a obter do que ouso lembrar.

.....

Sobre a expedição allemã, devo dizer a V. Ex.ª que se me afigura, não obstante o seu chefe negá-lo, que o seu fim é inteiramente commercial, e de procurar caminho da estação estabelecida pelo fallecido Dr. Pogge, no Muquengue, para o Zaire pelo Cassai ou Lulúa e que, bem organisada, se dispõe a demorar-se alguns annos para a realisação da tentativa (qualquer que ella seja); porque, além de levar quinhentas carabinas modernas com o respectivo cartuchame, que parecem destinadas a exercitar os indigenas que consiga catechisar, se forneceu de muito gado vaccum e cabrum, alem do ovelhum da casta que trouxeram, e de muita criação.

Já no Dondo e Pungo Andongo fomos informados que esta expedição se fornecêra de fazendas e de outros artigos, no valor de 7:000$000 réis e aqui tambem teem feito grande fornecimento.

.....

Deus guarde a V. Ex.ª—Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Governador geral da provincia de Angola.—Malanje, 7 de julho de 1884.=O Chefe da Expedição, *Henrique de Carvalho.*

A S. Ex.ª o Ministro da Marinha e Ultramar.

Ill.mo e Ex.mo Sr. .....

.....

Pelo que respeita ao transito na nossa viagem do Dondo a Malanje, passando por Cazengo, Ambaca e Pungo Andongo, vou repetir a V. Ex.ª o que já disse ao mui digno Governador d'esta provincia.

É de toda a conveniencia que se mantenha a antiquissima instituição das patrulhas, conservando-se as que já existem, reedificando-se as que estão em ruinas, e ainda edificando-se outras em pontos de reconhecida necessidade.

Para quem não póde contratar grande numero de carregadores, ou mesmo para quem não póde fazer-se acompanhar de barracas e de um certo numero de objectos de commodidade indispensaveis, os quarteis das patrulhas, quando em boas condições, são um beneficio; pois assim se evita que o viajante se exponha á cacimba da noite, e nellas irá encontrar um tal ou qual conforto depois de uma fatigante marcha em rede, ou montado num boi, o que é realmente bastante incommodo em dias successivos.

A exemplo do que já houve no vasto districto do Golungo Alto, no governo do actual Visconde de Ovar, em que se encontravam essas patrulhas á distancia umas das outras de 10 a 15 kilometros e guarnecidas de camas e de outros artigos, ousei lembrar ao referido Governador dotal-as do mesmo modo, ficando esses artigos a cargo dos commandantes das divisões.

Digne-se V. Ex.ª attender-me.

A patrulha, propriamente dita, não é mais que um pequeno destacamento de Moveis, um cabo e alguns soldados, havendo em algumas tambem um sargento.

Este destacamento, que não tem a menor remuneração, está ás ordens do commandante de divisão — entidade que tambem não é paga, não obstante ter bastante serviço e ser indispensavel aos chefes dos concelhos.

Casos se teem dado dos Moveis abusarem das fardas que vestem, exigindo, e mesmo roubando, ás povoações com que se alimentarem, do que se originam questões, que se tornariam conflictos serios, se não fosse a prudencia dos chefes dos concelhos em attender ás reclamações e fazer castigar os deliquentes, mudando-os de divisão.

Ninguem deixa de reconhecer que tal castigo é pequeno, porém que mais se póde fazer? Prendê-los na cadeia? Não ha verba para os sustentar. Demitti-los? Isso são sempre os seus sonhos dourados.

E depois, como exigir-lhes subordinação e disciplina convenientes, se lhes exigem serviço aturado como á tropa de linha, com o excesso das diligencias pelo sertão, e nada se lhes paga, nem para comer nem para se fardarem?

Tambem não ignora V. Ex.ª as difficuldades que ha nesta vasta provincia, já não digo para construir e conservar estradas, mas para regularisar os leitos dos caminhos que existem, conservando-os sempre livres de vegetação numa dada largura.

Do Dondo até Malanje fizemos um percurso approximado de 270 kilometros, e, com franqueza devo dizer, que grandes extensões de caminho percorrido, devido aos cuidados dos commandantes das divisões, se encontravam limpos de vegetação, numa largura approximada de 4 metros; e, salvo uma ou outra depressão, se houvesse passagens nas linhas de agua, ribeiros, riachos ou como lhes queiram chamar, isto é, singellas pontes em que fosse facil a qualquer substituir a peça de madeira que estivesse em mau estado por outra, certamente que por ahi podiam muito bem passar os carros ordinarios para transportes.

Mas, Ex.mo Sr., isto que nós agora vemos, não se dá sempre. O bom estado em que encontrámos os caminhos é devido á passagem do Governador geral pelo sertão; e é tal a influencia de S. Ex.ª entre estes povos, que, esperando-o novamente, continuam a conservar, e mesmo a melhorar, o estado em que se achavam os referidos caminhos no seu regresso.

Ha toda a conveniencia em se aproveitarem os destacamentos nas patrulhas para vigiarem pela conservação das pontes, que, segundo o voto do actual Director das obras publicas, se deviam construir em todos os caminhos, pelo menos nos de maior transito commercial, de preferencia a quaesquer outros melhoramentos na provincia.

Se a esses homens se désse um salario diario de 60 a 100 réis, dando-lhes o encargo de cantoneiros, cujo serviço se podia estender até meia distancia de outras patrulhas, teriamos uma boa rede de caminhos sempre transitaveis.

Junto aos quarteis facilmente se levantariam telheiros (alguns já os teem), ou estações onde se recolhesse o gado e onde houvesse deposito de agua e capim, e assim se montaria um serviço de mudas para transporte e para correios, serviço que podia ser feito por escala pelos soldados-cantoneiros.

No quarto destinado a pousada para os viajantes, em recinto apropriado, e sob a vigilancia do commandante da patrulha, podia haver uma pequena ambulancia de medicamentos, d'esses que, por triviaes, nada ha a recear da sua applicação; e tambem simples instrumentos de meteorologia, thermometros e barometros, que todo o viajante civilisado sabe ler. Com algumas noções que lhe dessem e pelo uso os commandantes poderiam registar diariamente as suas leituras, isto nas patrulhas que não pudessem ser aproveitadas para postos telegraphicos, porque aos cuidados do telegraphista deviam ficar taes registos.

Não se admire, pois, V. Ex.ª que eu diga — o Cabo lê —, porque, em geral, esse posto nos Moveis recae em Ambaquistas, e póde dizer-se, que é uma raridade encontrar um que não saiba ler e escrever. E tambem não estranhe V. Ex.ª que se encontrem Ambaquistas por toda a parte, pois que, pelo facto de terem alguma instrucção, hoje, logo que chegam a uma certa idade, deixam as suas casas e terras para obterem collocação.

De todos os povos d'esta provincia, são elles os que mais se aventuram, expatriando-se. Fogem á praça de primeira linha e buscam mulheres; nesse intuito, lá vão com a sua pacotilha, mesmo para o centro do continente, até que satisfaçam essas ambições; e mais tarde buscam empenhos para serem cabos ou sargentos, e, os mais habilitados, commandantes das divisões de Moveis, nos pontos que mais lhes conveem. Os commandantes de divisão poderiam ser muito aproveitados, quando esse cargo recaisse em gente idonea, pois se podiam interessar na administração dos concelhos.

Chefes de centros agricolas, com encargo de ensinarem a ler e a escrever a gente sob o seu commando, e deixando-os perceber emolumentos pela cobrança de contribuições para o concelho, ao mesmo tempo que assumissem cargos de juizes de paz entre os sobados, mas de-

baixo de umas instrucções que não lhes permittissem exorbitar, tornar-se-iam auctoridades prestantes.

Que nos servisse a administração de Java, entre os indigenas, de modelo, e teriamos reconhecidas vantagens para o desenvolvimento agricola da provincia.

Desculpe-me V. Ex.ª esta divagação, resultado das minhas impressões durante o transito que fizemos, e seja-me permittido ainda fallar ácerca do serviço do correio no interior de Angola, que em verdade precisa ser reformado.

Succedeu agora ter partido de Loanda, em 6, um escoteiro com a mala da Europa e só aqui chegou em 22!

Os negociantes, aqui e em Pungo Andongo, contribuem para no fim do mez mandarem um escoteiro especial, com as suas correspondencias, para chegarem a tempo a Loanda e serem enviadas no paquete; pois já tem succedido sair d'aqui o correio em 24, e ficarem demoradas as correspondencias um mez em Loanda, tendo o paquete seguido no dia da escala!

A receita do correio da provincia tem augmentado de anno para anno, e é muito justo applicá-la bem em favor de quem para ella concorre, e talvez o alvitre, que me occorreu, com respeito ás patrulhas, possa ser aproveitado.

Um dos Moveis d'esses destacamentos teria este encargo especial até á proxima patrulha, com um vencimento pago pelo correio, recebendo as correspondencias (malas) em dias determinados, de modo que deixava umas e trazia outras, e em prazos que, ultrapassados, dariam logar a multas. Havendo bois de monta nas estações, até se podia organisar economicamente um pessoal especial para este serviço que muito importa ao commercio.

Mas tudo isto que lembro, deixaria de ser reclamado certamente, se a construcção da linha ferrea, pela qual V. Ex.ª tanto se empenha, for uma realidade.

Encarecer as vantagens d'esse importante beneficio, mesmo em relação aos melhoramentos de que fallo, é ocioso; mas tenho a ousadia de dizer a V. Ex.ª, que o *terminus* d'essa linha não póde nem deve por fórma alguma ser Ambaca.

Estando o paiz disposto a tal sacrificio, o que importa mais 70 a 80 kilometros de linha, que tanta será a distancia de Ambaca a Malanje, em uma região que não offerece difficuldade pelos accidentes de terreno ou pelas obras d'arte?

Creia V. Ex.ª que esse augmento de despesa paga-o bem o concelho de Malanje, tanto pelo que ha de produzir, como pelo commercio que aqui aflue da Lunda, Lubuco, e outros pontos intermedios, e que a facilidade de communicações viria augmentar.

O Zaire, póde V. Ex.ª estar certo, feita a construcção d'esta linha, pouco nos póde appetecer, e mesmo os estrangeiros só d'elle se servirão, quando não o abandonem extenuados de recursos e sacrificios, pelo que possam adquirir do norte d'elle, e apenas até ao meridiano de Niângué.

Malanje, logo que se consiga, como é de esperar, remover as difficuldades de passagem em todo o Cuango, suscitadas em parte pelos Bângalas e Quiôcos, (o que mais facilmente se poderá obter com essa linha ferrea), ha de ser sempre o natural entreposto do commercio para o centro do continente, e d'elle os Bângalas serão os agentes.

Malanje, pela sua altitude (1:154 metros) e exposição, aproveitadas convenientemente as margens do seu rio, que limita a principal povoação pelo noroeste, é relativamente salubre, e aqui encontra o europeu, para sua alimentação, o que lhe é usual: trigo, arroz, milho, fava, ervilha, grão, feijão de todas as qualidades, batata, boas carnes e agua, fructos da Europa e africanos. Aqui se dá a vinha, a pera, a maçã, a laranja, o ananaz, a banana, a manga, a annona, a pitanga e o jambo. Cá temos a figueira, o café, o urucú, o eucalypto, a borracha, etc., e todos os productos horticolas, com um desenvolvimento de admirar, como cebolla, couves, rabanos, etc.

Já vê pois, V. Ex.ª, que podem viver aqui colonias europeas agricolas muito bem, e reproduzir; observando-se, comtudo, as leis de um regimen apropriado. Este clima, como o de todo o paiz, a leste, differe muito vantajosamente do do littoral.

Todo o clima em geral é perigoso, principalmente o dos tropicos, quando se desprezam as precauções necessarias; porém, qualquer europeu bem constituido vive aqui bem, podendo fazer mesmo trabalhos manuaes durante muitas horas no dia, sem prejudicar a saude.

As condições principaes para se ter saude são, sem duvida, habitações confortaveis, um trabalho regular, alimentação reparadora e moderação nos gozos da vida.

O negociante Custodio Machado está nesta localidade ha vinte annos, e só uma vez foi a Loanda para tratar de negocios, e é um bellissimo exemplar de acclimatação; quem o vê suppõe que elle habita na melhor região do nosso Portugal—está robusto, de bellissima côr e forte. Tem quarenta annos; mas todos o fazem com dez annos de menos, principalmente quando estamos juntos. Aqui e nos arredores ha outros nas mesmas condições.

Nota-se aqui a longevidade, tanto nos europeus como nos indigenas, o que não é proverbial no sertão que percorremos.

A falta de rapidas communicações com o bom porto de Loanda, e de segurança e economia de transporte, tem sido até hoje o estorvo para attrahir aqui o commercio e a agricultura.

Os terrenos são esplendidos e d'isso ha boas provas, e os recursos

naturaes para construcções não faltam; ha, porém, falta de quem dirija, de quem encaminhe, e de quem se anime, emfim, a sacrificar algum capital, porque vê deante de si as difficuldades que só os governos podem fazer desapparecer.

Não sei porque este concelho estava esquecido pelos poderes publicos, até á entrada do actual Governador na administração da provincia. Lembrado para centro das operações militares nas guerras que se deram em Cassanje, foi depois abandonado a ponto de ser retalhado por outros concelhos!

O serviço de saude da provincia não se conhece; aqui não ha um medico, não ha um pharmaceutico.

A benefica acção do serviço de obras publicas nunca se estendeu até aqui; e, comtudo, não faltam na região recursos materiaes para se fazerem os melhoramentos que tanto se reclamam, e para o que contribuiriam os sobados com a gente precisa.

Aqui o chefe é tudo; e na verdade o administrativo e judicial são ramos de governação que requerem magistrados especiaes.

Póde dizer-se que Malanje é melhor conhecido da Allemanha que de Portugal, e comtudo Malanje faz parte de uma provincia portugueza!

É uma necessidade impreterivel que o paiz conheça bem esta parte da provincia de Angola, e por isso começam aqui as investigações minuciosas da nossa Expedição; e tudo se prepara para esse fim, emquanto não chegam as cargas, que a pouco e pouco teem ido para Cazengo, e se organisa o pessoal que ha de transportá-las para o interior.

E, devo já fazer sciente a V. Ex.ª de que ha cinco ou seis annos se encontravam carregadores para a Mussumba, para transportes de cargas de 60 a 70 libras, por quatro peças de fazenda.

Este preço tem subido a pouco e pouco, a ponto de se exigirem á expedição allemã, que ainda aqui está, oito peças e ração diaria de uma jarda de fazenda ou o seu equivalente. A nós já pedem dez peças e ração igual, embora reconheçam que o preço dos generos marfim e borracha (os unicos do interior) teem tido grande baixa nos mercados da Europa, e que com taes gastos de transporte não ha lucros para o negociante.

Pelas informações que já obtive, a elevação dos preços de transporte faz-se sentir em todos os concelhos sertanejos, mesmo de uns para outros, e isto tem dado logar a um grande desanimo da parte do commercio pelas tendencias que teem para subir, sob qualquer pretexto, — agora as expedições para o interior, ámanhã a variola, depois a epocha das sementeiras, mais tarde as chuvas, etc., — ao mesmo tempo que os productos no mercado da Europa tendem sempre a baixar.

Muitos exemplos eu posso citar já a V. Ex.ª de que tal é o onus sobre certos artigos que a sua exploração não convida. Qualquer mercadoria

d'aqui despachada para o Dondo, e vice-versa, importa, por cada 100 libras, frete e rações, em 3$000 réis, addicionando-lhe o transporte pelo Cuanza (5 réis por libra) e de Loanda a Lisboa 500 réis (10 réis por kilogramma), chega á alfandega onerada em 4$000 réis. Não entro em linha de conta com direitos, despachos, sellos e outras minudencias que mais oneram esse producto.

Trata-se, por exemplo, do urucú, que se tentou explorar (producto este que por muito tempo constituiu uma riqueza no Pará). Suppondo que para a colheita e preparo d'essas 100 libras se empregou um homem por dez dias á razão de 60 réis por dia, tal producto não se poderia vender por menos de 4$800 réis, já com prejuizo do exportador; pois no mercado pagou-se a 1$500 réis por arroba, isto é, 4$685 réis por as 100 libras!

O agricultor não continuou a exploração, e os arbustos que se teem desenvolvido e estão carregados de fructos, vão largando estes no solo e elles para ahi ficam até que se queimem com o capim no tempo das seccas.

Para a Expedição comprei, em Ambaca, arroz da terra a 120 réis a libra, e o transporte de 3 arrobas até aqui importou em 1$500 réis, o que elevou o preço da libra a 136 réis!

Apesar de todos os encargos, vindo de fóra da provincia sería superior e mais barato!

Por estes dois exemplos notará já V. Ex.ª as difficuldades que ha para a iniciativa particular animar e proteger a agricultura.

O chefe de Cazengo, mandando-me apenas doze cargas, pede-me lhe mande d'aqui carregadores, porquanto não é conveniente desinquietar os que no seu concelho estão em serviço dos agricultores. Uma pequena elevação de preço sería má na occasião, porque iria logo sobrecarregar o preço do café.

Com muita difficuldade lhe mandei trinta.

Esta questão de carregadores, pelo que vejo de dia para dia, ha de me ser difficil de resolver, porquanto os sobados das proximidades de Malanje estão exhaustos. Mais de quinhentos carregadores foram em dezembro ultimo com Saturnino Machado, e esses acarretaram outros tantos individuos para negocio. A expedição allemã está aqui ha seis mezes para completar o numero de trezentos, e ainda lhe faltam vinte.

Por este motivo, já escrevi a todos os negociantes que teem influencias nos sobados e nisso interessam, pedindo-lhes para me obterem todos os carregadores que possam, e aguardo as respostas para tomar uma resolução definitiva; certo de que me não resigno a demorar-me tanto tempo aqui, como os exploradores allemães.

A expedição allemã compõe-se de: chefe, Tenente H. Wissmann; medico, Dr. Capitão L. Wolf; observador, Tenente Von François; photogra-

pho, Tenente Franz Müller; caçador Hans Müller; carpinteiro de navios Bugslag, e armeiro Schneider.

O modo por que esta expedição se está preparando faz acreditar que segue com o intento de se demorar no Lubuco, procurando d'ahi caminho para Canhica ou Canhioca, como elles lhe chamam, região que desejaram visitar o fallecido Paul Pogge e Max Büchner, mas não lh'o consentiu o Muatiânvua, porque iam estragar o seu negocio de marfim. O chefe Wissmann seguirá para o oriente.

Tentam explorar o Cassai, ou qualquer outro rio, para alcançarem uma via fluvial que lhes dê communicação com o Zaire, segurando a sua primeira estação, ou melhor, o estabelecimento commercial creado pelo Dr. Pogge no Muquengue.

Todos estes trabalhos são subordinados ao plano da Internacional, sob a protecção do Rei da Belgica, com quem Wissmann, antes de organisada a sua expedição, se havia entendido.

Antes que queira, sobre Malanje pouco mais posso dizer a V. Ex.ª, por isso que chegámos ha quatro dias; e com respeito ao itinerario a seguir, preciso obter ainda alguns esclarecimentos sobre o que estava delineado, porque me faz vacillar a carta que Saturnino Machado escreveu a seu irmão, da qual, por obsequio d'este, tirei copia para enviar a V. Ex.ª, e que junta com esta remetto.

Deus guarde a V. Ex.ª Malanje, 10 de julho de 1884.—Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar.= O Chefe da Expedição, Major *Henrique de Carvalho.*

Por nos parecer summamente interessante, e com a devida venia, transcrevemos neste logar a carta a que no precedente officio nos referimos, e de que com toda a franqueza o negociante Custodio Machado nos facultou a copia.

De Saturnino Machado a Custodio Machado:

Cuango, 29 de janeiro de 1884.—Hontem acabámos de passar o Cuango, ao norte dos Bângalas (Cassanje) no paiz dos Cá-Harís. Felizmente, em todo o caminho por nós percorrido os indigenas não procuravam pôr-nos impedimentos, não obstante sermos os primeiros brancos que transitam por este paiz. De Cafuxi procurámos um trilho entre o rio

Luí e Luhanda, que correm parallelos para o norte, servindo o primeiro de fronteira aos Bângalas do Songo e o segundo ao Holo.

Na beira d'estes rios ha um districto povoado por diversas raças, sendo a mais numerosa a dos Cá-Hundas, governados por differentes regulos independentes uns dos outros.

Foi neste paiz que atravessámos o Luí para a margem direita, gastando cinco dias para o passar, em razão do rio ter aqui mais de 70 metros de largo, 4 de profundidade e uma velocidade superior a 4 kilometros, gastando as canoas, trajecto de ida e volta, 33 minutos.

As margens d'este rio são povoadas de uma vegetação esplendida, ao contrario das superficies horizontaes, onde não vimos senão extensas planicies cobertas de capim, aqui e além algumas rachiticas acacias, que mal davam madeira para as nossas cubatas. Porém, são terrenos excellentes para a criação de gado vaccum, de que o indigena possue grandes manadas, sendo quasi todo o que vimos bem desenvolvido e regularmente nutrido, muito superior ao gado que existe por Malanje. Dos Bondos até ao ponto em que estamos vimos mais de tres mil cabeças no nosso transito. O preço por que o vendem não é caro, porque comprámos vitellas de quatro e seis mezes a dezoito jardas de algodão cru.

A direcção que temos trazido de Cafuxi até aqui tem sido quasi sempre noroeste. D'aqui queriamos seguir para o norte; porém os carregadores, adevinhando ás nossas intenções, recusaram levar tal direcção, por os indigenas lhes terem dito que o caminho era mau. Assim, temos agora que fazer a travessia pelo paiz do Xinje, privando-nos de ir ao Anzovo, atravessar as terras de Muata Cumbana.

Não póde haver nada peor que os carregadores de Malanje. Procuram ao viajante todas as difficuldades possiveis, chegando mesmo a seduzir o gentio para o não deixar passar! Só o que querem é comer, como estes teem feito, que em sessenta dias que hontem fizeram, desde Malanje até aqui, apenas se tem marchado duzentas e cincoenta horas e elles já comeram tres peças de ração cada um.

Por aqui se vê a quadrilha que é, e o que d'elles temos a esperar. Se marchassemos regularmente, já hoje estariamos além do Cassai; assim, não sabemos nem é facil calcular o tempo que gastaremos nesta viagem. O que é certo, é que tudo quanto nós levâmos é só para elles comerem e roubarem, e quando chegarmos ao nosso destino já nada levâmos para vender.

Estão neste sitio ha dez dias e não ha forças que os arranquem d'aqui, dando por desculpas as enfermidades, o que é menos verdade. A enfermidade que elles allegam é fundada na razão de terem aqui encontrado muito gado vaccum, aonde já immolaram quatro cabeças, afóra cabras, gallinhas, porcos, etc.

Depois de passar os Bondos o paiz é fertil, o gentio de trato regular, e nunca me persuadi que fosse caminho tão direito para uma travessia pelo Continente negro como é este que passámos até aqui. Porém, nem tudo póde correr á medida dos nossos desejos: se procurâmos um caminho para transitar sem obstaculos, e felizmente o encontrâmos, temos o carregador para destruir num momento todos os nossos planos formados, e quasi realisados, não lhes importando o prejuizo do viajante.

Não caí por inexperiente, não; porque desgraçadamente conhecia o que havia de acontecer, pois que a 10 kilometros de Catala quiz obrigar os carregadores a voltar com as cargas para Malanje por ver logo ali o seu mau proceder, constituindo-se em greve, fazendo um charivari infernal, brandindo as suas armas, fazendo esgares, e ameaçando de abandonar as cargas se lhes não désse ali mesmo nova ração. Eu oppuz-me energicamente para que se não désse nada aos carregadores, optando para que voltassem com as cargas para Malanje, e obrigarem-se os fiadores a pagar as despesas feitas, mas o Antonio não annuiu, satisfez as exigencias dos carregadores, e agora as consequencias.

Ainda não tinham marchado quarenta horas em Cafuxi, e nova greve, e esta mais desaforada do que a primeira. Nesta não me pouparam, fui alvo de grandes descomposturas. Ainda me oppuz, e resolvido a voltar, abandonando tudo, porém o Antonio não quiz; o mal já tinha sido feito em Andala Quinguangua, agora aguentar e cara alegre. Fiz como Pilatos: lavei d'ahi as minhas mãos.

Assim temos vindo, de greve em greve, com os carregadores, gastando sessenta dias até ao Cuango, que não são mais do que quinze marchas de carregadores, gastando oitocentas peças de fazenda, independentemente da ração que já tinham recebido em Malanje.

Assim temos andado e andaremos, até acabar esta viagem, pedindo unicamente ao Altissimo para que nos deixe chegar ao nosso destino, e para que possamos regressar com saude e sem maiores prejuizos. São estes os meus desejos.

Amanhã vamos deixar o Cuango e tomar a direcção de leste, deixando este rio, que poucas saudades nos deixa, por causa tambem das picardias que soffremos dos pilotos das canoas. Posto que pagassemos unicamente vinte peças pela nossa passagem, quantia muito diminuta em relação á numerosa caravana que levâmos — o rio aqui tem mais de 100 metros de largo, 8 de profundidade e uma grande velocidade, — não era todavia motivo bastante para nos reter seis dias, havendo tres canoas empregadas no nosso transporte; queixâmo-nos unicamente da insolencia e velhacaria dos pilotos.

Aqui o Cuango não tem aquella vegetação luxuriante que tem o Luí, não obstante termos passado a poucos kilometros de distancia da confluencia d'este naquelle.

O regulo d'aqui é o Moeto Anguimbo, que tem a sua residencia na margem esquerda do Cuango; é o chefe dos Cá-Haris, e dizem ser bastante poderoso. Não tivemos a honra de ver *sua alteza,* não obstante eu ter ido á sua residencia; como estava doente, não appareceu. Comtudo dizem ser bom e tratavel, obsequiando-nos com uma excellente vitella, e extorquindo-nos primeiro doze peças de fazenda a titulo de *quibanda.*= *Saturnino Machado.*

MUNGUNGO

O NOSSO MODO DE VER SOBRE A REGIÃO QUE ATRAVESSÁMOS

stamos, finalmente, na povoação principal de Malanje, logar onde temos de completar a organisação da nossa Expedição, e onde começam os nossos trabalhos de exploração, por ser este um dos concelhos mais afastados do littoral e pouco conhecido.

Porém, antes de dar conta dos nossos estudos, relembremos os factos mais salientes e mais caracteristicos do nosso percurso, de mais de 200 kilometros do Dondo até aqui, subindo sempre e passando por terrenos de differentes aptidões, e a que correspondem povoações mais ou menos importantes.

Estamos, pois, numa d'aquellas regiões elevadas tão caracteristicas do continente africano, mas não de tão grande altitude que o clima se modifique por esse motivo e possa corrigir

a insalubridade, modificar a infecção palustre, e dar novo caracter á vida vegetal e animal.

A bacia hydrographica do rio Cuanza, cuja exploração na sua parte mais alta se está impondo como uma extrema necessidade, é menos desenvolvida do lado em que fica Malanje. Esta parte da bacia é, por assim dizer, um *terminus* da segunda zona do valle do Cuanza, a partir da costa, e as suas margens vão-se elevando gradualmente, destacando-se aos lados e a differentes distancias collinas, morros e montanhas que lhe servem de limite e lhe circumscrevem a alimentação sendo as suas aguas inteiramente pluviaes sem o menor contingente das aguas provenientes das regiões altas e das lacustres, que neste mesmo continente tantas vias fluviaes alimentam.

Consideremos, porém, na linha que percorremos, sempre sob a influencia do Cuanza na sua margem direita, o que se nos offerece em relação á composição do solo, aos vegetaes e aos animaes que ahi vivem, ás povoações que por ahi se teem desenvolvido, e condições em que tudo se encontra na actualidade.

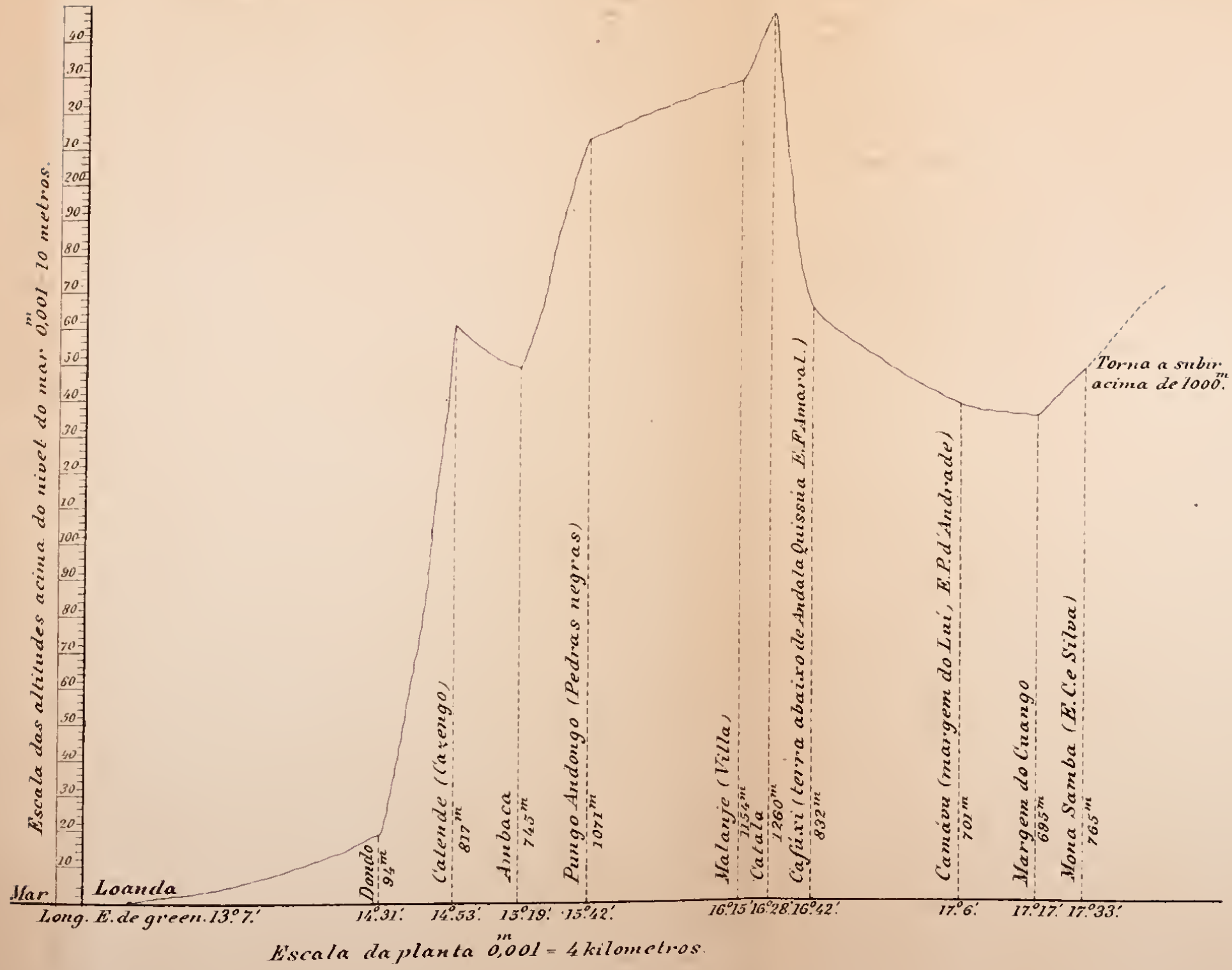
Suppondo reduzidas aos differentes rumos astronomicos as distancias percorridas, a contar de Loanda, constituimos o seguinte quadro, que, auxiliado pelo desenho graphico, muito esclarece acerca dos desnivelamentos em todo o nosso percurso.

Designação	Rumos approximados	Distancias em kilometros	Inclinações por kilometro
De Loanda para o Dondo.....	ESE.	140	$6^m,6$
Do Dondo para Catende (Cazengo)	ESE.	140	$0^m,67$
Do Dondo para Pamba (Ambaca)..	NE.	90	7^m
Do Dondo para as Pedras (Pungo Andongo).....	E.	120	8^m
Do Pamba para Catende (Cazengo)	E.	42	$1^m,7$
De Pamba para as Pedras (Pungo)	S.	38	$8^m,8$
De Pamba para Malanje (Villa)...	ESE.	92	$4^m,5$
Das Pedras para Malanje (Villa)..	ENE.	88	$0^m,94$
De Catende para Malanje (Villa)..	E.	135	$2^m,5$

Escala das altitudes acima do nivel do mar 0,001 10 metros.
Mar
Lon

LOANDA

Perfil do percurso de Loanda ao Cuango.



Mas, como esses percursos são sobre montanhas, cortadas de valles e alguns bastante profundos e sinuosos, podem imaginar-se os grandes represamentos d'aguas no tempo das grandes chuvas, de novembro a maio, e como consequencia a natureza miasmatica de toda esta região.

Constituem todos os terrenos que atravessámos, quatro zonas distinctas, ás quaes correspondem tambem centros de producção muito variados.

A primeira zona deve contar-se desde a costa até á altura do Dondo, sendo estes terrenos, de littoral ou recentes, e outros de formação relativamente moderna, sujeitos a elevações e abaixamento pouco sensiveis no presente mas que deveriam ter sido importantes em epocas passadas.

Desappareceram as ilhas da foz do rio Cuanza; formou-se a que limita o porto de Loanda; e vae-se tapando a barra da Corimba, por onde não ha muitos annos, como já se disse, saíam e entravam embarcações de alto bordo.

Partindo d'esta região baixa, entrâmos na da linha das Cachoeiras e depararam-se-nos alterosos contrafortes e terrenos mais elevados; é esta a segunda zona — aquella em que predomina o ferro.

A passagem d'esta zona para a terceira, a que correspondem as terras de Ambaca, não é tão saliente, e por isso muitos fazem estender a segunda até Malanje.

Os que consideram as terras de Cazengo e Malanje como uma só região, esquecem-se de que não é só o accidentado dos terrenos que serve para fazer estas distincções.

Ambaca, por exemplo, que fica entre Cazengo e Malanje e fórma, por assim dizer, os contrafortes de Cazengo pelo nascente, está mais baixa e tem outras condições de clima e até de força vegetativa; e, quando se pense em fazer a sua exploração agricola, não se pode contar com as mesmas vantagens que offerece Cazengo.

São estas as differenças que sempre se desconheceram, e por isso se fizeram tentativas, quasi sempre infructiferas, e se viu

despovoar Ambaca, emquanto Cazengo tem podido sustentar-se.

Julgâmos, pois, que a segunda zona, sob os parallelos em que passámos, deve subdividir-se, tornando bem distinctas as regiões de *Cazengo, Ambaca* e *Pungo Andongo,* ás quaes correspondem climas, culturas, producções e população muito differentes.

O homem de Ambaca distingue-se do de Cazengo e do de Pungo Andongo, não só pela natureza do trabalho a que se dedica, mas ainda pelos seus costumes, industrias, dialectos e até pela seu aspecto physico.

Quanto á região de Ambaca, somos mesmo levados a acreditar, pelas investigações e estudos ethnographicos e historico-tradicionaes a que procedemos, que uma parte d'ella foi mandada habitar por um dos primitivos governadores geraes, que tudo nos leva a acreditar fosse Manuel Cerveira Pereira; e que para ahi fôra uma colonia da Lunda e do Libolo, que passado algum tempo abandonou a região a que puzeram o nome de *Lucamba,* como já dissemos, por ser improductiva, e a gente lá foi atrás da caça, e mais tarde são esses povos os que constituiram o jagado de Cassanje, de que mais adeante fallaremos.

Assim como esses, outros fugiram, por não julgarem bons os terrenos para culturas.

Era bom que se conhecessem as terras de cada região agricola, para que se prestassem os devidos esclarecimentos a quem nellas se quizesse fixar.

Em Portugal, teem-se feito estudos especiaes; e ha mesmo mappas minuciosos, mostrando quaes as regiões vinicolas, as dos sobreiros e carvalhos, as dos pinheiros, as dos milhos, as dos trigos, etc.

E, se num paiz de tão facil aproveitamento, ha indicações agricolas, florestaes, zoologicas e mineralogicas, quanto mais precisas não são ellas aqui, onde, além do calor sempre persistente, ha o miasma, contra o qual não se toma uma unica providencia!

A nossa classificação de zonas, até Malanje, é pois a seguinte:

Terras baixas ou maritimas;

Terras em socalcos, em que predomina o ferro (Cazengo e terras a norte);

Planuras de Ambaca;

Penedias de Pungo Andongo (rochas schistosas, gneises e grossos conglomerados na base) e terrenos adjacentes.

Não são, todos estes terrenos, essencialmente distinctos uns dos outros, especialmente a contar do primeiro socalco ou das Cachoeiras; mas é certo que a sua configuração, de per si, nos faz ver distincções, embora nós aqui e acolá vejamos apparecer o schisto, o granito, o ferro e o grés vermelho.

O que registâmos, por ser um facto bem observado, é que existe ferro e cobre, e no Dondo mostraram-nos carvão e cal que vem de Cambambe, na direcção das Cachoeiras; e nós asphaltámos os corredores do hospital Maria Pia, de Loanda, com bitume do Libongo, na foz do Dande — o que faz pensar na existencia de carvão nas proximidades.

Tambem tivemos occasião de ver palhetas de oiro, recentemente obtidas do Lombije, e de que víramos em tempo uns frascos pertencentes a José Maria de Prado e da exploração de Flores; e aqui, em Malanje, nos foi mostrada uma pequena bala de prata, que uma das filhas do celebre coronel Pires, de que fallámos, possuia como reliquia, porque com estas balas carregava seu pae as espingardas de caça, á falta de chumbo ou de balas de ferro, e diz-se ser da prata que os Jingas lhe levavam de presente para este fim, desconhecendo o seu valor.

Mas porque não vingou a fabrica de ferro de Oeiras, e apenas apparece uma ou outra tentativa de exploração mineira, e de ferro indigena até na região mais a oeste aonde fomos?

Não valeria a pena, ao menos na segunda zona fazer estudos geologicos, não isolados, mas como complemento do estudo dos climas, das producções e das aptidões do solo agricultavel?

Todos os terrenos que se estendem, seguindo a faxa em que attentámos, sustentam tambem centros de vegetação bem distinctos de umas para outras zonas.

Os grandes palmares em toda a zona baixa; as plantações de café na segunda zona; o amendoim, o tabaco e arroz em Ambaca; as boas pastagens, os trigos e outras culturas dos climas menos quentes em Pungo Andongo; e as florestas d'ahi para deante mostram que ha effectivamente condições geologicas e climatericas que correspondem a cada zona, e se distinguem por alguns productos vegetaes.

Ha mesmo alguns factos isolados, assás curiosos, que impressionam o observador.

O imbondeiro, por exemplo, apparece indifferentemente por todas as tres primeiras regiões, isto é, desde a costa até aos confins de Ambaca; mas, d'esta longitude até ao Cuango predomina a acacia de bonitas flôres de cor amarella e vermelha.

É certo que nem toda a região que atravessámos tem uma população assás densa, o que nos causou a mais profunda impressão, porque apesar d'este facto se apresentar logo á primeira vista, não sabemos de quaesquer providencias que se tenham tomado no sentido de favorecer o seu desenvolvimento, ou seja pela immigração, ou pela protecção directa ás familias.

Limitam-se tambem os trabalhos agricolas a meros ensaios, e poucas teem sido as explorações mineiras e industriaes!

Na região entre o Dande e o Cuanza, de facto, póde dizer-se que tudo se tem experimentado. Houve ensaios de diversas culturas, mesmo europeas, e tambem das dos climas quentes: trigo, arroz, batatas, etc., e fructas da Europa; algodão, tabaco, café, canna saccharina, mandioca, milho, etc., dando excellentes resultados. Houve uma caudelaria no Dande, que chegou a ter grande desenvolvimento; houve uma fabrica de fundição de ferro, em Oeiras, e os indigenas obteem, por processos rudimentares, bom ferro, de que se aproveitam para os seus usos ordinarios; conhecemos asphalto do Libongo, cobre do Bembe e outros pontos, carvão do Cambambe, oiro do Lombije e de outras partes, prata das terras do Jinga. Aproveitaram-se as magnificas madeiras á beira do Cuanza e construiu-se até uma fragata e outras embarcações grandes, em Massangano e em Loanda, para serviço da nossa costa.

IMBONDEIRO

As tentativas, porém, foram feitas de modo que muitos dos emprehendedores, e dos que com elles trabalharam, succumbiram victimas da sua ousadia a par da sua ignorancia, e d'ahi se originou a descrença, causa principal do abandono em que encontrámos estes ferteis torrões, beneficiados por aguas em abundancia, e d'ahi esses vestigios e ruinas do trabalho de nossos maiores!

Da incerteza nascem as vacillações!

Mal da Guyana franceza, que presenciou mesmo nas suas praias, derrocadas successivas de grandes expedições metropolitanas, se a França não tivesse procurado, com insistencia, conhecer da causa de tão grandes desastres de vidas e de capitaes!

E, entre nós, já se procurou, de facto, a causa de todas estas incertezas e vacillações?

Como possuir perfeito conhecimento dos recursos provinciaes, sem que se façam estes estudos?

Impressionâmo-nos com as despesas em estudos, porque o publico não os conhece, e esquecemo-nos que d'elles, e só d'elles, depende a civilisação e a riqueza d'esta importante parte da nação.

Diz o sr. João de Andrade Corvo, nos seus valiosissimos trabalhos sobre as provincias ultramarinas:

«A triste verdade é, que em Portugal ha muita ambição de territorio; muito melindre phantasista; uma voz sempre disposta a queixar-se dos outros; uma tendencia a accusar usurpações e expoliações.

«É bom e justo que assim seja; mas é pouco.

«É preciso ter coragem para trabalhar; espirito ousado para melhorar o que é nosso; força para comprehender que a situação de Portugal lhe impõe o dever de melhorar a sorte dos povos que lhe estão sujeitos, civilisando-os.»

Não desprezemos o conselho de uma das primeiras auctoridades na nossa causa africana, e mãos á obra. Estudemos; e que esses estudos se façam desde já, a par da construcção da via ferrea, que está em andamento.

Pois não é para estranhar que, ainda hoje, a entrarmos na ultima decada do seculo XIX, esta vastissima provincia de Angola esteja importando productos que já ha muito devia exportar, e sem que fizesse mal ás nossas industrias da metropole, como são o alcool, o assucar, o algodão e o tabaco, e outros propriamente horticolas, como: feijão, batata, arroz, cebollas, etc.?

A administração provincial não tem acção propria. Está maniatada, e sujeita ás deliberações e consultas de gabinete da metropole, e ahi vêem-se as cousas por prismas muito diversos, sempre na descrença de que as colonias progridam, e tendo em vista a economia, porque ellas estão sendo um encargo muito pesado á metropole.

Que se faça a luz; que se estude devidamente o que pelo menos é mais urgente; e veremos o engano em que se labora e os erros que se teem commettido!

Apresentem-se estatisticas dos rendimentos das alfandegas da metropole e da nossa provincia de Angola, resultados de importações e exportações que se fazem reciprocamente; attenda-se á quantidade de familias que, na metropole, se sustentam á custa dos interesses obtidos em Angola; lembremo-nos das empresas, propriedades e industrias para que contribue esta provincia e cujos impostos entram nos cofres da metropole; continuemos assim perscrutando todas as fontes de receita da nação, e veremos que para ella provem uma contribuição importante, principalmente de Angola e de S. Thomé.

Outrora acreditaram-se os governadores d'estas provincias pelas conquistas, pelos seus feitos heroicos, e mais tarde, pelos melhoramentos publicos que se emprehendiam sob a sua direcção; porém, depois que a administração se centralisou na metropole, a não ser o actual e honra lhe seja, por actos de administração rasgadamente progressista, e exceptuando um ou outro de tempos a tempos, poucos deixaram vistigios da sua administração?

Em uma das sessões da camara alta, dizia o nobre Visconde de S. Januario, pouco depois de chegar do seu ultimo governo

do ultramar: «É preciso dar mais latitude á acção dos governadores das nossas colonias, se querem que ellas progridam».

E assim é.

A acção dos governadores reduz-se, hoje, a reformar leis provinciaes, já muitas vezes corrigidas; a mandar applicar castigos a militares e a degredados; a mudar constantemente os chefes dos concelhos, e a entreter com estes e com os governadores subalternos e outras auctoridades, um volumoso expediente!

Nisto se occupa um periodo de tres annos. Algumas vezes visitam as povoações do littoral; e raro é o que conhece o interior da provincia, e se informa alguma vez das suas necessidades mais instantes.

O illustre Governador Ferreira do Amaral é uma das excepções de que acima fallamos; e é realmente para lastimar que, pouco tempo depois de conhecer bem o que valiam os dominios sob a sua administração e o proveito que d'elles se podia obter, se não collocassem a seu lado os auxiliares e recursos indispensaveis, e ao mesmo tempo se lhe não offerecessem vantagens para elle continuar administrando esta provincia tanto tempo, quanto o necessario para que visse os resultados das providencias que adoptasse.

Infelizmente, não succedeu assim; e, o que é mais, por circumstancias de certo alheias á boa vontade dos poderes publicos, não foram ainda impressos os relatorios da sua administração, em que de certo haverá informações preciosas; e as pessoas menos illustradas, bem como os estrangeiros, continuam na rotina de ignorarem o que está estudado, e o que ha de bom na nossa provincia de Angola.

Os chefes de concelhos estão para com o Governador como este para com o Ministro; o que sabem na maior parte das vezes é por informações, e estas de pouca confiança por falta de authenticidade.

Gastam todos muito papel; mas resultados proficuos não se veem, pela falta de indispensaveis estudos praticos, e boa orientação de quem dirige.

Em cumprimento das instrucções que nos foram dadas, entendemos ser um dever expor, com toda a franqueza, as nossas impressões e os resultados praticos a que chegámos. O assumpto porém é de sua natureza complexo, e em alguns pontos inteiramente novo, por isso teremos de lhe dar maior desenvolvimento nos capitulos que se seguem; e mais largos estudos e mais completas apreciações teremos de fazer, tanto no que respeita á riqueza como á administração da provincia de Angola.

CAPITULO II

CONCELHO DE MALANJE

ŭedã kakĭepe, ŭedã kadi
«anda pouco, mas anda sempre.»

Demora da Expedição em Malanje; em que se emprega o pessoal e informações sobre o melhor caminho para o interior — O que era Malanje antes de ser elevado á cathegoria de concelho; seus actuaes limites — Caminhos; habitações e materiaes de construcção — Pessoal da administração do concelho e as missões nacional e estrangeira — Carencia de soccorros medicos e serviços correlativos; insufficiencia da força armada — Edificios e melhoramentos publicos; causas de insalubridade e condições de saneamento — Commercio; seu desenvolvimento, suas relações com os indigenas, e gravissima concorrencia do estrangeiro — Agricultura e as providencias que o seu desenvolvimento mais altamente reclama — Uma eleição em Africa — Difficuldades com os carregadores; modo de pagar-lhes; exigencias que apresentam — Protesto contra as informações do explorador Wissmann a respeito do commercio portuguez — Despedida de Malanje.

CASA DO NEGOCIANTE CUSTODIO DE SOUSA MACHADO

DEMORA EM MALANJE

Ao chefe do concelho, e a todos os negociantes que mais ou menos mantinham relações com os sobas vizinhos, pedimos desde logo o seu auxilio para se contractarem carregadores para o serviço da Expedição até ao numero de trezentos; e mandaram-se para os sobas mais distantes individuos acostumados a taes diligencias, com alguns presentes a fim de os animar a enviarem os carregadores de que pudessem dispor, para os contractarmos.

Nos sobados mais proximos da villa poucos se podiam encontrar, porque a expedição de Machados & Carvalho que d'aqui saira em novembro do anno passado, e depois a dos allemães que estava em vesperas de partida, tomaram todos os que haviam disponiveis, e os poucos que ficaram contractámo-los

para serviço das nossas cargas de Cazengo para aqui, porque o chefe d'aquelle concelho que esperava o regresso das comitivas do interior que andavam no serviço dos transportes do café, nos communicou que ellas se tinham ajustado para uma outra serie de viagens não convindo por motivo algum desviá-las d'aquelle trabalho, o que seria prejudicial á agricultura.

Forçados pois a reconhecer que a nossa Expedição tinha de se demorar algum tempo em Malanje, angariando os carregadores que lhe eram indispensaveis para se internar, e esperando todas as cargas que estavam em Cazengo, entendemos de extrema necessidade aproveitar o tempo, entretendo o pessoal que já vencia pela Expedição no que nos fôra mais recommendado com respeito aos trabalhos a emprehender.

É Malange, actualmente, um concelho da provincia, onde existe ha mais de vinte cinco annos um nucleo de europeus dedicado ao commercio, mas onde a agricultura só é conhecida, pode dizer-se, pelo seu nome.

Ainda não ha muito, num dos mais bem elaborados trabalhos publicados em Portugal sobre as nossas possessões ultramarinas, se transcreve a respeito de Malanje apenas uma informação de Rodrigues Graça de 1843: «O soba chama-se *Enibangana* e é tributario de Ambaca; o terreno é fertil, produz milho, feijão e creações: poucas vantagens commerciaes offerece, a não ser cêra e escravos. Os indigenas cobrem-se com coiros de feras, usam de lanças e frexas, são de má indole e ladrões, a sua religião é a idolatria».

Esta citação é feita pelo ex.mo sr. conselheiro João de Andrade Corvo [1], um dos ministros que, modernamente, por mais tempo dirigiu os negocios das colonias e que tem vinculado o seu nome a grande numero de reformas e melhoramentos que lhes respeitam. De certo elle mais diria do concelho de Malanje, se tivesse dados mais amplos.

---

[1] *Estudos sobre as Provincias Ultramarinas*, vol. III, pag. 241, 1884.

Convencemo-nos, pois, que nos archivos do Ministerio dos negocios do ultramar, não havia até 1884 outras informações ou esclarecimentos acêrca d'este concelho, e por isso seremos o mais minuciosos que nos for possivel em relatar o que d'elle conhecemos.

Já ficou dito, e deve repetir-se, que na Allemanha depois de 1876 conhece-se Malanje melhor do que em Portugal, pela falta de publicidade e necessaria propaganda que ha entre nós. E sentimos deveras que o illustrado pessoal de engenheiros incumbido do estudo do caminho de ferro de Ambaca, não tivesse tido opportunidade de fazer um reconhecimento até ali. Havia nelle individuos que pelas suas informações auctorisadas esclareceriam o governo e o paiz, acêrca das boas condições d'este importante e vastissimo concelho e das modificações pelas quaes tem passado com vantagens depois de 1843, unicamente devido aos sacrificios d'alguns Portuguezes que ahi se estabeleceram e que tem ultimamente attrahido ali o commercio do interior, numa escala muito desenvolvida.

Resolvemos, pois, que uma secção da Expedição, sob o commando do ajudante, fosse estabelecer uma estação, já fora da alçada da nossa auctoridade, na qual se armazenassem as cargas que fossem chegando de Cazengo, e ao mesmo tempo que o pessoal procurasse insinuar-se no animo dos povos vizinhos, attrahindo-os ao nosso convivio no interesse da agricultura e do commercio de Malanje e tambem no interesse da Expedição. Obter-se-íam assim carregadores para o seu serviço, garantindo-se ao mesmo tempo communicações seguras para o interior e para a villa.

O resto da Expedição ficava na séde do concelho activando o movimento das cargas, angariando carregadores, providenciando para manter em boas condições a secção destacada, e estudando o concelho sob os pontos de vista scientificos e commerciaes que mais interessassem em geral ao paiz.

O sub-chefe estabeleceu logo, nas melhores condições que lhe foi possivel, os instrumentos de meteorologia, e iniciou os seus trabalhos não só de observações meteorologicas e astro-

nomicas como de explorações no campo, tendo a attender ainda ao tratamento de doentes[1].

Era preciso pensar no melhor caminho a seguir para que a primeira secção partisse a cumprir a missão que já lhe fôra destinada. Sendo ouvidos os negociantes praticos do sertão da Lunda, Narciso Antonio Paschoal, o velho Lourenço Bezerra que de lá chegára havia pouco tempo quasi cego, Gomes, Andrade e outros e tambem a opinião sensata do negociante Custodio Machado, muito valiosa pelas boas informações que possuia do que se passava além Cuango e junto ao que nos constava das conversas com o Tenente Wissmann, chefe da expedição allemã sobre o que a pratica lhe demonstrára na sua primeira travessia; tudo nos convenceu de que Quimbundo, nada valia actualmente como ponto commercial, pois que tendo-se os Quiôcos estabelecido já em terras mais ao norte difficultavam as marchas das comitivas de commercio para a Mussumba, quando as não expoliavam, tendo já invadido mesmo as terras de Muansansa, grande *quilolo* do Muatiânvua, a quem o Dr. Max Büchner ainda ha dois annos visitára. Mais para oeste, as luctas de Bângalas e Quiôcos tinham sido tambem estorvo ás remessas de marfim, cera e borracha que vinham de Quimbundo para Malanje.

O sertanejo Saturnino Machado, homem bastante pratico e que mais de metade da sua vida a passára ali, tornando-se popular entre os vizinhos, deixára a sua casa com os armazens cheios de borracha á guarda de seus pombeiros para lh'a enviarem quando houvesse opportunidade e carregadores, e fôra procurar por novos caminhos, ao norte, outros mercados que offerecessem melhor resultado nas suas transacções.

A vantagem da marcha para a Mussumba por Quimbundo, consistia apenas na existencia ali do estabelecimento de Sa-

---

[1] Todos os trabalhos do sr. Agostinho Sezinando Marques, tanto em Malanje como nas outras estações em que a Expedição se demorou, são publicados num volume separado, o quarto dos trabalhos da mesma, sob o titulo: Os climas e as producções das terras de Malanje á Lunda.

turnino Machado, o qual foi um grande recurso para as expedições allemãs que ahi faziam a sua estação, se forneciam de novos supprimentos, obtinham carregadores e eram guiados de potentado em potentado por delegados d'estes, e por pombeiros e interpretes do mesmo Saturnino Machado; o que dava garantias de segurança e tornava mais rapidas as viagens [1].

Por ultimo, não tendo agora este caminho importancia commercial e estando já estudado, a escolha de qualquer outro, se nos acarretava attrictos, offerecia-nos campo menos conhecido para as nossas investigações e vantagens para o nosso commercio.

A expedição Machados & Carvalho, á parte as difficuldades sempre levantadas pelos proprios carregadores, seguíra bem pelo caminho de NE. para o Cuango que passa nos Haris a norte do Iongo e dos Bângalas; e a expedição allemã ia seguir pouco mais ou menos aquelle itinerario e com ella ia uma comitiva de Custodio Machado para uma casa filial a estabelecer-se na margem direita do Cuango em territorio dos Xinjes, subditos de Capenda-cá-Mulemba, sobre que Saturnino Machado informava bem.

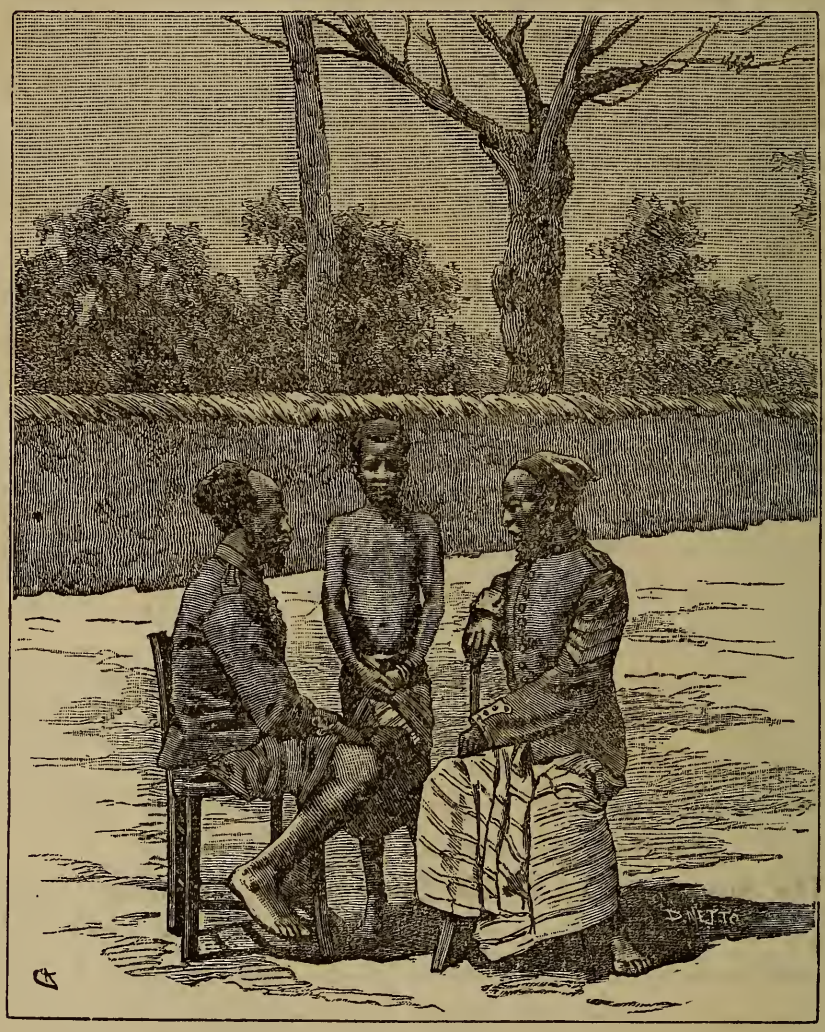
Era, pois, de toda a conveniencia, procurar garantir este novo caminho ao commercio e tirar o maximo partido dos povos de suas immediações em nosso favor, radicando nelles o mais que fosse possivel a nossa antiga influencia agora renovada pela grande expedição dos irmãos Machados.

Não nos convinha a nós Portuguezes, trabalhar isoladamente nesta importante questão de exploração commercial, sobretudo partindo d'um mesmo ponto para o centro do continente, quando entre nós seguia uma expedição estrangeira — tambem commercial —, e que pela forma por que estava orga-

[1] Todos os exploradores estrangeiros que atravessaram a região da Lunda de uma a outra costa e do Limpopo ao Zaire, foram sempre auxiliados pelos Portuguezes, devendo especialisar-se Livingstone, Cameron, Young, Stanley e todos os outros, mesmo os regionaes que conseguiram fazer alguns estudos.

nisada, tinha de certo intuito de permanencia e fins politicos que não poderiam ser senão contrarios á nossa influencia.

Pensava-se no accordo a que deviamos chegar com o negociante Custodio Machado, quando appareceu em Malanje a



XAQUILEMBE, SEU FILHO E O MUADIATA

cumprimentar a expedição, Xaquilembe, *Cacuata* da Lunda com um rapazito seu filho e um companheiro com o titulo de *Muadiata*.

Estes homens tinham vindo com negocio a Cassanje e sabendo que se organisava uma expedição para ir visitar o seu

Muatiânvua, entenderam dever cumprimentá-la e dar noticias do estado em que se encontravam os caminhos.

Fomos informados de que Xanama, o Muatiânvua que o Dr. Büchner visitára, já não existia nem tão pouco o que lhe succedeu; que Xanama receando que o illustrado explorador participasse a Muene Puto que fôra roubado nas terras do seu grande quilolo Anguvo, proximo do Cassai, despachára uma embaixada para o Anguvulo, governador em Loanda, a quem mandava um grande presente e dizer-lhe:—que elle não mandára fazer tal roubo, apesar de não ter gostado d'aquelle *inguerês,* porque dizia mal de seu amo Muene Puto; que elle desejava que Muene Puto lhe mandasse filhos seus, brancos, mas não *inguerês,* para ensinar seus filhos a fazer as bonitas cousas que das suas terras tem visto, etc., etc.

A embaixada era composta dos Cacuatas — Toca Muvumo, Muzuóli, Carungongo, Ludungo com grande comitiva que guardava o presente, que se compunha de cincoenta dentes grandes de marfim, um anão, uma onça viva, escravos e as cargas de borracha que estes transportavam.

A embaixada gastou mais de um anno em viagem porque tivera conflictos com os Quiôcos nas margens do Chicapa, e ultimamente estava demorada nas ambanzas dos sobrinhos dos fallecidos Muhungo e Cambolo que se julgavam com direito ao jagado de Cassanje, na margem direita do Cuango.

Os Bângalas não consentiam que elles fossem com os presentes para o governador, porque diziam: só o seu jaga é que pode fazer taes presentes e elles estavam-se preparando para fazer uma guerra ao que está na posse do estado.

Tiveram ahi os Cacuatas noticia que fôra morto Xanama, e por isso dispuzeram do presente a favor dos Bângalas, suppondo que estes os auxiliariam a fazer uma guerra aos Quiôcos que lhes quizeram impedir a passagem.

Os Bângalas receberam os presentes, e não se tinham decidido a fazer tal guerra de modo que os Cacuatas agora temiam vir dar o recado do Muatiânvua ao Anguvulo por não terem o presente de que esperavam a compensação e temiam volver á

Mussumba porque o novo Muatiânvua se elles apparecessem sem cousa alguma lhes mandava decepar as cabeças.

Os Quiôcos sabiam do convite que os Cacuatas fizeram aos Bângalas para os guerrear e agora os caminhos estavam cheios de Quiôcos e todos os negociadores que por ali passavam eram victimas da sua selvageria.

Depois de semelhante communicação que nos foi transmittida pelo homem que servíra de interprete ao explorador

CUSTODIO JOSÉ DE SOUSA MACHADO

Büchner e que era amigo d'elles e no-los apresentára, tratámos de os interrogar sobre o que era conveniente conhecer para quem se dirige para as suas terras e quaes os caminhos que elles podiam garantir como de mais segurança para uma grande expedição.

Do que ouvimos concluimos — que o caminho já projectado era o melhor a seguir, e que as casas commerciaes que Cus-

todio Machado tencionava estabelecer e as estações que a Expedição tinha de levantar, deviam obedecer a um plano de modo que se protegessem reciprocamente, garantindo sempre as communicações entre si e com Malanje.

O negociante Custodio Machado, como homem pratico e de espirito patriotico, do melhor grado annuiu a cooperar para o bom exito d'este plano e no dia seguinte entregava-nos a copia das instrucções que confiava ao gerente da primeira casa que ia estabelecer na margem direita do Cuango, as quaes são do teor seguinte:

Instrucções do negociante Custodio Machado acerca do estabelecimento da sua estação commercial na margem direita do Cuango

1.ª O fim unico e exclusivo do estabelecimento d'esta casa ou estação é puramente o de exercer o commercio licito com todos os povos que a ella accorrerem com cera, borracha e marfim, para permutarem por mercadorias da Europa; mas muito principalmente para fazer o inicio em grande escala do commercio da gomma copal, o qual tem sido até hoje desconhecido neste concelho.

2.ª Deverá, logo que chegue ao ponto indicado, construir uma casa de pau a pique, que tenha 50 pés de comprimento por 15 de largo e 10 de altura de paredes, perfeitamente segura e aterrada, destinando-se 25 pés para armazem de mercadorias e deposito dos já indicados generos coloniaes, e os 25 restantes serão divididos em dois quartos iguaes, destinando um para dar hospedagem a qualquer passageiro civilisado que por ali passe.

3.ª Os generos coloniaes são acreditados pelo mesmo preço por que correm neste mercado no acto da sua recepção; como, porém, para a cotação da gomma copal não haja ainda preço estabelecido, eu coto-a desde já, sendo ella igual á amostra que entrego com estas instrucções ao sr. Vasconcellos, em 4$500 réis a arroba, quando seja bem limpa de toda a terra ou barro e que não contenha corpos estranhos; deverá pois comprar d'este artigo a maior quantidade possivel a preços animadores, a fim de que o gentio se possa dedicar á sua procura, sem todavia deixarmos de tirar a vantagem em nosso interesse na exploração que nos proporciona este novo ramo de commercio.

4.ª Deverá empregar todos os esforços possiveis para animar sem violencia o povo do Xinje a empregar-se na conducção das cargas do com-

mercio, não só para Malanje, como para o Caungula, Mussumba, Lubuco ou outro qualquer ponto; fazendo-lhe sempre com religiosa pontualidade os pagamentos ajustados, para não dar motivo a que em seu animo se possa incutir a menor sombra de desconfiança contra os Portuguezes. No caso de poder conseguir que venham carregadores a Malanje, deverá, sempre que seja possivel, mandá-los acompanhados de pessoa certa, a fim de lhes inspirar confiança e animação, a qual os deverá acompanhar ainda no seu regresso, pagando-se-lhe o que se ajustar por tal serviço. E conseguindo-se, como espero, que venham a Malanje sem repugnancia e com carga, empregará boas diligencias para os convencer a receberem aqui o pagamento do seu credito, não só porque acho isto mais vantajoso ao meu interesse, mas ainda por ser assim melhor para elles poderem no meu estabelecimento, e á sua vontade, escolher o artigo que mais possa ser do seu agrado, para lhes satisfazer o pagamento ajustado.

Desejo, emfim, para coroar de bom exito e florescimento este meu arriscado emprehendimento, que se mantenha sempre a boa paz e a boa harmonia com todos os povos gentios, não só com os que residem no percurso do trajecto, como com aquelles do logar aonde a casa vae ser estabelecida, e ainda com todos aquelles povos das circumvizinhanças; é este um especialissimo assumpto que eu muito recommendo á sua attenção, para que seja religiosamente observado, a fim de podermos manter sempre as melhores relações com esses povos, sem que nunca possam ter motivo a pôr embaraços a quem quer que seja que por essas paragens possa transitar.

5.ª Os sacos em que me fizer remessa de borracha, que comprar, deverão ser feitos de mabella, por ser mais consistente e duradoura que não é a linhagem. A gomma copal deverá ser acondicionada em uma especie de caixote feito de hastes de bordão cortadas em troços convenientemente desbastados, de modo que o seu transporte seja facil e commodo ao carregador, sem que a gomma possa aqui chegar esmigalhada. A cera deverá, como é costume, ser fundida em gamellas.

6.ª É de toda a conveniencia que ao porto de Muêto Anguimbo afflua o maximo movimento, sendo necessario como o do maior e mais seguro transito do caminho que meu irmão abriu quando á frente da nossa Expedição Commercial se dirigiu á Africa central e equatorial; e para se evitar quanto possivel a falta de canoas que facilitem promptamente a passagem do porto no Cuango, deverá comprar até tres canoas grandes e boas, que sirvam a dar com segurança transportes a cargas e pessoas de uma a outra margem, podendo, para as ter sempre promptas para tal fim, engajar o maximo numero de pilotos que forem precisos.

7.ª Fica auctorisado o sr. Vasconcellos a comprar até quatrocentas pelles de lontras finas e boas, bem como algumas de onças grandes, sendo umas e outras sem defeitos. Tambem me comprará algumas quitecas, differen-

tes armas e arcos gentilicos, *mulangues-quingundas* e outras mais curiosidades que o gentio costuma fazer, e que veja podem ter algum merecimento na estima dos europeus. Comprará igualmente até mil mabellas, mas que sejam das mais largas e mais compridas que possam ser, rejeitando todas as que forem curtas e estreitas.

Finalmente, tudo o que vir que inspire interesse e curiosidade, quer sejam trabalhos feitos pelo gentio em madeira, ferro, osso ou marfim, quer mesmo animaes vivos que se possam possuir, sem lhes sacrificar a vida e que por cá não haja ou nem sequer tenham sido ainda vistos, poderá comprar, não sendo caros.

8.ª Não poderá fazer vendas fiadas, devendo todas que realisar ser feitas com o pagamento á vista.

9.ª Não poderá o sr. José Antonio de Vasconcellos ter negocios particularmente seus, porque sendo, como é, meu empregado, recebendo como tal o ordenado de 15$000 réis mensaes a sêco, a contar da data em que levantar para o seu destino, e mais 5 por cento do valor dos generos que permutar e me despachar para Malanje, não é justo que distráia a sua attenção, em prejuizo dos meus interesses; além d'isso, se os seus bons serviços, zêlo, cuidado e honradez recommendarem uma qualquer gratificação, ha de lhe ser dada sem repugnancia.

10.ª Em caso nenhum poderá despedir-se do meu serviço sem que previamente me avise de tal resolução, a fim de poder com antecedencia procurar outro empregado, a quem então fará entrega, por balanço, do que houver em casa, devendo esse balanço ser por ambos assignado.

11.ª De seis em seis mezes prestará um balanço exacto do movimento da casa, para o qual deverão ser descriptas todas as compras e outras despezas que se fizerem.

12.ª Fará quanto possivel para todos os mezes me remetter os generos coloniaes que tiver permutado, quer por carregadores Bondos, que mandará engajar, quando não for possivel fazer o despacho por Maxinjes, quer por outros de confiança e pontualidade.

Nos dias 14 e 15 de julho preparou-se devidamente a secção que partiu na madrugada de 16. Foi estabelecer-se em Andala Quinguângua uns 17 kilometros a NE. de Catala, ultimo ponto onde a nossa auctoridade estava exercendo de facto a sua jurisdicção, e a 58 kilometros da villa de Malanje.

Este sobado já pertence ao jaga Andala Quissúa e tanto d'este como dos povos visinhos nos occuparemos em occasião competente.

Por agora diremos que em 24 de julho já o ajudante da

Expedição hospedava o melhor que era possivel o chefe da expedição allemã que seguira no couce da mesma.

Os sobas das immediações da villa, Muhieba, Ambango e Angonga apresentaram alguns carregadores para o transporte de cargas de Cazengo para Malanje e d'aqui para aquella estação, que se denominou—24 de Julho—e apesar de poucos a mudança ia-se fazendo, emquanto continuavamos nas diligencias de obter carregadores para a Mussumba, o que deu logar a visitarmos e entretermos relações com diversos sobas do concelho, colherem-se boas informações e fazerem-se trabalhos de reconhecida necessidade e de não menor importancia.

AMOR PERFEITO DE MALANJE

O QUE ERA MALANJE

MATHEUS
Natural da Jinga

MANOEL
Natural de Quissama

No anno de 1857, ainda as terras d'este concelho, que é vastissimo, estavam repartidas por diversos sobas já avassallados, muitos d'elles, aos presidios de Ambaca e Duque de Bragança.

Os Songos tiveram aqui tres sobados importantes sendo o superior, o do Iembe, da familia de Quibinda que se estabeleceu no sul junto ao Cuanza, quasi na confluencia do Cuíji, indo elle depois occupar as terras do Quesso, sujeitando-se aos dizimos e serviço forçado no presidio de Ambaca até ao anno de 1850.

O Sonna, que já em 1828 se suppõe residia no Lombe, como o seu povo deixasse de lhe obedecer com a mesma humildade depois que elle se avassallou ao presidio de Ambaca,

mandou uma embaixada ao chefe declarando, que estava prompto a pagar o dizimo á Nação e apresentar gente para o serviço do presidio; mas que determinasse que um delegado seu, fosse residir junto d'elle com a necessaria força para chamar á ordem os seus subditos que estavam procedendo muito mal depois que as suas terras passaram ao dominio da Corôa.

Francisco Gomes, sobêta que viera de Cassanje e fôra *macota* do Calandula de Ambaca, D. João Damião, foi estabelecer-se, com o titulo de Calandula, mais para leste do presidio e d'elle um pouco distante no Jungo, terras do gentio Quiluanje-quiá-Samba. Teve questões com este e foi expulso do sitio pelo povo.

Em 1838 sendo occupado o Duque de Bragança pela nossa auctoridade, Francisco Gomes e os seus fugiram com receio de serem castigados e espalharam-se por Ambaca, Pire e terras de Bondos de Andala Quissúa; indo Gomes primeiro para Cahongo e pouco depois para Camueia, Lombe de cima, onde se conservou até 1840. É depois d'esta data que foi a Loanda, pedir ao governador da provincia para se estabelecer em Angola Luíje, terras do soba Quifucussa (Bondo), declarando ser elle o Calandula de Ambaca, de quem se não conhecia o paradeiro havia muito tempo, e que gosára de umas certas isenções do nosso governo pelos bons serviços prestados por um antepassado nas guerras contra o Sonho, a que já nos referimos.

Foi elle recommendado pelo governador ao chefe do presidio do Duque de Bragança, Jose Vicente Duarte, que o acompanhou até ao quartel da divisão do Lombe e lhe cedeu terras no Matete além do Lombe limitadas pelo riacho Quingungo, proximo da residencia do soba tambem Bondo, Quicunzo-quiá-Bembe, onde se estabeleceu com os seus, e onde estava uma divisão de Moveis a quem Quifucussa, visto ser considerado gentio, tinha de pagar os dizimos, emquanto elle Calandula era dispensado de tal pagamento.

Esta concessão fôra feita, não podendo elle passar o Lombe nem tão pouco o Quesso, e como acceitasse, foi d'ahi em deante considerado Jaga.

Morreu Gomes em 1848, tendo sempre vivido bem com as auctoridades portuguezas.

Succedeu-lhe D. Gonga Catala que em 1849 foi castigado pelo chefe do presidio do Duque, por abusos e faltas de respeito ao chefe da divisão do Lombe, Joaquim José da Motta; e os seus macotas temendo que se perdesse aquelle estado pelos atrevimentos de Calandula, destituiram-no e elegeram para o substituir a D. Antonio Agury que continuou no mesmo sitio.

A este ainda succederam Paulo Muânji e Bartholomeu Garcianno, que sempre andaram em boa harmonia com as nossas auctoridades.

Actualmente existem Muânji e Camuíri no concelho de Malanje residindo não mui distantes ao norte da villa, sendo o primeiro competidor do outro e ambos se teem acceitado como Calandulas por conveniencia da tranquilidade publica e para evitar conflictos entre elles, pois dispõem de muito povo.

Um e outro se tornaram protectores e acoutadores de Ambaquistas e serviçaes que teem fugido, os primeiros ao alistamento militar e os ultimos ao trabalho que a lei lhes impõe.

Os Calandulas hoje apparecem por toda a parte, porque adoptaram o uso gentilico, do representante usar o titulo de representado; é este um meio de se attribuirem ao verdadeiro as faltas e mesmo crimes, praticados por individuos que se servem de taes titulos.

O verdadeiro Calandula reside no Songue, proximo das terras do Congo, é descendente da Lunda, vive em boa harmonia com o rei do Congo e diz-se subdito do rei de Portugal.

É dos seus dissidentes e que contra elle se rebellaram, que partiram os actuaes que teem residencia no Duque, no Jongo á margem do Cuango, e os dois em Malanje: o Muânji entre o rio Lombe e morro de Ambango, já no seu extremo a leste proximo á villa, e o Camuíri a norte do mesmo morro na margem direita do Lombe proximo da confluencia com o Lutenga.

Qualquer d'elles está abusando hoje muito das considerações com que por necessidade, teem sido tratados pelos chefes dos

concelhos, e muitas são as representações que vão apparecendo contra o seu mau procedimento e mesmo roubos que os seus subordinados estão fazendo ás comitivas de commercio que teem de transitar por aquelles logares.

O soba Quifucussa, pertencia ao sobado Bambe-iá-Cavúnji de além do rio Cuanza e veiu com os seus subordinados Quenza, Cambambe e Quissama-quiá-Bambe, occupar as terras em que hoje estão, limitadas pelo rio Angola Luíji e que se estendem até Angola Bole, por concessão de Andala Quissúa, a quem Quifucussa se avassallou, sendo a população augmentada pelas relações que os seus povos estreitaram com os Bondos, com os quaes se aparentaram ainda por condescendencia do mesmo Andala Quissúa. Estes povos foram-se espalhando para as bandas do norte entre o rio Cambo e seus affluentes occidentaes.

ADOLPHO (MUARI QUISSANJE)
Contractado

O Andala Samba é de descendencia da Jinga. A elle concedeu o chefe Justino Feltro de Andrade terras do Camire até ao Buizo com a condição, de vigiar pela segurança dos caminhos, por serem já muitas as queixas que tinha do commercio contra salteadores que atacavam as comitivas de Calundo até Cabanza, e tambem de construir e conservar as passagens sobre riachos e outras linhas d'águas.

Já depois de estabelecidos todos estes sobas, vieram do Congo-Ambango, Angondo, Mungongo, Momo, Caiongo, Cambunje e Malenga, que estão proximos á villa a norte d'esta, estendendo-se para leste.

Proximos a estes e mais visinhos da villa, residem o Muhieba e Angonga, parentes que vieram já de Quirima entre o

Songo e Tala Mugongo e são de descendencia do Libolo, e tambem Cahuanga que usa *malunga*[1].

Tanto estes como os anteriores consideram o Ambango de cathegoria superior, e dizem ser a um dos seus antepassados que se deve o estado dos Bambeiros e que tal era a sua fama que deu o seu nome Ambango ao morro que limita a villa pelo norte, do alto do qual, depois de uma ascenção de 800 ou 900 pés, os nossos infatigaveis e ousados exploradores Capello e Ivens, avistaram as penedias de Pungo Andongo, os montes de Ambaca, a serra Muhungo ao norte e o Cuanza serpeando entre verdejantes planuras ao sudoeste[2].

SUCCESSOR DO SOBA MUHIEBA
Carregador

Tambem de descendencia da Jinga, se estabeleceram junto ao Cuanza e Cuíji de um e outro lado, limitando o concelho pelo sudoeste os sobados — Quitáxi, Cabila, Andungo, Ambumba, Ambila, Camassa e Quissonde; e mais tarde passaram a ser denominados povos *Massuelas*.

Foi depois de 1857 que todos estes povos se reuniram para formar o concelho de Malanje, até ahi um c a b a d o[3], a que se aggregaram tambem outros povos, mais a leste do Cuanza

---

[1] Bracelete de metal, distinctivo honorifico entre os subditos do rei do Congo.

[2] *De Benguella ás terras de Iacca*, Vol. II, cap. XV, pag. 41.

[3] Dependencia do presidio de Ambaca, de que era auctoridade um Cabo.

para o norte, contando-se entre estes os dos sobas—Anjínji, Anjio, Calunda, Camulemba, Quiombo, Fila Cassanje, Cunga, Ianza Páti, a sueste; e mais os Songos—Sáti, Quitamba, Cahombo, Quimbamba, Capuco e outros marginando o Cuíji até á sua confluencia com o Cuanza; e ainda Quipacassa, Cambondo, Muquíxi, Catala, Andala Samba, Anzáji, etc., pelo lado do norte.

A constituição d'este concelho era de reconhecida necessidade depois de 1850, anno em que o fallecido Major Salles Ferreira por determinação do Governo teve de ir com uma expedição bater os Bondos, depôr e mais tarde prender o jaga Andala Quissúa; collocando em seu logar o Quissúa Camuáxi, e mezes depois, bater o jaga Ambumba, de Cassanje, que fugiu para a margem direita do Cuango, collocando tambem em seu logar o jaga que o povo elegeu.

Alguns sobas de Malanje por essa occasião tiveram de ser castigados e entre elles se menciona o Muhieba, antecessor do actual, que apesar de avassallado fazia causa commum com os rebeldes, atraiçoando-nos.

Os castigos que soffreram Muhieba e Andala Quissúa foram na verdade terriveis, mas de grande effeito, porque ainda hoje se falla nelles e com respeito pelas nossas armas. Um dos sobas foi amarrado a uma bôca de fogo que se fez disparar em seguida ficando o padecente surdo durante o resto da sua vida.

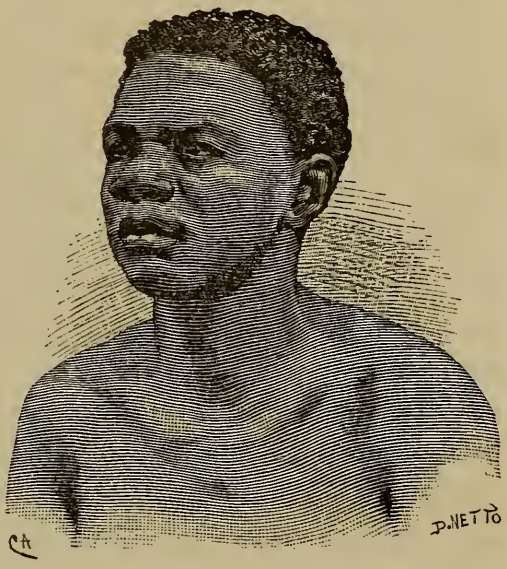
Dizem os descendentes de Muhieba que fôra este o castigado, porém Andala Quissúa, com quem estivemos e que era tão surdo como velho, contou-nos ter sido elle quem soffrêra tal castigo e que depois jazêra muitos annos preso numa masmorra em Loanda, mas injustamente.

Fosse qual fosse o castigado, é certo que o castigo impoz a todos os sobas vizinhos a sujeição ás nossas auctoridades, ainda as de menor graduação; e os sobas do Lombe, Calandula e outros mais obstinados, foram modificando os seus costumes gentilicos e tornando-se mais obedientes.

Nas ultimas guerras de Cassanje, de 1857 a 1862, é certo que as nossas forças encontraram já nestes povos grandes au-

xiliares, e alguns como o Ambango e vizinhos, e ainda os do Lombe e os do sul prestaram importantes serviços nas construcções passageiras com que se julgou dever fortificar a villa pelos quadrantes de leste, e todos concorreram para a manutenção da tropa que aqui se reuniu em avultado numero.

É depois d'isto, infelizmente, quando tudo estava bem disposto para se dar um ataque a Cassanje que veiu a ordem para se suspenderem as hostilidades e retirar toda a força, o que no animo d'aquelle povo nos desprestigiou bastante, tornando-o até insolente e atrevido para com os negociantes europeus; porque a este facto acresceu voltar o concelho de Malanje a ser dividido novamente em cabados, abandonando-se o que já tinhamos dominado a leste.



TYPO DO SONGO
Contractado

Ao gentio não passam despercebidos factos d'esta ordem, e nós ouvimos muita vez dizer á geração moderna, que Muene Puto é amigo de Cassanje, porque sabendo que as guerras que houve com Cassanje foram motivadas pelos seus filhos negociadores, mandou retirar todas as suas forças, e não quiz que elles pagassem as mortes que fizeram.

Se elles teem a esperteza para com taes palavras se mostrarem amaveis, é para acreditar que aos indigenas da provincia, e mesmo ao gentio seu vizinho, digam — nada temos a receiar dos soldados de Muene Puto, porque já lhe matámos muita gente e elle não teve coragem para fazer vingar essas mortes. Muene Puto bem sabe que somos valentes e os seus soldados, quando cá chegarem, já não teem força para nos guerrearem.

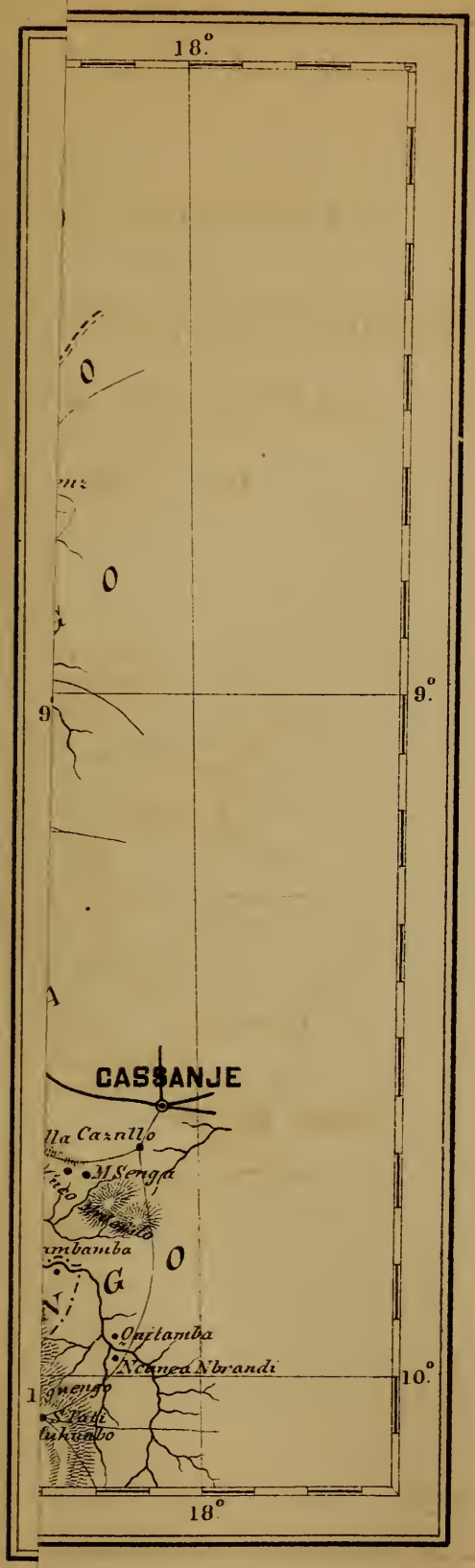
Os Cassanjes, ou, como é mais vulgar, os Bângalas, estão abusando muito da indifferença com que temos olhado para o seu procedimento depois das ultimas guerras. E o peor é que os mais ousados dos nossos aventureiros africanos, que acompanham comitivas de negocio no sertão, onde elles estão disseminados, tendo de proceder na resolução de pendencias com os povos indigenas conforme lhes lembra e segundo os recursos de força de que podem dispôr, dão causa ás expoliações e sequestros das comitivas, feitos pelos Bângalas cujos prejuizos vão recahir sobre as casas commerciaes que as abonaram.

Houve emfim um governador que reconheceu a necessidade de se constituir de novo o concelho de Malanje e de ahi collocar uma auctoridade idonea com um destacamento da primeira linha para poder sustentar a sua auctoridade; porém ainda d'esta vez os limites d'este concelho foram marcados em virtude de informações pouco fidedignas, informações segundo a memoria dos indigenas, no que são pouco felizes. Muitas vezes, se não deturpam, inventam nomes, principalmente os Ambaquistas, porque consideram desairoso mostrar que ignoram o que se lhes pergunta.

Para elles, distingue-se o homem do bruto em que este é um ignorante e não falla, só para não se dar a conhecer.

Não havendo hoje melhores esclarecimentos do que aquelles que obtivemos sobre as confrontações do concelho, apresentâmos, em presença da carta dos nossos benemeritos exploradores Capello e Ivens, os limites por accidentes naturaes que mais se approximam d'aquelles como verdadeiros; mas o que não offerece duvida é que se devem acceitar de preferencia os accidentes naturaes, ou então proceder-se desde já ao levantamento geodesico e topographico de toda a provincia de Angola por pessoal competente, e sobre essa nova carta fazerem-se as demarcações dos concelhos de modo a ficarem bem definidos os seus limites.

A serra Tala Mugungo limita o concelho pelo lado de leste, a começar pelos Songos, e seguindo com esta, esse limite vae até ao extremo norte do monte Ambango, que fica approximadamente na altura do porto Andala Maquita, no rio Luí.


18°
9°
CASSANJE
Ondamba
10°
18°

Lithographia da Imprensa Nacional (Req.to 154 de 89)

D'aqui faz-se a demarcação norte, cortando o rio Cambo até á serra da Jinga, separando as terras d'esta dos Bondos de Andala Quissúa. O limite de oeste comprehende as montanhas do Duque de Bragança, rio Lucala e segue pelo seu confluente Muquixe até Calundo, no Lutete, para continuar com este e passar ao Lombe até á sua confluencia com o Cuanza; sendo o Lombe e o Lutete que separam este concelho do de Pungo Andongo. O limite ao sul é a parte do Cuanza, entre o Lombe e o Cuíjí, seguindo depois este ao Songo.

As demarcações que nos apresentaram comprehendem nomes de riachos e de sobas, que pela sua pouca importancia, carta alguma por emquanto pode d'elles dar noticia. Seria muito necessario uma carta regional para se marcarem devidamente.

Os limites que acceitâmos e que se não afastam muito dos que se consideram officiaes, abrangem um territorio com uma area muito approximada de vinte e um mil e seiscentos kilometros quadrados.

Uma zona de tanta vastidão, que abrange a maior parte da região altoplana da nossa provincia, a norte do Cuanza, considerada phytogeographicamente, distingue-se da zona littoral e intermedia pela immensa variedade da sua grande vegetação, multidão de plantas aromaticas e bulbosas, luxuriante verdura de seus extensos descampados e particular elegancia de muitos vegetaes, tanto herbaceos como arborescentes; considerada ethnographicamente, é a mais complexa pela grande variedade de povos que hoje a habitam, de procedencias mui diversas, mas que pelos seus usos, costumes, artefactos e dialectos mostram que tiveram uma origem commum, de que se foram desprendendo em differentes epochas, para aqui, muito mais tarde e depois de terem experimentado varia fortuna se tornarem a reunir, sob o nosso dominio, em condições mais favoraveis para a sua civilisação.

Offerece esta região notaveis vantagens, porque o relevo do seu terreno e a sua abundante rede fluvial torna-a o mais apta possivel para se estabelecerem colonias agricolas, tanto de indigenas como de europeus.

Numa região como esta, ha, pois, muito que estudar, tanto sob o ponto de vista scientifico como no de sua administração, e se o caminho de ferro aqui chegar, mais urgentes se tornam estes estudos para se conhecerem todas as aptidões do seu solo e as suas condições de salubridade. Pode mesmo prever-se que se devem fundar aqui quintas de recreio dos negociantes que vivendo no littoral, d'ali se retirem na epocha das chuvas, que é a mais doentia.

MUQUIJE

CAMINHOS

A séde do concelho, a que temos chamado villa, está situada entre 9° 32′ 10″ de lat. S. do Equador e 16° 15′ 0″ de long. E. de Greenwich.

Não é muito grande, como se vê pela sua planta, e assenta sobre um planalto 1:154 metros acima do nivel do mar, média de rigorosas observações hypsometricas e barometricas.

A sua maior extensão é de W. para E., tendo a entrada a NE. e sahidas pelo SE., E. e SW. por caminhos definidos, que se dirigem, o primeiro, atravessando uma exten-

sa floresta das mais ralas e baixas, em que abundam as acacias, a Quipacassa, e segue d'ahi passando sobre o Luximbe, affluente do Cuíji, para Catala, logar em que se estabeleceram, e em suas vizinhanças, casas filiaes do commercio de Malanje; o segundo, seguindo até certa altura com o rio Malanje, dirige-se para Cahombo, logar onde ha pouco tempo se fundou a colonia penitenciaria Esperança, instituição do Governador Ferreira do Amaral, e estende-se até ao Cuíji, proximo da sua confluencia com o Cuanza; o terceiro a convergir para o Cuíji, acompanha-o depois até Anjínje-á-Cabári, Quissole e Angio, d'onde partem ainda outros caminhos, indo um pelo Anzáji-á-Catala, outro pelo Chissa, Andala Samba, etc., e um que se pode dizer o prolongamento do que parte da villa, passando o rio Cuíji vae para o Sanza, Songos, etc.

Só este caminho de Malanje ao Quissole é que se pode dizer mereceu a attenção da auctoridade, pois lembra uma estrada de ordem inferior para vehiculos, e que certamente foi devida ao estabelecimento de casas de commercio no Anjínji e Quissole. Tem 14 kilometros de extensão.

O caminho de leste, que se dirige para a colonia Esperança, tem de extensão 22 kilometros e é muito accidentado, ficando a colonia numa altitude um pouco inferior á da villa. Necessariamente, se a colonia tiver o desenvolvimento que se espera, este caminho em pouco tempo se transformará numa estrada não inferior á do Quissole.

Pelo que respeito ao caminho de Quipacassa, só mais tarde se pensará certamente em melhorar as suas condições de viação, porque quem mais o frequenta hoje é o gentio. É este caminho o que offerece menos difficuldades quanto aos accidentes do terreno.

Os sobas prestam-se de boa vontade a dar a gente que for necessaria para os trabalhos, e ha grande vantagem de se encurtar a distancia para a região dos Bondos de Andala Quissúa, hoje vassallo de importancia, e com o qual convem manter estreitas relações.

A maior parte das habitações eram de construcção rudimen-

RAFAEL

tar, com as paredes de adobe, coberturas de capim e piso de terra batida ou piloada, ou de pedra mal britada. As que ultimamente se estão construindo merecem muito mais attenção da parte dos proprietarios, que teem em vista os commodos de que elles e suas familias precisam, pois as fazem para sua habitação e para nellas arrecadarem os valores que teem de negociar.

Outr'ora consideravam-se as habitações apenas como alojamentos provisorios, que durassem o tempo indispensavel para o negocio de uma factura, pois na terra faltavam ao europeu todas as condições de habitabilidade e os recursos que a civilisação reclama; e os governos, diga-se em verdade, nem pensavam em semelhante localidade senão para censurarem implicitamente os que se expunham a vir fazer negocio entre o gentio, declarando sempre que não podiam dispor de forças militares indispensaveis para aqui manter a nossa auctoridade e prestigio.

Hoje, quem faz uma casa é já pensando que nella tem de permanecer por alguns annos, porque as illusões com respeito ás rapidas fortunas desvaneceram-se, e quando possa retirar, o custo da casa já está reembolsado, e vendendo-a, qualquer preço que alcance é sempre bom lucro.

As coberturas de capim, sobre dispendiosas, offerecem perigos em caso de incendio, e são incommodas por deixarem passar as aguas. Com grandes difficuldades luctaram os que primeiro tentaram substituí-las por telhas ou feltro, o que além de exigir despezas de transporte, requeria um madeiramento nas devidas condições.

Tendo em attenção estas necessidades pensou-se, e bem, que nos arredores da villa existiam, em grande quantidade, boas madeiras e barros e que tambem havia a alguma distancia boa pedra calcarea, e portanto empregar um pessoal de modo a aproveitarem-se estes recursos era o verdadeiro caminho a seguir e assim se fez.

Com respeito a carpinteria e mesmo marcenaria vimos já obras de alguma importancia como — portas, janellas, armações

de lojas e de coberturas em boas condições, e com uma tal ou qual perfeição; cadeiras de assento de palha entrançada, mesas e commodas, tudo envernizado, o que nos causou admiração; calhas, curvas para rodas e differentes peças de madeira para machinas e carros completos proprios para bois.

ARTEFACTOS DE MALANJE

De serralheria tambem vimos ferragens, fechaduras, chaves, enxadas, picaretas, estribos, etc., e se não perfeitas, satisfazendo aos fins a que são destinadas.

Quanto a olaria, já se fabricam tijolos, ladrilhos e telhas, industria iniciada ha pouco, mas que a pratica ha de muito

melhorar; panellas, bilhas e outros utensilios caseiros já o gentio os fabricava.

Com respeito a cal, obtivemos uma pequena amostra de uma experiencia que se fizera ultimamente com pedra calcarea, que se diz fôra trazida das bancadas de rocha onde estão abertas as furnas do Cacolo Calombo. Estas bancadas pelo facto de estarem um pouco distantes da villa, não teem merecido ainda a attenção da iniciativa particular que certamente tiraria proveito da sua exploração, contribuindo para melhorar consideravelmente as condições de solidez, aceio e bem estar nas habitações onde este material fosse utilisado.

Por mais de uma vez estivemos para ir ver estas furnas tão afamadas, e que são visitadas quasi sempre pelos forasteiros, que confirmam nellas existir calcareo em abundancia e de boa qualidade, porém circumstancias imprevistas nos desviaram sempre d'este nosso intento. Foram todavia tão minuciosas as informações que d'ellas nos deram, que não duvidâmos reproduzi-las.

Cacolo é uma montanha que fica proxima do rio Lombe e a oeste de Malanje uns 26 kilometros.

Passado o rio sobe-se facilmente ao planalto, e uma vez ahi, percorrendo algumas ondulações, encontra-se no terreno uma abertura de forma circular, que dá entrada para uma depressão natural, ao fundo da qual se chega por uma rampa, que a certa altura é cortada quasi verticalmente, obrigando o visitante a um salto de mais de metro e meio.

Apresentam-se então na frente as referidas furnas, cuja entrada espaçosa faz lembrar as cryptas abobadadas dos antigos templos. Consistem estas num grande recinto dividido á frente por dois grossos pilares ou esteios, que supportam o tecto, o qual arremeda na forma um barrete de clerigo. Este recinto mostra-se dividido em tres lanços, um central e dois lateraes. Uma outra parte da abobada, partindo dos pilares para dentro, está ligada a um grande macisso central, o qual se prolonga para o interior, formando com as paredes lateraes da gruta duas escuras galerias abobadadas.

Calcula-se que a distancia entre os dois pilares da entrada será de mais de dois metros, e d'estes ao macisso ha pouco mais ou menos um espaço igual, sendo a largura das galerias de pouco mais de um metro. Estas no principio recebem luz por umas aberturas de forma irregular, que existem superiormente, e que por certo são já trabalho intencional, devido a explorador mais curioso que tentou conhecer como acabavam essas galerias.

A altura d'esta gruta natural calcula-se que seja na entrada de seis metros, e assim se conserva pouco mais ou menos até onde teem penetrado os visitantes mais audaciosos, isto é, uns vinte metros; e affirma-se que as paredes são muito sêcas, esbranquiçadas e sem uma fenda. O piso, e ainda a mesma rocha, são de superficie desigual. As luzes, devido provavelmente á presença do gaz acido carbonico, apagam-se á medida que se penetra para o interior, por já não haverem aberturas no tecto das galerias que facilitem a sua ventilação, e os visitantes recuam sempre com receio de animaes ferozes, sendo os primeiros a retroceder os indigenas, logo que as luzes que elles levam para alumiar o caminho se apagam.

Vêem-se indicios de ahi penetrarem animaes, e ha quem diga ter lá visto cacos de louça de barro e cascas de diversos fructos, o que não pode deixar de attribuir-se á reunião de alguns indigenas, que escolheram aquelle logar como refugio ou abrigo.

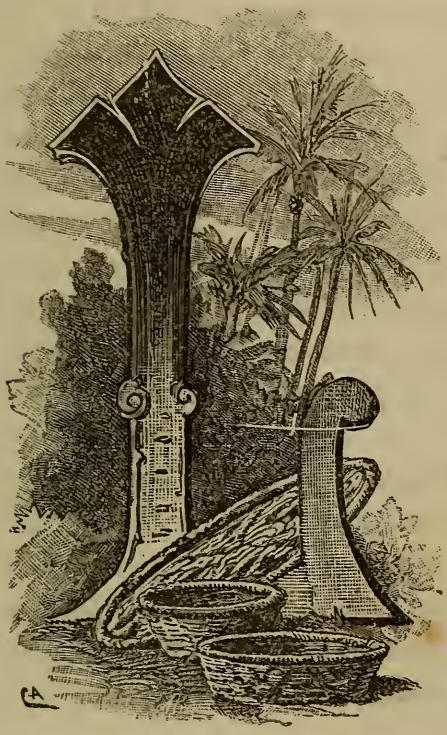
Todos são unanimes em que a certa distancia da entrada se ouve um rumor surdo, que se attribue á presença de animaes no interior da caverna. Por cima existe alguma vegetação, e rareiam as arvores, sendo delgada a camada de terra. Aqui e acolá vêem-se monticulos de pedra calcarea de aspecto esponjoso[1].

---

[1] O ultimo chefe da colonia penitenciaria resolveu-se a explorar o fabrico da cal, e chegára mesmo a fazer alguns fornos ligeiros á americana; e foi por essa occasião que recebeu ordem para retirar, porque a colonia ia ser extincta. E isto foi um grande mal, porque os habitantes de Malanje teem de continuar ainda a obter uma barrica de cal do Dondo por um preço fabuloso.

CACOLO CALOMBO

PESSOAL DE ADMINISTRAÇÃO E AS MISSÕES



imita-se a um official militar, sob o titulo de chefe, o funccionalismo na administração de tão vasto concelho. Reune elle encargos diversos taes como: administrador do concelho, juiz, commandante militar, delegado do correio, superintendente de contribuições, official do registo civil, fiscal da fazenda, etc. Ha um sacerdote, que além de parocho na séde, era professor de instrucção primaria, com o titulo de missionario, estendendo-se a sua jurisdicção ecclesiastica a todo o concelho do Duque, e, se bem nos recordâmos, chegando mesmo até Pungo Andongo.

O chefe é coadjuvado na administração, cobrança de rendimentos, correio e julgado, por um escrivão, um amanuense, um ou dois officiaes de diligencias, e no serviço militar por um cabo, nove soldados e uns seis cornetas!

O parocho tem por auxiliares os rapazes de maior idade que frequentam a sua escola.

Presentemente, a comarca de Pungo Andongo alargou-se até aqui, e constituiu-se um juizo ordinario gratuito com as suas entidades; e mais confusa e demorada se tornou a administra-

ção da justiça entre o grande numero de povos gentilicos do concelho costumados aos processos summarios, e ás decisões dos sobas, nas suas questões e que hoje mais se prendem com o administrativo.

Foi demasiado cedo a applicação das nossas leis vigentes, no que respeita á administração da justiça aos povos gentilicos, que não estão preparados para a acceitarem.

E depois a nomeação dos logares da magistratura para este novo tribunal, sendo gratuitos, sobre quem foi recahir?

Em negociantes ou agricultores, que pelas suas muitas occupações, se não podem entreter com os fatigantes trabalhos, estudos e discussões inherentes a esses cargos, ou então em homens inconscientes, ainda mais fanaticos pelo feiticismo do que os proprios gentios, cujas causas crimes lhes são entregues para as apreciarem e julgarem, e que mais complicam as questões, quando as não põem de parte, adiando-as sob qualquer pretexto, não se esquecendo nunca de expoliarem as partes, á falta de interesses, porque pela lei poucos são os que podem auferir.

Temos registados alguns casos, que provam ter havido precipitação em implantarmos a administração da justiça neste concelho como a temos na metropole.

Legisla-se e com as melhores intenções para povos de que se não tem conhecimento, esquecendo-se os graves conflictos a que pode na pratica dar logar a applicação de leis que elles não comprehendem.

Entre os povos de um sobado julga-se um caso de feiticeria. Morre um, morrem dois ou tres individuos, arrebentados mesmo, com as drogas venenosas que os obrigaram a ingerir. Os cadaveres jazem insepultos nas estradas ou nas proximidades, a auctoridade administrativa teve conhecimento do facto, levanta auto de corpo de delicto e dá-se d'elle conhecimento ao sub-delegado do ministerio publico.

Instaura-se processo, sabe-se quem preparou as bebidas, sabe-se quem obrigou as victimas a bebê-las e sabe-se porque tudo isto se fez. Eram feiticeiros os que morreram.

O sub-delegado, sendo d'aquelles africanos que acredita piamente que o podem enfeitiçar, põe termo na questão não tendo quem inculpar; se o sub-delegado porém é zeloso e insiste cumprir com os seus deveres, requer que entre immediatamente na cadeia o potentado e os do seu conselho, que ordenaram ás victimas que bebessem as drogas venenosas, e os que as prepararam.

A auctoridade administrativa quer cumprir os seus deveres, e embora com pequena força, lá segue para o sobado.

Recua, porém, a maior parte das vezes, porque o povo em massa apresenta-se a defender os usos estabelecidos, que para elles são leis, e os que as mandaram applicar.

Se o representante da auctoridade é firme e resoluto, levanta-se um conflicto, em que esta é desprestigiada, se é que não põe em risco as vidas e haveres dos habitantes europeus na séde do concelho.

Na maior parte das vezes, pois, os criminosos não entram na cadeia, e continuam incolumes e mesmo mantendo as relações que tinham com as auctoridades administrativas e judiciaes.

TYPO DO SONGO
Carregador

Estes casos são frequentes; chegámos mesmo a ver na cadeia criminosos d'esta ordem, por mandado da auctoridade administrativa, que foram soltos por determinação do sub-delegado á falta de provas, quando estas existiam em abundancia!

Foi assim melhor.

A prudencia ou o medo do feitiço salvaram o concelho de um estado tumultuoso, que poderia ser muito prejudicial ao commercio e á agricultura.

Desenganemo-nos — é ainda muito cedo para impormos a povos, que teem usos e costumes muito diversos dos nossos, as leis que nos regem. Em Malanje, nas proximidades da villa mesmo, adopta-se ainda com mais frequencia, do que além do Cuango, a antiga praxe do *juramento,* para se conhecer da innocencia do individuo ou dos individuos sobre quem recahem suspeitas de terem praticado, segundo o modo de ver do gentio, o que chamam crime; suspeitas fundadas apenas nas adivinhações de um homem, a quem recorrem como auctoridade infallivel em taes casos.

Estes juramentos, para os mais credulos, consiste em tomar uma beberagem, que ás vezes no mesmo dia lhe põe termo á existencia. Dizemos para os mais credulos, porque hoje muitos só o acceitam fazendo-se substituir por cães ou mesmo por gallinhas. É uma questão de sorte a que se sujeitam, preferindo ter de pagar, quando esta lhe seja adversa, tudo quanto possuam, antes do que perderem a vida.

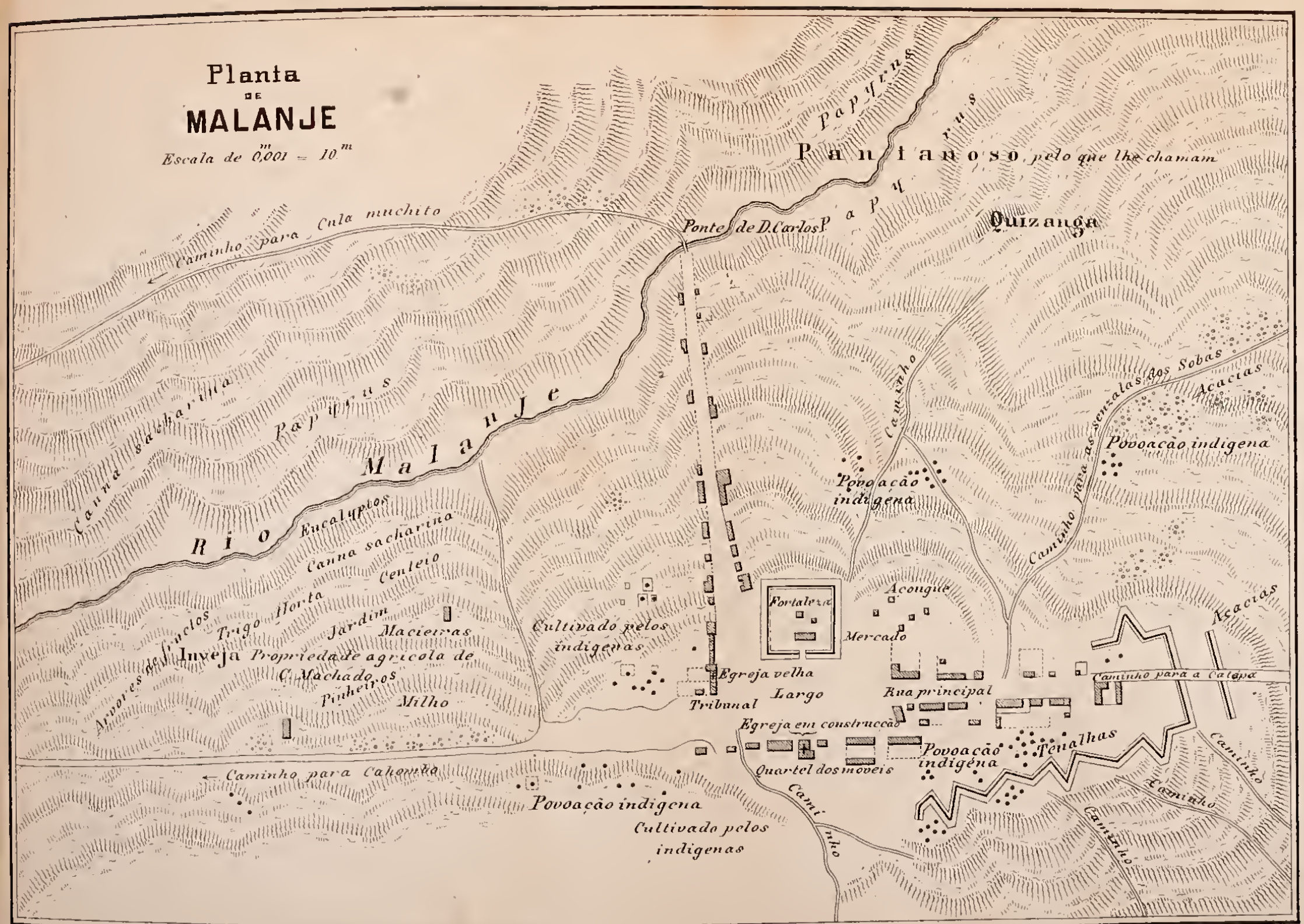
Temos de ser mais explicitos sobre este assumpto em outro capitulo, e por isso nos limitâmos a registar que neste concelho e em outros mais proximos de Loanda, e até mesmo naquella cidade, ainda que ás occultas das auctoridades, tal juramento se usa entre os indigenas.

Os chefes aqui não teem força para fazer cessar semelhante uso, e um houve que d'elle se aproveitava quando tinha de proceder a averiguações, entregando os individuos a quem tinha de interrogar, ao soba que elle mais considerava.

Para os mais timoratos é certo que este systema dava resultados, porque preferiam confessar a verdade a sujeitarem-se á prova do juramento, e as partes, como dizem vulgarmente, acommodavam-se com os sobas, a quem pagavam os respectivos medicamentos (emolumentos) por ter sido arbitro.

O indigena, mesmo o que está mais em contacto comnosco, prefere as suas penalidades, por mais arduas que sejam, a pratica d'esses juramentos, que para muitos equivale á pena de morte entre nós, aos nossos castigos de prisão, deportação e alistamento nos corpos da primeira linha da provincia, e por isso

que lhe chamam
Sobas
Acacias
Povoacão indigena
Acacias
Caminho para a Calepa
alhas
Caminho
Caminho
Caminho



Lithographia da Imprensa Nacional. Reg. 154 de 89.

po
le
m
Ci
no
su
tic
vi
in

un
ex
tos
ga
rir
po

caj
lhc
na
jur

usc
prc
nha
]
tad
pro
aco
vos
(
pre
tica
mo
tam

o chefe, que os entregava aos sobas para elles decidirem nas suas questões, era o melhor chefe que elles conheceram, e ainda hoje é chorado!

Por aqui se vê que uma legislação especial, em que se interessassem os sobas e se tornassem os processos mais summarios, não só simplificava a administração, mas tornava-a mais economica e menos apparatosa.

Assim prepararíamos estes povos para mais tarde acceitarem bem as nossas leis. Que elles primeiro conheçam as vantagens e protecção que d'ellas podem advir, e sujeitar-se-hão a todas as suas disposições.

Tambem no ultimo anno se dotou o concelho com uma commissão municipal e uma junta de parochia, por isso que se reconheceu a necessidade de adquirir receita em beneficio do mesmo municipio, recolhendo em Malanje os impostos que o commercio estava pagando no Dondo e creando outros sobre a aguardente, industria apenas iniciada, promettendo grande futuro, e sobre a qual mais adeante teremos de chamar a attenção dos poderes publicos.

Não teem dado os resultados, que era de esperar, as missões a cargo do sacerdote, e sem intenção de offender quem está incumbido d'este serviço, e com quem mantivemos boas relações, devemos dizer a verdade: não os podem dar, porque elle não comprehende o seu ministerio, e d'esta sua ignorancia tira partido a missão americana do bispo Taylor, que na villa se foi estabelecer.

Como parocho, reduzem-se as suas funcções a um officio de baptisar creanças e adultos aos mólhos, a tanto por cabeça, sendo o minimo 10 macutas (300 réis), na casa que serve de capella da freguezia. Se tem de sahir da séde, quem o convida para ir fazer um baptisado, além do transporte paga 10$000 réis fortes. Como é natural, preparam-se-lhe boas refeições e permitte-se que os povos vizinhos aproveitem a occasião da ceremonia e o local, para se fazer a colheita das 10 macutas, que se repete ás vezes com tres ou quatro turmas de tantos neophytos quantos o recinto escolhido comportar.

Comnosco deu-se um caso, que não podemos deixar de registar. Quando regressámos do interior vieram em nossa companhia familias de Ambaquistas, que ha quinze annos estavam retidas na mussumba do Muatiânvua, e traziam creanças, e adultos que desejaram baptisar-se logo que chegaram a Malanje. Vinham tambem creanças, filhas de carregadores da Expedição, que nasceram durante o tempo da nossa missão, e ainda outras que tomaramos sob a nossa protecção, a maior parte dos quaes não conheciam pae nem mãe, e que na occasião competente mostraremos com documentos officiaes os destinos que tiveram.

Baptisaram-se; mas qual não foi o nosso espanto quando, tempo depois, se nos apresenta a conta d'esses baptisados em numero de quarenta e tantos, a rasão de 500 réis por cada um! Verdade é que depois pedimos certidão de cinco, e apesar de ter ao lado averbada a sua importancia (500 réis), tinha por baixo — *gratis*.

Foi um generoso obsequio, mas prefeririamos, e era mesmo mais curial pagar as certidões e não os baptisados.

Tres mezes em cada anno, e geralmente antes das festas da semana santa, faz-se a prodigiosa colheita pelo concelho do Duque de Bragança, e o officio exerce-se mesmo em viagem, no caminho onde o sacerdote passa de rede, em que tudo vae devidamente preparado, e ahi mesmo se baptisam os que reclamam o sacramento.

Para o gentio o baptisado é uma ceremonia que lhes agrada e a que acorrem pressurosos, porque cada um espera do seu padrinho um bom presente, pelo menos que o vista; e a este proposito se diz que ha gentios que se teem baptisado por mais de uma vez, o que engrossa a fonte de receita para o parocho.

Com respeito a casamentos, se bem nos recorda, ha apenas um registado nos livros da parochia, e a regular pela esportula dos baptisados, acreditâmos que se façam, como fomos informados, exigencias de cabeças de gado para que o acto religioso se verifique na capella!

Com respeito á missão do professorado, não caminham as cousas melhor, não obstante aos domingos apparecerem tres

filas de rapazes, que durante a missa berram despropositadamente umas orações, e que se admittem como explendidos canticos.

Alguns rapazes vão para a aula todos os dias, porém a demora ahi não é grande, e um d'elles que melhor comprehendeu o professor é o mestre dos outros. O ensino dos Ambaquistas produz melhores resultados.

Ora tudo isto é muito grave, e para o que não podemos deixar de chamar a attenção de quem compete, porque na mesma rua da villa, a duzentos passos da capella e escola estabeleceu-se a missão americana, que nos está ensinando como se educa o gentio.

JOÃO CAMPACALA
Carregador

Um dos missionarios tratou logo de aprender a lingua portugueza com o fim exclusivo de estudar a lingua do gentio, e a pouco e pouco, senhoreando-se de ambas, foi escrevendo os vocabulos d'esta e dando-lhes a verdadeira interpretação em portuguez.

Na missão existem senhoras e creanças, que se põem ao lado dos neophytos e os acompanham na instrucção, e não só estes são catechisados pela affabilidade e mesmo carinho com que são tratados, mas tambem porque os estimulam com premios de registos coloridos e diversos chromos, que elles muito apreciam.

Em alguns dias da semana, depois do sol posto, e nos domingos, ás dez horas da manhã, as portas da casa da missão estão abertas e para lá entram adultos e creanças de ambos os sexos para assistirem ás cerimonias religiosas que ahi se celebram com todo o decoro e devoção, em que os psalmos são

cantados ao som de uma orchestra em que entra o *harmonium-flûte* como parte principal, sendo os córos feitos por todos os circumstantes.

Nos intervallos as meninas da Missão e os missionarios fazem a explicação do cathecismo em portuguez e na lingua ambunda, e obrigam as creanças, pelas continuadas repetições, a conservarem na memoria o que se lhes vae ensinando.

Assistimos a muitos d'estes actos e ás aulas, e nunca aqui vimos menor affluencia de gente do que a maxima concorrencia á nossa capella e escola official.

O ensino da Missão não se limita apenas a instruir as pessoas que a ella concorrem nos mysterios da religião e nas letras, mas tem tambem por fim o guiá-las pelo exemplo nas artes e officios, e no cultivo da terra, e na sobriedade, resignação, abnegação e paciencia em supportar as contrariedades da vida.

Os recursos do estabelecimento são, em verdade, muito escassos; reduzem-se ao fructo dos trabalhos agricolas e a uma insignificante mesada em moeda, da receita de esmolas adquirida pelo bispo Taylor.

O missionario Chatelaine que de lá retirára de regresso á terra de sua naturalidade na Suissa, enviou depois para aquella missão uma cartilha já impressa para os seus alumnos, escripta na lingua d'estes com as equivalencias em portuguez. Foi sem duvida um bom serviço que nos prestou, mas oxalá que a propaganda da Missão que principia a partir do Dondo e se estende até ao Lubuco, debaixo da nossa protecção, não seja num futuro mais ou menos remoto causa de grandes desgostos e de prejuizos para o nosso dominio.

O dr. Summers que por auxilios portuguezes, de que temos bons documentos, que a seu tempo apresentaremos, conseguiu chegar ao Luluabourg do Estado Independente do Congo, luctou com grandes difficuldades, para ahi proseguir na propaganda da sua missão; e isso nos prova, que a nossa tolerancia se tem tornado demasiada e é origem da complicação das nossas cousas no continente africano.

SOCCORROS MEDICOS. FORÇA PUBLICA

MIRABILIS LONGIFLORA

Não havia, nem ainda hoje ha, um facultativo e um pharmaceutico officiaes em toda a vastissima região do concelho; entidades estas indispensaveis quando se trata de uma colonia europea em uma região cujas condições climatericas e de habitabilidade para individuos estranhos são inteiramente desconhecidas.

Esta gravissima falta tornara-se mais sensivel, porque vogava entre o publico ainda o panico d'uma mortandade que houvera, dois mezes antes de aqui chegarmos, quer de europeus, quer de africanos, como ha muitos annos não constava, sendo as pneumonias duplas a doença que se tornou predominante e que ainda continuava a fazer victimas.

O terror fôra tal, que ainda se faziam preces e procissões para que findasse semelhante calamidade. Muito respeitâmos estes actos pela devoção de que são revestidos, porém estes por si só não podem satisfazer, porque não devemos esquecer

tambem a maxima evangelica—Faze da tua parte que eu te ajudarei.

Era por isto mesmo que o chefe da Expedição dizia a S. Ex.ª o Ministro dos negocios da marinha e ultramar na sua communicação de 30 de setembro de 1884:

«Os processos de trabalho da Missão americana são muito mais fecundos que os que estão em uso na parochia do concelho, e urge que se preparem os elementos indispensaveis para se estabelecerem boas Missões portuguezas, aqui e mais para o interior, que devem encarregar-se da educação do indigena,—o verdadeiro auxiliar com que podemos contar para a transformação das terras da Africa intertropical.

Tem sido este assumpto tão bem tratado nas nossas regiões officiaes, temos tão bons exemplos a citar na historia da provincia de Angola desde os primitivos tempos até hoje, do bom resultado das missões quando devidamente organisadas, e do que na pratica ellas offerecem de mais vantajoso, que talvez pareçam prolixas quaesquer considerações que eu tenha a fazer sobre este ponto.

Mas creio que assim não é, e se insisto no assumpto, é porque receio muito que vamos adiando indefinidamente a importante questão das missões, e nos limitemos a cruzar os braços e a admirar os prodigios das da Huilla e do Congo sob a direcção dos benemeritos sacerdotes Antunes e Barroso.

Muitas missões, e capacidades para as dirigir como aquellas que acabâmos de citar, e que teem bem merecido do paiz, é do que carecemos com muita urgencia, porque as do bispo Taylor tendem a estender-se para o interior.

Projectavam ultimamente destacar missionarios para os Quiôcos, povo este da Lunda que, se conseguem catechisar, o que creio facil, muito aproveitará com isso a causa da civilisação e da humanidade no centro da Africa austral.

É preciso que nas missões haja homens praticos com conhecimentos de agricultura, desenho, e em geral das artes manuaes para se imporem pelo exemplo e adquirirem influencia e prestigio entre os gentios.

As missões taes como se devem comprehender, são as verdadeiras estações civilisadoras.»

. . . . . .

«Pela insufficiencia d opessoal medico e pharmaceutico para as exigencias d'esta vastissima provincia, não poude o Governador geral conseguir que o serviço de saude mandasse para aqui entidades competentes para beneficio dos povos do concelho, que é muito grande e do pessoal da colonia Esperança que ia sendo já numeroso.

Dá-se infelizmente o caso de ha tres mezes ter havido aqui entre europeus e indigenas uma mortandade que a todos surprehendeu como cousa extraordinaria, e para a qual mais contribuiram as pneumonias duplas, doença que ainda hoje está fazendo muitas victimas. É questão de quadra, a que os antigos denominam de epidemia, e por causa da qual se estão fazendo preces e procissões.

O meu collega Sizenando Marques foi chamado para acudir a varios doentes, e sem fazer distincção de classe ou de côr tem ido em seu auxilio; porém, infelizmente os doentes ou os seus familiares quasi sempre o chamam nas ultimas circumstancias e depois da applicação insciente de remedios energicos. No emtanto o chefe da colonia Esperança, já em extremos desesperados a elle recorrendo, ou porque fosse moço e robusto ou por que mais desveladamente fôra tratado pelos que o cercavam, o certo é que já entrou em periodo de convalescença e está quasi restabelecido.

Commigo havia combinado em 13 do corrente nesta villa, o negociante Luciano Elisio da Cunha estabelecido no Chissa, ir esperar-me em sua casa para me acompanhar a escolher um bom porto no Cuango para a passagem da Expedição; e oito dias depois aqui regressou a casa de seu socio e em tal estado, que sendo chamado o meu collega no dia seguinte, já cousa alguma poude fazer em seu beneficio. Os dois pulmões estavam completamente perdidos. Todas as diligencias foram infructiferas.

Ha aqui um sentenciado, homem que teve alguma pratica de enfermeiro num dos hospitaes do reino e está empregado na casa de commercio de Alfredo José de Barros, que soccorre os doentes que o chamam, com remedios por elle preparados numa pharmacia que em casa tem o seu patrão.

Mas isto se alguma cousa tem de vantajoso quando faltem absolutamente todos os recursos medicos, bem considerado é um perigo e para o qual concorre a auctoridade implicitamente, porque se vê na extrema necessidade de aproveitar os serviços d'aquelle individuo quando as circumstancias mais urgentemente o reclamam; mas o Governo de Sua Magestade, não deixará por certo de ter na devida consideração as providencias que urge adoptar desde já com respeito ao assumpto, e por isso entendi do meu dever não occultar o que nesta localidade se está passando.

O chefe da colonia, jovem official, bastante intelligente e dedicado ao estudo, lá se tem ido familiarisando com o *Manual de Chernoviz*, e observando as suas formulas prepara medicamentos servindo-se de uma ambulancia que lhe foi confiada, tendo-os applicado aos sentenciados e áquellas pessoas que o procuram e o consultam. Mas se, até certo ponto, esta sua forma de proceder se pode considerar humanitaria e tem sido

util e vantajosa para os que teem aproveitado da sua consulta, acarreta-lhe sem a menor duvida graves responsabilidades, que elle nem pode nem deve assumir.

S. Ex.ª o Governador geral da provincia, que pode fazer em taes circumstancias, se lhe faltam os recursos indispensaveis?

A S. Ex.ª nada digo nesta occasião sobre tão momentoso e importante assumpto, limitando-me apenas a pedir-lhe a leitura d'esta communicação não fazendo mais considerações; a intelligencia e boa vontade de S. Ex.ª supprirão todas as que poderia fazer, e é de esperar que se adoptem as providencias necessarias a fim de occorrer a uma falta cuja continuação se torna altamente prejudicial a estes povos, e que terá sido sem duvida notada e commentada desfavoravelmente pelos expedicionarios allemães que aqui residem ha seis mezes.

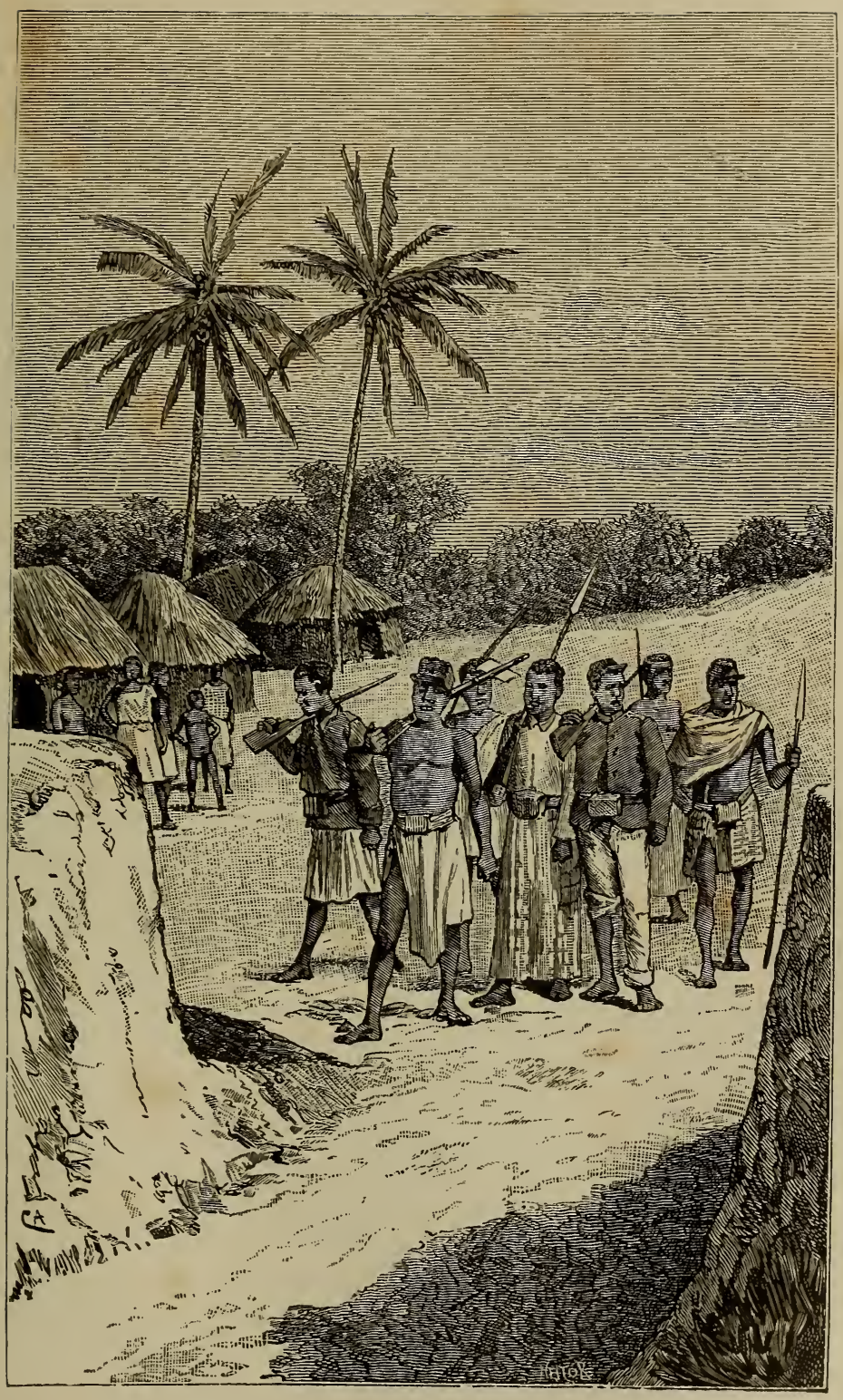
Da nossa pharmacia teem-se cedido os medicamentos indispensaveis ao tratamento de doentes europeus e indigenas que tem recorrido ao meu collega.»

Provavelmente S. Ex.ª o Ministro da marinha e ultramar a quem foi enviada esta commuicação, não teve d'ella conhecimento, sendo certo que ainda no nosso regresso o sub-chefe teve de supprir a falta de medico e pharmaceutico, tornando-se por ultimo tão indispensavel a sua assistencia ás doenças da quadra, que a commissão municipal e os habitantes, deram d'isso testemunhos publicos.

Malanje como já vamos provar, tornou-se um centro importante de commercio e da agricultura na provincia de Angola e offerece grandes recursos para o desenvolvimento d'esta e de todas as industrias que no concelho se ensaiem e por isso merece hoje toda a consideração dos governos não podendo continuar a manter-se uma administração tão acanhada como tem tido até aqui.

A necessidadade de se estabelecer em Malanje uma delegação de saude, está na verdade bem comprovada; mas queriamos uma delegação, onde a par dos soccorros medicos, se fizessem as competentes observações meteorologicas, o que era de grandes vantagens para o estudo do clima e sua comparação com o do littoral.

As delegações de saude como tivemos occasião de observar, precisam de ser remodeladas segundo as exigencias da mo-



SOLDADOS MOVEIS

derna sciencia para se habilitarem a concorrer com trabalhos eguaes áquelles que os medicos estrangeiros apresentam e que temos visto publicados em revistas scientificas de primeira ordem.

Ainda ha pouco tempo, podia acceitar-se o que hoje se mantem; o concelho retalhado em divisões sob o commando de officiaes moveis e que administravam em nome do chefe como podiam e sabiam os povos vizinhos do quartel ou patrulhas, governando-se os sobas mais distantes independentemente, satisfazendo apenas a uns tributos mesquinhos ou nominaes a pretexto de vassallagem, e o chefe na séde procedendo de modo limitado ou unicamente exercendo a sua alçada de facto na colonia europea espalhada aqui pelas povoações proximas de Culamuxito, Anjínji, Quissole, Anjio, Chissa, Anzaje, Catala e Andala Samba.

Seria absurdo exigir que as quatro divisões de Moveis que tem o concelho e ás quaes está confiada a segurança publica, a guarda dos valores do commercio e o prestigio da nossa auctoridade, sem que por isso recebam um ceitil, fossem a expressão do que se deseja e que preenchessem os fins para que foram creadas. São ellas constituidas por um certo numero de homens esfarrapados, esfomeados, com um boné militar na cabeça e munidos de bayonetas sem bainhas, ou com cacetes em que se arma uma bayoneta, ou com espingardas sem fechos ou com estes amarrados por barbantes; emfim homens que só servem para transportar as mallas do correio ou uma carta a qualquer commandante de divisão.

O facto do concelho estar confiado a semelhante força, se por um lado manifesta que é grande o nosso prestigio entre os povos indigenas que o constituem, deve fazer tambem lembrar que ahi mesmo vivem outros não avassallados e nos seus confins gentio bravo, e que o concelho confronta com o de Cassanje cujos povos ainda recordam as suas proezas e feitos nas ultimas guerras em que repelliram as nossas forças regulares.

Estes povos posto que não tenham forças regulares tem sido fornecidos a interesse de commercio da metropole de armas

lazarinas e granadeiras e de bastante polvora, e o esquecimento a que temos votado a sua ousadia foi mais prejudicial á nossa causa do que se tivessemos castigado os rebeldes com a devida severidade, posto isto nos custasse sacrificios de gente e de dinheiro.

MUSSENGO ULAJE

EDIFICIOS PUBLICOS. SANEAMENTO

reside o chefe do concelho num barracão dividido em duas alas, cada uma com dois compartimentos, sendo a da esquerda destinada á administração e a da direita para moradia d'elle e de sua familia.

A construcção foi feita no terrapleno de um reducto, hoje em ruinas, a que impropriamente se chama fortaleza, obra passageira que se levantára em tempo para defender os habitantos da villa dos ataques do gentio. Tem 80 metros de lado e observaram-se as devidas proporções no seu plano.

Actualmente o denominado fosso não é mais do que uma depressão no terreno, porque as aguas pluviaes teem arrastado as terras do parapeito para o fundo, onde se teem accumulado, de mistura com detritos vegetaes e lixo, que para ali foram lançados.

Ao fundo do terrapleno ha pequenas casas construidas como o barracão de que fallámos, com paredes de adobe e cobertura de capim; eram destinadas para o paiol, arrecadação de arma-

mento, cozinhas e casa de guarda, mas tudo está em tal estado de ruina, que o chefe ultimamente teve de aproveitar-se da offerta do paiol particular do commercio para nelle arrecadar a polvora do governo e o armamento. O que ha na arrecadação está tudo arrumado a um lado, porque parte da cobertura do mesmo abateu. E que armamento! Uma carga inutil, cuja madeira está a pedir fogo, e as ferragens que as vendam a peso.

Já não é uma fortaleza, é antes um acervo de escombros, de que o rapazio, e as cabras e carneiros fizeram logradouro commum.

Isto tudo forma um verdadeiro contraste com os melhoramentos a que os particulares estão procedendo para embellezamento da villa; e depois o que representa este recinto nas circumstancias em que se acha actualmente, quando nada temos a recear dos povos gentilicos que o rodeiam?

Era bem melhor para a hygiene que se arrazasse de uma vez o parapeito para se entulhar completamente o fosso, que hoje é um deposito de immundicia e um foco de emanações deleterias, e se fizesse um bonito largo central, continuando-se o pomar das laranjeiras que ha no terrapleno, que contém explendidos exemplares, e cuja plantação é devida a um dos primeiros chefes d'este concelho.

Em frente d'estes tristes destroços, que só denotam miseria, e a nossa muita indifferença, e sobre os quaes fluctua a bandeira nacional, está o largo principal da villa, de grande area, e que dá mais um attestado da nossa incuria.

Não devemos esquecer um grande edificio que existe em paredes, até certa altura, começado á custa de uma subscripção particular, e destinado á igreja da séde do concelho, mas onde junto á entrada para a capella-mór, se desenvolveu uma arvore de grande porte. Este local tornou-se tambem um verdadeiro esterquilinio!

Era realmente reconhecida por todos a grande e inadiavel necessidade de proceder a esta construcção, que como se vê, está por concluir, porque a sordida cubata onde se celebram

os actos mais solemnes da nossa religião, não nos acreditava como bons catholicos, e muito menos como povo culto e civilisador, perante os indigenas que pretendemos catechisar e arrancar á pratica dos seus preceitos feiticistas.

Mas não é isto só que provocou os nossos reparos e nos contristou.

A pocilga em que se encontram os presos, situada na rua principal da villa, e a que impropriamente se chama cadeia, é um foco de infecção em que jazem os miseros, flagellados pelos *Pulex penetrans,* carraças, e outros parasitas, acrescendo a tudo isto ter o preso de pagar á entrada e saida uma tão magnifica hospedagem. Para lenitivo de tanto mal ainda ha quem se condoa da sua desgraça e lhes dá alguma cousa para comer.

Sentimos ter de descer a estas minuciosidades, porém devemos dizer a verdade inteira ao Governo, que desconhece este estado de cousas que nos está desconceituando nos confins d'esta vastissima provincia aos olhos do gentio que pretendemos avassallar e educar, e mostrar-lhe como aqui se mantem a auctoridade que o representa.

Tanto a fortaleza como o recinto da igreja em construcção, o quartel vizinho e a cadeia publica são focos de infecção mais prejudiciaes que o grande pantano a que nos vamos agora referir.

O pantano corre pelo norte da povoação de um e outro lado do rio Malanje e vae terminar em Quipacassa, tendo cêrca de dez kilometros de extensão para esse lado. Alguns denominam-no *quizanga,* nome impropriamente empregado, pois este vocabulo é sómente applicado ao pantano, quando elle é pestilento, aliás deve ser *malona,* e este faz menos mal que qualquer dos focos que apontâmos, porque os ventos mais impetuosos, que são os dos quadrantes de sul e leste, impellem os seus effluvios para além da villa, que situada em um ponto alto, lhe fica muito superior.

Ainda assim este pantano de ha muito estaria saneado, se tivesse sido aproveitado na cultura da canna saccharina; mas isto, que seria uma empreza indubitavelmente remuneradora,

dadas certas circumstancias, demanda de prompto capitaes para grandes despezas, a que se não animam mesmo os mais ousados habitantes da séde do conselho e arredores.

E quem se atreverá a um tal commettimento, quando o commercio, pelo modo por que os impostos estão estabelecidos, vê que com uma pipa de alcool se podem fazer tres de aguardente?

Como pode concorrer então a industria da canna saccharina com os seus productos, embora obtidos em condições economicas?

Concorre, mas com que vantagem!

Não ha agricultura que possa luctar com bom exito, quando as pautas aduaneiras não são reorganisadas segundo as exigencias da industria, da agricultura e do commercio, do seu estado de actividade e de progresso, das suas condições economicas e segundo as suas relações com os mercados, tanto interiores como exteriores.

Não se podendo sanear este pantano por meio dos processos agricolas, não será facil encontrar outro que o possa substituir com vantagem.

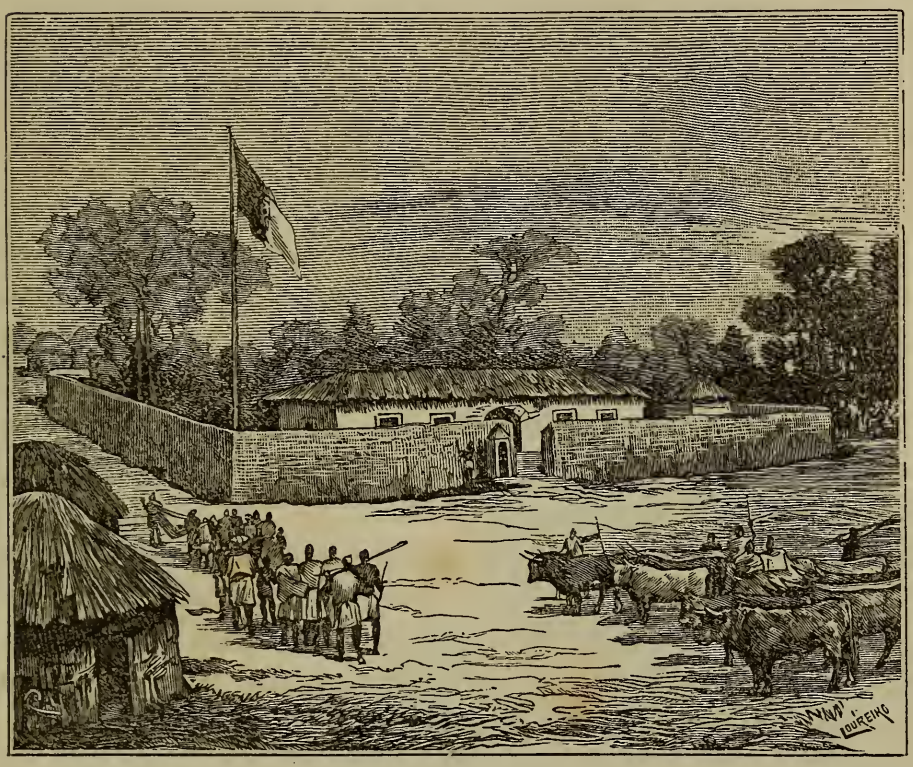
Pensou-se, e chegou mesmo a tentar-se, regularisar a corrente do rio, profundando-se o seu leito em algumas partes e fazendo excavações novas na sua continuação para as aguas serem desviadas em condições de desapparecerem as estagnações das represas por falta de declives, mas todas as despezas que se fizeram foram infructiferas, como era de prever, porque o mal é da propria *quizanga,* ou terras baixas e alagadas ao sopé da montanha Ambango, numa grande extensão e sem escoante para lado algum.

Attenta a disposição dos terrenos, o que nos parece mais facil e proveitoso seria dividi-lo em talhões por vallas, cultivando nelles a canna de assucar, a partir da base da montanha, defendendo as margens do rio de modo que as aguas não saissem do leito ainda nas enchentes mais altas.

Faculte o governo da provincia capital a emprehendedores, sob condições que garantam lucro certo, e a obra ha de fazer-se

aproveitando com isso a salubridade da principal povoação do concelho e suas immediações, o emprehendedor e os rendimentos provinciaes.

Em questões d'esta ordem devemos tambem ter em attenção os lucros que por vias indirectas derivam de uma determinada origem e que vão entrar, como os rendimentos directos, nos cofres da provincia.



FORTALEZA DE MALANJE

E para demonstrar que os interesses são certos não é necessario irmos muito longe. Encontrâmos bons exemplos nos terrenos que marginam o rio para leste em continuação áquelles de que tratâmos, onde se creou a propriedade agricola e de recreio de Custodio José de Sousa Machado, — a Inveja — e nos terrenos que marginam o Cuíji, no Anjínji e Quissole, e ainda noutros.

A Inveja pode chamar-se um jardim agricola; de pequena fazenda de recreio que era em principio, á pouco e pouco foi-se desenvolvendo, transformando-se num estabelecimento que póde hoje servir como modelo. Diversos exemplares da flora europea, americana e africana, ao lado dos indigenas, convenientemente tratados e mesmo guiados no seu crescimento, devido ao esmero do seu proprietario, o benemerito negociante e industrial acima mencionado, attingiram um tão elevado grau de desenvolvimento, que incitam ainda os mais incredulos nas aptidões agricolas d'esta região, a fazerem ensaios nas terras vizinhas das suas residencias até aqui abandonadas e servindo de monturos de lixo ou de immundicias.

Esta propriedade, que está no extremo da villa, a leste, é cortada pelo rio Malanje, e tem na sua frente, marginando-a, o caminho que segue para Cahombo, onde se estabeleceu a colonia Esperança, colonia de sentenceados, devida á iniciativa do actual governador, o conselheiro Ferreira do Amaral. Estava ainda em trabalhos de installação e preparatorios de cultivo, que infelizmente se retardaram por causa de um incendio que ali se manifestou, o qual apesar de atalhado a tempo, fez ainda assim bastantes estragos.

A Inveja está dividida em grandes talhões por largas ruas de piso regularisado; na parte destinada ao jardim, onde se construiu um grande tanque, vêem-se as mais delicadas plantas de sementes da Europa: variedade de rosas, dhalias, amores perfeitos, verbenas, malvas, cravos, cravinas, lyrios, estrellas do sul, alecrim, manjericão, etc.; na horta encontram-se, e muito desenvolvidos, os melhores exemplares de hortaliças do reino, como, diversas especies de couves, nabos, rábãos, rabanetes, cebolas, alfaces, ervilhas, etc.; grandes talhões em que cresce o trigo, noutros o centeio, e os que não são aproveitados para plantas consideradas de mimo, são-o para o milho, que é de crescimento e producção prodigiosa, batata europea e indigena, grão, feijão, etc.

Ahi se encontra já o pinheiro, o cedro, o urucú, a macieira, bellissimas laranjeiras e figueiras, a pitangueira, a mangueira,

INVEJA — PROPRIEDADE DE CUSTODIO MACHADO

a toranja, a fructa conde, a anona, as goyabeiras, diversas especies de bananeiras e varias outras arvores que dão fructos indigenas.

Todos os talhões são rodeados de esplendidos ananazes, e proximo ao rio a rua que corre no mesmo sentido é orlada de bellos eucalyptos.

Uma parte d'este jardim, que pode chamar-se de acclimatação, a que fica do lado do nascente, é destinada tambem a culturas para alimentação do pessoal indigena, como ginguba, inhame, batata, feijão, milho, etc.

As margens do rio que eram sobrepujadas de mabú *(papyrus)* ainda ha dois annos, foram plantadas de canna saccharina, e d'ella se estava vendendo já na villa uma boa aguardente, distillação que se faz na mesma propriedade com a machina especial do systema Collares, e com o competente moinho, para ser movida por agua ou por bois.

A plantação que estava feita quando regressámos, era calculada pelos praticos para uma producção de cem pipas de aguardente, numa extensão, seguindo o rio, de mais de 1 kilometro, tendo sido este devidamente encanado, e foi com este trabalho e com o cannavial que se enxugou grande parte do pantano.

É, pois, este um exemplo comprovativo de que a quizanga que resta á frente da villa pode desapparecer, logo que ahi se façam trabalhos analogos.

Custodio Machado pensava em aproveitar convenientemente a grande queda de agua do rio, que existe nesta sua propriedade, como motores hydraulicos que tencionava applicar a algumas industrias, caso o caminho de ferro ali chegasse. É de certo um plano de grande alcance, porque a estação que venha a fazer-se não pode deixar de ser na villa, com a qual confina a propriedade.

O urucú, que até agora, para a propriedade, era apenas arbusto de ornamentação, quando devidamente preparado pode ser uma grande fonte de receita.

Como se vê pela sua planta, a villa, povoação principal do concelho, não é grande; consiste em uma longa rua principal

correndo proximamente de leste a oeste, e do largo, onde está a fortaleza, parte uma outra de menor extensão, tambem espaçosa, pouco mais ou menos para norte, onde ha uma ponte de madeira sobre o rio, construida ha pouco tempo, e que dá entrada á villa por esse lado.

Atraz d'estas ruas, e dispostas sem ordem, ha pequenas habitações, construidas ainda ao uso gentilico, algumas barreadas, formando por conseguinte viellas irregulares e mais ou menos tortuosas.

Fora da villa e além do rio, um pouco para noroeste, proximamente á distancia de um kilometro, na encosta de uma montanha, estabeleceu-se um pequeno mas asseado cemiterio, convenientemente murado, em que as sepulturas estão resguardadas.

Alguns negociantes ultimamente quotisaram-se entre si e fizeram levantar uma casa para paiol da sua polvora, fora da villa na montanha adjacente, e offereceram-na ao Governo para nelle recolher tambem a sua e tomar conta do edificio como propriedade do Estado, logo que pelas taxas de saida de barris, por elles estipuladas, estivessem embolsados da despeza da construcção, o que de certo terá logar em pouco tempo.

Os principaes estabelecimentos commerciaes que encontrámos na villa pertenciam a Alfredo José de Barros, A. Simões da Cruz, Eduardo Ferreira Campos, Custodio José de Sousa Machado, Lara & C.ª, Oliveira & Irmãos; em Culamixito a Antonio José Coimbra e Vieira Dias; no Anjinji-á-Cabari a Narciso Antonio Paschoal.

No nosso regresso contavam-se os antigos pertencentes a Cruz, Campos, Machado e Paschoal, e mais os de Manaças, Neves & Zagury, Costa & Coimbra, Zafrany & Neves, José dos Santos Caria, Freitas Irmãos, Pinto & Ferreira, Victorino José da Rosa, Macedo e outros menos importantes, e as casas filiaes dos primeiros, que se estendiam até ao Chissa, Catala, Anzáji, Samba e ainda na baixa de Tala Mugongo, e mesmo na feira de Cassanje.

Com algumas excepções, todos estes estabelecimentos apresentavam ainda as paredes e coberturas feitas ao uso do paiz, a que nos referimos anteriormente; as casas que se iam reformando ou construindo de novo já o eram em outras condições. Não obstante serem todas ainda de um só piso, tinham cobertura de feltro ou telha, paredes de adobes em forma de tijolo, e algumas de tijolo ou alvenaria, caiadas interiormente, e já algumas exteriormente, com pavimentos ladrilhados ou batidos a cimento, e as obras de madeira em melhores condições de fabrico.

As ruas da villa, em asseio e regularisação do pavimento, e por estarem devidamente illuminadas a petroleo, mostravam ultimamente, que tinham merecido a attenção da commissão municipal e do novo chefe do concelho.

Em consequencia das ultimas guerras de Cassanje foi limitada a villa pelos quadrantes de leste por uma linha de fortificação passageira, accommodada ao terreno e a que chamam *tenalhas,* certamente pela disposição da sua frente, que olha para a banda do sul.

Esta construcção, feita apenas para servir na occasião, e que está presentemente nas mesmas condições da fortaleza— umas ruinas que facilmente se devassam, encravadas já entre povoações indigenas — melhor seria arrazá-la, ou então reedificá-la em boas condições de defeza fazendo d'ahi remover essas povoações, que consistem em algumas dezenas de cubatas de capim, dispostas sem ordem ou alinhamento, unidas algumas a porções de terra cercadas, que são cultivadas ao uso do paiz.

Do que deixâmos exposto se conclue, que os edificios publicos não são os mais apropriados a tornar este logar um bom centro de immigração, e urge por isso que se adoptem na provincia as medidas mais urgentes e se obtenham as indispensaveis dotações, para que nas povoações existentes, e que promettam florescer, se construam edificios em condições salubres. Para modelo, lembrâmos os que conhecemos na colonia franceza de Argel, alguns dos quaes o illustrado engenheiro

Raphael Gorjão se propunha a construir em differentes concelhos da provincia, que eram aliás bem economicos e que lá ficaram em projecto no archivo da direcção do serviço das obras publicas de Loanda.

CONVOLVULACEA

RUA PRINCIPAL DE MALANGE

COMMERCIO E SEU DESENVOLVIMENTO

O commercio licito de Malanje principiou a desenvolver-se depois de 1860, por ter sido quasi completamente abandonada, pelo menos por negociantes de importancia, a feira de Cassanje em consequencia das desastrosas guerras dos annos anteriores; e affrouxou relativamente, já na decada seguinte, porque não obstante principiar a affluencia de borracha e cera, escasseava o marfim.

Ha cincoenta annos vinha o marfim das terras da Lunda, e compensava o sacrificio de ir procurá-lo, pela barateza dos meios de transporte, que já eram por si só, uma boa mercadoria de permutação — os escravos; vinha o marfim e pelo transito obtinha-se a borracha e a cera.

O marfim, diga-se a verdade, nunca veiu em quantidade e raro era o que então se comprava. Os potentados possuiam-no como pagamento de tributos das auctoridades suas subordina-

das, ou, como estas, em resultado da caça, porque o caçador geralmente, e ainda hoje pode dizer-se como synonimo, — o Quiôco — podia caçar em terras de qualquer, pertencendo metade da caça ao dono do sitio onde o animal caisse morto. Só a parte que pertencia ao caçador é que tinha venda.

As comitivas do nosso commercio que se internavam no continente, não procuravam então marfim, procuravam escravos, mas como tinham de fazer presentes e valiosos aos potentados por onde passavam, estes retribuiam-os com escravos e alguns com uma ou duas pontas de marfim.

O marfim foi sempre mais procurado pelo lado do oriente, e ainda hoje ha quem se recorde, em Quilimane a Tete do arriscado negocio que ali se fazia, abonando-se a credito facturas, aos proprios caçadores que vinham do interior para serem retribuidas com marfim.

Veiu a lei prohibindo a procura de escravos no centro de Africa, e os sertanejos abstiveram-se de lá ir, já porque os transportes tinham de ser pagos e o valor do marfim era pouco convidativo, já porque os potentados não lhes sendo acceite a sua mercadoria — escravos, — que possuiam em quantidade como tributos recebidos, recusavam-se formalmente a permittir aos seus povos, inclusivè, que permutassem alimentos com as comitivas, e conseguiam demorá-las para pela fome se irem rendendo e perdendo as suas fazendas. Finalmente como em verdade, nunca houvesse abundancia de marfim, esperava-se pelo resultado da caça na occasião, e o negocio soffria grandes delongas para se fechar o que era devido tambem em parte aos incidentes, como pretextos de crimes de carregadores e outros que ainda mais o demoravam. Concluido o negocio, não paravam aqui os transtornos, porque no regresso, principalmente nos primeiros dias, muitos eram os ataques de salteadores contra os quaes tinham de se precaver os negociantes, havendo sempre mais ou menos prejuizos.

Houve até quem, para se salvar, cedesse a permutar alguma fazenda por um ou outro escravo, — mercadoria perdida no territorio portuguez — e esse, quasi exhausto de recursos, deses-

perado, se obtinha no fim de mezes, direi mesmo annos, uma ou duas pontas de marfim era o muito que conseguia.

Estes exemplos, que se repetiram, foram afastando os europeus d'essas aventuras e dando logar aos aviados com fornecimentos a credito que nunca se pagaram na totalidade, e por ultimo aos Ambaquistas, alguns dos quaes, ainda por lá andam e como os aviados, nunca chegam a liquidar com os seus credores.

Ainda em 1859 se caçava o elephante entre o Cuílo e o Lulúa do 9° de latitude S. do Equador para o norte. No Cabembe de Bungulo, dava-se ao caçador quiôco Quimuanga Matala: tres barris de polvora, duas armas lazarinas e seis peças de fazendas e no Luele matava elle poucos dias depois um elephante, do qual uma ponta ficou para o caçador e a outra para o abonador, tendo esta setenta e oito libras de peso. Um outro Quiôco, Mona Congolo, quando precisava de fazenda ia a casa de Saturnino Machado, recebia pela firma Máchado & Carneiro um abono e seguia para as suas caçadas, dias depois pagava com grandes lucros o seu credito.

Em 1868 já se não encontravam elephantes, senão do Chicapa para lá e nas terras de Mussenvo e pouco mais, na altura de 8° para norte e em 1878 só proximo de 7°; para o sul já não havia elephantes. Os Quiôcos depois d'esta epocha conseguiram insinuar-se no animo dos de Muquengue e continuam perseguindo a caça para o norte.

Diz-se presentemente que entre o Chicapa e Cuango, a contar do 7° para norte tem apparecido elephantes em quantidade; é possivel, porque esta região não tem sido explorada.

No oriente os Arabes, em razão de alimentarem o commercio de escravos ainda encontram marfim no Nyangué em boas condições e no occidente succedia o mesmo para o commercio do Zaire.

No periodo de 1870 para cá, os Bângalas, povos de Cassanje, que vivem nas margens do Cuango, notando o retrahimento das casas de commercio portuguezas, tornaram-se negociantes e com grande vantagem, pois são elles os carrega-

dores de suas mercadorias. Internam-se, vão em busca de cera e borracha e tambem de escravos para augmento de suas comitivas. Sendo da mesma familia, digamos ainda com os mesmos usos e costumes e vivendo quasi sob o mesmo clima, que os povos com quem vão negociar, costumados como elles á mesma parcimonia de alimentação e vestuario, com pouco se satisfazem ás suas ambições, de modo que, caravanas de cincoenta a sessenta pessoas que veem á feira de Cassanje, a Malanje, e algumas até ao Dondo e Loanda, o muito que trariam, era uma até tres pontas de marfim.

É certo que na Lunda, no Canhíuca, no Samba, ao norte de Lulúa e outros pontos a SE. ha ainda algum marfim, mas toda essa região é muito grande, e o que existe, é pertença ainda dos potentados, que a custo o obteem, não para negocio, mas para apresentar ao Muatiânvua, quando este ordena o pagamento de tributos.

Nenhuma comitiva ahi logra chegar sem que tenha feito transacções por escravos, mesmo porque estes constituem a moeda mais corrente para se obter o marfim.

Depois do abandono da feira de Cassanje, appareceu aqui Arsenio Pompilio Pompeu com uma factura importante de Loanda, e que aguardava e animava as comitivas de Bângalas a internarem-se com commercio fiado para o interior. É d'ahi que data a procura da borracha e cera e tal era a influencia por estes productos que ás suas fontes succedeu o mesmo que á do marfim, foram-se esgotando, porque o gentio tratou de colher sem se importar com o futuro. E tal foi a abundancia nessa epocha que já Arsenio e alguns pequenos negociantes que d'elle se avizinharam com mira no lucro, não satisfaziam as offertas e as caravanas encaminharam-se para Malanje.

Então e depois, e pode-se afiançar até agora, tornou-se Malanje o verdadeiro entreposto commercial do centro do continente para Loanda, sendo em principio os portos do Cuango por onde elle affluia: Cambamba-cá-Quipungo, Anjínji-cá-Quingúri, Quitamba-cá-Quipungo, Muanha-á-Cassanje, Quis-

sueia-cá-Quipungo (vulgo Caquema), Cassanje-cá-Cambolo, Cassanje-cá-Calunga, Ambanza Ilunda, Camassa-cá-Quibumba, Ambanza Badiacola e Ambanza Cuenda.

Ultimamente pode dizer-se que estes portos estavam fechados ao commercio, ou pelo menos que os Bângalas, receosos que mesmo pequenas comitivas de Quimbares, Calandulas, Bondos e outros da nossa provincia fossem por conta propria ou de algum estabelecimento commercial fazer-lhes concorrencia no interior e estragar o negocio como elles dizem, taes difficuldades e taes exigencias apresentavam á passagem das comitivas, que afastaram estas e se algumas conseguiam passar satisfeitas as exigencias, ainda tinham de se sujeitar a encorporar-se nas comitivas d'elles, o que as obrigava a grandes demoras nas suas terras, emquanto estas se preparavam impondo-lhe de mais a mais os Bângalas que todas as despezas de portos e presentes a potentados de toda a grande comitiva corressem por conta d'ellas.

Depois até 1882 as comitivas que sairam das terras de Angola, procuravam no Cuango o porto chamado do Caminho Grande, o de Quimbundo, tambem conhecido pelo de *Muene Quissesso,* Senhor Machado (Saturnino); e havia tambem um outro mais ao norte, o de Quitamba-cá-Quimpungo do Ambanza Imbúa, por onde passavam algumas comitivas do conhecimento do Ambanza sem difficuldades.

Era aqui, que o europeu L. Elisio da Cunha tinha a sua casa de commercio desde 1877.

Os Drs. Pogge e Lux, por influencia dos irmãos Machados passaram sem difficuldade no primeiro porto, porém o explorador allemão Otto Schütt que quiz passar ao norte, depois de ter pago uma verba importante, contrariado ainda por novos entraves, retirou, pensando já regressar a Malanje. Porém no transito encontrando-o Saturnino Machado, que ia com a sua comitiva para o interior, este não só o acompanhou para lhe facilitar a passagem no Cuango pelo seu caminho, mas ainda foi a Cassanje buscar-lhe mais recursos por Schütt já estar muito desfalcado.

Este caminho de Quimbundo tem sido a pouco e pouco abandonado, porque logo nas terras dos Songos e Minungos, estes povos, sob qualquer pretexto, fazem exigencias ás comitivas de *quituxi* (crime), o que origina uma demanda que leva tempo a decidir, além das despezas a fazer, que não são só as do crime, são ainda as da alimentação do pessoal.

Tudo isto pois, tem concorrido desde 1868, para que os Bângalas se tornassem os agentes do nosso commercio no interior; com vantagem para elles e tambem para os concelhos do sertão do Dondo a Malanje, começando a affluir estabelecimentos commerciaes de maior importancia á villa de Malanje e seus arredores.

Desenvolve-se Malanje no seu commercio com prejuizo de Pungo Andongo e tambem do Dondo, porém este concelho sente menos a differença porque ahi afflue o café de Cazengo e azeite e outros productos da margem esquerda do Cuanza.

Está calculado desde 1881 que as tres casas principaes de Malanje, Alfredo José de Barros, Lara & C.ª e Machado e as duas mais a SE. de Narciso Antonio Pascoal e Oliveira Irmãos, permutam annualmente mercadorias no valor de 250:000$000 réis e isto quando a borracha e a cera teem tido grande baixa nos mercados da Europa.

Esta baixa, tem-se feito sentir muito, porquanto o Bângala, que como já disse é o carregador dos seus productos, muitas vezes aqui chega para fazer negocio e, como se lhes falla nessa baixa e se pretende dar-lhe o desconto ao preço do costume, suppõe que o pretendem enganar e volta com a carga para a sua terra tendo ás vezes dez e quinze dias de viagem a fazer, mas prefere isso e esperar por melhor preço. E se trouxer uma ou mesmo mais pontas de marfim, tambem não o vende, embora se lhe dê mais alguma cousa que o usual por este artigo.

Algumas comitivas, porém, mais ousadas, seguiam por Malanje para oeste e era-lhes mais facil encontrar melhor collocação aos seus generos quanto mais se aproximassem do littoral e consideravam isto melhor negocio, o que se não estra-

nha, desde que se reconheça que os Bângalas não attendem ás distancias que teem de percorrer a pé com as cargas aos hombros, e que é pouco o que dispendem com a sua alimentação.

E esta é a razão porque algumas comitivas ultimamente appareciam em Loanda e tambem no Ambriz, quando noutro tempo não iam mais longe do que ao Dondo.

Considerando os negociantes de Malanje, que, as comitivas que passavam para Loanda e para o Ambriz iam encontrar vantagens nas suas permutações, porque os artigos do nosso commercio eram muito menos onerados em Loanda com fretes, e no Ambriz ainda mènos pelas differenças de pautas, e que dentro em pouco, Malanje, seria como outr'ora apenas um ponto de passagem; reconheceram por isso que havia necessidade de luctarem com alguns sacrificios para se não desviar a corrente de commercio que ahi tinha affluido. Reviveu portanto o antigo systema das cambolações, condemnado desde a primitiva, porque os encarregados d'este serviço, diz-se, abusaram da liberdade do commercio.

É isto uma questão de theoria sobre que diversificam as opiniões, principalmente dos interessados; e bom ou mau é certo que o systema, reviveu no concelho de Malanje, não obstante a auctoridade, que não tinha nem tem força para o combater, o não apoiar.

Saem agentes da cambolação das diversas casas com uma pacotilha na epocha propria, e vão esperar ao caminho, a dias de distancia, as comitivas de negocio procurando catechisálas, com dadivas aos chefes e a um ou outro mais influente, e mostrando-lhe as vantagens que encontrarão se permutarem o seu negocio nas casas que representam.

Á mesma comitiva podem apparecer outros agentes ou na propria occasião, ou já depois no transito é isto que acontece uma ou outra vez e quando os agentes não sejam conhecidos ou mesmo amigos, é que tem dado logar a conflictos.

As comitivas em geral, acceitando bem o primeiro cambolador que lhe apparece, sobre tudo quando conhecem a casa,

o que é natural, consideram o facto como lembrança de amisade de seu antigo freguez e deixa-se guiar pelo agente.

Isto não é mais que um réclame a que estamos costumados na Europa.

Um viajante chega a qualquer cidade por mar ou por terra e mesmo antes de dar um passo nessa cidade, encontra logo uma alluvião de camboladores com cartões e annuncios para o conduzirem ao melhor hotel, ao melhor alfaiate, chapelleiro, retratista, etc., etc.

No commercio sertanejo em Africa, o mau é serem indigenas os agentes da cambolação, e ainda assim não são os das casas de maior vulto que estabelecem os conflictos. São os das pequenas casas filiaes destacados mais para o interior e os aviados, que tambem por lá andam com as suas pacotilhas e as pretendem negociar a todo o transe; e se essas pequenas casas ou aviados dispõem de força que possa impor-se ás comitivas, além da força moral que os anima por estarem em terras que a estas são extranhas, quando a bem não queiram permutar o seu negocio, chegam a fazer-lhes sequestros em parte ou mesmo no todo da carga que transportam, a pretexto de que a parentes, amigos ou mesmo patricios seus, chefes d'outras comitivas em tal anno se fizera o mesmo.

Perdeu a comitiva na occasião, porque o theatro d'estas scenas é fora da alçada das nossas auctoridades e não teem a quem recorrer; porém ella, mais tarde, obteve a compensação com grandes lucros, porque nas margens do Cuango ou nas suas proximidades, comitivas que sejam estranhas, isto é, que sejam das terras da provincia portugueza, vão pagando até os Bângalas estarem saciados!

E este mal tomou taes raizes entre os Bângalas, que se está reproduzindo no centro do continente, com toda a vantagem para as localidades onde se pratica.

A cambolação das casas de Malanje, no intento com que a fizeram reviver, surtiu o effeito que se desejava — a corrente do commercio não foi desviada, seguiam apenas para oeste, as comitivas já afreguezadas em Pungo Andongo e no Dondo, e

uma ou outra, com a idea de especular; mas estas, como as vantagens não compensassem as distancias a percorrer, se uma vez chegavam ao Dondo, não deixaram por isso duas e tres vezes de permutarem o seu negocio em Malanje.

Abusando porém os indigenas, que procuram negociar por

ARTEFACTOS DE MALANJE

sua conta nas proximidades dos limites officiaes da provincia, da cambolação, as casas de Malanje nunca mais alimentaram tal systema; substituiram-no pelo das famorosas, novo methodo de réclame usado só entre as casas commerciaes que ahi fazem a concorrencia.

Consiste este systema em lançar ás comitivas que passam á frente d'estas casas um certo numero de artigos de commercio — camisas, camisolas, lenços, barretes, talheres, espelhos, novidades em missangas e contarias, etc., para as convidar a parar e fazerem ahi negocio. Essas comitivas naturalmente param, distribuem os artigos entre si, emquanto os chefes entram em convenios com os donos ou empregados da casa que os representam, e raro é aquelle que não toma logo ahi o agazalho da praxe.

É muito singular o modo de fazer commercio com o indigena no sertão, e muito especialmente com o gentio.

Quem pela primeira vez procura conhecê-lo, não lhe agrada o que vê, sente-se mesmo mal ao descrevê-lo, parece-lhe tudo muito irregular, e mesmo illicito o que se pratica, e o que a tal respeito pode pensar redunda em descredito para os negociantes que ahi representam o commercio portuguez. Porém observando com toda a attenção o que se passa durante as transacções, o modo por que o gentio as encaminha, e conhecendo o valor dos artigos permutados, e principalmente dos que se recebem, o onus com que teem de ser sobrecarregados até chegarem aos mercados para onde se remettem, e as alternativas de preços a que ahi estão sujeitos, não pode deixar de conformar-se com os usos, e só lhe resta louvar a muita paciencia dos negociantes europeus e admirar o espirito inventivo que revelam, e que a pratica lhes tem apurado, para se sairem bem do labyrintho de antemão preparado, em que os envolvem, muito particularmente as comitivas de Bângalas.

Chegando uma comitiva a qualquer estabelecimento commercial é hospedada, pelo menos durante tres dias, e a não ser o chefe e um ou outro que o acompanha, que entram no estabelecimento para ver diversos artigos e conversar com o dono a respeito do negocio, e observar o modo por que este se faz com outros freguezes, os mais só pensam em comer e beber bem por conta da casa, dansar e folgar até altas horas da noite.

As combinações sobre preços são feitas pelo chefe da comitiva de accordo com os mais velhos, sendo a unidade a peça de fazenda de lei, cujo valor se pode reputar em 850 réis.

A unidade da pesagem é a libra, e, segundo o accordo a que chegarem, em cima do balcão se collocam as peças de fazenda de lei que correspondem ás libras pesadas.

Antes de principiar esta operação, é sabido que tem de se satisfazer á exigencia do mata-bicho com aguardente, exigencia que se repete varias vezes de dia e de noite até se fechar o negocio.

As pesagens são sempre acompanhadas de amiudadas observações e comparações com as que se tiverem já feito nesse e em dias anteriores, e até em viagens precedentes; e de muitos commentarios e exigencias que aborrecem. Cada um que pesou o seu negocio procede depois á contagem das peças e recebe a sua nota, alguns já em papelinhos, mas a maior parte ainda em pausinhos, a um por peça.

Vão depois conferenciar todos juntos sobre o numero de peças que rendeu o negocio de cada um e se attinge o producto que com antecipação já haviam calculado pelo numero de bolas de borracha, se se trata d'esse producto, o que é mais trivial, ou pelo peso do dente de marfim, calculado a olho, como costuma dizer-se.

Não é raro, depois d'estas conferencias, voltarem aos estabelecimentos a fazerem reclamações e procederem a novas pesagens, addicionando ao monte mais algumas bolas de borracha que tinham ainda guardadas, as quaes, na maior parte das vezes, estiveram de môlho durante a noite; muitas vezes á pesagem feita addicionam papagaios ou mesmo curiosidades.

Tudo isto leva muito tempo, procurando sempre o gentio a favor dos seus interesses pretextos para ludibriar o comprador e conseguir augmentar as pesagens; pela sua parte o comprador que os percebe, tendo já a pratica necessaria e tendo feito os devidos descontos nas balanças e medidas de fazendas, discute com elles, analysa os seus artigos, propõe abatimentos pelas depreciações que lhes faz notar, ao mesmo tempo que por ou-

tro lado os amacia, dando-lhe mais um copo de aguardente, um pequeno presente, do que mais lhe está attraindo a attenção emquanto duram as operações e discussões do negocio.

Ha alguns annos parecia haver mais franqueza da parte dos nossos estabelecimentos, porque as peças de fazenda já vinham preparadas das fabricas para negocio com o gentio. As peças apresentavam maior numero de dobras que jardas, e contavam-se as dobras por jardas. Assim uma peça de fazenda que se dava ao gentio por 24 jardas, e que equivalia a tres peças de fazenda de lei, reputada em 2$550 réis, não tinha mais que 18, isto é, valia 1$910 réis. Havia, portanto, uma larga margem para compensar as exigencias, a hospedagem, os mata-bichos, os presentes, os enganos, as delongas das transacções e *malufo de quitanda final,* faltando o qual se pode desmanchar o negocio, e que de anno para anno se vae tornando mais oneroso, usos estes com que todos se conformam, para não perderem a freguezia, porque o gentio sempre encontra uma ou outra casa, que mais bem precavida melhor o pode servir.

A questão das dobras durou alguns annos; porém este processo tornou-se conhecido, e se um ou outro negociante tirou d'elle proveito, de certo não foram os que tinham casas filiaes ou aviados pelo sertão, nem tão pouco fornecimentos a credito aos indigenas, porque esses tiveram os prejuizos de ficarem com saldos a haver, devidos ao mesmo processo.

Nas primeiras transacções acreditou o gentio que as dobras eram jardas, porém quando as peças eram abertas em suas casas ou no interior reconheceram o logro, d'ahi em deante, nas equivalencias de peças de fazenda, o que antes acceitavam aos estabelecimentos commerciaes por tres peças, só tomavam por duas e meia, e as de quatro (geralmente chitas), por tres. E no sertão tornaram-se então mais exigentes: as fazendas querem-nas medidas, importando-se pouco com a denominação de jarda, fazendo elles a sua unidade, que, conforme os povos, varia de $0^m,90$ até $1^m,20$, e mais adeante teremos occasião de citar até de $1^m,80$ e mais.

Se o nosso commercio tem de recorrer a artificios é para poder competir com o gentio, que nisso não lhe é inferior. Tem elles a pachorra de dar ás bolas de borracha volume e grandeza maior do que a que tinham quando as obtiveram, já pondo-as de môlho, já enchendo-as de terra e paus; e ás pontas de marfim dão maior peso, conseguindo atacá-las na extremidade com calhaus de modo tal, que é difficil perceber-se [1].

Em geral o Bângala está tão pratico nas pesagens, que, embora as bolas de borracha tenham passado por differentes grandezas, enfiam-nas logo em pausinhos em duas ordens, tantas por ordem (ultimamente cinco), e tem a sua unidade — *mutári* — que regula por meia libra. Observámos muitas vezes que as vinte bolas que traziam dispostas em dois mutáris, se não tinham o peso da libra, pouco d'ella differiam.

DOMINGOS (DE CASSANJE) [2]
Contractado

Calcula, pois, o Bângala, actualmente, que seiscentas e cincoenta bolas, pouco mais ou menos, teem o peso de uma arroba,

[1] Em Lisboa, ainda não ha muito, soubemos ter-se vendido uma ponta de marfim para obra, em cuja extremidade encurvada se encontrou perfeitamente ajustado um taco de madeira, sendo para admirar como foi possivel ali collocá-lo, o que só se conheceu quando foi cortada a ponta. Escusado será dizer que o comprador, dando parte d'esta fraude, foi immediatamente indemnisado pelo vendedor, pessoa muito acreditada nesta praça.

[2] Morreu em Malanje dois mezes depois do regresso.

e sem se importar com o preço que a borracha possa ter no mercado, pela pratica reputa-a em tantas peças de fazenda, e com isso conta.

Depois de estas peças estarem sobre o balcão, procura elle reduzi-las ás equivalencias, de modo a obter o maximo dos artigos que pretende e estes da melhor qualidade.

Devemos notar que outr'ora tambem o nosso commercio lucrava com as fazendas de boa apparencia mas com desfalque nos fios, porque eram estas as que se levavam para o interior, porém actualmente as fazendas d'esta qualidade são ahi rejeitadas e os Bângalas tornaram-se exigentes, e o peor é que as pretendem boas pelo mesmo preço das inferiores, exigencia esta a que é impossivel satisfazer.

Viu-se portanto o commercio na necessidade de dar ás peças uma nova forma e medição. Como para elles uma *divunga* regula de $3^m,40$ a $3^m,60$, as fazendas são cortadas já em uma e em duas divungas, isto é, em um ou dois pannos. Dois pannos, equivalendo ainda para o Bângala a uma peça de lei, já em réis dá preço mais favoravel, e por conseguinte na equivalencia de artigos muito mais.

E isto é indispensavel, principalmente tratando-se de espingardas. Quem conhece a pauta de Loanda, e os encargos com que este artigo é onerado até Malanje, custa-lhe a acreditar que elle se possa vender ao gentio pelos preços por que se vende. Uma espingarda é reputada em quatro peças de fazenda de lei (3$400 réis), pois além de Malanje vendem-se por tres e por duas e meia!

É pelas equivalencias e pela balança que o nosso commercio consegue satisfazer a todas as exigencias do gentio, tendo em attenção sempre o preço mais baixo que obtiveram os artigos que permutaram nas remessas anteriores, e succede muitas vezes, apesar das cautelas precisas, não terem lucro algum na venda d'esses artigos, quando não contam prejuizos.

O lucro da permutação geral, se o houve, é devido aos preços com que foram tomadas as fazendas, com os quaes se salvam as baixas das remessas, já é uma compensação nas tran-

sacções do anno, mas conta-se mais um anno de sacrificios infructiferos.

Nos ultimos annos, porém, a sorte bafejou o commercio de Malanje, com a subida da borracha e com a affluencia das comitivas que, depois de 1884, foi devido em parte á influencia da nossa Expedição no interior, o que é comprovado pelos redditos da alfandega de Loanda, provenientes dos concelhos de leste. O augmento e desenvolvimento dos estabelecimentos commerciaes neste concelho é ainda, ao que asseveram as proprias comitivas de Bângalas: emquanto a Expedição de Muene Puto está no interior; vamos para lá mais afoutos porque não nos roubam.

E note-se que neste periodo, e dois annos antes, poucas foram as comitivas de Bângalas que passaram além do Quicapa á procura de marfim ou borracha em terras do Muatiânvua, e se uma ou outra passou, de lá vieram sem cousa alguma, e os que escaparam diziam: — Trazemos a nossa vida, e já foi uma grande cousa!

E estas comitivas o que iam lá buscar eram escravos, não só para fazerem parte das suas comitivas futuras para o Lubuco, mas ainda para ahi trocarem alguns por marfim.

A occasião é opportuna para repellirmos a insinuação do Dr. Wolf, companheiro do Tenente Wissmann, o qual na sua conferencia em Manchester, affirmou que se vendiam no Muquêngue milhares de escravos por anno aos Bângalas e aos Quiôcos em troca de armas e polvora, insinuação que mais tarde redunda em censura para os negociantes portuguezes, que tão bem o receberam e a todos os seus companheiros durante seis mezes que estiveram em Malanje, e onde não viram entrar esses milhares de escravos em troca d'essas armas e polvora, sendo certo que Bângalas e Quiôcos só d'estes negociantes as recebem, pelo menos na sua maior parte.

E repellimos essa insinuação, porque na verdade, se ha transacções de escravos é exactamente na região além do Cuango, e seguem da Lunda para as terras em que os illustrados exploradores andaram.

Os Bângalas e Quiôcos, e ainda os Angombes e Bienos, que se Quiôcos não são, são da mesma familia, para lá os levam da Lunda, e seguem com elles para o norte para o alliado do Estado Livre *Tippu-Tib,* no Nyangué, e para outros negociantes de escravos.

Nós sabemos que os exploradores allemães, desde que se lembraram de viajar no centro da Africa, de 1878 até agora, se conformaram com os usos e costumes dos povos que visitaram, e mesmo não podiam, nem podem por emquanto reagir contra elles, e não só acceitavam os escravos como moeda corrente, mas até com elles fizeram pagamentos aos seus carregadores, que eram filhos dos arredores de Malanje, pertencentes aos sobas avassallados, mas que teem governo independente; e tambem sabem os exploradores que esses individuos de escravos só teem o nome, que nós lhe damos pelo facto de ser esse o vocabulo com que classificámos, não o ente propriamente, mas a individualidade, que passa constantemente de mão em mão [1].

---

[1] É preciso conhecer bem o significado dos vocabulos para se apreciar o modo de ser social do indigena gentio, e não cairmos em erros que prejudicam as descripções de factos e do que se passa naturalmente na vida real d'estes povos. *Mutu* (*muĩu*) é o vocabulo singular, que significa «pessoa, ente»; e o seu plural é *antu* (*aĩu*). Elles teem vocabulos para distinguir a pessoa homem da pessoa mulher, e tambem os vocabulos para as distinguir segundo as idades, e ainda para a pessoa homem os que a distinguem segundo a sua cathegoria social.

Na classe inferior encontra-se o *mururo* («o servo» da familia, da tribu, do estado emfim), que os nossos Ambaquistas interpretaram como *mubica* (*mubika*), e que na provincia de Angola os nossos antigos consideraram escravo. Não ha equivalencia entre *mururo* e *mubica* senão no facto da dependencia de um senhor que o pode passar a outrem — é a moeda nas suas transacções.

O *mururo,* nas terras do Muatiânvua, é o abandonado, aquelle que se encontra no mato, entre o capim, nos caminhos, e que não tem ou se lhe não conhece familia, ou um parente qualquer. Quem o encontra leva-o em sua companhia, e diz *mururo á huñona* («abandonado para quem o apanhar»).

E feliz d'aquelle que chegou a terras portuguezas, porque ahi termina o seu fadario, constituiu familia e trabalha para si e para a sua descendencia, a que d'antes não tinha direito.

Mas temos agora mais do que informações indigenas, temos noticias muito recentes das localidades em que teem estado ultimamente os exploradores, fornecidas por europeus, e para as quaes não podemos deixar de chamar não só a attenção do nosso governo e do nosso paiz, mas ainda a de todas as nações que se interessam pela causa africana, e d'essa nova associação humanitaria fundada para pôr termo á escravidão em Africa.

Como é natural, o abandonado que encontrou então um abrigo, o sustento, uma familia emfim, trabalha para esta e considera-se d'ella o mais inferior, e por esse facto é sempre o *mururo*. Como reconhecimento mesmo d'esse beneficio, quando o chefe da familia tem alguma condemnação a pagar, elle proprio se apresenta para o pagamento ou para fazer parte d'elle. Registámos alguns casos d'estes, em que o senhor e mais pessoas de familias só a muito custo e nos ultimos extremos lançavam mão do *mururo*, a quem se haviam affeiçoado.

O *mururo* acarreta agua do rio, corta e transporta as lenhas para as cubatas, faz o fogo, vae procurar nas lavras, e mesmo nos matos e nos rios, alimentos para a familia, sae em diligencias para pontos distantes, para todos os effeitos faz parte da familia e com consentimento dos chefes pode ter as suas relações amorosas, porém dos fructos d'essas relações, isto é, dos filhos é que não pode dispor; qualquer d'estes herda do pae o ser *mururo* da familia que o abrigou.

Os prisioneiros de guerra, os tomados nos sequestros, ou que não podem pagar condemnações, são considerados abandonados — *mururo*.

Se apparecem parentes do *mururo*, seja em que grau for, mas reconhecidos, o *mururo* é resgatado e deixou de ser considerado como tal.

O *mururo* é um modo de ser no estado do Muatiânvua, porém nunca vi este, nem os potentados chefes de territorio, fazer distincção entre elle e os considerados fidalgos e mesmo filhos do Muatiânvua. Aquelle vocabulo mesmo, ouvi-o isolado, como designando o serviçal da familia, e entre as mais indigentes, porque, para os que estão em melhores circumstancias já o vocabulo é outro e faz perder a idea do abandono — *caxalapoli* (*kaxalapoli*), cuja interpretação é «vigia» (o que toma conta do que pertence ao individuo que faz as vezes de seu pae).

Estas noticias veem a proposito e completam os nossos conhecimentos sobre a Região Portugueza, que os illustrados exploradores que ali foram sob nossa protecção, offereceram ao Estado de H. Stanley e seus consocios; mas nós, que sabemos quanto os nossos compatriotas, filhos de Angola, trabalharam para a regeneração dos povos que a occupam, protestamos bem alto contra mais esta usurpação, feita sem que o nosso paiz tivesse conhecimento de tal facto, ou pelo menos ignorando as condições em que se encontravam estes povos e as estreitas relações que ha vinte annos elles mantinham constantemente com os filhos de Angola.

Em geral todas as pessoas que constituem a familia, a tribu ou o estado, são denominadas pelos proprios chefes *antu ámi* (*aẽu ámi*) ou *ana ámi*, cuja interpretação é: «meu povo» ou «meus filhos».

O *mururo* só tem paridade com o *mubica* de Angola, em infelizmente passar como moeda nas transacções como aquelle passou, porque as circumstancias da vida social rudimentar do centro do continente assim o exigem, e para as quaes as nações civilisadas, sem o pensar, contribuiram, como demonstraremos em outros logares; porém o que lembra de odioso no *mubica* foi devido aos povos que avançaram na civilisação e é inteiramente desconhecido no caso do *mururo*.

Entre os povos do centro do continente, os ferros, os cepos, o chicote, que alguns exploradores dizem lá ter visto como instrumentos de repressão e castigo para os escravos, não são de fabrico indigena. Esses artefactos saem das fabricas estrangeiras, geralmente inglezas, que já annos antes os exportavam para outros pontos do continente africano e para outras regiões do globo.

Infelizmente tambem nós importámos os modelos e os imitámos; porém entre os indigenas, os proprios prisioneiros de guerra, são conduzidos apenas seguros uns aos outros com cordas feitas de vergonteas de trepadeiras, amarrando-se-lhes os pulsos atraz das costas, como se faz aos macacos.

Mas os illustres exploradores allemães que me obrigaram a fazer esta explicação do que elles de certo não ignoram, sabem bem que nas terras do centro de Africa, entre as tribus indigenas, não ha o serviço remunerado, que o *mururo* é uma necessidade, aliás não teriam quem os servisse e teriam de retirar por lhes ser impossivel penetrar no campo das suas operações commerciaes.

Depois da chegada da expedição Wissmann ao Lubuco tratou-se e conseguiu-se a navegação, em parte, do Cassai e Lulúa até ao Zaire, e fez-se logo occupar o paiz pelos agentes do Estado Independente do Congo, e em dezembro de 1887 dizem as nossas noticias:

«O paiz mudou inteiramente; subiram de valor todos os artigos, tanto de negocio como viveres; a fazenda espalhou-se por toda a parte com profusão; a borracha, que se vendia por preços extremamente baratos, hoje está pelo triplo, e presentemente apparece pouca; o marfim tornou-se raridade e o que apparece vende-se por preços elevados e não convem em qualquer mercado da provincia de Angola.

As caravanas de Quiôcos, Bângalas e Malanjes são quasi diarias. Hoje estão neste paiz para cima de duas mil pessoas d'estas procedencias, que são verdadeiros enxames que invadem todo o territorio do Lubuco, não deixando uma bola de borracha, nem um escravo. Devemos, porém, concordar que não são estas caravanas que fazem damno ao commercio licito; compram e mal, fazendo negocios sem calculo nem medida, porém levam a borracha para os mercados da provincia e os *escravos* ficam com elles para os seus trabalhos.

O que é summamente mau, damnoso e terrivel, são as caravanas de Bienos, que desembocam em Cabau vindos pelo oriente. Estas, sim, são uma praga, emfim um verdadeiro flagello. É devido a ellas que estamos fazendo conhecimento com a miseria, e soffrendo gravissimos prejuizos.

Temos feito diversas viagens a Cabau, a ultima em maio, e de todas temos tido a desgraça de encontrar este flagello, obrigando-nos a retirar com as mercadorias por ser impossivel fazer negocio em concorrencia com traficantes de carne humana.

Estes bandidos não levam para Cabau um buzio, nem um bago de missanga; o unico artigo que levam para a troca por marfim são numerosas levas de escravos, que vendem aos Bacubas por preços desgraçados.

Para fazer idea d'este pessimo negocio é sufficiente dizer que dão por uma pequena ponta de quatro libras de peso, um escravo; de dez, dois; de vinte, seis; de trinta, dez; por uma de cincoenta a sessenta, vinte; e finalmente deram quarenta e cinco escravos por um dente que pesava noventa e duas libras!!!

Á primeira vista parece incrivel que isto se faça; porém, com mágua o digo, é uma triste verdade!

Os Bacubas, emquanto teem negocios d'estes, não vendem o seu marfim por artigos de negocio licito, e quando o vendem, exigem em buzio o equivalente ao valor de escravos.

Ora em Cabau o preço de um escravo são cinco mil bagos de buzios, preço fixo em todo o paiz, de forma que quem quizer comprar a ponta egual á vendida por quarenta e cinco escravos tem de dar duzentos e vinte cinco mil buzios, que equivale a 225 kilogrammas! O preço d'este artigo, vindo de Malanje, fica em Cabau a 700 réis o kilogramma, e a compra da ponta seria em réis por 157$500.

Por aqui se vê como está hoje o negocio do marfim, devido aos traficantes da carne humana!

Dirão agora, como é possivel que os Bienos possam dar um numero tão avultado de escravos por uma ponta de marfim?

A rasão é muito simples, e vou explicá-la porque fui testemunha ocular de uma d'essas transacções na viagem que fiz ás bacias de Sancoro e Lumámi, aonde encontrei uma cafila de Angombes. Esta gente saiu do Bié e veiu a Catema, no Dilolo, d'ahi atravessaram o paiz entre Samba e o Muatiânvua até ao Canhíuca. Atravessaram depois o Lubiláxi para a margem direita, no paiz dos Balongos, onde principiaram a comprar escravos. Percorrem o extenso paiz dos cannibaes, entre o Lubiláxi e o Lumámi, comprando escravos ao Lupungo, Sapo-Sapo e outros potentados, vendendo um barril com um kilogramma de polvora ou uma arma lazarina por cinco escravos, quatro jardas de fazenda por um, etc. Descem com o curso do Sancoro até aos Bassongos, passando o rio para a margem esquerda, entrando em Cabau, onde fazem substituir o negocio licito pelo seu de escravos, que compram baratissimos.

Foi em novembro de 1886 que encontrei no Sapo-Sapo tres caravanas de taes cafilas que seguiam para Cabau, levando um numero superior a oitocentos escravos!! Escravos vendidos por marfim, pelos preços que lhe custaram, deixa-lhes um lucro espantoso!

Fiz ver isto ao Sr. Barão de Macar, chefe politico do districto, e disse-lhe não ser possivel estarmos perdendo os nossos interesses, não podendo fazer negocio licito ao pé de taes concorrentes, e se não podia pôr cobro a esse estado de cousas, reprimindo energicamente os vendilhões de carne humana, collocava-me na dura necessidade de arranjar forças para eu mesmo destruir os escravistas.

Cavalheiro, como é, mostrou-se muito sentido, mas nada poude fazer, porque a estação do Luluaburg não tem um unico homem que sirva para pegar numa arma, e a estação do Luebo, que está a 20 kilometros de Cabau, tem apenas seis Zanzibaritas, que são impotentes para castigar uma caravana de Bienos, formidavelmente armados e bem municiados.

Faz-se commercio de escravos, vendendo-se ás centenas, a quatro horas de marcha da estação do Luebo, não podendo obstar a este commercio o pessoal do Estado Independente que se assenhoreou d'este paiz?»

Acreditâmos, pois, á vista d'estas noticias, que se referem á região que os exploradores allemães, valendo-se da nossa influencia e protecção, foram dar de presente como terras por si exploradas, ao Estado Independente do Congo, que é verdade que ahi se negoceia em escravos, mas que não são os Portuguezes os agentes d'esse negocio, nem tão pouco é elle para as terras portuguezas, e sim para o norte e oriente, e os que não ficam no norte, lá irão tambem para o oriente.

Por diversos individuos tivemos conhecimento no interior, que nas estações que se levantaram proximo do Muquengue, Muanzagoma, Lulua, Luebo, etc., se esperava desviar o commercio que ia para Malanje, fazendo-se offertas ás comitivas até de dinheiro, 11$000 réis por cada arroba de borracha ou de artigos de melhor qualidade, e em maior quantidade do que ellas podiam obter das casas de Malanje e mesmo em Loanda.

Em principio suppozemos que seriam os proprios Bângalas que pretendiam encarecer agora a sua mercadoria e tentavam armar ao effeito para maiores ganancias sob tal pretexto.

Pelo que depois soubemos de melhor fonte, pelo conhecimento do que se passa no littoral com respeito a fretes e impostos, pela conferencia que lemos do Dr. Wolf, em Manchester, e ainda pelas ultimas noticias do Lubuco, afigura-se-nos que corre grande risco o commercio de Malanje e todo o sertanejo d'ahi até á costa, se desde já se não adoptarem immediatas e acertadas providencias contra a propaganda que se faz a favor do Estado Independente do Congo, em prejuizo dos interesses da nossa provincia de Angola.

Os artigos de permutação facturados em Malanje, á rasão de 2$000 réis, vendem-se no Luebo a 225 réis!

Os buzios, que são o principal artigo para o negocio de marfim com os Bacubas (quando não se offerecem escravos), e que em Malanje se vendem a 6$500 réis a arroba, e chegam ao Luebo oneradas de modo a não poderem vender-se por menos de 13$000 réis, estão-se vendendo no Estado do Congo a 4$500 réis por dez mil bagos, que é mais de uma arroba!

Isto é devido não só á facilidade de transportes, como á differença de fretes maritimos e impostos aduaneiros.

Que vantagens podem ter pelo negocio licito as caravanas de commercio que da nossa provincia nos ultimos quinze annos concorriam aos mercados do Lubuco, principalmente de Malanje e proximidades, se vão lá encontrar melhores mercadorias do que podem levar, ou as similares, por preços quasi 50 por cento mais baratos, quando o não for ainda mais do que aquelles por que as obtiveram em Malanje.

É para nos convencermos que em pouco tempo essas comitivas, que para lá levavam commercio, agora irão como immigrantes para se assoldadarem por algum tempo ao serviço das casas de commercio estrangeiro. Os resultados ser-lhe-hão de certo mais favoraveis.

Disse o Dr. Wolf na sua conferencia em Manchester: «Existe tanto marfim nos paizes *não conhecidos,* além do Estado Independente, que nem se pode pensar quando elle acabará... Se o caminho de ferro do Congo for uma realidade, não ha duvida alguma que todo o commercio da borracha, que vae agora para Malanje, descerá pelo Cassai e se juntará no Congo».

Estava, pois, a propaganda iniciada para nos despojarem do commercio além do Cuango.

Vejamos agora pelas noticias, ainda de dezembro de 1887, como se trabalhava nesta empreza:

«A casa Sanford, da companhia americana que se propõe construir o caminho de ferro de Vivi a Leopoldville, para se certificar se haverá movimente sufficiente de commercio que alimente esse caminho, estabeleceu nas estações do Estado, mediante certas condições, artigos de commercio para a compra de marfim e borracha, e o Sr. Legat no Luebo, nos mezes de junho e agosto, comprou para cima de 1:000 kilogrammas de marfim e 4:000 de borracha; sendo esta vendida por portuguezes de Angola, que por aqui estão fazendo os seus *reviros.* Os preços dos artigos da troca são pelos do custo e despezas; os preços da borracha 3 *pence* por libra (peso), e o do marfim, qualquer que seja a sua lotação, 2 *shillings* por libra.

«Como o fim d'esta companhia é conhecer do movimento commercial, não admira que faça taes negocios. Mas vamos lá competir com ella!

O percurso d'aqui até Leopoldville é de mais de 600 milhas, e o lucro é de 1 *penny* por 2 kilogrammas de marfim. Por quanto irão estes homens vender o seu marfim nos mercados europeus?

Agora uma nova companhia, denominada *Compagnie du Congo pour le commerce et l'industrie,* propõe-se a navegar em todos os affluentes do Cuango onde vae fazer negocio. Não estabelece feitorias, o commercio é feito a bordo dos seus vapores especiaes.

Em vista dos projectos d'esta companhia, o que pode esperar no futuro o commercio de leste de Loanda?

A embocadura do Cassai calcula-se estar no 3º 14′ 4″ de lat. S. do Equador, e entre esta e a foz dizem existir um affluente, que vem da nossa provincia e que é navegavel até certa altura. O Cuango é navegavel até quasi ás portas de Malanje, e o Cuílo e Luangue pensa-se que tambem se prestam á navegação para lanchas a vapor. O Cassai é navegavel desde a foz até ao Peínde. E tudo isto aproveitado pelo Estado Independente, não redunda em prejuizo da região norte de toda a nossa provincia de Angola?»

São estas considerações de um negociante do sertão, homem bastante pratico, que ha trinta annos se estabeleceu em Malanje e conhece todas as phases por que tem passado o commercio do centro do Continente. E a ellas ainda acrescenta muito judiciosamente:

«A lingua que se falla nas estações é a Portugueza; outra qualquer difficilmente seria entendida, por terem sido os Portuguezes que desbravaram este paiz ha mais de vinte annos, onde o seu elemento se encontra espalhado por toda esta região.

Devido a esta feliz circumstancia é que Wissmann e os seus companheiros se apossaram do Lubuco sem a menor opposição.

Para se conhecer o elemento portuguez neste paiz é bastante dizer que as caravanas de pequenos commerciantes que vem de Angola, chegam aqui quasi semanalmente. Toda a borracha que presentemente se exporta por Loanda, sae d'aqui levada por Quiôcos, Bângalas e gente de Malanje e Pungo Andongo, e tambem pelos Angombes vae muita para Benguella. Isto pode dizer-se durante os ultimos dez annos, porque da região da Lunda pouca borracha tem apparecido neste periodo.

Porém no Lubuco succede o mesmo que á Lunda — as suas florestas estão quasi completamente extinctas. As comitivas que ultimamente teem chegado estão vendendo as suas mercadorias por menos de metade dos preços aqui estabelecidos, e ainda assim muitos não logram vender os seus artigos por causa das Estações.

Ainda antes da chegada da expedição do Tenente Wissmann uma arma ou um barril de kilogramma de polvora equivalia a mil bolas de borracha; actualmente uma arma vale quatrocentas, e o barril trezentas; um boi ou vacca, que se vendia por doze mil bolas, presentemente só o acceitam por quatro mil. Ainda ha pouco mil bolas pesavam, pouco mais ou menos, 40 kilogrammas, agora nem chegam ao peso de 30.

Se vierem, como se diz, para aqui estabelecer-se filiaes das casas hollandeza e franceza do Zaire, as numerosas caravanas que aqui vinham annualmente da nossa provincia escusam de cá voltar, por lhes ser impossivel luctar com taes casas.

«Um dos agentes da casa hollandeza com quem aqui fallei, chegado no vapor *Peace,* affirma vir para aqui uma filial da casa hollandeza, e admira-se que os Portuguezes se não hajam importado com esta região, pois sem ella, por emquanto, de nada vale a grande provincia de Angola com respeito a commercio.»

Todas estas considerações veem, quatro annos depois, confirmar o que a nossa Expedição previu logo de principio em Malanje, e fez constar á Associação e Sociedade de Geographia Commercial do Porto nestes termos:

«Malanje é, e continuará a ser, principalmente se a construcção da linha ferrea a Ambaca for uma realidade, o verdadeiro e unico centro de commercio europeu para o seio do Continente; segundo o meu fraco modo de ver, deverá Malanje ser no futuro o centro de um governo, governo de leste da provincia, para cujo limite mais no interior está reservado o Cuango.

... Pelo que respeita a liberdade de navegação e reforma de pautas, com taes medidas muito teem a ganhar os interesses do paiz, esta provincia em especial e muito particularmente o commercio portuense, quando queira alargar os seus mercados consumidores para aqui, fazendo derivar parte dos productos que ora se encaminham em concorrencia com os estrangeiros para outros pontos.

Pois é crivel que se mantenha por mais alguns annos a distincção de pautas para as mesmas mercadorias nesta mesma provincia?

O Ambriz, com uma pauta mais favoravel, já convida o gentio da Lunda, ao norte, á permutação, quanto mais não se fará nos portos do norte, que se pretendem conservar livres de direitos aduaneiros.

O Cuango é muito grande na verdade, porém o preto não conhece distancias para grangear lucros, embora pequenos. Nas margens d'esta grande arteria fluvial, que já ha muito nos devia fazer communicar rapidamente com o Zaire, é onde mais se faz sentir o odioso dos gravames das differenças pautaes.

Não é raro encontrarem-se gentios nestas margens com a mesma qualidade de mercadorias, obtidas com grande differença de preços, o que elles levam á conta de bom ou mau negocio, ou, melhor direi, de que foram roubados. Isto não é exagero, e a mesma impressão recebeu o estrangeiro Von Mechow, que um pouco ao norte da sua exploração no Cuango, encontrou fazendas mais baratas do que as similares de que elle dispunha para seus gastos.

Se á Sociedade de Geographia Commercial do Porto está reservada a importante missão de conseguir a reforma das pautas da provincia de Angola, que as unifique e torne mais liberaes, muito terão a agradecer-lhe os interessados, e o seu nome ficará vinculado aos melhoramentos que necessariamente d'ahi hão de provir para esta vasta colonia.

Somos d'aquelles que não apreciam o Zaire como vantagem principal; temos muito para onde nos alargarmos e com interesses certos. O commercio pelo grande rio é um pretexto, ha de fazer-se pelo Cuango para a nossa provincia quando tiver um termo a nossa boa fé e com antecedencia nos formos precavendo contra os successivos logros em que caimos a cada passo com os aventureiros que de tudo nos querem despojar. Bem sabem os estrangeiros o que querem, mas por emquanto a evolução dos seus mysteriosos designios prosegue na penumbra; ninguem quer ver no nosso paiz!»

Quando isto escreviamos, em 1884, mal podiamos imaginar que logo um anno depois o mysterio se desvendaria, organisando-se o Estado Independente, e que já os exploradores allemães estivessem trabalhando por conta do futuro Estado, fazendo-lhe doação de um territorio, cujos povos só comnosco mantinham relações e d'onde provinha nos ultimos annos todo o commercio indigena que affluia a Loanda e ao Ambriz. O Sr. Barão de Macar, primeiro chefe do districto, que o Estado chama seu, tratou logo de repellir os Portuguezes que lá encontrou, e se podesse vedaria a entrada a todas as caravanas que da nossa provincia para lá se encaminham ainda. A julgarmos pelo que succedeu a um empregado africano chamado Santos, que o Tenente Wissmann para ali levára de Malanje, nenhum subdito portuguez poderia esperar d'aquelle funccionario o minimo signal de sympathia.

Este pobre rapaz, amarrado, espancado e ferido pelos indigenas, esteve preso numa cadeia tres dias, sendo depois por fraqueza entregue aos seus verdugos, que o queimaram vivo!

O dr. Summers, da missão do bispo Taylor, que se natuturalisára portuguez e entrára no Lubuco com a bandeira portugueza á frente da sua caravana, fôra altamente censurado por tal facto, não consentindo o Sr. de Macar que elle entrasse no exercicio das suas funcções. Entre outras amabilidades d'aquelle cavalheiro, ao illustrado missionario, registâmos esta — que não gostou de o ver com a bandeira portugueza, porque todos os Portuguezes eram uns bichos e uns ladrões.

Em occasião opportuna mostraremos ao subdito belga quem são os ladrões que ao bondoso Rei Leopoldo II extorquiram a fortuna, se é que Sua Magestade não os tenha já apontado antes de entrarmos nesse assumpto.

«Tanto os Quiôcos como os Bângalas — diziamos nós á Sociedade de Geographia do Porto —, teem descido ultimamente em busca de marfim e borracha até ao 5º lat. S. do Equador; o regresso com as mercadorias ás costas torna-se-lhes penoso quando elles, a menor distancia, do Ambriz ao Zaire, encontram melhores fazendas em qualidade, mais variedade, menor preço, e isto por causa do pequeno frete e nenhuns impostos aduaneiros. Encaminham-se portanto para ali os que não estiverem mais proximos dos Chilangues, pois que nesse caso largam a estes as mercadorias para as permutarem no Nyangué por escravos, os quaes são encaminhados d'ahi para a região dos lagos.

Mas se o caminho de ferro de Ambaca não é mais uma esperança vã, se realmente se faz, são bem empregados os sacrificios e trabalhos da nossa Expedição e as despezas que com ella está fazendo o Governo. As Estações que vamos construindo serão muito aproveitadas, tornar-se-hão nucleos de civilisação, centros riquissimos de agricultura, em que não faltam os braços livres e indispensaveis; o commercio procurará estes centros, de uma salubridade incontestavel em relação ás zonas maritimas; e muito é para sentir que não venha immediatamente alguem aproveitar-se das boas disposições em que deixâmos os povos que as rodeam.

Fazendo-se um ramal d'esse caminho de ferro a Malanje (65 kilometros), e d'ahi um outro seguindo a sua directriz, mais ou menos pelo nosso itinerario ao porto Molumbo, no Cuango, na extensão de 20 kilometros, teriamos com isso grandissima vantagem. As remoções de terras não offerecem grandes difficuldades á construcção, porque as differenças de altitude não são grandes e de nada valem as linhas de aguas a passar, sendo a mais larga o rio Luí, que na peor epocha do anno, numa largura pouco mais de 40 metros, tem profundidade não superior a 3 me-

tros, sendo inferiores o Cambo e o Luximbe, e sendo o porto Molumbo um bom porto, assim ficará ligado a Loanda, o melhor da costa em toda a nossa provincia de Angola. Assim, não só se aproveitariam as ferteis terras que esse caminho de ferro atravessasse, as melhores que se conhecem em toda a região, a partir do Dondo, pois é a da maior altitude, regada por boas aguas, fadada para todas as culturas, mas ainda se resolveria o grande problema, cuja solução nos ultimos annos tantos se empenham em encontrar: unir por facil communicação o alto Zaire com um bom porto da costa, que certamente, depois de pequenos trabalhos, não se encontrará nenhum como Loanda.

O Cuango, do Molumbo á confluencia com o Zaire, pode tornar-se navegavel em principio por lanchas, e mais abaixo por barcos, uns e outros a vapor.

Se alguma cousa fizessemos neste sentido, podiamos explorar com vantagem esses restos de productos naturaes, que ainda provocam a ambição do commercio em Africa, e certamente por uma direcção prudente se conseguiria preservar as suas fontes do vandalismo e dar-lhes longo periodo de extracção; aproveitar-se-iam ao mesmo tempo as riquezas que o solo, aguas e braços nos offerecem, creando grandes propriedades agricolas e centros populosos, onde então o commercio encontraria bons mercados para as suas transacções; crear-se-iam as receitas indispensaveis a sustentar a linha fluvial no Cuango e a ferrea até Loanda, pouco nos devendo importar a mal fadada e mal encaminhada questão do Zaire; engrandeciamos a nossa vastissima provincia de Angola, e finalmente, pelos dominios do Muatiânvua, manteriamos a ligação com a outra não menos vasta, não menos rica provincia de Moçambique que estrangeiros cubiçosos parecem accordes em querer para sempre separar.

A nós, e só a nós, Portuguezes, pertencia de direito e de facto um quadrilatero no centro da Africa, cujos lados exteriores são formados pelo littoral das nossas vastas e riquissimas provincias de Angola e Moçambique.

A Expedição pensou ainda por algum tempo em descer o Cuango, mas crente que aos arrojados exploradores Capello e Ivens estava destinado, depois de explorarem o Cunene, o continuarem a exploração já por elles iniciada d'aquelle rio, para o seguirem até ao Zaire, e sendo mui diversa a nossa missão, com bastante reluctancia desistimos d'este intento, que podia e de certo seria mal recebido no paiz, se de facto os nossos benemeritos exploradores tivessem pensado ou lhes fosse determinada a resolução do importante problema. E com magua repetimos, desistimos d'esse intento, porque conhecendo os trabalhos de V. Mechow, estavamos crentes de que o Cuango, salva a queda de agua que o fez recuar no seu projecto, era navegavel, e d'essas supposições bem fundadas démos conhecimento ao nosso Governo».

O que então se podia imaginar ser uma illusão, tornou-se numa realidade pouco tempo depois. Em fins de 1866 o Rev.do Grenfell e o Dr. Mense no vapor *Peace,* pertencente á estação dos missionarios Baptistas, estabelecida no Stanley Pool, fizeram essa navegação indo depois até ao Lulúa, como vimos pelas noticias de que já demos conhecimento.

Mas se não nos antecipámos na resolução do problema, todavia não ha rasão para desistirmos de tratar desde já do estabelecimento de barcos a vapor especiaes no Cuango e seus affluentes da margem direita, e ao norte se for verdade o que se suppõe com respeito a um affluente da esquerda, até onde a navegação seja possivel, pois que esta linha fluvial ainda não nos foi contestada.

Emquanto uma pleiade de homens ousados, que se estabeleceram em Malanje e mais para deante, teem luctado por desenvolver o seu commercio muito onerado, como vimos, e sem terem o apoio dos governos, que tudo ahi até agora indicava terem esquecido que este vastissimo concelho era de facto occupado por Portuguezes, que contribuem annualmente com uma importante receita para os cofres centraes da provincia; os aventureiros estrangeiros que depois de 1878, pela nossa costumada tolerancia, estudaram esta região e procuraram indagar das origens do commercio indigena, que se effectuava com excellentes resultados em Malanje, porfiavam por se apoderarem d'elle.

Não era da Lunda, além do Cassai, o reconheceram tres expedições successivas, que esse commercio provinha, e por isso seguiu a quarta expedição para o norte, d'onde tinha regressado o nosso velho sertanejo Silva Porto depois de uma aventurosa viagem e onde em o periodo de 1876–1884 affluiram numerosas caravanas de commercio da nossa provincia de Angola.

Era, pois, ali no norte, que se devia estabelecer o theatro das operações, para se dar o golpe de mestre.

Continuando a apparentar na Europa que se tratava apenas de explorações scientificas e arrojadas travessias, saia apenas

pelo oriente o Tenente Wissmann, emquanto o fallecido Dr. Pogge ali permanecia vigiando pela presa.

Fizeram-se os accordos da Allemanha com a Inglaterra (nossa antiga e boa alliada), e o Rei Leopoldo; e voltou Wissmann com a quinta expedição, ainda ao abrigo da nossa protecção, abusando da nossa tolerancia, a dar o *cheque-mate* aos Portuguezes que o auxiliaram a colher os louros das suas glorias, e observando o plano de antemão forjado, entregou ao Estado, que H. Stanley havia preparado para si, a região onde primeiro tinhamos entrado e onde nós iamos buscar o commercio indigena, que alimentava a prosperidade dos concelhos de Malanje até ao Dondo.

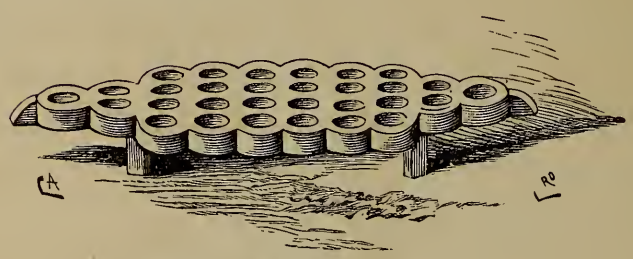
Depois, a concorrencia, facil pelos transportes, isenções de direitos e impostos e o dominio absoluto sobre os povos sujeitos ao poder discrecionario dos potentados gentilicos — de que forçosamente hão de fugir as nossas caravanas e as dos povos vizinhos, que se consideravam intermediarios ou agentes do nosso commercio — mais aggravou a situação penosa que a cubiça do estrangeiro nos creou.

Vê-se, pois, que o commercio de Malanje ha de decair, e está já em crise. E podem os poderes publicos ser indifferentes a tal situação, quando o concelho, que é vastissimo, tem recursos que se podem aproveitar para suavisar por emquanto essa crise e fazer prosperar outras industrias.

Fizemos a descripção do commercio de Malanje nas suas relações com os indigenas, e mostrámos os graves e imminentes perigos que está correndo por causa dos exploradores que trabalham em favor do Estado Livre do Congo, e cumpre-nos insistir para que se tomem as mais indispensaveis providencias e se salve uma das melhores fontes de receita da provincia de Angola e uma das mais bem fadadas regiões para proporcionar logares de refugio contra as denominadas carneiradas das regiões baixas.

Não se trata de cousa nova, de fazer qualquer tentativa de exploração commercial. Trata-se positivamente de factos consummados e de que ninguem poderá duvidar.

Se na actualidade nada se fizer em favor de Malanje, precipitâmos a ruina de Angola e annullâmos todos os esforços e sacrificios que se estão fazendo com o caminho de ferro de penetração.



MUENDE (JOGO)

URUCÚ

AGRICULTURA

Está iniciada a agricultura no concelho, aos arredores da villa, em grande escala e com bons resultados, e é para ahi que se deve dirigir a nossa attenção á medida que com todo o impulso se deve continuar a construcção do caminho de ferro de Loanda a um dos portos do Cuango, que offereça mais van-

tagens para o aproveitamento d'este rio como via de communicação.

Dizem os filhos do Lunda: *aĉi utuma, katalepe mujila* «se mandas, não olhes no caminho (não esperes, segue)»[1]. É uma verdade esta, e que devemos ter em vista, para não perdermos os bens que ainda nos restam.

A agricultura do concelho, a grande agricultura, pode dizer-se começou ha poucos annos em Culamuchito pelas plantações de canna saccharina, feitas pelo fallecido irmão de Custodio e de Saturnino Machado, e por outros.

Depois seguiram-se as plantações a E. e SE. da villa, a contar de Catepa pelo Anjínji e de Quissole até ao Luximbe, onde se estabeleceu o velho Callado, que tem sempre luctado com grandes difficuldades e casos de força maior, como ainda ha dois annos um incendio devastador.

Nos ultimos cinco annos é que teve maior incremento essa promettedora industria, e neste periodo o agricultor José Vaz, que constituíra uma propriedade com diversas fazendas de Ambaquistas e de indigenas, que por compra conseguiu reunir, passou-a por 22:000$000 réis a um infatigavel trabalhador, Antonio da Conceição Pinto, que desejava abandonar o commercio, onde não fôra infeliz, para se dedicar á agricultura. Em tres annos este proprietario desenvolveu-a consideravelmente, tendo cedido a parte que lhe ficava mais distante da residencia a um outro, tambem arrojado trabalhador de appellido Ferreira, que tratou logo de fazer uma grande derrubada, encontrando por esta occasião, segundo elle disse, alguns pés de café.

Narciso Antonio Paschoal, que tinha uma pequena propriedade para recreio, junto do seu importante estabelecimento commercial, que era regada pelo rio Cuíji, tratou de a augmentar, fazendo acquisição da que pertencia ao seu vizinho

---

[1] O que equivale ao nosso proloquio: «Quem quer vae, quem não quer manda».

Andrade, e ainda de outros terrenos comprados á Fazenda, e logo em seguida tratou de desenvolver as plantações.

Custodio Machado, porque Culamuchito lhe ficava um pouco distante, não abandonando a propriedade que ali tem, tratou de aproveitar a denominada Inveja, nas margens do rio de Malanje, de que já fallámos, plantando ahi a canna saccharina.

No Lombe desenvolveram-se tambem as propriedades agricolas de diversos indigenas, destacando-se já entre ellas a de Macedo.

A constituição d'este nucleo de maiores proprietarios agricolas do concelho é, pode dizer-se, de recente data, e elles não se poupam a canceiras nem a despezas, e lá teem já installado os engenhos indispensaveis e outras machinas de grande valor.

Todos elles ainda o anno passado, com grande custo, estavam fazendo transportar do Dondo para Malanje, as pesadas peças de novas machinas, que da metropole tinham chegado!

Progrediram os trabalhos agricolas de todas estas propriedades á custa dos maiores sacrificios que é possivel imaginar, e a colonia Esperança, com os grandes auxilios do governo provincial, extinguiu-se passados tres annos da sua instituição!

E o que é mais, todas as plantações que ahi se fizeram, vingaram!

A extincção da colonia Esperança foi um passo precipitado, e não deve entrar em linha de conta para desacreditar a agricultura nesta região.

As causas da sua extincção são as mesmas que já temos apontado por varias vezes: falta de conhecimentos da localidade em que se estabeleceu a colonia, e não estar ella devidamente preparada para receber europeus, embora fossem sentenceados!

Devia ella mudar talvez de local, pois não faltam no concelho muitas outros em melhores condições de salubridade e de mais faceis communicações com a sua capital, mas nunca extinguir-se, como se fez, com grande prejuizo dos valores que nella estavam empregados.

Nós, que tomámos a liberdade de apresentar ao fallecido Governador Eleuterio Dantas o projecto de uma colonia penitenciaria agricola, que mereceu a honra de ser mandado estudar por uma commissão e se chegou a iniciar; nós, que solicitámos do Ex.mo Conselheiro Julio de Vilhena, no *Jornal das Colonias,* a sua sabia apreciação para um outro projecto mais desenvolvido, o qual era de dar execução ao determinado pelo finado estadista Rebello da Silva sobre colonias penitenciarias no ultramar; nós, emfim, que louvámos a iniciativa do benemerito Governador Ferreira do Amaral, não podemos deixar de lamentar que S. Ex.a não fosse comprehendido e não tivesse encontrado os auxiliares que lhe eram indispensaveis para o proseguimento da empreza — o aproveitamento da actividade d'essas numerosas levas de sentenceados, que todos os annos entram na provincia, em proprio beneficio d'elles, regenerando-os pelo trabalho; — e a do desenvolvimento da agricultura nas ferteis regiões a leste de Malanje, que além dos proventos immediatos para estas em particular, e para a provincia em geral, serviria de incentivo para a agricultura do gentio vizinho se tornar productiva, o que tudo redundaria em beneficio de Angola.

O concelho de Malanje produz já, e quando se queira produzirá em abundancia, *mandioca,* o principal alimento do indigena; d'ella se obtem tapioca, fuba (amidon), pós para gomma e farinha; *ginguba* e *gergelim,* que tambem os indigenas comem e offerecem ao commercio para exportação; *algodão,* que os indigenas fiam e tecem para redes, cintas, tangas, etc., e que sendo devidamente explorado, pode o commercio exportar, emquanto se não estabelecem fabricas de fiação, etc.; *tabaco,* que os indigenas remettem para o sertão e que o nosso commercio poderá exportar, quando se trate a serio do seu cultivo; *canna saccharina,* de que já se fabrica muito boa aguardente; *arroz,* de uma qualidade especial e que se produz em terrenos sêcos; *mamona* e *purgueira,* que se não pensou em exportar, por ser caro o seu transporte; emfim, *café, milhos, urucú, batatas,* todas as qualidades de *feijão, grão, trigo,*

cevada e *aveia,* todas as variedades de *hortaliças,* e *cebolas, melancias, melões, laranjas, limões, cidras, mangas, goiabas, jambos, nesperas, maçãs,* etc.

E, finalmente, ha no concelho bellissimos pastos para gado, o qual está bem desenvolvido, e tambem não ha falta de sal para commercio com o interior, e quando bem explorado, pode prescindir-se do que é importado da metropole.

NARCISO ANTONIO PASCHOAL

Á Sociedade de Geographia Commercial do Porto dizia a nossa Expedição, depois de conhecer a fertilidade de toda esta região até ao Cuango:

«Em toda esta zona, de Malanje ao Cuango, vive e pode trabalhar o europeu, tendo algumas commodidades de que pode facilmente rodear-se; venham elles, não como aventureiros, mas como colonos, com algum capital buscando uma nova patria, e construindo antes o Governo o caminho de ferro projectado, veremos se não se fazem boas e ricas propriedades.

Á agricultura é que pertence civilisar e engrandecer a Africa. Emquanto se pensar de modo diverso, havemos de continuar a ver dissipar valiosos capitaes, e não passará nunca do que tem sido.»

Quatro annos depois, quando nós vimos o estado florescente das propriedades que dão canna saccharina, as quaes já produzem para o consumo annualmente mil pipas de aguardente ou mais, e que o caminho de ferro se está construindo, não podemos deixar de pedir aos poderes publicos — que protejam já, com as providencias que lhes é dado adoptar, o desenvolvimento da industria agricola, activando aquella construcção através d'esta região até ao Cuango e dotando este rio com barcos a vapor especiaes que difficultem a entrada dos alcools estrangeiros que lhe fazem concorrencia, libertando de impostos por um certo numero de annos tudo o que possa beneficiá-lo, como são instrumentos, utensilios, materiaes, machinas, etc.; finalmente que promova francamente a colonisação com indigenas de além do Cuango, para sanearem e prepararem as localidades á melhor adaptação de colonias europeas agricolas, convenientemente dirigidas por individuos technicos e de confiança, pois só assim se poderá tirar proveito das boas condições de solo e da abundancia de agua que o rega.

E isto são remedios a applicar de prompto, mas não é o sufficiente. O plano de providencias a adoptar deve ser muito mais lato, e deve ter em vista alimentar essa via ferrea, cujos encargos são de elevada importancia, para salvar a provincia de Angola, pelo menos nesta região, que se estende 4 graus para norte, da derrocada que lhe está imminente, preparada pelas nações estrangeiras que mais temos beneficiado em Africa.

Deve esse plano abranger. As formulas de administração mais consentaneas com a indole e costumes dos diversos povos indigenas que constituem a população do concelho, interessando nella quanto possivel os chefes d'estes povos segundo os seus usos, e não indo de encontro a elles, na regeneração que se tenha em vista; o modo pratico de se utilisar o elemento indigena hoje desprezado, no aproveitamento do solo, com culturas de que tirem immediatos lucros na localidade; o ensino profissional mais conveniente á aptidão dos indigenas que nelle se alistem de modo a estimulá-los na pratica e creando-lhes necessidades; compenetrá-los da necessidade de contribuir para

o estado, mas de modo a fazer-lhes ver, com melhoramentos palpaveis, que estes são applicadas com vantagens para todos isto é, ligando as suas povoações entre si por caminhos regulares, dirigindo-os na construcção e disposições das suas habitações, embora com os recursos de que ainda hoje dispõem, a fim de pela sua forma e capacidade fazer mudar de aspecto as povoações, approximando-as do grau de aperfeiçoamento que podem ter; o estabelecimento em logar que, á condição de ser central, reuna as de maior salubridade, boa agua, fertilidade de solo e abundancia de boas madeiras, — o que se dá nas proximidades da villa, — de uma quinta regional modelo, explorada por europeus; e, finalmente, a creação de companhias militares agricolas em differentes pontos do concelho, devidamente dotadas de aulas regimentaes, e a cargo das quaes ficaria a policia das estradas, o serviço de escoteiros, as diligencias do serviço publico nos limites dos seus districtos, etc., etc.

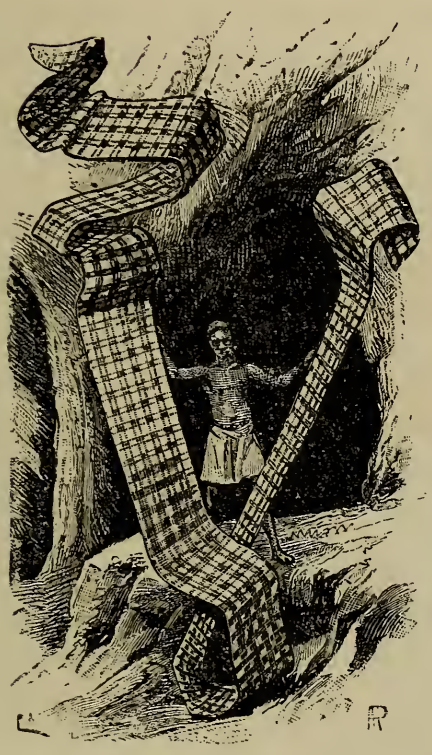
O plano mais conducente, e de resultados praticos immediatos, ao aproveitamento d'esta vastissima região e dos seus povos deve ser desenvolvido em relação ao que conhecemos de Malanje ao Cuango, assumpto este de um novo capitulo. Tal como elle se nos afigura, apresentá-lo-hemos ainda neste primeiro volume da DESCRIPÇÃO DA VIAGEM — que realisámos de Loanda á mussumba do Muatiânvua.

Julgâmos ter dito o sufficiente para que se conheça o que era Malanje, o que tem sido depois de 1843, o que é na actualidade, e o imminente perigo que corre de decair depois do desenvolvimento que attingiu, como succedeu a Ambaca e Pungo Andongo, porque o commercio, confiando nos productos (marfim e borracha) que vinham do centro do continente, confiou demasiadamente numa base falsa e instavel. Essas fontes dos dois unicos productos, embora valiosos, já estão, e mais cedo do que podia prever-se (áparte as *blagues* de mananciaes que esperam encontrar os que trabalham por illudir os protectores do novo Estado Independente do Congo), beneficiando as correntes do commercio com as quaes já não podem competir as

de Malanje, pelas muitas facilidades que aquellas desfructam. Estas perennes fontes em breve desapparecerão, como primeiro resultado das grandes emprezas das benemeritas associações humanitarias dos fins do seculo XIX, que por ultimo parece querem completar a sua obra aniquilando a raça africana a pretexto de regenerá-la; nem que o grande continente, onde ella se tem desenvolvido, possa ser desbravado sómente pelas raças que superabundam nos outros e de onde diariamente se expatriam os seus filhos a procurar novas terras onde melhor possam aproveitar a sua actividade.

FLOR E FRUCTO DO URUCÚ

UMA ELEIÇÃO EM AFRICA



ou fallar agora de uma eleição de deputado para as côrtes constituintes que haviam de reformar o codigo fundamental do paiz, outorgado pelo Imperador-soldado, e de onde dimana o conjuncto de franquias que disfructâmos.

São convidados os eleitores a lançarem o seu voto na urna que está sobre uma mesa na secretaria da administração do concelho de Malanje, no domingo 17 de agosto de 1884. Felizmente a expedição allemã já está longe e não assiste ao espectaculo.

O corredor que dá accesso para a sala onde se vae consummar o acto está bem guarnecida de garrafas e garrafões de aguardente, mas como elles se despejavam com facilidade, a multidão, que se estende até ao largo em frente da fortaleza, de quando em quando tem de abrir passagem aos portadores, que continuadamente vão e vem a substituir as vasilhas esgotadas pelas que voltam já cheias do fornecedor.

Logo de manhã a concorrencia de eleitores para a fortaleza onde fluctua a bandeira bicolor, afflue de todos os lados. Os eleitores ostentam nesse dia as suas melhores roupas; os que estão mais em contacto com o elemento civilisado, trajam ou sobrecasaca ou fraque preto, e os que não trazem chapeus altos de antigas eras vem com os de panno ou de palha que se usam só em dias festivos. Os sobas vestem saias de chita, farda e as suas *cajingas* por elles mesmos tecidas e de diversas formas; outros, emfim, de menos posses, trajam á europea, apresentando-se com as suas calças e casacos de riscados, ou se ainda andam ao uso gentilico, com os seus pannos de variadas côres.

Todos trazem na mão um papelinho, que supporemos ser antes um valle de aguardente, que uma lista para a eleição, porque o portador á entrada do mencionado corredor, apresentando-o, é logo contemplado com a competente medida cheia, que elle sorve de um trago, passando para a sala, onde o seu nome é descarregado, e o presidente da mesa eleitoral faz entrar mais um voto na urna.

São tantos os eleitores, que esta cerimonia, repetindo-se para cada um, faz com que a votação se prolongue por dois e tres dias, e portanto, depois de fechadas as portas da secretaria do concelho, o chefe vê-se tão apoquentado com as exigencias dos eleitores famintos pedindo de comer, que manda abater uma porção de gado vaccum para elles dividirem a carne entre si, e distribuir algumas cargas de fuba e mais garrafões da indispensavel aguardente.

Trata, pois, cada um de escolher local apropriado para os seus agazalhos e onde fazer as fogueiras, e depois de cozinharem a comida, comem, dançam e folgam, até altas horas da noite, cantando sempre e fazendo allusões ao acto e á bondade e liberalidade do chefe do concelho que os encheu a fartar.

Isto repete-se dia e noite emquanto se não encerra o acto eleitoral. Mas depois de todas estas operações, o que tem mais graça é que suppondo-se que não ha um voto discordante da

vontade da mesa, não succede assim. Apparecem nomes de dois e tres candidatos votados, entre os quaes o que tem menor numero de votos tem-nos ainda assim em numero superior ao dos concorrentes á urna; e ainda mais, as listas lá existem para o provar. Numa das eleições anteriores, dizia-se, que havendo a mesa deliberado servir um amigo eleitor, compromettido com um candidato a quem não podia deixar de satisfazer, lhe acceitou de pancada um rolo com trezentas listas, muito bem acondicionadas e amarradas, mas receando que esse numero de votos fosse fazer mal ao candidato recommendado pela auctoridade, augmentou a esse candidato outros trezentos.

Quando algum dos europeus ahi residentes pretende intervir nas eleições, ainda que não tenha poder para vencer as auctoridades, a lucta trava-se, e já tem tido consequencias graves; por isso hoje absteem-se mesmo de lançarem o seu voto na urna.

E fazem bem, porque o que se está praticando com o maior desassombro desacredita-nos e não civilisa os povos que pretendemos attrahir ao nosso convivio. Elles não imaginam o que representa o acto a que são chamados, e bom é que continuem a ignorá-lo.

Dos poderes publicos solicitâmos, porém, que se acabe com taes phantasmagorias; restrinjam-se os circulos eleitoraes ás localidades em que ha camaras municipaes eleitas, e seja só concedido o direito de votar áquelles que melhor podem comprehender essa regalia.

Façamos primeiro dos indigenas cidadãos, e depois convidemol-os a gosar dos seus direitos logo que tenham a comprehensão do que elles valem.

E chamámos-lhe festa indigena, porque assim são todas as que vimos entre estes povos do concelho de Malanje. São reuniões de homens e mulheres, pulando, dançando, berrando, com acompanhamento de instrumentos de pancadaria, marimbas e tambem de algumas harmonicas, subindo de ponto a festança e a alegria se teem bastante carne de vacca e abundancia de aguardente.

São frequentes festas iguaes por occasião de obitos, ou quando promovidas por comitivas de negocio, e umas e outras são fora do recinto da villa e annunciadas por descargas continuadas de fuzilaria.

MOREA

DIFFICULDADES COM CARREGADORES

Ficámos em Malanje o tempo que foi indispensavel para as cargas da Expedição seguirem para o interior, e durante este periodo todos de boa vontade trabalhavam para cumprir o que lhe estava commettido, não obstante a contrariedade da falta de carregadores, e, o que era peor, por nem já haver esperanças de os obter.

Estava montada a segunda estação a mais de 100 kilometros de distancia, e participava o ajudante estar prompto a seguir para a

margem do Luí, onde se devia montar a terceira. Havia, pois, toda a conveniencia em não accumular mais cargas na segunda. Era preciso avançar, ainda que fosse a pouco e pouco, e sendo assim estudava-se toda a região e os povos no nosso percurso, como se tinha feito em Malanje e seus arredores.

Pela serie de documentos que reproduzimos se fará idea, não só dos trabalhos já emprehendidos e cujo resultado foi enviado ao Ministerio dos negocios da marinha e ultramar, mas ainda dos esforços em vão empregados, para organisar um pessoal de carregadores para trezentas e vinte cargas, sendo mais de vinte para dois homens, devendo notar-se que a maior parte das cargas tiveram de ser reduzidas no Dondo e em Malanje, a menor peso e volume.

As difficuldades de arranjar carregadores e de modificar as cargas são assumptos já tão conhecidos e bem descriptos pelos exploradores africanos, que entrar nelles seria repetir, com differenças insignificantes, o mesmo que está dito, e por isso julgâmos ser sufficiente transcrever parte da nossa correspondencia com as diversas auctoridades, e com os negociantes que procuraram auxiliar-nos.

Com respeito a pagamentos ao pessoal é que julgâmos conveniente prestar esclarecimentos nesta occasião, porque é mui diverso o modo de o fàzer á medida que nos vamos internando no seio do continente.

O commercio, a partir do Dondo, tem conseguido manter uma taxa invariavel de pagamento para o transporte de uma carga, cujo peso em media regula por 100 libras; porém, subentende-se que essa carga é divisivel, e se o não for, que pode ser transportada por dois e ás vezes mais homens.

Ora isto pode fazer-se de concelho para concelho, porque os caminhos são regulares e teem a largura sufficiente, mas já não se dá o mesmo além de Malanje, em que os caminhos são trilhos e mais ou menos entre florestas.

Se as cargas são divisiveis, como fardos, barris de polvora, espingardas, etc., escusado é o negociante acondicionar estes objectos em uma carga devidamente enfardada e protegida con-

tra as intemperies que teem de soffrer nas jornadas, porque passando para as mãos dos carregadores e fora das vistas de quem lh'a confiou, é logo a carga dividida por diversos e acondicionada a seu uso nas suas *muhambas* ou canastras juntamente com os artigos que lhes são indispensaveis, como pannos, esteiras, panellas, etc., e tambem carne, peixe, mandioca, milho, bananas e outros generos para a sua alimentação.

Mas o pagamento no interior da provincia não variou, sendo certo que os carregadores inculcados pelo soba que é freguez de uma casa, raras vezes deixam de apresentar os objectos constantes das cargas que lhes foram confiados.

O pagamento é feito por peças de fazenda, e estas podem ser trocadas na equivalencia já estabelecida pelos artigos de negocio que mais lhes convenha. A peça actualmente tem um certo numero de dobras, uma unidade inferior á jarda e o carregador da provincia, nos seus fretes dentro d'ella, acceita essa unidade, porém os que se destinam para além de Malanje já não a acceitam, e a pratica mostrou-nos que não podem nem devem já acceitá-la.

A unidade de medida que aquelles exigem, é inferior ainda assim, á que pretendem os Bângalas e Lundas, e principalmente os Quiôcos. É igual á adoptada pelos povos do Luí e margens do Cuango, vizinhos ao norte de Tala Mugongo. É medida que varia segundo o comprimento do braço do individuo que mede, e que ha de ser igual á extensão contada do meio do peito até ao extremo da mão, tendo o braço direito estendido para o lado. Duas medidas d'estas fazem um *beirame*, quatro uma *divunga* (um panno) e dois pannos uma peça.

Esta peça, que tem, portanto oito d'aquellas unidades, é superior á do commercio na provincia de $1^{m},60$ ou mais, proximamente tres das suas dobras.

Ora se o explorador, viajante ou negociante apenas tem o trabalho de formular uma tabella de novas unidades no local em que faz o seu fornecimento, e pagar nessa conformidade, tem depois de calcular o seu fornecimento, partindo d'estas bases, não como o commercio as proporciona, mas contando sem-

pre com um excesso de fazenda para as differenças que vae encontrar á medida que se afasta para o centro do continente, e muito principalmente se for negociar. D'estas variantes resulta a necessidade de maior numero de cargas e por conseguinte de bôcas, e cada uma come, não o que se pensa equivalente a duas das taes dobras em tres dias, mas, pelo menos, uma em cada dia, differença que numa viagem longa é importante.

CACUATA TAMBU

E fique-se certo que a ração de uma dobra por dia é muito pouco, como provaremos por vezes no decurso da nossa narração, e o resultado são os furtos que se fazem aos fardos, cargas de missanga e polvora, em quantidades insignificantes, que se conhece ser para comprar de comer, mas que feitos por varias vezes e por diversos, avolumam os desfalques.

Haviamos estabelecido em Malanje para os nossos pagamentos as seguintes equivalencias, adoptando para base o *bando,* a unidade da medida de fazenda, já indicada pelos carregadores contratados:

8 bandos (peça) de algodão	1:000	taxas	amarellas	
8 ditos de riscado de segunda qualidade	16	bandos	de algodão	
8 ditos de riscado de primeira qualidade	24	»	»	»
8 ditos de chita de segunda qualidade	24	»	»	»
8 ditos de chita de primeira qualidade	32	»	»	»
1 espingarda lazarina	28	»	»	»
1 barril de polvora (peso, 1 lb.)	12	»	»	»
1 chapellinho de sol	6	»	»	»

4 canecas ou pratos ordinarios	8	bandos	de	algodão
3 macetes de Cassungo	8	»	»	»
1 macete de missanga Maria II	8	»	»	»
1 braça de baeta	4	»	»	»
4 lenços grandes	8	»	»	»
6 ditos pequenos	8	»	»	»

Com respeito aos outros artigos, era pelos preços da factura que se regulava a equivalencia.

Tambem estabelecemos a equivalencia dos nossos artigos com os productos — marfim, cera e borracha, calculando estes pelos seus ultimos preços nos mercados da Europa, assim, contando com fretes, impostos, etc., tinhamos:

Borracha (peso, 3 lb.)	8	bandos	de	algodão
Cera (peso, 10 lb.)	8	»	»	»
Marfim de lei (peso, 1 lb.)	12	»	»	»
Dito meão (peso, 1 lb.)	10	»	»	»
Dito inferior (peso, 1 lb.)	6	»	»	»

Mas esta tabella, que até ao Cuango foi bem acceite, teve de ser muito modificada depois entre os diversos povos com que estivemos em contacto, havendo differenças para mais e para menos.

Em Malanje mesmo, salvo o que já está dito com respeito a dobras, innovação de ha dez annos a esta parte, as equivalencias differem segundo as casas commerciaes e os empregados das mesmas casas, e isto é tão conhecido pelo negociador, mesmo gentio, que se torna curiosa a exigencia d'estes, em só fazerem o seu negocio com o dono ou quem representa de dono do estabelecimento, e mui principalmente se é europeu, embora os empregados de balcão tambem o sejam.

Entre elles suppõe-se que o primeiro, o mais velho, como elles dizem, aquelle a quem todos obedecem, é sempre mais benigno, mais resignado, dotado de mais perspicacia e que lhes fará mais concessões e os tratará melhor, predicados estes que creem os seus potentados possuem, e por isso pre-

ferem tratar com os donos. Ainda mais, o negociador gentio attribue a si uma qualidade que o distingue entre os seus, e na propria comitiva de que faça parte é mais considerado o que traz maior commercio. Costumados ao estado de humilhação em que vivem, quando chegam á posição de negociar por sua conta, fora de suas terras, procuram sempre relações com os individuos de mais elevada posição nas terras por onde passam, e isto explica tambem em terras portuguezas a consideração que desejam de egual para egual, com os proprietarios dos estabelecimentos commerciaes.

Esta praxe mantem-se da parte do nosso commercio, pela conveniencia em se não perder a freguezia, e muitas vezes succede estar o proprietario, ou quem o representa, entretido com serviços que lhe são especiaes, inclusivè fazendo a correspondencia ou mesmo escripturação da casa, e deixar tudo para ir attender ao negociador que reclama a sua presença.

E d'isto se tira um bom partido, porque estabelecida uma larga margem para descontos nas transacções, ás vezes por uma troca de artigos, umas certas concessões, se compensam os beneficios que lhe proporcionava o empregado de balcão, e com que o negociador se não conformava.

A casa lucrou e o freguez ficou satisfeito, na supposição que ia muito mais bem servido, por ter feito o negocio com o dono do estabelecimento a quem se dirigia, e do que se ufana entre os seus, dizendo: — Fiz o negocio com o meu amigo.

Comnosco deu-se este caso:

Indo a caminho da Estação 24 de Julho, veiu ao nosso encontro o chefe de uma comitiva de Lundas que seguia para Malanje, com negocio, e apresentou-nos um bilhete do chefe da expedição allemã, que no-lo recommendava como *Cacuata* do Muatiânvua. Pedia o protegessemos no negocio que pretendia fazer, ficando á nossa disposição para nos acompanhar á mussumba, podendo os seus rapazes transportar alguma carga. O Cacuata, de quem teremos ainda de fallar, porque representa um papel no decorrer da nossa missão, chamava-se Tambu (Leão), e repetiu-nos o que o bilhete dizia.

Recommendámo-lo para Malanje, porém elle não quiz fazer negocio emquanto ahi não chegámos.

Procurou-nos depois para intervirmos em seu favor, dizendo-nos: —Vós representaes Muene Puto, eu represento Muatiânvua; nas nossas terras, quando um filho de Muene Puto quer fazer negocio, o Muatiânvua assiste para elle não ser roubado; venho pois rogar-vos para assistirdes ao negocio que estou fazendo da ponta de marfim que trouxe; eu vim recommendado a Muene Puto pelo seu filho *inguerês,* e por isso, sem a presença de Muene Puto não faço negocio, vou-me embora.

Lembrando-nos que a Expedição, protegendo esta comitiva, tinha a lucrar, pelo menos podia o Cacuata aplanar alguma difficuldade com carregadores, e mesmo ser-nos util no transito, fallámos ao negociante na casa de quem elle estava alojado e que sabia da insistencia do Cacuata, em fazer negocio com a Expedição e depois em que interviessemos, protegendo-o, na casa em que se resolvêra fazê-lo, o qual nos disse ficar satisfeito com a ponta, acceitando o dono tres peças de lei por cada libra de peso (peça equivalente a 8 jardas de algodão).

Tratei, pois, do ajuste com o Cacuata, offerecendo-lhe duas peças por cada libra de peso que tivesse o dente. Os empregados da casa todo o dia levaram em discussão com elle, não obstante a resolução do patrão, e acabou-se por nesse dia lhe darem sessenta e oito buzios, que representavam o peso em libras a que tinham chegadó.

No dia immediato a toda a pressa chamou-nos o Cacuata, participando que só lhe queriam dar trinta e quatro peças!

De facto sobre o balcão é o que estava, porém como o empregado realmente dizia que a pesagem tinha sido de 68 libras, e estavamos auctorisados pelo patrão a dar-lhe tres peças por cada libra, e haviamos contratado por duas, entendemos conveniente evitar polemicas, e apenas dissemos ao empregado do pagamento: —Vejo que o Sr. se enganou, porque em vez de multiplicar por 2 o numero de libras, que são os buzios que hontem lhe deu, dividiu, e por isso o homem se queixou com

rasão! — O empregado mostrou-se surprehendido, e sorriu-se, dizendo: — É verdade, onde eu tinha a cabeça! — E á minha vista se fez o pagamento integral.

Pediu o homem o *malufo de quitanda,* e como o pagamento auctorisado era de mais 68 peças, conseguimos se lhe dessem mais 6 peças, e ainda houve um lucro real, para o que o negociante offerecia, de 62 peças, fora o que elle já entendia lucrar pelo preço por que fazia sair do estabelecimento a sua fazenda.

O Cacuata ficou satisfeito, o negociante lucrou e o empregado na balança e nas equivalencias tambem não deixou de ganhar!

O interprete de que nos servimos para nos entendermos com o Cacuata, e que estava em ajuste comnosco para fazer parte da Expedição á Lunda, e a quem no ajuste das equivalencias tivemos de mandar indagar por ultimo, de uma nova queixa do Cacuata, disse-nos: — A differença era de uma peça, que o empregado tambem pagou; porém estes rapazes de Malanje não sabem fazer negocio com o gentio, elle hontem só devia ter accusado metade do peso que lhe dava a balança e dar-lhe os 68 buzios como peças a receber, e não como libras de pesagem.

É assim que nós fazemos no mato, porque a outra metade é para folga de presentes, mata-bichos e outros prejuizos.

Ouvindo tal declaração desesperámo-nos, e dissemos-lhe: — É por isso que se diz que o commercio foge da provincia; já sabiamos de tres modos de defraudarem esta pobre gente, e vocemecê ensina-nos agora mais um. Fez vocemecê parte de uma exploração allemã, e é por isto que Portugal é accusado pelos estrangeiros. Que culpa tem a nação que vocemecês se vangloriem de explorar os seus semelhantes, roubando-lhes o melhor do seu trabalho. Quando elles se dirigirem para os estabelecimentos estrangeiros, que na provincia se vão introduzindo, queixem-se então que isto está abandonado, que seus patrões já não fazem commercio e que só o caminho de ferro pode salvar a provincia! Os senhores indigenas afastam d'aqui o commercio, e para que querem o caminho de ferro? Se ten-

cionava ir na nossa companhia para a Lunda, nessa disposição escusa de ir, porque negocios que lá se façam hão de ser pagos religiosamente. Estiveram aqui seis mezes os allemães, e ainda aqui ficou um negociante vendo as falcatruas que vocemecês fazem, e nas notas d'elle não é o nome de seus patricios que se encontra, e sim o do commercio portuguez de Malanje.

— Diga-me, que culpa tem o dono d'aquella casa, que o empregado seu patricio tenha procurado arrancar ao Cacuata um certo numero de peças? Não era para o patrão que elle queria aquelle lucro, e, ámanhã o nome do patrão é que apparecia na bocca de todos.

MANUEL (DE QUIMBUNDO)
Carregador

Tem rasão, — nos diz elle — ; nós somos uns ignorantes e devemos ser desculpados.

— Pois como vocemecê entra no numero dos ignorantes, trate de procurar outra vida, que comnosco já não vae.

A proposito d'este caso diziamos nós ao Governo:

«É tudo falsidade, tudo fingimentos, tudo leviandades, para lhe não darmos outro nome, de que estão usando os indigenas que se intitulam empregados do commercio, e mesmo os europeus de reputação duvidosa, de quem os estabelecimentos commerciaes d'aqui teem de lançar mão para as suas casas filiaes, e mesmo para o balcão dos proprios estabelecimentos, á falta de melhor. É já habito inveterado cá nestes confins da provincia, e por isso não se estranhe que ámanhã se diga que o commercio é uma burla, em que todos os seus agentes porfiam em se tornar mais distinctos, compromettendo assim as firmas que nelles teem de confiar, porque já se assevera que o pouco negocio que o gentio traz, segue de prefe-

rencia para outros concelhos; sendo certo que as comitivas de Bângalas e Lundas que por aqui veem, por isso mesmo levam dias, e até semanas, antes de começarem a fazer transacções.

Acha-se agora nesta villa um commissionado de uma casa de Manchester, com o proposito de conhecer como se faz aqui o commercio; e é de crer que este individuo, quando regresse, e em virtude do que fica exposto, nem poupe mesmo a casa em que, durante mezes, tem tido uma franca hospitalidade; e assim como Cameron fez recair na Nação Portugueza o que achou de repugnante e odioso no preto Coimbra, porque este preto se lhe apresentou como cidadão portuguez, assim se procurará desacreditar o commercio portuguez, tomando-se os empregados ou serventes pelos patrões.»

.....

SILPHIUM TEREBINTHINACEUM (MULENDICA)

POVOAÇÃO DE ANDALA QUINGUANGUA

PROTESTO CONTRA AS INFORMAÇÕES DE WISSMANN

Jamais poderiamos suppor escrevendo o que deixâmos exposto, que seria o tenente Wissmann, quatro annos depois, que no livro em que dá conta da sua exploração, fizesse a mais injusta censura aos negociantes portuguezes de Malanje, que sem a mais pequena garantia por vezes lhe honraram os seus saques, ácerca dos quaes sempre se estabeleceram duvidas e delongas nos pagamentos.

O arrojado explorador, que pela segunda vez entrava no coração da Africa por Malanje, onde se demorou então seis mezes, mantendo as mais estreitas relações com os negociantes portuguezes, bem sabe que ha a distinguir no commercio os agentes ou aviados e caixeiros, dos negociantes ou seus representantes á testa dos estabelecimentos que ahi conheceu; e tambem, as medidas lineares e de peso estabelecidas por essas casas commerciaes em relação ás exigencias dos negociantes gentios, d'aquillo que se deve considerar burla ou logros usados por aquelles agentes.

Que importa ao gentio a denominação de jarda dada a uma medida que varia de $0^m,60$ a $1^m,30$, e de arroba a um peso que varia de 30 a 50 e mesmo 60 libras, se tudo é uma convenção de interesses reciprocos?

Comprehende o gentio que uma chita de superior qualidade, de 200, 300 ou 400 réis o metro se não pode transaccionar pela mesma quantidade de borracha que uma outra de inferior qualidade, de 70 a 150 réis o metro? E da mesma sorte os algodões e riscados? Conhece elle que a qualidade é melhor, que a largura é maior, que as côres e os padrões lhe agradam mais á vista, mas ignora o seu custo e os impostos aduaneiros que sobre esses artigos pesam; cobiçou-os e não quer pagar mais do que sempre pagou por igual quantidade de fazenda.

O illustrado explorador, que conhece perfeitamente o modo de negociar do gentio, ignora porventura que as bolas de borracha apresentadas actualmente por elles, tendo diminuido de volume, não diminuiram de peso, pelas impurezas com que as enchem?

E depois não devemos esquecer que não tratâmos de igual para igual, entre individuos civilisados, em que se fixa e se observa uma tabella de equivalencias para a transacção de productos; aqui tudo é muito variavel. Para o commerciante civilisado ha a attender nas transacções, em relação aos seus artigos — ás variações de fretes maritimos, dos transportes terrestres, ainda ás costas dos homens, impostos aduaneiros, camararios e outros; nos productos naturaes a negociar — aos preços nos mercados da Europa, e para lá chegarem, aos mesmos onus que tiveram os primeiros, e ainda o que é peor, a attender á qualidade d'esses generos e exigencias do gentio que os vende. O gentio porém só tem a attender á sua cobiça, porque imaginou que a sua carga lhe ha de dar um certo numero de artigos, e tudo quanto obtenha a mais são favores do seu amigo. Mas é preciso que se saiba que elle regula-se pelo numero de bolas de borracha e dimensões do marfim, e serve-se de artimanhas para augmentar o seu peso.

Como dissemos, tambem em principio nos impressionou desagradavelmente o modo por que se fazia negocio em Malanje; tudo nos parecia muito irregular, e o que considerámos burla e expoliações dos aviados e casas destacadas pelos caminhos no sertão, já fóra das vistas das nossas auctoridades, por algum tempo suppozemos ter a approvação do commercio; mas não é assim, vá a censura a quem a merece. Estes aviados e casas trabalham para interesse proprio; de commum com os estabelecimentos de Malanje só teem o serem seus devedores, e mesmo se alguma d'essas casas gira sob firma associada com a de um capitalista, este nada tem com a gerencia dos negocios.

Que as levas de gentio ou comitivas que trazem negocio do interior fujam d'estes aviados ou casas e venham a Malanje, perfeitamente de accordo com o explorador Wissmann, mas que fujam de Malanje, pelo mesmo motivo, para os concelhos mais a oeste, é um engano, foi mal informado, é desconhecer os usos antigos. As que seguem são geralmente as antigas comitivas, já afreguezadas em estabelecimentos de outros concelhos, ou pelos motivos que já expozemos, tratando do commercio de Malanje.

O illustre explorador devia dizer-nos a que chama commercio portuguez, para não confundir no seu embroglio os homens que lhe franquearam os seus estabelecimentos a toda a hora, e que sempre encontrou dispostos a auxiliarem-no nas duas epochas que foi a Malanje organisar as suas expedições para o seio do continente e lhe forneceram os creditos que levantou, sem garantias nem limites. De certo esses fornecimentos nem estiveram sujeitos á pesagem das taes balanças mancas, nem a medidas diversas das indicadas nas marcas.

O modo de pensar do arrojado viajante é que variou; então era o explorador scientifico que ia continuar a obra encetada na sua primeira e gloriosa travessia, e assim que chegou ao seu amigo Muquengue, como teve a noticia que o imaginario estado de Stanley se tornára uma realidade, offereceu-lhe pela sua parte as terras d'este potentado, que bem o recebia; era preciso tambem agradar-lhe dizendo mal do com-

mercio portuguez de Malanje, sem o qual nunca teria chegado ao Muquengue, nem a fazer ao Estado a cessão de territorios, como se fosse cousa sua, cessão de que os proprietarios não teem conhecimento, pois continuam vivendo na idea de que Muene Puto manda para lá seus filhos para negociarem, e que os barcos a vapor, que navegam nos seus rios, chegam das terras do Muene Puto para serviço d'elles.

Se os filhos de Angola que estão nas terras de Muquengue retirarem, quando as fontes de marfim e borracha se extinguirem, o que não tardará muito, então reconhecerá o Muquengue e os seus como foram illudidos com a administração benefica do Estado Independente!

O modesto e mui esclarecido explorador, Dr. Max Büchner, calculou que o lucrativo commercio de marfim e caoutchouc não podia durar mais que cincoenta annos, e que seria muito mais proficuo fazer trabalhar os indigenas nas plantações de baunilha, cacau, quina, etc. E nós vamos mais longe; os devoradores do Estado Independente, que já nem se dão ao trabalho de construir casas, e fazem o negocio mesmo a bordo dos seus vapores, consumirão estes productos em cinco annos, e com essa extincção cessará o seu philanthropico afan pelo aproveitamento das forças activas, que até então reconheciam no preto.

Depois repetirão o mesmo que muitos benemeritos exploradores africanos já disseram, que os pretos não são susceptiveis de passar o nivel da vida de tribu, e deixá-los-hão em uma situação muito mais desgraçada do que aquella em que os encontraram. Mas, quem sobreviver a esse abandono, verá o resto. A região central de Africa tem necessariamente de passar por uma grande transformação, e nós, Portuguezes, que assistimos impassiveis ao rapido caminhar para essa transformação, e que primeiro sentiremos o seu embate no oriente e no occidente, não contemos com o auxilio estranho para resistirmos ás incursões d'esses povos. Se taes incursões se realisarem, teremos de confiar nos proprios recursos, e com elles nos devemos ir preparando.

Mas deixemos este incidente, a que fomos levados pelo livro recente do explorador Wissmann, e não nos precipitemos em considerações que nos suggerem os acontecimentos além do Cuango. E como os documentos que em seguida transcrevemos dizem o bastante sobre os trabalhos da Expedição em Malanje, que possam não ter sido sufficientemente esclarecidos no texto, é tempo de encerrarmos este capitulo.

Officio do Chefe ao Ajudante da Expedição.

Ill.mo sr. — Participando-me V. S.ª na sua communicação recebida hontem 23, que em 30 do corrente, se achará prompto a partir com a primeira parte da Expedição para Quibutamêna, margem direita do Luí, onde projectei estabelecer a Estação Paiva de Andrada; e sendo certo que são o mais amigaveis possiveis as relações dos povos visinhos com a nossa Estação Ferreira do Amaral, e estando essa Estação concluida e preparada a receber o resto das cargas, e considerando sobretudo que é da maxima conveniencia transportar todas as nossas cargas o mais breve possivel e com a segurança com que o temos feito, até ao Cuango; realizei hontem mesmo os contractos com o pessoal indispensavel para transporte das ultimas cargas que chegaram de Cazengo e que seguem hoje com o empregado Augusto. Pelos contratos deve esta comitiva ahi chegar na manhã de 30, o mais tardar.

O empregado se, porventura, ainda encontrar algumas cargas na Estação 24 de Julho, leva instrucções para obter do Andala Quinguangua os carregadores necessarios para se fazer tambem acompanhar d'essa cargas e o empregado Machado que ali está, depois de entregue a Estação á pessoa por mim indicada, seguirá já para a que se vae construir na margem do Luí.

As cargas que d'aqui vão são trinta e seis, e entre ellas, achará V. S.ª quatro barracas de campanha que certamente lhe serão precisas.

A passagem do rio Luí, é de pequena importancia e fui informado que n'este tempo se atravessa muito bem a vau e por isso não lhe fará falta por ora o nosso barco, que irá na viagem seguinte.

Na Estação Paiva de Andrada aguardará o Sr. Ajudante a minha chegada, que espero não excederá quinze dias depois da sua entrada em Quibutamêna, porque acompanhando-me o Cacuata Tambu do Muatiânvua, parece-me já conveniente ir reconhecer o porto onde elle passou o Cuango, que diz ser alguns kilometros mais a sul do porto de Muêto Anguinbo do nosso primeiro projecto.

O empregado leva os medicamentos que o Sr. Ajudante requisitou e

tambem sal para os nossos contratados, mas por esta occasião lembro-lhe que este sal é das margens do Luí para onde vão, e esses homens têem direito ao pagamento das rações na especie corrente e não em generos, e se estes lhes tem sido fornecidos, foi na supposição de que os povos por onde têem transitado se recusavam a vender-lhe generos por não gostarem da nossa occupação como os novelleiros aqui fizeram apregoar sem fundamento, como hoje podemos affirmar, e ainda por suppormos que em alguns pontos não existiriam generos; porém agora o Sr. Ajudante, bem como eu, conhece que todas as nossas apprehensões estão completamente desvanecidas pela pratica, e que é mesmo bom que a nossa gente se costume a comprar sal aos vendilhões do Luí e com elles estabeleça mesmo relações de amisade para não nos temerem, e que saiba dar ao sal o devido valor para o pouparem alem do Cuango pois que só ás rações e mui escassas o poderão ter.

Os carregadores que d'aqui partem, vão pagos de vencimentos e rações até ao Luí, e por isso, caso não tenha podido arranjar todos os carregadores que lhe são indispensaveis, para a conducção das suas bagagens, rancho e outros artigos que tem de o acompanhar, fará substituir as cargas que levam pelas que julgar de mais urgente necessidade fazer já transportar.

O Sr. Ajudante não deixará de conhecer, quanto tem sido util o modo por que vamos avançando, ainda que lentamente; pois que alem dos povos já nos estimarem e se congratularem quando qualquer individuo da Expedição passa pelas suas povoações, tem havido a vantagem de não estarmos inactivos e de podermos dar cumprimento a uma parte importante da nossa missão, fazendo estudos que vão sendo remettidos ao Ministerio da Marinha e Ultramar, estabelecendo estações, como nos foi muito particularmente recommendado, nos pontos onde o commercio se não fazia senão entre indigenas, tornando-se as vizinhanças d'essas estações povoadas de gentios que vem do interior com negocio, constituindo ellas verdadeiros centros das suas transações. É de esperar que os gentios quando se convençam que não ha pensamento reservado de os hostilisar formem ahi centros de população importantes, o que por certo, será agradavel ao governo de Sua Magestade.

Cumprimos o que nos fora prescripto e os que depois de nós vierem, por certo nos imitarão.

Por ultimo só me resta mais uma vez lembrar ao Sr. Ajudante que o nosso empenho deve ser seguirmos sempre as instrucções que recebemos; e que bem com a nossa consciencia, o governo e o paiz jámais olvidarão os serviços que vamos prestando.

Malanje, 24 de julho de 1884. — Ill.mo sr. capitão M. S. d'Almeida Aguiar, ajudante da Expedição. = O chefe da Expedição, *Henrique de Carvalho.*

Ao Secretario da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Ill.mo e Ex.mo Sr.— Ao favor do nosso estimado consocio Custodio José de Sousa Machado, devo a inclusa copia de uma carta que seu irmão Saturnino lhe dirigiu das margens do Cuango e que me pareceu de todo o interesse para o archivo da nossa Sociedade; sendo de não menos importancia para a minha Expedição, pois que de algum modo influiu para alterar o itinerario que havia projectado seguir d'aqui para o interior do Continente.

Não me sendo possivel ser tão extenso quanto desejava, porque preciso terminar a minha correspondencia que deve ser expedida hoje mesmo para Loanda a fim de seguir para a metropole no paquete de 15 do proximo mez, limito-me a dizer a V. Ex.a e á Sociedade, que a S. Ex.a o ministro, justifico as rasões por que abandono o itinerario por Quimbundo, e faço seguir a nossa Expedição para o rio Cuango, pelo caminho percorrido pela expedição dos irmãos Machados & Lopes de Carvalho, no intuito de o assegurar ao commercio pelo menos emquanto os Bangâlas subordinados ao Jaga de Cassanje não entrem na ordem e se sujeitem á obediencia que devem á auctoridade por nós reconhecida.

De accordo com o referido consocio Custodio José de Sousa Machado, estamos estabelecendo n'esse caminho estações commerciaes e hospitaleiras.

Nós já montámos a primeira — 24 de Julho — em Andála Quinguangua a uns 60 kilometros a ENE. de Malanje e passados poucos dias espero se montará a segunda em Cafuxi junto ao rio Luhanda na vizinhança de Andála Quissúa, e uma comitiva de Machado, já seguiu com um seu delegado, a montar uma casa filial na margem direita do Cuango. As instrucções que o negociante Machado confiou ao gerente d'esse estabelecimento foram por mim enviadas por copia a S. Ex.a o ministro e estão elaboradas em harmonia com o que se recommenda nas minhas instrucções.

A Expedição allemã com a qual durante quinze dias, mantivemos aqui as mais cordiaes relações, e que chegára a Malanje ha seis mezes, foi recebida na nossa primeira Estação, onde viu já sessenta cargas em preparativo de marcha para o interior.

Vamos devagar, é verdade, mas parece-me ser este o systema mais seguro aproveitando-se bem os poucos carregadores que nos tem sido possivel arranjar.

Rogo a V. Ex.a, se digne apresentar os meus sinceros protestos de dedicação, á nossa Sociedade.

Deus Guarde a V. Ex.a Malanje, 29 de julho de 1884.— Ill.mo e Ex.mo Sr. secretario da Sociedade de Geographia de Lisboa. = O chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

A S. Ex.ª o Governador Geral da provincia de Angola.

.....

Em 24 de julho, fluctuava a nossa bandeira no logar em que se estava construindo a nossa primeira Estação em Andala Quinguangua e n'esse mesmo dia eu e o meu collega S. Marques fomos acompanhar o chefe da Expedição allemã o tenente Wissmann e o seu companheiro tenente Muller a Quipacassa, 12 kilometros distante de Malanje, onde o negociante Custodio Machado lhes offerecia um almoço de despedida.

Antes de partir, o tenente Wissmann repetiu com insistencia o pedido que já na vespera me havia feito de o desculpar para com V. Ex.ª pela falta que commettêra em não ter particularmente e em nome da Expedição, agradecido a V. Ex.ª os muitos obsequios que lhe foram dispensados n'esta provincia por todas as auctoridades e habitantes com quem mantivera relações, rogando não me esquecesse de mencionar particularmente o nome de V. Ex.ª e tambem o do chefe d'este concelho o capitão N. V. Breyner pois que á efficaz protecção e auxilios que encontrára, devia o bom acolhimento da sua expedição e á sua muita influencia o poder partir sem encontrar outras difficuldades que não fossem as já por elle conhecidas da indolencia dos trezentos carregadores que conseguíra contratar.

Permitta pois V. Ex.ª que, aproveitando a opportunidade do correio, antes de tudo procure desobrigar-me d'este compromisso, com que me congratulo por ser testemunha, que uma vez os estrangeiros se mostram reconhecidos aos favores recebidos das auctoridades portuguezas nas nossas colonias.

Na Estação portugueza em Andála Quinguangua, que se denomina 24 de Julho, almoçou e jantou no dia 30 o chefe da Expedição allemã, e a sua opinião com respeito á construcção conhece-a V. Ex.ª pela copia do bilhete que elle me escreveu.

N'esta data já ali estão depositadas 60 cargas que devem seguir para o interior, alem do rancho para consumo do pessoal e fornecimentos para um empregado interino.

Espero no dia 8 seguir para ali para acompanhar a secção do commando do Ajudante a Cafuxi em terras de Andála Quissúa para, junto á margem do rio Luhanda, se estabelecer a segunda nova estação que se denominará — Ferreira do Amaral. Desculpe V. Ex.ª que a Expedição ao deixar a primeira sob o seu benefico governo, para se internar no Continente, preste assim homenagem e um tributo de reconhecimento ao benemerito governador, que exerceu toda a sua influencia para que nos concelhos por onde a Expedição transitou, os seus chefes não hesitassem um só momento, em lhe prestar todo o auxilio necessario para ella seguir ao seu destino.

Removidas todas as cargas para a nova Estação, será entregue a denominada 24 de Julho á pessoa idonea que a queira aproveitar para estabelecimento commercial avançando o ajudante a estabelecer uma terceira na margem do Luí, e durante este tempo de certo na margem do Cuango, um empregado do negociante C. Machado, terá já construida uma casa para o seu estabelecimento, com um quarto destinado a receber viajantes.

É já, na margem direita do Cuango, em terras do Capenda Camulemba que será construida a nossa quarta Estação, muito mais espaçosa que as anteriores, porque ahi se ha de reunir toda a Expedição durante algum tempo, não só para fazer estudos que lhe são indispensaveis, como modificar as cargas em relação ao seu peso, arranjar carregadores para seguir pelo menos até terras já occupadas por povos do Muatiânvua, tendo porém em attenção a epocha das chuvas.

Estabelecida esta linha de estações e sendo ellas occupadas devidamente, teremos segura a nossa communicação com Malanje e garantido ao commercio um porto no Cuango, o que era uma necessidade impreterivel que V. Ex.ª não desconhece.

Até hoje, não sei se da metropole vieram para a Expedição alguns volumes do commercio do Porto e encommendas que se fizeram para o seu serviço.

Em todo o caso o que possa vir, ser-nos-ha remettido pelo negociante Machado até ao Cuango.

Está concluido o pombal e os pombos já têem tido alguns ensaios no serviço de correios, mas por emquanto a pequenas distancias.

Ainda me não foi possivel visitar a Colonia Esperança, mas tenciono lá ir brevemente por serem esses os desejos do chefe e então farei um *croquis* do meu reconhecimento e a V. Ex.ª darei conta das minhas impressões sobre tão util estabelecimento.

Deus guarde a V. Ex.ª Malanje, 3 de agosto de 1884.—Ill.mo e Ex.mo Sr. conselheiro governador geral de Angola. = O Chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Ao Secretario da Sociedade de Geographia Commercial do Porto.

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Em vesperas de partida, julgo do meu dever aproveitar a opportunidade do correio para enviar mais alguns esclarecimentos a V. Ex.ª com respeito ao commercio n'estas paragens, que, na verdade, tem muito a estudar por ser especial o que tenho observado e que se não coaduna com o meu modo de pensar.

As fazendas que vogam são o riscado azul em branco de 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidade; sendo aqui vendido a 3$000, 2$500 e 1$500 réis a peça. Vem

já das fabricas, pelos pedidos que se fazem, dobradas de modo que as dobras (beirames) não correspondem ás medidas que se indicam. Assim, diz-se que uma peça (2.ª) tem 9 beirames, cada beirame 2 jardas; devia, portanto, ter 18 jardas, mas apenas tem, quando tem, 12 jardas.

Os algodões são tambem de 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidade e ainda n'estes ha distincção de largo e estreito, e o seu preço varia de 1$300 a 3$500 réis. N'estes, ha peças (a maior parte) que indicam ter 40 jardas; muitas nem têem 30. Ha-as tambem de 18 dobradas em 24.

As chitas são classificadas em finas e de negocio; adamascadas e riscadas com cores vivas, que variam em preço, por peça, de 2$250 a 5$000 réis.

Vende-se tambem riscado anilado (de que os pretos gostam) a 4$000 réis a peça.

D'estas fazendas, em geral, raras são as que se podem chamar boas, e o mau tecido sustenta-se por algumas semanas, devido a uma especie de gomma, que cáe em pó. Se a fazenda vae a lavar, fica uma rodilha, se não uma rêde, o que o gentio já reconhece e por isso rejcita-a.

Um commissionado ou agente de uma associação ou nova casa, que viesse informar-se do negocio, qualidade de fazendas que se adoptam, e procurasse reformar este systema e não illudir o comprador, prestaria um bom serviço ao nosso commercio e industria, que parecem inclinados a querer alargar as suas transacções em Africa.

O que se está praticando actualmente afugenta o negocio do interior, e ainda ha dias tive eu de intervir em favor de um Caquata do Muataiânvua, que segue na minha companhia para a Lunda, a fim de o não enganarem, como já se estava fazendo, tanto nos pesos e balanças, como nos pagamentos.

Com a exploração allemã aqui esteve um commissionado de commercio, tambem allemão, Burgmastter, por conta de uma casa de Manchester, a informar-se do negocio, e quasi posso affiançar, que depois de dizerem mal de nós, em breve para aqui mandarão uma ou mais agencias d'esta casa.

Eu informo devidamente o governo sobre este assumpto, mas os homens de patriotismo podem, emquanto é tempo, antecedel-os e evitarem a concorrencia, que mais tarde nos ha de ser prejudicial.

O gentio foge já de quem o engana e prefere augmentar a sua viagem com a carga ás costas, percorrendo mais 60 leguas até Loanda, onde encontra melhoras fazendas e mais equidade, a transaccionar o negocio aqui.

Isto é bem mau.

As armas lazarinas, de pau pintado a vermelho, de pederneira, que ahi custam 600 réis, vendem-se a 3$500 e nas equivalencias por fazenda dá-se-lhes sempre um valor superior.

Os barretes de lã, cintas vermelhas, chapellinhos de sol de panninho carmezim, espelhos, guisos, tachos, facas, etc., são para presentes a quem faz negocio, porém no ajuste de contas ficam mais que pagos.

Os barris de polvora, feitos *à propos,* de madeira grossa, não tendo uma libra de polvora custam aqui 900 réis e são passados por duas libras por causa do peso da madeira.

Mas para que todos estes embustes, estes enganos, e estes presentes que o gentio paga sem o saber. Os mais experimentados hoje exigem sempre mais, por desconfiarem (e com rasão) que são elles os prejudicados?

Ha pouco disse-me um interprete, que tem viajado muito na Lunda, que os negocios com o gentio são feitos de modo a dar-se metade do que se offerece por qualquer genero, para que a outra dê bastante folga aos pedidos que elle faz, fechado o negocio! Já vê pois, V. Ex.ª, que alem de todos os enganos, ainda ha depois este recurso final para que o genero comprado fique pelo menos 50 por cento mais barato do que o preço pelo qual se ha de vender na Europa.

As equivalencias nas permutações de fazendas por quaesquer artigos do mesmo estabelecimento, fal-as o commercio pelo preço das facturas e o mais que póde alcançar-se na occasião da permutação. É mais esperto o que mais interessa na permutação.

Parece-me, pois, que havendo melhor qualidade de fazendas, medidas e fracções exactas, variedade e novidade de artigos e até novos padrões nas fazendas, tudo deve ser muito apreciado pelo gentio e attrahir o commercio do interior que, repito, já nos vae fugindo.

Devo, porém, fazer sciente a V. Ex.ª que, se o Porto quizer para aqui dirigir o seu negocio, ao primitivo custo dos artigos, tem de augmentar, alem de direitos e fretes em Loanda, mais 10 réis por kilo no frete até ao Dondo e d'ahi em diante 20 réis por kilometro em cada 80 a 90 libras de carga. É a media dos preços por que tem ficado os transportes das cargas da Expedição.

Os transportes realmente oneram muito o custo dos artigos, mas, repare V. Ex.ª, não é tanto como se diz e queira comparar com o que se dá na Europa.

D'aqui á Mussumba de Muatiânvua, regula a distancia por pouco mais de 1:000 kilometros e o custo de uma carga d'aquellas está ajustada por 17$500 réis, e isto porque os pagamentos são feitos em fazendas aqui compradas. Póde-se, pois, dizer que é caro? Eu não sei por quanto lá se levaria uma carga igual empregando uma besta muar, se isso fosse possivel.

Emfim, a Associação Commercial do Porto reflectirá sobre estes esclarecimentos e resolverá com respeito ao assumpto como entender, certa de que muito folgarei que possa aproveitar-se o que lhe communico para o

desenvolvimento das transações do commercio da cidade do Porto em Africa.

.....

Deus guarde a V. Ex.ª Malange, 3 de agosto de 1884.—Ill.mo e Ex.mo Sr. Secretario da Sociedade de Geographia Commercial do Porto.=O Chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

A S. Ex.ª o Ministro dos Negocios da Marinha e Ultramar.

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Já tive a satisfação de communicar a V. Ex.ª, que estava montada em Andala Quinguangua, a nossa primeira estação commercial e hospitaleira e que esta, se denominou: 24 de Julho, pela coincidencia feliz de ser n'este dia que, no logar que para ella fôra designado pelo potentado da localidade, se arvorou pela primeira vez e com geral aprazimento dos povos indigenas, a bandeira portugueza.

Informado pelo meu ajudante, que a Estação estava prompta a funccionar e que havia toda a conveniencia em occupal-a, aproveitando-se as boas relações que a secção sob seu commando, tinha mantido com os povos vizinhos e tambem de que por ali passavam comitivas de commercio, consegui que o negociante Narciso Antonio Paschoal para lá enviasse um empregado com commercio, logo que a Expedição tivesse feito remover todas as suas cargas para a nova Estação que ía estabelecer na vizinhança do Jaga Andala Quissúa.

A Expedição já tinha entretido com este Jaga, correspondencia sobre esse intento e não se offereciam duvidas sobre tal estabelecimento; por isso se contrataram carregadores para o transporte das cargas e como não fosse possivel arranjar todos os necessarios, lembrou-me que talvez o Jaga que dispõe de muitos povos, não só os conseguisse para esta mudança mas ainda para a Mussumba de Muatianvua, porque pelos boatos que correm, *de que os Bângalas pretendem oppor-se á passagem da Expedição e do Muatiânvua mandar matar os carregadores que commetterem alguma falta*—vejo que não me ser possivel, aqui, obter mais do que os vinte que já estão contratados.

O ajudante, com os carregadores de que lhe era possivel dispor, preparára-se com o que lhe era mais indispensavel, e eu segui d'aqui ao seu encontro com trinta cargas para a nova Estação, e um empregado africano que tinha mandado para á Estação 24 de Julho, ficou ahi tomando conta das cargas que não podiam seguir.

Em tres dias conseguimos vencer a distancia que os allemães transpozeram em seis, mas no ultimo dia apesar de menor marcha, foi esta muito mais fatigante e fastidiosa por termos de descer a valles de alguma profundidade.

Chegados á planicie de Cafuxi que é rodeada de bellas e elevadas montanhas e serras todas cobertas de copados arvoredos, apparece-nos Andala Maguita, potentado nas povoações a NE. e da parte do Jaga nos disse que estavam preparadas tres boas cubatas para nos hospedarmos.

Como estas povoações ficassem distantes do rio e da residencia do Jaga, preferimos ficar a NO. no extremo de uma povoação pequena que pertence a um potentado de menor graduação, Séquitari, á margem do rio Luhanda.

Este potentado não obstante não estar prevenido por Andala Quissúa, mandou limpar immediatamente duas boas cubatas para descansarmos, emquanto não combinavamos com o Jaga onde queriamos fabricar a nossa casa.

Mandei participar ao Jaga que tinhamos ali chegado, que agradeciamos a boa hospitalidade que nos mandára dar na povoação Andála Maquita mas preferiamos ficar na de Séquitari por estar-mos mais proximo d'elle e do rio, e que esperava elle désse as suas ordens n'este sentido.

Immediatamente apparece o seu *muzumbo* (interprete), dando-me conhecimento que o Jaga já havia escripto ao meu ajudante, mostrando-lhe que não podia saír da sua residencia por estar velho e muito doente das pernas, sendo o motivo porque não vinha elle proprio comprimentar-me; que os filhos de Sua Magestade eram sempre bem vindos ás suas terras e dava ordem a Séquitari para que fossem satisfeitos os meus desejos. Agradeci, dizendo que de tarde iria visital-o.

Ás tres horas da tarde, eu e o ajudante, fomos até lá, fazendo-nos acompanhar de homens que levavam os presentes que lhe destináramos.

Passámos o rio e á medida que nos approximâmos da serra, que ficava distante da povoação uns 400 metros, surprehendeu-nos a ascensão que tinhamos a tentar pela aspereza do declive e irregularidades do piso esburacado e embaraçado por raizes de arvores a descoberto, chegando a convencer-nos que devia haver outro caminho, apesar do guia nos dizer ser este o unico.

Era uma subida por vezes quasi na prumada, mas ainda assim a nossa surpreza foi excedida quando vencida a primeira altura apoz um trajecto de 200 metros n'um planalto, vimos uma outra para vencermos e ainda uma terceira e quarta, posto que, estas com inclinações muito mais rasoaveis. Calculo que nos elevámos a mais de 200 metros. O panorama com que deparámos nos quadrantes de N. a S. pelo leste era realmente soberbo, o horizonte é immenso e d'aqui se vêem as campinas e serras que se desenvolvem alem do Cuango e descortina-se parte das povoações de Cassanje. Terei occasião d'aqui voltar e farei o *croquis* d'este panorama digno de descripção, mas que V. Ex.ª decerto me dispensa de fazer n'esta occasião.

Chegados á residencia do Jaga, mandou este logo collocar duas cadeiras á sombra de uma grande arvore na frente da sua porta, onde tambem o foram sentar entre almofadões sobre um certo numero de esteiras, que ahi collocaram os seus servos ao chegarmos, dizendo elle logo quando appareceu, que nos recebia aqui, para nos poupar o descalçarmo-nos ao entrar na sua habitação, como é o uso no paiz.

Este velho Jaga é o que foi preso em 1850 pela expedição militar do commando do major Francisco Salles Ferreira, em consequencia de ter sido assassinado em suas terras o capitão dos Movcis, chefe de divisão, Simão Rodrigues da Cruz.

Elle, como se provou mais tarde, em cousa alguma concorrera para tal assassinato, porém fugira, quando aquella expedição se approximava da sua residencia e isso deu logar a que o referido major o considerasse rebelde e deposto e nomeasse logo outro para o substituir.

No mesmo anno, quando o major Salles voltou com nova expedição para então castigar o Jaga rebelde Anbumba de Cassanje, foram encontral-o no seu exilio e não obstante elle pedir que o deixassem viver socegado o resto de seus dias e na obdiencia do Jaga, que estava occupando o seu logar; o major desconfiado de tanta humildade, por quanto estava informado que elle tinha um grande partido e mais tarde se estabeleceriam conflictos com o Jaga por elle confirmado; fel-o prender e á comitiva que o acompanhava e a ferros o conduziram para a cadeia de Loanda, onde o velho jazeu alguns annos.

Um dos nossos governadores, creio que o fallecido visconde de Sergio, dias depois de tomar posse do governo, condoeu-se do pobre velho que ali estava sem processo e mandou pol-o em liberdade, certamente aconselhando-o para que vivesse bem comnosco, porém não lhe occorrendo a conveniencia de o avassallar provavelmente por não suppor que elle voltasse a occupar o seu antigo cargo.

Mas não succedeu assim, os velhos macotas entenderam ter o velho Jaga soffrido muito, estando innocente e de novo o elegeram, e elle certamente, á cautella, veiu estabelecer-se no alto da serra a que com tanta difficuldade trepámos.

Não será muito facil a tropas regulares, dar um assalto e aprisionar a sua povoação; primeiro, porque de longe a previniriam por meio de instrumentos de pancada de que darei conhecimento e, feita a prevenção, com facilidade resistiria a sua gente pois não lhe faltam recursos para se manterem por muito tempo e no emtanto talvez repellissem os atacantes; em segundo logar porque conseguindo estes approximar-se, as difficuldades do terreno lhes dariam tempo a refugiarem-se pelas terras não avassalladas de noroeste.

A recepção que nos fez o Jaga e os seus macotas que o foram rodeando não deixava de nos interessar pela novidade, mas limito-me por

agora ao essencial. O velho Andala Quissúa depois de nos apertar a mão e puchar-nos a si para nos abraçar, agradeceu-nos a visita e muito mais o presente que lhe demos, como signal de boa amisade que constava de: 2 peças de chita, 1 de zuarte, 2 barris de polvora, 1 garrafão de aguardente e uma bandeira portugueza; narrou a sua historia e o castigo que soffrêra por um filho seu, malvado, o ter compromettido; e terminou aconselhando os que o cercavam a que vivessem sempre em harmonia com os filhos de Muene Puto, que não consentissem que os seus povos levantassem conflictos com elles, e que soubessem aproveitar esta occasião em fazerem bons negocios, com a casa de Muene Puto que se ia estabelecer nas suas terras, para que viessem outras e fossem então felizes. Elle já estava velho, não podia gosar d'essa felicidade, mas lembrava-lhes a desgraça que caiu sobre as terras, por causa do Cassanje que se quiz revoltar contra os soldados de Muene Puto, etc.

Disse-lhe eu que lhe dava aquella bandeira, que elle bem conhecia, porque tendo de collocar uma num grande mastro em frente da casa que ia fazer, tambem elle devia estimar ter uma na sua residencia, porque era amigo e um bom vassallo de Muene Puto; mas a casa que ia fazer-se, precisava ter paredes barreadas para durar mais tempo que as de capim.

De certo, responde o velho, quero a bandeira de Muene Puto na minha habitação, porque é signal que me quer bem; e emquanto á sua casa, os senhores são brancos e eu sei os costumes, podem barrear as paredes, nós é que não podêmos.

Havia-me prevenido com a bandeira, porque tive o presentimento que em elle vendo a nossa havia de ambicionar uma, e isto porque no meu trajecto em Quissúa, encontrei dois sobas do Jaga, que eram acompanhados de força armada para uma guerra em Angola Luiji e a ultima levava uma bandeira de chita de ramagem.

Estes sobas, por mim interrogados sobre aquelle apparato bellico, responderam: que tendo morrido Quifucussa, o seu povo por suggestões de um tal Ambumba, elegêra para seu logar um protegido d'este, e Andala Quissúa, que não desiste de seus direitos de nomeação, mandava-os guerrear e dar o Estado a quem pertencia.

Tanto este Ambumba como Anganga Anzamba e outros, consideram-se portuguezes e desligados de Andala Quissúa e por isso pouco se importam com taes guerras, e é certo que um chefe de divisão com 10 soldados Moveis foi o sufficiente para convencer as taes forças que deviam retirar, porque o novo Quifucussa já estava confirmado pela auctoridade portugueza em Malange.

Quando desenrolei a bandeira para elle ver, inclinou-se todo para deante, tocando com as mãos na terra, levou-as ao peito e bateu em seguida tres vezes uma na outra, o que obrigou a todos os presentes a rojarem-se no chão e a imitá-lo.

Despedindo-nos d'elle pediu-me se lhe mandava um remedio bom para lhe tirar as dores que estava soffrendo nas pernas, e na supposição de que seria rheumatismo fiquei de lh'o mandar de Malange.

N'esse mesmo dia com o meu ajudante, se escolheu o local para a Estação, a que se deu principio na manhã seguinte, e tendo logo ahi collocado um mastro com a nossa bandeira, deu-se á futura estação o nome de — Ferreira do Amaral.

Estavamos a 15 de agosto, e em Loanda nesse dia, todos prestam homenagem á memoria do grande feito do valoroso general Salvador Correia que libertou a cidade do jugo dos Hollandezes; tambem nós aqui, lembrando-nos das grandes festas em Loanda, estavamos prestando a nossa homenagem em nome da Expedição portugueza, ao actual governador de Angola.

Aqui nos confins do dominio, a leste da provincia sob a feliz administração do conselheiro Ferreira do Amaral, era justo que a Expedição, deixando um monumento de sua passagem para o interior, consignasse nelle o reconhecimento que devia ao benemerito governador.

Neste mesmo dia Andala Quissúa, mandou avisar todos os seus sobas que eu contratava carregadores para a Musumba do Muatiânvua até a numero de duzentos e cincoenta, e além d'isso carregadores para irem a Malanje e Andala Quinguangua, buscar cargas para a casa que ia fazer-se em Cafuxi; e mandando me parte d'esta resolução lembrava-me o seu pedido de *milingo* (remedio) para as pernas.

O meu regresso a Malanje foi o mais rapido possivel; partindo ás sete horas da manhã, ás quatro da tarde chegava á Estação 24 de Julho, depois de um percurso de 48 kilometros em rede, e no dia seguinte 16, entrava em Malanje ás seis horas da tarde, tendo ido de Catála ao Anzaje, Chissa, Angio, Quissole e Anjinji, onde me demorei hora e meia em casa de Narcizo Antonio Paschoal.

Em Malanje, encontrei bastante doente o meu collega S. Marques, soffrendo já havia tres dias em resultado de excesso de trabalho que tivera no matto, exposto ao sol ardentissimo colleccionando exemplares da flora que lhe pareceram de mais interesse para a sciencia.

Animado pela companhia e medicando-se devidamente, foi-se restabelecendo felizmente, e tres dias depois era eu atacado de uma gastroenterite, com febre e rheumatismo, que me obrigou a estar de cama alguns dias e ainda hoje me sinto bastante debilitado.

Apesar d'estes meus incommodos, o que mais me tem contrariado, é não apparecerem carregadores para a Mussumba, no emtanto vou empregando todos os meus esforços para fazer seguir todas as cargas para a Estação Ferreira do Amaral com gente de diversas proveniencias, pois para esse serviço já os de Andala Quinguangua, de Andala Quissúa, do Lombe e do Sanza, apparecem.

Envio nesta data, dirigidos ao Ministerio do ultramar, alguns caixotes com collecções sendo um d'elles destinado para o Museu Colonial, onde vão productos d'esta região, como trigo, arroz, café silvestre e outros, tudo de excellente qualidade.

A cultura do trigo, foi apenas um ensaio de C. Machado; lançára na terra uma onça de semente d'este cereal e fez uma colheita de 30 kilogrammas de esplendida qualidade.

Tambem vão dois volumes especiaes de plantas devidamente etiquetadas, um dirigido ao Ex.mo Sr. conde de Ficalho e outro ao sr. Dr. Julio Henriques, de Coimbra, segundo as suas indicações e conselhos.

A respeito da dedicação do meu collega para este genero de trabalhos, eu tive occasião de informar V. Ex.a da sua valia e por isso limito-me agora a solicitar a V. Ex.a se digne dar as suas ordens para que os volumes de collecções e correspondentes catalogos que as acompanham, bem como os mappas das observações meteorologicas sejam enviados aos directores dos estabelecimentos scientificos a que se destinam.

. . . . . .

Deus guarde a V. Ex.a, Malanje, 22 de agosto de 1884.—Ill.mo e Ex.mo Sr. conselheiro ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar. = O chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

A S. Ex.a o Governador Geral de Angola.

Ill.mo e Ex.mo sr.—Regressando a Malanje, depois de ter visitado os sobas que se comprometteram a apresentar carregadores para eu os contratar para a Lunda, e logo que se me offereceu ensejo, diriji-me á colonia Esperança e não o partecipei logo a V. Ex.a por ter de enviar a inclusa communicação ao Ministerio, pela leitura da qual V. Ex.a ficará sciente do meu modo de pensar sobre tão util instituição, escolha da localidade para seu estabelecimento e forma por que se encontram alojados os colonos.

Ahi deixo eu bem consignado o meu modo de ver sobre o estabelecimento e sobre os trabalhos iniciados; porém a V. Ex.a devo dizer agora, que o chefe da colonia de bom grado se prestou a acompanhar-me a todos os pontos onde se faz sentir já o trabalho dos colonos, e levou a sua delicadeza a pedir a minha opinião sobre o projecto, em vista de preferir para as novas culturas as terras baixas juntas ao rio Cuiji entre os rios Vula Angonbe e Sunza, o que me parece acertado. Junto ao rio Cuiji para plantações de canna e áquem para trigo e centeio.

N'estas, a dois metros de profundidade, encontra-se sempre agua e uma bomba artesiana indicará onde devem abrir-se poços a determinadas distancias.

Tambem o chefe me desejou ouvir sobre a canalisação do Cuiji para o centro das habitações, e como me tivesse feito acompanhar de um aneroide, facil me foi satisfazer ao seu pedido.

Das habitações ao Cuiji e no rumo S. já está feita uma larga estrada de 1:500 metros de extensão, accessivel a carros tirados por bois, onde se faz a conducção de barris de agua. A differença de nivel é de 21m,50.

Ora, para tal differença e n'esta pequena extensão, creia V. Ex.ª que os motores Halliday para moinhos de vento, importam, com a tubagem precisa, em quantia inferior á despeza a fazer com a canalisação que nunca pode ser obra boa, como V. Ex.ª não desconhece.

Um deposito de ferro no centro da povoação, que se diz provisoria, e os tubos, mesmo á superficie do solo, ao lado da estrada, seria o bastante; havendo a vantagem de se mudarem quando se queira e leval-os mesmo a irrigar os terrenos que se pretenda, por meio de mangueiras.

Os rios Vula Angonbe e o Sunza, nas proximidades da colonia, encontrei-os já seccos e por isso verá V. Ex.ª, que o que proponho é vantajoso e economico.

Quando regressei da colonia, participaram-me ter aqui passado uma embaixada de Cassanje, recommendada ao chefe e que se dirigia a Loanda a comprimentar V. Ex.ª, e logo se espalhou que ella tinha por fim pedir a V. Ex.ª para impedir que a nossa Expedição fosse á Lunda, pois receavam os de Cassanje, que ella tivesse em vista promover uma guerra dos povos do Muatiânvua contra os Bângalas. Procurei logo o chefe do concelho, que teve a attenção de me mostrar as correspondencias do chefe do Cassanje a tal respeito e de que V. Ex.ª terá conhecimento, e esta minha noticia apenas serve para prevenir a V. Ex.ª sobre boatos menos verdadeiros que venham a propalar-se.

Do chefe do concelho solicitei se dignasse enviar a V. Ex.ª os volumes das colleções que a Expedição remette para o Ministerio do ultramar.

Deus guarde a V. Ex.ª Malanje, 30 de agosto de 1884.— Ill.mo e Ex.mo Sr. conselheiro, governador geral da provincia de Angola.= O Chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Da Secretaria do Governo de Angola ao Chefe da Expedição.

...Sr.— Em resposta ao officio de V. datado de 4 do corrente, incumbe-me S. Ex.ª o governador geral, de dizer a V. que é com muitissimo prazer que vê a maneira habil por que vae a Expedição satisfazendo aos preceitos que constam das instrucções recebidas do governo de Sua Magestade e que muito agradece a consideração havida com o seu nome, no baptismo de uma das estações fundadas pela missão, a qual

representa por parte de V. uma generosa attenção que se esforçará por merecer, prestando á missão ainda de longe, todo o auxilio que em suas forças caiba como é do seu dever e são as instrucções do referido governo.

O mesmo Ex.mo Sr. mais me incumbe de dizer a V. que seria conveniente que o tenente Wissemann escrevesse o agradecimento a que V. se refere no citado officio, para poder documentar para a metropole, que tendo recebido instrucções para auxiliar à expedição allemã, as tinha comprido a contento d'esta. Se não for porém possivel obter esta declaração escripta, ficará o testemunho da missão portugueza para certificá-lo, comprehendendo-se todo o alcance do escripto a que me refiro.

Deus guarde a V. Secretaria do Governo geral em Loanda, 22 de agosto de 1884.— Ao... Sr. Chefe da Expedição ao Muatiânvua = *Alberto Carlos d'Eça de Queiroz*, Secretario Geral.

Carta do negociante Custodio José de Sousa Machado ao Chefe da Expedição.

Tendo-me V. demonstrado os bons desejos que a benemerita Sociedade de Geographia Commercial do Porto tem em desenvolver o commercio d'aquella cidade por estas paragens, verdadeiros centros de producção e de consumo, venho satisfazer, ainda que imperfeitamente, mas tanto quanto o permittem as minhas acanhadas forças, ao pedido de V. Ex.ª remettendo-lhe as amostras com as indicações que deseja. Eu, patriota humilde e sem voz auctorisada para poder emittir a minha opinião sobre tão importante assumpto, mas fundado na experiencia com que me auctorisa a *bagatella* de vinte annos de residencia effectiva nestas paragens, estimaria muito que o commercio e a industria portuense viessem com os seus productos concorrer vantajosamente com os da industria estrangeira, que nós importamos por intermedio de alguns monopolistas do commercio e da navegação colonial, parecendo-me ser isto bem facil ao genio laborioso e activo dos habitantes da cidade invicta e, sobretudo no que respeita á industria algodoeira, fabricando tecidos iguaes aos que importamos de Manchester e com os quaes fazemos a permutação por generos coloniaes com o gentio; porque, tendo a metropole, como tem, a materia prima que importa das colonias, de desejar era que muito mais de 3.000:000$000 réis que Angola importa annualmente de taes tecidos, ficassem no paiz, alimentando a nossa população industrial, evitando d'est'arte que, milhares de nossos compatriotas fossem obrigados a abandonar a sua patria, levando para o estrangeiro a sua intelligente actividade por falta de applicação d'ella no seu paiz. Ora isto é profundamente triste, mas verdadeiro.

Mas o que eu acabo de expor, agora mais do que nunca se justificaria, se a esses monopolistas que tanto teem enriquecido á custa dos pesados sacrificios a que tem subordinado o commercio e a navegação colonial, lhes girasse nas veias o puro sangue portuguez. Mas não succede assim, e, em vez de educar e alimentar a nossa população com industrias, cujos productos teem neste illimitado paiz tão largo consumo, preferem antes animar a industria e o commercio estrangeiro, servindo apenas de seus intermediarios, para nos venderem essas mercadorias depois de haverem tirado d'ellas um fabuloso lucro, alem da commissão, que se lhes paga por tal serviço! E o estrangeiro, ao contrario do que faz qualquer commerciante, que deseja vender as mercadorias que tem no estabelecimento, fazendo todas as vontades e acarinhando quanto possivel o freguez e muito especialmente quando elle é certo e nos paga pontual e honradamente o que nos compra, elles, os estrangeiros, desdenhando e ridiculisando a tolice portugueza — por lhe irmos comprar o que nós podiamos ter tão bom ou melhor em nossa casa, — manifestam a sua gratidão para comnosco, insultando-nos e injuriando-nos, oppondo-se com tenacidade infrene á occupação do que é nosso — como o fizeram as camaras de commercio, os Brights e quejandos em pleno parlamento inglez! E nem com tudo isto os inimigos da patria e das colonias, que não são outros senão os monopolistas do commercio e da navegação colonial, longe de se sentirem, pelo amor da patria, de taes infamias, continuam a procurar-lhes — e talvez ainda em maior escala, — os productos da sua industria, em vez de tirarem uma desforra pacifica e muito honrosa, como era a de fundarem estabelecimentos fabris no paiz!

Eu, em face d'isto, até creio, meu bom amigo, que já os estrangeiros nos olham com o maximo desprezo pela pobreza de sentimentos patrioticos que os portuguezes lhes patenteam.

Desculpe, meu bom amigo, a rude linguagem com que me exprimo, e, se ella provocou em V. Ex.ª o seu desagrado, espero que se dignará relevar-me d'essa falta, se falta commette quem tem a consciencia de sómente dizer a verdade.

De v. , etc. = *Custodio J. de Sousa Machado.*

Lista das mercadorias que mais convem para os mercados do interior d'esta parte da Africa, por ser com ellas que se fazem as permutações de cera, borracha e marfim, com os povos gentilicos.

Tecidos

N.º 1 — É o riscado americano chamado de 2.ª D'antes, eram as peças d'este riscado de 18 jardas e de 24 pollegadas de largura; porém a am-

bição mercantil, estabelecendo a competencia entre collegas, diligenciando cada um permutar mais, vendendo mais barato, levou-os a fazerem encommendas para as fabricas com menos jardas e menos largura, vindo a peça dobrada no mesmo numero de dobras que tinha quando trazia a medida de 18 jardas. Escusado será dizer que o primeiro que fez uso d'esta esperteza d'ella tirou a maxima vantagem. Hoje vem já d'esse riscado com 12 jardas e 18 ou 20 pollegadas de largura.

N'esta qualidade de riscado ha um variado numero de padrões. Eu simplesmente apresento essa amostra para por ella se fazer idéa do seu tecido e preparo. Ha n'esse genero um outro riscado chamado de 3.ª, muito mais ralo de tecido e com o mesmo numero de jardas e pollegadas. Mas para estes sertões não convem que o mesmo de 2.ª traga menos de 14 jardas dobradas em 18 dobras.

N.º 2 — Este é o riscado tafachis estreito de 1.ª, de 14 jardas dobrado em 18 dobras. É tambem bastante procurado.

N.º 3 — É o riscado tafachis de 1.ª largo, tambem bastante procurado. D'este costuma vir de 14 jardas e ainda tambem de 18 jardas e 18 dobras.

N.º 4 — São maclussos estreitos de 14 jardas dobrado em 18 dobras.

N.º 5 — São os mesmos maclussos, mas de 1.ª e largos. Costuma vir de 14 e tambem 18 jardas, mas sempre dobrado em 18 dobras.

N.º 5 — Chitas estampadas de 24 jardas dobradas em 24 dobras. N'este artigo ha superior, medio, inferior e o ordinario com mais ou menos preparo.

N.º 6 — Lenços de chita estampados de 12 em peça, de differentes gostos, mas de cores muito vivas e de tamanho regular, não convindo que sejam muito pequenos.

N.º 7 — Baeta azul e encarnada em peça de 60 jardas.

N.º 8 — Algodão ou panno cru. N'este genero a variedade é enorme com muito preparo, conforme é mais ou menos ralo. Costuma vir o mais vulgar, com 20 jardas dobrado em 40 dobras e com 20, 24 e 30 pollegadas. E tambem costuma vir com essas mesmas larguras, mas com 24, 28 e 30 jardas, mas sempre dobrado em 40 dobras.

Estes é que são os tecidos de mais facil venda e os mais usuaes e conhecidos, o que não obsta a que se introduzam outros para melhor, mas em quantidades moderadas até que o gosto se desenvolva.

Varios artigos de differentes industrias

Cassungos grossos (avelorio) das cores azul, branca e encarnada. Missanga Maria 2.ª grossa, almandrilha fina e grossa, missanga gimbo grossa, missanga branca grossa, coral apipado grossa, alguma roncalha, muito pouca, azul e branca e outras.

As taxas amarellas de numeros 6 a 8 que já modernamente se mandam vir da Inglaterra.

Os chapéus ou guarda-soes ordinarios.

As facas ordinarias de ponta e cabo de osso, de 6 pollegadas para cima.

Arame amarello cortado em jardas de n.os 4 a 6 (redondo).

Barretes de lã e algodão, encarnados.

Cintas (faxas) de lã e algodão, encarnadas.

Linhas de algodão de n.º 20 para cima.

Agulhas (poucas).

Espelhos com capa de zinco redondos e com capa de papel.

Papel almaço pautado e fino pautado.

Armas lazarinas, de coronha encarnada e que se fabricam em Liége, cuja perfeição não se precisa admirar.

Pratos covos e rasos de louça imitando as que fazem os inglezes, que tem grande consumo.

Canecas brancas e pintadas de bico e lizas, imitando louça ingleza (idem).

Canecas bronzeadas de meio litro e 2 litros, com relevos, e em fórma de jarros ou das que no Porto se chamam *infuzas*.

Jarros e bacias de louça, imitando louça fina ingleza.

Fechaduras, á imitação das inglezas, dobradiças, pregos, louça de ferro, pratos de folha de Flandres.

Jarros e bacias de folha de Flandres pintada.

Vinho do Porto engarrafado e de pasto.

Azeite de oliveira, sal, arroz e outros artigos de rancho e conservas.

Galões de oiro falso de differentes larguras.

Machetes (ou catanas), enchadas de 1 a 2 kilogrammas, machados bem calçados de n.os 4 a 6.

Cobertores de algodão com relevos estampados.

Chapeus de palha (ordinarios), bonés de borla, de panno e de veludo, côres differentes — e bordados a soutache.

Bijuterias, anneis, brincos, pulseiras, etc.

A S. Ex.ª o Ministro da Marinha e Ultramar.

. . . . . .

Com respeito ao commercio, continuo informando V. Ex.ª que a Expedição tem-se visto na necessidade de comprar a fazenda a jardas para pagamento aos carregadores na conformidade do ajuste, e é certo que num total de dez peças teve de dar proximamente mais duas, por este motivo exijo as contas dos fornecimentos em jardas e não em peças.

Tambem nas transacções a pesos, a auctoridade tem de intervir porque é um logro o que se está praticando. Nas pesagens de borracha ha arrobas de quarenta e de cincoenta libras, e isto muito contribue para nos desacreditar, quando taes operações são do dominio dos estrangeiros, não porque elles as não façam ainda peiores, mas porque teem o bom senso de as fazer fóra do alcance das nossas vistas.

Na presente occasião está aqui um negociante allemão, Burgmastter, por conta de uma casa de Manchester a estudar o modo por que se transacciona com o gentio e quaes os artigos de commercio que este mais procura, e por isso é natural que em muito pouco tempo comecem a sair dos prelos estrangeiros as diatribes contra o commercio dos portuguezes em Africa, e por isso me anticipo fazendo sciente a V. Ex.ª do que pode motivar taes censuras.

E tal é a certeza que teem os Ambaquistas que assim procedem, de ficarem incolumes, que fazendo parte das comitivas que vão para o interior, ou mesmo servindo de guias ou interpretes ás expedições allemãs que desde 1878 aqui se organisaram para o centro do continente, para auferirem maiores lucros, vão sempre preparados com novos embustes e falcatruas, o que tem motivado complicações a essas expedições.

Muito seria para desejar que isto acabasse e se ficasse sabendo de uma vez para sempre quaes as medidas legaes e as equivalencias entre os artigos do commercio com o gentio, visto não correr entre elle uma moeda com curso official.

Como V. Ex.ª verá, pelas contas que lhe forem presentes, as despezas com os transportes de cargas de setenta a oitenta libras dentro da provincia, regulam a 20 réis por kilometro e fóra de 16 a 17 réis, o que na verdade é muito barato attendendo á falta que ha de carregadores como provam os documentos que junto.

Se o commercio tivesse contribuido, como sempre esperei, para auxiliar o governo n'esta Expedição que o interessava, as verbas orçadas seriam sufficientes, pois os transportes seriam pagos pelos lucros das transacções, mas desde o momento que, mesmo o pouco que á ultima hora os negociantes do Porto accusam enviar, não foi recebido, a Expedição para dar cumprimento ás suas instrucções tem de recorrer ao credito em maior escala do que era dado suppor, porque alem das despezas de transportes, tem de construir as Estações e fornecê-las para o tempo em que a Expedição tem de ahi manter-se ao menos para fazer os estudos que lhe são recommendados e satisfazer a outros fins da sua missão.

A falta de carregadores tornou-se tão geral, não obstante os muitos esforços que se teem empregado, que resolvi definitivamente, visto achar-me um pouco melhor, seguir para o Cuango no dia 6 do proximo mez com o meu collega Marques e um pequeno pessoal de carregadores de que dispomos.

Se Andala Quissúa me apresentar os carregadores que me prometteu e com os que possa já ter encontrado o nosso outro collega S. de Aguiar, parece-me melhor seguir já directamente para a Mussumba ou descer o Cuango até ao Zaire e subir depois com o Lulúa ou o Cassai e entrar na Mussumba.

Só as circumstancias e recursos ahi me poderão suggerir o seguimento do meu itinerario, de que darei na primeira opportunidade conhecimento a V. Ex.ª, certo que são os meus desejos descer o Cuango, porque melhor seria aproveitada a despeza com triplice vantagem de, satisfazendo ás nossas instrucções, conhecer da navegabilidade dos rios mencionados, da influencia estrangeira sobre os povos a norte e do que ha a esperar do commercio d'essa região, quanto a mim já preferivel ao da Lunda.

Tive já occasião de dizer a V. Ex.ª, que conheci a necessidade de estudar as linguas d'estes povos, e revestindo-me de toda a paciencia, já tenho um importante trabalho, e com o que possa ir adquirindo no campo pratico espero fazer-me acompanhar de elementos que as auctoridades competentes em Lisboa poderão converter em livros muito aproveitaveis de estudo, como grammatica, diccionario e mesmo uma guia de conversação.

Apesar de não me ter sido encarregada tal tarefa, creio não será infructifera, não só porque com o tempo podem fazer-se-lhe as devidas correcções e preparar um bom trabalho para estudo dos europeus empregados em Africa, mas ainda para se habilitarem devidamente os futuros exploradores a dispensar interpretes, em geral sempre maus, porque nem dizem tudo que queremos, nem nos previnem de tudo o que devem; mas tambem, o que julgo de muita vantagem, poderá servir aos Ambaquistas sobretudo para se aperfeiçoarem na lingua portugueza, a qual muito teem transtornado, transformando os nossos em vocabulos ambundos. E para exemplo eu transcrevo a interessante carta que um Ambaquista dirigiu como secretario de um soba ao meu ajudante na estação Ferreira do Amaral.

Ill.mo sr. Tenente. — Em primeiro desculpa sem saber o honrado nome de V. S.ª e peço perdão a V. S.ª por parte de Deus Nosso Senhor, a confiança de lhe dirigir similhante esta; e como minha necessidade tão me exige por isso humildemente dirigio-lhe esta; Estou informado de varios meus patricios d'aqui, em como V. S.ª tem a Gulha de olhar para uma pessoa que está muito distante de 4 leguas e pode ser conduzido por um emzollo e por este motivo quero ver tambem com meus olhos; e para o que no caso de ser assim, rogo a sua bondade comparecer nesta minha Banza, resposabilizo da jornada do meu senhor 50:000 que são duas vaccas e um garrote que é o nosso dinheiro d'aqui. — Deus guarde a V. S.ª Canbonbo, 29 de agosto de 1884. = Soba, *Cuigana Mogongo.*

Quer V. Ex.ª saber do que se trato?

Pede o homem ao meu ajudante para ir á sua residencia com a machina photographica tirar-lhe o retrato, responsabilisando-se elle pelas despezas da viagem.

Tambem junto á copia de uma carta recebida ha dias por C. Machado, e que lhe foi dirigida pelo socio d'elle e de seu irmão, Antonio Lopes de Carvalho, escripta da margem do Cassai e por onde V. Ex.ª verá o que posso esperar dos carregadores das immediações de Malanje.

São sempre as chuvas, as desculpas que os sobas dão por não apresentarem os carregadores, mas realmente é verdade não os haver.

Apenas consegui vinte para a Mussumba e quarenta até ao Cuango, mas estou cansado de esperar e sem probabilidades que elles appareçam; completam se aqui os tres mezes no dia 6 do proximo mez, de observações meteorologicas e seguimos para a estação Ferreira do Amaral, pois talvez ali possa arranjar mais alguns carregadores.

As differentes cartas que junto, provam bem que continuar aqui, é tempo perdido.

Deus guarde a V. Ex.ª Malange, 30 de setembro de 1884. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar. = O chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Carta de Antonio Lopes de Carvalho a Custodio Machado.

Cula-Muchito, 3 de maio de 1884, ás 10 horas da noite.— Compadre amigo e sr. Custodio:

Estamos proximos do Quicápa, distantes do Cassai oito dias de jornada!! A malvadez dos carregadores tem sido tanta, que nos obrigou a retroceder para a senzala de uns Quiôcos, a fim de tomarmos conta do resto das cargas, porque com gente tão pessima e perversa não se pode terminar a viagem. Os roubos teem sido tantos e com tal descaramento, que alguns carregadores teem roubado um terço da carga que se lhes confiou para conduzir. Para que o amigo faça idéa, limito-me a dizer-lhe, que os onze carregadores do Quanza, roubaram perto de trinta peças de riscado inteiras, quasi dez de chitas, trinta tangas e duas armas! Por aqui já pode calcular quanto devemos ganhar.

Por todo o caminho, temos colhido informações do Cabau, porém teem ellas sido taes, que não sabemos o que havemos de fazer em tão triste situação. Todos dizem que os Biénos arrasaram aquelle ponto de tal fórma, que para se comprar uma ponta de marfim são precisos cem mil bagos de buzio (12–A) independente de almandrilha que já não acceitam aos fios mas sim aos massos e outro sortimento. Ora, sendo d'esta forma, não podêmos salvar metade do capital com que d'ahi saimos.

Os carregadores do Bondo, tem-se distinguido no roubo por todo o caminho; a almandrilha, buzio e missanga tem andado numa poeira. Do sal já não existe metade.

Não tem sido a necessidade que os tem obrigado a roubar, mas sim a malvadez, porque só de ração já nos teem comido 5 peças e meia cada um.

Estamos pois no sitio dos Quiôcos, aos quaes comprámos duas pontas de marfim com 120 kilogrammas.

Colhendo informações dos Quiôcos, indicaram-nos um ponto onde ha muito marfim a troco de buzio e contaria.

Aquelles promptificavam-se a levar-nos á tal região mediante a gratificação de oito mil bagos de buzio, quatrocentos de almandrilha, duas campainhas e alguma fazenda para vestir.

A região a que me refiro é talvez no 2º de latitude entre o Loango e Cassai, acima da confluencia do primeiro, dois dias mais para o norte e á embocadura do Lulua, onde está o mysterioso Lucuengo.

Resolvemos pois seguir para o norte, e chamando os patrões dos carregadores fizemos-lhe ver a nossa nova resolução e os motivos que nos obrigou a tal; elles, porém, acceitaram apparentemente, mas combinando-se todos para nos exigirem dez peças de fazenda cada um, que vinha a ser o mesmo que recusar, de forma que não temos o direito de escolher o ponto que nos convenha; aqui quem manda são os carregadores e temos de andar ao capricho d'elles.

Considerâmo-nos pois desgraçados, a unica taboa de salvação era a viagem para o norte, porém estes infames privam-nos de nos salvarmos, dizem que os mandaram para o Lubuco, não querem saber se ha negocio ou se deixa de o haver.

O Quiluange então, todo o seu empenho é presentear o Muquengue com as nossas pessoas e tudo quanto levâmos, contando receber d'aquelle potentado, grande gratificação por tal presente.

E á vista d'isto, tratámos de ver se podiamos convencer alguns carregadores para seguirem para o norte com um de nós e o outro continuar para o Lubuco com o restante.

Apenas podémos convencer os Ma-Songos e os do Bango, mediante tres peças de pagamento a cada um.

Ficámos pois tratando d'este negocio e, tendo muito que fazer, não podemos ser mais extensos. Desejo-lhe saude, e até outra occasião.

Seu compadre, amigo, obrigado e criado, *Antonio Lopes de Carvalho.*

Cartas do negociante Narciso Antonio Paschoal ao Chefe da Expedição.

...Sr.—Presente da estimada carta de v. , datada de hoje; vou em primeiro logar agradecer os seus cumprimentos que retribuo, desejando-

lhe a continuação da sua saude; eu continúo encommodado, sendo este o motivo de ainda não poder dar ahi uma chegada.

Aos seus criados dei o recado para se dirigirem aos sobas a fim de arranjarem os carregadores; eu já providenciei para me trazerem todos que podessem ajuntar; mas ainda não me appareceram e apenas pude agora arranjar o homem portador d'esta, para contratar com V. a fim de seguir com elle na sua missão, este homem esteve muitos annos em Loanda, e tem bastante pratica da gente e costumes do sertão.

Quando despachar os portadores para Cassanje devem elles passar aqui para receberem a carta para o chefe de Cassanje, assim como recommendar ao pessoal a maneira por que devem entrar naquelle concelho.

O homem que remetto tem conhecimento com os sobas que, como do costume abonam os carregadores; por isso com grande facilidade pode ir engajando os carregadores, dirigindo-se aos sobas.

Sem assumpto para mais, subscrevo-me com toda a consideração

De V. , etc. Angingi Acabari, 18 de julho de 1884. —... Sr. major Henrique de Carvalho.= *Narciso Antonio Paschoal.*

...Sr.—É portador d'esta o seu criado que tinha vindo ao engaje de carregadores que não pôde obter nessa, disse-me que alguns sobas pediam que lhes adiantasse alguma vestimenta, mas é uma desculpa simples, e como os conheço, querem enganar a V. , porque sei que alguns sobas estão compromettidos com carregadores para diversos negociantes.

O homem que eu mandei no outro dia para guia de V. , passou aqui hontem tendo-lhe recommendado para hoje seguir para o Sanza, a fim de engajar os carregadores que lhe foram recommendados por V. , e vendo a vontade da parte d'elle, creio que o ha de conseguir muito breve.

Sube do mesmo homem que V. tencionava mandar uma offerta ao jaga de Cassanje por uns Caquatas que me consta estarem ahi no concelho os quaes já estão naturalisados Bângalas, por terem gasto todas as importancias que traziam do Muatiânvua a seus negocios, não podendo por este motivo voltarem para a Lunda, e cresce mais que elles não podiam entregar pessoalmente a offerta para o jaga, por não se corresponderem com o referido jaga de Cassanje, e mesmo acho desnecessario fazer similhante offerta, visto V. não tencionar passar nas terras de Cassanje.

Eu acho-me um pouco melhor mas muito fraco; tenciono fazer uma visita a V. mesmo para fallarmos sobre certos assumptos da sua missão.

Desejo que continue de perfeita saude, e sou com estima e consideração.

De V. , etc. Angingi Acabari, 20 de julho de 1884.—... Sr. major Henrique de Carvalho.= *Narciso Antonio Paschoal.*

Carta de Lourenço Gonçalves dos Santos ao Chefe da Expedição.

...Sr.— Começando desde Ngio, aonde sou rezidente e seguindo para Luximbi, Ndala-Samba, Xiça, e até neste ponto aonde cheguei hontem no ingajamento de carregadores, conforme as ordens de v. , não me foi possivel conseguir nenhuns em todos os sitios a que me refiro, para pegarem em cargas para Lunda, por a maior parte dos pretos ter sido engajados pela Expedição allemã, e outros aproveitando esta comitiva, seguiram para o interior a seus negocios, não obstante que empreguei todos os meios ao meu alcance n'este serviço, para satisfazer as respeitaveis ordens de v. O resto de alguns pretos que encontrei em algumas sanzallas dizem que só se prestam a transportarem cargas do Dondo para este concelho e vice-versa, por isso a este respeito espero segundas ordens de v. , e no cazo de ser preciso engajar carregadores para este fim, mandar-me um garrafão de aguardente e um barril de polvora, tudo para prezentiar os sobas que devem afiançar os carregadores, porque com fazenda vejo que nada posso fazer, tanto que a que V. me deu ainda existe, bem como um bocado de sal para tempero.

Aguardo a resposta de V. por este portador e subscrevo-me com a maior veneração

De V. Servo respeitador. Sanza, 26 de julho de 1884.—...Sr. Major Henrique de Carvalho. = *Lourenço Gonçalves dos Santos.*

N. B.— Alguma cousa que sobrar nas despezas que eu fizer com os carregadores, voltará.

...Sr.— Hontem cheguei neste sitio vindo de Cafuxi. Não podendo apresentar-me a V. por ter vindo incommodado na saude, cumpre-me participar a V. , que tendo percorrido diverças sanzallas dos Bandos, no ingajamento de carregadores, foram baldadas todas as minhas delegencias por os pretos de aquelles sitios não lhes convir pegarem em cargas para Muatianvo.

Esta difficuldade que se tem offerecido neste serviço, tem-me dezanimado inteiramente, de continuar a ser empregado, e desde já despeço-me das suas ordens, com grande sentimento de V. , simples-mente por não ter a felicidade de colher a estima dos meus patrões por me faltar a occazião de bom ezito dos meus serviços e da comissão a que tenho sido ordenado, por que não obstante que de minha parte não tem havido a minima nigligencia de empregar os esforços para engajar carregadores, porém, prende-me a consciencia por não poder satisfazer-se inteiramente aos dezejos de V. Dos carregadores de Talla Mungongo que ha dias fui engajar, hontem apresentaram-se-me os cabos, dizindo que concordaram

pelo pagamento que V. lhes havia offerecido para a viagem a Lunda com cargas, e que deixaram os outros em viagem para cá; estou á espera delles, e quando chegarem, irei com elles á prezença de V. para effeituar-se o pagamento do carreto, e por aquelle serviço V. determinará a minha gratificação.

Com toda a consideração subscrevo-me

De V. venerador servo e obrigado, Angio, 4 de setembro de 1884.— ...Sr. major Henrique de Carvalho. = *Lourenço Gonçalves dos Santos.*

Carta do Soba Andala Quissúa Andombo ao Tenente Aguiar.

Il.mo Sr.— Recebi a honrada carta de V. S.ª com data de 20 do corrente, que acompanhou uma peça de chita, um barril de polvora, e (3) tres botijas de agua-ardente, que por sua generosidade mandou-me offerecer, e mil vezes muito obrigadissimo Fico certo da chegada de V. neste sitio, de meu filho Ndala Quinguangua, assim o trabalho que tem ahi de mandar fazer a pousada (fundo), para qualquer negociador que por ahi transitar, conforme as ordens de Sua Magestade Fidelissima, a quem Deus guarde, e estimarei que cumpra os ditas ordens, para ganhar a victoria. Depois de concluir o trabalho de ahi, aqui m'achará ás ordens, para escolher o sitio que quizer, para fazer outra casa como aquella. A respeito dos carregadores, até quando chegar aqui o ... Sr. major, que diz ter ficado em Malange, e por consequencia V. S.ª pode fallar a meus filhos, que estão vizinhos com o dito Andala Quinguangua, para ver se arranjão ahi alguns carregadores para irem em Malanje. Estimei as medidas que Sua Magestade Fidelissima tomou, de mandar a Expedição portugueza para o Matianvo.

Chegando aqui V. e o ...Sr. major, poderão fallar bem com os carregadores que quizerem ganhar, para levarem as cargas.

Concluo, desejando a V. S.ª a mais perfeitissima saude e ventura, e eu fico de saude, e assentado em um logar por causa da minha idade avançada, e sou por ser com respeito

De V. S.ª seu subdito muito obrigado e criado. Banza, 28 de julho de 1884. —...Sr. tenente ajudante Aguiar. — Sobba, *Ndala Quissua Ndombo.*

P. S.— Sciente do bom tratamento que lhe está fazendo o meu sobordinado filho Ndala Quinguangua, conforme V. mandou-me dizer na sua estimada carta, e muito estimarei que elle continue, como subordinado portuguez.

Carta de Custodio Machado ao Chefe da Expedição.

Sr.— Em resposta ao estimadissimo officio que V. se dignou dirigir-me com a data de hoje, cumpre-me franca e lealmente, dizer-lhe o seguinte:

O que mais tem concorrido para se não obter o numero de carrega-

dores que V. deseja para a Lunda, é a extrema falta que presentemente ha d'elles para toda a parte, depois que a nossa expedição mercantil levantou para a Africa equatorial, seguindo-se-lhe depois a expedição scientifica allemã, que V. ainda veio aqui encontrar, e a qual, primeiro que se lhe engajasse o numero que precisava, levou seis mezes, tempo este que tiveram de residencia na minha casa. Todavia eu, ainda assim, não me tenho poupado a diligencias nem a exforços por toda a parte e já mesmo antes de V. chegar a esta terra, para lhe engajar o maior numero possivel, mas tudo inutilmente.

Não sei a quem V. se quer referir na ultima parte do seu citado officio. Da minha parte cumpre-me confirmar aqui o que disse na minha carta particular que V. recebeu, quando chegou a Loanda, que vinha luctar com a grande escassez de carregedores, pois que tambem cá se achava estacionada a expedição allemã por essa causa.

Mais me cumpre informar a V. , que para a Lunda, não ha hoje aquella influencia de negocio que já houve noutros tempos, dando o preto carregador preferencia, em ir antes para o Lubuco (Tu-Chilangues), aonde encontram quem lhes forneça mulheres para os servir, por todo o tempo que lá residirem e aonde se lhes dá de comer, gosando assim e a seu modo e em larga escala e sem lhes ser preciso pagar a mais insignificante despeza, o que já lhes não succede na Lunda.

Eis tudo que me cumpre responder a V.

Deus guarde a V. etc. Malanje, 25 de setembro de 1884.—...Sr. major Henrique Augusto Dias de Carvalho, chefe da expedição á Lunda.= *Custodio J. de Sousa Machado.*

Carta da firma Sousa Lara & C.ª, ao Chefe da Expedição.

... Sr.—Com a approximação das chuvas, os carregadores recusam-se formalmente ao ganho de cargas, tanto para o interior como para o Dondo.

Temos empregado todos os meios ao nosso alcance para conseguirmos o cumprimento do pedido feito por V. , porém tudo tem sido baldado, embora mesmo tenhamos feito avultadas promessas aos sobas pelo engajamento de carregadores, e tenhamos tambem offerecido avantajados pagamentos para assim animar os pretos a fazerem parte da Expedição de que v. é mui digno chefe.

V. pode crer que não é por negligencia nossa que temos deixado de dar cumprimento a seu pedido, porém está conhecido ser esta a peior quadra para o engajamento de carregadores, e profundamente sentimos não podermos ser uteis a V.

Deus guarde a V. , etc. Malanje, 25 de setembro de 1884.—...Sr. Henrique Augusto Dias de Carvalho.= p. p. de Sousa Lara & C.ª, *J. M. de Freitas.*

Do Chefe do concelho de Malanje ao Chefe da Expedição.

... Sr.—Em resposta ao officio que v. hontem me dirigiu, cumpre-me dizer que effectivamente tem solicitado de mim, varias vezes, para, pelos sobas do concelho sob minha administração, se alcançarem os carregadores indispensaveis á Expedição de que v. é mui digno chefe, e sei perfeitamente que v. tem animado os sobas com presentes de valor, offerecendo o pagamento de dez peças de fazenda aos carregadores que se promptificassem a marchar para o ponto destinado, mas é certo, que além dos presentes, e pagamento aos mesmos carregadores v. não tem podido engajar o numero de carregadores precisos, e nem eu tenho conseguido que os sobas apresentem esses carregadores, porque os mesmos sobas dizem-me sempre que a maior parte dos seus filhos seguiram para o Lubuco, levando cargas da expedição mercantil dos irmãos Machados e da Expedição allemã, e outros a seus negocios naquelle sertão, e ainda outros empregados no transporte de cargas do commercio, que elles preferem, d'aqui ao Dondo e vice-versa, por não lhes convir irem com cargas a tão grande distancia como é a Lunda, aonde se destina a Expedição.

É esta a rasão da contrariedade que tem havido no engajamento dos carregadores, e a desculpa que os sobas me teem dado.

Deus guarde a v. etc. Malanje, 26 de setembro de 1884.—...Sr. chefe da Expedição Portugueza ao Muatiânvua.= O chefe do concelho, *Nicolau Victor Edwiges Brayner,* capitão.

De Alfredo José de Barros ao Chefe da Expedição.

... Sr.—Respondendo ao officio de 24 do corrente mez, devo dizer a v. , que me tem sido difficil o engajamento de carregadores como em tempo asseverei a v.

Tenho empregado estas diligencias, despachando empregados meus (musumbos) aos sobas, não tem sido possivel convencê-los, mesmo offerecendo-lhes um pagamento avultado, allegando que em virtude de estarem proximas as chuvas vão empregar-se na cultura.

Como v. deve saber, o concelho está completamente esgotado de carregadores, porque quasi todos foram para o interior da Lunda e Quiôco, engajados pelos Srs. Saturnino, e tenente Wissemann, chefe da expedição allemã, além de outros que preferiram dedicar-se ao seu commercio ali, prescindindo o carreto.

Em consequencia do que levo dito, já v. vê que nada posso conseguir dos ditos carregadores, sentindo não ter o gosto de satisfazer o seu pedido.

Deus guarde a v. etc. Malanje, 27 de setembro de 1884.—...Sr. major Henrique de Carvalho, chefe da Expedição Portugueza.= *Alfredo José de Barros.*

De Francisco José Esteves ao Chefe da Expedição.

...Sr.—Em resposta ao officio de v. de 25 do proximo passado, que só hontem recebi, cumpre-me dizer-lhe: É verdade que v. me pediu ha já tempo para contratar carregadores para o serviço da Expedição Portugueza á Lunda, da qual v. é digno chefe, ainda que pagando-os a dez peças de fazenda, pagamento superior ao que é de costume para a capital do sertão da Lunda; fiz porém todos os esforços ao meu alcance para os obter, mas infelizmente não me foi isso possivel. Por ultimo pediu-me v. para lhe engajar alguns para o Cuango, visto os não poder engajar para a Lunda, o que eu prometti, por me parecer isso mais facil visto a distancia ao Cuango ser mais curta e por isso de menos demora.

Se v. não tem conseguido obter carregadores para a Lunda é certamente isso devido a que o carregador na presente estação, dedica-se mais á cultura do que ao carreto, para aproveitar as primeiras chuvas; é esta uma contrariedade a que tambem o commercio do interior está sujeito todos os annos nesta epocha, e, que só de fevereiro em deante melhora.

Alguns sobas a quem eu fallei para procurarem carregadores para a Lunda, apresentaram-me idéas assustadoras sobre o Muata Ianvo, que se lá fossem lhes custaria as cabeças, etc., etc., e que mais facilmente se arranjariam para o Lubuco, parece-me, porém, que estas idéas se lhes desvaneceriam, se como já disse o tempo fosse propicio.

Deus guarde a v. , etc. Catala, 1 de outubro de 1884.—...Sr. major Henrique Augusto Dias de Carvalho, chefe da Expedição Portugueza á Lunda. = *Francisco José Esteves.*

Do Secretario da Sociedade de Geographia de Lisboa ao Chefe da Expedição.

...Sr.—Accuso a recepção do officio de v. , de 29 de julho, e dos documentos que o acompanham. Na proxima sessão terei o gosto de communicá-los á nossa Sociedade que não deixará de congratular-se pelas noticias auspiciosas da expedição que v. dignamente dirige e de fazer os mais calorosos votos pelo seu melhor exito.

São interessantes as informações que v. nos communica ácerca da expedição Machado e do bom acolhimento feito pelos benemeritos concidadãos d'este nome a v. e á sua missão utilissima.

O desvio imposto por circumstancias supervenientes ao itinerario que v. contava poder seguir, não me parece diminuir o interesse scientifico e commercial da expedição que v. dirige, sendo de esperar que sob aquelles dois aspectos, possa v. com a sua boa vontade e dedicação prestar ao paiz informações e serviços de consideravel importancia.

Para nós, hoje mais do que nunca, o interesse nacional da consolidação e segurança da nossa influencia e das nossas relações prestigiosas no sertão africano, impõe-se como o primeiro objectivo das expedições portuguezas.

Promover a communicação e o trafico licito entre os nossos portos e territorios occupados e as regiões do interior; assegurar que os caminhos se conservam abertos, e firmar as sympathias e o prestigio da acção portugueza como acção de paz e civilisação respeitadora dos direitos e dos poderes constituidos, aproveitar prudentemente todas as occasiões que se offereçam para convidar os potentados indigenas ao commercio licito com os portuguezes, ao abandono do trafico escravista e ao bom acolhimento dos nossos missionarios e negociantes, fazer neste sentido as convenções que pareçam convenientes a exercer directamente uma intervenção amiga e justa nas questões e nos antagonismos sertanejos; finalmente, vigiar e desarmar por todor os meios a intriga com que os exploradores e missionarios estrangeiros manifestamente teem procurado e procuram alheiar de nós o respeito e a affeição dos naturaes e deslumbrá-los com promessas e ameaças do poder dos seus respectivos paizes: são propositos que não podem deixar de ter merecido e de continuar a merecer ao esclarecido esforço e criterio de v. uma particular attenção, e cuja feliz e habil realisação temos como certo que fará a gloria da expedição commandada por v.

Reiterando os votos que faço pela prosperidade d'ella e de v. , cumpre-me assegurar-lhe que a Sociedade de Geographia estima continuar a receber as communicações que v. entenda dever fazer-lhe.

Deus guarde a v. — Casa da Sociedade, 4 de outubro ne 1884.—... Sr. Henrique de Carvalho, socio da Sociedade e chefe da Expedição ao Muatiânvua. = O secretario perpetuo, *Luciano Cordeiro.*

A S. Ex.ª o Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar.

Ill.mo e Ex.mo Sr.— Já um pouco restabelecido dos meus padecimentos, e havendo sido infructiferas todas as diligencias para alcançar aqui mais carregadores, parte ámanhã o resto da Expedição para a Estação Ferreira do Amaral, na esperança de se demorar ahi pouco tempo.

Avançando a Expedição, julgou-se conveniente fazer acondicionar devidamente as novas collecções adquiridas até esta data, e tanto dos seus catalogos como dos mappas das observações meteorologicas feitas até agora, envio copias com este officio, para serem remettidas ás estações competentes.

A Expedição, pela boa recepção e acolhimento que teve na provincia de Angola, consigna no seu diario, ao deixar Malanje, o seu muito reco-

nhecimento ao Conselheiro governador geral e a todas as auctoridades concelhias que lhes são subordinadas, e ainda aos habitantes das povoações onde por algum tempo teve de demorar-se, pois todos á porfia, segundo os meios e recursos de que dispunham, demonstraram quanto lhes era sympathica esta Expedição.

Manifestações são estas, a que a Expedição entende corresponder empregando todos os meios ao seu alcance para satisfazer durante a sua missão aos desejos de V. Ex.ª, que são tambem os do signatario.

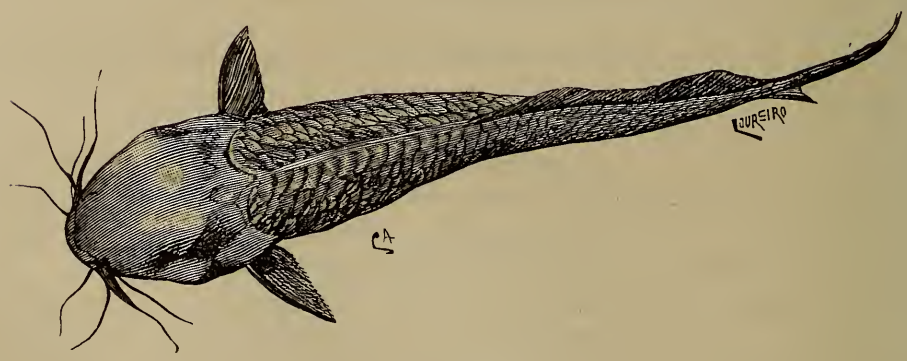
Malanje, 10 de outubro de 1884. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar. = O chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Ao Chefe do concelho de Cambambe.

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Aos cuidados de V. Ex.ª, são remettidos com destino ao Ex.mo Governador da provincia, uma mala, sete caixotes, seis gaiolas, um fardo o um volume gradeado, para que S. Ex.ª dê as suas ordens para serem enviados ao Ministerio da marinha e ultramar.

Os animaes precisam ser sustentados do Dondo em deante, e eu solicito de V. Ex.ª a sua attenção para que lhes não falte o devido alimento até Loanda, certo de que a Junta de Fazenda não se recusará a satisfazer a respectiva despeza, por conta da Expedição a meu cargo.

Deus guarde a V. Ex.ª Malanje, 19 de outubro de 1884. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Chefe do concelho de Cambambe. = O chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*



CALOI (BAGRE)

SAHIDA DE MALANJE

DESPEDIDA DE MALANJE

Estavamos em principio de outubro; haviam-se completado tres mezes de observações meteorologicas, remetteram-se ao Governo todas as collecções que se adquiriram, as nossas cargas seguiram avante, ficando comnosco das bagagens apenas o que era absolutamente indispensavel. Estavam já carregadores contratados para nos levarem de rede para a estação Ferreira do Amaral, e não obstante os homens mais sensatos dizerem, ser arriscado partirmos apenas com vinte e seis carregadores contractados para a Mussumba, e que o chefe da Expedição corria grande risco, por estar doente, alquebrado e avelhantado, designou-se o dia 11 para a partida.

A Expedição não pode deixar de consignar neste logar o seu reconhecimento pelas benevolas demonstrações de sympathia de

que foi alvo, ao deixar a villa, e de especialisar o nome do bemquisto negociante Custodio José de Sousa Machado, que além dos valiosos serviços de que a mesma já lhe era devedora, promoveu as manifestações de despedida, que começando no dia 10 só terminaram na villa ás quatro horas da tarde do dia 11, com o almoço em seguida á missa, que em intenção pela nossa feliz viagem entendeu resar, e para a qual nos convidou, o Rev.do parocho, indo todos os que tomaram parte nestas manifestações acompanhar-nos até á casa do proprietario José Vaz, no Quissole, que nos esperava para o jantar, que só poude ter logar depois das nove horas da noite.

Foi no dia 12 que teve logar o esplendido almoço de despedida em casa d'este bizarro agricultor, almoço em que se trocaram os brindes mais affectuosos, e em que o nome do illustre Ministro da Marinha, conselheiro Manuel Pinheiro Chagas, foi muitas vezes lembrado.

Meio dia era a hora marcada para a partida; os pombos correios já tinham levado a noticia á villa, o pessoal da fazenda descarregava as suas espingardas, a bandeira portugueza seguiu á frente, e nós despedimo-nos saudosos dos nossos bons amigos, que continuaram, emquanto nos viam, soltando enthusiasticos vivas á Expedição.

MUPUNGO (INSIGNIA DE PODER)

CAPITULO III

DE MALANJE AO CUANGO

usota? nuĭa eĭé mŭén' eĭ; aĕi utuma, kaudipe kutala mu ǰila «queres? vae tu proprio; se mandas não estejas a olhar no caminho. (Quem quer vae, quem não quer manda)».

Viagem para Catala. Em Catala. Partida para Andala Quinguângua. Estação 24 de Julho; a povoação e seus moradores. Viagem para Andala Quissúa. Construcções do salalé. Chuva e trovoada. Incidente no caminho — Cafúxi. Estação Ferreira do Amaral. Visita de Sé Quitári. Gosto pela aguardente. Cumprimentos do Jaga; presentes; dança. Visita ao jaga Andala Quissúa. Abundancia de gado —Viagem do chefe para Camávu. Os carregadores Massongos. O sobeta Angonga. Na Estação Paiva de Andrada. Visita ao soba Ambango. A Estação. Ajuste de carregadores. Intrigas de Ambango. Visita do soba Anguvo. Discordias dos sobas. Desaguisado com Cáhia Cassáxi —Viagem do chefe com a 1.ª secção para o Cuango. O dia 31 de Outubro. Mona Mussengue, Mulumbo, e Zunga. Passagem do rio; pagamentos aos donos das canoas e aos pilotos. A avidez de Zunga. Episodio grotesco. Visita do potentado Mueto Anguimbo. Serão na companhia de varios gentios — Regresso do chefe á Estação Paiva de Andrada — Algumas considerações sobre a região e seus habitantes; crenças, usos e costumes d'estes — Partida da Estação Ferreira do Amaral. Correspondencia ácerca da passagem para o interior — Communicações officiaes relativas ao progresso da Expedição e suas relações com o gentio — Marcha da 2.ª secção para a Estação Paiva de Andrada. Na Estação. Entrevista com os sobas. Situação dos povos e diversas informações sobre o estado do paiz, e como se devem acceitar as informações do gentio — Algumas palavras ácerca das expedições commerciaes para o interior do continente. O negociante Braga. — Participações officiaes dando conta dos trabalhos da Expedição e outra correspondencia sobre o mesmo assumpto. Preparativos de partida e incidentes desagradaveis —Viagem para o Cuango. Nas margens do Luí. Roubo nas bagagens; providencias energicas; encontro dos objectos roubados. Jornada para a povoação de Anguvo; acampamento junto a esta povoação. Entrevista com Muene Canje. Noite de Natal; tempestade; fugida de carregadores — Na margem do rio Cuango. Visitas. Passagem do Cuango. Ainda o Zunga — Na casa filial de Custodio Machado.

PROPRIEDADE AGRICOLA DE JOSÉ VAZ NO QUISSOLE

VIAGEM PARA CATALA

Não nos era desconhecido o caminho que tinhamos a seguir, pois já o haviamos percorrido no nosso regresso de Andala Quissúa a Malanje, tendo feito o respectivo reconhecimento que nos deu um bom *croquis*. O que nós porém desconheciamos eram os carregadores que nos transportavam, contratados pelos negociantes do Quissole para a viagem até á estação Ferreira do Amaral, com a condição de pernoitar em Catala, onde esperavamos encontrar o pessoal das cargas e bagagens que haviam partido para ahi de Malanje no dia 10, pelo caminho das senzallas dos Bambeiros.

Este caminho para Catala, faz-se no rumo pouco mais ou menos de NE., e regula a sua extensão, por causa dos zig-

zags a que nos obrigam as ondulações do terreno, entre florestas, e passagens das linhas de agua, de 29 a 30 kilometros, mas sendo bons os carregadores, faz-se esta viagem de rede em seis e meia ou sete horas, e montado num boi, em menos uma hora.

Em Catala esperava-nos para jantar o negociante Francisco José Esteves, socio do abastado proprietario Narciso Antonio Paschoal, de quem já temos fallado, e era preciso portanto fazer apressar a marcha, porque demais tinhamos contra nós o have-la principiado tarde e quando já não havia luar.

Até ao rio Luximbe, viam-se algumas plantações de canna, trabalho de Ambaquistas e de alguns indigenas, e uma boa propriedade, cuja situação é das melhores, porque fica entre este rio e o Cuíji. Pertence a um velho europeu por nome Calado, antigo residente nesta parte da provincia, um verdadeiro colono, que fez d'esta terra a sua patria adoptiva.

Proseguimos contornando esta grande propriedade e de novo nos embrenhámos numa floresta, ora descendo, ora subindo. A claridade do dia ia desapparecendo, de modo que ao entrarmos no povoado Anzaje onde ha algumas casas filiaes do commercio de Malanje, era já escuro bastante e os carregadores não queriam passar avante.

A distancia d'ahi a Catala é pequena, pouco mais de 3 kilometros, e por isso insistimos com os carregadores, por não ser possivel ficarmos ali, e terem-se elles obrigado a levarem-nos a Catala. Allegavam que já por vezes tinham escorregado sobre a crusta da pedreira, sobre a qual em parte se levantou a povoação, que havia buracos e paus pelo caminho, que estava muito escuro, finalmente tinham receio de marchar de noite.

Resolvemos fazer o resto da marcha a pé, entre o capim todo molhado.

Fomos informados de que a este sitio se dera o nome de Anzaje (raio), porque são frequentes aqui as descargas da electricidade atmospherica, o que não é para estranhar attenta a abundancia de ferro contido no solo.

Chegámos a Catala ás nove horas, servindo-nos de guia para o estabelecimento do negociante Esteves, as luzes, que de quando em quando descobriamos atravez do capim.

A mesa estava posta e elle aguardava-nos para jantar. De mais havia sido a sua condescendencia para que o demorassemos ainda, e por isso tratámos logo de nos alliviar dos apetrechos que nos sobrecarregavam, como: revólver, faca, bolsa, instrumentos, etc., que tudo amontoado arrumámos a um lado, e depois de lavar cara e mãos fomos tomar os nossos logares

ESTABELECIMENTO AGRICOLA DE CALLADO NO RIO LUXIMBE

á mesa, emquanto que dois contratados de Loanda que nos acompanhavam, iam recebendo dos carregadores e guardando, as malas de viagem e outros volumes que não podiam deixar de andar comnosco.

As cargas ainda não tinham chegado, e disse-nos Esteves que certamente os carregadores não saíam das senzallas dos parentes de quem se foram despedir, sem terem a noticia de havermos aqui chegado, como é de costume. A demora, porém, não nos prejudicava porque tencionavamos ficar em Catala um ou dois dias, fazendo todas as diligencias para contratar alguns

carregadores, quando mais não fosse para o Cuango, porque diga-se a verdade, tinhamos partido de Malanje com muito poucos.

Esteves, de madrugada, despachou os seus pombeiros para o Sanza, a fim de ver se d'ali vinham os que lhe tinham promettido e que já estavam pagos, e nós mandámos um soldado ao soba Andala Quinguangua recommendando-lhe que arranjasse os que pudesse para, quando chegassemos á Estação Vinte e Quatro de Julho, os contractarmos.

Apesar de ser tarde e estarmos fatigados da marcha, conversámos muito com o nosso hospede, alegrando-nos o encontro do unico europeu que vive neste ermo, e que nos proporcionou uma tão boa e tão franca hospitalidade.

Versou principalmente a nossa conversa sobre explorações commerciaes além do Cuango, e Esteves, que aspirava a aventurar-se a uma empreza d'estas, mostrou-se penalisado porque o seu socio não tem querido annuir á realisação de um projecto que elle lhe apresentára.

O negociante Paschoal, seu socio, é um homem pratico, e apesar de ter adquirido uma fortuna, negociando as suas facturas na feira de Cassanje e nas margens do Cuango, conhece bem todos os prós e contras d'estas aventuras e quando se lhe falla numa exploração ao Lubuco, responde sempre: deixem vir Saturnino Machado e depois veremos.

Tendo muitas relações com os Bângalas de maior importancia, que certamente o terão informado ácerca de commercio do Lubuco e de todo o interior, acreditâmos ser prudente o seu modo de proceder. Mesmo pelo que respeita a Cassanje, que elle conhece bem e onde sustenta ainda algumas relações commerciaes, tem suas duvidas sobre o futuro.

Crê agora mais nos resultados da agricultura que nos do commercio, e pensa empregar parte da fortuna, que com tantos sacrificios e riscos alcançou em melhores tempos com o commercio no sertão, na plantação da canna saccharina, sem comtudo abandonar os estabelecimentos commerciaes que hoje possue.

A vida de cangalheiro — disse-nos elle — é boa para rapazes; os meus antigos freguezes sabem onde eu tenho as casas, se quizerem continuar negocios commigo que as procurem.

Filho da provincia, muito cordato, possuindo uma fortuna solida, e tendo apenas tres filhos que mandou educar em Lisboa, faz bem em não arriscar os seus capitaes; e para entreter a sua actividade, basta-lhe dirigir como o está fazendo, a sua propriedade agricola ao pé da casa principal que tem no Anjínji-á-Cabari e manter os seus estabelecimentos commerciaes.

Esteves, porém, ainda novo, que ambiciona voltar á terra da sua naturalidade, de onde saiu muito moço, e com fortuna para ahi se estabelecer, não lhe agrada o retrahimento do seu socio, e não será para estranhar se algum dia nos chegar a noticia de que elle se aventurou numa viagem ao interior.

Foram estas as impressões com que adormecemos, e de tal modo, que só com dia claro despertámos, para logo pormos em movimento a nossa gente, mandando uns a chamar os sobas proximos, outros ás senzallas dos Bambeiros, dando parte aos nossos carregadores de que já aqui estavamos e despachando tambem os que de vespera já tinham diligencias destinadas para o Sanza e Andala Quinguangua.

Em seguida tomámos uma boa chavena de café e fomos dar um passeio com o nosso hospede.

Agradou-nos ver a horta, junto ao rio Catala, bem como os arredores do estabelecimento commercial do nosso amigo.

Já não nos admirámos de que elle vivesse bem ali, preveniu-se para passar commodamente, longe dos recursos que offerecem os centros civilisados.

Na horta, encontram-se os melhores exemplares das nossas hortaliças e alguns de desenvolvimento superior ao que é mais trivial em Lisboa.

Com respeito a gado bovino e suino é elle muito superior ao que temos visto na provincia. Apresentou-nos um casal de porcos que nos maravilhou pela corpulencia e gordura. Conserva-o para a procreação apenas e por alguns exemplares que vimos, prova-se que não degeneram.

O gado ovelhum e cabrum, era ainda muito mais desenvolvido que o de Pungo Andongo, o melhor que conheciamos.

Quanto ás aves domesticas não as ha superiores na provincia, gallinhas, patos, perús e pombos, distinguem-se pela sua grandeza e bom peso.

Tambem possue cães de caça, que se desenvolvem bem e mesmo os cruzados com indigenas não são maus. Fomos mimoseados com um casal que muito apreciámos.

ESTABELECIMENTO DE FRANCISCO JOSÉ ESTEVES EM CATALA

Os pastos são magnificos, as aguas excellentes e não devemos deixar de citar uma nascente de agua ferrea. A altitude de Catala é a mais elevada que conhecemos, 1:260 metros, isto é, mais 106 metros que a de Malanje. Os peores ventos, os de oeste, não são os que predominam. Tudo emfim concorre para neste logar se crearem bem os animaes de que o homem carece para sua alimentação ou como seus auxiliares.

Asseverou-nos Esteves, que passava aqui muito bem attribuindo isso á salubridade do logar, ainda assim disse ter tido algumas febritas, e com franqueza a côr macillenta da sua pelle não nos agradou e pareceu-nos que elle resistia com vantagem, em consequencia do bom passadio.

E não admira o nosso reparo, porque depois vimos que o mal a que tem podido resistir, as infecções paludosas, existe proximo, mais para norte, sendo o clima muito humido.

O passeio foi largo e por isso almoçámos já depois do meio dia, aproveitando parte da tarde e noite na correspondencia para a metropole, emquanto o pessoal menor, satisfeito com um garrote, fuba e aguardente que lhes dera o dono da casa, preparava a refeição para a noite.

Tivemos depois do jantar noticia que as nossas cargas tinham ficado nesse dia no Muquíxi, e por isso era de suppor que chegassem só no dia immediato, porém ainda não vinham as que deixaramos em Malanje, por não terem apparecido alguns carregadores contratados, que affirmaram vir ter comnosco.

Appareceram alguns sobas vizinhos, dizendo que seus filhos não queriam ir á mussumba com receio de que o Muatiânvua lhes mandasse cortar o pescoço e não se ajustavam tambem para o Cuango por temerem que depois os fizessem seguir amarrados para lá.

Era esta uma contrariedade que não sabiamos como explicar, mas sobre que julgámos conveniente não fazer maiores indagações, para que não se propalasse o boato de que queriamos obrigá-los a tal serviço.

Mais tarde, soube-se que eram os de Cassanje que andaram a atemorisar os povos com estas e outras noticias para que a Expedição não fosse para o interior fazer mal ao seu negocio.

No dia 14 e logo de manhã, chegaram 12 carregadores do Sanza para se contratarem, mas só até á estação Ferreira do Amaral, por preço muito em conta.

Andala Quinguangua, respondera-nos que arranjaria 20 carregadores, mas estes de certo tambem não iriam ao Cuango.

Tendo chegado as caixas, alguns carregadores queixaram-se das que continham a pharmacia e não houve remedio senão fazer transportar algumas por dois. Era um mau precedente já nestas alturas, mas não havia remedio. Na Estação onde nos iamos demorar algum tempo, providenciámos a este respeito.

Mandaram-se quatro dos antigos carregadores a Malanje buscar as cargas que lá tinham ficado, sendo entregues as que estes trouxeram a quatro novos, chegados do Sanza.

O dia 15 foi destinado para descanso de todos, a fim de no dia seguinte de madrugada partirem para a Estação Vinte e Quatro de Julho.

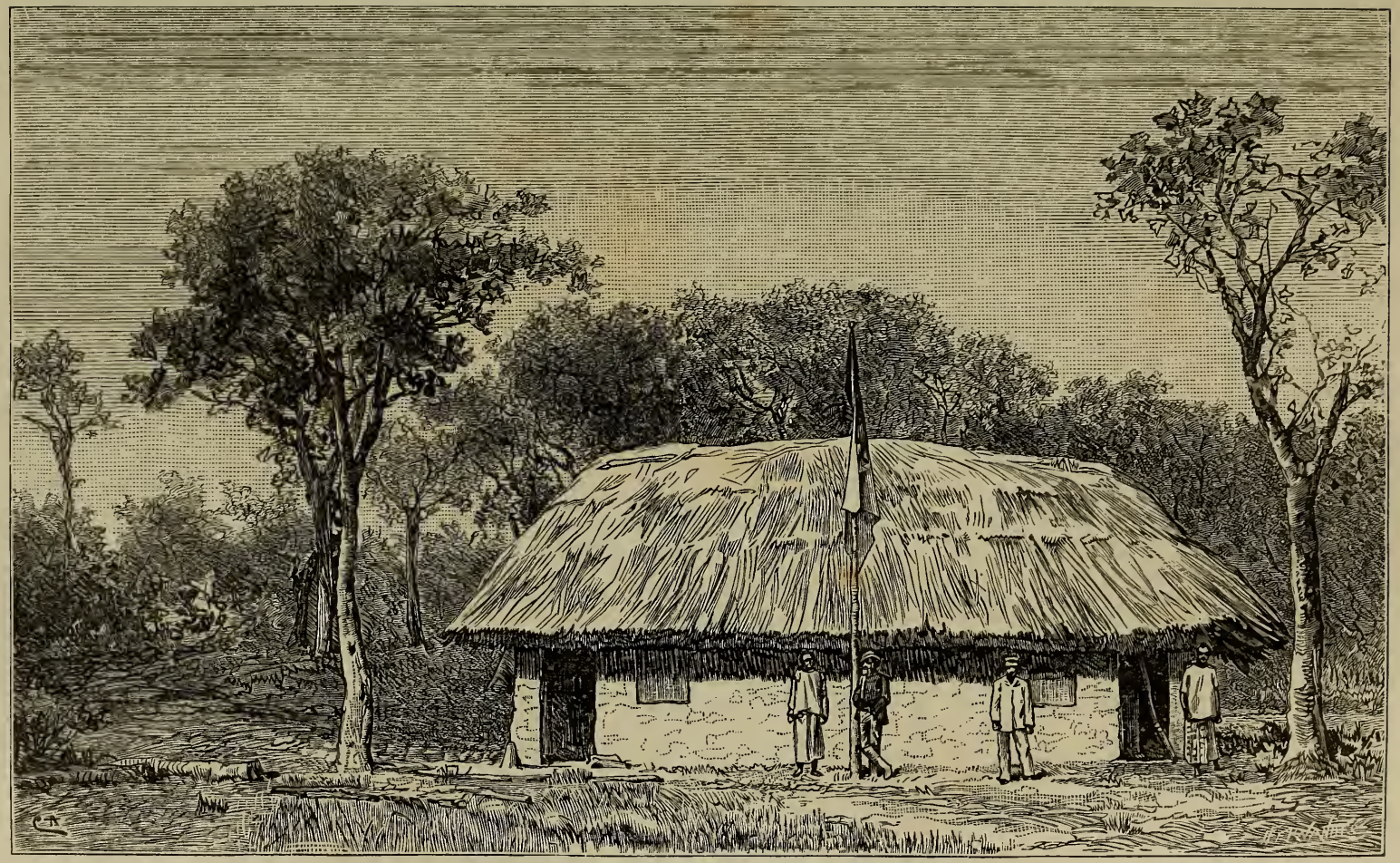
De facto em 16 poz-se a caminho a commitiva das cargas para Andala Quinguangua onde ficava a Estação Vinte e Quatro de Julho, acompanhada por dois soldados e com ordem de irem avançando todos os dias para a Estação Ferreira do Amaral, e mandámos prevenir o empregado nesta ultima de que estavamos em marcha e que recommendasse ao soba da povoação, que fosse arranjando carregadores para transportarem cargas d'ahi para a Estação Paiva de Andrada, no Luí.

O velho Calado e sua filha jantaram comnosco, e esse homem recordando-se da patria, de que nos havia de fallar? Dos homens de mais nomeada de seu tempo e das questões que então eram mais palpitantes: guerra da Maria da Fonte, da Patuleia, do marechal Saldanha, conde da Povoa, barão de Catanea, Passos Manuel, etc., e terminou com o que o preoccupava mais na occasião, o fabrico da aguardente, machinas de distillação, etc., e de quanto fôra infeliz no commercio.

A filha, essa, nem uma palavra, e para muita gente, soubemos depois, que passa por muda.

Tinhamos resolvido que partiriamos no dia immediato, e por isso deixámos a familia Calado com o dono da casa e fomos terminar e fechar a nossa correspondencia para ser enviada para Malanje.

Por emquanto iamos aproveitando os recursos que tinhamos para dar mensalmente noticias nossas ao governo e ás nossas familias.



ESTAÇÃO VINTE E QUATRO DE JULHO

O nosso hospede entendeu não só dar-nos um lauto almoço de despedida, como ainda preparar-nos alguns assados, ovos, queijo, pão, vinho e café para o caminho.

Como a distancia d'aqui para a Estação, onde queriamos ir pernoitar, não era grande, 20 kilometros, que de rede se vence em tres e meia ou quatro horas, acceitámos o seu convite e ficámos ainda para almoçar, no que fomos acompanhados pelo velho Calado e só partimos á uma hora da tarde depois de expedido o nosso correio para Malanje.

Despedindo-nos do nosso excellente amigo o sr. Francisco José Esteves cumprimos um grato dever significando-lhe neste logar o nosso reconhecimento.

Seguimos o rumo, quasi sempre para E. entre arvoredo, por terras humidas em parte encharcadas e com linhas de agua que de certo desappareceriam, se a intensidade dos raios solares não fosse modificada pela ramagem do arvoredo sobre que incide.

Chegámos á Estação eram cinco horas e appareceu-nos logo o soba, pedindo que não fossemos para aquella casa e sim para uma que elle mandára preparar proximo da sua, porque como estava fechada por algum tempo, pululava ahi o *mahundo* (*Pulex penetrans*).

Suppondo que seria exagero da parte do soba para nos attrahir para a povoação, tentámos entrar, porém os dois primeiros carregadores que iam na frente, logo aos primeiros passos, deitaram a fugir batendo nas pernas e gritando que não entrassemos.

Não havia pois que hesidar, acceitámos o offerecimento.

O soba em seguida, presenteou-nos com um grande porco para a commitiva o que se retribuiu com uma peça de chita de primeira qualidade, que elle muito agradeceu; nós porém, relativamente não ficámos de peor partido.

Com respeito a carregadores, disse-nos que na occasião só pudera alcançá-los para Andala Quissúa, mas que passados mais dias os apresentaria para o Cuango.

Neste caso resolvemos logo, com grande magua do soba, partir de madrugada para a Estação Ferreira do Amaral, a fim

de lá irmos dormir e dissemos-lhe que mandasse lá os carregadores quando os tivesse.

Matou-se o porco, ficando um pedaço para arranjarmos tambem a nossa refeição e o resto dividiu-se pelos carregadores, que trocando parte por fuba tiveram uma boa ceia.

Já de noite, Andala Quinguangua mandou arranjar uma bella fogueira, a qual attrahiu dançadores e musica, e veiu sentar-se perto de nós, para gosar das nossas impressões sobre o entretenimento que preparára para celebrar a nossa chegada.

Tinhamos assistido a muitas danças africanas, tanto nesta provincia, como na costa oriental e na ilha de S. Thomé, tinhamos lido algumas descripções de viajantes e exploradores, porém confessâmos que mais primitivo, mais gentilico, nada vimos, como o que se estava passando deante de nós.

As raparigas e os rapazes estavam formados em duas linhas, distantes uma da outra uns 3 metros. Á toada dos instrumentos de pancada, sae uma das mulheres dançando em passinhos curtos e vae direita ao homem que mais lhe agrada e dança em frente d'elle até lhe tocar e recuando nos mesmos passos de dança, este como attrahido, procura tambem dançando unir-se a ella que procura sempre fugir-lhe com o corpo. Assim andam no terreiro ora avançando, ora recuando, até que a rapariga que o fôra desafiar se deixa vencer e então tocam-se por tres vezes no ventre e na ultima, ficam assim por segundos dançando, inclinando o tronco para traz e um pouco para a direita e terminam de subito, indireitando-se, batendo os pés com força e recuando cada um aos seus logares, no meio dos applausos dos espectadores, expressos por grande vosearia, assobios e palmas.

Segue-se outra rapariga a conquistar o seu rapaz, e assim successivamente.

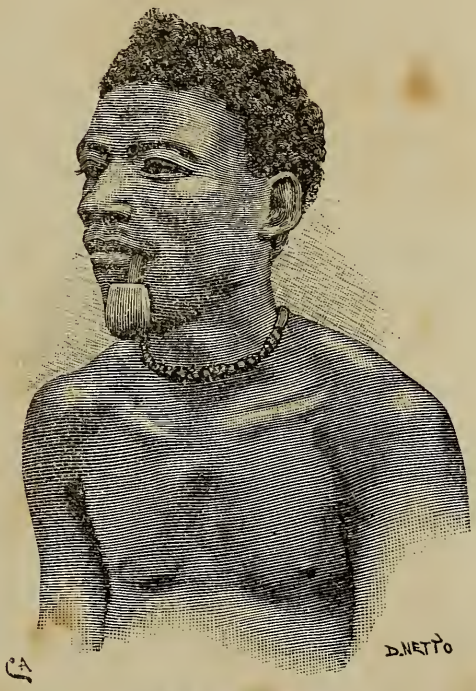
Quando as linhas dos bailadores eram grandes, viam-se dois e tres pares no terreiro. Algumas raparigas por mais envergonhadas ou por mais coquetes tapavam parte da cara com lenços, mas pelos requebros que davam ao corpo e pelos sorrisos que se lhes podiam descobrir, mostravam a sua satisfação por este passatempo.

Quando eram horas de nos accommodarmos recolhemos, porém as tarimbas eram curtas por falta de espaço na cubata, e por isso, pelo calor insupportavel que fazia e por causa dos mosquitos, poucos foram os momentos de repouso que tivemos.

Principiava a aclarar o dia, ainda tudo estava em socego na povoação, e já a nossa pequena commitiva estava em movimento de partida.

É occasião de fallarmos na Estação Vinte e Quatro de Julho, e de dar as informações que temos sobre a povoação.

A Estação foi construida á saida da povoação para norte, e ficou um pouco distante d'ella. Occupava uma area de $11^m \times 4^m,8$ tendo as paredes a altura de 3 metros.



ANDRÉ (DE CASSAI)
Carregador

Foi dividida em dois compartimentos, sendo o do centro, o mais espaçoso, com 6 metros de comprimento destinado a armazem das cargas, tendo este duas janellas. Os compartimentos lateraes cada um com sua porta, destinaram-se, um independente do armazem, para hospedes, e o outro que com este communica para o encarrregado do estabelecimento.

Deu-se á cobertura bastante elevação, para offerecer bom escoamento á agua das chuvas.

Não se deu maior desenvolvimento a esta Estação, por ficar a um dia de marcha de bons estabelecimentos commerciaes e não ser provavel que tão pequena distancia fosse sufficiente incentivo para attrahir as commitivas do commercio do interior já encarreiradas para aquelles.

Fundando esta Estação, teve-se em vista, facilitar as com-

municações á Expedição, dispor os povos vizinhos a seu favor, manter ahi uma reserva de recursos, e facilitar a mudança dos cargas para deante, attenta a grande falta de carregadores que havia em Malanje.

A povoação é disposta, como em geral, as que temos visto, numa baixa, assombrada pelo lado de leste e proximo de agua corrente, havendo depressões aqui e ali onde se estagnam por algum tempo as aguas pluviaes. As habitações são baixas, revestidas de capim mas regularmente acabadas, e destacam-se as dos individuos que teem mais posses pela grandeza, mais divisões e pela ornamentação, feita com o mesmo capim, nas entradas e no fecho das cupulas.

Entre as habitações vêem-se curraes e chiqueiros, e os animaes tambem aqui parece darem-se bem.

São as mulheres quem cuidam das lavras e estas limitam-se a plantações de mandioca, milho, jinguba e nalgumas tambem ha feijão miudo.

Os homens no tempo proprio caçam, cortam madeiras no mato, alguns já procuram o serviço de carretos, mas na maioria são indolentes e os que se encontram pela povoação passam a maior parte do tempo nas habitações, junto aos brazeiros e bebendo d'alguma bebida fermentada, sendo aqui a principal o hydromel.

As mulheres entrançam os cabellos a capricho, mas só os penteiam de tempos a tempos, e untam-nos com varias substancias, a ponto de nalgumas apenas se perceberem as divisões das tranças que mais parecem lã do que cabellos encrespados. As tranças são apertadas com pedaços de metal ou enfeitadas com contaria, preferindo-se a vermelha. Algumas, porém, mais pretenciosas e por isso mesmo menos descuidadas e que se penteiam a miudo, arranjam alguns penteados artisticos e que agradam á vista.

Os rapazes até uma certa idade, geralmente, quando fazem gosto pelas tranças augmentam-nas com crescentes que disfarçam enfeitando-os com contaria diversa na côr e grandeza. Presentemente os homens, pelo contacto com os Ambaquistas e

mesmo com os Bambeiros [1], já usam como estes, de barretes e chapéus de qualquer côr, feitio e especie; o caso é cobrirem a cabeça.

Vêem-se homens de barba cerrada e alguns têem-na espessa.

Como vestuario trazem as pelles de qualquer animal, suspensas á cinta atraz e adeante, porém sobre estas, se os têem, usam pannos de fazenda que em geral só os tapa até aos joelhos ou um pouco mais abaixo. Os mais abastados cobrem-se com um grande panno de algodão ou de chita que a um terço do seu comprimento amarram na cintura, ficando o resto para cima com que tapam as costas envolvendo os braços na parte que lhes cae adeante, se teem frio, e sempre quando estão sentados ou conversando. As mulheres amarram sobre os peitos um cordão ou fita delgada e entallado neste é que seguram os pannos, ficando com os braços livres para poderem trabalhar á sua vontade, pizar o bombó, cozinhar, cavar, transportar agua, etc. As mais indigentes usam apenas um trapo a cobrir as partes pudendas mas se teem mais algum retalho de fazenda, sobre o referido cordão com que sempre apertam superiormente os peitos de modo a fazer ahi uma quebra, prendem-no para tapar o seio.

Os pannos melhores são debruados com outros, o mais geral é debruarem-nos com ganga azul.

Com respeito ao seu dialecto, notou o capitão Aguiar que era um mixto do de Loanda com o dos Bailundos, encontrando-lhe comtudo vocabulos especiaes. E convencia-se de que se havia adulteração era no que se chama dialecto de Loanda, pelo contacto com os europeus.

Conhece o referido capitão e mesmo falla os dialectos de Loanda até Massangano e alguns do sul, do sertão de Benguella, e no seu diario registou, a respeito do dialecto que falla este povo com quem conviveu algum tempo: «Que a maioria

[1] Vizinhos da séde do concelho de Malanje.

dos termos são iguaes, porém a pronuncia é differente e concorre em grande parte para que quem, como eu, não conhece a fundo nem este nem outros dialectos, os não possa comprehender a primeira vez que os ouve. Preciso de obrigar esta gente a repetir duas ou tres vezes o que me dizem para então os perceber».

De facto assim é, mas não é só a pronuncia que difficulta a percepção, é a questão de ouvido, a falta de vocabulos nos povos que mais se afastam da actividade que se vae accentuando entre as tribus mais adeantadas, e principalmente o modo di-

HABITAÇÕES DO SALALÉ

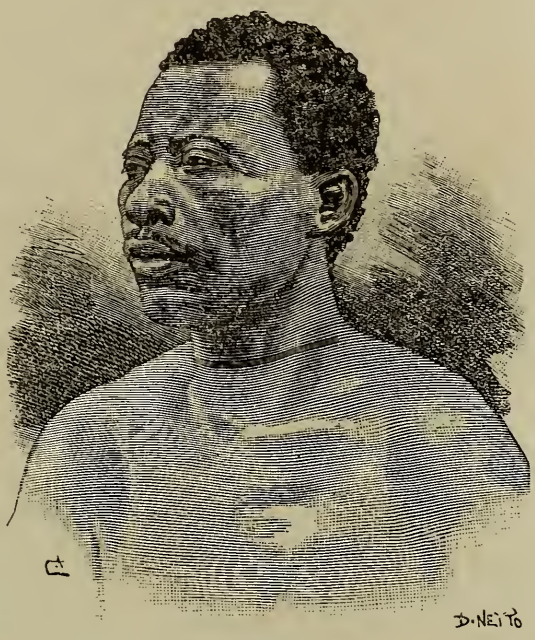
verso da juxtaposição d'esses vocabulos. As linguas vão passando por modificações com o correr dos tempos e as de Africa, em alguns povos, estão num periodo de transição e mais se sente esta quando nos encontrâmos entre tribus relativamente mais atrazadas [1].

Este povo em geral é docil e a Expedição manteve com elle as mais cordeaes relações, e como faça parte dos povos de

[1] Vide os volumes especiaes sobre linguistica, publicados pela Expedição.

Andala Quissúa, entre os quaes iamos viver por algum tempo, basta por emquanto o que deixâmos dito sobre as nossas impressões geraes a seu respeito, não devendo comtudo deixar de consignar por ultimo que apresentando-se em principio muito desconfiado sobre as nossas intenções, não foi, sem se mostrarem contristados, e sobretudo o potentado, que nos deixaram partir antes do sol nascer.

Seguimos o rumo N.-E, e depois de passarmos a povoação de Cacolo Bela, embrenhámo-nos numa floresta de arvores corpulentas e onde o salalé encontrou vasto campo para as suas imponentes construcções; algumas realmente são prodigiosas, deixando-nos em duvida á primeira vista, se são ellas que sustentam as arvores de elevado porte, ou se estas lhes servem de apoio.



CASIMIRO(DE) AMBUMBA
Carregador

É certo que além da arvore principal que se apresenta inferiormente rendilhada, envolvendo com as raizes essas construcções, partem d'estas tres ou quatro mais pequenas que nellas parecem implantadas. Ha outras construções já cobertas superiormente de vegetação variada e luxuosa como massiços de jardim, do centro dos quaes se elevam as arvores que as sombreiam.

Não é raro do tronco de uma d'estas arvores levantar-se uma outra como enxerto, de folha muito differente.

Algumas d'estas obras da natureza, de tal modo captivaram a nossa attenção, que insensivelmente com o lapis as fomos copiando o melhor que nos foi possivel, para a nossa carteira.

Continuando a marcha, ás nove horas e tres quartos, passámos o rio Cambo, sobre o tronco de uma arvore, tendo feito um percurso de 15 kilometros.

Este rio vem de S.-E, parece partir da elevada serra de Tala Mugongo e descaindo para o W., seguir depois para N. na baixa occidental das montanhas do jaga Andala Quissúa.

Começámos a subir, sendo ali a floresta mais densa, vendo-nos forçados por isso a caminhar a pé, porque na rede o nosso corpo era molestado com as pancadas nas arvores. O caminho ainda estava liberto do capim pelas ultimas queimadas e por isso não nos custou a marcha.

Passámos algumas linhas de agua, e ora descendo mais que subindo, parámos ao meio dia na margem do rio Quindúa, onde encontrámos bellas arvores, á sombra das quaes descansámos e comemos alguma cousa, tendo feito um percurso de 11 kilometros ou mais, e sempre no mesmo rumo.

A nossa gente precisava tambem de comer, e por isso o descanso foi de uma hora.

Um pedaço de carne de porco e pão da vespera, ovos assados e queijo, foi a nossa refeição. O leitão inteiro que o nosso amigo Esteves havia mandado arranjar apodrecêra, mas os carregadores é que não consentiram que se deitasse fora, comeram-no todo.

Continuando a nossa marcha, depois de descermos a um grande valle, subimos a um planalto, onde passámos ao lado da senzalla de Cambaquela e num acampamento provisorio mais adeante encontrámos em descanço a commitiva das nossas cargas que partíra antes de nós de Catala.

Eram tres horas e tres quartos e haviam ahi recolhido porque principiára a chover. Contavamos mais 10 kilometros de marcha, sendo esta num rumo um pouco mais para norte.

Não nos convindo por forma alguma ficar ali, pois numa marcha de tres horas podiamos vencer a distancia que nos faltava para chegar á Estação, apesar da forte trovoada que estava sobre nós, e suppondo que a chuva, pelo caminho que tinhamos a seguir, pouco mal nos faria, mandámos distribuir uma

CONSTRUCÇÕES DO SALALÉ

ração de aguardente á gente para a animar a proseguir, e determinámos que as cargas que encontrámos fossem immediatamente recolhidas, devendo os carregadores continuar a viagem no dia seguinte.

Já tinhamos avançado 2 kilometros e na descida para o valle maior que se encontra neste trajecto, que por ser profundo chamam Muhamba, a trovoada augmentou e a chuva apertou comnosco cada vez mais. Os carregadores, que já iam alegrotes, acossados por ella, seguiam numa carreira vertiginosa e lá fomos de cambolhada na rede com elles por uma ribanceira ingreme.

Felizmente elles sabem cair; porém um de nós, que ia na frente, assentou com os costados no solo, e sem dar um ai, esperou que o levantassem do charco em que o deixaram, emquanto que aquelle que vinha atraz, e que o ia atropellando, sentindo o alarido dos carregadores e sendo obrigado a desviar-se, saltou fora da rede suppondo que teriam partido a cabeça ao seu companheiro que jazia immovel.

São accidentes estes que succedem muitas vezes a quem tem de transitar no interior de Africa, e sobretudo onde houver aguardente ou qualquer bebida dos mesmos effeitos hilariantes.

Já fatigados, fomos como pudemos até á senzalla do soba mais proximo e como o tempo tendesse a alliviar, tratámos de aproveitar a bonança.

Desciamos novamente pela Quicassa, mas a chuva e trovoada augmentaram.

Faltavam 2 kilometros para chegar á Estação, mas já estava escuro bastante e o caminho era perigoso por ser em ribanceiras, na aba de uma serra.

Aproveitámos todavia a claridade dos grandes relampagos para adeantar ainda alguma cousa no caminho e chegámos a um acampamento provisorio, dos que por ali se encontram, prestando-se alguns dos homens que ahi se achavam, a virem com fogachos que fizeram de capim guiar os nossos carregadores.

Chegámos á Estação eram sete horas e um quarto, muito moidos, muito encharcados e com bastante apetite, tendo sempre seguido pouco mais ou menos o rumo N.-E. num percurso de 48 kilometros, a contar de Andala Quinguangua.

SCROFULARINEA

CAFÚXI—ESTAÇÃO FERREIRA DO AMARAL

avendo o empregado que estava tomando conta da Estação disposto já as cousas em deposito num dos quartos, e dado as suas ordens ao cozinheiro para fazer uma canja de gallinha, tratámos nós de mudar de roupa e fomos tomando café para nos confortar.

Da Estação Paiva de Andrada tinham chegado na vespera tres contratados de Loanda e deram-nos noticias circumstanciadas do que por lá se passava. Como todos ali estivessem bem, cuidámos de ir pondo os volumes que traziamos nos devidos logares.

Veiu a canja por que suspiravamos e uma refeição reparadora e que o estomago recebia bem, dispoz-nos a ouvir as informações de uns e outros ácerca: das relações que se haviam mantido com os povos vizinhos, recursos alimenticios, preferencia da missanga á fazenda para a compra de generos a retalho, gosto pronunciado dos potentados pela aguardente, negocio de gado bovino, esperanças de carregadores para a

Mussumba, offertas de alguns para transportarem cargas para a Estação Paiva de Andrada, etc., etc.

E depois de tudo isto, deitámo-nos e dormimos até de madrugada, sentindo-se já então grande movimento na povoação.

Pouco depois de terminadas as nossas abluções matutinas e feitos os arranjos do costume, recebemos a visita de Sé Quitári, soba da povoação. Como tomavamos café, tambem lhe apeteceu provar, mas não gostou, preferindo um copo de aguardente que sorveu com delicia.

Já sabiamos que toda esta gente até ao Cuango dá grande apreço a um copo de aguardente. É o melhor mimo que se lhes pode fazer, porque elles ainda não encontraram a moeda com que a possam adquirir.

Se alguem se lembrar de vir para aqui vender calices de aguardente por bollas de borracha, não lhe faltarão freguezes, porém será um grande mal para esta terra.

Tirar uma porção de borracha dos seus pequenos depositos para comprar um garrafão ou mesmo algumas garrafas, não o farão porque geralmente esses depositos, que a pouco e pouco vão accumulando, constituem as suas fortunas, que destinam parte para compra de cabeças de gado e uma outra para fazendas e missangas com que se vestem. Mas tirarem uma bolla de quando em quando para irem saborear o seu copinho, por certo que o fariam [1].

Nós levámos até ao Cuango alguns garrafões de aguardente destinados a presentes, por serem estes os mais economicos e para gratificarmos os carregadores; porém como o nosso fim era mantermo-nos nas boas graças d'estes povos e não negociá-la, de um garrafão faziamos tres e ás vezes mais, temperando-a com a agua do rio, filtrada, e sem que elles tivessem conhecimento de semelhante operação.

---

[1] No nosso regresso, já nas margens do Cuango e tambem aqui, se negociava em aguardente a retalho, e os agricultores de Malanje, de certo terão reconhecido o augmento de procura d'este bom producto da sua industria, depois que a Expedição se foi internando no Continente.

O soba terminou a sua visita, participando-nos que esperava que seu pae [1], o jaga Andala Quissúa, mandasse cumprimentar-nos e dar-nos de comer, para elle então tambem nos trazer alguma cousa e dar ordem á sua gente para vir á Estação vender mantimentos á nossa comitiva.

É a praxe que encontrámos em todos os povos com quem tivemos de entreter relações; ninguem de uma povoação se apresenta a vender ou offerecer qualquer cousa a um hospede, sem que o potentado tenha primeiro enviado o seu presente.

SÉ QUITÁRI

De facto, depois de ter retirado Sé Quitári, appareceu-nos um representante do velho Jaga felicitando-nos pela nossa chegada á Estação, sentindo elle não poder vir pessoalmente por estar quasi entrevado, como era sabido. Havia mandado buscar um boi á sua manada para nosso alimento, como porém este serviço tivesse demora, pedia acceitassemos as duas gallinhas e a porca que enviava, para nós e a nossa gente podermos esperar até que nos trouxessem o boi.

Agradecemos os comprimentos e a lembrança do Jaga, e compromettemo-nos a ir vê-lo logo que tivessemos tudo na devida ordem, manifestando a necessidade que tinhamos de carregadores para fazermos seguir já as cargas para o Cuango,

---

[1] É uso d'estes povos chamarem pae aos potentados, pelo menos o vocabulo que empregam para os designarem, é este.

visto estarmos muito apertados na Estação. Como signal de amizade e de termos recebido o seu presente, mandámos-lhe pelos seus portadores um garrafão de aguardente, acrescentando que esperavamos désse ordem ás suas senzallas para venderem mantimentos á gente da nossa comitiva.

Foi depois de se retirarem estas visitas, que tivemos opportunidade de passar uma visita á Estação.

Ficára esta construida com toda a solidez, occupando o edificio uma área de $12^m \times 4$ dividido em tres compartimentos, sendo o do meio mais avançado e por isso mais largo 1 metro. Dera-se ás paredes d'este ultimo, maior altura e portanto a sua cobertura era tambem mais elevada projectando-se sobre as lateraes. Ao pavimento deu-se um nivel superior ao do solo em redor, ficando á frente da porta de entrada um pequeno alpendre, dispondo-se o solo ahi em degrau, entre o nivel do terreno e o da casa.

Os lados d'este alpendre foram fechados por bancos de argamassa igual á das paredes da construcção, onde se sentavam os que nos vinham visitar, evitando-se assim a accumulação de gente na casa central onde trabalhavamos e onde estavam arrecadadas fazendas e outros artigos de commercio, instrumentos, armamento e utensilios que era indispensavel ter mais á mão.

O alojamento da esquerda destinámo-lo para quarto de dormir, e o da direita para armazenar as cargas, dispostas na devida ordem, em prateleiras fixas nas paredes do alto a baixo.

As paredes tinham de altura $2^m,20$, porém como as asnas tivessem grande altura, havia no interior uma cubagem de ar muito sufficiente.

Tanto as mestras como os tabiques foram feitos em duas ordens de gradeamento de troncos devidamente preparados, e entre elles metteram-se pequenos calhaus e pedaços de barro endurecido sendo tudo depois revestido por ambos os lados de barro amassado.

O soba tinha cedido um espaço ao fundo para curral e horta, que devia ser fechado por um tosco gradeamento, o qual

ESTAÇÃO FERREIRA DO AMARAL

circumdaria a Estação até á sua linha de frente; porém esse serviço só poderia fazer-se, caso tivessemos muita demora, o que não desejavamos.

Á frente da Estação havia um largo que não convinha empachar e por isso o acampamento dos carregadores foi disposto aos lados, ficando as suas habitações afastadas umas das outras por causa dos fogos.

Estavamos na extrema norte do planalto da povoação a que denominam Cafúxi [1] do Sé Quitári, d'onde seguem as rampas para os valles, as quaes terminam junto ao rio Luhanda que se desenvolve em curvas pronunciadas do nosso oeste pelo norte para confluir no Luí. É pelo valle da nossa frente que se faz o caminho para NE. para Holo, Iongo, etc.

No planalto que nos ficava fronteiro, distanciadas umas das outras, destacavam-se, sombreadas por frondoso arvoredo, tres povoações que constituem Cafúxi, tendo cada uma o nome do seu soba.

O nosso horizonte limitado a oeste pela grande serra de Andala Quissúa e que se estende para noroeste, é mui desaffrontado d'ahi para leste, principiando a restringir-se depois para o sul, apresentando-se-nos ahi, a limitar o recinto das aldeias dois elevados montes de formas semelhantes, quasi da mesma altura vistos da Estação; e mais, parece que a natureza se encarregou de os rasgar a meio, em forma da projecção de um vaso, para dar accesso por este lado á região de além.

Durante as madrugadas, emquanto o sol nos permittia, tivemos occasião de desenhar os panoramas que do largo da Estação disfructavamos para todos os lados, e por isso os reproduzimos para dar d'elles melhor idea do que por uma simples descripção.

Tendo nós presenteado o Jaga pela nossa chegada, era justo não esquecermos o soba Sé Quitári e o seu velho tio, que pres-

---

[1] Segundo os Ambaquistas, *fuxi* («sitio»), *kafuxi* («pequeno sitio»). Parece-nos a interpretação — aldeia, pequena povoação.

tára ao empregado da Estação o importante serviço de lhe arranjar creação, cabritos, ovos e mantimentos das lavras de que elle carecia para seu sustento.

Tambem os figurámos a um e a outro, assim como o velho Jaga, segundo um croquis que nos foi possivel obter durante os poucos dias em que mantivemos com elles relações.

Os homens vieram agradecer a lembrança e então trouxeram cestos de fuba [1] para a nossa gente. Esta, que além da porca teve tambem um garrote, enviado por Andala Quissúa, terminou o dia com um festivo sarau, e nós fomos obrigados a acompanhar o soba e a sua primeira mulher assistindo a uma dança improvisada pela nossa gente, á qual não resistiram as raparigas da povoação, attrahidas pelos sons de uma harmonica tocada por Adolpho, um dos nossos contratados de Loanda.

Fizeram grandes fogueiras, assobiada e alarido, com a previa licença do soba.

As raparigas já de tarde tinham vindo acompanhar o soba para ver os brancos, de quem pareciam temer-se, porém uma porção de missanga a granel, que se lhes atirou, fez-lhes perder o acanhamento e d'elles se approximaram. Por isso á noite, ouvindo a musica, não poderam parar nas habitações, e o soba, que conheceu o que ellas queriam, disse-lhes que fossem dançar com os filhos de Muene Puto.

O nosso cozinheiro Marcolino estava alegrote e entreteve a sociedade, cozinhando os *mocotós* [2] para o nosso almoço do dia seguinte.

Para animar a dança, que era dirigida pelos rapazes de Loanda e a que as raparigas e rapazes da povoação facilmente se affeiçoaram, deu-se um calice de aguardente temperada a cada um.

Ás dez horas levantou-se um rijo pé de vento de N.-E. sendo preciso fazer apagar as fogueiras por causa das fagulhas não

---

[1] O amido da mandioca.

[2] Mãos de vacca.

irem causar algum sinistro, terminando portanto a festa e retirando cada um para suas casas.

Seria meia noite, grossa chuva nos obrigou a mudar de camas e de logares, porque a cobertura do nosso alojamento, sujeita a uma grande prova, indicava-nos os reparos de que carecia.

Destinámos o dia para fazermos a ascensão á residencia do Jaga, e por isso se tratou do presente que lhe deviamos levar, porém antes, Sizenando Marques dispoz os seus instrumentos de observação e preparou medicamentos para alguns doentes por quem o soba se interessava e que lhe apresentára. Contrataram-se e pagaram-se dois carregadores para a Mussumba; despacharam-se com pagamento dois dos nossos, que contrataram mais dois seus parentes para o serviço das cargas tambem para a Mussumba, indo buscá-los ás senzallas que diziam a um dia de distancia da povoação; recebeu-se a visita de Sé Quitári e de seu tio, que nos trouxeram mais uma porca de presente, que foi dividida pelo pessoal, e distribuiram-se dezesete cargas que haviam de seguir no dia immediato para a Estação Paiva de Andrada.

MUCANGO, TIO DE SÉ QUITÁRI

Perto das tres horas partimos para Andala Quissúa, e encontrámos, pouco depois de ter passado o Luhanda ás costas dos carregadores, uma comitiva do Jaga, que vinha cumprimentar-nos; dissemos-lhe qual o nosso destino e portanto que os que quizessem fossem mais depressa preveni-lo. Alguns retrocederam e outros entenderam dever guiar-nos e auxiliar-nos na ingreme subida, em cujo primeiro lanço o aneroide accusou uma differença de nivel de 246 metros.

Como tinha havido prevenção, fomos recebidos ao som de marimbas de cabaças e de cantigas indigenas allusivas á nossa boa amizade com o Jaga.

O velho estava já sentado sobre esteiras, entre dois grandes almofadões, ao lado da entrada da sua residencia e á sombra da mesma grande arvore sob a qual o vimos a primeira vez. Vestia camisa de algodão e estava envolvido em um grande panno.

Logo que nos approximámos estende-nos as mãos e de tal modo nos puxou a si, que iamos perdendo o equilibrio; abraçámo-lo, ao que elle e os seus mostraram grande satisfação.

Queixou-se logo das suas grandes dores nas pernas. S. Marques observou-o e receitou, prohibindo-lhe o uso da aguardente com o que elle ficou muito contristado. Felicitou-se e a terra pela vinda da Expedição. Recommendou aos seus que continuassem a mostrar boa amizade pelos filhos do Muene Puto. Examinou uma a uma as differentes peças que compunham o presente, e disse aos do seu conselho que mandassem apresentar-nos os carregadores que já se tivessem arranjado.

Emquanto os interpretes transmittiam os cumprimentos de parte a parte, não poude o velho resistir á tentação de pedir um cantil para ver, e em seguida de no-lo pedir como presente para seu uso.

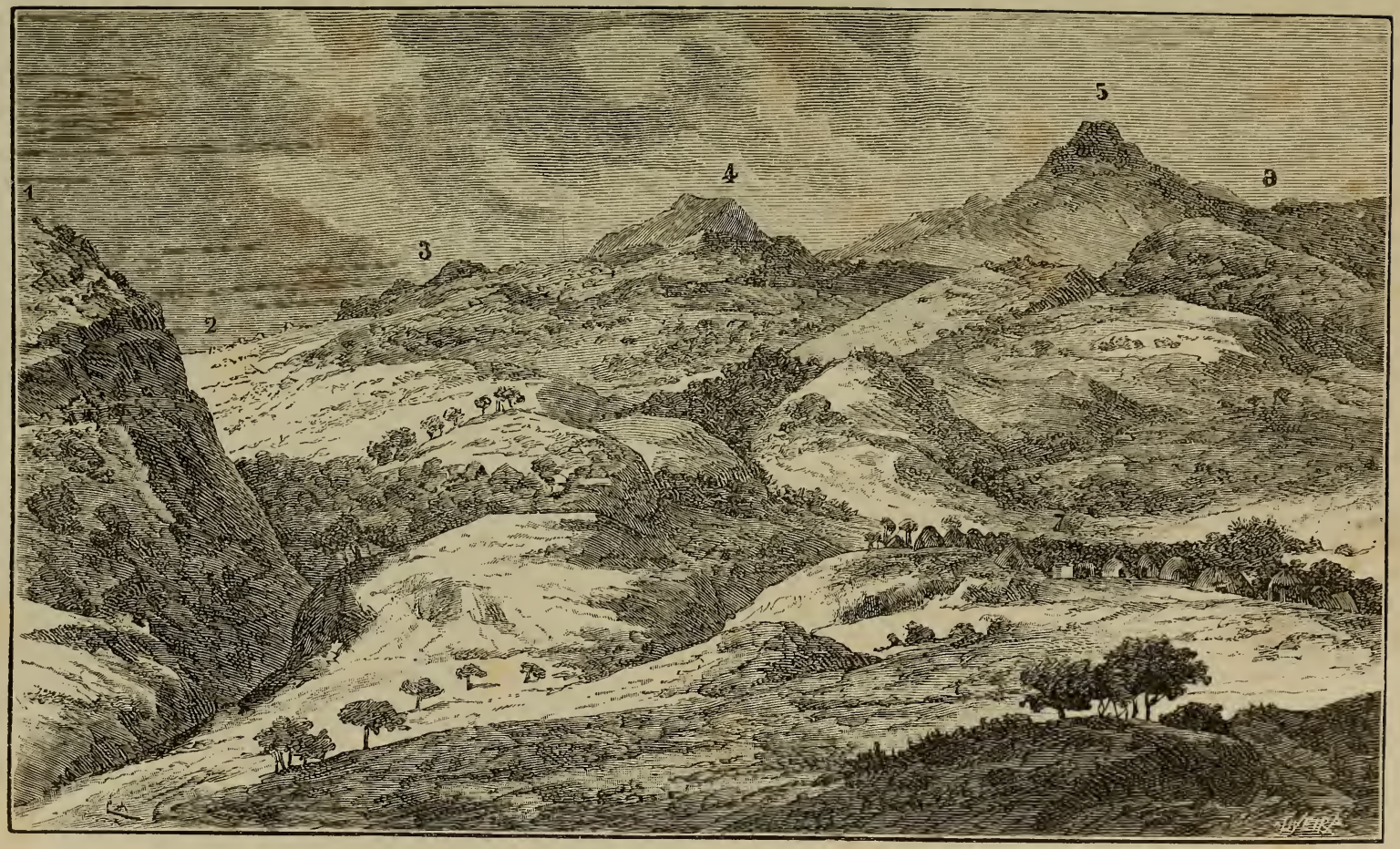
Como havia sobresalentes, e como as visitas áquellas alturas fazem-se uma vez na vida, lá o deixámos, para não contrariar o pobre Jaga na esperança que nos livrasse de mais embaraços com carregadores.

Despedimo-nos d'elle, dizendo-lhe que iamos ver a povoação e elle pediu-nos venia para presentear o soldado que nos servia de interprete, com um bode, e que o presente para nós, o mandaria á Estação.

Agradecemos e partimos.

A povoação é boa, grande e as habitações mais importantes são cercadas, sendo revestidos os paus das cercas de esteiras com desenhos agradaveis á vista.

Algumas habitações indicam idea de persistencia, pela so-



PANORAMA DE CAFÚXI: — 1 ANDALA QUISSÚA. 2 ANGUVO. 3 CAFEFA. 4 CAMBULUMA. 5 AMBANGO. 6 LUÍ. 7 CANVANVO.

lidez e mesmo gosto artistico que revela a sua construcção, sendo as suas cupulas bastante elevadas.

Tambem visitámos uma povoação de Ambaquistas, em boa ordem e onde fizemos acquisição de cebolas, alhos, azeite de ginguba [1] e de palma por elles fabricado e de boas bananas. Vimos as suas lavras e creações e tudo nos agradou.

As mulheres e rapazio seguiam-nos neste passeio, e o que mais lhes causava admiração eram os cabellos finos e compridos de Sizenando Marques, a quem tomavam por filho do chefe.

A ascensão e o calor, fez-nos transpirar copiosamente e despertou-nos o appetite, e por isso ao chegarmos á Estação mudámos logo de roupa, tomámos uma dóse de sulfato de quinino [2], e pouco depois estavamos á mesa, fazendo as devidas honras ao jantar com que o cozinheiro se esmerára, dizendo-nos que se o achavamos bom, era porque agora tinha temperos em abundancia.

A noite passou-se como a anterior, assistindo á dança e despedida dos rapazes, que de madrugada tinham de seguir para o Luí; emfim, um pretexto para molharem a palavra antes de se deitarem.

Logo de madrugada, sabendo-se na povoação que ia partir uma comitiva de cargas para a Estação Paiva de Andrada, vieram alguns rapazes pedir se lhes davamos tambem cargas para ganharem alguma cousa. Contrataram-se dez, por oito jardas de fazenda cada um, e seguiram na comitiva que partiu ás oito horas.

Chegaram pouco depois os quatro carregadores que de Catala se mandaram a Malanje para transportarem as cargas que lá deixaramos, aos quaes se mandou dar carne e fuba, que sobrára das rações do dia anterior.

---

[1] Custa a crer que uma garrafa d'este azeite se venda em Lisboa por preço inferior ao que aqui nos pediram.

[2] Prevenção que muito recommendâmos a quem tem de viver em Africa.

O soba da povoação fronteira veiu visitar-nos e fez-se acompanhar de uma manada para escolhermos uma vacca, presente a que se correspondeu em valor um pouco superior. Appareceu depois Angola Ambole, um dos grandes do jagado de Andala Quissúa, que já conheciamos por o termos encontrado á frente de uma força armada que ia fazer guerra a Quifucussa, quando viemos aqui marcar o logar para a Estação. Vinha felicitar-nos pela nossa chegada, apresentar-nos a sua primeira mulher e trazer-nos tambem uma grande porca de presente, ao que correspondemos como é do estylo, num valor superior.

ANDALA QUISSÚA

Os presentes de gado, a abundancia d'elle que vimos pelas immediações, e o seu custo muito rasoavel, motivaram a nossa resolução de fazer o pagamento de rações ate ao Cuango em carne.

Não podendo deixar de acceitar presentes e por conseguinte de lhes corresponder, havia um grande saldo a favor da Expedição, pagando em carne as rações a toda a gente da comitiva, porque o valor com que se retribuia com artigos de commercio o gado recebido era inferior ao que teriamos de pagar em rações.

As maiores cabeças de gado que nos tinham sido offerecidas davam para tres dias de ração; sendo sessenta o numero de boccas, equivaliam a 180 rações. Se tivessemos de pagar em fazenda, o mais favoravel e que nunca se pode dar, seriam noventa jardas, pouco mais de onze peças, e o valor do presente com que se retribuíra cada vez variára entre cinco a nove peças.

O pessoal ficou mais satisfeito, porque eram avultadas as rações de carne, e uma parte d'estas facilmente se trocava na povoação por productos das lavras e mesmo por farinhas, fuba, etc.

Comprando, ainda o custo seria menor e portanto tornava-se mais vantajoso.

Tendo participado o ajudante da Expedição em 21, que a Estação não comportava mais cargas e que elle estava prompto a caminhar para deante, ficou resolvido que o chefe seguiria no dia 23 direito ao Cuango, com todos os carregadores de que fosse possivel dispor, e tambem com os que se podessem arranjar nas povoações vizinhas, havendo demora naquella Estação apenas dos dias indispensaveis para ahi se contractarem os carregadores que faltassem, para não deixar ahi carga alguma e neste sentido se procedeu ás diligencias necessarias.

Um rapaz, que se dizia filho do velho Jaga e que em Andala Quinguangua mantivera boas relações com o ajudante da Expedição e a quem démos, não sei porque, o nome de João Quissúa, apresentou uns oito carregadores para transportarem a rede do chefe até á Estação Paiva de Andrade, vindo elle tambem de companhia.

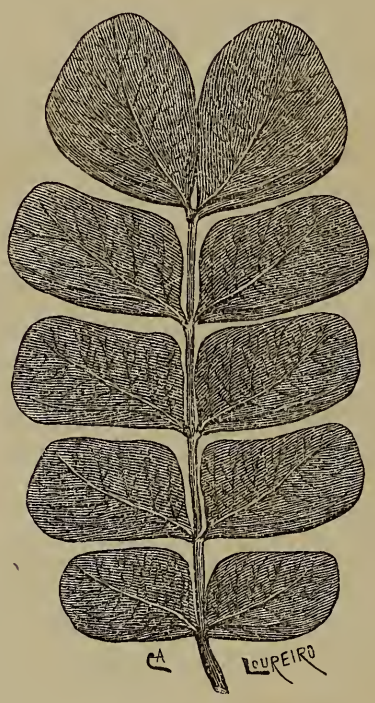
O Sé Quitári e sua mulher appareceram ao sol posto para conversar um pouco, recebemo-los com a nossa habitual cordialidade e tambem se comprometteram da melhor vontade a apresentar alguns carregadores para o transporte de cargas para aquella Estação.

Tudo estava disposto para a partida do chefe no dia seguinte, e como não era possivel vencer a distancia que tinhamos a percorrer num dia só, o cozinheiro arranjou uns assados para a viagem.

Despacharam-se tambem cargas, tendo sido primeiro pagos os carregadores que se contractaram.

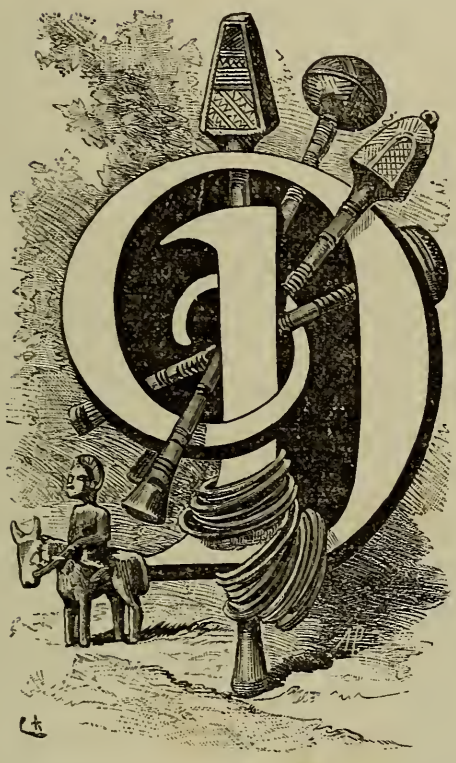
O nosso collega Sizenando Marques, que continuava com a maior sollicitude a dedicar-se aos seus estudos e observações, encarregou-se de proseguir nas diligencias de contractar mais

carregadores e de fazer seguir ao seu destino as cargas sob a vigilancia de alguns soldados e serviçaes de Loanda, dos poucos que ficavam ao serviço da Estação Ferreira do Amaral, partindo d'ahi o chefe na madrugada do dia 23.



ACCACIA DE CAFUXI

VIAGEM DO CHEFE PARA CAMÁVU



escemos ao valle em frente da Estação, e passando duas vezes o rio Luhanda, entrámos numa larga savana, limitada por arvoredo, onde encontrámos as terras já bastante encharcadas, posto estivessemos ainda no principio da estação das chuvas. Tendo descido ao valle para passarmos o Luhanda a primeira vez, inclinámos para N.-E. seguindo depois quasi sempre com o rumo E., deixando algumas povoações e lavras para traz.

Logo á entrada na savana, ao sul, e contando os primeiros 8 kilometros de percurso, fica a povoação do potentado Hunda, a quem pertencia uma boa manada que ali vimos espalhada. Nesta povoação encontrámos acampados oito dos carregadores contratados em Malanje para o Cuango, e que haviam marchado de Catala no dia immediato á partida da comitiva dos Masongos contratados pelo negociante Esteves.

Surprehendidos, porque contavamos que os quarenta carregadores que tinhamos contratado para o Cuango nos esperassem na Estação Paiva de Andrada, como era do ajuste e

não havendo nós excedido o praso da demora, fomos interrogá-los.

Mais nos surprehenderam, dizendo: — Que visto a Expedição não poder passar para o Cuango, haviam deliberado procurar-nos para lhes darmos novas cargas para a Estação Paiva de Andrada e com esta nova viagem satisfazerem o seu compromisso para o Cuango.

E porque se não passa? Perguntámos.

Porque o soba Ambango está descontente com a Estação.

Desconfiando que o motivo não era este, determinámos-lhe que seguissem comnosco e tendo nós andado 2 kilometros, encontrámos um dos nossos soldados, que nos apresentou uma communicação do ajudante, participando que todos os carregadores contratados para o Cuango haviam retirado.

Novamente interrogámos os homens, para que não occultassem a verdade pois iamos sabê-la pelos potentados das immediações da Estação. Apresentaram-nos um novo pretexto: — Que na Estação não lhe queriam pagar rações.

Só nós, lhe dissemos, podiamos pagar rações e na occasião de partirem, e portanto não deviam ter retirado. Sigam pois adeante e participem a todos os seus companheiros que nós ámanhã lá chegaremos e hão de ter as suas rações para marcharmos no outro dia para o Cuango. Foram.

Nós, continuando pouco mais ou menos no mesmo rumo E. chegámos á povoação do Mona Quinhangua, completando até ahi 20 kilometros, onde descançámos um pouco á sombra de tres grandes arvores para comermos alguma cousa, eram dez horas e meia.

O potentado, homem serio e sympathico appareceu a cumprimentar-nos com as suas mulheres e creanças, e pediu-nos licença para mandar dar aos carregadores um bom porco e fuba, o que acceitámos com a condição de elle comer do almoço que traziamos, porque não podiamos retribuir na occasião a sua lembrança e não nos era possivel pernoitar ali.

O potentado de bom grado acceitou, provou do cognac do nosso cantil, que muito apreciou, e deu-o a provar ás suas mu-

lheres, emquanto nós afagavamos as creanças e lhes distribuiamos alguns fios de missanga, que sempre levavamos na bolsa de viagem, mimos que as mães muito agradeceram.

Depois fomos dar um passeio pela povoação, que nos agradou pela boa ordem em que estava; vimos a manada que era esplendida e offerecendo-nos o soba duas rezes, pedimos para estas ficarem ainda até o nosso regresso.

Despedimo-nos, deixando-lhe um bilhete para um cabo de carregadores, que devia ahi chegar no dia seguinte ou depois, ordenando-lhe désse áquelle potentado um garrafão pequeno de aguardente.

Seguimos 3 kilometros no rumo ESE. para percorrermos depois 2, descendo para uma linha de agua, o Caquiango, no rumo ENE. Vimos ao norte uma boa lavra de mandioca e á beira do caminho uma pousada de carregadores, onde encontrámos a comitiva que havia tres dias tinhamos despachado.

Sendo apenas meio dia e tendo elles acabado de comer, calculámos que naquelle dia não tinham marchado e interrogando-os disseram: — Que não tinham ido avante por lhes haverem dito que os potentados d'ahi em deante não deixavam passar cargas, sem primeiro se lhes dar um garrafão de aguardente.

Certamente os Massongos que elles nos informaram terem fugido, foram propalando este boato pelo caminho.

Bem diziam os Allemães, que os Massongos eram os peores carregadores que havia em Malanje e não os quizeram levar. Nós acceitámos este recurso para o Cuango, porque Esteves nos affirmou ter confiança no soba que os apresentava, aliás recusariamos, como recusámos os que nos apresentaram em Malanje da mesma proveniencia.

Conseguimos que a comitiva levantasse e seguisse comnosco, porém duas horas e meia depois, já pediam por cansados para acampar. Ficaram nos fundos que deixaram os Allemães ao norte do caminho que tinhamos seguido, depois da referida linha de agua por nove kilometros, direcção pouco mais ou menos E. $^1/_4$ ENE. sempre em subida, e num descampado.

Não vendo rio algum e só poças de agua estagnada, quizemos convencê-los que ficavam ali mal, porém como fosse tarde e elles podiam vencer no dia seguinte a distancia d'ali á Estação, não insistimos.

Logo que começámos a subir do Caquiango, approximámonos da grande serra Ambango, que se avista a N.-E. da Estação Ferreira do Amaral, em forma de chapéu armado, e depois seguindo os zig-zags do caminho sempre sombreado por esta extensa serra e que parecia não ter fim, voltámos para N.-E, e caminhando parallelamente á serra mais 10 kilometros deixámo-la a final para entrarmos num vasto descampado para o lado do N. seguindo ao longo do arvoredo que ficava á nossa direita marginando o rio Luí, affluente do Cuango.

Tinhamos caminhado mais 10 kilometros no mesmo rumo, quando chegámos á povoação do sobeta Angonga, subdito do Ambango, no sitio do qual entrou a comitiva eram seis horas e meia e já escuro bastante.

A marcha de 54 kilometros tinha sido fatigante, todos tinham vontade de comer e de descansar, e já muitos dos que nos acompanhavam ficavam atrás na senzalla do Bahulo, por isso, convidando-nos o sobeta a tomar agasalho numa habitação que elle havia já feito preparar para tal fim, démos por terminada a nossa viagem naquelle dia.

A cubata que nos apresentaram era espaçosa e bem construida.

Arranjou-se uma grande fogueira á sua frente e recebemos a familia do sobeta e toda a gente que quiz ir ver-nos. Trouxeram-nos um bode de presente que demos aos carregadores para dividirem entre si, retribuindo a dadiva com uma sobrecasaca preta e 8 jardas de chita.

Depois de termos comido um pedaço de cabrito assado, bolachas e uma banana que traziamos, deitámo-nos, e apesar das dores rheumaticas na perna direita e de uma bolha debaixo do pollegar do pé direito que nos mortificára durante a tarde, cedemos á fadiga e adormecemos, acordando só ás cinco horas da manhã, já dia claro.

ESTAÇÃO PAIVA DE ANDRADA

Tratámos dos preparativos da viagem, fizemos as nossas despedidas e ás cinco horas e meia partimos no rumo N-E.

Tinhamos andado 2 kilometros e passámos por uma povoação d'onde a gente saía correndo das cubatas para verem passar o filho de Muene Puto, fazendo grande alarido e batendo as palmas.

Alguns rapazes quizeram substituir os carregadores que nos transportavam na rede e conduziram-nos por 2 kilometros, vindo as raparigas sempre aos lados gritando: *Muene Puto ueza! Muene Puto uaxica!* («Muene Puto, veiu! Muene Puto chegou»)!

Chegando a uma outra povoação os rapazes d'esta receberam a rede dos que nos transportavam e de quem nos despedimos recommendando-lhe que fossem á Estação para terem o seu mata bicho. Tambem as raparigas quizeram acompanhar-nos á povoação por onde tinhamos de passar, gritando como as outras e andando distancia igual.

Nesta repetiu-se o mesmo que na anterior sendo os ultimos que chegaram á Estação, tendo andado um pouco mais de 3 kilometros.

Veiu logo fazer os seus comprimentos o soba Ambango, acompanhado dos seus rapazes por elle mais considerados, cada um com a sua espingarda lazarina.

Esta visita que devia ser de meros cumprimentos, tornou-se demorada por causa dos queixumes do soba e da sua gente contra o pessoal da Estação.

Não contaram tudo, porque terminaram os seus discursos dizendo: — O sr. major precisa descansar agora, voltaremos depois para fallarmos com mais vagar.

Augusto Jayme, irmão do soba de Malanje, que nos acompanhava para vigiar pelos seus carregadores, e que mandámos para deante a fim de ir fallar a Mueto Anguimbo, no Cuango, e preparar-nos a passagem, disse não ter seguido, em consequencia da indisposição dos carregadores, sobre o que nos precisava fallar.

Já se vê que tinham havido por aqui novidades sobre o que era indispensavel providenciar, e portanto chegaramos a tempo.

Informando-nos o ajudante das difficuldades em se arranjar sustento para a gente, e que por isso ainda não deixára de fazer o pagamento de rações em fazendas e missangas, partimos para a povoação do Ambango, a pretexto de ir pagar a visita ao soba e levarmos-lhe um pequeno presente, mas com o fim principal de providenciar sobre rações e de arranjar carregadores, para seguirmos quanto antes para o Cuango.

O soba recebe-nos em uma casa espaçosa e de paredes de altura razoavel, o que nos surprehendeu, porém apesar da porta ser ampla, a casa era escura.

Estava elle sentado numa cadeira alta de couro, o que tambem nos admirou, porque até aqui os sobas que tinhamos visitado sentavam-se sobre esteiras no chão, ou em pequenos banquinhos.

A casa estava cheia de gente, recebeu-nos muito bem e ficaram todos satisfeitos com o presente que démos ao seu pae.

Sobre a partida para o Cuango da primeira parte da Expedição, disse que não a teria consentido sem a nossa chegada, porquanto não havia fallado comnosco e não conhecia a nossa vontade, que era a de Muene Puto; e se houvesse alguma novidade desagradavel com os povos para deante, com razão nos poderiamos queixar d'elle, porém agora, como nós já tinhamos chegado, tratar-se-ia d'isso.

Fallando-lhe com respeito á necessidade que tinhamos de mantimentos, respondeu que se prohibiram ás mulheres de irem vendê-los ao nosso acampamento com receio não dessem ellas motivo a conflictos entre os carregadores e a gente das povoações, o que nos desgostaria; porém, estando nós lá, não deixariam de apparecer todos os mantimentos que desejassemos.

De facto, pouco depois, mandou-nos Ambango um boi magnifico e uma porção de fuba, como signal de boa amizade.

O boi foi logo morto, limpo e esquartejado em rações, enviando-se, como é da praxe, uma perna ao dono da povoação.

Durante o dia os homens vieram á Estação, mas quando acompanhavam o soba; porém as mulheres e creanças não nos

deixaram, constantemente em magotes em frente da janella e das portas para nos admirarem e verem os nossos mais pequenos movimentos.

Revestimo-nos da maxima paciencia, aturando-os em principio, respondendo a todas as suas perguntas, e deixando-os depois em contemplação, pedindo-lhes apenas que se sentassem, para que pudessemos ver o que tinhamos a fazer e para não obstarem á livre circulação do ar. Pedido a que acquiesceram de bom grado, porque era o que desejavam—ver o que fazia o branco.

Voltou o soba ao escurecer do dia, para conversar e pedirnos um pouco de aguardente. Como precisavamos de carregadores, estimámos mesmo que viesse, e escusado será dizer que destemperámos todas os garrafões já encetados.

Como o soba ficasse de nos apresentar no dia seguinte todos os sobetas da sua jurisdicção e nos pedisse para lhes darmos alguma cousa, a fim d'elles o auxiliarem a apresentar com promptidão os carregadores que necessitavamos para o Cuango, tratámos de preparar doze presentes iguaes, oito jardas de riscado e quatro de chita, que tantos eram os sobetas indicados, e recolhemo-nos por necessidade de repouso.

A sós informou-nos o ajudante: das exigencias do Ambango e das rivalidades entre elle e um outro potentado Anguvo, a 2 kilometros da Estação e já na margem do Luí, dispondo este de muito mais povo que o primeiro; que havia sobetas, os que residiam nas immediações da Estação, que diziam reconhecer Ambango por chefe e outros mais distantes ao N. que reconheciam Anguvo; que ambos se queriam impor como donos da terra, a que dão o nome de Camávu, mas um e outro pareciam intrusos, forasteiros que se estabeleceram ali, vindos do interior, dizendo-se umas vezes do Holo, outras do Iongo, sendo certo que a proveniencia era diversa; que havia porém sobetas, que pela sua pequena importancia em população e por que se estabeleceram por ali depois, reconheciam um e outro como mais velhos na terra mas apesar de lhes obedecerem, diziam-se subordinados do jaga de Cassanje, de quem se afasta-

ram para se esquivarem aos tributos e procurarem os caminhos dos negociantes de gado.

Observou ainda o ajudante, que era de suppor que no dia immediato apparecesse por ali muita gente e que não nos deixariam fazer cousa alguma, porque se não contentariam em nos ver de longe, haviam de querer estar muito perto de nós, tornando-se impertinente a sua curiosidade.

Como o nosso fim principal era arranjar carregadores e não menos de noventa, assentámos em que o ajudante trataria de providenciar para que se fossem pondo em ordem todas as cargas e bagagens para a viagem, emquanto nós attendiamos ás visitas e procuravamos contratar carregadores.

Era tarde quando adormecemos, mas como estavamos inquietos, resolvemos logo de madrugada passar vistoria á Estação e dar balanço ás cargas existentes.

A Estação tinha por base um rectangulo $10^m \times 5^m$, e apenas se fez nella um compartimento reservado de 3 metros de frente para o nosso alojamento e casa de trabalho, ficando o resto para armazem das cargas, onde tambem dormia um empregado incumbido de as vigiar.

As paredes tinham de altura 3 metros, e na da frente uma porta ao centro e uma janella de cada lado.

A altura da cobertura era grande, porque a largura da casa tambem não era pequena.

Não sendo possivel barrar as paredes, foram revestidas de capim, exterior e interiormente.

A frente da Estação estava virada a SSW. e nessa linha via-se a alterosa serra do Ambango, destacando-se de tudo que a rodeava, pela forma como se nos projectava, identica no aspecto ao desenho que d'ella obtiveramos na Estação Ferreira do Amaral. Esta serra havia de servir-nos de ponto de referencia para uma boa determinação, depois de termos as coordenadas de ambas as Estações.

Pelo balanço dado ás cargas, e attendendo á fugida dos Massongos e ás cargas que deviam chegar no dia seguinte ou depois, transportadas pelos rapazes de Andala Quissúa, que

de certo não quereriam ir para deante, calculou-se não ser possivel fazer-se o transporte com menos de noventa carregadores, alem dos que estavam ao nosso serviço; não havia portanto tempo a perder.

Quatro dias! Quatro dias sem treguas consumimos numa lucta continuada com as exigencias e impertinencias de todos os sobas, sobetas, mulheres, carregadores antigos e carregadores que se contratavam! Foi esta uma boa prova que elles tiveram de quanto sabiamos ser pacientes, e da resignação de que dispunhamos para os aturar e de tambem os levarmos sempre de vencida em todos os nossos intentos e bem assim chamá-los á razão e os domarmos quando fosse preciso!

Nestas luctas, em que os interpretes ainda mais nos enfadavam, porque tudo atrapalhavam e confundiam, ou por não nos comprehenderem, ou por se temerem d'elles só pelo facto de os considerarem como gentios e nos supporem sempre mais fracos e estarmos á mercê d'elles, deram-se episodios que, se uns eram risiveis, outros nos revelavam o atrazo d'estes povos, a avidez e cubiça desmedidas de que são dotados, e tambem que nelles se encontra sempre um lado vulneravel por onde é possivel despertar-lhe os bons instinctos. No seu animo de tal modo se incutiu a prestigiosa influencia de Muene Puto, que para muitos essa entidade é ainda hoje um mytho venerando. Acreditam que só nós os Portuguezes, é que somos os europeus, e que temos o condão especial de os attrahir, cathechisar e educar devidamente para conviverem com gente culta.

Os primeiros sobetas que nos apresentou o Ambango, foram Hunda, Ambualo e Cáhia Cassaxi, e como estes dissessem quando lhes fallámos em carregadores, ter recebido ordem de Cassanje para não deixarem passar os brancos para o Cuango, que se fosse preciso obtivessemos de lá licença, replicámos-lhe que Cassanje era um jagado de Muene Puto, e ninguem nos impediria de passar por lá; que o nosso caminho era pelo norte e se elles não quizessem dar carregadores os mandariamos buscar ao Anguvo e se este não tivesse todos que precisassemos o Andala Quissúa apresentaria o resto; que se contavam

com as suas armas para se opporem á nossa saida, só uma das nossas mais pequenas lhes provaria que nada tinhamos d'ellas a recear.

Disparámos um bom revólver, que traziamos, de seis tiros, e isso foi o bastante para começar entre elles um tiroteio de recriminações e asperas censuras, por nos terem fallado mal e feito zangar. E como nós nos retirassemos em seguida para a Estação, deixando-os no largo á frente da casa onde os receberamos, não descançaram emquanto não cedemos a que uma deputação d'elles entrasse, para nos assegurarem que todos obedeciam a Muene Puto e pediam que não ficassemos agastados com elles pelas más palavras de um homem que não sabia fallar bem.

Era verdade que gente de Cassanje os ameaçára se elles nos deixassem partir pelo norte, porque queriam que nós passassemos nas suas terras para lhes darmos alguma cousa; mas elles eram filhos de Andala Quissúa, de quem nós eramos bons amigos e não se importavam com Cassanje e haviam de apresentar os carregadores.

Um copo de aguardente foi o signal de que a satisfação nos aplacára. O Ambango, nojenta creatura, que preparára a scena, suppondo que nos dèmorava ali mais algum tempo, tendo apenas em vista a aguardente que lhe fugia e que não se apressára a desculpar os mais, foi corrido para a povoação, ouvindo depois asperas censuras.

Os filhos do Anguvo, que estavam presentes, asseguráram-nos que seu pae nos apresentaria todos os carregadores de que precisassemos para o Cuango, e se não tinha vindo já comprimentar-nos, fôra porque o Ambango o não avisára da nossa chegada, certamente com receio de que nós dessemos a Anguvo, melhor presente que a elle.

Sendo vantajoso aproveitar a rivalidade entre estes dois potentados, démos ao mais velho dos rapazes que nos fallou, uma farda encarnada do commercio e oito jardas de chita para levarem a seu pae como signal da nossa chegada e dissemos-lhes que tinhamos muito gosto em vê-lo.

Os sobetas Matamba e Cáhia Cassáxi que appareceram depois, vinham dizer-nos que eram estranhos ao desgosto que nos causaram os sobetas do Ambango; que elles estavam para vir visitar-nos no outro dia porque queriam trazer-nos de comer, mas que sabendo o que se havia passado com aquelles sobetas, não esperaram pela comida que haviam mandado arranjar e vieram logo, só para nos assegurar que elles eram filhos de Muene Puto e que contasse com os rapazes d'elles para levarem as nossas cargas ao Cuango.

Foram bem recebidos e levaram presentes para elles e suas mulheres.

O Anguvo correspondeu ao presente mandando-nos uma vacca e annunciou a sua visita para o dia seguinte.

Nesse dia, logo de manhã, constando a Ambango que o outro soba vinha, pediu que lhe fosse fallar um dos nossos interpretes. Estava afflicto, nos disse este, porque o Anguvo, o ameaçára com uma guerra, logo que Muene Puto deixasse esta terra, por não lhe ter participado a nossa chegada, para elle poder comer só a nossa fazenda; que se lembrou de nos apresentar os sobas pequenos e se esquecera d'elle que era mais velho; que fôra preciso Muene Puto lembrar-se d'elle para saber que tinha chegado e poder vê-lo etc., etc.

Respondemos que Ambango acompanhasse a Anguvo, que nós haviamos de conseguir que elles fizessem as pazes.

Como Anguvo vinha de rede, entendeu o Ambango vir escarranchado aos hombros de um dos seus rapazes mais fortes.

É da praxe entre estes povos, dar-se uma gratificação aos individuos que transportam os potentados nestas visitas grandes, e por isso démos uma porção de missanga aos carregadores da rede, logo que estes chegaram á porta da Estação, e depois ao que servia de cavallo, quando se approximou com o cavalleiro.

Não poude conter a sua avidez o Ambango, que ia dando um bom trambulhão, pelos esforços que fazia para arrancar a missanga das mãos do rapaz que lhe servia de cavalgadura.

Foi preciso ampará-lo para se apear, e protejê-lo para entrar

na Estação, livrando-o das vaias e motejos da populaça, na verdade bem merecidos; sendo curioso ver os seus tregeitos e carantonhas ao ser apupado sem piedade pelos que o rodeavam.

Queixou-se Anguvo com azedume da maroteira do Ambango em o afastar de Muene Puto, quando elle lhe era muito inferior em categoria e um intruzo na terra, e que já estivera para o castigar pelo atrevimento de não deixar ir fazer a casa onde Muene Puto queria, pois lhe dissera que os povos do Luí eram ladrões; que mais ladrão e bebado era elle, porque queria comer só e não repartir com ninguem os beneficios que tinha recebido de Muene Puto e por isso agora nem os seus filhos lhe queriam dar carregadores para apresentar a Muene Puto; que elle vinha visitar-nos, trazer-nos de comer e dizer-nos que marcassemos o dia da partida para antecipadamente poder mandar apresentar os carregadores de que carecessemos.

Procurámos antes de tudo harmonisá-los, e démos a Anguvo um presente igual ao que se tinha dado a Ambango, e agradecemos o segundo garrote com que nos obsequiou. Pedimos-lhe que mandasse até sessenta carregadores, durante o dia seguinte, para lhe pagarmos e sairmos no dia immediato a esse.

O homem apresentou-nos dois de seus filhos, um, o que fôra portador do presente que lhe enviaramos, para nos acompanhar e guiar por um bom caminho ao porto de Mueto Anguimbo, e despediu-se de nós, dizendo que não fazia caso de um miseravel como era Ambango, para não nos desgostar, mas elle que tomasse muito sentido, que Muene Puto nem sempre estaria ao lado d'elle para intervir a seu favor.

Demos-lhe então um pequeno garrafão de aguardente, com o que se metteu na rede e partiu.

Depois saiu Ambango, que não deu sequer uma palavra, mas d'esta vez a pé, acompanhado do seu povo.

No dia seguinte, estava-se juntando gente na povoação do Ambango, para nos ser apresentada para o transporte de cargas, quando ao longe se sentiu toque de marimbas e de instrumentos de pancada.

Soube-se que era Cáhia-Cassáxi que vinha de rede com campainhas e todo o seu povo, comprimentar Muene Puto.

Nós almoçavamos, emquanto elles marchavam com todo o seu vagar, saboreando as honras com que se apresentava o seu soba. Vinham-se approximando da Estação, quando de subito se sentio grande borborinho e logo em seguida nos participaram uma grande guerra da gente do Ambango com a do Cassáxi.

Eis o caso. O Ambango, considerando que era uma grande offensa á sua dignidade, apresentar-se um soba inferior, de rede e com musica, na sua terra, ordenou aos seus que o fossem obrigar a apear-se, lhe quebrassem a rede e os instrumentos, e tratou de se safar, passando o Luí, que distava pouco mais de 2 kilometros para leste de nós.

CÁHIA-CASSÁXI

O povo do Ambango armada com espingardas mas sem polvora, e com paus fez a intimação á gente de Cassáxi para que retirasse ou se apeasse o soba, e d'ahi o conflicto, de que resultou atirarem com o homem por terra, quebrarem o pau á rede fazendo em cavacos os instrumentos. O mulherio e creanças gritavam, os homens principiaram a lucta pelo arremesso de paus que encontravam á mão e que eram despedidos a grandes distancias, batidos com os canos das espingardas ou com outros paus de maiores dimensões.

No emtanto, nós saimos para ver o que se passava, não obstante estarmos em chinellos, e como o homem fosse puchado por outros e andasse acocorado, suppondo que elle estava ferido, expozemo-nos aos taes projecteis, conseguindo com o auxilio de tres soldados, dispersar os magotes e trazermos

pela mão o soba, que fizemos sentar em uma cadeira, á frente da nossa casa.

Vinham os homens da povoação em chusma, para nos darem explicação do que se havia passado e certificar-nos que não era nada com Muene Puto, mas nós, antes que elles fallassem, e suppondo viriam atacar o soba, mandámos o interprete dizer-lhes, que se alguem se atrevesse a vir ali fazer desordens, fariamos arrear a bandeira de Muene Puto e rompiamos fogo contra a povoação.

Retiraram todos, mandando nós depois chamar o Ambango, e como este não estivesse, veio um dos homens velhos da povoação, que disse não approvar as ordens que dera o Ambango, pois se devia lembrar que estavam aqui os filhos de Muene Puto; mas tambem que o soba Cassáxi fizera mal em se apresentar nestas terras de rede, o que era uma falta de respeito para o dono d'ellas, que não tinha posses para andar assim, e que era melhor elle retirar já, porque na povoação os animos estavam exaltados, e se mais tarde o encontrassem ainda ahi, podiam fazer-lhe maior desfeita.

Como o soba Cassáxi entendesse ser mais conveniente retirar, fizemo-lo acompanhar por tres soldados, a quem elle deu uma cabra de gratificação, e a nós mandou-nos uma grande vacca.

Apparecendo o Ambango ao sol posto, fazendo-se estranho ás occorrencias, por ter passado o dia na outra banda do rio, onde fôra escolher gado para nos mandar, exprobámos lhe o seu modo de proceder e fizemos-lhe sentir a má situação em que elle se estava collocando com os povos vizinhos quando nós deixassemos o sitio.

Estes povos sem um chefe que os estimulasse para o bem, eram de certo os mais difficeis de domar e convencemo-nos que levantando-se conflictos com o Ambango e conseguindo-se provar deante dos seus que elle era incapaz pelas suas más qualidades de dirigir os negocios que mais interessam ao que elles chamam Estado, seria facil fazê-lo destituir das honras e contribuir para que de entre elles se elegesse um chefe que modificasse

os maus habitos que tornavam aquella gente odiada dos outros povos.

A final, no dia 27, logo de madrugada, principiaram a apparecer carregadores para o Cuango, ao preço de oito bandos [1] de riscado, e como tivessemos gado, mandou-se matar uma vacca para distribuir rações á gente para o caminho, e depois do nosso almoço, ás onze horas do dia 28, partiu o ajudante com a primeira comitiva de cargas, tudo gente antiga.

Durante o dia, pagámos a sessenta e tres carregadores, todos apresentados por Anguvo, e a mais pagariamos se não fosse já muito tarde e se não estivessemos fatigados de medir e cortar fazenda.

Chegaram cargas da Estação Ferreira do Amaral, transportadas por gente de Andala Quissúa, que preferiam ir buscar novas cargas para aqui a irem para deante com as que trouxeram, como lhe propunhamos; por isso tornavam-se precisos dezesete carregadores a mais dos que haviamos calculado.

O que nos admirou, foram quatro rapazes de Andala Quissúa, que trouxeram cargas para a Estação Ferreira do Amaral, e que para aqui vieram comnosco, não terem querido receber pagamento e ajustarem-se para seguirem ainda com as cargas comnosco até ao Cuango.

Queriam regressar no nosso serviço da rede até Cafúxi e receberem então os seus pagamentos juntos para irem para suas casas.

Se estes servissem de exemplo a outros, não faltariam carregadores em Malanje, não só para diversos pontos da provincia a oeste, como ainda até ao Cuango.

Oxalá esta experiencia aqui, estimulasse tambem estes povos para não haver difficuldades quando o resto da Expedição tivesse de seguir para o interior.

---

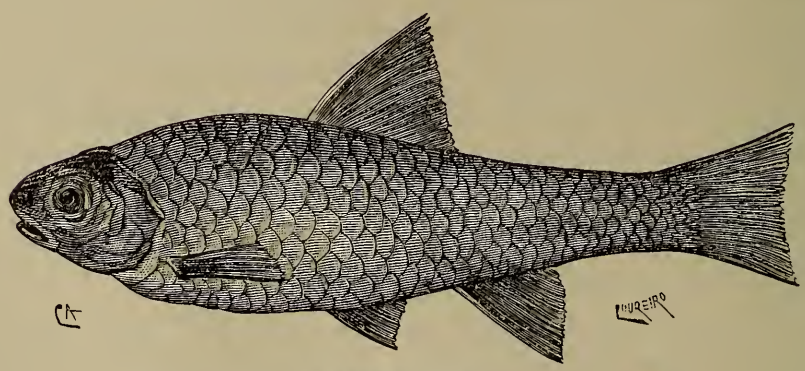
[1] O bando, aqui, mede-se de meio do peito ao extremo da mão direita estando o braço estendido na linha do corpo; verificámos que correspondia a $0^{m},80$.

Ambango, apparece-nos quando estavamos a acabar de jantar, e mostrou-se penalisado por nós não termos querido contemplar os seus rapazes com cargas, ao que lhe respondemos que elles não tinham de que se queixar, porquanto haviam ajustado como os de Anguvo, fazerem o transporte por uma peça (oito bandos) e quando fomos a pagar-lhes exigiram duas; se queriam receber como os outros, que viessem de manhã cedo tomar cargas, e cada um receberia uma peça e seguiriamos logo.

Tendo despachado os carregadores do Anguvo com um dos interpretes e contratados, fomos pagar aos que appareceram e estes pouco depois seguiam para a margem direita do Luí, ficando de nos esperar na povoação do Mulolo, onde iamos dormir.

Escrevemos ao sub-chefe para nos mandar o empregado europeu com o cozinheiro Marcolino, e que continuasse a activar o transporte das cargas para a Estação, onde deixavamos apenas o cabo do destacamento e um contractado de Loanda.

Almoçámos ás dez horas, e com grande surpreza nossa, appareceu Ambango e Matamba para nos acompanharem até ao Luí, o que só consentimos até ás primeiras povoações para os não obrigar a andarem a pé.



MUSSANJE (CUANGO)

VIAGEM DO CHEFE COM A PRIMEIRA SECÇÃO PARA O CUANGO

endo o caminho a seguir em zig-zags, predominou o rumo para N.-E. Depois de atravessarmos o planalto e a um pouco mais de 1 kilometro, começámos a descer para o valle em que encontrámos as terras encharcadas por causa das chuvas e das lavras, e de um e outro lado até ao rio Luí vimos povoações de diversos sobas, parecendo-nos todas pequenas, tendo, porém, mais ou menos gado. D'estas, registâmos á beira do caminho, as dos sobetas Calabundo, Bundungo, Luianha, Canzundo, Canpundundo, Matamba e a de Missônhi, que era a maior.

Tinhamos andado 9 kilometros, e chegámos á beira de um talude de onde se descobria atravez do arvoredo o rio Luí, que nessa occasião ainda corria baixo, o que nos permittiu fazer a sua passagem a vau.

A descida era disposta em degraus pelos indigenas, seguindo as ondulações do terreno, ora para um ora para outro lado, descida que calculámos ser de 8 metros.

Pelo que observámos á beira do rio, tanto numa como noutra margem, as aguas pluviaes se não agora, em outros tempos, já caindo directamente sobre as margens, já engrossando as das correntes, deviam ter dado causa á formação d'estes taludes, e se nas maiores enchentes as aguas não attingem hoje a altura de onde descemos, pouco lhes faltará. Os pés de milho que vimos a meio talude, quando aqui voltámos um mez depois, estavam debaixo d'agua.

Eram quasi duas horas quando effectuámos a passagem, que se fez com vagar e cautela, não só porque o rio tem a largura de 60 metros, e a agua dava pela cintura dos homens mais altos, mas ainda porque a força da corrente era muita, $0^m,9$ por segundo, o que verificámos de tarde.

Passado o rio, subimos, e ainda no mesmo rumo fomos encontrar uma povoação a 1 kilometro de distancia.

Mulolo, soba da povoação, veiu logo offerecer-nos uma boa cubata para descansarmos, dizendo-nos que fôra aqui que pernoitára o sr. capitão, que nessa madrugada seguíra para Mussangano, onde devia ficar. Agradecemos a attenção que teve a sua recompensa como era do estylo, dando-se-lhe um panno de algodão (4 jardas).

Informando-nos da distancia d'aqui a Mussangano, e sabendo que levaria duas horas a vencer, e não sendo ainda tres da tarde, lembrámo-nos de seguir para lá; porém os carregadores, tanto de Anguvo como de Ambango, constando-lhe que o soba mandára vir a sua manada para nos presentear com um boi, e contando já que o dividissemos por elles, pediram-nos para que ficassemos e que no dia seguinte adeantariam até encontrar o sr. capitão. Com grande satisfação de todos, annuimos ao pedido.

As impressões da pequena jornada d'aquelle dia foram realmente muito agradaveis. Os habitantes das differentes senzallas por onde passámos fizeram-nos uma ovação, o que é para agradecer entre povos gentios, e sobretudo não estando prevenidos. Foi bastante a guarda avançada, que eram os filhos de Anguvo, dizer quem transportavam, para todos virem para o caminho esperar-nos.

Cada vez nos convencemos mais de que esta gente, sendo bem tratada, se torna docil, e não se diga que é pelas dadivas, porque elles pelo caminho nada tinham a esperar. Aqui não succedia como nos arrebaldes de Lisboa e outros pontos do paiz, em que creanças e mesmo os adultos, correm aos lados dos viajantes que passam pelas suas terras a cavallo ou em carruagens, com o sentido que estes lhes dêem alguma moeda de cobre.

Emquanto nos preparavam o jantar, fomos dar um passeio pela povoação, que cercada de grande arvoredo apresenta agradavel aspecto, e descemos depois ao rio e entretivemo-nos, com o auxilio de pontos de referencia que marcámos, a medir a velocidade dos corpos que boiavam, folhas, pedaços de pau que homens por nós ensinados iam lançando á agua, emquanto nós mediamos o tempo, e da media de muitas observações calculámos assim com sufficiente approximação a velocidade da corrente.

A agua pareceu-nos um pouco salobra e desagradavel, e lembrámo-nos que talvez as salinas proximas de um e outro lado pudessem ter alguma influencia para esse resultado.

Tambem nos entretivemos a fazer *croquis* do rio e do panorama que se disfructava da nossa pousada para a margem de onde viemos, um amphitheatro onde se ostentavam diversos exemplares da flora africana, que dão realce á paizagem e que decerto são modificadores importantes, pois se assim não fosse, estando o sol já na sua grande declinação, mais insupportavel se tornaria.

Jantámos ás cinco horas, e com appetite, porém a agua, não obstante ter passado pelo nosso filtro de carvão, era detestavel.

Mulolo veiu-nos pedir para mandarmos matar um boi para a nossa comitiva, pelo que tivemos de lhe dar duas peças de riscado, 36 jardas, que correspondem a 4 $^1/_2$ de lei, equivalentes a 3$600 réis.

Foi morto o animal, e conhecendo nós quanto era difficil contentar o gentio com a repartição da carne, e sendo a grande maioria dos carregadores do Anguvo, encarregámos seu filho

de fazer a distribuição, não esquecendo o potentado da povoação, e os doze homens ao nosso serviço.

Não deixou de haver gritaria e confusão e mesmo a sua paulada, mas como a cousa era entre elles, lá se harmonisaram passado algum tempo, servindo isto de distracção aos sobas da povoação e ao seu vizinho Catuta, da margem esquerda, que viera visitar-nos.

Este soba disse, que esperára passassemos pela sua terra para cumprir com os seus deveres, pois não estava em boas relações com o Ambango.

Conversou algum tempo, e como principiava a escurecer pediu licença para retirar, admirando-se muito que lhe não dessemos um pedaço de carne e alguma aguardente.

Respondemos então, que nós é que estranhávamos, estando elle em sua casa, se não tivesse lembrado que tinhamos muita gente a quem dar de comer, e que uma pequena lembrança, um ovo de gallinha que fosse, seria por nós muito apreciado.

Mulolo apoiou-me, e o soba lá foi, segundo disseram os carregadores, muito envergonhado.

Mulolo ainda se demorou um pouco, bebeu um copo de aguardente e retirou. E nós fomos escrever o nosso diario e em seguida atirámo-nos para cima da cama de campanha vestidos como estavamos, e adormecemos.

Caiu uma forte batega de agua de madrugada, porém as cargas estavam protegidas pelo capim, e como ás cinco horas e meia já o sol estivesse a descoberto, tudo se poz em movimento para a marcha.

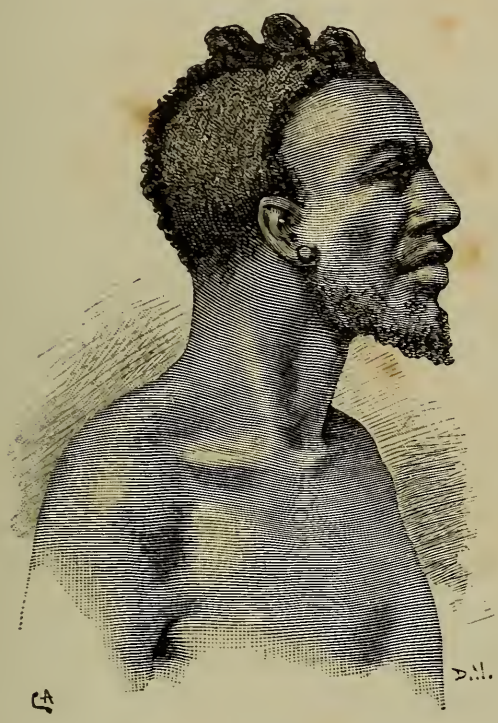
Despedimo-nos do soba, e perto das seis horas seguimos na rectaguarda da comitiva, no rumo de N.-E. 1/4 N.

A marcha fez-se sempre em terreno bastante ondulado, entre arvoredo, descendo mais que subindo e passando sobre muitos charcos, chegando a Catandangala Mussangano, depois de uma marcha de 14 kilometros, eram oito horas e tres quartos.

O soba e a gente da povoação, pediam para que descançassemos, pois desejavam dar de comer ao seu protector Muene Puto. Mostrámos a necessidade que tinhamos de ir acampar

junto da comitiva do nosso ajudante e que para a outra vez ali pernoitariamos. Alguns carregadores pediram para se demorarem e que iriam mais tarde ter comnosco, o que consentimos, porque se o não fizessemos, elles deixar-se-iam ficar.

Continuámos a jornada, ainda mais ou menos no mesmo rumo por mais 8,5 kilometros, primeiro descendo a um profundo valle em que não era possivel andar de rede pela densidade da vegetação e depois subimos pela encosta de um planalto e sobre elle passámos á frente da povoação de Mona Anguvo, subdito de Muene Canje, grande potentado na margem direita do Luí, a oeste de Mussangano. Descendo 500 metros se tanto, encontrámos no valle a comitiva do ajudante fazendo o acampamento, a qual pouco antes ali havia chegado.



CATUTA

Grandes e copadas arvores, muito proximas umas das outras, apropriavam o local para se transformar com rapidez num acampamento provisorio, porém, com respeito a condições de salubridade, não podiam ser peores na occasião, porque chovia, e o solo mantinha-se encharcado, por não experimentar a acção dos raios solares. O rheumatismo nas pernas fez-nos conhecer pouco depois de ahi estarmos, que não nos enganavamos.

Haviamos chegado em boa hora, porque o ajudante preparava-se para ir almoçar, e ao seu convite não resistimos.

Tinha o ajudante já a sua barraca de lona armada, de modo que nella se accommodou a nossa cama de campanha, e por

isso em seguida ao almoço, mudámos de roupa e dormimos umas duas horas.

Os carregadores que ficaram para trás foram chegando a pouco e pouco e a tempo de tambem partilharem da carne de um boi, com que nos presenteára Mona Anguvo. Este depois do meio dia veiu comprimentar-nos. Em seguida saimos com o interprete a explorar caminho para deante, vindo dar a um valle orlado de grande arvoredo, com terras encharcadas no fundo, e que se prolonga até ao Cuango, d'onde concluimos que as aguas d'este rio na epocha das cheias chegam aqui, e durante mezes este valle é um extenso pantano.

Ás quatro horas e meia estavamos de volta no acampamento, e viemos a proposito, porque os ultimos carregadores que tinham chegado, já gritavam por não serem contemplados com carne, e que iam retirar, porque eram tanto filhos de Muene Puto como os que tinham vindo primeiro.

Comprou-se um garrote e todos ficaram satisfeitos, o que convinha, pois tinhamos de attender á viagem da outra parte da Expedição.

Recolhemos cedo, mas a chuva que caiu durante toda a noite, mal nos deixou socegar, pois que a barraca se tornou um verdadeiro filtro.

De madrugada melhorou o tempo, e deu-se ordem para avançar.

Era um dia solemne o de 31 de outubro, e muito desejavamos commemorá-lo, fazendo passar a primeira parte da Expedição o rio Cuango, com a bandeira portugueza desfraldada.

Quizemos pagar o garrote ao soba, este porém não quiz acceitar remuneração. Era um presente, e que Muene Puto désse o que fosse da sua vontade. Promettemos então no nosso regresso, dar-lhe uma vestimenta como lembrança tambem da nossa passagem pela sua terra.

Como os carregadores do Anguvo tinham ido dormir na povoação, só conseguimos partir ás sete horas e meia; o rumo variava entre E. e N.-E. por causa das sinuosidades do caminho, que se faz quasi sempre por terreno pantanoso e á beira da

aba de uma montanha que se estende do sul acompanhando o rio Cuango, sobrepujada de arvoredo que nesta parte está rachitico, certamente devido ás queimadas.

Passados 9 kilometros, entrámos numa clareira a ESE. que não era mais de que uma grande depressão na montanha, já escavada pelas aguas pluviaes, e começámos depois a descer suavemente para ENE. 2 kilometros, entrando na povoação de Mona Mussengue, d'onde já se viam as aguas do Cuango que correm em curvas de grande raio em sentidos diversos mas inclinando para N.-E.

O ajudante e as cargas iam seguindo aos zig-zags para o porto, 3 kilometros mais adeante, inclinando para E., e nós, encontrando Mussengue, dissemos-lhe que os filhos de Anguvo, seus netos, vinham atrás com as nossas cargas e nos pediram para os esperarmos na sua povoação, porém que desejavamos que as cargas que já tinham chegado, fossem passando nas canoas para o outro lado, ficando nós com elle para nos entendermos sobre os pagamentos que tinhamos a fazer e portanto que nos mandasse arranjar quartel para pernoitar.

O soba recebeu-nos muito bem e disse-nos que Muene Puto era o senhor das terras e que ninguem se opporia aos nossos desejos.

Iamos já a caminho para o porto, quando nos appareceu um homem embrulhado num grande panno a chamar-nos — Oh senhor, sou Mulumbo! e vociferando que era elle o dono do porto, porém que era preciso participar ao seu chefe Muêto Anguimbo a nossa chegada, para elle nos fazer passar o Cuango muito bem. Comprehendendo o que queria, dissemos-lhe que devia esperar que nós o gratificassemos e aos pilotos que trabalhassem nas canoas, passando as nossas cargas. O homem abrandou, mas ainda pediu para nos demorarmos um pouco, porque o portador iria depressa dar parte a Muêto Anguimbo. Como não tivessemos almoçado ainda e pensámos que a questão era de pagar, promptamente annuimos ao que elle queria e convidámo-lo para comer alguma cousa comnosco.

O ajudante voltou do porto, e mesmo onde estavamos, á som-

bra de uma grande arvore, dispozemos as cousas para o almoço, e em quanto este se arranjava, ordenámos que fossem indo as cargas por grupos para o porto, entretendo-nos a conversar com o homem, que nos deu noticias das expedições de Saturnino Machado e dos Allemães.

Queixou-se que estes lhe deram fazenda de má qualidade; mostrámos a nossa, que lhe agradou. Provou do cognac do nosso cantil de que gostou muito e principiou logo fallando das grandezas de Muene Puto.

O povo ia-se agglomerando em torno de nós, e elle tudo era dizer aos seus que se afastassem porque nós eramos pessoas muito grandes. Nós procediamos ao contrario, diziamos-lhes que podiam sentar-se, mostravamos-lhes as bussolas, o relogio, o conta-passos, as facas, os revólveres, faziamos as nossas explicações, davamos uns fios de missangas ás creanças, lenços ás raparigas, etc. E elles iam dizendo uns para os outros, são bons brancos, são verdadeiros filhos de Muene Puto.

Veiu o almoço, o soba comeu d'elle, distribuiu-se bolacha ás creanças, démos a provar um pouco do nosso vinho, e tudo ficou muito satisfeito.

Mona Mussengue, a quem fizeram constar o que se estava passando e que pertencia a uma outra sanzalla, appareceu-nos dizendo que elle era o dono da terra. Arranjámos-lhe um logar para se sentar ao pé de nós, e apesar de já vir tarde, tambem provou um pouco do nosso bife com bolacha e um calice de vinho.

Aproveitámos então a occasião de dizer: —Nós estamos promptos a pagar a passagem do rio, mas é preciso saber a quem. Mulumbo diz que é dono do porto, que são suas as canoas, e vossemecê Mussengue, diz que é dono da terra; além d'isso os pilotos, que teem trabalho, tambem querem pagamento, e Mulumbo tambem diz que é preciso uma ordem de Muêto Anguimbo. Ora Muene Puto quer todos contentes e quer pagar a quem for devido.

—Como nós não passâmos hoje, e temos de ir ao Luí buscar o resto das cargas, vossemecês chamam os pilotos para passarem

o sr. ajudante e as cargas que estão chegando e nós cá combinaremos o que temos a pagar.

Mulumbo pediu vinte peças e como nos rissemos desceu a dezesseis. Ainda é muito, lhe dissemos, porque o amigo sabe que nós temos uma boa canoa e podemos passar sem as suas. Para não termos trabalho de a armar, vamos pagar aos seus pilotos mas ha de ser menos.

— Muene Puto pode mandar passar e pagará o que for da vontade do seu coração.

Uma faisca electrica que ali caisse não produzia mais effeito entre a nossa gente. Tudo partiu para o porto e nós despedimonos dos sobas até á noitinha, recommendando a Mussengue que mandasse arranjar a cubata e désse ao meu criado alguns ovos e uma gallinha.

No porto houve alguma demora para apparecerem as canoas e já se tratava de armar a nossa, quando ellas chegaram. Ás novas exigencias e conversa dos pilotos, sobre o pagamento dos seus serviços, seguiram-se as nossas ameaças de que já não careciamos dos seus serviços, porque iamos armar a nossa canoa. Por fim cederam, e passaram o ajudante e duas cargas.

Eram duas horas e meia da tarde, fluctuava a bandeira portugueza no outro lado do Cuango. Os tiros de fuzilaria e os vivas a Sua Magestade El-Rei D. Luiz, rompiam de um e outro lado, e as cargas iam-se reunindo a pouco e pouco em volta da bandeira.

A esta hora certamente, diziamos nós, está o nosso monarcha recebendo as felicitações de seu povo, e por maior festa que lhe preparassem neste anno, por certo que não deixaria de lhe ser sympathica e ao paiz em geral, a que naquella hora celebravam dois dos seus mais humildes servidores rodeados de africanos, na margem d'aquelle soberbo rio.

As canoas eram pequenas e viravam-se com muita facilidade, por isso não podiam transportar mais que duas cargas por cada viagem. Já umas dez estavam no lado opposto, quando nos appareceu descendo a ladeira para a praia, aos saltos, embrulhado num panno, com um pequeno pau na mão, que mane-

java rapidamente um figurão baixo, de feia catadura, e que mais parecia um macaco que um homem, berrando como um possesso, com a cajinga na cabeça, especie de chapeu armado com os bicos revirados para baixo, que fora outr'ora de palha clara, mas que agora estava negra e gordurosa.

Entrando no circulo das cargas, veio direito a nós na mesma furia, mas a esse tempo já sabiamos o que elle queria e não nos arredámos, elle então virou-se para os carregadores, vociferando, que eram elles os culpados em não prevenirem Muene Puto dos costumes da terra, que elle era o dono das canoas e ninguem lhe fallára; que elle ia fazer retirar as canoas. Prevenidos pelo interprete, assentámos-lhe uma palmada nas costas, e quando elle se virou dissemos-lhe apresentando-lhe o nosso cantil: — O que tu queres sabemos nós, vaes provar aguardente.

Não foi preciso interprete, limpou logo os beiços, sorriu-se e bateu as palmas emquanto via com os olhos a luzirem-lhe, correr no copinho o liquido do nosso cantil. O movimento das cargas continuou.

Então já manso, fallou aos interpretes, para que Muene Puto o não esquecesse dando-lhe que vestir, porque seu irmão Mulumbo era dono do porto, porém era a elle, Zunga, que pertenciam as canoas.

Os interpretes responderam-lhe que nós dormiamos na sanzalla de Mussengue e que fosse ámanhã fallar-nos, que Muene Puto não se esquecia d'elle e lá se retirou mais satisfeito.

Veiu grande trovoada e chuva, os pilotos queriam interromper o serviço, dizendo que os donos do porto já haviam retirado, mas mediante uma porção de carne que se lhes deu, continuaram.

Armaram-se barracas de lona numa e outra margem para se recolherem as cargas, eram quatro horas. O ajudante seguiu para o interior com os carregadores que já estavam com elle, para irem pernoitar na casa filial de Custodio Machado, ficando a receber o resto das cargas nessa margem o empregado José Faustino.

A chuva apertou mais, fizeram-se recolher as cargas nas barracas, passando para o outro lado os demais soldados e contratados.

Dispunhamo-nos a ficar na barraca da banda de cá e mandámos á povoação buscar a cama e alguma cousa que houvesse de comer, porquanto não queriamos deixar as cargas e era conveniente animar os nossos homens; porém o Mona Mussengue, apparece-nos com alguns rapazes, e disse que vinha buscar-nos, ficando aquelles rapazes ao pé da nossa gente para tomar conta das cargas. Elles traziam de comer para repartir com os nossos, tres soldados e tres contratados de Loanda, a quem deixámos cartuchame para as suas armas, por se dizer ser frequente apparecerem ali cavallos marinhos.

Chegámos á cubata muito encharcados e fatigados, e entendemos que o melhor era despir a roupa, embrulharmo-nos numa manta sobre a cama e mandarmos arranjar um brazeiro.

As cargas que chegaram de tarde estavam bem arrumadas no largo, á nossa frente, e protegidas com oleados.

O criado Antonio tinha cozido uma gallinha e quatro ovos. O caldo estava quente, e com vinho confortou-nos e sentimo-nos muito bem.

Augusto Jayme, que nos acompanhava para vigiar os carregadores apresentados por seu irmão, o soba Ambango, de Malanje, e que era caçador, servia-nos agora de interprete, e a elle encarregámos de vir de madrugada dar-nos varias informações que precisavamos e de rondar durante a noite o acampamento. Nós, visto chover bastante e não termos luz, tratámos de dormir.

Ás onze horas, pareceu-nos sentir em vez da chuva, uns coros afinados, ora de homens, ora de mulheres, que nos fazia lembrar os cantos religiosos num convento, e que parecia soarem a grande distancia.

Soubemos que era uma dança, e se não fosse o receio de adoecer teriamos ido observá-la, porque o cantar, destacava-se das toadas ruidosas com que são em geral acompanhadas todas as danças na Africa.

Ás cinco horas já se via, e levantámo-nos para escrever o diario do dia anterior e apurámos que a distancia da Estação Paiva de Andrada ao Luí, onde o passámos, eram 9 kilometros, e d'este porto áquelle em que a Expedição passára o Cuango 36 kilometros, portanto era viagem que podiamos fazer no regresso em oito ou nove horas; o que nos era bastante vantajoso por não termos ficado com cousa alguma do rancho, e se num dia podiamos passar sem esses recursos, já o mesmo não succederia em dois ou tres dias successivos.

Augusto Jayme disse-nos que ainda tinham ficado algumas cargas para trás e ficámos anciosos porque ellas chegassem a tempo de passar, pois desejavamos regressar no dia immediato á Estação.

Soube tambem Augusto, que a expedição allemã dera dez peças de fazenda e duas armas, ao Mulumbo dono do porto e a seu irmão Zunga, e quatro peças aos pilotos, por ajudarem a passar cargas, porquanto elles tinham armado as suas canoas e que tambem contemplaram Mussengue, dono d'esta povoação e o Muêto Anguimbo que se dizia o potentado principal dos Haris, a quem pertence o rio até aos Bângalas do Songo.

Esta gente mente muito, sobretudo em interesse proprio, mas foram-nos dizendo que o *inguerêz,* passou dando pouco, e que Muene Puto que vinha atrás, é quem pagava bem. Precisavamos pois preparar-nos para grandes exigencias.

Mulumbo veio procurar-nos, e arranjámos um pacote para elle e para o tal irmão, isto é, duplicámos os artigos variados que desejava, a não exceder o valor de dez peças. Pediu mais uma espingarda e um barril de polvora, poz-se um objecto igual em cada monte, pediu uma pouca de missanga para as suas raparigas, que demos para fecho. Queria mais cousas, mas retirou sem ellas.

Vieram os pilotos, deram-se oito jardas de riscado a cada um, e passando que fosse o resto das cargas, dar-se-ia o matabicho. Pediram então para irem as cargas em seguida para o porto, o que se fez; e o serviço das canoas principiou ás oito horas.

Pouco depois entrou na cubata o Zunga, trazendo pela mão o nosso interprete e veio sentar-se ao nosso lado.

Com os seus modos desabridos que já conheciamos, principiou a sua conversa, contando pelos dedos tudo quanto queria que se lhe désse. Fazia-nos lembrar um moço das nossas casas de pasto, dando ao freguez o rol de tudo quanto ha prompto na cozinha para se comer na occasião.

Em attitude de quem prestava a maior attenção ao interprete, deixámo-lo acabar a ennumeração, que era uma boa lista que aquelle trazia de cór, e dissémos-lhe: Veja lá não se esquecesse esse homem de mais alguma cousa? O interprete interrogou-o, e elle pediu mais um garrafão de aguardente.

ZUNGA

Não quer mais nada? Se Muene Puto quizer lembrar-se das suas raparigas, que lhes dê um d'esses massos de missanga grossa, Maria II, que tem sobre a cama.

Fingindo-nos então encolerisados, e deitando rapidamente a mão a um dos massos, movimento este que o homem e todos os que estavam dentro da cubata, suppozeram ser para pegar no revólver que estava ao lado, e como nos levantassemos em seguida e dessemos quatro berros, bradando que fosse pedir a seu irmão o que se havia dado com destino para elle; sem esperar a interpretação do que eu dizia, deitou immediatamente a fugir de gatinhas para o largo, resmungando que o interprete não era bom e não sabia o que fizera zangar Muene Puto, formando-se logo grande roda em torno d'elles.

Devemos confessar que a vontade de rir foi grande, mas querendo sustentar o papel até ao fim, saimos atirando com o masso de missanga ás raparigas, que estavam pouco distantes.

Grande borborinho, porque os homens tambem queriam apanhar, mas as raparigas não deixaram.

Então o Zunga, vendo a missanga espalhada, exclamou: bem se conhece que é Muene Puto que temos na terra, e eu fiz bem mal em o incommodar. Depois procurou o interprete e pediu-lhe que nos dissesse que era muito nosso amigo e que esperava lhe perdoassemos se fizera mal; que estava prompto a prestar o serviço que lhe ordenassemos.

Fizemo-lo approximar de nós e ao interprete, a quem recommendámos lhe dissesse: Que Muene Puto já dera a seu irmão Mulumbo a parte que lhe pertencia no pagamento da passagem do rio, mas que fosse elle para o porto activar o serviço das canoas, que lhe daria ainda uma boa gratificação, e o homem para lá foi.

Mulumbo veiu depois perguntar se queriamos pagar a doze rapazes seus para transportarem as cargas do porto, na outra banda, para casa de José de Vasconcellos onde pernoitára o ajudante. Havendo já muitas cargas no outro lado e sendo de toda a conveniencia que se recolhessem, ajustámos por duas jardas o transporte de cada carga, o que correspondeu a uma jarda por 5 kilometros.

Almoçámos tarde, já depois do meio dia, e no entanto chegára o Muêto Anguimbo, que preferiu esperar na sanzalla, a incommodar-nos.

Tendo á mão o presente que tencionavamos dar a Mussengue, enviámo-lo como signal de amisade ao Muêto e elle veiu depois agradecer, pedindo para acceitarmos um boi que nos trazia, e perguntando-lhe eu o que desejava, respondeu que não fazia negocio com Muene Puto.

Isto, lhe dissemos, não é negocio. Como queremos dar-lhe uma lembrança, desejâmos saber o que prefere. O seu macota respondeu: Elle fica satisfeito com uma espingarda e um barril de polvora, o que logo lhe démos, por ser uma boa troca, e

pedimos ao Mussengue para deixar ficar o boi na sua manada até á nossa volta.

O Muêto Anguimbo era um velho sympathico, baixo, magro, fallando muito pausada e acertadamente.

A sua conversação versou sobre a grandeza de Muene Puto, esperanças que alimentava de que seus filhos europeus viessem estabelecer-se nestas terras, pois os portos eram muito procurados pelo commercio indigena; que as expedições de Muene Puto tinham vestido seus filhos, e por isso ninguem se atrevia a marcar-lhes preço de passagem nos portos, etc.

Fallavamos sobre as passagens, quando Zunga, que tinha chegado do rio, nos interrompeu para cumprimentar Anguimbo, e pedir-lhe que intercedesse para lhe darmos alguma cousa de vestir, porque o irmão a tudo chamára seu e nada queria repartir. Muêto riu-se, e nós dissemos que já lhe haviamos promettido, se elle fosse para o porto fazer passar todas as cargas, dar-lhe com que se vestir.

Muêto Anguimbo respondeu-lhe que os filhos de Muene Puto não eram como elles, tinham uma palavra só, fosse elle fazer o que nós queriamos e que teria a sua vestimenta.

O velho despediu-se de nós, pedindo quando voltassemos com o resto da Expedição o fossemos ver e passar um dia com elle no seu sitio.

Este ficava á margem do Cuango, a norte, segundo as informações, 12 a 15 kilometros distante do ponto em que estavamos.

As terras da margem direita, pertencem a Mona Mahango, nos dominios de Capenda-cá-Mulemba, que confinam ao norte com as terras de Muêto Anguimbo (Hari) e de Muene Puto Cassongo, subdito do Muatiânvua. A casa de C. Machado, de que era empregado José de Vasconcellos, estava a meio caminho do porto para a povoação principal de Mona Muhango, no sitio de Mona Quinonga que foi o primeiro marido d'esta.

Ás duas horas fomos ao porto acompanhados de Zunga, o qual não mais nos largou, agora submisso, dizendo-se muito nosso amigo, e que nos convinha ter a nosso favor por causa da

passagem da ultima parte da Expedição. Ahi encontrámos apenas dez cargas do dia anterior, que ainda tinham de ficar um dia na barraca, por causa do tempo que já ameaçava chuva, havendo mais dez que ainda podiam passar.

Ia retirar-me, quando appareceu Vasconcellos a cumprimentar-nos e a pedir para mandarmos uma carta a Custodio.

Acompanhou-nos até á povoação, onde estavamos alojados, jantando comnosco.

MUETO ANGUIMBO

Disse-nos que o ajudante chegára a sua casa ás seis horas da tarde do dia anterior, e que podiamos retirar no dia seguinte descansados, pois faria conduzir as cargas todas para ali.

Como lá se encontravam carregadores para as cargas seguirem para Mona Mahango, convencemos os carregadores contractados para a Lunda a regressarem comnosco a buscar mais.

Os filhos de Anguvo e Ambango não quizeram retirar, preferiram acompanhar-nos no dia seguinte, o que estimámos, porque animavam a nossa gente a fazerem rapidamente a viagem. Os oito contractados em Malanje para o Cuango, tambem iam comnosco e como estavam costumados ao transporte das redes, auxiliavam os outros com o interesse no matabicho de aguardente em chegando ás Estações.

Augusto Jayme ficou na povoação com sua mulher e dois rapazes, para nos transmittir qualquer noticia da nova Estação que se ia construir já, sob o nome de — Costa e Silva. —

Era este uma merecida homenagem que prestavamos ao Director dos negocios do ultramar a quem deviamos importantes auxilios na organisação da nossa Expedição.

Vasconcellos retirou para sua casa e nós entretivemo-nos durante uma parte da noite conversando com Mussengue, Mulumbo, Zunga e os filhos do Anguvo e do Ambango, que os representavam junto de nós, tratando-se dos beneficios que a Expedição fizera ás terras por onde passára e da esperança que Muene Puto continuaria a protegê-los, levantando casas em suas terras.

Assim, diziam elles: —Muene Puto nos dará parte da esperteza que o sol leva toda para as suas terras e nós saberemos então fazer fazendas, polvora, armas e missangas, e já não precisâmos vestir ás pelles dos brutos; faremos boas casas e lavras, teremos os seus remedios para as nossas doenças e aprenderemos a escrever e a ler e já não seremos enganados com os recados.

Este modo de discorrer, dava logar a entrarmos em explicações e a dialogos, d'onde concluiamos que na Europa se apreciam muito mal estes povos, e quando se tratar de os educar devidamente, pode esperar-se d'elles o mesmo que de qualquer povo civilisado.

A passagem do commercio por aqui ha de modificar-lhe os costumes, porém uma missão bem organisada e como a imaginâmos, deve dar excellentes resultados, e a influencia dos Portuguezes é tal, que não creio a possam supplantar quaesquer estrangeiros, que para elles são sempre *os inguerêses,* appellativo pronunciado com um tal ou qual desdem.

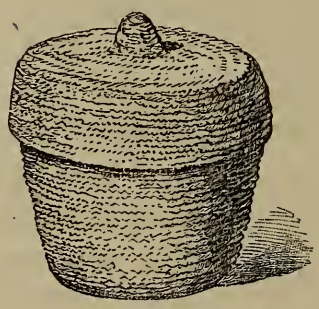
E nós, sabemos muito bem, que o unico estrangeiro que entre os povos de Africa meridional soube conquistar a estima, foi Livingstone, e porque? Porque procurou imitar-nos, esquecendo a côr d'aquelles com quem convivia, estendendo-lhes a mão, sentando-os á sua mesa, visitando-os nas suas habitações. E elle que assim praticava, admirava-se do modo por que os Portuguezes na provincia de Angola tratavam os homens de côr, mesmo quando eram seus empregados e escravos, e fazendo o parallelo com os seus patricios, dava relevo ao contraste, censurando-os.

Stanley e outros exploradores que se lhe seguiram, querendo

na Europa convencer-nos pelo seu modo de fallar sobre os povos africanos, que como elle pensavam, não foram tão felizes. E porque? Faltava-lhes a aprendizagem que elle tivera comnosco antes de se internar no seio do continente, e depois a pratica, em que se adquire, além da resignação e paciencia que são indispensaveis, a convicção de que estes povos são constituidos por entes de quem dependemos para a nossa existencia no meio em que elles vivem.

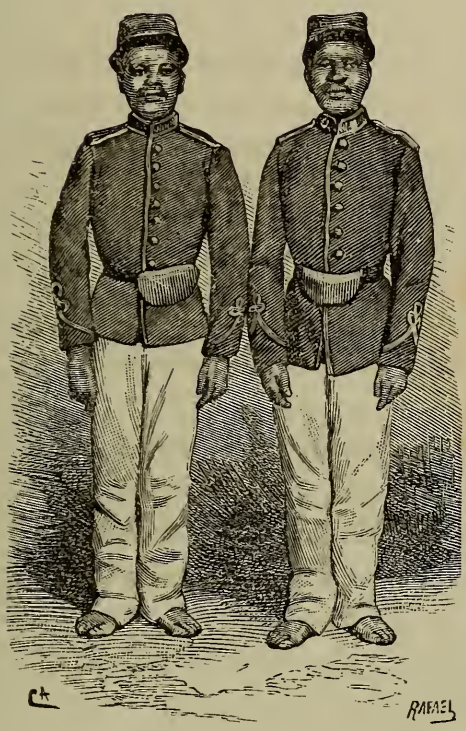
Sendo já um pouco tarde, e tendo-se preparado na povoação um batuque de despedida á nossa comitiva, entendemos não dever abusar do favor dos homens que vieram fazer-nos companhia ao principiar da noite, e agradecendo a sua attenção recolhemo-nos para nos deitar pouco depois.

O ribombar de imponentes trovoadas que se succediam em differentes pontos, despertou-nos já perto das cinco horas da madrugada, e não foi possivel tornar a adormecer. Na esperança que o tempo alliviaria, dispozemos todas as nossas cousas para a viagem, inclusivè a cama.



BALAIO

REGRESSO DO CHEFE Á ESTAÇÃO PAIVA DE ANDRADA



SOLDADOS DA EXPEDIÇÃO

De facto, ás sete horas da manhã, não obstante as instancias dos sobas para ficarmos ainda esse dia, pois que nos iriamos molhar com a chuva pelo caminho, partimos, e dirigindo bem os carregadores que nos haviam de transportar, conseguimos ainda passar o Luí um pouco antes das quatro horas da tarde e antes das cinco chegavamos á Estação Paiva de Andrada.

A nossa alimentação durante o dia consistíra apenas de quatro ovos quentes, os quaes sorvemos sem tempero algum ao partir.

Encontrámos já na Estação, o empregado europeu, Augusto Cesar e algumas cargas vindas da Estação Ferreira do Amaral. Este informou-nos estar de saude o sub-chefe, e de tudo ter corrido felizmente sem novidade. O soba Ambango continuava fazendo as suas visitas de noite á Estação, na esperança de beberricar o seu copinho de aguardente, mas a respeito de apresentar mantimentos para a gente, dizia estar tudo exhausto pelo pessoal da Expedição que seguíra para o Cuango.

Emquanto se nos arranjava uma canja aturámos o Ambango que appareceu pouco depois de chegarmos, e á nossa pergunta se a terra já não tinha que nos dar de comer, respondeu ter já dado providencias para que da outra banda viesse gado para quando Muene Puto chegasse com sua gente, e que a carne não havia de faltar.

Agradeceu o bom tratamento que dispensámos na viagem aos seus rapazes esperando que Muene Puto, seu protector, se lembrasse d'elles para a outra viagem.

Mostrámos a nossa satisfação pelo bom comportamento e serviço de seus rapazes, e como o criado nos trouxesse o jantar, demos-lhe uma perna de gallinha e uma bolacha, que guardou para a ceia, e um copo de vinho que bebeu, deixando-nos segundo o interprete, com Deus, para dormirmos socegadamente.

Comemos, tomámos varias notas e deitámo-nos em seguida, não muito bem dispostos, e durante a noite tivemos accessos de febre.

Era nosso intento continuar a viagem no dia seguinte 3 de novembro, porém a febre não nos largou de madrugada e sobrevindo-nos outros incommodos devidos á muita fadiga, addiámos por isso a partida, conservando-nos a caldos de gallinha durante o dia.

Recebemos a nossa correspondencia de Malanje e com ella uma carta para José de Vasconcellos, que immediatamente expedimos pelo cabo da força que mandavamos apresentar ao ajudante e tambem recebemos communicação do sub-chefe, que nos dava boas noticias sobre os negocios da Estação Ferreira do Amaral.

Providenciámos relativamente ao nosso regresso áquella Estação, querendo fazer toda a marcha, de treze horas, no dia 4, e por isso mandámos seguir os oito carregadores, que vieram contractados até o Cuango, para a povoação de Mulolo Quinhangua onde deviam pernoitar, sendo estes os que haviam de nos transportar d'ahi á referida Estação, sendo a viagem de quatro horas.

Entendemos de toda a conveniencia o descanso durante o dia para não aggravar o nosso mal estar, que durante a noite mais se accentuára e não podémos deixar de attribui-lo a cançasso, humidade, mau passadio, e á falta de café e quinina, o que em parte era devido ao nosso descuido.

Conservando-nos na cama durante o dia e procurando chamar a transpiração, proximo da noite sentimo-nos um pouco melhor e mais animados para fazer a viagem num dia, e começar depois uma medicação methodica.

A indisposição gastro-intestinal passou, e dormimos bem toda a noite.

Estavamos no dia 4; veiu o soba de madrugada saber como tinhamos passado a noite, fizemos-lhe as nossas recommendações para viver bem com o empregado que ali devia permanecer e que tratasse de arranjar mantimentos para quando chegassemos.

O soba asseverou-nos que não deixaria de ter na devida attenção o que lhe recommendavamos e partimos eram seis horas.

Quando chegámos á povoação de Quinhangua era uma hora e tres quartos e ahi apenas nos demorámos o tempo indispensavel para troca de carregadores e para recebermos do potentado o presente de um boi, que mandámos repartir por toda a gente que nos acompanhava consentindo que ahi pernoitassem.

Chegámos á Estação ás seis horas da tarde, e na occasião em que o sub-chefe era chamado para jantar.

Vinhamos bastante fatigados, devido á posição forçada na rede durante doze horas, ao estado febril em que nos conservavamos desde o dia anterior e tambem á fraqueza porque estiveramos a caldos, e nesse dia de manhã apenas tinhamos tomado dois ovos quentes e uma chavena de café.

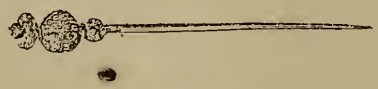
Comemos pouco, a febre augmentou, e por conselho do sub-chefe, fomos para a cama, onde pouco depois tomámos uma chavena de chá com pós de Hover para transpirar, o que teve effeito; porém sobreveiu uma forte dor de cabeça que não diminuiu como de costume, com fricções de essencia de hortelã pimenta. Passámos mal toda a noite.

Logo que a claridade do dia permittia, quizemos principiar a fazer a communicação para S. Ex.ª o Ministro, o que não nos foi possivel; a febre pronunciou-se com toda a intensidade e tivemos de voltar para a cama.

Queriamos aproveitar a opportunidade do regresso dos carregadores que de Malanje foram ao Cuango, para enviar a correspondencia para a metropole e a communicação ao Governo de que a primeira secção da Expedição havia passado aquelle rio em 31 de outubre e estava construindo a Estação Costa e Silva, em terras de Capenda-ca-Mulemba, em Mona Samba Mahango, para ahi se reunir toda a Expedição. O nosso estado não nos permittiu dar a essa communicação o necessario desenvolvimento limitando-nos por conseguinte a uma singela participação.

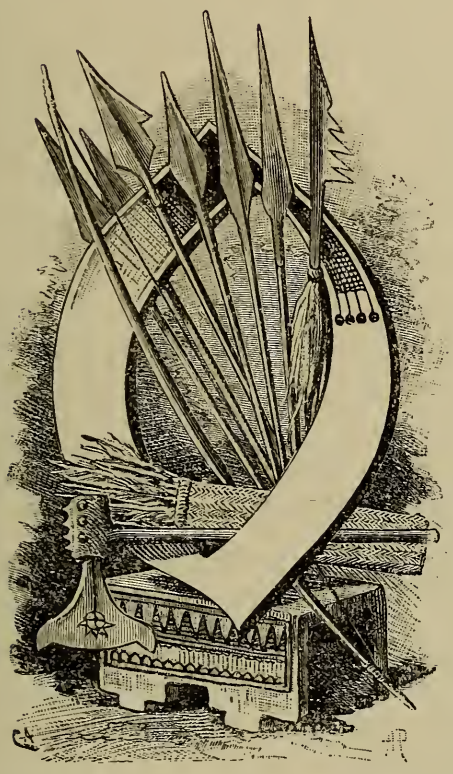
Pelas boas informações que tinhamos ácerca dos povos de Mona Mahango, e recursos da terra, o que foi corroborado por José de Vasconcellos que já vivia entre aquelles povos ha quatro mezes, e tendo nós de nos demorar ahi algum tempo para se arranjarem carregadores para a Lunda e estudar a região, resolveu-se que a Estação devia ser construida com a necessaria capacidade e com as accommodações e segurança indispensaveis para alojamento do pessoal e deposito de todas as cargas.

Conseguimos despachar os carregadores no dia 6, logo de manhã, porém em seguida principiámos em tratamento, e até ao dia 8 não nos foi possivel fazer trabalho algum, não cessando durante esses tres dias as chuvas e as trovoadas.



MUSSOMA

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTA REGIÃO E OS SEUS HABITANTES



sub-chefe da Expedição durante a nossa ausencia não se poupára; além das observações quotidianas tanto astronomicas como meteorologicas, proseguiu nas diligencias de activar o transporte das cargas para a Estação Paiva de Andrada, contractando novos carregadores entre os povos vizinhos com quem manteve boas relações, aproveitando todos os momentos de que podia dispor para augmentar as suas collecções da fauna e flora, indo elle mesmo ao mato examinar ou colher os exemplares que mais reclamavam a sua attenção e estudo.

A media de um bom numero de observações dera já para coordenadas da nossa Estação em Cafúxi de Sé Quitári, 9° 0′ 10″ lat. S. do Equador, e 16° 42′ 1″ long. E. de Greenwich; no que se provava que os nossos trabalhos pela estima se approximavam da verdade.

Nos nossos reconhecimentos a pé, deu-nos a pratica uns descontos a fazer, quando a marcha era em terreno ondulado e

segundo as inclinações e tambem quando o caminho se apresentava muito sinuoso.

Depois de uma jornada, era o nosso primeiro cuidado quando acampavamos, reduzi-la a um *croquis* graphico, e como as nossas medições eram feitas de cinco em cinco minutos e como os nossos passos estavam perfeitamente calculados, de modo que 1:420 em caminho pouco ondulado davam 1 kilometro e equivaliam a 1:650 em terreno cuja inclinação regulava por 30°, fazendo depois as correcções de declinação e inclinação da agulha e reducções de cotagem nesse primeiro trabalho, traçavamos os nossos itinerarios, que depois verificados duas e tres vezes, como succedeu de Malanje ao Cuango e comparados com os dos collegas que tambem apresentavam os seus reconhecimentos dos mesmos caminhos, obtinha-se um itinerario medio, que a determinação astronomica das coordenadas comprovava com pequenas differenças.

Em todo o tempo que nos demorámos nas Estações, o subchefe Sizenando Marques foi o mais escrupuloso possivel nas observações de que estava encarregado e sempre que a occasião lhe era propicia, aprovcitava-a para fazer as observações astronomicas mesmo a altas horas da noite, e como as distancias entre as Estações não são grandes, pode considerar-se boa a determinação das coordenadas das nossas Estações.

A altitude aqui, 832 metros, é inferior á de Malanje em 322 metros, differença que repartida pelo nosso transito, regula de 3 metros por kilometro, o que nos prova, não haver grandes difficuldades a vencer quando se procure ainda melhor caminho, para se fazer proseguir por aqui a linha ferrea de penetração, acrescendo as circumstancias favoraveis de não termos encontrado necessidade de obras de arte de importancia, de existirem boas madeiras em todo o percurso, de se encontrarem pedreiras, e das terras não serem soltas, nem tão pouco muito resistentes.

Pelo perfil que já apresentámos, do nosso transito até ao Cuango, conhece-se que o planalto de Malanje termina pelas alturas de Catala e d'ahi descem os terrenos para os rios Cuanza,

Cuíji e Cuango, formando uma grande depressão, por isso que seguimos para o norte; porém a cotação será menos aspera quanto mais nos approximarmos do rumo de leste.

O que podemos já affiançar, é que a região entre os rumos indicados até ao Cuango é a melhor que conhecemos em toda a nossa provincia do Dande ao Cuanza, para a creação de gados, e isto é importantissimo só por si, quando se trata de construir um caminho de ferro e se sabe que Loanda importa gado e pode passar a exportá-lo em grande escala.

A agricultura tambem aqui encontra vasto campo para se desenvolver. Os productos que temos visto são magnificos, o torrão é excellente; existe abundancia de aguas e a uma temperatura elevada corresponde a humidade nos maximos graus de saturação de 92° a 98°.

As circumstancias climatericas da localidade, modificadas pelos ventos de S. que são das regiões mais elevadas, parecem-nos favoraveis ao europeu quando se observem as prescripções recommendadas pela sciencia. Desde 15 de agosto que nesta Estação teem estado europeus de differente compleição, já na epocha das chuvas e pode dizer-se sem as commodidades a que estão habituados. Havendo-se exposto muito ao tempo e não se poupando ao trabalho, por emquanto, salvo uma ou outra febre, mais uma excitação devido a fadigas e contrariedades, por não correr tudo como era para desejar, a quem tem em vista chegar ao termo da sua missão, não se registaram outras doenças; cumprindo não esquecer que as influencias palustres se devem ter feito sentir em todos, desde o dia 11 de junho em que chegámos ao rio Cuanza.

Pelo que respeita aos indigenas, é preciso entrar na apreciação dos seus usos e costumes e modo de existencia, para se conhecerem as causas porque não podem luctar com as condições climatericas, succumbindo muitos ainda antes de attingirem a maioridade.

Logo que nos achámos restabelecidos dos nossos incommodos, tratámos de aproveitar algumas horas do dia, que nos era possivel distrahir d'outros serviços, procurando familiarisar-nos

com os habitantes da povoação, indo ás suas cubatas, assentando-nos ao lado d'elles a fim de colher todas as informações para formar um juizo seguro sobre o seu modo de viver.

Mucongo, homem já velho, tio do potentado e que deixára o seu sitio para vir viver na ambanza do sobrinho, foi quem escolhemos para nos acompanhar nestas nossas visitas e para nos ir prestando esclarecimentos, sobre o que mais provocava a nossa attenção. E é pelo que vimos e pelas informações colhidas, que somos levados a deduzir, que a falta de vigor e a depauperação das populações nesta região, é mais uma consequencia do aniquilamento de forças, devido a degeneração a que chegaram seus maiores pela miseravel existencia que tiveram, do que das condições climatericas da localidade, que não teem sabido modificar e que sobre elles exerce tambem a sua influencia.

Vivendo estes povos tão proximos de nós, havendo o seu jaga Andala Quissúa estado muitos annos preso em Loanda, existindo alguns homens que se lembram das guerras de Cassanje e dos officiaes e negociantes europeus; é tambem certo que na maioria, individuos já adultos, sabem só por lhes dizerem, que existe o Rei de Portugal (*Muene Puto*). Conhecem os seus subditos, mas não teem uma idea precisa do que elle realmente é, e suppõem que o fabrico de todos os objectos provenientes da Europa, é obra sobrenatural, custando-lhes a crer que as mãos dos brancos possam fazer cousas tão perfeitas ou tão pequenas como, por exemplo, a missanga.

Muene Puto, essa entidade abaixo do *Zâmbi* (Deus) é pae dos brancos e dos pretos, dizem elles, porém ensinou os filhos brancos a trabalharem e não fez caso dos pretos; os pretos nascem, vivem, mas não trabalham porque não foram ensinados. Os filhos de Muene Puto, aprenderam a fazer tudo que lhes era preciso, das boas cousas que o Zâmbi creou nas suas terras, e como já teem de mais, lembraram-se de nós para trocarem o que trazem pelo marfim, cera e borracha que temos para d'ahi fazerem cousas boas, mas não nos ensinam para ficarmos sempre como os brutos.

Discreteando assim, fomos levados a uma certa ordem de considerações sobre a sua existencia.

Admirando-nos que tivessem abundancia de gado e mesmo de creações e que não matassem os animaes para se alimentarem disseram: — Uma ou outra rez vende-se a algum negociador que por aqui passa para nos vestirmos e ás nossas mulheres, mas o nosso fim creando o gado é para termos sempre com que pagar os nossos crimes, impostos, presentes e exigencias do jaga.

Se os mais velhos uma vez ou outra matam uma cabra ou carneiro ou mesmo uma gallinha e repartem com os seus parentes, é porque tem festa em casa; procuram afastar os maus espiritos ou enterrar bem algum parente para que este não venha persegui-los depois.

O chefe da povoação e os que assim assistiam ás nossas indagações, asseveraram-nos que só depois da existencia da nossa Estação é que se via carne nas cubatas de seu povo. As lavras iam-se exhaurindo de mandiocas, as raparigas trabalhavam com gosto a pisar os bombós, para levarem fuba aos nossos carregadores, mas tudo isso era por causa da carne.

Sendo isto uma circumstancia importante de que podiamos tomar partido para os estimular nos trabalhos de lavoura e a dar-lhes maior desenvolvimento, respondiam-nos com outros factos desanimadores.

Para que, diziam elles, cultivar mais do que pode chegar para a nossa gente?

— Depois de sairem os filhos de Muene Puto, que estão agora aqui, quem vem procurar os productos das nossas lavras? Os moradores de outras povoações todos teem lavras para si; Malanje, que é a terra de Muene Puto mais proxima, não precisa dos nossos productos; o preto não mata gado nem creações para trocar por fuba, todos teem as suas raparigas que lh'a arranjem. Os negociadores que passam, são poucos e pretos como nós, se compram gado é para vender em outros pontos e com uma pouca de missanga sempre arranjam que as raparigas lhe vendam bambó e trazem as suas mulheres para o pisarem.

— Se Muene Puto mandasse para a sua casa mais brancos, então sim, todos cuidariam de fazer lavras maiores, para terem fazenda, as raparigas trabalhariam em fazer farinhas e fuba para trocarem por carne, os homens fariam carretos e iriam ao negocio da borracha. Se não vierem, sentir-se-ha agora muita falta, porque não estavamos costumados a passar tão bem.

E a proposito do passadio, diziam elles, que antes de chegarmos, o usual era comerem o infunde com folhas cozidas, e muitos dias passavam com mandioca crua e jinguba, e quando havia milho, com massarocas passadas pelo fogo e nada mais.

Caça era tão raro apparecer como peixe e mesmo o *dissesse* (lagarta de arvores) era preciso ir longe para os arranjar em troca de bombós.

Notando-se-lhes que viamos muitas creanças de peito e poucas em proporção de mais edade: — Morrem muitas, era a resposta.

Este facto, diziamos nós, só se pode attribuir ao mau alimento das mães e de não as pouparem expondo-as com os filhos ás intemperies nos trabalhos mais penosos. Talvez seja por isso, respondiam, mas então quem havia de ir para as lavras e pizar-nos o bombó? Nós conhecemos que as mulheres soffrem e se definham depressa, mas ainda assim temos mais mulheres na povoação que homens.

— É porque os homens certamente emigram para outras terras?

— Não senhor, respondia-nos Sé Quitári, esta povoação é feita por meu tio que morreu. Viemos para aqui, das margens do Cambo, do outro lado de Andala Quissúa (W). Foi este quem nos mandou chamar para aqui, porque o nosso sitio era muito doentio. As emigrações na nossa terra só se dão por causa das guerras, e nós felizmente não as temos tido ha muitos annos. Ha de reparar que não ha velhos aqui, como existem lá em cima no Andala Quissúa, mas é porque os nossos velhos não quizeram deixar o Cambo. Nós viemos e aqui temos vivido em boa harmonia com os vizinhos e com o jaga, e o nosso gado augmenta, que é o principal.

Mas não são atacados aqui de doenças, perguntavamos nós, que estavamos soffrendo de dores rheumaticas.

—Ha muitas doenças de ventre e dores pelo corpo, mas no Cambo soffriamos muito mais. Eram provavelmente devidas ás pessimas aguas barrentas na epocha em que estavamos, ás grandes humidades e a uma alimentação miseravel.

E quem mais soffre d'essas doenças, os homens ou as mulheres?

—As mulheres e creanças, disseram elles.

O que nós pensâmos ser certamente devido nos homens a elles se ausentarem por algum tempo da localidade, nos seus pequenos negocios e em procura de caça.

Estas e outras conversas que a miudo tinhamos com esta gente, e a que de bom grado se prestavam, mostrava-nos que elles reflectiam, e se não tinham ideas fixas sobre o modo de se aproveitarem da sua actividade, não deixavam de reconhecer que é nisso que lhes leva vantagem o homem branco, e que por isso mesmo gosa elle de commodidades e de um bem estar que elles poderiam ter, e para que estavam dispostos a trabalhar quando houvesse a certeza de os alcançarem tambem.

Soffrem e vêem definhar-se a sua progenie; não é porque não reconheçam o mal, é por não encontrarem o que os estimule a debellá-lo.

Que a nossa Estação já estava influindo no seu animo de modo benefico, reconhece-se tambem, e assim como elles encontraram melhoria para a sua existencia, na mudança do Cambo para aqui; já reparavam que haviam de sentir differença para um estado peor, quando a Estação fosse abandonada. E note-se que o abandono que elles sentem é dos brancos e não dos negociadores africanos que por aqui passam á aventura com as suas pacotilhas, ou que residem provisoriamente entre elles.

E porque é isto assim? Parece-nos poder explicá-lo.

Os Ambaquistas ou os que os imitam, isto é, os taes Quimbares, não educam esta gente, nem procuram o seu bem estar, antes se servem dos seus usos e costumes e procuram desper-

tar-lhes os seus apetites gentilicos em proveito proprio. Facilitam o uso da aguardente e de tudo que mais possa embrutecer os incautos quando d'ahi lhes resulte engodá-los nas transacções que com elles procuram fazer. Tornam-se adivinhos, tornam-se mesinheiros, havendo-se prevenido antes com o que mais possa agradar-lhes, e assim os vão entretendo até receberem d'elles o pagamento em borracha ou em serviçaes, que é o que mais desejam e, no entretanto, vão comendo sempre os mantimentos.

Espalham-se é certo esses aventureiros por todo o interior, e alguns chegam mesmo a estabelecer-se provisoriamente longe, porém afastam-se uns dos outros por causa da concorrencia nas suas explorações. Um grupo de quatro numa povoação já é raro encontrar-se.

Alguns ha que trabalham pelos officios de sapateiro e alfaiate e tambem na plantação e fabrico rudimentar de tabaco, mas como o fim seja ainda o mesmo, de obterem alguns serviçaes, se alguem educam são estes com quem retiram logo que encontram opportunidade, e os proventos para os povos são ephemeros; ha localidades em que se não encontra sequer vestigios da sua passagem.

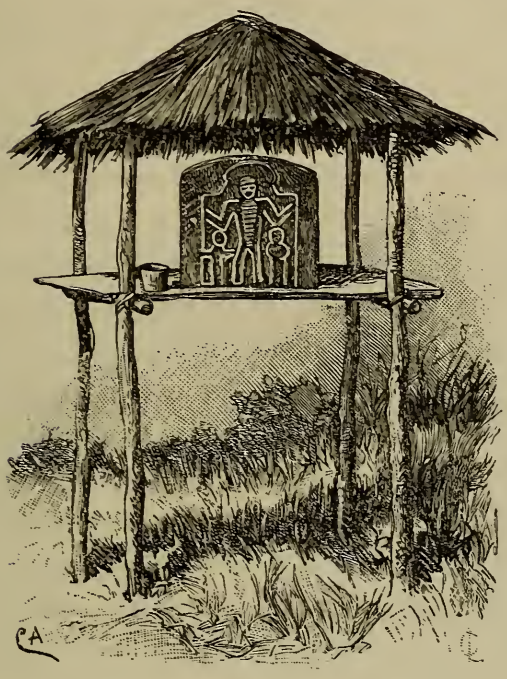
Em principio este povo mantinha-se, por assim dizer, numa linha de respeito para com a Expedição, estudava-nos, como nós a elles. Aproveitavam das visitas dos potentados para nos observarem, conhecerem o nosso modo de tratar os homens velhos e os nossos usos, e d'ahi nasceu a convivencia e uma tal ou qual confiança. Perderam depois o receio pelos brancos, ouviam-nos e respondiam-nos já sem reserva.

As mulheres principiaram a fazer transacções com os productos das suas lavras e mais trabalhos, e os homens apresentaram-se para carretos, serviço que lhes era inteiramente novo, indo até ao Luí, e encarreirando-se tambem para Malanje. O que se ajustava era-lhes pago integralmente, e chegaram mesmo a deixarem em deposito os pagamentos de um certo numero de serviços, para não receberem fracções; por exemplo, de uma certa peça de fazenda que lhes agradava, cousa que não era vul-

gar, porque são muito desconfiados e mesmo os que estão mais em contacto com os brancos querem os pagamentos adeantados.

Sendo supersticiosos, soubemos tirar partido d'isso respeitando as suas crenças e d'ahi uma confiança reciproca.

O fim da missão era estudar-lhe a indole, cathecisá-los, exercer influencia no seu animo, aproveitar a sua actividade e crear-lhe necessidades em proveito do commercio de Malanje, attrahindo-os ao convivio da provincia, ao mesmo passo que os estimulavamos recompensando-lhes o trabalho, ensinando-lhes o modo de poderem satisfazer as suas ambições, mostrando-lhes emfim os beneficios que da nossa protecção podiam advir.



MUQUIXI

O negociante sertanejo, cujo fim é realisar no menor tempo possivel a transacção da sua pacotilha, não perscuta, não indaga das minudencias a que é preciso descer-se para avaliar a indole dos povos que procura para o seu commercio. Enfastia-o mesmo outra cousa que não seja o seu negocio, lastima as delongas que se dão nas transacções e leva-as á conta de prejuizo, quando para o indigena é uma questão de interesse devido á sua indole que não conhecem, do que resulta uma má apreciação sobre o povo, o desacreditarem-no como selvagem, de quem nada se pode obter em proveito da civilisação.

O que mais estranharam em nós, era o nosso amor da investigação, e a nossa perseverança.

Viamos por exemplo, numa povoação, defronte ou ao lado de uma cubata, uma tosca figura imitando um homem, cortada

á faca numa tabuinha, ou gravada num tronco, devidamente reservada num pequeno telheiro, ou protegida por uma trepadeira; viamos uma planta disposta com esmero, que se destacava de outros arbustos; viamos no caminho um amontoado de troncos ou formando pyramide ou dispostos em cruzetas ou quadros; viamos uma bananeira isolada e umas cubatas em miniatura ao lado, protegendo panellas de barro, umas contendo agua, outras, materias pastosas, outras emfim, algumas pequenas plantas, etc., e não nos contentavamos em conhecer os seus nomes: *muquíxi*, *quissonde, muti, nhangua*, etc.

Para bem podermos interpretar tudo isto, entravamos numa serie de indagações e assim conseguiamos obter noções da sua grosseira religião.

Apreciavam muito estas nossas investigações e d'ahi despertava-se-lhes a curiosidade em fazer confrontos com o que a tal respeito poderia existir nas terras de Muene Puto.

O *muquíxi* que figurâmos é uma copia do que existia defronte da habitação do velho Mucongo. É o Zâmbi dos pretos, nos disse este. Muene Puto tem o seu Zâmbi numa cruz, nós não sabemos fazer mais do que isto para o representar. Eu estava muito doente e mandei chamar um adivinho, e este depois de consultar os idolos, disse-me que não poderia melhorar, emquanto não mandasse fazer ou restaurar um Zâmbi. Mandei então fazer este e desde que elle aqui está defronte da minha porta, estou muito bem.

Sé Quitári, que nos acompanhava na occasião, pediu-nos para irmos tambem ver o seu. Era uma figura tosca, excavada num tronco e serapintada de preto, encarnado e branco. E confirmou-nos ellè, que tambem gosava saude desde que ahi o collocou com o devido resguardo.

E comtudo nas cubatas de um ou outro gentio, na parede do fundo sobre um retalho de baeta encarnada, lá estão os crucifixos de metal que o nosso commercio lhes leva.

Acreditam elles que o Zâmbi dá felicidade ás pessoas que os mandam figurar e tambem ás povoações, e por isso se alguem o inutilisa, é multado para fazer um novo.

E note-se que se serviam da palavra Zâmbi, não porque seja este o vocabulo usual que é o equivalente *muquíxi,* mas para que comprehendessemos melhor o valor que para elles tinha.

E insistindo nós em conhecer a idea que tinham do Zâmbi, responderam: — Nunca o vimos, mas nós vivemos e morremos quando elle quer.

O seu modo de pensar com respeito á morte, revela-se na seguinte explicação de Sé Quitári: — Morre o homem, mas a vida d'este apparece noutro corpo, se os parentes não choraram bem a sua perda ou não pagaram as dividas que elle deixou. Este persegue-os até que isto se faça e até que fique satisfeito por se lhe ter dado boa comida.

Este homem, querendo provar-nos esta sua convicção, e invocando o testemunho dos seus parentes e mais gente que o ouviam, acrescentou.

— Quando adoece algum dos meus bois, ou tenho infelicidade em casa, mando chamar o melhor curandeiro das terras do jagado e este faz apparecer o meu pae com outra cabeça; eu então mando vesti-lo e dar-lhe muita comida d'aquelle boi que adoeceu ou de outro se a infelicidade é de outro genero, e isto porque meu pae nunca teve gado, e já uma vez estando a dormir me appareceu, dizendo que eu estava muito rico e não me lembrava d'elle que morrêra pobre, sem nunca ter visto uma cabeça de gado na sua posse.

E como sabe que é seu pae, lhe perguntámos, o homem que o curandeiro lhe apresenta? — Porque me conta muitas historias antigas de seu tempo, das suas caçadas, das suas guerras e nomeia todas as pessoas da nossa familia.

Indubitavelmente, o espertalhão do curandeiro tirava partido da credulidade d'esta gente, diziamos nós, mas respeitemos as suas superstições ao mesmo tempo que lhes vamos apontando a superioridade da nossa crença, para elles estabelecerem o parallelo e tirarem as suas conclusões.

Comprehendiamos assim o nosso papel de propagandistas do bem entre estes povos; eramos bem acceites e previramos o successo do nosso modo de proceder.

Nas nossas communicações ao Ministerio, ao Governador geral de Angola e ao negociante Custodio José de Sousa Machado, lembrámos a conveniencia de nos fazer render nesta Estação e a este ultimo por uma casa filial da sua, emfim o aproveitar-se de qualquer modo a influencia que chegámos a adquirir entre os povos em redor.

A efficacia das nossas Estações até ao Cuango, quando não fosse por outro motivo, tornou-se bem palpavel, porque sustentava não menos de setenta individuos, que eram permanentes e que em troca dos alimentos que lhes eram indispensaveis, espalhavam diversos artigos do nosso commercio. Era um príncipio de vida, porque houve quem amontoasse alguns d'esses artigos e dos adquiridos com transportes das nossas cargas, parte dos quaes trocados depois por sal e este com a outra parte, negociados no Peinde e Xinje por borracha, de novo se transformaram nesta Estação, já então filial de C. Machado, em fazendas e outras mercadorias, mas em quantidade muito maior.

ANTONIO BEZERRA (INTERPRETE)

Tivemos no interior noticia do bom negocio que nesta casa estava fazendo o empregado de Machado, das boas relações que mantinha com os povos vizinhos e da animação que entre estes reinava para fazerem as suas excursões entre o Cuango e o Cuengo; sendo certo que no nosso regresso, entre as Estações Paiva de Andrada e esta, em sitios até ali desertos, se viam novas povoações e muito gado.

O gado estava dando um bom rendimento para estes povos, era procurado para negocio além do Cuango e para a nossa

provincia de Angola nos concelhos a leste de Loanda, o que antes da vinda da Expedição só fazia um ou outro, mas em pequena quantidade e de tempos a tempos.

Uma rez que neste logar poderia importar no valor correspondente a 3$000 ou 4$000 réis, no açougue em Malanje produzia de 15$000 a 20$000 réis, no Dondo mais, e em Loanda mais ainda. É um bom negocio.

Os povos do Luí, do Ambango principalmente, vendo que os de Andala Quissúa, sem repugnancia alguma, andavam no serviço de transporte das nossas cargas para a Estação no seu sitio, tambem já ahi appareceram a pedir cargas e a mudança fez-se mais rapidamente do que pensavamos.

Para a Mussumba, é que não era possivel angariar carregadores, nem com a intervenção do velho jaga Andala Quissúa. Nós não pudemos deixar de attribuir este facto, ao que se chama intrigas de Cassanje, intrigas que nos foram comprovadas com a chegada do interprete Antonio Bezerra, que por doente só então se apresentou ao nosso serviço, com o famoso documento a que damos publicidade, e que nos enviou o negociante Machado, de Malanje, onde se lhe asseverára, que em Cassanje tudo se preparava para evitar a passagem da Expedição no Cuango, ou fazer pagar caro essa passagem.

Documento enviado por Custodio Machado ao chefe da Expedição.

Amigo e sr. Antonio José Pereira:

Rogo-lhe o favor de me dizer ao pé d'esta o que o amigo me disse que havia ouvido referir ao gentio de Cassanje, com referencia á passagem da Expedição portugueza, de que é chefe o sr. major Henrique de Carvalho; pois muito me obsequeia, informando-me por escripto para prevenir consequencias e por cujo favor muito grato lhe fica o seu

Attento, amigo e muito obrigado.= *Custodio J. de Sousa Machado.*

Resposta.

No dia 28 de outubro cheguei ás margens do Luí, aonde passei o dia. No dia seguinte chegou uma embaixada do banza Quissúa Cá-Ambumba, do Hiongo, chamar o Quiluange-Quiá-Cassanje, para irem impedir a

viagem ao Ill.mo Sr. major Carvalho; dizendo mais, que sem falta comparecesse para receberem fazenda d'aquelle senhor, porque se o deixassem passar, ao depois, todos haviam de querer passar de graça.

Sem mais, seu attento amigo e obrigado. = *Antonio José Pereira.*

Nota. — O mesmo Antonio José Pereira, que acima me deu aquella resposta, me disse pessoalmente que o sr. major estava impedido de passar, pois que o gentio do Hiongo, por onde o sr. major tinha feito a viagem, se oppunham á sua passagem á viva força, e que, mesmo assim, lhe haviam de exigir uma grande quantidade de fazendas. Mais me disse que ao gentio de Cassanje ouvira dizer, que não convinha a passagem do sr. major para o Muat'Ianvo, visto como ia fazer amizade com elle da parte do Maniputo a fim de os desgraçar.

Foi isto que elle pessoalmente me disse em casa de Alfredo, onde se achava em tratamento de uma biliosa. Não vejo que o que elle disse, viesse modificar cousa alguma do que eu tinha dito nas minhas conversas, e por muitas vezes ao sr. major.

Antonio José Pereira é socio de Alfredo José de Barros, na casa de Cassanje. = *Custodio Machado.*

Á vista d'este documento, felicitava-nos Machado, por já metade das cargas da Expedição estarem além Cuango, na Estação Costa e Silva, e sem que tivesse havido difficuldades e punha-nos de sobreaviso para algumas tramoias no futuro, que nos pudessem preparar os Bângalas, a quem não convem que os brancos estabeleçam relações commerciaes directas com os povos do interior, pois querem elles ser os medianeiros, para não perderem nos seus interesses.

PARTIDA DA ESTAÇÃO FERREIRA DO AMARAL

Tendo pois de nos sujeitar ao expediente de caminharmos de Estação em Estação, com os carregadores que tivessemos e fosse possivel ir obtendo pelo transito nas povoações, para essas pequenas distancias, e tendo completado um mez de observações meteorologicas, preparámo-nos para sair d'esta Estação em 23 de novembro, fazendo a correspondencia para a metropole, aproveitando o correio que no fim do mez seguiria de Malanje com as malas para o paquete que saía de Loanda em 15 de dezembro.

Annunciada a nossa partida, de novo se apresentaram os potentados conselheiros do jaga e chefes de povoação a visitaremnos, trazendo os seus presentes de comida para a viagem, em retribuição do quê esperavam tambem presentes de fazendas, missangas, polvora, etc.

As chuvas estavam de volta comnosco e era preciso aproveitar os intervallos em que cessassem; assim no dia 22 e a

differentes horas, sairam tres partidas de carregadores de proveniencias diversas, vigiadas por gente nossa, não obstante a confusão de delegados do velho jaga, ambanzas e sobas, que enchiam a Estação, para se despedirem de nós.

O jaga mandava uma rapariguinha de presente para Muene Puto, pedindo que não saissemos da terra zangados com elle, por não ter apresentado os carregadores que prometêra para o Muatiânvua; que foram os seus filhos que faltaram, com receios de Cassanje e do Muatiânvua; que elle era filho de Muene Puto e queria a sua amizade.

Não tendo nós já na Estação cousa alguma com que retribuir aquella attenção, nem nos convindo levar a pequena para as terras da Lunda, pedimos desculpa de não acceitar o presente, porque as nossas leis já não permittiam que tivessemos escravos, como elle bem sabia, mas para que não tomasse como desfeita a recusa, enviámos-lhe um chapéu armado, como recordação de bons amigos que foramos, e visto elle estar velho, mandavamos-lhe dizer que não se esquecesse, para felicidade de seus povos, de prestar vassallagem a Muene Puto, como tinhamos combinado.

Todos queriam aguardente por despedida, mas já não a havia e por isso lhes démos uma caneca do nosso vinho para distribuirem entre si.

Ainda nos appareceu o velho da povoação fronteira com uma boa vacca; dissemos que só a acceitariamos com a condição d'elle mandar gente de sua confiança á Estação Paiva de Andrada, para lhe darmos tambem um presente de despedida.

Uma das nossas barricas de atum, estava perdida, mas Sé Quitári lá ficou com ella e teve de a repartir pelos seus collegas, bem como os garrafões vasios, pois que nos viamos em serios embaraços para satisfazermos os pedidos que tivemos. Até restos de assucar num assucareiro e *jimbolo* (pedaços de de bolacha), a todos chegou para o seu Zâmbi.

É costume entre estes povos, quem tem um crucifixo, pôr a seu lado embrulhado num retalhinho de fazenda, uma pitada que seja de assucar e um pedacito de pão ou bolacha.

Tinham chegado na vespera uns portadores com um officio do jaga Calandula Muânji, e juntamente um outro de S. Ex.ª o Governador geral da provincia, recommendando-nos uma pretensão do jaga com os potentados Quissengue e Bungulo, entre os rios Luachimo e Chicapa e como os macotas a que se referia esse officio, de que damos conhecimento, ficaram de vir ter comnosco e de nos acompanharem, mandámos dizer ao jaga, que procurariamos satisfazer as determinações do Sr. Governador geral quando se apresentasse a occasião e apparecessem os seus macotas, e aproveitámos os portadores para levarem para Malanje a nossa correspondencia.

Faltavam dez minutos para uma hora da tarde, quando deixámos a Estação Ferreira do Amaral.

Do Jaga Calandula ao Chefe da Expedição.

«Cumpre-me remetter a V. o officio que lhe veiu do governo geral da provincia de Angola, onde veiu o meu despacho a um requerimento que eu tenho mostrado o meu sentimento de matar meus filhos e as gentes e pontas de marfim e borracha pelo filho de Muana Quissengue de nome Quissanda, de Mona Mucungo, da nação Cahongo, habitante á beira do Quicapa a outra banda d'elle que espero V. mandar seu despacho a este requerimento.

«Deus guarde a V. Quilombo, 17 de outubro de 1884. —Illmo e Exmo Sr. Chefe da Expedição ao Muata Ianvo. = *D. Antonio Martins da Silva, Calandula Muanji.*»

De S. Ex.ª o Governador Geral ao Chefe da Expedição.

Tendo-se o jaga Calandula Muanji, D. Antonio Martins da Silva, queixado a S. Ex.ª o Governador geral, contra os sobas Quissengue e Bungulo, do sitio Quicapa, sobre o roubo por estes mandado commetter, segundo aquelle allega, de uma porção de marfim e cera que o filho do requerente André Domingos, trazia da Mussumba, terras do Muata Ianvo, onde fôra negociar, sendo aprisionado nessa occasião o dito seu filho, e mortos os serviçaes que o acompanhavam; e pedido o mencionado jaga que V. fosse auctorisado a levar em sua companhia áquellas terras os seus macotas, a fim de lhes servir de medianeiro na reclamação que vão apresentar aos sobas de Quissengue e Bungulo; o mesmo Exmo Sr. houve por conveniente dar ao requerimento do supplicante o despa-

cho seguinte: «Entenda-se o supplicante com o major Carvalho, e as ordens que elle sobre o assumpto der, é como se fossem por mim dadas».

O que communico a V. para seu conhecimento e devidos effeitos.

Deus guarde a V. Secretaria do Governo Geral em Loanda, 25 de outubro de 1884.—...Sr. major Henrique Augusto Dias de Carvalho, chefe da Expedição ao Muata Ianvo. =*Alberto Carlos d'Eça de Queiroz*, secretario geral.

A S. Ex.ª o Ministro dos Negocios da Marinha e Ultramar

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Tendo de mandar uma caixa com exemplares da flora d'estes arredores para Malanje, colhidos e devidamente estudados pelo meu collega Sizenando Marques, aproveito a opportunidade dos portadores para mais circumstanciadamente prestar a V. Ex.ª em additamento á minha ultima communicação de 6 do corrente, mais alguns esclarecimentos sobre estes povos, com os quaes a Expedição tem mantido boas relações, porque se me afigura que ficaram lançadas as bases para estas se assegurarem firmemente de futuro, com muita vantagem para o commercio do interior da provincia, e que portanto não será difficil conseguir que elles de bom grado venham avassalar-se á Nação Portugueza.

Pelos *croquis* do itinerario já enviados e pelo que agora remetto da Estação Paiva de Andrada ao territorio dos Xinjes, vê-se que a Expedição pouco se desviou do que em Malanje projectára e do que a V. Ex.ª communiquei. Os desvios que houve, são devidos ás sinuosidades que tivemos de percorrer, o que é bem preferivel a fazer derrubadas, para o que se carecia de um pessoal habilitado e de tempo que melhor se deve aproveitar em trabalhos mais uteis.

Passou a Expedição por povoações importantes, sujeitas a grandes potentados independentes, entre estas as dos Bondos de Andala Quissúa, e as dos Harís de Muêto Anguimbo, com quem entreteve relações de amizade que podem ser muito aproveitadas pelos Portuguezes que os procurem; estabeleceu Estações em localidades, cujas distancias de umas ás outras não excedem 63 kilometros, e que um indigena com carga de 60 a 70 libras vence em tres dias; e transitou por caminhos em que os riachos e rios que se encontram facilmente se atravessam, sendo o mais importante d'estes o Luí, cuja altura de agua onde passámos a vau não attinge 1 metro, mas que na epocha das grandes chuvas se passa em canôa, como o Cuango, em todo o tempo, e é mesmo de pequena largura, 80 a 90 metros.

Apenas entre o rio Cambo e este sitio Cafúxi, se encontraram no nosso caminho valles mais pronunciados que fatigam os viajantes a pé e os carregadores, mas que não são difficeis de transpor, pois as maiores

differenças de nivel chegaram o muito a 90 metros, sendo elles em numero de cinco, de modo que a differença de altitude entre Malanje e Cafúxi, depois de se elevar em Catala a 106 metros, desce gradualmente 464 metros.

O transito é feito mais entre florestas do que em terreno descoberto, e só de Cafúxi em deante se encontram terras encharcadas e de 7 a 8 kilometros de distancia do porto do Cuango ha um pantano que se estende até lá, mas que enxuga no tempo das seccas.

Quer se sáia de Malanje pelo Anjínji, S.-E., quer pelos Bondos, N. E., pode dizer-se que até ao Chissa e Catala se caminha em territorio sujeito á influencia da civilisação de Malanje, e diremos mesmo, á auctoridade portugueza; porém 20 kilometros a N.-E. de Catala, onde se estabeleceu a nossa primeira Estação, Vinte e Quatro de Julho, a povoação e todas as mais d'ahi em deante são puramente gentias, sujeitas a auctoridades e na obediencia do jaga Andala Quissúa, que em tempo foi nosso vassallo, mas que depois das guerras de Cassanje, se considera como tal, nunca se lhe exigindo porém que prestasse o devido juramento.

Quando este potentado, que esteve preso na cadeia de Loanda, foi posto em liberdade, era certamente boa occasião, usando de uma diplomacia acertada, para definir bem de uma vez a nossa posse ao territorio em que elle domina e que é realmente muito grande.

Hoje mesmo não seria difficil chamá-lo a nós, pois pela sua avançada idade, respeito pela auctoridade do governo de Sua Magestade, pelas boas relações que tem procurado que os seus povos mantenham com a nossa Expedição, e ainda pela ambição de ter em suas terras estabelecimentos de brancos, com fazendas, missangas, polvora, armas, aguardente; sou levado a crer que está bem disposto, e só espera lhe indiquem o caminho que tem a seguir para ser bem acceite.

No seu conselho entram os herdeiros que melhor ou peor percebem o portuguez e o que ha de succeder-lhe no governo, nesta convivencia de tres mezes, tem-nos sido bem sympathico. Talvez mais tarde, quando o conselho mude com a successão, as disposições dos novos conselheiros nos não sejam tão favoraveis. Pela rivalidade que existe entre este povo e o de Cassanje, lamenta o jaga, seus filhos e ambanzas, que Muene Puto, segundo elle, por tanto tempo desprezasse esta terra e que apesar da rebellião de Cassanje, para lá tivessem continuado a ir feirantes portuguezes; quando as suas terras são mais saudaveis e os filhos de Muene Puto aqui seriam mais estimados e poderiam ter auctoridades independentes que os protegessem, sendo elle severo com o seu povo todas as vezes que não tratasse bem e respeitasse todos os filhos de Muene Puto.

Em outro tempo, me disse o jaga um dia, intrigaram-me com Muene Puto, e se elle ainda acredita nas intrigas, porque não manda para estas suas terras soldados e capitães para guardar as suas fazendas? Porque

primeiro, seria necessario, lhe respondi, que o meu amigo prestasse juramento de bom vassallo.

— Mas eu estou entrevado, bem vê.

— Pois mande seu filho mais velho, com os macotas do conselho a Malanje, se não podem ir a Loanda.

— Hei de fallar neste negocio ao conselho, mas para irem procurar o sr. governador a Loanda, quero que lhe levem um bom presente, como fez o jaga de Cassanje, foi a sua ultima resposta.

Todos estes povos em redor das Estações e suas vizinhanças, podem dizer-se de boa indole, morigerados e com pequenas variantes, apesar de supersticiosos, adoram o Deus de Muene Puto, posto continuem a ter o seu. Para elles, Deus, é o que pode haver de maior, porque Muene Puto é um homem muito grande, mas o Zâmbi é superior e já existia antes dos homens, é o *Sé Culo*, o primeiro entre os entes que pode haver de mais veneração pela sua antiguidade, velhice, etc. Esta crença tem-se transmittido de paes a filhos. Acreditam que o Zâmbi existe invisivel mas que ha de ser superior a tudo que conhecem e possam vir a conhecer.

Imaginá-lo é uma questão do adivinho, e acceitam qualquer forma que se lhe dê, porque acreditam que só os adivinhos é que os podem figurar; são estes por elle inspirados ao dar-lhe uma forma para sua imagem, seja qual for o material.

Não ha povoação onde estas toscas imagens de formas rudimentares, não estejam resguardadas. Seja sob pequenos telheiros ou nichos, sobre o solo, ou um pouco mais acima sobre uma especie de estrado, vêem-se essas figuras, umas vezes com pernas outras sem ellas, de pé ou acocoradas, mas sempre disformes, com cabeças largas terminando superiormente em bico, havendo-as até com chapeu. Aos lados d'ellas, na mesma linha, vêem-se objectos para ornamentação, que variam segundo as povoações e os artifices e representam segundo a phantasia de cada um, caixas, lampadas, canecas, etc.

Povoações ha, em que existem dois, tres, e mais d'estes telheiros.

O que é mais curioso, é a razão da sua existencia, é quasi sempre a mesma em toda a parte onde os tenho visto. Um dos homens da povoação, geralmente um velho, esteve muito doente, foram infructiferos os medicamentos applicados, chamou-se um adivinho dos mais afamados, consultou-se, este achou grave a doença, porque era de idolo, e para se salvar do mal que este lhe pretendia fazer, devia o doente mandar arranjar primeiro que tudo um muquíxi para o Zâmbi e depois festejar o idolo e trazê-lo sempre contente.

Em geral todo o muquíxi tem uma rasão de existencia entre elles e por isso é um caso de gravidade, por qualquer circumstancia, inutilisar um, ainda que para isso não houvesse proposito.

Tambem estes povos acreditam que se morre, mas que todos nós te-

mos em vida o *Cazumbí* [1], e este é imperecedouro; entra no corpo de qualquer racional ou irracional e persegue os parentes ou amigos, até que elles satisfaçam os compromissos que o defunto não podera satisfazer emquanto por cá andára neste mundo, ou chorem devidamente a sua perda, pois elle não ficára satisfeito com o ceremonial que lhe fizeram. As festas de obito entre estes povos, têem de commum: o chorar e carpir desde que o doente expirou até que se enterra, fazer tiros de fuzilaria, se ha polvora, e beber de preferencia aguardente, até que os da festa estejam todos embriagados. Depois do enterro ha fuzilaria ao nascer e pôr do sol, danças toda a noite, choros, e comes e bebes, a diversas horas do dia. Estas cerimonias duram de tres a oito dias, segundo as posses. Os parentes durante as ceremonias, que correspondem ao nojo, passam a andar apenas com as partes pudendas tapadas e rapam metade da cabeça de um lado.

Se ha gado ou posses para o adquirir, a carne faz parte das refeições.

Estas ceremonias, segundo os povos, são mais ou menos complicadas dependendo da jerarchia do fallecido.

O Cazumbí geralmente apparece de noite, quando se está recolhido para dormir, mas tambem pode mostrar-se de dia aos que são dotados de genios mais apprehensivos, principalmente quando se caminha sósinho, e é frequente essa apparição quando se vae buscar agua ao rio e se não encontra outra pessoa.

Não se sabendo a que attribuir o seu apparecimento, chama-se um adivinho e esse tira partido do estado exacerbado em que se encontra o individuo que o consulta, o qual em regra está prompto a dar tudo quanto possue para se ver livre do Cazumbí que o amofina, lhe tira a vontade de comer ou tem sido causa da sua doença.

Que mais simplicidade e mansidão poderá haver do que a d'estes povos!

O homem é tido em geral como indolente por não saber como empregar a sua actividade, não haver encontrado quem o educasse para esse fim e ter na mulher uma serva que cuida das lavras, fabríca a farinha e a fuba, cozinha o infunde, acarreta as lenhas e agua, etc.

Muito debil em geral esta gente, pela sua escassissima alimentação, e de modos commedidos, por um pedaço de carne torna-se exigente, dá o melhor que tenha para o obter em substituição de umas hervas ou fo-

---

[1] *Cazumbí* interpretam os Ambaquistas por espirito, alma de individuo que morre e vagueia em procura de outro corpo de racional ou irracional onde se introduz e nunca é para bem da localidade a que elle pertenceu ou dos habitantes que continuam lá existindo. Muitas vezes vão perseguir as pessoas de sua familia, embora em viagem ou residindo já em outra povoação.

lhas de mandiocas, se é que as tem para comer. Se nada tem, exaspera-se, perde a cabeça á vista de uma rez recentemente morta e não pode conter-se que não puxe da sua faca e corte um pedacito que seja de carne, se é que não traz comsigo alguma cousa em que possa levar um pouco de sangue, com que até os mais desprovidos de sorte se contentam. Por causa de um pedaço de carne temos assistido a luctas de caracter grave, mesmo entre os contractados de Loanda. Parece que a vista do sangue lhes perturba o organismo, e que d'ahi provem a necessidade de luctarem para que essa perturbação se acalme.

E é notavel que ainda o mais abastado, a não ser por motivo muito extraordinario, não manda matar uma rez da sua manada. D'este ponto até ao Cuango, vêem-se manadas de bom gado vaccum, muitos porcos, cabras, carneiros e mesmo gallinhas; pois os povos, se alguma carne comeram durante o tempo que por cá estamos, obtiveram-na por via de transacções com o pessoal da nossa Expedição de quem a conseguiram como presente ou por compra.

As mulheres vão acarretar agua e lenha para os nossos carregadores, só com a mira em receberem uma isca de carne como retribuição.

Vendem um ou outro animal pela necessidade que têem de fazendas e polvora, mas ainda assim esperam que por aqui appareça algum Quimbare á procura de gado para alcançarem maior preço.

A Expedição tem obtido com facilidade gado por preços muito regulares, o que dá as rações mais em conta, porque uma parte d'estas é a melhor moeda que os nossos carregadores podiam obter para permutar pelos productos das lavras, farinhas, etc.

Nas localidades em que se levantaram as Estações, succedeu em principio o que era de esperar. O povo sem distincção de sexo nem de idade, rodeava-as para ver os brancos e vê-los comer, escrever ou fazer qualquer cousa, ouvi-los fallar, etc.; se porém um de nós chamava alguem ou a elle se dirigia, fugiam; se passava por alguma cubata e perto estava o morador, era certo esconder-se, e se fosse mulher, fechar a porta se para isso tivesse tempo, etc. O branco para elles era um individuo que lhes podia fazer mal.

Passados alguns dias, conheceram o seu erro, pois as creanças eram bem tratadas e recebiam um mimo, uma caricia, o que lhes agradava; o soba havia recebido presentes, conversava muito socegado ao lado de um de nós, estava muito senhor de si, animava a sua gente a approximar-se; alguns alcançavam boa paga pelos brindes que faziam aos brancos, ovos, gallinhas, farinhas, cabras, porcos, bombós, feijão, batatas, bananas, etc., e esses attrahiam os outros e procuravam tambem obter fazendas, missangas, etc.; d'aqui se originou a approximação, a confiança, a permutação, a conversa, as boas relações e emfim divulgarem-se pelas vizinhanças as boas qualidades dos brancos, filhos de Muene Puto.

Os homens vêem entrar e sair das Estações, cargas ás costas de individuos de outras povoações, vêem que estes andam melhor vestidos que elles e que trazem para permutar por alimento fazendas e missangas, sabem que isso é resultado de serem bem pagos os serviços de transportes e são elles mesmos que se dirigem aos sobas a pedir que se interessem com Muene Puto para os admittir nestes serviços e a pouco e pouco vão conhecendo os bons resultados da sua actividade para o trabalho.

A procura d'estes serviços pelos homens e a permutação por parte das mulheres, de mantimentos por carne, faz-se nas Estações que hoje mantemos, e aqui tem V. Ex.ª como estas estão exercendo grande influencia nestes povos, concorrem para a sua melhor alimentação, para que se vista a maior parte da gente com fazendas novas e ataviem seus filhos e mulheres com missangas e braceletes de latão.

O que nos causa muita impressão é a grande mortalidade das creanças, quando nos convencemos que não é pela insalubridade das terras e sim pelo fraco leite das mães e da exposição em que andam ao sol ardentissimo e ás chuvas torrenciaes, ás costas d'ellas emquanto estas trabalham. Mas este mal, modificar-se-ía facilmente, pois o povo aqui é susceptivel de civilisar-se, e basta para isso o contacto comnosco.

Se se organizassem as Estações de modo a manter-se uma créche em cada uma d'ellas, com o indispensavel pessoal feminino para as creanças, os primeiros resultados serviriam de incentivo para os indigenas imitarem estas beneficas instituições.

Devemos convencer-nos de que os indigenas por aqui, não inventam, não criam, mas imitam tudo que lhes proporcione vantagens. Factos, exemplos frisantes, que elles comprehendam e com os quaes possam estabelecer comparações é do que elles carecem; convencendo-se que lhe resulta interesse em imitar o branco, esquecem o que tinham, e adoptam a innovação com que procuram logo familiarizar-se.

Conservando-se estas Estações abertas, podem contribuir para facilitar o commercio no interior, a leste de Loanda, e para se angariarem carregadores para o transporte das suas cargas, de que se sente, principalmente em Malanje, uma grande falta, e a qual, segundo as ultimas noticias, augmenta de dia para dia. Mas o que sobretudo mais é para estranhar e com o que a Expedição se gloría, é ter-se conseguido que os povos da margem do Luí, que nunca pegaram numa carga e alguns nem saíam das immediações de suas residencias, não só transportassem as nossas cargas ao Cuango, mas ainda as tenham vindo aqui procurar para a Estação Paiva de Andrada, para terem a preferencia a transportá-las d'ahi para o Cuango, com receio da concorrencia que ahi deve haver. Vem buscá-las a 65 kilometros de distancia e assim augmentam os seus interesses. Não será difficil pois, que elles cheguem até Malanje e uma vez aqui, onde encontram em abundancia e mais em conta com que satis-

fazer as suas necessidades, facilmente se irão encarreirando no serviço de transporte entre os concelhos vizinhos.

Encetado o caminho como o foi por nós neste proposito, cumpre proseguir, mas proseguir com methodo, justiça e acerto. Seria realmente de grande conveniencia que este costume se estabelecesse, não só para garantir ao commercio uma estrada segura para as suas transacções além do Cuango, como para elle poder contar com os carregadores que lhe são indispensaveis entre as casas de suas relações. Em Andala Quinguangua, estabelecida a Estação desde 21 de julho até 4 de outubro, permaneceu ali sempre um dos europeus da Expedição e depois foi entregue a um empregado do negociante Narciso Antonio Paschoal. A Estação Ferreira do Amaral, está aberta desde 15 de agosto devendo nós deixá-la em 22 do corrente; tambem aqui estiveram europeus durante tres mezes.

A Estação Paiva de Andrada, ou melhor, na localidade em que ella se levantou, desde o 1.º de setembro que lá tem estado sempre um europeu, e como ahi nos demoraremos ainda até aos meados do mez proximo, excederá de tres mezes a permanencia de europeus ali.

Na Estação Costa e Silva, já lá está o ajudante desde o 1.º do corrente e decerto ainda ahi teremos demora, não obstante serem os meus desejos activar a partida para o interior. O governo poderia aproveitar aquella Estação para alojamento de uma missão europea que ahi conseguisse attrahir o commercio e segurar o porto do Cuango, no que me empenharei, interessando por emquanto nesse proposito o negociante José Vasconcellos, a quem entrego a Estação.

Nas primeiras tres Estações, tem havido pois um contacto directo de europeus com os povos gentios vizinhos durante tres mezes, o que exerceu uma influencia benefica entre estes, e não ha exagero quando assevero que de facto se crearam para elles certas necessidades e que se um ou outro as poderia já conhecer pela passagem das expedições de S. Machado e da allemã, pois é provavel que estas espalhassem algumas fazendas, é certo porém que esse derramamento deveria ser em escala muito insignificante, pois só se poderia dar por alguns presentes aos potentados e por troca de algum alimento para os carregadores, numa passagem rapida.

Repito, este povo e em geral o gentio, é na verdade indolente; mas mostrando-lhe o que se lhe dá em troca de seus serviços, não os illudindo ou ludibriando nos pagamentos, fazendo-lhes ver que não ha interesse em enganá-los, vem prestar os serviços que se pretendem, em troca do que se contrata.

Citarei um exemplo a V. Ex.ª Quatro homens de Andala Quinguangua, que tinham trazido para aqui cargas por tres vezes, dias depois de ter fechado a Estação naquelle ponto, vieram aqui pedir cargas para o Cuango. Receberam o pagamento em fazendas, do qual apenas tiraram

2 jardas para permutar por comida no caminho, e pediram para lhes guardar o resto. Foram commigo ao Cuango e voltaram.

Como d'aqui continuassem a sair cargas para o Luí, pediram novamente para fazerem serviço e cá deixaram o pagamento. Em voltando, tres ainda voltarão e um irá a Malanje para me levar dois garrafões de aguardente ao Cuango e d'ahi ha de trazer a nossa correspondencia para Malanje. Razão tenho eu pois para acreditar, que bom seria que esta aprendizagem de civilisação iniciada aqui, não ficasse nisto por falta de quem venha residir nas Estações e as aproveite para o commercio.

Nesta data escrevo ao negociante Custodio José de Sousa Machado, em Malanje, para mim um dos homens mais sensatos e mais dedicados que ahi conheço, para que mande estabelecer nesta Estação um empregado de sua confiança, tornando-a assim um posto intermedio entre a sua casa de Malanje e a filial do Cuango.

Confio no patriotismo de Custodio Machado, emquanto o commercio não vier aqui, pelo menos estabelecer filiaes, e que este posto, ha de concorrer, para que se não percam os trabalhos da Expedição, e evitar que o commercio, que tende a seguir pelo norte para a costa fuja de todo de Malanje; confio tambem que o encarregado continuará a encaminhar estes povos no serviço de transportes, cuja falta se tem feito sentir nos ultimos annos em Malanje e concelhos proximos; finalmente que elle alargará o mercado do consumo da aguardente, o qual particularmente digo a V. Ex.ª, é o que faz mover tudo aqui, o que será uma felicidade para os agricultores de Malanje, que por falta de consumidores em pouco não tardarão em ver cheios os seus armazens e depreciada a mercadoria, pois que para fornecer a costa por emquanto, lá estão as florescentes propriedades de Alto Dande, Cazengo e Cuanza, com outros recursos de transportes, com os quaes os proprietarios e productores de Malanje não poderão competir.

O que deixo exposto não se refere só aos povos d'esta localidade, mas a todos os limitrophes do transito da Expedição até aos Harís. Com os do Capenda-ca-Mulemba, estou convencido que pouco tardará que a casa Machado em Mona Samba Mahango, não tenha influido para que se dediquem ao serviço de carretos, e pelo menos para pequenas distancias, da margem do Cuango ao local da Estação, já nós o alcançámos.

E todos estes povos sabem bem distinguir-nos dos Allemães, a que chamam *inguerêzes*. Os Allemães passaram sem deixarem sympathias, antes ao contrario, alguns potentados queixam-se d'elles prometterem muito e faltarem; de acamparem fora das povoações, de terem os seus acampamentos sempre rodeados de gente armada para os afastarem; nós ao invez, acceitámos os seus cumprimentos, aproveitámos a sua hospitalidade emquanto se fabricam as casas e somos bons amigos no dizer dos indigenas; elles são soberbos, inimigos, má gente, não são filhos de Muene Puto·

De feito, o nosso armamento, por ora, tem estado, como se diz, na arrecadação; às nossas relações com os indigenas são as melhores possiveis e todos lamentam que Muene Puto, depois da nossa saída, não queira mandar mais filhos occupar as casas.

Dizem elles, só agora, depois de vir Muene Puto é que os nossos filhos comem alguma carne, teem vestimentas, missangas e polvora, etc.

Vendo-nos escrever, fazer observações, colher plantas, raizes, etc., e procurando d'elles informações sobre as suas terras, povos, linguas, etc., sabe V. Ex.ª como rematam? Que Muene Puto devia para cá mandar brancos para ensinar os seus filhos a fazerem o que nós fazemos, para felicidade de suas terras! Que elles bem sabem que os brancos tiram da terra muita cousa para comer e vestir, emquanto elles só sabem tirar mandioca, alguma jinguba e pouco mais, e essas mesmas teem de ser plantadas em lavras longe das povoações porque o gado dá cabo de tudo.

Quanto poderiamos aproveitar de tão boas disposições a nosso respeito!

Se os afazeres nos permittem, á noitinha quando os sobas e os seus nos procuram para conversar, tratâmos de esclarecê-los sobre diversas culturas, dizemos-lhe como se evita que o gado prejudique as plantações, qual o inconveniente de andar o gado solto nas povoações, etc.

Declaro a V. Ex.ª que deixo com saudade a Estação Ferreira do Amaral, pois chego a convencer-me (talvez esta boa fé seja demasiada), que dentro de um anno, eu teria modificado vantajosamente o modo de viver d'esta gente, pelo simples facto de lhe crear necessidades, fazendo-lhe conhecer praticamente os resultados de um pouco do seu trabalho devidamente dirigido. Demais nos temos demorado nestas Estações, mas queira Deus, que outros com tão boa vontade como a nossa, se não demorem em proseguir na obra encetada com tão bons auspicios.

O meu collega Sizenando Marques tem aqui alcançado uma collecção de plantas e de fructos, alguns dos quaes inteiramente desconhecidos.

Dois d'esses fructos são muito agradaveis pelo seu succo saboroso e fazem lembrar bem, um os melhores morangos e o outro as boas passas. Entre as raizes encontra-se uma que parece o nosso salepo, e outra que é rica em alcool e amido. Como a maior parte das plantas não estão ainda em estado de se guardarem, seguirão das margens do Luí, com as que ahi houver que offereçam interesse.

Por ultimo, ainda uma vez afianço a V. Ex.ª, que temos trabalhado, tanto quanto nossas forças e saber permittem, quer de dia quer de noite, e com a tranquilidade que dá a consciencia do dever cumprido esperamos ir correspondendo á confiança com que V. Ex.ª nos honrou.

Deus guarde a V. Ex.ª. Estação Ferreira do Amaral, 15 de novembro de 1884.—Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar. = O chefe da Expedição, *Henririque Augusto Dias de Carvalho.*

A S. Ex.ª o Governador Geral da Provincia de Angola.

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Pela communicação inclusa, que respeitosamente rogo a V. Ex.ª se digne enviar ao Sr. Conselheiro Ministro dos Negocios da Marinha e Ultramar, terá V. Ex.ª conhecimento de que passou o Cuango no porto de Mulumbo dos Haris em 31 de outubro, e 1.º do corrente a primeira parte da Expedição, com cento e cincoenta cargas, e no sitio de Mona Samba, dominios de Capenda-ca-Mulemba, se está construindo com o consentimento d'ella, que é ahi o potentado, a nossa nova Estação Costa e Silva.

A esta se está dando maior desenvolvimento que ás anteriores, e isto porque espero, como já disse a V. Ex.ª, que com o tempo se crie ali uma povoação de alguns brancos e Ambaquistas ou que o commercio ahi afflua e haja necessidade de mais armazens e garantias de força por causa dos Bângalas.

As maiores dimensões que tem de se dar á casa, é trabalho que se traduz numa demora de mais alguns dias, mas a Expedição não podendo estar lá toda reunida senão depois de 15 de dezembro, por isso que tem de proceder ainda a algumas observações no Luí, não haverá nisso prejuizo.

Pela referida communicação, fica V. Ex.ª ao facto das boas relações que temos mantido com estes povos, como se me afigura que ellas podem ser aproveitados em beneficio do commercio da provincia em toda a vasta região entre o Cuanza e Dande, custando-me bastante deixar esta Estação sem ter a certeza de que alguem a vem occupar.

Neste sentido V. Ex.ª verá que escrevi ao negociante Machado, procurando convencê-lo das vantagens de fazê-la occupar e se V. Ex.ª pela sua influencia já como governador geral da provincia, já pelas muitas sympathias que felizmente adquiriu na sua viagem ao interior, conseguir que esse ou qualquer outro negociante de facto a vá occupar; creia V. Ex.ª que os resultados hão de ser bons como asseguro ao Ex.mo Ministro.

Eu nas minhas considerações a S. Ex.ª, podia e devia talvez ir mais longe e provar-lhe que se o caminho de ferro de Ambaca não continúa sendo uma illusão, se elle de facto se construe e promptamente, a occupação de todas, mas principalmente d'esta e da Estação Costa e Silva, será de uma grande importancia para o trafego do mesmo caminho.

V. Ex.ª que tanto se tem empenhado pela realisação d'este grande emprehendimento, conhece bem, que urge se faça uma estrada carreteira, quando não possa como deve ser logo, um ramal d'esse caminho de ferro a Malanje e outro d'ahi ao Cuango. Num e noutro as differenças de altitude na extensão, o primeiro de 60 a 65 kilometros, e no segundo de 250 kilometros, não apresentam grandes difficuldades em remoções de terras e obras de arte. A estrada, pelo menos muito contribuiria para o au-

gmento da receita da via rapida projectada, e em geral ao desenvolvimento da provincia e quem sabe se, di-lo-hão os nossos benemeritos exploradores Capello e Ivens, por uma navegação de lanchas a vapor no Cuango, do Mulumbo para baixo, se estabeleceria uma boa e segura communicação com o Alto-Zaire, resolvendo-se assim o grande problema, em que mais de uma nação se empenha por achar uma boa solução e que para Portugal se tornaria muito facil, porque melhor porto que o de Loanda não me parece que haja outro até á embocadura do Zaire.

Desejaria dar maior desenvolvimento a este assumpto, porém precisava de socego de espirito e não ter que me occupar de tantos e tão variados afazeres como são aquelles em que me acho envolvido e por isso apenas aponto a V. Ex.ª o que se me afigura de conveniencia, e V. Ex.ª por certo, se lhe merecer alguma attenção o que lembro aproveitará a indicação em favor da causa que tanto e melhor do que ninguem V. Ex.ª tem sabido advogar, já na Sociedade de Geographia de Lisboa, já na imprensa, já como governador geral da provincia, á qual mais directamente e de prompto esse melhoramento irá beneficiar.

Deus guarde a V. Ex.ª. Estação Ferreira do Amaral, 15 de novembro de 1884.—Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Governador Geral da provincia de Angola.—O chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Eram taes as nossas preoccupações nos ultimos dias, por deixarmos a Estação Ferreira do Amaral ao abandono, que ainda á ultima hora aproveitámos a occasião de fazer uma communicação á Sociedade de Geographia Commercial do Porto, e tratando de varios assumptos que julgámos de interesse aos fins d'aquella benemerita instituição, diziamos:

.....

Com tão pequeno pessoal e sobrecarregado como estava, talvez fosse temeridade, como se dizia em Malanje, avançar; mas creadas as Estações era necessario que nellas houvesse alguma permanencia por parte da Expedição para se conhecer de sua influencia sobre o gentio das immediações e do caminho percorrido e poder-se garantir ao commercio a segurança de suas mercadorias, o que muito me foi recommendado pelo Governo, e se assim não fosse, inuteis seriam os sacrificios e trabalhos da Expedição no que respeita á sua missão commercial.

É certo que consegui dispor as cousas de modo que, sendo nós quatro europeus, contando com o empregado subalterno que veiu comnosco de

Lisboa, em todas as tres Estações estabelecidas, tem estado sempre num periodo mais ou menos de tres mezes, um de nós. Assim na primeira, 24 de Julho, esteve sempre um europeu desde 20 de julho até 4 de outubro; nesta o mesmo desde 15 de agosto até agora; na Estação Paiva de Andrada, no Lui, esteve o ajudante desde o 1.º de setembro e agora o empregado, e para lá vamos eu e meu collega Marques; d'aqui a meados de dezembro seguiremos para a margem direita do Cuango onde está o ajudante desde 31 de outubro e onde toda a Expedição terá ainda demora.

A influencia das Estações fez-se logo sentir na primeira localidade, porque se em principio, e mesmo em todas, o gentio olhava o branco como uma curiosidade, procurando vê-lo a todos os momentos, analysando-o ou estudando-o nos seus mais pequenos movimentos e se d'elle fugia quando por qualquer circumstancia este ia ao seu encontro, a ponto de entrarem para as cubatas e taparem as entradas se o branco para ellas se encaminhava; dias depois, eram elles os primeiros a saudá-lo e trazerem-lhe, segundo as suas posses, algum presente, que sempre retribuiamos bem.

Pagos estes e outros serviços, ainda os mais insignificantes, por riscados, algodão, missangas, polvora, etc., foi-lhes isto lembrando umas certas necessidades, fazendo-lhes nascer umas ambições que d'antes não tinham.

Assim, por exemplo, como já disse, só por causas muito extraordinarias se mata numa d'estas povoações um boi, um porco, ou uma cabra, mas como a Expedição tem por costume quando chega a qualquer povoação, mandar logo um signal de amizade, *musapo* (presente) ao soba, este vem agradecer tambem, trazendo uma vitella ou garrote, se tem gado, maior, quando não um porco ou carneiro, e os menos abastados, gallinhas, ovos ou qualquer outra cousa.

O nosso pessoal, para ser alimentado já não é pequeno, e por isso, se o presente não for uma cabeça de gado vaccum, trata-se logo de procurar quem venda uma, o que em principio não deixou de ter difficuldades.

Eu tenho sido feliz, porque nunca deixei de arranjar garrotes e mesmo bois, emquanto outros viajantes já não dizem o mesmo, pois até aqui, alguns que teem passado pelas povoações em que temos acampado, só queriam comprar por baixo preço o que me tem custado de 3$000 a 7$500 réis, segundo a grandeza do animal.

Este é dividido em rações para dois e tres dias e com uma parte d'estas rações obteem os nossos das mulheres, o amido de mandioca, que feito em massa na agua a ferver constitue o pão. Esta transacção faz-se facilmente, porque estes povos, vivendo miseravelmente, apreciam muito o mais insignificante pedaço de carne nas suas refeições.

Tanto as permutações pela carne como pelas missangas e fazendas, approximaram os povos do nosso pessoal e d'ahi as boas relações que mantiveram.

As Estações, a contar de Malanje, teem sido depositos de cargas e a remoção d'ellas de umas para outras, tem-se realisado sem difficuldade com os povos das immediações, porque os pagamentos são feitos com todo o escrupulo e de modo a serem por elles observados no acto de tomarem conta das cargas que se lhes destinam.

A lisura que a Expedição, embora prejudicada, tem usado e continuará a manter nos pagamentos, tem-lhe attrahido sympathias por onde ella transitou e por isso a procura de carretos por toda a parte.

É devido a isto que a Expedição, apenas com quarenta carregadores para a mussumba do Muatiânvua, conta já cento e cincoenta cargas além do Cuango e cento e noventa na Estação Paiva de Andrada.

Os povos de Ambango, Anguvo e Anguangua, vizinhos d'esta Estação, já aqui vieram pedir cargas para o Cuango e como os d'aqui e de Andala Quissúa, tambem as pediram, para contentar a todos, tive de ratear as cargas na conformidade da procura, segundo as povoações.

A população que por aqui vive, apartada da civilisação, é realmente de boa indole e de facil educação, mas se para com ella se proceder de forma irregular, então perdem-na e torna-se como a gente dos arredores de Malanje, que são na verdade atrevidos e insolentes e procuram enganar e roubar o branco, o que se deve attribuir á má educação que tem recebido, dos que apenas procuram interesses sem olhar aos meios, e os maltratam e espoliam, enganando-os até nos pagamentos pelos serviços mais arduos que lhes exigem.

Já escrevi a Custodio Machado, que apesar de ser negociante, se afasta muito do modo por que se está procedendo com o gentio e mesmo com indigenas do concelho de Malanje, mostrando-lhe a conveniencia de mandar para aqui um sobrinho ou um empregado da sua confiança, continuar nesta obra de civilisação que nós encetámos: crear necessidades a estes povos e aproveitá-los para o serviço de transportes.

A elle já e a outros que de futuro venham a estabelecer filiaes no Cuango, muito convem a segurança d'este logar, como ponto intermedio entre essas e as suas casas em Malanje, não só para lhes proporcionar carregadores de que carecem para diversos pontos, mas tambem como meio de attrahir e manter o pouco commercio que vem do interior por este caminho, commercio que os Allemães procuram chamar para o norte.

Mas a occupação d'estas e de todas as nossas Estações até ao Cuango pelo commercio, tambem ha de influir no florescimento das propriedades agrícolas que agora principiam a ser mais alguma cousa do que tentativas. Entre estes povos é pronunciadissimo o gosto pela aguardente (eu

tenho-a dado com dois terços de agua), é o verdadeiro passaporte entre elles, a mola real que os põe em movimento.

O mercado do consumo da aguardente de Malanje, sendo só para o concelho é limitadissimo, porque lá estão Cazengo e o Alto Dande, florescentes na cultura da canna. Sendo necessario alargar o mercado com vantagens para as propriedades agricolas de Malanje, só pode fazer-se para norte e leste, e de certo as Estações poderão ser os depositos d'onde deve irradiar esta mercadoria e outras para as margens do Cuango e pontos intermedios.

Dizem os humanitarios ser a aguardente uma bebida nociva aos indigenas africanos; porém será difficil dizer ao agricultor que abandone a sua producção, e se nós a não aproveitarmos para despertar a actividade do Africano, outros virão aproveitá-la. Haja vista o que tem succedido com as genebras e outras bebidas alcoolicas por toda a parte e com o Champagne e opio introduzidos na China pelos philanthropos.

Eu tenho um grande defeito, procurando ser verdadeiro, sou muito franco e digo tudo quanto sinto, quando se trata do meu paiz, porque vejo que os estrangeiros nos não poupam, attribuindo-nos em theoria os males da causa africana, quande elles na pratica são os que mais abusam d'esses males em prol de seus interesses.

O systema de ataque, principalmente dos Inglezes, contra nós, em todas as nossas colonias, não nos deve illudir por mais tempo, procuram afastar-nos da concorrencia do seu commercio, pela sua imprensa, atribuindo-nos tudo que possa imaginar-se de odioso, e sós em campo, não teem duvida em se tornar intermediarios do nosso commercio e dos indigenas, seguindo os trilhos que lhes abandonarmos, os mesmos processos e até aproveitando os productos que condemnaram, porém então do seu fabrico e ainda mais nocivos.

Por vezes teem censurado ao nosso commercio os carregamentos de polvora e armas que elle espalha no interior do Continente, e a maior quantidade de polvora que por cá se vê é a ingleza, e a grande quantidade de armas de systema moderno que se encontram não entraram pelas nossas alfandegas.

As aguardentes são más, porém é certo que as pipas de alcool que tanto mal lhe estão fazendo na concorrencia, são de proveniencia estrangeira.

E para esta concorrencia que está prejudicando altamente a agricultura da provincia, eu não posso deixar de chamar a attenção da Sociedade de Geographia Commercial do Porto, pois embora seja a aguardente um artigo de commercio importante, os maiores beneficios são para o estrangeiro, porque cada pipa de alcool que o commercio obtem d'elle fá-la equivaler a tres de aguardente do agricultor, quer dizer sendo o custo d'esta 85$000 réis, aquella attinge o preço de 255$000 réis o que

dá uma grande margem de lucros e convida a mandar procurar mais alcool no estrangeiro, emquanto que o desenvolvimento da industria da aguardente affecta favoravelmente a producção de outros artigos do commercio portuguez, como são alambiques, machinas, rodas hydraulicas, etc., em valores importantes que teem ido para Malanje da casa Collares & C.ª, e ainda fazendas e artigos de commercio com que os agricultores pagam ao grande pessoal trabalhador de suas fazendas.

Emquanto houver facilidade na entrada do alcool estrangeiro, todas as vantagens de lucro da aguardente produzida na localidade revertem em favor do commercio, porque a lucta é grande na concorrencia.

Uma outra ordem de considerações influiram em mim no estabelecimento das nossas Estações, de que não trato agora para me não tornar demasiado extenso, porque o meu fim é apenas mostrar que parto d'aqui, sentindo bastante não ter a certeza que alguem virá occupar esta, e nas disposições de seguir o trilho por nós encetado. Se ninguem vier, se esta Estação tem de ser fechada e abandonada, hoje que o povo se alegra em rodeá-la e prestar-lhe serviços, tornar-se-hão infructiferos e mesmo baldados os sacrificios e trabalhos d'esta Expedição.

.....

Confiámos sempre desde a organisação da nossa Expedição, no estabelecimento das Estações, como um meio proficuo, não só aos diversos fins que se tinha em vista, como tambem para a regeneração dos povos convizinhos, sempre que ellas fossem dotadas de um pessoal á altura de comprehender a sua missão. Podiamos nós pela nossa parte estabelecê-las, e emquanto nellas nos demorassemos, iniciar por assim dizer os trabalhos, preparar o caminho para o pessoal que as devia occupar, e não podendo ir mais além, recorriamos aos poderes competentes e até aos particulares, para que não fossem inuteis os exforços empregados.

E na esperança que pelo menos o negociante C. Machado nos ouvisse, partimos, assegurando áquelles povos que em breve viria negocio para a Estação, se elles não consentissem que a casa se deteriorasse.

E não foram vãs essas esperanças.

POVOAÇÃO DE AMBANGO

MARCHA DA SEGUNDA SECÇÃO PARA A ESTAÇÃO PAIVA DE ANDRADA

O COZINHEIRO MARCOLINO E SUA MULHER

Logo que passámos o rio Luhanda, fomos fustigados por grande chuva e trovoada que não mais nos deixou até á povoação de Mulolo Quinhângua. A ultima comitiva de cargas que haviamos despachado com o interprete, cozinheiro, bagageiros e contractados que nos acompanharam, logo que a chuva começou, recolhera-se a uma povoação á entrada da savana depois do rio, sem que nós dessemos por isso.

Eram cinco horas quando chegámos e até ás sete nos estivemos enchugando a uma fogueira, que o bom de Mulolo nos havia feito preparar, junto da cubata que puzera á nossa disposição, para ali pernoitarmos.

Dera-nos elle um bom porco, que os carregadores das redes trataram de matar, preparar e dividir, ficando nós com uma parte, porém faltava-nos o melhor, o cozinheiro e todos os aprestos indispensaveis, louças, talheres, temperos, e ainda generos de rancho que ficaram atrás.

Alguem pensou que precisariamos de comer e de umas pequenas malas que sempre nos acompanhavam, e ás sete horas o cozinheiro e bagageiros appareceram-nos. Posto que tarde, pudemos-nos remediar, supprindo a falta de talheres com os dedos, contentando-nos com pratos do chefe da povoação, mas como não faltasse bolacha e vinho, que com a carne de porco passada no fogo, compoz o nosso jantar, pouco depois dormiamos sobre as tarimbas da cubata, e tão bom somno foi que só despertámos de madrugada.

Apparecendo o soba a cumprimentar-nos, demos-lhe um pouco de cognac do nosso cantil, uma peça de chita, outra de riscado e um bilhete para que o nosso interprete quando passasse, lhe entregasse duas garrafas de aguardente, com o que elle ficou muito satisfeito.

Ás sete horas e meia da manhã estavamos a caminho e só descansámos ás dez e meia, á sombra de uma arvore num descampado fronteiro ás ruinas do acampamento dos allemães, de que fallámos na nossa primeira viagem, e proximo de um riacho. Ahi almoçámos.

Como não apparecessem os homens que haviam ficado para trás, á uma hora da tarde continuámos a viagem e ás quatro chegámos á povoação do sobeta Anguângua.

Esperámos ahi um quarto de hora, e como já não apparecessem os que nos acompanharam até ao almoço e faltassem apenas 12 kilometros para chegarmos á Estação, pareceu-nos mais acertado proseguir, completando a jornada d'uma vez, e lá onde não nos faltariam recursos, mandariamos arranjar uma refeição mais reparadora e camas de campanha onde dormissemos com mais commodidade.

Mal podiamos suppor, vinte dias antes quando aqui passáramos, que encontrariamos dois riachos que os nossos homens

mais altos atravessaram com agua pelos hombros. Tivemos de sair das redes e de ser transportados aos hombros de dois carregadores.

Eram os effeitos da chuva; o que então tomaramos por um vallado, transformára-se num affluente do Luí.

Como já fizesse escuro, e menos cuidadosos por duas vezes nos molhassemos, occorreu-nos que durante o dia, a perna direita soffrêra de nevralgia rheumatismal.

Paciencia, diziamos nós, é avançar e depois trataremos da cura.

Ainda depois d'estes dois riachos, encontrámos um terceiro, e a passagem de todos elles demorou-nos a viagem, a ponto de só chegarmos ás sete horas e meia da tarde e já escuro bastante á nossa Estação.

Emquanto o cozinheiro Marcolino matava uma gallinha e nos preparava uma excellente canja com todos os temperos segundo elle disse, tratámos de esfregar as pernas com aguardente, e de vestir roupa enxuta.

Á canja addicionou-se um bom bife, bolacha, bananas e vinho. Que mais podiamos desejar?

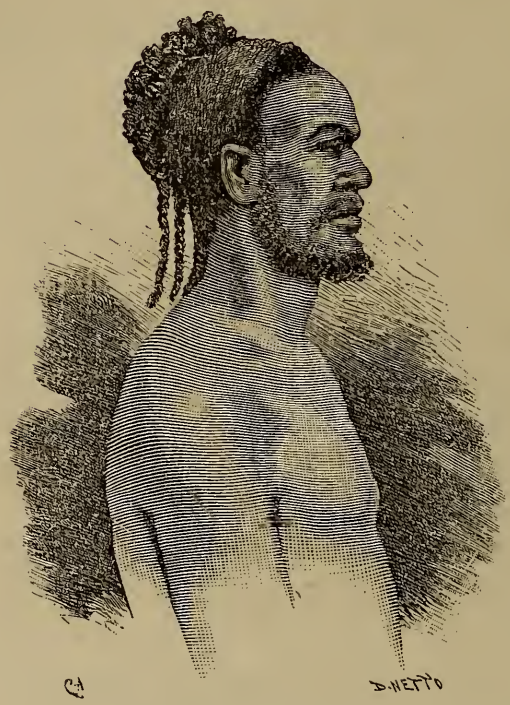
A esta interrogação que a nós mesmo faziamos, encarregára-se de responder o Marcolino, com uma fragrante chavena de café.

Lançámos no diario os nossos apontamentos de viagem, e deitámo-nos numa das camas que havia em armazem, devidamente preparada pelo empregado europeu; acordando só no outro dia, muito admirados de não termos tido uma febre valente e de não só não sentirmos dores nas pernas, como ainda de poder mover muito bem uma e outra.

Tendo de nos demorar aqui algum tempo para contractar os carregadores que nos eram indispensaveis para o Cuango e os que fosse possivel arranjar para a Lunda, e não havendo confiança no tempo nem tão pouco nos povos que vivem na margem direita do Luí, pois não estavam satisfeitos por a Estação se estabelecer neste logar, cumpria-nos aproveitar a demora, para dispormos os animos dos descontentes a nosso favor, evi-

tando que se levantassem difficuldades na nossa passagem e no emtanto providenciar, para que não faltassem mantimentos para o pessoal que nos acompanhava.

Era preciso ainda tirar proveito d'esta forçada demora, augmentando os nossos estudos do que houvesse mais aproveitavel com respeito a todos estes povos e localidades, para a sciencia, para o commercio e para a administração provincial.



MULOLO QUINHÂNGUA

Não tinhamos aqui um esteio forte, como o velho jaga Andala Quissúa, a quem todos os povos das immediações da Estação Ferreira do Amaral obedeciam, e apoiados ao qual adquirimos o prestigio necessario para a influencia que chegámos a exercer sobre todos os pequenos chefes seus subordinados.

Ambango, chefe da povoação proxima, que se fizera acreditar á nossa primeira secção, como o principal potentado e senhor das terras, entre todos estes povos, já nós conheciamos pela nossa viagem o que valia em confronto com Anguvo sito a 2 kilometros de distancia, e a pouca importancia que lhe ligavam mesmo aquelles que elle nos apresentára como seus sobetas áquem do Luí.

Além d'isto, informando-nos elle e os seus, que solicitára se construisse a nossa residencia perto da sua senzalla, por serem muito ladrões os povos da margem direita do Luí, quando se pensava em montar a Estação em Quibuta Mena, este facto não só nos fez crer que não vivia em boas relações com elles, mas ainda que os temia.

Não ha, pois nestes sitios um chefe, diziamos nós; cada pequena povoação tem o seu, vivendo em rivalidades uns com os outros quando se trata de questões entre si, mas que se ligam, tratando-se porém como estranhos, sobretudo se ha a expoliar alguns negociadores que por aqui passem.

Assim discorriamos ao alvorecer do primeiro dia nesta Estação, depois da incommoda viagem que tinhamos feito, quando um tiroteio de fuzilaria nos obrigou a indagar o que o motivára.

MULHER DE CÁHIA CASSÁXI

Tratava-se de um obito na povoação do Ambango, ao qual tambem concorriam, além de nós, os filhos de Anguvo, Matamba e outros sobetas.

Apresentava-se-nos, pois, um ensejo para principiar a proceder com a necessaria diplomacia de modo a desembaraçar-nos do melhor modo possivel do labyrintho de senhorios em que cairamos.

É da praxe, sempre que se chora um obito, contribuirem os parentes e amigos para as ceremonias, segundo as suas posses, inclusivè, quando mais não tenham, vão com a sua espingarda carregada com uma pouca de polvora e areia ao logar da ceremonia, e depois de permanecerem algum tempo junto dos que choram e de verem que se conheceu a sua presença ahi, ao levantar, descarregarem a espingarda para o lado.

Se algum negociante ou negociantes, de passagem, acamparam proximo, é certo pedir-se-lhes que contribuam para as ceremonias. O que mais se aprecia é a polvora, e por isso para

evitarmos o pedido, mandámos distribuir pelos sobas reunidos uma porção de polvora e aguardente.

Como era de esperar, veiu logo o Ambango acompanhado dos principaes, agradecer a lembrança de Muene Puto, a quem não tinham ainda vindo cumprimentar, suppondo que estivesse recolhido.

—Muene Puto é um bom amigo, lhes dissemos, mas agora é preciso vossemecês corresponderem á sua amizade. Todos teem gados e creações, e nós comprâmos. Sabem que nós chegámos hontem e temos necessidade de comer; faça pois o Ambango prevenir todos os sobas que carecemos de mantimentos.

Pouco depois, mandava Cáhia uma vacca, o Anguvo um garrote, a mulher do Cáhia veiu com as suas raparigas trazer-nos fuba e bombós; e já perto da noite participou-nos Ambango que os seus filhos tinham ido á outra banda do Luí para trazer uma vacca da sua manada, porém que esta fugíra para o mato e por isso nos pedia para a acceitarmos morta, de madrugada, porque era o unico meio de nos poder presentear já. Acceitámos de boamente, poupando assim as rezes que tinhamos no curral.

Com as nossas cargas que chegaram, vieram tambem carregadores de Andala Quissúa, e aproveitando a presença d'estes e dos filhos de Anguvo, obtivemos algumas informações que nos illucidaram sobre o labyrintho a que já nos referimos.

O monte Ambango divide as terras de Cassanje, de Andala Quissúa e as do sitio em que estamos, conhecido por Camávu e a que alguns chamam do Ambango. As terras do Ambango, começam no Mulolo Quinhângua, onde pernoitámos, que dizem ser filho de Calandula, e que para ali veiu, sujeitando-se a Andala Quissúa, e o seu senhorio estende-se pela margem esquerda do Luí até ao sitio do Anguvo.

As terras d'este, estendem-se até Mona Mussengue, no Cuango, conhecidas por terras dos Holos, emquanto estas, as do Ambango, são conhecidas pelas dos Bombos ou Cobos.

A leste da nossa Estação, na margem direita do Luí, são as terras de Cambolo Cambamba que já pertence aos Iongos,

e limitam com terras de Cassanje, pelo sueste; seguem até ás alturas de Mussangano, onde passámos em viagem para o Cuango, confinando ellas com os Cobos entre Luí e Cuango e vão unir-se com as dos Harís que começam na altura de 12 kilometros pouco mais ou menos a sul do porto de Mulumbo, onde embarcámos no Cuango, e continuando com este rio, vão terminar ao sul nos limites de Muene Puto Cassongo e para o interior a oeste com os Iacas.

Em Mussangano reside o sobeta Matamba, e tanto este como o seu vizinho Anguvo, no caminho pouco antes do Cuango, e outros para oeste, dizem-se subditos de Muene Canje, que é Holo. Os rapazes de Andala Quissúa, dizem serem estas terras de Camávu, de que Ambango se diz senhor, pertencentes todas ao jagado de seu pae, porque os limites pelo oeste e norte são o Luí até aos Holos; que o Ambango é sobrinho de um Cahunda, que fugíra das suas terras, e com o consentimento do jaga Quissúa se estabeleceu mais a oeste d'este logar, encostado á serra.

Morrendo aquelle e grande parte da população, viera então Ambango com os que escaparam formar esta nova senzalla, como herdeiro de tio e não pagára ainda tributos ao jaga. Encarregados elles de lhe fallarem nisso, desculpára-se por ser ainda um soba novo, mas logo que tivesse um bom presente disse que iria cumprimentar o jaga, como era do seu dever, mesmo porque o Anguvo seu vizinho, se queria apresentar como mais considerado do que elle, quando era certo que elle Ambango representava seu tio, a quem Andala Quissúa dera estas terras e que o Anguvo aqui veiu collocar-se depois, sem consentimento do jaga.

Como o monte Ambango é considerado limite de senhorios, com o omnimetro tratámos de o demarcar e conhecer a sua maior altura em relação á altitude d'esta Estação.

Procurámos uma base extensa e o mais desaffrontada possivel, tendo já para confronto a nossa Estação Ferreira do Amaral, a estima do itinerario d'aquella para esta e as coordenadas d'esta.

Pelo systema de irradiações que adoptámos, resolução de triangulos e trabalhos graphicos, ficou o monte Ambango demarcado de maneira que contraprovando por elle as coordenadas d'esta Estação temos as seguintes differenças: Na longitude menos 3″ e na latitude mais 6″, do que as obtidas pelas observações astronomicas que foram, latitude S. do Equador 8° 37′ 48″, longitude E. de Greenwich 17° 6′ 36″.

SOBETA MATAMBA

A altitude da Estação é de 701 metros acima do nivel do mar.

Para o ponto mais elevado do monte Ambango deu-nos o omnimetro mais 151 metros, isto é 852 metros, mais 20 metros que a altitude em que ficou a Estação Ferreira do Amaral.

É na verdade o omnimetro, um bom instrumento, pois por uma simples semelhança de triangulos rectangulos nos dá as distancias e alturas que desejâmos conhecer sem ser necessario medi-las, mas é de grande incommodo o seu transporte e por emquanto, como instrumento de viagem para o interior do Continente, não seremos nós a aconselhar a sua adopção.

Ao nosso reclame, iam apparecendo os sobas com gado e mantimentos, segundo suas posses, para presentes ou para venda, e tendo nós de lhe corresponder, entendemos que visitando-os nas suas residencias lhes seria mais agradavel, interessando-nos em conhecer as suas povoações e o seu modo de vida e habilitando-nos a poder figurá-las devidamente nos nossos mappas e estudos.

Assim quando os nossos afazeres nos permittiam algumas folgas, aproveitámo-las, fazendo as nossas excursões e visitas.

Tanto as povoações do Anguvo como do Cáhia, são de muito maior importancia que a do Ambango, e acham-se situadas em logares muito mais apraziveis. As habitações foram construidas com o pensamento de permanencia e por isso se conhece serem mais solidas e bem acabadas que as d'este, que parecem ser provisorias, mais um d'esses acampamentos de viagem que pelo transito temos encontrado, do que uma senzalla.

SOBA CAPUTO

As habitações são separadas uma das outras por canteiros cultivados com aquillo que o morador entende mais essencial ter ao pé de si. Em alguns vimos limoeiros, mamoeiros, bananeiras e tambem nos do Anguvo, figuram o pau de sabão e o Ocá, que conhecemos na ilha de S. Thomé; o tabaco, as pimentinhas, cebolas, tomates e outras plantas rasteiras como jinguba, vimo-las representadas numa e noutra povoação.

As lavras estendem-se além das povoações até ás margens do Luí.

Estas povoações denotam uma certa antiguidade e vê-se que preside nellas uma certa ordem no córte das grandes arvores, cuja lenha se aproveita para os brazeiros durante a noite e para cozinhar.

Pelo lado social, não escapa ao observador o respeito pelo potentado e o modo lhano como este trata o seu povo. Não se nota que entre elles haja distincções de classes, a não ser a

de povo e chefe, pelo respeito com que este é ouvido e o ceremonial de que o rodeiam quando se trata de negocios de administração.

Fora d'isto, e como as povoações são pequenas, parece que todos constituem uma unica familia.

O soba, quando esmaga tabaco para fumar, distribue pelos que o rodeiam o que lhe veiu á mão, até ficar só com a parte que lhe basta e que lança no seu cachimbo. Succede algumas vezes deixar de ser contemplada uma pessoa em quem não reparára e conhecendo a falta, se tem ainda algum na bolsa, lá tira um pequeno pedacito ou manda pedir que lh'o tragam da cubata para o dar. O mesmo succede com qualquer comida ou bebida que lhe tragam deante de circumstantes.

Reservar qualquer d'estas cousas que receba, só para seu uso, quando sejam vistas por alguem, não é costume entre estes povos, principalmente dos mais idosos para os mais novos, e embora tudo desappareça num momento, reparte-se até onde possa chegar.

Interrogando Anguvo, se era filho d'estas terras, disse-nos que viera de Mona Congolo, margem do Quicapa, porque não quizera sujeitar-se ás imposições do Muatiânvua nem de Andumbo de Têmbue, e passando o Cuango aqui se estabelecêra em boa harmonia com o seu vizinho Muene Canje.

O Cáhia, a quem fizemos a mesma pergunta disse-nos que sua mãe era do Holo e o pae do Iongo; que este trabalhára muito no negocio do sal e conseguíra estabelecer a sua povoação na margem direita do Luí. Morrendo o pae, elle herdára o estado e viera para ali com o seu povo, mas já encontrára lá o tio do Ambango, senhor de Camávu, e por isso este, tendo herdado de seu tio, queria ser mais do que elle, mas não tinha posses nem povo para isso.

Tanto numa como noutra povoação havia muitas creanças, mas notei que são enfermiças e debeis. Informaram-nos tambem ser aqui grande o contingente da mortalidade nas creanças, e a julgar pelas mães que são umas perfeitas mumias, as populações não tendem a desenvolver-se e certamente a causa

aqui é agravada como já notámos em Cafúxi pelas influencias dos pantanos, pois pode dizer-se ser tudo isto o mesmo d'aqui até ao Cuango.

As manadas que vimos não estão em proporção com a grandeza das povoações, e parece que os sobas e sobetas, sendo na maioria antigos nas terras, deviam pelos seus cuidados contribuir para que ellas estivessem mais desenvolvidas.

Achando-se disseminadas estas povoações a grande distancia umas das outras na vasta região como é a da Cafúxi, que atravessámos até ao Cuango, e sendo pouco populosas, occorreu-nos, se de facto o nefasto trafico, que por muitos annos se sustentou na provincia de Angola, e tambem a miseria em que estes povos depois teem vivido, teriam concorrido de algum modo para a depauperação em que as vemos, parecendo todas populações que aqui se estabeleceram ha pouco tempo e que estão luctando sem vantagem contra as influencias morbidas da localidade.

Muito satisfeitos com a nossa visita, retirámo-nos, assegurando-nos tanto Anguvo como Cáhia e os seus, á despedida, que podiamos contar com carregadores para levarem as nossas cargas para o Cuango e tambem para a Lunda.

Ainda fizemos outras visitas aos sobas Caputo, Anguângua e Canzella, e mantivemos relações com Quijica, Quibando, Cusso-uá-Meínha, Matamba, Méssu-uá-Catala, e não as quizemos entabolar com Canguia e Catuta, que nos procuraram, para fazermos sentir a todos que elles se haviam portado mal comnosco; o primeiro, querendo prender umas cabras que nos pertenciam, para lhes pagarmos resgate, e o outro, por nos apresentar seis ovos, exigindo-nos que lhe dessemos uma vestimenta igual ás que tinham recebido outros sobas que nos obsequiavam de vez em quando com uma cabeça de gado.

Depois de melhor informados escreviamos no nosso diario:

«Pelo que temos observado até ao Cuango, todas estas terras e povoações, como as encontrâmos, nada valem; é possivel, passados alguns annos, trabalhando-se constantemente, que se pudesse fazer alguma cousa em beneficio d'ellas e obter

resultados satisfactorios, mas para isto seriam precisos exforços combinados do governo e de iniciativa particular. Ha muito a desbravar, e muito a modificar o que é bem peor, e isto só se consegue sustentando missões de educação e de trabalho, ao mesmo tempo que troços de vias ferreas cortem este territorio.

Os povos estão na primitiva e parece que o unico progresso entre elles, consiste nas plantações de mandioca, de milho e de tabaco e na creação de gados; mas antes da mandioca qual seria a base da sua alimentação?

Não ha uma pequena cousa, por mais insignificante, que nos indique antiguidade neste povo. Serão todos elles extranhos á região?

As terras estão virgens na sua maior parte, e as aguas correm naturalmente ou estagnam quando por seu pé não podem achar escoamento.

Se as arvores não se apresentam de secular aspecto, não é pelo desbaste que tenham soffrido, e sim pelas queimadas que se fazem ao capim no tempo sêcco, que as ataca e não as deixa medrar, com o duplo fim de terem caminhos e caça, rareando esta já por aqui, tal tem sido a sua perseguição.

As povoações mudam-se com muita facilidade, até sob o pretexto da morte do seu chefe, e com ellas vão os nomes que tinham. E d'aqui provém as divergencias que se notam nas informações que prestam os exploradores, ás vezes sobre a mesma localidade e seus habitantes diversos, acrescendo variarem ainda essas informações com o tempo, pelos individuos que lh'as prestam, e ainda com os interpretes que interrogam.

O gentio nada ignora, responde a tudo de prompto, e se estiver só, é arriscado, muitas vezes, acceitar a informação que nos presta. Succede mesmo, entre um grupo que se interroga, irem recordando uns aos outros um certo numero de circumstancias, até que se chega a um convenio sobre a resposta que deve correr por verdadeira, e todavia muitas vezes, é esta forjada entre elles ali mesmo, sem razão ou fundamento seguro.

Toda a cautela é pouca, e por isso mesmo, temos sido em demasia meticulosos em acceitar como verdadeiras certas informações, e os nossos questionarios repetem-se a diversos. É pelo cotejo depois das respostas que chegâmos a obter algumas conclusões que nos parecem mais verosimeis e de que pudemos obter contraprova.

Assim por exemplo, aqui, todos estão de accordo, que as povoações desapparecem num ponto para irem estabelecer-se noutro, mas vindo de N. e E. a internar-se na nossa provincia, e que se ligam os homens de umas com mulheres de outras povoações não havendo vestigios do passado porque tudo desapparece por effeito das queimadas depois de as abandonarem.

FILHA DO SOBA ANGUVO

Procuram-se sempre as aguas e nas regiões em que as não ha, nunca houve povoações.

O gado veiu para aqui de N.-O. e d'aqui é que ultimamente se fornecem os Bângalas e conserva-se pelas mesmas razões que nos deram na Estação Ferreira do Amaral, mas vende-se entre estes povos mais do que entre os de Andala Quissúa, por ser aqui mais procurado e não terem outro recurso para satisfação das necessidades que conhecem.

Por se acharem mais distantes da civilisação é certamente entre estes povos mais pronunciado o desejo de ver e de saber, do que entre os que deixámos, pelo menos pelo que diz respeito aos brancos. E as mulheres, porque gosam aqui de mais liberdade, não nos deixam; passam horas e horas em frente das nossas portas e janellas, e a maior satisfação que lhes podemos dar é prestar-lhes attenção, convidá-las a entrar, deixá-las analysar os objectos que vêem, mostrar-lhes o prestimo que tem, e dar-lhe todas as explicações que desejam.

As de melhor comprehensão, satisfeita a sua curiosidade, se lograram entrar na Estação e approximar-se do branco, dão provas da sua vaidade ás companheiras, ministrando-lhes logo esclarecimentos, mesmo do logar em que estão sobre os objectos que chamaram mais a sua attenção e de que tomaram conhecimento.»

O que registámos e que era resultado de observações de alguns dias, convidava-nos a indagações para fixarmos as nossas ideas sobre estes povos, e darmos aos nossos estudos uma orientação mais consentanea ao fim que tinhamos em vista — conhecer qual a disposição d'estes povos a nosso respeito e como aproveitá-la no engrandecimento dos nossos dominios, sem que fosse necessario recorrer a meios que redundassem em sacrificios que mais complicassem a sua administração.

Para o estudo das explorações commerciaes que tanto nos foi recommendado, íamos nós reunindo elementos que muito nos desanimavam, ao mesmo tempo que nos esclareciam sobre as circumstancias mais economicas em que se poderiam fazer quaesquer explorações no centro do Continente e sobre o unico meio de attrahir com vantagem o pouco commercio que existe além do Cuango na região equatorial do sul para a nossa provincia de Angola.

Depois de estabelecidas as nossas Estações, fizeramos as seguintes viagens rapidas em rede: Do Cuango á Estação Paiva de Andrada 9 horas e meia (um dia); d'esta á Estação Ferreira do Amaral 12 horas e meia (um dia); d'ahi para a 24 de Julho 9 horas e meia (um dia); d'esta para Catala 4 horas (um dia e descanço); de Catala pelo Anjínji a Malanje 11 horas e meia (um dia). Total em cinco dias, quarenta e sete horas uteis, 240 kilometros. Se a viagem for directamente de Malanje ao Cuango acompanhando cargas, então o minimo tempo que se gastará, suppondo não haver casos extraordinarios, como doenças, paredes, conluios, etc., será: Quatro dias á primeira Estação e um de descanço; tres dias á segunda e um de descanço; quatro dias á terceira e um de descanço, e tres dias ao Cuango. Total: dezesete dias.

A Expedição allemã gastou vinte e dois dias porque todos os dias foi levantando acampamentos. Saturnino Machado gastou muito mais tempo por causa de doenças e varios pretextos para demoras arranjados pelos carregadores.

Podemos, pois, contar vinte dias, como o minimo tempo de viagem para cargas.

É sabido que o carregador não transporta mais que duas arrobas e custa esta viagem cinco peças de fazenda de lei, sendo uma para ração, o que equivale a 4$000 réis.

Se este transporte fosse feito em uma via ferrea, reduzir-se-ia a viagem o muito a nove horas, e se a despeza descesse na proporção, não excederia a 200 réis, mas 500 réis que fosse, teriamos grande lucro, e além de muitas outras vantagens, segurança, commodidade, resguardo ao tempo, muitissimos lucros de beneficio, mesmo sobre a importancia, pois não se calcula na Europa quantos artigos se deitam fora, por inutilisados completamente, não só pelo modo por que se transportam, como pelos effeitos das intemperies, que por mais cuidados que haja se não evitam.

Nós, no calculo que apresentâmos, acceitâmos que uma peça de lei é a ração de um carregador até ao Cuango, o que nunca se tem dado. É uma illusão mais, com que um negociante ou explorador parte de Malanje para o interior, bem como para o carregador que contractou para seu serviço e de que poucos dias depois soffre as consequencias porque este, se não pode resarcir os prejuizos que logo attribue a logro, por meios licitos, procura mil pretextos, faz gréves, e por ultimo, os recursos toma-os elle pelas suas mãos, esburacando, descozendo ou despregando as cargas, e procurando sempre encobrir a abertura do seu thesouro vae illudindo o patrão, que só tarde reconhece os prejuizos que teve quando encontra roubada a primeira carga, que quasi sempre por circumstancias que se não podem evitar, já tem corrido por mão de diversos carregadores.

Já se vê que o interesse de todos que dirigem uma caravana de cargas de commercio, é fazer transportar estas com a maxima economia possivel; e é certo tambem que o preto, quando

se contracta para o serviço de transportes não faz calculos, pede uma porção de fazenda ou outros artigos que lhe convem na occasião e não olha ao futuro, nem pensa no que ha de comer no dia de ámanhã.

Para elle pouco importa ao receber um pagamento, que se lhe diga: tanto é de ordenado ou de jorna, tanto é para comer; pediu o que lhe lembrou, deram-lh'o, e isso era o que queria na occasião.

É costume entre elles levarem o que receberam para as suas povoações, distribuindo-o como entendem, e naturalmente as pessoas de familia, geralmente das contempladas com as suas dadivas, arranjam-lhe alguns mantimentos na vespera da partida, que lá vão amarrando ás suas cargas, e estes duram o muito, quatro dias.

E é só quando estes deixam de existir que se reunem aos grupos por fogos e se decidem a pedir a *raçã*. E se não ha a necessaria prudencia da parte do director da caravana, começam os conflictos, pode dizer-se ainda, ás portas de Malanje.

De facto, quem sabe que uma peça de lei são oito jardas de algodão ou de riscado ordinario, e que com uma jarda se não pode em parte alguma comprar mantimentos para dois dias, não pode estranhar que oito não cheguem para vinte dias de viagem.

Conseguimos estabelecer duas jardas para tres dias, o que equivalia até certa altura da viagem a 65 réis por dia.

Nos primeiros seis dias da nossa residencia nesta Estação tivemos de sustentar sessenta pessoas, e nestes apenas démos para rações uma vacca e dois garrotes que recebemos de presentes (o que é mais caro), e nos importou em valor correspondente a 19$800 réis. Se tivessemos pago as rações em artigos de commercio, a importancia despendida seria de 23$400 réis, isto é, mais 3$600 réis, e a alimentação seria muito inferior.

Esta differença é importantissima, principalmente quando se trata de uma exploração commercial, isto é, de andar no centro de Africa, procurando mercados para transaccionar factu-

ras, o que é muito differente de se dirigir a caravana a um mercado de antemão determinado.

Ha necessidade de estabelecer Estações ou acampamentos provisorios, que entre os povos africanos se não pode dizer por quanto tempo servirão, e portanto quanto haverá a despender com o sustento do pessoal.

Já pois nesta Estação, nos preoccupava muito a questão das explorações commerciaes, e no nosso diario do dia 1 de dezembro escrevemos:

«Quanto não custará uma exploração commercial, quando se pretende obter o resultado que é de esperar com relação ao capital que se arrisca e aos sacrificios que se fazem?

Cada vez mais nos convencemos que para commercio será muito melhor que o gentio ou o Bângala, venha á nossa provincia como seu agente, trazer artigos á permutação; porém hoje este alvitre que seria talvez o melhor e diremos o unico que se devia seguir, já com difficuldade se poderá adoptar completamente, não só por causa das expedições estrangeiras que deixam por onde passam fazendas e outros objectos de procura, mas ainda por causa dos Ambaquistas, que de pacotilha em pacotilha tambem lá os vão deixando. Entretendo portanto as poucas necessidades do gentio por algum tempo, obstam d'este modo que elles continuem a encaminhar-se para a provincia, como antes das guerras de Cassanje, e assim se explicam os queixumes dos negociantes do Dondo, Pungo Andongo, e Malanje, sobre o pouco commercio que actualmente se faz.

Uns trinta carregadores que chegaram hontem, regressando do serviço de Saturnino Machado, que por aqui passou ha um anno, mais nos impressionam com as suas informações.

Saturnino Machado está em Cabau. Tem feito algum negocio, de vinte a trinta pontas dizem, sejam trinta e todas de lei, a que damos o valor de 90$000 réis; tem porém ainda muita demora porque a contaria, armas e polvora não tem tido a saida que era de esperar. O que se procura são escravos

O seu socio Carvalho seguiu com uma grande parte da comitiva para o Cassai. Ainda não obteve noticias sobre o ne-

gocio que elle tem feito, mas consta que todos os carregadores estão descontentes por causa da demora e das fomes por que teem passado.

Suppondo que Carvalho tenha obtido o mesmo resultado, que é duvidoso e realisando as transacções a preço favoravel, teriamos 5:400$000 réis, e que o interesse sobre as mercadorias era de 50 por cento, lucrava-se 2:700$000 réis.

Abatendo d'esta importancia a manutenção do pessoal durante um anno, que era enorme, e os prejuizos de que já houve conhecimento, onde estão os lucros da empreza no primeiro anno?

Assustam-nos os resultados de taes commetimentos e vamo-nos dar ao trabalho, com os elementos que temos e mais informações que procuraremos obter, de fazer os nossos calculos para esclarecer na primeira opportunidade o governo e a Sociedade de Geographia Commercial da Porto, sobre o que ha a esperar por esta região, de explorações commerciaes, e terminâmos por hoje as nossas considerações a tal respeito dizendo: Razão, tinha o sertanejo Narciso Antonio Paschoal em duvidar dos lucros da empreza de Saturnino Machado. Elle aguardando que os Bângalas venham procurá-lo a sua casa, ha de interessar muito mais, sem risco e vivendo com todas as commodidades.»

A Expedição allemã dirigida pelo tenente Wissmann, que tinha a pratica adquirida na sua primeira travessia, tanto conhecia a importancia do sustento do pessoal, que fez grande fornecimento de gado e creações, tendo a sua viagem por objectivo attingir o mais rapidamente possivel o Muquengue, no Lubuco.

Isto comprehende-se, porquanto um homem cuida perfeitamente de vinte cabeças de gado e este sendo regular, está calculado que uma cabeça dá cento e oitenta rações boas e portanto as vinte, tres mil e seiscentas rações; emquanto um carregador apenas transporta em media, uma carga de fazendas no valor de 65$000 réis, que se pode dizer equivalem a mil rações e que aquellas poderão importar em media em 6$000 réis por cabeça, ou 120$000 réis valor de duas cargas, porém

se estas forem polvora, armas ou buzio, o seu valor diminue de 40$000 a 18$000 réis. Ao que acresce ainda o lucro do pagamento e sustento de um carregador e do individuo que chamâmos para o acompanhar, que numa exploração em que ha valores a guardar tem muita importancia.

Se estivessemos de posse d'estes esclarecimentos quando saimos de Malanje, em todas as Estações nos teriamos abastecido de gado em abundancia, não só pelo lado da economia com respeito a carregadores, mas ainda como mais tarde reconhecemos, por ser este um grande ramo de negocio no interior. Ao Caungula do Lôvua, por exemplo, algumas comitivas levam por raridade uma ou outra cabeça, e só depois na terra do seu parente áquem do Luêmbe vimos tres cabeças.»

Entravamos no mez de dezembro e as chuvas começavam a apertar e a incommodar-nos, não só porque de noute, depois de collocarmos em resguardo os nossos livros e papeis, tinhamos de andar a procurar sitio para a nossa cama acabando por abrirmos o chapeu de chuva para resguardar a cabeça, mas tambem porque nos lembravamos que os terrenos iam-se encharcando, os rios enchendo, e d'ahi maiores difficuldades para a nossa jornada e se bem que os carregadores estivessem promettidos, só a pouco e pouco vinham comparecendo para se contractarem.

Apesar d'estas contrariedades, cada um de nós trabalhava no que lhe era especial, e com tanta mais vontade quantas eram as contrariedades que nos appareciam, porque no trabalho encontravamos a distracção que nos era precisa, para não nos deixarmos dominar pela influencia do tempo e pela nostalgia que principiava a manifestar-se.

Á falta de photographia recorremos ao desenho, para podermos figurar os typos da margem do Luí, que pelos penteados e ornamentos de que usam differem já da gente que até aqui conheciamos, e para bem os comprehendermos perseveravamos no estudo dos seus dialectos e costumes.

Não nos podemos convencer já de ha muito tempo, que na raça preta, mesmo entre os povos conhecidos como gentios, se

não encontram as mesmas percepções que entre nós, as mesmas sensações de jubilo ou dor. E estamos persuadidos de que elles comprehendem como nós as impressões que os sentidos acceitam ou repellem, como nós demonstram as inclinações ou affectos e denunciam esse sentimento sublime que os move a amar alguem e essa paixão d'alma que um e outro sexo mutuamente se inspiram.

Os rapazes antes de se ligarem com uma rapariga requestam-na primeiro, procuram occasião de lhe fallar e de se encontrarem com ella, já nos caminhos para as lavras e rios, já nas danças, e pedem-na aos paes ou parentes mais velhos.

Ha entre elles, pode dizer-se, um contracto de casamento a seu modo. Um contracto em que se estipulam as condições de bem viver e além d'isso em que é indispensavel o consentimento de quem serve de pae á noiva, sendo elle e ella devidamente presenteados.

Os casos de prevaricação estão previstos e são condemnados [1].

Mesmo com as creanças, que nunca souberam o que era um beijo e arrebatados ás suas mães não mais lhes lembra os carinhos e affagos, quando os tiveram; se as rodeâmos como ás nossas d'essas bellezas da nossa educação, não mais nos deixam, perseguem-nos para as acalentarmos, para corresponder-mos ás suas meiguices, emfim para lhes satisfazer a necessidade de amor que na alma se lhes desperta.

As que nos acompanharam são exemplos que não podemos deixar de citar; e que não temos razão para nos arrependermos por emquanto dos cuidados que nos mereceram, di-lo-hão os factos que no decorrer d'este nosso trabalho iremos apresentando.

As mulheres tambem aqui, procuram fazer-se valer, aformoseando-se a seu modo, já lustrando a pelle do corpo e os ca-

---

[1] No volume sobre Ethnographia, mais desenvolvidamente se trata d'este e de outros assumptos na parte relativa aos usos e costumes d'estes povos.

bellos com oleos ou outras materias gordurosas, já pintando na cara traços vermelhos, negros ou brancos e dando ao penteado formas mais ou menos complicadas. É trivial verem-se tranças de diversas larguras, e os penteados ornados com missangas, contas e metal amarello, em chapas pequenas, rectangulares e em cruzetas e canudos.

Enfeitam as orelhas e cartilagem do nariz com argolas ou quaesquer pingentes, e tambem com pausinhos delgados que passam por furos feitos de proposito.

Tambem algumas apresentam a tatuagem nos braços, hombros ou entre os peitos e sobre o ventre, representando objectos naturaes. Uma vimos, que tinha sobre os hombros imitações de arvores muito bem feitas.

Usando os peitos nús, consiste a maior elegancia em cruzalos com o maior numero de fios e variedade de missangas possivel e em ornar braços e pernas com argolas de metal ou de fios de cobre e mesmo de ferro.

Pelo que respeita a vestuario não differe este do usado entre os povos de Andala Quissúa.

Os homens tambem trajam como os d'aquelle povo, porém como as mulheres, abusam das unturas, tanto no corpo como na cabeça.

As relações que os nossos carregadores souberam manter com os povos vizinhos, fazia com que estes viessem ás suas danças, o que muito apreciaram porque entre a nossa gente havia quem tocasse harmonica e as danças eram mais variadas, e se as mulheres não vinham ao nosso acampamento para dançarem, como succedeu em outros povos, apesar da liberdade que ellas disfructam aqui, é porque os homens em geral e os potentados em particular, são muito ciosos das suas raparigas.

Por muito tempo cremos que esta gente suppoz que nós não saíamos d'aqui; acostumaram-se a ver-nos todos os dias, estavam satisfeitissimos, porque demais viam interesses na nossa permanencia, isto é, os artigos do commercio que elles desejavam saíam da Estação para seu uso em troca do gado e mantimentos que traziam para a nossa alimentação.

Convencidos emfim, de que tinhamos de partir, apellavam para o ultimo recurso, o de contractar rapazes para o transporte das nossas cargas, no que interessavam todos os homens, mulheres e creanças e muito principalmente os potentados.

Entre os que se apresentaram, contavam-se cincoenta para a Mussumba do Muatiânvua, á rasão de seis peças cada um, o que não era caro e para nós já importante, e sobre os primeiros que se pagaram d'esta forma, pronunciou-se logo o soba Anguvo contra Ambango, por este consentir que nos enganassem não podendo garantir a segurança nestes contractos.

É certo que nós levámos á conta de inveja, as asperas censuras de Anguvo a Ambango, não acreditando na sua sinceridade e na convicção com que eram feitas. Não podiamos esperar que elle tivesse razão e que mais tarde nos haviamos de arrepender de não termos querido prestar attenção áquelle quasi aviso ou conselho que não era para desprezar, taes eram os nossos desejos e anciedade de proseguirmos com rapidez na viagem.

Espalhara-se a noticia de que iamos partir, e por isso de Muene Canje, no outro lado do Luí, vieram portadores que nos foram apresentados por Anguvo e Ambango, como do Indemene Mésu, pae d'elles e senhor d'aquellas terras, que nos mandava cumprimentar.

Agradecendo a visita, respondemos que se nos avistassemos com Muene Canje saberiamos corresponder devidamente á sua amabilidade.

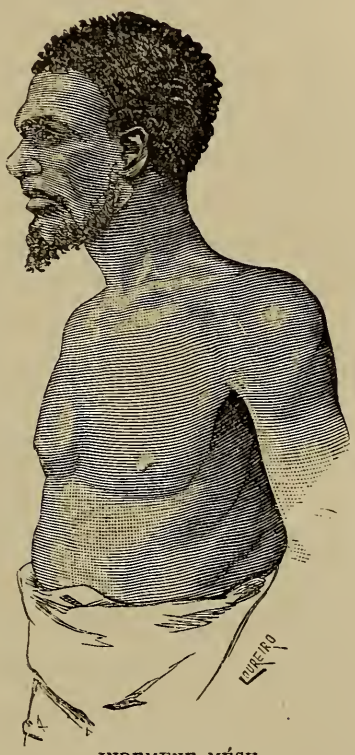
Um dos enviados fez-nos sciente, que um sobrinho d'aquelle pensára em ir ao nosso encontro quando fomos ao Cuango, e que o tio não consentíra para que nos não persuadissemos que se exigia a Muene Puto tributo de passagem ou que nos queriam escoltar.

Retorquimos, que nunca tivemos receio dos povos que nos iam esperar ao caminho, e quanto a presentes os davamos a quem queriamos ou a quem prestasse serviços a Muene Puto.

Querendo convencer-nos o enviado, bem como Ambango, que era da praxe o enviar-se um signal de estima a quem

manda visitar, respondemos que o fariamos quando entendessemos e não por intimações.

Isto deu logar a um grande discurso do mais velho, que nos obrigou a responder: que Ambango nos dissera sempre que estas terras eram suas; que todos os sobas vizinhos eram seus filhos; que Anguvo era seu egual e governava para o norte até ao Cuango, emquanto que elle governava para sul até Quilundula; que não conhecia os Cobos nem os Holos, nem Ambango me fallára nunca no seu pae Muene Canje; que todos os sobas que Ambango me apresentára como seus subordinados foram contemplados e portanto neste logar nada mais dava a pessoa alguma; que se elle Ambango tinha agora um pae, lhe mandasse metade do que lhe haviamos dado.


INDEMENE MÉSU

Com respeito a escoltar no caminho, podia fazê-lo Muene Canje ou qualquer outro soba; só lhes lembravamos que o nosso fim era de paz e de boa amizade, porém que cada uma das nossas espingardas podiam despedir doze ballas num prompto quando fosse preciso.

Que a fazenda de Muene Puto não era para se deitar fora, tinha muita applicação, sendo a principal pagar o sustento dos homens que nos transportavam.

Estava pois terminada a nossa entrevista; já sabiam o que havia a dizer a Muene Canje.

Chegára nesta occasião de Malanje a correspondencia e tambem um sertanejo, Quimbare, que ha annos residia no Xinje, margem direita do Cuango, para onde queria seguir, porém, vinha pedir-nos protecção, porque Ambango pretendia fazer-lhe agora exigencias pela sua passagem.

O melhor modo de satisfazermos aos seus desejos lhe dissemos, era encorporá-lo na nossa Expedição que estava em vespera de partida, ao que annuiu, e do que este homem, por nome João Antonio Soares Braga nos serviu, dizem-no as occorrencias, até que d'elle nos separámos.

Entre a correspondencia, appareceu-nos o *Commercio de Portugal* de 15 de julho, em que se lia um communicado datado de Loanda e assignado por Julio Palmeirim, com referencias a esta Expedição, e que pela philaucia, phraseado bombastico e apreciações extravagantes, muito nos fez rir, não nos sendo difficil reconhecer o nome do verdadeiro auctor.

Eis a nota que lançámos no nosso diario.

«É uma exposição de doutrina muito superficial baseada em informações falsas do que por cá se passa e na muita ignorancia dos homens e das cousas como são na realidade. Semelhante communicado está destinado a uma resposta, mas é preciso vagar e por isso archiva-se por emquanto.»

Tambem recebemos o *Economista* de 20 de setembro, em que vinha transcripta parte de uma communicação nossa ao Ministro do Ultramar, e antes, em artigo principal sob o titulo de *Transportes em Angola,* se teciam encomios ao Governador de Angola pela iniciativa que tomára em renovar a antiga instituição das Patrulhas; mas o que não deixava de ter graça era, que as considerações que justificavam as providencias tomadas, fossem as mesmas, até as proprias palavras da nossa communicação, que não foram transcriptas, e de que já demos conhecimento no capitulo anterior, o que nos fez persuadir seria alguma d'aquellas trocas de granel, que tantas vezes se dão na composição dos nossos jornaes diarios.

Mas, á parte a coincidencia, foi-nos muito agradavel ver que mais uma vez, o illustrado Governador de Angola, tomára na devida consideração uma proposta nossa, o que nos obrigava a agradecer especialmente a S. Ex.ª aquella distincção.

A Sociedade de Geographia Commercial de Porto agradecia-nos o interesse que tinhamos tomado pelos seus encargos, fazendo-nos sciente do que infelizmente se tinha passado com

respeito aos volumes do commercio da cidade do Porto e da correspondencia que a Sociedade mantivera com a Direcção dos negocios do ultramar e com o representante da Sociedade em Lisboa, o dr. Manuel Ferreira Ribeiro.

O Governador Geral de Angola tambem nos communicava que tendo chegado no transporte *India* os volumes do commercio, immediatamente os fizera transportar para o Dondo, e que determinára ao chefe do concelho que elles nos fossem remettidos para Malanje com a brevidade possivel.

Agora era muito tarde, sobretudo depois das minhas reflexões, que são justificadas com respeito ao custo do seu transporte de Malanje em deante e á qualidade de mercadorias que elles continham.

O negociante Custodio Machado, enviava-nos as cargas pedidas e tambem aguardente, que transportava um novo carregador que á ultima hora pudera contractar para nosso serviço, e entre outras dava-nos a agradavel noticia de ter mandado seu sobrinho estabelecer-se na nossa Estação Paiva de Andrada, e de annuir ao nosso pedido de ser agente da Sociedade de Geographia Commercial do Porto.

Officiámos a Custodio Machado, considerando-o já como agente d'aquella benemerita Sociedade, encarregando-o de promover em Malanje a venda de todas aquellas mercadorias, no que certamente tinha a lucrar o commercio do Porto, embora levasse mais tempo a transacção.

E tanto ao Ex.mo Governador, como á illustrada Sociedade determinámos justificar a resolução que tomámos.

Informando-nos Braga, que Mona Samba e outros potentados do Capenda nos apresentariam carregadores para a Mussumba; que a jornada da nossa Estação Costa e Silva para o Caianvo era de dois dias e para o Anzovo de tres; que este, de facto, era quilolo do Muatiânvua, que nos havia de prestar todo o auxilio e fornecer-nos guias para seguirmos o caminho que desejavamos, entre Caungula e Anzovo Bunguvo, pouco nos desviando da latitude em que estavamos, o que era para nós de interesse; e acrescentando que em Mona Samba não nos

faltariam mantimentos de lavras e que gente d'ahi se encarregaria de nos arranjar gado, tomámos a resolução de nos demorar na Estação Paiva de Andrada o tempo indispensavel para fazer a correspondencia para a metropole e para a provincia, e com os carregadores que tinhamos mudarmo-nos depois o mais rapidamente que fosse possivel para a Estação além do Cuango, pois que as chuvas e as trovoadas succediam-se com mais força. Acrescia a isto os perigos a que estavamos expostos, pois que só em polvora tinhamos mais de trezentos barris, se pode dizer servindo-nos de cabeceiras, e quanto maior fosse a demora, mais se prejudicava a nossa viagem.

Em virtude d'esta resolução, mandou-se dizer a todos os sobas, que fizessem apresentar os carregadores contractados, e que se houvesse quem quizesse vender gados ou quaesquer outros mantimentos, os prevenisse de que durante quatro dias estavamos dispostos a comprar tudo que apparecesse, se os preços nos conviessem.

No emtanto, continuavamos a tomar informações que nos convinham do sertanejo Braga, e aproveitavamos todos os elementos com que pudessemos justificar o que tinhamos a consignar em toda a nossa correspondencia, a qual foi do teor seguinte:

A S. Ex.ª o Ministro da Marinha e Ultramar.

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Tendo partido eu e o meu collega Sizenando Marques em 22 do mez passado com o couce da Expedição da Estação Ferreira do Amaral em Andala Quissúa, acompanhando as ultimas cargas, aqui chegámos á Estação Paiva de Andrada, margem do Luí, em 23 ás sete horas e meia da noite, onde me tenho demorado não só por causa das chuvas torrenciaes que teem caido, como pelas difficuldades de passagem de rios e ainda porque neste ponto tenho conseguido contractar directamente para a Lunda (Mussumba do Muatiânvua) cincoenta carregadores, o que sem duvida alguma é devido á influencia da referida Estação.

Os contractos de pagamento teem sido feitos á razão de seis peças (5$100 réis) e ração que se não pode calcular em menos de 80 réis por dia a cada homem, e portanto não excedendo o preço dos contractos em Malanje.

Aqui, como na anterior Estação em Andala Quissúa, tenho encontrado da parte dos povos que as cercam muito respeito e veneração pelo nosso Rei (*Muene Puto*) e todos os Portuguezes sob a influencia da entidade com este nome, são por elles bem tratados.

É certo que esta influencia se mantem á custa de presentes e dadivas que se fazem, não só aos seus potentados, mas a uns e outros dos seus familiares mais considerados e se assim não fosse todos elles mais ou menos colligados, estorvariam a marcha regular das expedições e de viandantes isolados (geralmente Ambaquistas), que procuram internar-se além do Cuango, e mesmo levantariam difficuldades que só á força de armas se poderiam vencer na occasião, sem que do seu bom exito resultassem vantagens para os futuros negociantes e para a manutenção dos nossos bons creditos, porque os caminhos desde esse momento se fechariam como actualmente se encontram os antigos por onde outr'ora se transitava com muita facilidade.

A Expedição tem encontrado, e certamente quem de futuro a imitar encontrará, reciprocidade nos presentes e dadivas, pois que muitas vezes, mesmo antes de se terem feito, já se tem recebido alguma cabeça de gado, farinha ou outros quaesquer generos, com que o rancho do pessoal se tem tornado muito menos dispendioso.

Cito a V. Ex.ª alguns exemplos. Tenho acceitado garrotes de presente a que tenho correspondido com valores de 3$500 réis, e estes teem chegado para um dia de rações ao pessoal (sessenta pessoas mantenho eu aqui) o qual com parte da carne distribuida, obtem farinha, bombós, etc., com que acompanham a carne que lhes fica. O rancho do pessoal, pago em fazendas ou por outra forma importaria, diariamente, de 4$800 a 5$400 réis. Uma vacca pela qual dei o valor de oito peças (6$400 réis) serviu para tres dias; e assim houve uma economia para a Expedição de 8$000 a 11$000 réis.

No meu diario estão citados muitos exemplos a demonstrar a verdade da minha asserção: o que se dispende com presentes e dadivas é (por emquanto assim tem sido) uma insignificancia, e bem compensado fica pelo socego, tranquillidade e boa harmonia em que se tem encontrado a Expedição com estes povos gentilicos e pelas vantagens que se obteem a favor do pessoal de carregadores.

Estas mesmas dadivas teem contribuido tambem para que os povos que nos cercam e seus visinhos, nos procurem para vender gado, creações, ovos, bananas, bombós, etc.

Pela nota das despezas nesta Estação com respeito a dadivas e compras de gado para rancho do pessoal, de 24 do ultimo a 9 do corrente, vê-se que foi ella de 45$000 réis. Se pagasse as rações á razão de 70 réis por homem diariamente, o menos que posso admittir, montariam estas naquelles 16 dias, a 67$200 réis, e portanto houve um saldo de 21$400 réis.

Estes resultados levaram-me a concluir, que embora mais fatigante para mim, é muito mais economico dar o rancho em generos (carne, sempre que a haja), do que pagar as rações em fazendas, missangas, polvora, etc.; 1.º porque sendo insignificantissimas as fracções (70 réis), de quaesquer d'esses artiges, nunca se pode pagar menos de tres a quatro dias adeantados, e essas poderiam ou não ser devidamente empregadas, e d'ahi motivos de dissidencias e desordens entre carregadores e pretextos de fome para não avançarem; 2.º porque assim lhes seria difficil fazerem acquisição de carne de vacca e mesmo de porco ou cabra e com uma parte d'estas rações é que elles vão comprando farinha, ginguba, etc.; 3.º porque sendo pagos em carne e sendo bem alimentados (como nunca o foram, nem mesmo nas suas habitações, porque ahi só raramente ella entra), não se lembram de pedir a differença do valor das rações, e cumprem-se os seus contratos, que foi de lhes dar de comer todos os dias e só artigos de commercio em pontos onde não haja carne á venda.

A occasião é opportuna de dizer a V. Ex.ª que para uma expedição ao centro da Africa é uma questão assás importante e de que se não tem pensado a serio, a do rancho para o pessoal de carregadores.

Tenho pensado maduramente neste assumpto desde que saí de Malanje, e cheguei a convencer-me que é ella que neutralisa todos os esforços de qualquer expedição cuja mira seja realisar lucros.

Se continuasse a proceder como em Malanje (fazendo o pagamento de rações a dinheiro), e na primeira Estação (em fazendas e missangas ao pessoal que ali esteve), o que teem adoptado os negociantes sertanejos e expedições Allemãs, eu não sei a que ponto montariam já as despezas d'esta Expedição, só pelo que respeita áquella verba.

Supponha V. Ex.ª duzèntos carregadores a receberem 70 réis diarios para rancho durante vinte mezes, média de tempo que se pode calcular para estas expedições (não contando com doenças, gréves, etc.); só para isso teria de despender-se 8:400$000 réis. Addicionando-lhes agora o pagamento (ordenado) de ida e regresso a 16$000 réis por cada carregador, só para a verba de transportes, não fazendo entrar em conta extraordinarios, o total da despeza montaria á importancia de 11:600$000 réis. Isto a contar de Malanje.

É claro que quanto maior for o numero de carregadores crescem na mesma proporção as despezas, por serem calculadas por homem.

Se a expedição é apenas commercial, de um só negociante que a acompanha, e que leva apenas comsigo um empregado europeu e um interprete, muito favoravelmente calculadas as despezas com estes em 45$000 réis mensaes, elevar-se-ha aquella verba de despezas de mais 900$000 réis, isto é a 12:500$000 réis.

Não leva essa expedição livros, instrumentos, medicamentos, etc., mas o negociante não pode deixar de distrahir do pessoal vinte carre-

gadores para seu serviço especial, como: bagagens, algum rancho, alguns medicamentos, cama, e ainda fazendas e outros effeitos para presentes e tributos de passagem, etc., o que por certo não é muito, mas que vae reduzir a caravana a cento e oitenta cargas para despezas e permutação.

Os valores d'essas cargas variam de 36$000 réis a 90$000 réis, mas seja de 80$000 réis a média (parece-me demasiado). As cento e oitenta cargas são equivalentes a 14:400$000 réis.

Comparando esta cifra com a das despezas de transporte, ha um saldo apenas para negocio de 1:900$000 réis! Não entro com os valores despendidos com as cargas que levam os vinte carregadores, porque as faço equivaler á sua importancia o que certamente é muito pouco.

Poderá aquelle saldo em quaesquer permutações no centro da Africa produzir sequer o capital empregado na Expedição 14:400$000 réis? Responde-se certamente que as despezas são diarias e o capital vae sendo logo empregado nas permutações com grandes lucros e estes podem dar para as despezas. Mas creia V. Ex.ª que não é tanto assim, que os generos procurados quando se encontram é já a grandes distancias do ponto de partida e por conseguinte muitas teem sido já as despezas feitas, e quando mais alguns resultados houver, certamente não compensam os sacrificios, trabalhos e perigos a que se expõe o negociante.

Ex.mo Sr. — A Europa tem sido illudida com respeito ao commercio da Africa e nós vamos na onda porque as informações que nos chegam á metropole das nossas provincias, são menos exactas. Falla-se e escreve-se sem perfeito conhecimento de causa, estabelecem-se hypotheses sobre bases falsas, deduzem-se argumentos e apresentam-se doutrinas que realmente enganam os inexperientes, e os que procuram informar-se devidamente, teem de acceitar como verdadeiras essas hypotheses e deducções; e como isto possa acarretar mais prejuizos aos negociantes que na metropole se teem interessado pelo commercio de Africa, cumpre-me, já que V. Ex.ª me honrou confiando-me a missão de que estou encarregado, ser muito verdadeiro e leal nas minhas informações.

Presentemente dois negociantes sertanejos da provincia de Angola teem-se afastado mais á aventura indo commerciar no centro de Africa, refiro-me a Silva Porto, de Benguella, e a Saturnino Machado, de Malanje. Se me recordo bem, um e outro ha mais de vinte annos que teem estado internados no Continente, um no Bié e o outro em Quibundo, esperando o dourado manancial de productos do gentio, para na velhice descansarem e d'elle gosarem, remunerando-se assim de tantos sacrificios, trabalhos e perigos a que se expozeram durante esse longo periodo da sua vida, isolados no meio do sertão.

Não chegava porém essa fortuna, e impacientes lembraram-se ultimamente de se sacrificarem mais uma vez, arriscando o producto de seus

trabalhos ou creando novos sacrificios, e prepararam-se para levarem grandes caravanas a mercados longiquos onde se lhes dizia poderiam encontrar o que desejavam.

Em 1881, se a memoria me não falha, partiu Silva Porto do Bié, dirigindo-se para o norte. Quantos sacrificios e despezas não lhe custaria desde logo, o obter que de Benguella ali chegassem cargas para trezentos carregadores! Este é o numero, segundo o interprete que o acompanhou de Mona Congolo a Cabau, e que á ultima hora se me apresentou para me acompanhar á Lunda, onde tem estado por varias vezes. Informa-me ainda este, ser a importancia d'aquella caravana 20:000$000 réis, valor que fôra permutada por trezentas pontas de marfim.

Estas não foram só encontradas em Cabau, mas em varios pontos que visitaram, gastando-se por isso em tal exploração dezoito a vinte mezes.

Num escripto de Silva Porto á Sociedade de Geographia de Lisboa, na sua nota de despezas, lembra-me ter visto uma verba approximadamente de 2:000$000 réis, consumida apenas em tributos, dadivas aos sobas, etc., o que reduz o valor da caravana a 18:000$000 réis.

Sou informado que Silva Porto pagava ao seu pessoal as rações em missangas á razão de um macête (240 réis) para quatro dias, portanto acceito (o que é para duvidar) que pagou rações á razão de 60 réis diarios. Sendo assim, despendeu diariamente 18$000 réis e por conseguinte em dezoito mezes 9:720$000 réis.

Calculando que obteve aquelles carregadores para ida e volta por 12$000 réis cada um (o que não é crivel), 3:600$000 réis serão os seus vencimentos. Suppondo que com o empregado europeu e os interpretes que levou despendeu em todo o tempo ordenados e rações, 680$000 réis (para arredondar contas) já temos 14:000$000 a abater ao valor empregado, 18:000$000 réis; restam portanto 4:000$000 réis. D'estes ha ainda a abater as importancias de mesa de Silva Porto, o seu transporte, commodidades, armamento, medicamentos, que se pode reputar em réis 2:000$000, ficando portanto para permutação apenas 2:000$000 réis! Mas estes, segundo o informador, deram trezentas pontas de marfim! Ora, calculando estas em média, valor liquido na metropole a 90$000 réis cada uma (o que é muito), produziu a permutação 25:000$000 réis, abatendo réis 2:000$000 de entrada. Ha portanto um lucro de 5:000$000 réis!

Na metropole, este capital empregado apenas em inscripções, produziria sem trabalho nem perigos nos dezoito mezes 1:800$000 réis, a differença de lucros é de 3:200$000 réis, não chega a 200$000 réis por mez.

Pergunto, se na metropole se tentar uma exploração d'esta ordem aos mesmos pontos onde foi Silva Porto, pois que do Bié até entre os parallelos 5 e 6 (sul do Equador) não encontrou marfim, achará essa empreza um empregado de confiança e á altura de dirigir e administrar

uma tal exploração por 200$000 réis por mez, menos dos lucros obtidos? E quando assim seja, a despeza d'esse e outros empregados em viagens de Lisboa a Loanda e d'ahi ao ponto em que se organise a expedição d'onde ha de saír?

Devo agora notar a V. Ex.ª, que custa a crer que em effeitos de commercio, fazendas, louças, taxas, missangas, busios, polvora, quinquilherias, etc., os valores equivalentes a 20:000$000 réis, possam ser transportados só por trezentos carregadores ou antes menos, porque sempre ha a abater os do serviço pessoal do negociante e ainda os destinados ao especial da caravana, embora nestes 20:000$000 réis se comprehendam já os fretes, direitos, etc., do ponto de partida para o interior.

Saturnino Machado, que ha um anno partiu de Malanje para Cabau, levou para o transporte dos mesmos valores oitocentos homens. Já vê pois V. Ex.ª, que as informações acima não são muito exactas.

Até ao Cuango já V. Ex.ª conhece os contratempos de Saturnino Machado, não só com relação a despezas extraordinarias, como á sua longa viagem de Malanje ali, sessenta dias! Quando o muito devia ser vinte.

Estão aqui passando de regresso, parte dos seus carregadores e elles informam-me ter Machado acabado o negocio de fazendas e estar agora negociando as armas e a polvora. Não dizem o numero de pontas de marfim alcançadas, mas dizem ser pouco e tambem nada informam sobre o seu companheiro Antonio Lopes de Carvalho, que se separára, a bem da sociedade, a procurar melhor mercado a N.-E.

Ao favor de Custodio Machado, recebido em 10 d'este mez, devo o saber que os carregadores haviam abandonado Saturnino nos Bacongos, junto ao Alto-Zaire, e que no ponto em que elle se encontrava, havia muita borracha. Julga Custodio Machado que Saturnino resolverá para evitar maiores despezas, descer o Zaire em pirogas.

Quando este regressar, espero que Custodio Machado, me obsequiará informando-me sobre os resultados da Expedição; mas já se pode asseverar que ella custou muitos sacrificios e trabalhos e que esses resultados talvez os não compensem, nem por certo animarão futuras explorações commerciaes. Oxalá eu me engane, pois são cordiaes os votos que faço pelas prosperidades dos infatigaveis, prestantes e patrioticos irmãos Machados, de Malanje, dignos por tantos titulos de terem dias tranquillos e cheios de felicidades.

O modo por que as mercadorias chegam actualmente oneradas, ao ponto onde se hão de organisar as expedições; o pagamento que presentemente pede um carregador para transportar a carga; o pequeno peso d'esta; a baixa dos preços nos mercados europeus dos trez unicos generos que a Africa offerece á permutação: cera, borracha e marfim (refiro-me ao seio do continente); a escassez que d'esses mesmos se vae notando do parallelo 7.º para sul (distancia a que ainda se poderão en-

contrar por emquanto); a competencia que n'essa procura nos estão fazendo os estrangeiros nos portos ao norte até ao Zaire cá do occidente, e os Arabes em Nyangoé e os estrangeiros no Tanganica e Nyassa, são finalmente, Ex.mo Sr., rasões assás fortes para prejudicar a empreza ou emprezas, individuos ou associações que tentarem expedições commerciaes ao centro do continente africano.

Não é preciso ser especialista em assumptos commerciaes para se conhecer esta verdade; a simples observação durante algum tempo nestas paragens com o intento de bem informar a quem compete, é o bastante.

Os centros dos concelhos a leste de Loanda e essa mesma cidade, que digam nestes ultimos tempos quaes os generos que ahi chegam do centro de Africa, a não ser o que lá levam os Bângalas, que são os proprietarios das suas cargas!

O Bângala é puramente commerciante e percorre leguas e leguas com a sua carga em busca de quem mais fazendas lhe dê por ella.

Aproveitar pois estas disposições, não levantar conflictos com elles, procurando fazer-lhes concorrencia além do Cuango, e o estabelecimento de agencias commerciaes em todos esses caminhos de Malanje até este rio, pelo menos nos que já hoje garantem segurança e boas disposições dos povos limitrophes para comnosco, creio ser o mais acertado. Elles cá virão trazer-nos á provincia o pouco que já se encontra no centro de Africa, de bons generos para permutação, sem que haja necessidade de mais sacrificios, despezas e mesmo victimas.

Para o futuro viver da provincia de Angola e seu desenvolvimento, nada se pode esperar já d'esses productos afamados e em que se fazia consistir a riqueza do commercio africano.

Outr'ora, essas explorações fizeram-se entre nós e talvez uma ou outra com vantagens, porque os carregadores eram escravos do dono da caravana que as acompanhava.

O que entre nós foi de ha muito banido, creia V. Ex.ª que tem sido e ainda é, aproveitado pelos estrangeiros que por cá andam e no que não deixam de nos prejudicar mesmo durante a nossa missão, porque os potentados estranham, não só que lhes não compremos os escravos que nos apresentam, mas que não acceitemos os que nos enviam de presente; já posso fallar assim e ainda estou áquem do Cuango.

Apresso-me a dar estas informações a V. Ex.ª, para que no paiz não haja precipitação em se organisar uma exploração commercial ao centro de Africa, que emquanto a mim terá resultados funestos, se não for attendida a opinião d'esta Expedição, que espero será um dia publicada, juntamente com a relação de todos os seus trabalhos.

Felicito-me hoje, porque os volumes de mercadorias (perto de duzentos) de alguns negociantes do Porto, houvessem chegado a Lisboa depois da minha partida para Loanda. A Providencia estava então por

mim; se me houvessem acompanhado, emquanto não estaria já o seu transporte! E onde e como permutá-las? É a pergunta que faço a mim mesmo muitas vezes.

Pode o Governo querer continuar a provar á Europa, que tambem Portugal com grandes vantagens para estes povos, manda para cá as suas Expedições civilisadoras; que nos é facultada a passagem entre elles, só pela influencia do poder de Muene Puto, que elles veneram e respeitam e sem necessidade de disparar um tiro para abrir caminhos; que como as demais nações, nos interessâmos e sabemos civilisar os povos por onde passâmos, e que finalmente quando dispozermos de capitaes, sempre havemos de conseguir muito mais que as missões estrangeiras, já pelos nossos costumes brandos, já pelo convivio e antigas relações no paiz (o que elles recordam sempre), já pelo conhecimento que mais ou menos teem da nossa lingua (não é raro mesmo entre o gentio em conversa ouvirem-se palavras portuguezas), e pelo bom trato e justiça que lhes dispensâmos, ainda mesmo contra os nossos interesses. Para taes fins se o Governo o entende e o paiz póde e quer, que venham outras Expedições em seguida a esta, porque nós os Portuguezes teremos sempre em tudo superiores vantagens, mas esperar que as emprezas commerciaes sustentem expedições com a mira em alargar mercados aos seus productos em troca de outros de maior valia, (a não se modificarem muito em favor d'essas emprezas os encargos que pesam sobre os objectos do commercio que entram na provincia de Angola), é um erro e gravissimo, sobretudo em concorrencia, como actualmente, com os pontos privilegiados ao norte e com a grande potencia da Internacional, que só pelos seus milhões empregados em fazendas, força bem armada, e ferros a subjugar e dominar o gentio, nos pode arrebatar o que para nós por boa vontade viria.

.....

Preparada a Expedição para partir depois de ámanhã para o Cuango, Estação Costa e Silva, onde eu chegarei no dia immediato para dispor tudo a fim de se effectuar a passagem do rio, entendo do meu dever dar antes da partida algumas informações a V. Ex.ª sobre esta localidade e suas vizinhanças.

Esta Estação, rodeada a leste e norte pelo Luí, vindo do sul fica na altitude media (media de cem observações) de 701 metros, isto é, 451 metros abaixo de Malanje, na latitude 8° 37′ 48″ sul e longitude 17° 6′ 30″; está cem metros a leste da povoação principal, Ambanza do Ambango. É rodeada áquem do Luí, em todos os quadrantes, seguindo de norte pelo leste pelas seguintes povoações mais principaes, cujos nomes são os dos potentados Anguvo, Quibando, Matamba, Cáhia Cassáxi, Camávu, Cátúta, Cáanzela, Mucanda, Anguangua, Cáputo, Quijica e outros de menor importancia.

Com todas ellas e com os seus potentados temos mantido as melhores relações. Amiudadas vezes estes me procuraram (geralmente de noite, habito em que os tive de pôr para me deixarem trabalhar durante o dia), a fim de conversarem e saberem do que se passa nas terras de Muene Puto, e tambem receberem o malufo da visita (aguardente temperada como já disse a V. Ex.ª) e me apresentarem seus filhos (denominação em que comprehendem os homens das suas povoações), para transporte das minhas cargas ás terras do Muatiânvua.

Á parte a grande humidade, devido a ser uma grande planicie e rodeada pelo Luí e seus affluentes, a situação é salubre e suppomo-la mesmo superior a Cafuxi, que reputamos saudavel, certamente por estarmos mais desaffrontados por todos os quadrantes. Aqui entre o pessoal, em tres semanas apenas foram tratadas duas doenças ligeiras; uma febre das ordinarias no empregado europeu e uma simples bronchite num dos carregadores, um e outro por dormirem ao relento.

Os povos são mui socegados, mas ciosos das grandezas dos seus potentados, Ambango e Anguvo, e por isso se nota entre elles uma certa rivalidade, respeitando-se porém estes chefes mutuamente quando se encontram, pelo menos á minha vista. Tanto um como outro consideram-se subordinados de Muene Canje, a quem chamam pae, residente em Mussangano, 5 kilometros a N.-O., além do Luí, que é o potentado dos Côbos, e por isso estes aqui, se deviam considerar como taes; mas é o que se não dá, porque Ambango que pelo lado paterno é Holo e pelo materno Côbo, considerando-se senhor do que herdou do tio, um intruso que veio estabelecer-se mais a oeste do logar em que aquelle fundou a actual sanzala, (ambanza) diz-se independente, e á similhança do soba Ambango de Malanje, chama ao seu povo, que faz estender até ao Quilandula Mulolo Quinhangua, proximo do rio Luhanda, Bambeiro; querendo assim distingui-lo dos Máhôlos, Macôbos e Mahundas, povos que o limitam, sem se importar que Andala Quissúa pretenda que os limites de suas terras os comprehendam, porque toma o Luí como fronteira.

Ha pouco aquelle potentado mandou-o avisar, que até agora tem esperado pelo seu tributo e a resposta de Ambango na minha presença, foi, que estava ha pouco tempo no Estado e não se achava preparado ainda para lhe pagar o devido tributo.

O Anguvo, diz ter fugido de Mona Congolo, margem do Chicápa e ter vindo estabelecer a sua ambanza proximo do Luí, sob o dominio de Muene Canje, e ser tambem independente porque é parente dos Hôlos como dos Bângalas (Cassanjes) e dos Haris (Muêto Anguimbo), e não quer tambem acceitar para seu povo a denominação de Côbo.

Tenho visitado as principaes ambanzas e nalgumas tenho visto além de mandioca e jinguba, limoeiros, feijão, bananeiras, milho, papaia (mamão), pau de sabão, mamôna, algum tabaco e ocá de S. Thomé.

As povoações mais proximas do Luí teem homens que se dedicam á pesca e já por tres vezes fomos mimoseados com peixe, o bágre e outros mais pequenos, gostosos mas de muita espinha.

N'esta Estação fez-se em principio acquisição de vinte gallinhas, quatorze das quaes levamos comnosco, o que tem sido muito apreciado, por ser raro o dia em que se não guardam cinco a seis ovos para o nosso rancho. Teem tambem apparecido ovos á venda na Estação, o que nos prova haver aqui mais creação que em outras localidades onde temos pernoitado.

Pelo que respeita a gado vaccum, não nos tem faltado aqui, como já disse a V. Ex.ª, é este o ponto onde os aviados dos marchantes de Pungo Andongo e Malanje se abastecem em troca de fazendas, missangas etc. Mas aqui como em Andala Quissúa, não se mata gado para a povoação, e a gente d'aqui, se ultimamente tem comido carne, devem-n'o a esta Expedição pelas permutas por farinha e bombós.

Tambem é aqui procurando o sal do Luí, tanto d'além do Cuango, como das povoações até Malanje, do que se tira algum interesse.

A disposição d'este povo a nosso respeito e tudo mais que deixo exposto me levam a crer que seria de um grande bem para o futuro, manter-se esta Estação, não só para a conservação d'este bello caminho para o commercio, como pelo grande numero de carregadores que num momento lhes pode fornecer, quer para Malanje, quer para o Cuango; e ainda porque estas terras pela sua fertilidade e abundancia de aguas, facilmente se agricultavam, podendo em grande parte ser aproveitadas para creação de grandes manadas de gado, que até se poderia exportar para fóra da provincia, quando estabelecida a linha ferrea de Ambaca.

Que venham para a Estação e suas immediações, pessoas idoneas que ensinem e civilizem estes povos, que a isso se prestam, e então o commercio da provincia se não encontra hoje as riquezas imaginarias do centro da Africa, encontrará sempre lucros rasoaveis mas seguros, porque os consumidores serão então os povos que civilisam e por certo lucros maiores dos que realisa actualmente, ou poderá obter de futuro, se as cousas continuarem como d'antes.

A minha proposta ao negociante Custodio Machado foi bem acolhida, participou-me já que seu sobrinho ía partir com negocio para a Estação Ferreira do Amaral, e só esperava carregadores para esse fim. Como sei que em Malanje ha difficuldades actualmente em os arranjar, mandei um portador a Andala Quissúa para os enviar, e este tambem já me respondeu que os ía expedir, o que creio fará, porquanto sei quanto elle e o sobeta da localidade apreciarão o estabelecimento d'aquella agencia ali.

Eu repito hoje a V. Ex.ª o que já tenho dito mais de uma vez, encontrei em Custodio Machado um grande auxiliar para o bom exito da minha missão.

Tem sido elle que em Malanje, na presença dos estrangeiros (Allemães em maioria), tem sabido manter o bom nome portuguez. Hoje sou eu d'isso uma testemunha, porque deante de mim se deram alguns factos que o comprovam e por isso tanto eu novamente tomo a liberdade de lembrar a V. Ex.ª o recommende á munificencia regia em consideração dos auxilios que tem prestado á Expedição sob o meu commando.

Resta-me fazer occupar esta Estação, que não tem menos importancia do que aquella, pois está distante do Cuango (portos do Muêtu Anguimbo) nove e meia horas de viagem em rede, e para esse fim declaro a V. Ex.ª é ainda a Custodio Machado que me vou dirigir para ver se algum dos seus collegas em Malanje se anima a vir estabelecer aqui uma agencia a cargo de um empregado de confiança e de reconhecida prudencia, para conseguir attrahir o commercio d'além do Cuango. Aguardo uma resposta favoravel.

A influencia d'esta Estação, entre outras cousas ainda ha dias se fez sentir sobre o commercio. Um pequeno negociante sertanejo, portuguez africano, ha annos estabelecido no Xinje (Capênda) regressando de Malanje a sua casa, entendeu por aqui passar, seguindo as pizadas da Expedição. Chama-se ello João Antonio Soares Braga.

É certo que o soba Ambango lhe exigíra em relação aos seus fracos recursos, o que elle entendeu ser uma exorbitancia. Mandei chamar o soba á Estação e apresentei Braga como filho de Muene Puto e por conseguinte como meu filho nestas terras (segundo elles), e declarei-lhe que se elle queria pagamento, seria eu quem o tinha de fazer. O soba desculpou-se allegando que aquelle meu filho não invocára o nome do major e que não só a elle como a todos os meus filhos que passassem nada lhes exigiria e que só receberia o que fosse da vontade d'elles e lhes podessem dar, pois já muitos beneficios e favores devia ao seu rei, Muene Puto.

O negociante Braga presenteou-o depois com uma peça de fazenda, correspondente a 800 réis e o soba ficou muito contente, dando-lhe uma cubata para hospedagem emquanto aqui estivesse.

Teem regressado nestes dias os carregadores de Saturnino Machado vindos do Lubuco, e trazem mais ou menos alguma mercadoria e papagaios. Vinham seguidos de uma vez pelo sobeta Matamba, uma especie de advogado do Ambango, para lhes exigir alguma cousa, porém sabendo por elles que vinham do Quissésso (Saturnino Machado), que era filho de Muene Puto, veiu logo procurar-me e dizer-me que não lhes tinha obstado á passagem e seguíra-os apenas para me visitar. Fez jus a uma caneca de aguardente. Mal sabia eu então, que aquelles carregadores haviam abandonado Machado, aliás não teria intervindo e elles que lá se arranjassem. Sabe Deus o mal que lhe teriam feito!

Já vê V. Ex.ª que ha tambem muita conveniencia em se fazer occupar

esta Estação, para manter seguro o caminho e não deixar perder a nossa influencia, pois estes povos estão suppondo que é por ordens de Muene Puto que se faz por aqui convergir o commercio, o que muito desejam e apreciam.

O negociante Braga informou-me que encontrarei em Mona Samba, em seu filho e noutros sobetas do Capênda, vizinhos, o apoio necessario para contractar os carregadores que me forem ainda precisos para seguir sem interrupção a marcha directamente ao Muatiânvua, pois tanto os Xinjes como os Undas de seu vizinho e parente Anzôvo, apreciarão muito que esta Expedição se dirija á Mussumba passando por ali, porque este é quilôlo do Muatiânvua a quem paga tributos e no que é auxiliado muitas vezes por Mona Samba sua parente, sobretudo quando os enviados do Muáta ali chegam inesperadamente, no que tambem o auxilia o proprio Capênda que apesar de independente, respeita o Muatianvua como maior potentado.

O que de certo por algum tempo demorará a Expedição, é acharem-se os rios cheios por causa das chuvas, as quaes, diz Braga, cessam no Xinje até ao Cassai de janeiro a fevereiro, epocha da colheita dos milhos e d'ahi em deante do Cassai até á Mussumba vão diminuindo, cessando nos mezes de maio, junho e julho; pelo que calculo, a não se darem circumstancias extraordinarias, que só poderei partir com a Expedição de fins de fevereiro em deante.

Mais me informa o negociante Braga que os principaes potentados no Xinge estão actualmente em dissidencias politicas por causa do Capenda, que deve ser eleito.

O que estava no Estado foi morto, segundo me disseram, por ter entregado a um estrangeiro a machadinha do Estado (symbolo da auctoridade ou governo), e Quilélo tomou conta das *malungas,* insignias de seu fallecido tio, por se julgar legitimo herdeiro da sucessão.

É este, filho da fallecida Mávu Cambo, a mais velha das quatro irmãs, unicas que podem dar herdeiros ao Estado.

É quasi geral a versão que os filhos das irmãs ou dos sobrinhos filhos d'estas, são do mesmo sangue dos potentados; e por conseguinte os filhos d'estas devem ser seus legitimos herdeiros. Mas Quilélo segundo os seus adversarios, nascêra fóra dos dominios do fallecido, porque sua mãe fôra, logo que se uniu a seu pae, para as terras d'este. Seguiam-se os filhos de outra irmã tambem fallecida, Mona Andumba, porém esta, pelo facto de se unir a um Quiôco e de quem teve os seus filhos, perdêra o direito ao Estado porque para elles o terem é questão essencial que seus paes sejam fidalgos.

Restam pois, os filhos das duas irmãs, hoje vivas, Moana Samba e Moana Cafunfo. Esta é a mais ambiciosa e tem levado os adversarios de Quilélo a guerrearem os partidarios de sua irmã, ainda com o mesmo

subterfugio de que ella viveu sempre mais proxima da capital do Capênda, emquanto aquella se fôra estabelecer mais ao norte nos confins do estado d'este potentado.

Mas emquanto taes divergencias se sustentam entre os differentes grupos, Quilélo, senhor das malungas, vae ganhando terreno, engrossando as fileiras dos seus amigos e asseveram alguns (a maioria), ter este tanto direito como o filho de Cafunfo e ser filho da irmã mais velha do fallecido, e por isso ha todas as probabilidades de se terminar esta questão sem guerras e de Quilélo tomar conta definitiva do Estado, o qual pelo facto de possuir as malungas, está exercendo o cargo de Capenda como se tivesse sido já eleito.

O referido negociante Braga, por sua conveniencia, pediu-me para acompanhar a Expedição á Mussumba do Muatiânvua, encarregando-se de alcançar e dirigir os carregadores Xinges, e eu annuindo ao seu pedido offereci-lhe comida do meu rancho.

Será um bom serviço que elle prestará a esta Expedição e eu julguei corresponder de alguma fórma, com o que possa dispor.

Termino, Ex.mo Sr., congratulando-me que o Conselheiro Governador Geral de Angola, tão promptamente houvesse attendido ás considerações por mim expostas no officio que lhe dirigi de Malanje em 8 de julho, sobre a necessidade por mim notada ha muitos annos, de se reinstituirem na provincia sob sua administração as nossas mui antigas Estações hospitaleiras, a que se dava o nome de Patrulhas, e por immediatamente determinar providencias a tal respeito, que a haver zêlo da parte dos que teem de executar as suas ordens, será em pouco tempo mais um melhoramento importante que a provincia contará, devido á benefica administração de S. Ex.ª

Nunca os meus desejos foram tão depressa satisfeitos, nunca uma proposta teve tão prompta acolhida.

É porque o actual governador da provincia não teve duvida em acceitá-la e estudá-la apreciando os seus bons resultados, pois que praticamente conhecia de tal necessidade, sem querer saber d'onde vinha a lembrança que julgou boa.

É medida que eu particularmente vou agradecer a S. Ex.ª porque até os considerandos com que se justifica, são os proprios de que me servi para provar a necessidade de sua adopção, como V. Ex.ª certamente teve occasião de ver no meu relatorio de 30 de julho.

Assim tenho eu, mais uma prova de quanto S. Ex.ª o Governador Geral de Angola tem apreciado os trabalhos da Expedição a meu cargo.

Deus guarde a V. Ex.ª Estação Paiva de Andrada, margem do Luí, 15 de dezembro de 1884.—Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar. = O chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

A S. Ex.ª o Governador Geral da Provincia de Angola.

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Passando ás mãos de V. Ex.ª a inclusa communicação que dirijo ao Ex.mo Ministro dos Negocios da marinha e ultramar, solicitando de V. Ex.ª se digne determinar que ella lhe seja enviada na mala official, aproveito a opportunidade para agradecer a V. Ex.ª mui particularmente a attenção que lhe mereceram as minhas considerações sobre a necessidade de se manter a antiga instituição das Estações hospitaleiras, vulgò, Patrulhas.

Nunca tão promptamente uma proposta, dirigida ás auctoridades competentes, encontrou solução como aquella a que me refiro, o que prova que V. Ex.ª reconheceu os bons resultados praticos que d'ahi devem advir principalmente ao commercio.

Na sábia administração de V. Ex.ª na provincia de Angola, por qualquer lado por que se encare ha muito a apreciar, e eu declaro a V. Ex.ª que em mim encontra ella mais do que respeito e apreciação; encontra fervorosa sympathia.

V. Ex.ª, com a energia que é conhecida como um dos seus dotes mais caracteristicos, dignou-se bem acolher e fazer executar, o que eu apenas como trabalhador do progresso colonial podia esboçar em theoria pela palavra ou pela escripta, demonstrando os resultados que da sua adopção se podiam colher. Refiro-me: *á colonia agricola penitenciaria; á escola profissional de Loanda; á exposição de productos agricolas e industriacs da vastissima provincia de Angola; á expedição que me foi confiada, e por ultimo á reinstituição das patrulhas, que mais não são, que estações hospitaleiras no sertão da provincia, e que pela sua amplitude se podem tornar civilisadoras, as quaes seguindo-se as estabelecidas por esta Expedição, ligam Loanda ao Cuango pelo menos numa determinada direcção.*

A V. Ex.ª, a gloria dos resultados praticos, pelo modo por que taes medidas teem sido postas em execução, a mim, a satisfação de fazer parte do numero dos admiradores de V. Ex.ª como administrador colonial.

Deus guarde a V. Ex.ª Estação Paiva de Andrada na margem esquerda do Luí, 15 de dezembro de 1884. = O chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Do chefe da Expedição ao negociante Custodio José de Sousa Machado.

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Da Sociedade de Geographia Commercial do Porto, recebi ha dias um officio, em que se me communica ter sido acceita a minha proposta, de se convidar V. Ex.ª para agente da mesma sociedade e do commercio do Porto em Malanje, com que muito folgo. Na mesma

occasião participa-me V. Ex.ª em carta particular, que ía responder ao convite que recebêra d'aquella benemerita sociedade para tal fim, dizendo que acceitava esse encargo, o que me foi bastante agradavel saber.

Trouxe-me ainda o mesmo correio, um officio do governo geral da provincia, que me faz sciente de terem partido de Loanda em direcção ao Dondo, ao cuidado do chefe do concelho, os volumes do commercio do Porto, que me deviam ter acompanhado de Lisboa, e que vieram no transporte *India* para me serem entregues.

Não me é possivel deixar de seguir já para o Cuango, e, pelas difficuldades e despezas que teria de novo a fazer para alcançar os carregadores precisos para taes volumes, e pela minha opinião já formada contra as explorações commerciaes no centro de Africa, e difficuldade que hoje reconheço de se encontrarem por cá mercados onde bem collocar as mercadorias que vieram, sou levado a officiar nesta data ao chefe do concelho em Malanje para que quando taes volumes ahi cheguem, sejam entregues a V. Ex.ª como agente dos consignatarios e do que tomo inteira responsabilidade.

Á Sociedade communico não só esta minha resolução, como a de que auctoriso V. Ex.ª como agente, a negociar todas as mercadorias que conteem os mesmos volumes, sendo estes portanto, o principio das transacções que deseja iniciar o commercio do Porto nestas paragens, e V. Ex.ª em vista das mercadorias que se mandaram e do muito que conhece praticamente sobre o commercio sertanejo, dirá á Sociedade o que mais lhe convem sobre preferencia de artigos á consignação e dos que não devem fazer parte de novas remessas.

Deus guarde a V. Ex.ª Estação Paiva de Andrada, 15 de dezembro de 1884. = O chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Do Chefe da Expedição á Sociedade de Geographia Commercial do Porto.

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Participo a V. Ex.ª ter sido hontem avisado por um officio da Secretaria do Governo geral d'esta provincia, que partiram para o Dondo, aos cuidados do Chefe do concelho, para serem enviados a Malanje e a mim entregues, os volumes do commercio do Porto que chegaram a Loanda vindos no transporte *India.*

Estando já preparada a Expedição para seguir para o Cuango, Estação Costa Silva, onde espero completar o numero de carregadores precisos para o interior, e sendo agora muito difficil conseguirem-se carregadores em Malanje, officiei ao negociante Custodio Machado, que me participára acceitar o convite da Sociedade de que V. Ex.ª é mui digno secretario, para elle ser em Malanje o agente do commercio do Porto, auctorisando-o a receber os referidos volumes e negociá-los por conta

dos consignatarios, ficando elle de instruir V. Ex.ª sobre o que mais convirá na permutação aos interessados.

Eu não posso neste momento ser tão extenso como desejava, não só com respeito ás benevolas expressões do officio de V. Ex.ª que ha dias recebi e que muito tenho a agradecer, mas principalmente com relação a explorações commerciaes no centro d'este continente e ao modo por que julgo no meu fraco entender, que o commercio da cidade do Porto poderá obter vantagens nas relações que deseja estabelecer com as nossas possessões ultramarinas, e principalmente com a provincia de Angola.

Que se estabeleçam por emquanto as agencias nesta provincia, mas eu peço a V. Ex.ª que faça suspender qualquer projecto de explorações commerciaes ao centro do continente, até que as minhas informações sejam conhecidas, as quaes eu farei toda a diligencia de transmittir a V. Ex.ª o mais brevemente que me seja permittido.

Deus guarde a V. Ex.ª, Estação Paiva de Andrada, 15 de novembro de 1884. = O chefe da Expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Prompta a correspondencia official e particular para a familia e amigos, despacharam-se os homens que regressavam a Malanje e começou o serviço de pagar carregadores e de comprar alguns mantimentos. Neste serviço decorreram tres dias successivos, porque demais havia uma guerra dos povos d'aqui com os da outra margem do Luí, por causa de uma porca, de que resultára a morte de um homem da povoação do Ambango, o que deu logar na povoação a chorar-se o obito, havendo os batuques e as descargas do estylo.

O que mais procuravamos de mantimentos, era gado vaccum e sal, que é uma raridade apparecer além do Cuango.

Haviamo-nos fornecido de 50 arrobas de sal no Dondo, porém accondicionado em saccos de palha, estava muito sujeito a reducções pelas elevadas temperaturas, muitas chuvas e pelas subtracções dos carregadores.

O sal do Luí e dos Bângalas, accondicionado em rolos protegidos por folhas e revestidos estes depois de palha (capim secco), transporta-se e vigia-se e é o que mais convem, apesar de a nós europeus não satisfazer como o que levavamos.

Trinta a quarenta d'esses rolos, a que chamam *muxas,* e que regula por 60 réis cada um, constitue uma carga. São os

Bângalas quem mais transportam d'este sal para o interior. O valor maximo da carga era 2$400 réis.

Suppõe-se que a permutação de uma tal carga deve ser insignificante, não é assim, como veremos.

O movimento originado pela partida da Expedição, dá sempre motivo a reunião de ociosos que nos incommodam, principalmente os emprazadores importunos aos quaes tudo desperta curiosidade.

É preciso em taes casos haver grande prudencia de parte de de todos e principalmente de quem dirige os trabalhos, para evitar conflictos, e infelizmente os empregados menores entre nós ainda não o comprehendiam assim e por isso mesmo tivemos a registar o primeiro desaguisado, que poderia ter consequencias graves; pois que apesar dos nossos exforços, no que o subchefe da Expedição muito nos coadjuvou, succederam-se outros conflictos que nos contrariaram e demoraram a partida.

Um dos nossos empregados que estava na faina de coser os fardos e guardar os objectos que continham, já muito apoquentado pela teimosia dos curiosos, em rodeá-lo e gritarem-lhe aos ouvidos, afastou um, empurrando-o. Este endireitou-se, porque considerou offensa tocarem-lhe no corpo; o empregado suppondo que por meio da ameaça tirava melhor partido, pegou num pau e voltou-se para elle, querendo indicar que estava em guarda contra qualquer atrevimento. O sujeito retirando, arrastou comsigo precipitadamente toda a gente que estava com elle, a quem dizia que ia tirar a desforra. Em seguida, levantou-se grande alarido, uns incitando-o, outros procurando convencê-lo do seu mau procedimento, e outros emfim querendo arrastá-lo para a povoação. A final o homem dirigiu-se a um brazeiro, e tomando um tição, tentou largar fogo ao acampamento em frente da Estação. Os nossos pegaram logo em armas, pondo os amotinados em alarme a povoação.

Valeu-nos o bom senso dos individuos com quem mais conviveramos e que rodeiam sempre, como filhos predilectos o Ambango, os quaes o convenceram da semrasão do discolo e da nossa prudencia.

Quando mandámos o interprete procurar o Ambango para entrarmos em explicações, já elle estava reprehendendo o promotor de todo este alvoroço e pediu que nos tranquilizassemos.

Estava elle chorando o obito do rapaz que morrêra na guerra, e para conseguirmos que o incidente não viesse perturbar nos ultimos dias as nossas boas relações, mandou-se uma porção de polvora e aguardente para as ceremonias, e um panno para o soba vestir, dizendo-se-lhe que íamos acompanhá-lo.

Agradeceu muito e nós fomos pouco depois. O sub-chefe descarregou a sua arma successivamente, e attrahida pelo estrondo e rapidez dos tiros, appareceu pouco depois armada, a gente de Quindúa, povoação ao norte, a saber o que se passava na Ambanza, pois pensavam ser guerra do *mahunda,* que vinha atacar a povoação.

Vendo-nos, mostraram-se muito satisfeitos, mas no emtanto foram pedindo ao soba a cabra, por terem vindo em seu auxilio. Em vez da cabra trouxeram por ordem do soba uma gallinha, que se lhes deu retirando-se elles contentes.

Estavamos chegados ao dia 20, depois de tres dias de muito trabalho e de muitas fadigas e de tres noites insupportaveis pelo calor, falta de ar e praga dos mosquitos. Logo de manhã appareceu-nos Augusto Jayme que haviamos deixado no Cuango, trazendo-nos uma carta do ajudante, em que nos narrava um certo numero de incidentes que o haviam collocado em difficuldades, e dava-nos noticias bem desagradaveis sobre o caminho, pois que nos tinham ido intrigar com Muene Canje; e que os filhos de Anguvo receando alguma traição na outra margem do Luí, pediam ao pae para que não nos desse carregadores d'esta vez, pois não queria que Muene Puto pudesse d'elles queixar-se com rasão.

Os promenores em que entrámos a tal respeito, mostraram-nos que era necessario contentar de algum modo Muene Canje, para evitar difficuldades na marcha além do Luí, rio que então não dava vau. Tendo de nos servir de canoas e estando a nossa além do Cuango, por isso despachámos o mesmo Au-

gusto Jayme levando ao negociante Braga um presente para Muene Canje, procurando bem dispô-lo a nosso respeito e participando-lhe que iamos seguir jornada.

Mas se o dia havia começado pouco antes as provações que nos estavam destinadas é que ainda não tinham acabado. Pouco depois appareceu Anzaje, cabo dos carregadores do Ambango, a pedir-nos para os seus levarem para a ambanza as cargas que lhes destinavamos, para as amarrarem e estarem promptos de madrugada a seguir-nos.

Na melhor boa fé caimos, sem o pensar, no laço que este homem, em quem sempre depositámos confiança, nos preparava, e ainda hoje acreditâmos que elle foi atraiçoado pelos seus, que sabiam d'esta confiança.

O Ambango, que para nós estava de accordo, sem Anzaje o saber, com meia duzia de malvados, veiu pouco depois visitar-nos com exigencias e pedidos. Respondemos-lhe ter dado muito, e na occasião já tudo ter partido.

Deixou-nos, voltando pouco depois com as mesmas impertinencias, o que nos obrigou a mandá-lo retirar da Estação. Saiu berrando que ia fazer e acontecer. A gente que nos acompanhava começou logo com receios e a pedir polvora,e a gritaria recrusdeceu na povoação.

Veiu um emissario dizer que se Muene Puto quizesse, mandasse buscar as cargas, porque os filhos do Ambango já as não queriam transportar.

Muene Puto lá irá quando entender, foi a resposta.

Era uma provocação que os nossos queriam immediatamente castigar, e insistiam pedindo polvora; mal imaginavam elles, que o cartuchame de suas armas estava todo para deante. Era preciso usar de muita prudencia.

Aos pedidos de polvora, respondiamos: que socegassem, pois só dariamos polvora quando fosse preciso; deviam lembrar-se que tambem nós tinhamos amor á nossa vida.

Haviamos mandado o interprete a perguntar ao Ambango, que recado nos havia mandado, pois não o entendiamos, e como este se demorasse, offereceu-se o sub-chefe para ir á ambanza,

visto dizer-se que estava lá tudo armado, e ser conveniente tomar-se uma deliberação.

O velho immundo, rodeado de todos os seus, queixou-se que estando nós tanto tempo nas suas terras, nada lhe haviamos dado; e que se contemplaram muitos sobas (já esquecia que foram pedidos d'elle). Fallou de varios incidentes que se tinham dado com os nossos e sempre, do seu respeito por Muene Puto, procurando harmonisar tudo a não romper as nossas boas relações, etc.

Os conselheiros eram os peores.

As exigencias do soba reduziam-se a que, visto estar velho e não saber quando poderia tornar a beber aguardente, se lhe desse um garrafão cheio, uma peça de algodão e uma outra de riscado.

Ora na verdade, isto era de miseravel e não valia a pena por tão pequena cousa demorarmos a marcha da Expedição.

Sizenando Marques respondeu-lhe que, emquanto a fazenda, sabia elle muito bem que já havia partido para deante, mas que se lhe mandaria depois; com respeito a aguardente, já se lhe tinha destinado um garrafão para a despedida, e por isso contasse com elle para essa occasião.

Isto que então succedia era de esperar, e nunca se daria se a Estação fosse occupada por pessoal que nos viesse substituir. Era o resultado da perda de um bem estar, que este povo já havia encontrado com o estabelecimento da Estação.

Nada d'isto nos admirou, nem era motivo para mudarmos a a opinião favoravel, que chegámos a adquirir com respeito a estes povos, nem tão pouco pode influir no nosso animo para o depreciarmos e repelli-lo do nosso convivio.

Mas o dia ainda não terminára e agora que tudo parecia concluido e estava prestes a dar a meia noite, vieram vultos correndo para o nosso acampamento e clamando, *muzumbo* (interprete) e *Angana doutolo*.

Eis o caso. Pedia-se para Sizenando Marques ir a toda a pressa á povoação, porque um filho do Ambango estava quasi a morrer.

Como foi isso, perguntámos? O rapaz encontrou o garrafão de aguardente que o pae a pouco e pouco tem enchido com as sobras que lhe ficam dos presentes que tem recebido, fez uma aposta com outro, que d'uma vez bebia tudo, e ha pouco a rapariga andando em procura d'elle por já ser tarde e não ter recolhido, foi encontrá-lo no mato, estirado e já muito frio.

Bom, dissemos nós, se o homem morre ainda temos novas complicações!

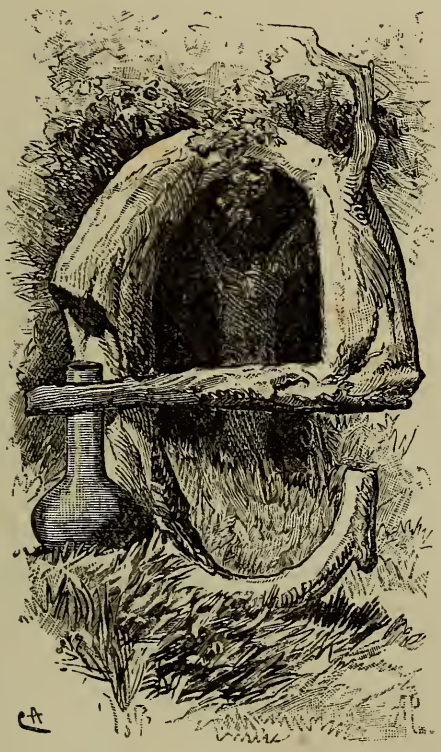
Já estavamos porém no dia 21, e passadas duas horas de trabalhos em fricções e de esforços em fazê-lo beber azeite, voltou o homem a si, tornando-se Sizenando Marques alvo de ovações enthusiasticas de toda aquella gente que agora se felicitava por não havermos partido, aliás o homem teria morrido.

E este novo incidente veio pôr termo ao alvoroço em que todos andavam.

Ás seis horas fechavamos as nossas ultimas malas de viagem e tudo se apromptava para seguirmos para o rio Luí. Ambango entendeu vir acompanhar-nos ao porto e facilitar-nos a passagem do rio.

MUQUIXI

VIAGEM PARA O CUANGO



ram nove horas e meia quando partimos e chegámos ao rio ás 11, numa marcha muito vagarosa por causa dos muitos pantanos que havia pelo caminho. O rio ia muito cheio, havendo apenas uma canoa para serviço, mas depois appareceram mais duas.

Era preciso fallar ao soba, senhor do porto, que se tornára muito exigente porque nunca fizemos caso d'elle, e já a primeira parte da Expedição por ali passára sem que se lhe desse cousa alguma.

A conferencia, em que entrou tambem o Ambango e seus filhos mais velhos, foi longa, e só á uma hora e meia da tarde, estando nós em jejum, se conseguiu dar principio á passagem, ficando assente pagar-se doze peças de fazenda, sendo duas para os pilotos, dois barris de polvora e duas garrafas de aguardente.

Ambango retirou, ficando nós de lhe mandar por um dos nossos uma gratificação, pelo serviço em nos acompanhar e em intervir na questão da passagem, mostrando-se a nosso favor.

As horas iam decorrendo com um serviço muito moroso, a tarde ia-se adeantando e começaram os bois ainda a difficultar-nos mais esta fastidiosa passagem. Ás cinco horas poucas cargas restavam a passar, mas dois bois que corriam por entre o capim distrahiram homens para os acompanhar. Porém o peor de tudo, foi a partida que entenderam fazer-nos os taes pilotos, arrumando as canoas umas de encontro ás outras, debaixo do copado de tres arvores que orlavam a margem em frente de nós, como se vê na gravura em que as figuramos e com todo o descaramento, sentaram-se, cruzaram os braços gritando de lá: —Não fazemos mais serviço hoje se Angana Majolo nos não der quatro peças de fazenda atacadas.

Na verdade a nossa vontade, era enviar-lhe uma boa carga de chumbo. O alvo era magnifico e a distancia muito ao alcance das nossas espingardas, demais a mais a torreira do sol a que estiveramos todo o dia expostos e a falta de alimento, contribuiam para nos incitar a castigar a chacota, que com vantagem se nos fazia. Mas pensando melhor, e reconhecendo que a tolerancia era o recurso mais em moda para os opportunistas, por isso tratámos de acalmar o espirito e fazer de conta que achavamos graça á partida cedendo um pouco, para que elles tambem cedessem.

Conseguiu-se assim applacá-los com quatro jardas de fazenda a cada um, sendo nós emfim os ultimos que punhamos pé na outra margem ás sete horas da noite, dirigindo-nos para a povoação do nosso conhecido Mulolo, ou Mussolo segundo outros, onde o cozinheiro nos havia preparado uma boa refeição, principiando pela canja que achámos deliciosa.

Muito fatigados, depois de havermos recebido a visita do soba e da sua filha, que teve a amabilidade de nos trazer uma porção de fuba, mandioca e milho, e scientes de que de madrugada nos mandaria um boi, deitámo-nos. Só acordámos ás quatro horas da manhã ao estrondo da trovoada e de valentes e successivas bategas de agua, que nos puzeram em sobresalto por causa das cargas, que não era possivel beneficiar, se d'isso carecessem, não só pela hora que era, como pela distancia a

RIO LUÍ

que estavam de nós, disseminadas segundo os grupos de cada acampamento, e difficuldade em nos fazermos obedecidos dos carregadores; mas tambem porque seria arriscado, irmo-nos expor ao medonho temporal, quando estavamos transpirando, devido á elevada temperatura que havia na cubata onde não podia estabelecer-se a necessaria ventilação.

Aguardar a madrugada com resignação, era o unico recurso; e foi o que fizemos.

Tornou-se impossivel a nossa partida porque a chuva só cessou ás dez horas, e até lá não saimos das habitações. Depois appareceram alguns sobas vizinhos a cumprimentar-nos, e entre estes, Canzella, que já conheciamos, e Añzamba, irmão de Muene Canje, que nos trouxeram os seus presentes de gado a que correspondemos.

Matou-se um boi para distribuir em rações aos carregadores. Na sua divisão suscitaram-se grandes altercações e bulhas por causa das precedencias dos sobados a que pertenciam os treze grupos de carregadores que faziam agora parte da nossa Expedição, achando-se todos com jus aos quartos trazeiros e alguns ao direito.

Em outra qualquer occasião seria tal exigencia motivo para rir, porque elles não queriam saber se o boi tinha só duas pernas e levavam o caso muito a serio. Felizmente já tinhamos alguns bois no curral e depois de muita bulha e discussão, lá se convenceram que os contemplados agora com as pernas, para a outra vez que se matasse uma rez teriam outra cousa, e que as pernas seriam para elles.

Houve um grupo, porém, os ultimos do Cáhia que se ajustaram para a Lunda, mas que deviam ser pagos no Cuango, que se entenderam muito lesados na repartição da carne e vieram exigir o pagamento. Respondeu-se-lhes ser do contracto pagar-se-lhes na Estação do Cuango e não ser agora conveniente abrir as cargas.

Eram seis os homens que vieram então entregar as suas cargas, espingardas e outros volumes da ultima hora, a saber, utensilios de cozinha, louças, etc., e que logo retiraram.

Em seguida á chuva descobriu o sol, mas apresentava-se com uma intensidade que se lhe não podia resistir. Fora das cubatas viam-se muito poucas arvores e estas estavam rodeadas de grupos de carregadores que tratavam de cozinhar e que se tornaram centros de grande inferneira, gritando uns com os outros e já com a gente da povoação com quem procuravam fazer as suas transacções.

Tratava-se de os chamar á ordem, quando repentinamente adoeceu uma das mulheres que pertencia á Expedição e que se encarregava da lavagem das nossas roupas.

Era ella muito nutrida, e pelo sol intenso a que estivera exposta, suppozemos ter sido atacada de uma congestão. Como a molestia não cedesse aos medicamentos energicos que se lhe applicaram, entendeu Sizenando Marques ser preciso sangrá-la, operação esta para que se offereceu o nosso interprete Lisboa, nisto muito pratico. Sendo preciso lanceta para a operação, teve Marques de mandar buscar a sua mala para tirar o estojo.

Abriu-se com difficuldade esta mala, parecendo ceder a mola, dando a lingueta um salto, o que notámos, mas sem fazermos mais reparo.

Toda a nossa attenção era para a doente e só depois d'ella estar mais socegada, quando Sizenando Marques procurou fechar a mala, notou ter sido forçada a fechadura, que era ingleza, quebrada a mola, e a lingueta pregada com massa ennegrecida do ambáfu.

Ao de cima estavam livros e papeis de uso diario e parecia não ter sido mechida; porém o facto era para fazer desconfiar e procedendo a um exame, encontrou-se Sizenando Marques roubado em objectos de oiro e prata de valor, e para elle de grande estimação, por serem recordações, e que por isso mesmo sempre o acompanhavam.

Entre soldados, contractados de Loanda e carregadores de Malanje, apenas contavamos comnosco vinte e dois homens, que apesar de se apresentarem armados não tinham cartuchame distribuido, por nos lembrarmos, o que succedeu sempre em toda a viagem, ainda nas occasiões mais criticas, que o iriam

vendendo ou inutilisando a pouco e pouco; os carregadores estranhos das vizinhanças eram cento e cincoenta.

Mas era preciso não mostrar fraqueza, e arrostar contra tudo praticando um acto energico e que produzisse o effeito indispensavel. Urgia mostrar-lhes num momento a nossa superioridade, não lhes dando tempo a reconhecer a vantagem que tinham da força bruta e fazer apparecer os objectos roubados, mas sem que os dispersassemos ou lhe dessemos pretexto a abandonarem as cargas, perdendo-se os pagamentos que elles haviam recebido, e sabe Deus quanto tempo e despezas para depois de ali sairmos.

Chamou-se immediatamente o cabo Anzaje, o tal homem em quem confiavamos, e ao grupo do qual pertencia o carregador que transportava a mala.

A nossa gente armada, recebeu ordem para ir buscar amarrado o carregador, e a este e ao cabo, já rodeados de toda a comitiva se lhes mostrou a mala arrombada e se lhes disse o que nella faltava.

Fez-se conhecer ao cabo a responsabilidade que lhe cabia, porquanto aquella carga fôra uma das que, a seu pedido, tinham ido para a povoação e o roubo fizera-se lá durante a noite. Declarámos portanto que não entregavamos aquelle homem, sem apparecerem todos os objectos roubados e nos ser paga a despeza que houvesse com a demora do dia immediato em deante, visto que os outros carregadores, que não tinham culpa do ladrão que o Ambango nos mandára, precisavam de comer e não deviamos ser nós os roubados que deviamos ainda por cima pagar a despeza.

Como é do costume, fallou o branco e todos em silencio aguardaram que fallasse depois o interprete, estabelecendo-se logo o babaré, uns a favor e outros contra, porém neste caso, só encontrou o homem a protegê-lo o grupo da sua povoação que era insignificante.

Não nos passando despercebido a indignação da maioria, por serem de povoações rivaes á gente do Ambango, entendemos dar mais um passo a favor da nossa causa, ordenando que o

carregador, amarrado, ficasse proximo da nossa habitação sob a vigilancia de dois soldados e dissemos ao cabo que fosse elle tratar de fazer as buscas precisas para nos trazer os objectos.

Lamentaram todos o succedido, dizendo ser justo que Muene Puto castigasse o ladrão [1], porém os do Ambango mais se lamentavam porque o odioso recairia sobre elles, por ter sido o pae quem pediu para contractar o grupo de que fazia parte aquelle homem, e contavam que tinham contra si todos os vizinhos, por se suppor que fôra seu pae quem mais beneficios recebêra da nossa Estação.

Anzaje pediu que lhe confiassemos o prezo, porque o ia mandar com dois homens seus ao Ambango; que havia de fazer apparecer os objectos roubados e que emquanto não viessem se entregava elle para ficar nas cordas ao pé de Muene Puto.

Convencemo-nos de que o roubo appareceria, porém era preciso não perder o prestigio adquirido e aproveitar a situação, e por isso dissemos ao cabo: o seu procedimento é de um homem bom, não o amarrâmos, vá para o seu acampamento, trate de fazer todas as diligencias para nos serem entregues até ámanhã os objectos, que esperâmos nos sejam restituidos; mas se não vierem iremos então nós á povoação de seu pae e contâmos que Andala Quissúa e Muene Canje a quem chamaremos, saberão castigar os ladrões d'estas terras.

De facto, ás onze horas do dia seguinte, appareceram os objectos roubados, pelos menos aquelles de que na occasião se lembrava o interessado. O carregador que os apresentou pedia para não continuar ao serviço da Expedição, porque tinha receio de ser castigado. Mandámos-lhe dizer que estava perdoado, se tivesse apresentado tudo o que faltava, porém o medo era tal que o cabo interveiu para o deixarmos retirar, compromettendo-se elle a fazer seguir a carga e mandar procurar mais alguns objectos que ainda podessem faltar.

---

[1] Para elles o ladrão não tem perdão. Vide vol. de *Ethnographia e Historia*.

Não podendo na occasião asseverar Sizenando Marques, se alguns objectos de que elle se lembrava e que ali não encontrava estariam em outras malas, como o cabo seguia comnosco até ao Cuango, consentiu-se que o homem retirasse.

Quasi sempre nestes momentos de gravidade se dão episodios mais ou menos jocosos e mesmo grotescos, que quando mais acalmados os espiritos, são depois assumpto das conversas e despertam a hilaridade, e o que comnosco se deu ficou-nos bem gravado na memoria e por isso figurámos a attitude do nosso cozinheiro Fernando, na occasião em que se esperava uma revolta por se ter amarrado o ladrão.

Armou-se e equipou-se, nunca largando a colher com que mexia o refogado que estava preparando para o nosso jantar, nem tão pouco afastando-se da panella que lhe estava merecendo tambem os mais serios cuidados!

Não era só por termos de esperar a restituição do roubo, que fomos obrigados ainda a demorar-nos aqui no dia 23, a muita chuva era um impedimento serio e como tinhamos de dar rações antes de matar gado, mandámos chamar os cabos das treze companhas e fez-se-lhes ver a conveniencia de accordarem antes, no modo de se fazer a distribuição, para não haver desordens nem bulhas, como tinha succedido.

Passado algum tempo, davam-nos parte que se podia matar o gado: dois garrotes e uma vacca, para esse e dia seguinte, e de facto a distribuição fez-se em socego, mas de que modo?

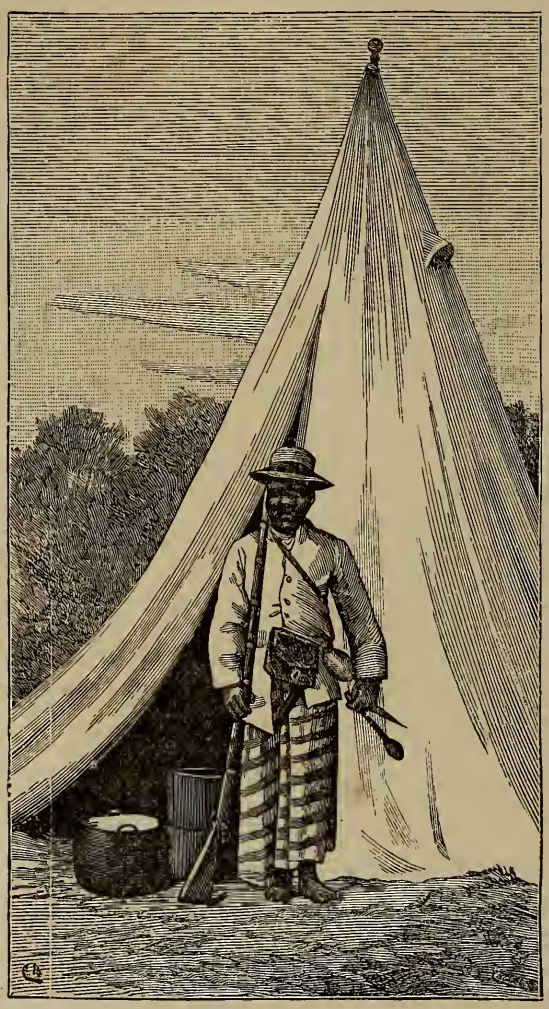
As companhas tiveram de tudo um pedaço e este era ainda fraccionado por todos que d'ella faziam parte. Assim coube a cada um a sua porção de miolos, coração, figado, bofe, tripas, etc. Era uma lição que aprendemos, e applicado o systema, deu-nos sempre o resultado desejado: socego e todos satisfeitos.

Já se vê, diziamos nós, que querem a igualdade, o caso é que nós estejamos sempre de pachorra para os levar a observá-la.

Apesar da doente não poder ainda andar, dispozeram-se as cousas para ella seguir numa rede, procurando-se fazer sub-

stituir com gente da povoação os carregadores que tinham retirado, para continuarmos a viagem no dia 24 de madrugada.

Appareceu-nos proximo da noite Augusto Jayme, que haviamos mandado a Muene Canje, e fez-nos sciente: que este o recebêra muito bem e ficára satisfeito com o presente que lhe enviáramos, e sabendo que haviamos de pernoitar no Anguvo, lá nos ia esperar para se avistar e fallar comnosco, porque era muito amigo de Muene Puto e não podia consentir que homens grandes, que elle mandava passar pelas suas terras, o fizessem, sem elle lhes dar de comer. Estava muito zangado com o Ambango porque desviou Muene Puto de fazer a sua casa, como queria, no sitio d'elle, e nunca lhe participou que os filhos de Muene Puto eram seus hospedes, tendo por isso commettido a grande falta de nos não ter visitado. Visto não podermos ir agora ao sitio d'elle, vinha elle ao nosso caminho.



FERNANDO

Cozinheiro

Era esse encontro, exactamente o que nós queriamos evitar, mas já que as cousas foram mal encaminhadas, agora o remedio era seguir.

A gente do Ambango que soube d'esta noticia e os taes com-

panheiros que se lhes aggregaram do Quibango, procuraram logo um pretexto para se não avistarem com Muene Canje e por isso pediram para se retirar, allegando que Ambango lhes mandára dizer quando foram tratar do roubo, que os fossem ajudar numa guerra contra um soba vizinho.

A guerra, segundo elles, era devida a ter sido apprehendido por aquelle soba o gado e borracha que pertenciam a um negociador de Pungo Andongo, por causa de um filho de Muene Puto e um filho d'elle, Ambango, terem tido relações amorosas com uma sua rapariga e a deixarem sem nada lhe dar. O tal negociador apresentou a sua rasão ao Ambango e este queria obrigar o soba a entregar o sequestro, porque o referido negociador não tinha culpa de taes amores.

UANGAMBELE

Carregador

Podiam os carregadores que apresentavam o pedido para retirar, fazê-lo sem licença e muito principalmente durante a noite, mas como pediam venia, já se vê que não era sua intenção fazê-lo, e procuravam conhecer em nós se haveria resentimento pelo roubo praticado e se nós iriamos queixar-nos a Muene Canje. Por isso, respondemos logo que não acreditavamos em semelhante guerra, que deviam seguir comnosco, conforme tinham ajustado até ao Cuango, e que se não o fizessem, então dariamos parte ao nosso amigo Muene Canje, com quem nos avistariamos no dia seguinte.

Ficaram então, mas de noite retiraram uns cinco que eram tambem dos admittidos para serem pagos no Cuango, entregando antes as cargas a um dos nossos soldados.

Era o dia 24, e só depois das sete horas da manhã começaram a partir as companhas para Mussangano.

Ainda a esta hora houve novas difficuldades por causa do transporte da cadeira. Os homens que a transportavam, a pretexto de que eram baixos e a carga ia molhar-se nos charcos que se encontram por caminho, tomaram cargas dos que retiraram e tivemos de pedir dois homens á povoação para os substituir.

Tudo já ia seguindo e ficámos apenas com Augusto Jayme, que sempre nos acompanhava, e mais os homens da rede.

Appareceram emfim dois homens, que já estavam preparando as suas cousas para transportarem a cadeira, quando um sujeito mais bezuntão que qualquer d'elles, reclamou um como seu escravo, ameaçando-o de o castigar pelo atrevimento em se contractar para aquelle serviço, sem sua auctorisação!

Sem querermos entrar na questão que se ventilava dos direitos de um sobre o outro, e pelos desejos que tinhamos de seguir, offerecemos ao que se dizia senhor, dar-lhe tambem alguma cousa para deixar seguir o homem, mas elle só o consentia se o comprassemos!

Confessâmos que nos surprehendeu a submissão de um e a susceptibilidade e rigores do outro! Mas á cautela, — embora os pedidos do que se dizia escravo para que o resgatassemos, pois dizia que ia ser castigado, e pensando que elle nos fugiria antes de vinte e quatro horas para o seu antigo senhor — agradecemos a offerta e tratámos de arranjar outro homem.

Seguimos ás onze horas e meia, e ainda não tinhamos completado 1 kilometro de marcha, encontrámos a cadeira no meio do caminho! Como os carregadores não apparecessem, os da nossa rede encarregaram-se de a transportar.

Fomos a pé, e ao meio dia e meia hora entrámos em Mussangano, onde já todos descançavam, dispostos a acampar.

Veiu Braga, que ahi nos aguardava, prevenir-nos que Muene Canje estava no Anguvo desde a vespera á nossa espera.

Apresentou-se o soba a pedir para ali ficarmos e dormirmos a noite descançados, respondemos não ser possivel, porque Muene Canje nos esperava no Anguvo. Isto foi de grande ef-

feito, porque logo se dispoz a acompanhar-nos e só pediu nos demorassemos para elle mandar amarrar um boi com que queria presentear-nos e que ia fazer seguir para o acampamento.

Custou-nos a convencer a comitiva para continuar a marcha e a contractar quatro homens para transportar a cadeira até ao Cuango, mesmo por uma peça cada um; mas á uma hora seguiamos nós atrás da comitiva e ás tres acampavamos.

Effectivamente Muene Canje estava na povoação do Anguvo e pouco depois de chegarmos ao acampamento, mandou cumprimentar-nos, e dizer, que não vinha já por saber que deviamos estar muito occupados a accommodar a gente e as cargas.

Ao soba de Mussangano e outro sobeta que nos acompanhou e nos presentearam cada um com um boi, correspondemos com fazendas e polvora no valor approximado de 9$000 réis para cada um e compraram-se mais dois bois em valores approximados a 16$000 réis, com a condição de serem levados ao Cuango. Eram dos maiores que até ali tinhamos comprado.

O local em que se fez o acampamento era o mesmo, em que estivemos na outra viagem. Era mau, por ser um covão muito arborisado, acrescendo agora estarmos mais apertados e o solo muito mais encharcado pelas chuvas dos ultimos dias.

Depois de termos feito distribuir as rações ao pessoal e jantado, sentiu-se perto do sol posto grande alarido e assobios. Era Muene Canje que se approximava.

Vinha numa rede com guisos e campainhas, rodeado de muita gente que aos saltos, correndo, berrando e assobiando, afastavam tudo quanto encontravam no nosso acampamento para darem livre passagem ao potentado.

Muene Canje era homem dos seus sessenta annos, baixo, robusto, bem conservado, mostrando ter bom passadio, de parecer agradavel, olhos pequenos, modo insinuante e fallando pausadamente; indicava ser intelligente e apresentava-se a seu modo aceado e bem vestido, trazia camisa limpa e vinha envolvido num bom panno de lenço e sobre a cabeça trazia a tal cajinga que temos figurado nos potentados d'estes povos.

Recebemo-lo á porta da nossa barraca, onde lhe offerecemos

uma cadeira na qual se sentou, e no que se não desmandou, ao contrario, fez-nos suppor que estava habituado ao seu uso.

Restabelecido o silencio e estando todos em redor de nós, disse elle que folgava ver ali nas suas terras dois filhos graduados de seu amigo Muene Puto; que de proposito saira da sua ambanza para nos ver, conhecer e agradecer pessoalmente o signal de amizade que lhe enviaramos; que certamente Muene Puto nunca fôra informado que nelle tinha um bom amigo e dos serviços que elle prestára aos seus filhos nas guerras de Cassanje; que a elle, o jaga Ambumba na ultima guerra lhe offerecêra valores importantes para lhe entregar os filhos de Muene Puto, que se haviam refugiado na sua povoação e elle rejeitára taes offertas declarando-se tambem filho de Muene Puto, e que tratára de fazer acompanhar aquelles pela sua gente até Malanje, através de caminhos não trilhados, por detraz da serra de Andala Quissúa e já em terras da Jinga; que se tinha lembrado muita vez que se Muene Puto estivesse ao facto da sua lealdade, certamente teria mandado para a sua ambanza uma feira de negociante com chefe e soldados como tem havido em Cassanje, apesar dos crimes dos Jagas; que algum negocio que vinha do Lubuco passava hoje pela sua ambanza e que por falta de casas ahi, seguia para deante; que muito estimava nos tivessemos lembrado de passar pela sua terra e podessemos ter occasião de informar Muene Puto d'estes factos, pois estava certo que elle sabendo-os, mandaria aqui fazer uma casa para os seus filhos brancos ensinarem os d'elle a fazer boas lavras e bom commercio.

Este foi o assumpto principal a que deu grande desenvolvimento, e quando elle terminou, agradecemos a sua visita e dissemos-lhe que em verdade não conheciamos o que nos contava e ignoravamos mesmo, as suas boas disposições para comnosco, e se as conhecessemos, teriamos ido de proposito do Luí visitá-lo e pedir-lhe até alguns filhos para nos transportarem cargas para a Lunda; mas que quando escrevessemos a Muene Puto o informariamos que Muene Canje era seu amigo e o fariamos sciente dos desejos que acabava de manifestar.

A Braga, que estava presente, perguntou, qual a rasão porque não tinha dito os serviços que lhe devia seu tio, ao que este respondeu não ter tido occasião, e informou-nos depois, que seu tio fôra um dos officiaes moveis a quem Muene Canje protegera na volta para Malanje depois da derrota de Cassanje.

Interrogou-nos depois sobre differentes cousas relativas a Muene Puto, seu governo nas terras, o numero de mulheres que tinha, as suas guerras, etc. Quando retirou já era noite, ficando de voltar no dia seguinte de manhã, e pediu-nos que não partissemos, pois tinha mandado vir do seu sitio duas cabeças de gado que desejava acceitassemos para alimento da nossa gente.

Sabendo que elle não pode comer nem beber deante de seu povo, démos-lhe á despedida quatro garrafas de aguardente para beber quando lhe appetecesse, o que muito agradeceu.

Na vespera do Natal durante toda a noite, foi uma tempestade!

A muita chuva e a noite que era, contribuiu para nos lembrarmos do nosso pessoal permanente e para que não houvesse selecções, a todos se mandou distribuir a titulo de gratificação, uma porção de aguardente por companhas. Succedeu, porém, que uns beberam mais que outros, e a certas horas era uma inferneira que ninguem se entendia; questões, berrarias, tiros, assobios, gargalhadas nas cubatas por causa da muita chuva, e por cima de tudo o ribombar prolongado dos trovões.

Conseguiu-se prohibir os tiros, mas não se obteve socego completo e ainda assim melhor fôra que a bulha continuasse, porque esta ia cessando á medida que os carregadores iam fugindo por entre as veredas do matto, illuminadas de quando em quando pelo clarão dos relampagos.

Aproveitaram-se do mau tempo e de estarmos todos recolhidos nas barracas, para pôrem em pratica um plano, certamente de antemão combinado com os da localidade de Muene Canje, ou por elles só forjado com receio do povo d'elle, dando em qualquer dos casos logar a que essa gente os substituisse no transporte das cargas para obterem alguma fazenda até ao Cuango; foi o que suppozemos quando logo de madrugada nos vieram participar as fugas que se contavam já.

Mal se via, e já Anguvo, soba da terra, nos vinha visitar e offerecer-nos os seus serviços para que as cargas não fossem abandonadas e assegurando-nos que contassemos com a sua gente para as transportar. Agradecendo, respondemos que esperavamos por Muene Canje e com elle nos entenderiamos a tal respeito, não desprezando porém a offerta de seus filhos.

Ás oito horas appareceu Muene Canje, principiando por dizer que já sabia tudo, mas que descançassemos que tudo se arranjava; que elle era nosso amigo.

Entreteve-se até ás dez horas, vendo as nossas differentes armas e revolveres, o modo de os armar e desarmar, ouvindo tocar harmonica, tambor e cornetas, quiz que se lhe mostrasse a bandeira e os nossos uniformes e estavamos vendo quando começariam as exigencias, mas enganámo-nos; depois de varias perguntas a que respondemos terminou a sua visita, ao perceber movimentos para almoço, offerecendo-nos duas boas cabeças de gado que chegavam na occasião.

Agradecemos o presente, pondo um bom chaile sobre os seus hombros e convidando-o para comer comnosco. Sorriu-se, dizendo que nós bem sabiamos que elle não podia acceitar por os seus usos o não permittirem, mas que voltaria depois para tratarmos com socego dos carregadores de que careciamos.

Estavamos inscrevèndo os nomes de alguns carregadores da povoação de Anguvo, que se apresentaram a pedir serviço, mas a confusão de cargas que passavam de um para outro lado e de outros carregadores que iam fugindo era tal, que mandámos suspender o trabalho para apurarmos o numero de carregadores que precisavamos. Afinal todos iam na abalada menos dez do Ambango!

Podiamos mandar dar uma descarga sobre os fugitivos que ainda vimos seguir por entre o arvoredo, mas isto não melhorava a nossa situação e compromettia de uma vez o preceito que a nós mesmos haviamos imposto; por isso procurámos socegar, e fizemos reunir e cobrir com oleados todas as cargas, pois ameaçava chover e a saida neste dia era já impossivel.

Os taes dez do Ambango que restavam, disseram-nos terem receio de ficar ao nosso serviço, pois seriam enfeitiçados pelos que fugiram, ou maltratados pela gente de Muene Canje.

Dissipámos-lhe os terrores e pareceu ficaram mais tranquillos.

Muene Canje e Anguvo vieram já de tarde, com os seus molhos de palhinhas, representando cada uma um carregador que apresentavam, e vinham para tomarmos os seus nomes; ficaram estes de receber no dia seguinte as cargas, e com ellas, quatro jardas de algodão cada um, devendo os potentados assistir ao pagamento e fazer seguir as cargas.

Os potentados retiraram, pedindo que socegassemos o resto do dia, pois elles nunca consentiriam que as cargas ficassem ali no mato e Muene Canje acrescentou: — aquelles tratantes que atraiçoaram os filhos de Muene Puto e assim procuram desacreditar as minhas terras, hão de pagá-lo bem pago.

Agradecemos-lhe o interesse que mostrava por nós, não obstante chegarmos a desconfiar, ser elle a causa voluntaria ou não, da partida que nos fizeram e que nos prejudicava pelo menos em 90$000 réis, porque entre os fugidos iam trinta dos contractados para a Mussumba do Muatiânvua.

Se elle realmente era o auctor da tramoia, de tal modo se apresentava que nós ainda tinhamos de aparentar que lhe estavamos agradecidos!

Entendemos ser mais conveniente para ambas as partes, fazer de conta que nada percebiamos e que muito tinhamos a agradecer á sua boa amizade, fazendo-nos sahir d'aqui mais depressa do que conseguiriamos sem o seu auxilio.

Quando retirou, mandámos retribuir o seu presente do gado não como pagamento mas como dadiva de bons amigos.

Depois do jantar, distribuimos aguardente á nossa gente, mas foram taes as bebedeiras, que protestámos nunca mais o fazer, e resolvemos acabar a aguardente no Cuango. Felizmente estes desmandos não produziram outros effeitos senão gritaria e assobios, que ainda assim nos incommodaram bastante.

Na madrugada de 26, appareceram Muene Canje, Anguvo e os carregadores e immediatamente se tratou de dividir a fa-

zenda em pannos de quatro jardas, e os potentados mesmo, se encarregaram de entregar cargas e pagamento aos carregadores, que iam logo seguindo para o Cuango. Sizenando Marques que nos havia auxiliado nos pagamentos, quando já contavamos com cargas a caminho, partiu, e nós só o pudemos fazer ás dez horas e meia, depois de tudo concluido e de ter dado gratificações a Muene Canje e a Anguvo.

Muene Canje, dizia-nos por ultimo: — que façam bem a sua viagem é o que nós desejâmos; emquanto aos meliantes que os atraiçoaram, vou dar providencias para que me paguem parte do que receberam, quando não seja em fazendas, será em gado.

Os meus amigos vão partir, não se importam já com o que se passou, mas eu é que não posso admittir que me desacreditem as terras, e por isso vou exigir-lhes que me paguem a mim os seus crimes para com Muene Puto[1].

Á despedida disse-nos ainda: — nada temos pedido ao nosso bom amigo *Angana Majolo,* e agora desejava uma recordação da sua passagem por as minhas terras; dê-me esse chapellinho de sol, para eu sempre ter em lembrança o meu amigo.

Era um chapellinho de seda côr de vinho, que démos de bom grado, só para nos vermos livres do sitio e de tantas vicissitudes, e partimos eram dez horas e meia.

Durante o trajecto, que fizemos quasi sempre dentro de agua pelo menos a cobrir-nos os pés, iamos recordando as peripecias d'esta viagem a contar do Luí, que tão felizmente fizeramos duas vezes antes, e occorre-nos o aviso de Custodio Machado, que teriamos de luctar com difficuldades se conseguissemos passar segunda vez o Cuango e que todas as contrariedades haviam de ser preparadas pelos Bângalas.

Emfim, diziamos nós, tudo podia ter sido muito peor se não fossemos prudentes e lembravamo-nos que Otto Schütt, depois de haver pago bem caro a passagem do Cuango, retirára sem mesmo a ter tentado.

---

[1] De facto, soubemos mais tarde, que recebeu de todos os sobas, cabeças de gado, pelo seu atrevimento em enganarem Muene Puto.

NA MARGEM DO CUANGO

Já passava da uma hora da tarde quando chegavamos ao acampamento, que o sub-chefe havia mandado fazer a um kilometro de distancia do porto do Cuango, que ficava abaixo de nós, e além das povoações do Mussengue, Mulumbo e Zunga.

Immediatamente fizemos reunir as cargas, e despachámos os nossos carregadores para não nos exigirem rações.

Vieram vizitar-nos logo, os tres sobas vizinhos e o Zunga; démos-lhes quatro garrafas de aguardente, dizendo a este que não nos haviamos esquecido da encommenda que havia feito quando d'aqui retirámos. Mostrou-se muito reconhecido, observando aos seus companheiros que Muene Puto era um bom amigo e só tinha uma palavra.

Depois dos cumprimentos do estylo, tratámos de providenciar sobre a melhor disposição do acampamento, e das rações para o pessoal, fazendo matar uma rez e vigiar a sua divisão, de modo a não haver razões de queixa.

Mandámos depois Jayme e Braga tratar com Zunga e Mulumbo a respeito da passagem do rio, e estes responderam-lhes que o porto já fôra comprado por Muene Puto, que elles agora não eram mais que escravos para executarem as nossas ordens; que ordenassemos quando queriamos as cousas, que elles viriam immediatamente para o nosso serviço e que nada tinhamos a pagar.

Era tarde para tratar d'isso na occasião, e por consequencia deliberámos effectuar a passagem no dia seguinte.

Logo ao principio, dois homens da comitiva de Cáhia para a Mussumba, vieram prevenir-nos que o encarregado de os vigiar, o seu chefe, se preparava para fugir durante a noite, pois não queria passar o Cuango, mostrando-se receoso da gente do Capenda na outra margem.

Mandámos amarrá-lo e collocar sentinellas á porta da sua cubata, para o vigiarem. Os nossos estavam já com receios de um levantamento, e os que nos avisaram ficaram arrependidos; porém não fizemos caso nem de uns nem de outros.

Não fugiram os do Cáhia, porém durante a noite desappareceram oito do Quijica, contractados nas mesmas circumstancias, deixando-nos um prejuizo de 40$000 réis.

Haviamos escripto, a José de Vasconcellos, na margem opposta, para que fizesse saber ao ajudante que estavamos ali, e nos mandasse de madrugada a nossa canôa «Nossa Senhora dos Martyres», para se abreviar a passagem.

Durante a noite ordenámos rondas pelo acampamento e não houve novidade, mas logo de madrugada os companheiros do preso pediram a sua soltura, e como não annuissemos, ás dez horas e meia quando os chamámos para embarcarem com elle, já não foram encontrados, haviam fugido.

Era um prejuizo de mais quinze carregadores, e que receberam em pagamento o valor correspondente a 90$000 réis.

Quantos contratempos! Uns em seguida aos outros! Mas prosigamos.

Chegou a nossa canôa, e o preso desamarrado, lá foi escoltado para a estação Costa e Silva, declarando sempre que os seus

voltariam ao serviço, pois não retiravam sem elle. É possivel, mas por causa das duvidas foi recommendado á policia da Estação.

Até ás duas horas da tarde a canôa esteve passando cargas para o outro lado, e até então não appareceram as do porto.

Vindo procurar-nos a essa hora o Zunga, mostrámo-nos zangados com elle porque as suas canôas não haviam feito serviço algum, e lá foi com o nosso interprete para o porto para as chamar. Appareceram; porém pouco fizeram, pois ás tres horas mandámos dar descanço á nossa gente, e os das canôas entenderam tambem não trabalhar mais.

Para acabar de uma vez com as bebedeiras, mandámos distribuir o resto da aguardente que tinhamos, pelos tres sobas, e como estes depois viessem agradecer e apresentar-nos as suas mulheres, ainda os contemplámos com uma porção de missanga para distribuirem por ellas.

Apresentára-se um enviado de Mueto Anguimbo, lembrando-nos o nosso compromisso de o visitar. Não nos sendo possivel lá ir na occasião, desculpámo-nos, ficando de ir vê-lo depois de estarmos na Estação, e para o não descontentar enviámos-lhe um presente.

Vieram presentes dos sobas, consistindo de gado, a que correspondemos, e todos elles pediam para tomarmos os nomes dos filhos que os acompanhavam, e dar-lhes um pedaço de fazenda, para levarem as nossas cargas do outro lado do rio á Estação.

Sendo de conveniencia entretê-los, emquanto se iam passando as cargas que estavam no porto para a margem direita, respondemos que só no dia seguinte tratariamos d'esse serviço.

Occorreu-nos durante o jantar, que estando o céu limpo de nuvens o luar devia de ser esplendido, e que trabalhando com vontade os nossos homens, durante a noite poderiamos passar todas as cargas para o outro lado, sem que o percebesse a gente das povoações.

Chamámos os homens de mais confiança e promettemos-lhes uma boa gratificação, se levassem a effeito o nosso plano, e como

todos se dispozessem a isso, e pelo acampamento ainda se encontrasse gente estranha, que geralmente se demorava até ás sete horas da noite, para que não houvesse desconfianças, mandámos matar um boi e distribuir rações, no que se entreteve o pessoal.

Quando já eram horas de todos estarem recolhidos, e que todas as nossas cousas estavam devidamente acondicionadas para serem transportadas, começou a faina no maior silencio. Sizenando Marques foi para o porto para dirigir o serviço da canôa, e nós ficámos com um grupo até á ultima, fazendo seguir as cargas para lá.

Passaram primeiro os bois, depois as mulheres e crianças e em seguida as cargas, principiando pelas mais pesadas.

É muito difficil conseguir-se que o preto trabalhe de noite, mas não pode imaginar-se o silencio e boa vontade com que todos porfiavam em concorrer para o bom exito de uma rapaziada, cujos effeitos de madrugada já todos calculavam, por conhecerem bem o Zunga.

Por ultimo abateram-se as nossas barracas e seguimos para o porto era meia noite. O trabalho tinha corrido animado, e o empregado europeu surprehende-nos com uma boa chavena de café.

A carga era muita e por vezes os remadores tinham afrouxado, pois não estavam acostumados a serviço de noite. Rendiam-se porém e faziam-se então duas ou tres viagens animadamente.

Ás cinco horas e meia passavamos nós, na supposição de que a canôa só teria de voltar uma vez a buscar cinco homens que mandáramos esperar entre o arvoredo, um pouco mais a sul do porto, mas enganámo-nos; porque como succede numa expedição grande, ha sempre uns ralaceiros que se desmandam e com quem se não pode contar, que se afastam do local em que se trabalha, para se deitarem de barriga para baixo, a dormirem tão socegados como em suas casas em tempo de paz. D'estes lá estavam, muito bem descançados, uns tres soldados inconscientes da falta que lhes poderia ter sido preju-

dicial, se os povos a quem procuravamos ludibriar fossem tão selvagens e maus como elles proprios diziam.

A canôa teve tempo de voltar duas vezes, mas ainda appareciam d'aquelles sujeitos a quem nada dava cuidado.

Até que emfim assomou o Zunga no alto do morro, onde chegou ás carreiras, acompanhado de um rapazito.

Estava espantado, dava-lhe então o sol de chapa, e nós de oculo em punho, analysavamos a scena que ia dar-se. Olhou para um e para outro lado como quem procurava ver onde nós estavamos, e não nos achando, começou nos saltos e berreiros do costume, com o pequeno pau na mão direita ameaçando tudo e todos, e dando comnosco na margem de cá, começou vociferando desesperadamente contra o *Belaga* que havia enfeitiçado o seu amigo Muene Puto.

Belaga, era o negociante Braga, que está apparentado com Zunga porque tem filhos de uma filha d'elle.

Com um grande movimento de braços, fez o seu discurso, intercallado com gargalhadas e outras vezes com gritos de lamentação, e o que se lhe ouvia pode reduzir-se ao seguinte: — Que se levantára muito cedo para ir cumprimentar o seu amigo Muene Puto, e apresentar-lhe primeiro que todos os seus rapazes para principiar o serviço das cargas, e que andára por toda a parte á procura do nosso acampamento e não o achou; que veiu a correr, lembrando-se que estariamos no porto e não viu nada; que isto era um feitiço do malvado Belaga; que elle era muito amigo de Muene Puto e trazia todos os seus rapazes para levarem as cargas muito bem a Mona Samba; que ao Belaga se elle lá voltasse lhe tiraria a pelle, etc.

De cá a hilaridade era grande, e convindo entretê-lo no logar em que estava, emquanto a nossa canôa passava o resto dos retardatarios, começou a troça: — Ó Zunga, para que dormiste tanto, bebeste muita aguardente? Para a outra vez toma mais cautela. Muene Puto não dorme, não precisa das tuas canôas, vae para o pé das raparigas, adeus, etc., etc.

O homem de quando em quando lá se ria, e como começasse a vir gente das povoações, que surprehendida pelo nosso

desapparecimento, se encaminhava para o porto, Zunga desceu, e com o pausinho procurava entre o capim, na praia, a ver certamente se encontrava alguma carga ou algum objecto que ahi tivesse caido, e nada encontrando voltou-se para nós em grande grita: — Que não eramos amigos d'elle e elle era muito amigo de Muene Puto.

Como nesta occasião nos entregassem uma chavena de café, retorquimos-lhe que se era nosso amigo viesse tomar café na nossa companhia. Grande gargalhada do homem, que despertou novamente a hilaridade dos nossos.

Um dos soldados que estava entre o arvoredo, appeteceu-lhe fumar, e não tendo fogo, entendeu por bem ir ao logar onde estiveramos de noite, procurar uma braza, importando-se pouco com a quantidade de povo que já ali estava á roda de Zunga, e quando voltou ao seu antigo pouso, já se vê, foi seguido pelos curiosos e lá foi tambem Zunga ver o que se passava para ali.

Entre a nossa gente, estava um rapazito de Braga, de quem elles queriam lançar mão para o ajuste de contas, porém os nossos não queriam nisso consentir, e receando houvesse algum conflicto, Sizenando Marques e o empregado europeu, foram na canôa para o evitar e fazerem seguir a nossa gente.

Zunga continuava berrando, que fôra atraiçoado pelo Belaga, porém chegando Sizenando Marques calou-se, fez os seus protestos de amizade a Muene Puto e limitou-se a pedir um pouco de tabaco para o seu cachimbo, e que Muene Puto désse passagem na canôa a dez rapazes que trouxera para levarem cargas. Fez-se-lhe a vontade.

Chegados os rapazes á nossa margem, gritou de lá o Zunga: — Levem muito bem as cargas do meu amigo Muene Puto. O meu amigo trate bem os meus rapazes; não acredite na amizade dos Maxinjes; se precisar de alguns serviços mande-me dizer; o porto e as minhas canôas são de Muene Puto, e que o Zâmbi os acompanhe a todos e que cheguem bem, adeus; e retirou.

As cargas iam seguindo para casa do negociante Custodio Machado, onde tencionámos pernoitar e ainda nos appareceu

PASSAGEM DO CUANGO — ZUNGA DESESPERADO

Molumbo, irmão do Zunga, pedindo para darmos cargas a oito rapazes que o acompanhavam, a que annuimos porque careciamos de carregadores.

Havendo ficado do outro lado um dos bois que na vespera se haviam comprado, e que fugira de noite, recommendou-se a Molumbo que o mandasse agarrar e que nós gratificariamos quem o trouxesse.

Ainda estavam muitas cargas na praia, mas como se mandára pedir a José de Vasconcellos que contractasse Xinjes vizinhos para as virem buscar, ficou o empregado e dois soldados para as vigiarem, e nós partimos depois das nove horas, chegando a casa de Vasconcellos ás onze horas e meia, muito fatigados, já da noite perdida, já da marcha nos primeiros dois kilometros a pé entre o capim e atravez de charcos.

Os rapazes do Zunga, chegando áquella casa, quizeram largar as cargas. Lembrámos-lhe que o seu contracto era levarem as cargas a Mona Samba e nessa conformidade estavam pagos cinco. Como não quizessem seguir, resolvemos que os cinco dessem metade do seu pagamento aos outros cinco. Elles não esperavam esta resolução e começaram num berreiro, dizendo que iam matar o nosso boi e deitaram a fugir.

Como o appetite era grande e o almoço estivesse prompto, emquanto Vasconcellos pagava aos Xinjes, tratámos só de nos lavar e fomos para a mesa, onde elle teve tambem um logar ao nosso lado.

Depois do almoço deitámo-nos, e este repouso foi-nos muito benefico. Havendo transpirado muito e precisando mudar de roupa, procurou-se a mala da roupa de flanella; estava arrombada. Grande roubo se lhe havia feito e tambem por gente de Ambango; pagámos assim a nossa falta de criterio em consentir que as bagagens ficassem uma noite inteira em poder de gente que não conheciamos.

Estas lições que doem, diziamos para nós mesmos, são as mais proveitosas, seremos d'ora avante mais cautelosos.

Precisavamos de algum descanço e de estarmos tranquillos, livres por alguns dias de importunos, e mesmo de nos isolarmos

para pôr em dia os nossos diarios, e fazer a correspondencia para a metropole, e por isso aproveitámos o bom quarto que nos offereceu José de Vasconcellos e encarregámos este de ir fazendo seguir as cargas para a Estação, resolvendo demorarmo-nos aqui até ao fim do anno.

Além d'isso, esta viagem tão cheia de peripecias e contrariedades, alterára muito a nossa saude, e achavamo-nos achacados de indisposições de ventre e febres, portanto ali e muito melhor do que na Estação, onde nos aguardavam, como de costume, importunos e novidades, nos podiamos medicar convenientemente.

O que não pudemos foi esquivar-nos a receber o mais importante Muana Angana da povoação proxima, Muana Quinonga, primeiro marido que teve Muana Mahango e que era pae do futuro Capenda Camulemba, Mona Macanzo, que pouco depois de chegarmos nos mandou de presente uma vacca, mas combinámos com José de Vasconcellos, para os dispor áquella e outras visitas, a que nos procurassem depois de jantar allegando os serviços que tinhamos a fazer durante o dia.

Informado de que Muana Mahango dera ordem á sua gente para não irem vender mantimentos á Estação, apressámo-nos a escrever-lhe, informando-a da nossa chegada, da demora que aqui teriamos e pedindo-lhe que revogasse aquella ordem.

Diziam as cartas que ella nos enviou, e que aqui transcrevemos, que a ordem não era para se prohibir a venda de generos e sim que fosse gente sua á Estação, porque poderia faltar alguma cousa aos nossos e Muene Puto desgostar-se.

De Muana Mahango ao chefe da Expedição.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Major.—Recebi pelo seu portador José, uma peça de chita, uma dita de riscado, um barril de porvora que me mandou, mas isto por lhe informar das ordens que eu publiquei pois, tenho a dizer ao sr. major, que ordenei que publiquei não é porque desgostei com viagem que a sua Senhora Rei de Sua Magestade lhe encarrega marchar e porque a chigada do sr. Capitão não o tratei mal, nem elle, mas havia começo de aver desculpas do ourobo, por parte da minha gente e como vi que ha muita gente com cargas é por isso, dei ordem da minha gente a não

ir no acampamento porque no muita confusão é por onde tem havido do ourobo e não para não os vender de comer como falei-lhes vieçe na senzalla a comprar; como levam moneas ao sr. major opois vortam os objectos porque não tem crime para o sr. major pagar-me espero coisas de offertas, como parente do mesmo Rei do Muatahiamvo, pois o sr. Capitão não quer que o povo d'elle que viece na senzalla, o quer é minha gente ir no acampamento e eu não quero para logo aver dezorde e para invitar as consequencias faço o meu asogue para todos e todos compram ahi, a loba de povora avinha sem ser cheia por isso lhe faço ver para não desculpar com meu portador.

Sou de V. Ex.ª, veneradora, *Muana Mahango e Mona Candalla*, seu d'elle.

Ill.mo e Ex.mo sr. Major Henrique de Carvalho.—Recebi a sua carta em resposta á minha, onde se dignou dizer que estava passando mal de saude e vai já bem.

Eu lhe fiz vortar o mimo que me mandou, como ontem já lhe fiz ver, mas como era de mimo eu recebeu, que isto não ha mais nada.

Melhor era que chegaçe nesta sua digna Banza que a vista faz fé, mesmo eu que sou amazio della não estive incaza ontem e que cheguei encontrei já estas borradas o que meu major extranha; nós agradecemos d'esta sua viagem ninguem ambiciona visto estar segundo ao nosso Rei, depois que me trata bem em razão de ser já pertencente do mesmo Rei lhe peço agradecer, nós tudo o mesmo, e os portadores entregar o mimo e fico-lhe muito obrigado. Sem mais desejo-lhe saude, venha depressa cá o espero que a caza está ás suas ordens.

Sou de V. Ex.ª, *Mona Quienza*, barrigão de Muana Mahango.

Tambem Cáhia Cassáxi nos escreveu e nos fez apresentar os rapazes que fugiram, mas com estes não contámos mais, porque não convinham, e elles certamente vieram apenas para acompanharem o preso, até que podesse evadir-se com elles.

A nossa communicação para o Ministerio, limitou-se a dar conta da viagem da Estação Paiva de Andrada até aqui, e nada mais era do que a narração exposta.

Do soba Cáhia ao chefe da Expedição.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Majolo.—No dia 29 appareceram os meus filhos que eu redava como serventes de revar a sua carga, os porgundei que os faria vir, me contou o seu irmão Quipago foi prezo por isso nos fugimos, como não roubamos nada e sim nada pois viemos.

Eu como sou pessoa de considerar mandei vortar meus filhos houtro atraz hoje que vão no manto do nome Caira, eu vou rá por 8 dias o 9 dia rá me tem eu ir farar meus filhos,

Banza, 31 de dezembro de 1884. — De V. S.ª seu alto venerador creado, amigo. = Soba, *Caia de Cassaxi.*

Em 31 de dezembro, as febres que tinham augmentado prostráram-nos na cama durante o dia, e só nos permittiram que á noite nos levantassemos e encerrassemos o nosso diario do seguinte modo:

«Calculámos pela estima ter passado o Cuango a 8° 21′ 51″ de lat. S., a 17° 20′ 50″, de long. E. de Greenwich, e á altitude de 690 metros acima do nivel do mar.

Temos pois caminhado para norte e leste mas descemos para uma depressão a contar de Catala onde termina o planalto de Malanje nesta direcção, isto é, baixa o terreno a contar de Catala, na altitude 1:260 metros e num percurso de 190 kilometros, 570 metros, ou 3 metros por kilometro.»

Era meia noite em ponto, terminavam os nossos trabalhos no anno de 1884, e exclamámos: — Oxalá que o que vem nos seja mais propicio para bem da nossa missão e do nosso paiz; e agora basta, consagremos alguns momentos á familia.

CITRUS MEDICA

CAPITULO IV

O QUE DEVE SER MALANJE

Naïaǧako mu isuko, kinimenepe nama; diamačiko niakokadĩ ape kŭaburo najipe. «Fui lá no mato não vi caça, ámanhã vou lá ainda, pode ser que mate. — Quem porfia mata caça».

Orographia do planalto de Malanje; sua meteorologia comparada com a de Loanda — Saneamento por meio do trabalhador africano — Considerações sobre os trabalhadores europeus — Situação do indigena, devido ás ambições dos estrangeiros — Aproveitamento dos indigenas na administração provincial; facto comprovativo da influencia que sobre elles exercemos. Necessidade de educar devidamente os povos que nos são sujeitos, como elementos indispensaveis para a exploração e aproveitamento das riquezas naturaes nos nossos dominios — Organisação do governo do districto de Malanje — As missões civilisadoras e de instrucção e protecção aos naturaes — Methodo a seguir no ensino; pessoal das missões; o missionario — Administração da justiça; tribunaes especiaes para o gentio — Força militar agricola; Moveis ou segunda linha; serviços que lhe pertencem; força policial — Intervenção dos sobas na administração local — Contribuições; melhoramentos publicos; pessoal do governo do districto; receita — Necessidade da creação do novo governo nos confins da provincia de Angola para efficazmente contribuir a dilatar e a assegurar o dominio de Portugal através do grande continente.

OROGRAPHIA DO PLANALTO DE MALANJE

Havendo a nossa Expedição atravessado a região mais alta da provincia de Angola, limitada ao sul pelo rio Cuanza, chegando a Pungo Andongo, na altitude de 1:070 metros, dirigiu-se para leste até á Villa de Malanje que está a 1:154 metros, e se proseguisse pouco mais ou menos neste rumo, iria encontrar Cassanje na altitude de 950 metros. Seguiu porém para nordeste, atravessando as terras occupadas pelos Bondos, subindo ainda nos primeiros 50 kilometros a Catala, na altitude de 1:260 metros, para depois continuar, descendo, deixando Duque de Bragança a oeste na altitude de 1:060 metros, encontrando no seu percurso Cafúxi, baixa de Andala Quissúa a 832 metros, e Camávu, na margem esquerda do Luí, na altitude de 701 metros.

Descaiu depois um pouco mais a leste, para passar o Cuango no porto de Mueto Anguimbo, na altitude de 690 metros, mas se tivesse seguido para o norte, iria encontrar o rio Cugo,

na confluencia com o Cuango, numa altitude pouco inferior a 498 metros.

Em qualquer dos casos desceria sempre, o que mostra á evidencia que haviamos passado a divisoria occidental, e nos achavamos numa vertente que olhava a E. e N.-E.

Não ha duvída pois, que faz parte da nossa provincia de Angola o verdadeiro planalto do occidente da região austro-central do continente, d'onde a Expedição acabára de sair, e que nos corria o dever de o determinar topographicamente, e de o occupar definitivamente, aproveitando todos os recursos que elle nos offerece.

Se suppozermos esta região coberta por planos tangentes ás cotas conhecidas e cortada por outros planos verticaes, passando pelos pontos cotados até tocar no nivel do mar, obteremos diversos solidos imaginarios, em que as arestas formadas pelo encontro dos planos verticaes com os planos de tangencia, nos mostram as altitudes dos logares designados, e a juncção dos planos de cobertura, darão arestas e goteiras, cujas direcções, embora descaindo de um modo geral para norte, leste e oeste, dão aos planos inclinações, que teem a sua maior queda para leste, sobre o rio Cuango.

A cobertura imaginaria d'este solido, suppõe-se terminar lateralmente nos planos verticaes, que passam pelos pontos que conhecemos de maior altitude, e caem sobre o plano, que passa pelo nivel do mar, figurado no esboço, pelas linhas de pontos pretos; por isso os planos que olham a sul, se fossem transparentes, deixariam ver a disposição do terreno, que destacâmos com uma côr escura.

Se examinarmos superiormente na disposição da cobertura, a luz que a illumina, distinguiremos perfeitamente que na região figurada, e de que nos occupámos nos capitulos anteriores, a parte mais alta é a que se apresenta formando um quadrilatero, cujos vertices são pela ordem das cotas, Catala, Pungo Andongo, Duque de Bragança e Cafúxi, inclinando portanto para norte e tendo maior queda para Cafúxi. A este quadrilatero se reunem os triangulos contiguos, o do lado do oeste,

formado pelos vertices, Malanje, Pungo Andongo e Duque de Bragança, que inclinado um pouco para oeste descae mais para norte; o do norte formado pelos vertices Duque, Cafúxi e Cugo, que descaindo para norte inclina mais para leste, sendo portanto a aresta que liga o Duque com o Cugo, a cumieira d'esta cobertura, indicando que as terras de nordeste que sobem até ella, começam a descer por diversos planos, como degraus de differentes alturas até ao Cuango; o de leste, formado pelos vertices Catala, Cassanje e Cafúxi, descaindo para leste inclina mais para noroeste. Mas este ultimo, se tivermos em attenção que o Duque está mais elevado que Cafúxi, pode desdobrar-se em um outro plano, o qual se reconhece ter inclinação ainda para nordeste.

Todos os outros planos que se seguem para o norte d'este, inclinando ainda para o norte, descem mais precipitadamente neste sentido, como rodando pelo norte de Cassanje quasi até leste sobre o Cuango, illuminando-os por isso a luz.

A Expedição, seguindo o trajecto indicado pela linha carmim, como se vê, elevando-se até Catala, atravessou depois os valles d'ahi até ao Cuango, na epocha das chuvas, e por isso já encontrou no seu trajecto, charcos e pantanos, tendo de passar o rio Luí no fim de dezembro em canoa, quando no mesmo sitio em fins de outubro o passára a vau.

Comprehende-se bem, pelas proximidades dos rios Cuanza e Cuíji do itinerario da Expedição até Malanje, e pela direcção das correntes d'estes rios, que a queda do terreno para sul é insignificante, e de mais é sabido que o Cuíji passa abaixo de Malanje 20 a 30 metros a sul d'este logar. O terreno entre Malanje e Cassanje vae-se elevando para sul entre o Cuango e o Cuanza.

Tomámos um ponto do rio Cugo, por conhecermos as suas coordenadas e altitude, que foram determinadas pelos benemeritos exploradores Capello e Ivens, e essas pouco podem differir das da confluencia com o Cuango, vista a pequena distancia d'este ponto, e por ser o rio Cugo um limite natural ao norte da região de que nos occupâmos.

Este ponto, a 498 metros acima do nivel do mar, serviu-nos pois para marcar as maiores inclinações da nossa cobertura imaginaria para o norte.

A disposição das montanhas, e bem assim dos affluentes do Cuango, descaindo para leste ao mesmo tempo que seguem com as inclinações dos nossos planos para o norte sobre o rio Cugo, e os cursos dos rios Cugo e Lucala passando pelo norte do Duque de Bragança, indicam onde devemos encontrar a parte mais elevada d'esta região, e geralmente pela direcção das correntes do Lucala, a sul das terras do Duque e pelas do rio Cuanza, se reconhece onde ficam as terras mais baixas. Tambem os ramaes do sul dos rios Cuanza e Cuíji, e a direcção do rio Cuango e seus affluentes, Luí e outros mais para sul, indicam haver terras altas para este lado.

Portanto, a região que figurâmos, é a extrema do planalto occidental, limitada pelo Cuango a leste, pelo Cugo ao norte, pelas terras entre este e o Lucala pelo occidente, e tem para limite sul, em parte, os rios Cuanza e Cuíji.

Nesta região, as terras que se estendem para norte, entre Malanje e Cafúxi, isto é, as dos Bondos, são as mais altas a contar de Malanje, e por isso as denominámos — planalto de Malanje — que é preciso tornar bem conhecido e aproveitar-se, auxiliando a sua exploração.

No esboço topographico que apresentâmos, apenas marcámos os traços geraes para evitar confusões; porém nas considerações que faremos, como conclusão sobre o nosso modo de ver, com respeito a esta parte da provincia de Angola, olvidada por estar nos seus confins, e que é a porta para o centro sul equatorial do continente, reportâmo-nos ao que deixámos exposto nos capitulos anteriores, com respeito ao estado actual das povoações indigenas, modo de as aproveitar e de se organisar entre ellas uma administração local adequada ao meio tropical, tendo-se em vista interessá-las na administração geral da provincia.

Antes d'esse trabalho, porém, damos noticia do regimen meteorologico da região, comparado com o de Loanda, no littoral; do que é mais indispensavel para corroborar uma certa ordem

de considerações que justifiquem a exploração vantajosa de toda ella.

As observações meteorologicas da Expedição, referem-se ás Estações: Malanje, oitenta e nove dias, Cafúxi, trinta e dois dias, Camávu, vinte dias, comprehendendo o segundo semestre de 1884.

Embora estas observações fossem feitas com todo o escrupulo, e com instrumentos em boas condições, não são ellas em numero sufficiente para precisar definitivamente o clima das localidades a que se referem.

Se tivermos em attenção as altitudes, e compararmos as temperaturas nas tres estações, vê-se que na região mais elevada, Malanje, foi menor a temperatura, porém por outro lado, não devemos esquecer, que as observações foram feitas ahi de 11 de julho a 7 de outubro, emquanto que nas outras Estações o foram de 20 de outubro a 20 de novembro, e de 1 a 19 de dezembro. É de suppor que em Malanje nestes ultimos mezes, tambem a temperatura fosse mais elevada, o que iria influir na sua media, e não é menos certo que as temperaturas nas outras Estações, observadas no mesmo periodo, nos dariam uma media inferior [1].

Como este estudo seja simplesmente comparativo, diremos que Malanje, estando sujeita a uma variação de temperatura de 19° a 25°, tem um clima quente, mesothermico; Cafúxi variando de 22° a 25° está no mesmo caso, e Camávu variando de 23° a 27°, muito mais quente, é hyperthermico.

Não errâmos, cremos, classificando todos no limite maximo de climas hyperthermicos, tendo como modificadores para a salubridade, as altitudes e ventos predominantes das terras altas que os restringem, e outros que lhes são consequentes e beneficiam a producção.

---

[1] Só nos occupâmos agora de limites maximos e minimos, e de generalidades, a que somos levados pelos nossos diagrammas, que fazem parte de um volume especial com o titulo de *Meteorologia e Climatologia.*

E estes modificadores a favor da salubridade, tornam-se tanto mais attendiveis quanto se pronunciam nas quadras já caracterisadas pelas *carneiradas*, e pela variola nos indigenas.

Na maior altitude diminuiu a pressão, sendo em Malanje de 662 a 666 millimetros, ao passo que em Cafúxi foi de 689 a 693, e em Camávu de 700 a 704. Com o augmento da pressão apresentou-se o céu mais carregado de nuvens, o tempo escuro, chuvas, trovoadas, e humidades variaveis em Malanje de 60° a 89°, em Cafúxi de 71° a 92° e em Camávu de 71° a 88° de saturação; a tensão do vapor diminuiu, sendo de 11 a 20 millimetros em Malanje, foi de 6 a 9 em Cafúxi e de 7 a 10 Camávu; e o ozone ao contrario sendo de 0 a 4 em Malanje, registrou-se de 1 a 7 em Cafúxi e de 0 a 5 em Camávu.

A temperatura na relva, variando em Malanje de 4° a 16° centigrados, elevou-se com a diminuição da altitude, e á medida que proseguia a quadra quente, foi de 15° a 20° em Cafúxi, de 15° a 19° em Camávu, emquanto que na exposição ao sol decrescia a temperatura, a qual sendo em Malanje de 35° a 54°, em Cafúxi variou de 31° a 47° e em Camávu de 33° a 48° centigrados.

Pareceria que com as maiores pressões, humidade e chuvas devia diminuir a temperatura na relva, mas não succedeu assim por effeito dos modificadores, ventos e menos demorada exposição ao sol, nos logares assombrados.

Isto mostra que as terras, que são feracissimas, se conservam frescas, e que ha uma tal ou qual compensação entre as maximas e minimas temperaturas, que na região considerada variam de 20° a 30°, devendo ainda elevar-se e tornando esta região inhabitavel, se não fossem as altitudes e os outros modificadores favoraveis.

Vejamos agora o que se passa em Loanda, nos mesmos periodos de observações feitas numa altitude de $59^{m},25$ e á beira mar, estando numa latitude intermedia as extremas das Estações, 8° 48′ 45″.

Com relação ao periodo de Malanje, variaram: a temperatura media de 17° a 24°, a pressão de 755 a 759 millimetros,

a humidade de 71° a 91° de saturação, e a tensão do vapor de 14 a 19 meillimetros. Quer dizer, Malanje com o mesmo clima que Loanda, tem a seu favor pela sua maior altitude: menor pressão, menos humidade e menor tensão de vapor, acrescendo ainda que os ventos que predominam neste periodo em Loanda são do lado do mar, de norte a oeste, emquanto que em Malanje são de sul e sudoeste e já no fim, de noroeste, regiões de terras mais altas, e além d'isso regista maior quantidade de chuvas, de que tem havido carencia nos ultimos annos em Loanda.

Com respeito ao periodo de Cafúxi, de 20 de outubro a 20 de novembro, as temperaturas medias de Loanda variaram nos mesmos limites de 22° a 25°, e tambem Cafúxi, embora já com menos altitude que Malanje, apresenta-se em melhores condições do que Loanda; tem menor pressão, menor humidade e menor tensão de vapor, chuvas em maior quantidade, sendo ainda os ventos predominantes os das regiões altas, continuando em Loanda os do lado do mar, variando agora os de noite mais para sudoeste.

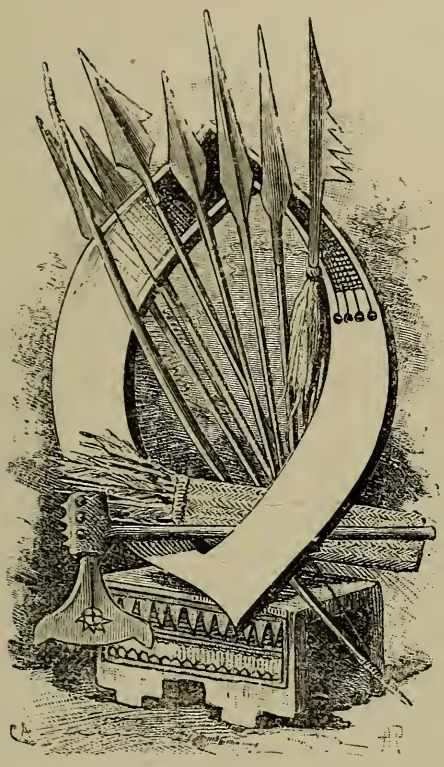
Camávu, ponto mais baixo das nossas observações, 523 metros inferior a Malanje, no mesmo periodo de 1 a 19 de dezembro e com a mesma temperatura media 23° a 26°,6 do que Loanda, pois que ali foi de 23° a 27°, offerece ainda como vantagem sobre Loanda, o ter menor pressão, menor humidade, menor tensão de vapor, chuvas e ainda os ventos que predominaram do lado do sul, emquanto que em Loanda continuaram os do mar.

Vê-se pois, por este resumido quadro de observações, que a região planaltica de Malanje entre os rios Çuanza, Lucala, Cugo e Cuango, sob o mesmo clima que Loanda, tem condições de habitabilidade e de producção muito superiores a toda a região que desce para o oeste até ao littoral, e que quando o caminho de ferro chegar a Malanje, será esta região muito procurada pelos europeus que pretendam beneficiar-se das influencias devidas ás más condições do littoral, sendo ainda assim indispensavel que se subordinem ás prescripções impostas pela

sciencia, com relação ás formulas climatologicas das diversas localidades d'esta vasta região, não inferior a 50:000 kilometros quadrados, e que necessariamente os governos hão de mandar determinar por estudos rigorosos e não interrompidos.

FLOR DO TABACO

SANEAMENTO



caminho de ferro, essa empreza grandiosa dos tempos modernos na nossa Africa, arrastando comsigo o capital e o pessoal dirigente, para o proseguimento de trabalhos agricolas, cujos ensaios estão progredindo nesta região, tanto nas pequenas como nas grandes culturas, ha de desenvolvê-los; e esses trabalhos hão de beneficiar muito as circumstancias do seu clima, que, se não puderem em principio tornar-se logo favoraveis á vida do europeu, se modificarão de forma que lhe permittam até trabalhar ali ao lado do indigena.

E não se diga que o proseguimento da empreza é para recear, porque, segundo os estudos dos engenheiros do governo e da companhia iniciadora d'esse caminho de ferro na provincia, ha toda a conveniencia em se prolongar a via até Malanje; sendo relativamente insignificante a despesa com as remoções de terras, e obras de arte que ha que construir, para atravessar a região planaltica de Malanje até ao Cuango. Como indica o nosso esboço, quer se siga o caminho da Expedição, quer se

vá mais pelo norte ou pelo sul, muito principalmente quando nos lembrarmos que sendo uma secção de pouco mais de 100 kilometros, é esta a que dará maiores interesses á empreza e rendimentos á provincia.

E não nos importe a construcção do caminho de ferro do Baixo-Congo a Stanley-Pool, que são mais uns tantos milhões de francos que se enterram naquelle Estado Independente nosso vizinho, sem que da concorrencia que elle nos procura fazer, redundem maiores prejuizos, do que os que já estamos soffrendo, pois que o acrescimo em milhões que improductivamente se vão dispendendo com tal Estado, serão causa do seu mais prompto abandono, e a justificação pratica do nosso proceder mais cauteloso em Africa.

Siga o nosso caminho de ferro até ao Cuango. Continuemos a interessar os Bângalas e os povos mais internados, como agentes do nosso commercio; e a borracha, esse unico artigo de valor cujas fontes não estão exhauridas de todo, não deixará ainda de vir para a nossa provincia, quando os artigos para a sua permutação cheguem a encontrar os seus mercados a par, nos encargos, com os similares que apparecem do norte [1].

Mas não é só por causa da borracha e mesmo algum marfim, que exista no seio do continente, e que agora se sabe existir nas margens do rio Cuango, que nos pertence e seus affluentes, entre as linhas de concorrencia que se tentam estabelecer contra nós, que insistimos pelo prolongamento do nosso

---

[1] Ao tempo em que estamos revendo este nosso trabalho, temos noticias de Malanje, que as comitivas dos concelhos de Malanje e Cassanje e vizinhos a oeste, que até principios do anno de 1889 continuavam a convergir para o Lubuco, não podendo já concorrer com os agentes do Estado Independente do Congo, se estão dirigindo para as margens do Cuango a norte do 6º lat. S. do Equador, onde os povos começaram a offerecer borracha e marfim em quantidade, pode dizer-se na nossa propria casa; e oxalá esta nossa nota seja motivo, para que os poderes publicos tenham em attenção o que propomos em resultado das nossas observações.

caminho de ferro até ao Cuango. Não, o nosso fim é outro; é mais vasto o campo em que assentâmos as bases do plano, para que julgâmos indispensavel essa construcção; não imaginâmos porém fontes fabulosas de rendimentos, cuja existencia só garantem os que pretenderam illudir o bondoso rei dos Belgas.

Creâmos as receitas, á medida que essa construcção se for desenvolvendo; uma medida ampara a outra, e para isso contâmos com o que a natureza nos offerece de bom: feracidade do solo, abundancia de boas aguas, a melhor disposição dos povos a nosso respeito, e esperemos que em troca de uma educação bem orientada, elles hão de empregar as forças da sua actividade em aproveitar os recursos naturaes, até agora não explorados devidamente.

O commercio, o intermediario das industrias, desempenhará então o seu papel, firmando-se em bases solidas, sem estar sujeito aos perigos e riscos com que tem luctado até agora.

Para a realisação do que se nos afigura lembremo-nos que querer é poder; e perfilhemos com fervor, com o mesmo enthusiasmo, com que foi proferida aquella phrase tão coberta de applausos de Antonio Augusto de Aguiar, que jámais pode ser esquecida, como elle, do mesmo modo nunca deixará de ser uma das glorias do nosso paiz: Nós queremos viver.

Vivamos pois.

Mas em Africa, quem quer viver não pode parar, procura conhecer todos os recursos que a natureza lhe offerece, e trata de os aproveitar devidamente.

A exuberante força vegetativa d'esta região, se por um lado é utilissima, é por outro o factor mais energico da sua insalubridade, e é esta insalubridade, que se deve procurar por todos os modos neutralisar ou attenuar. É ella devida á estagnação das aguas pluviaes, e ás que avolumam os rios na epocha das grandes chuvas, que não podendo achar escoante nas depressões, se vão nestas depositando.

Convenientemente dirigidas essas aguas, por meio de canaes ou de rasgamentos no solo, que as afastem, ou as lancem em reservatorios para depois serem aproveitadas; e nas margens

dos rios, pelo levantamento de açudes, bongues ou outras obras de arte, de modo que as aguas d'elles se não extravazem, os pantanos seccarão, os charcos deixarão de existir, e quando os raios do sol e a ventilação possam livremente exercer a sua acção benefica, o que era foco de infecção, se não for destruido completamente, neutralisar-se-ha, e as aguas poderão ser aproveitadas nas terras mais altas em culturas que hão de prosperar.

Mas são precisamente estes trabalhos, que por emquanto se não podem esperar, e seria mesmo falta de humanidade pretender exigi-los do europeu.

Os governos, os emprezarios, ou emfim quem pense de modo diverso e pretenda tentá-los com elle, reconhecerá o seu erro, pelos grandes sacrificios de vidas e despezas que farão improductivamente.

Tentativas d'esta ordem, teem trazido comsigo a timidez, o afastamento dos capitaes, a inacção em que, emfim, durante periodos mais ou menos longos temos deixado jazer trabalhos iniciados que promettiam bons resultados, continuando a viver inertes, se é que é viver, os povos indigenas, com o auxilio dos quaes os poderiamos ter feito proseguir.

Podem objectar-nos com o trabalho do europeu no littoral de Angola, referindo-se principalmente aos sentenceados; mas a isto respondemos com os obituarios, e com os vestigios de ruinas das grandes emprezas tentadas na provincia pelos nossos antepassados, e que já temos apontado no decorrer d'este livro, tudo devido á ignorancia das condições climatericas das localidades em que ellas se tentaram.

Nas suas conclusões com respeito á provincia de Angola, dizem muito judiciosamente os exploradores Capello e Ivens, no seu livro II, *De Benguella ás Terras de Iacca*:

«Conduzir estas (aguas) das nascentes dos rios, por systema combinado de irrigações nos sitios eminentes e salubres, aproveitando-as como elemento de vida para o reino vegetal e como poderosa força motora em milhares de industrias; esgotá-las sem custo, não consentindo estagnações; em summa, dominar

e dirigir as aguas do continente, é o que primeiro convem fazer, para o aproveitamento d'aquellas feracissimas terras nos locaes mais elevados.»

Mas estes trabalhos, são os indigenas quem os hão de fazer. Poderá esperar-se que o europeu possa, quando bem alimentado e rodeado das commodidades indispensaveis, dedicar-se a certos misteres que não demandem grandes esforços que o debilitem, porém os que demandam despendio de forças, como em geral requerem os trabalhos preparatorios para o amanho das terras, os de enchada, picareta e alavanca, e os de remoções de terras, esses, por emquanto só os podem fazer os indigenas das localidades em que se emprehendam, e os immigrantes de quaesquer outros pontos do continente de Africa, mas quando devidamente aclimatados.

Pouco tempo depois de chegarmos á ilha de S. Thomé, em novembro de 1873, fomos encarregados de fazer parte de uma commissão[1] que estudando a cidade tal como se encontrava, propozesse as medidas mais consentaneas com as circumstancias dos cofres da provincia, para o seu saneamento.

Faziam parte d'esta commissão um grande numero de funccionarios antigos na provincia, e o pessoal do serviço de saude.

Debateu-se então uma questão, que não sendo nova o parecia, a saber: que era mais nocivo o pantano da Roça Arrayal, por detrás da cidade, que o da ponta junto á fortaleza de S. Sebastião, em cuja extincção se lidava havia já annos.

Como administrador do concelho tambem fomos nomeados para esta commissão, e impressionou-nos bastante o que ouvimos a individuos que tinham auctoridade. Tratámos pois de ir estudar esse pantano.

Quando ali entrámos deparou-se-nos um monturo, uma grande superficie abandonada, sobrepujada de palmeiras, e entre estas,

---

[1] Por isso que se tornaram notorios os factos que vamos narrar, os citâmos, para exemplo do muito que se pode fazer, quando haja boa vontade, para se sanearem as localidades que d'isso careçam.

embaraçando a passagem, uma densa e variada vegetação que era necessario derrubar para dar um passo, rodeada toda ella de accumulações de lixo.

Se o pé chegava a assentar na terra, encontrava-a pastosa, mas não era possivel fazer uma idéa real do que tudo aquillo era senão vendo, o que decerto não era desconhecido pelos homens antigos ali, pois que em tempo se pensou em aproveitar as terras mais elevadas na encosta para ahi se construir um hospital.

Não havendo um pessoal apropriado, com auctorisação do governador, utilisei as praças africanas da companhia de policia quando estavam de folga, e os serviçaes presos a pedido dos patrões, para fazer immediatamente uma limpeza em toda aquella área, queimando mesmo durante o trabalho os monticulos de todos os detritos que se iam accumulando em diversos pontos.

Este pessoal que nós acompanhavamos nos trabalhos, dirigindo-os, tomava quinino como preventivo, antes de para lá ir, deitava fogo aos monturos que ficavam da vespera, e ao principiar e largar o trabalho cada um bebia a sua ração de aguardente.

Limpo todo o terreno, vi então que nelle havia uma depressão, e que esta era um crivo de buracos, par onde saiam enormes caranguejos vermelhos. Pequenos calhaus lançados nesses buracos, davam a conhecer a existencia de agua a pouca profundidade.

Houve em tempo quem se lembrasse de abrir uma valla, que contornando o sopé da encosta, ia passar atrás de uma igreja, pelo norte, para o mar, no intuito de que as aguas das chuvas que caíam sobre a encosta fossem para aqui desviadas; mas não se teve em attenção, nos melhoramentos que se faziam na cidade á beira mar, obstar á entrada das aguas do mar, e que estas se aproveitariam das abertas que achassem livres.

Succedeu pois, nas grandes marés, que as aguas do mar entravam por essa valla, e onde achavam logar trasbordavam para as depressões.

Passava o rio Agua Grande a um lado da estrada que limitava esta área, e por isso tratou-se de fazer construir abaixo d'ella um largo aqueducto, e cortar toda aquella área por largas vallas, combinadas de modo, que as aguas as lavassem e corressem ora para o rio, ora para o mar, conservando-se o terreno entre ellas enxuto.

Tratou-se depois de exterminar o caranguejo nas proprias covas, por meio de cal e agua a ferver, e de cultivar os canteiros com productos horticolas de rapido crescimento.

Em menos de um anno, transformava-se o terrivel pantano numa *horta militar,* logar aprasivel que convidava os habitantes a ali irem passear todas as tardes. Os corpos militares e os sentenceados, eram d'ahi fornecidos para o seu rancho, e por ultimo já d'estes europeus, alguns para lá iam trabalhar.

Quando este melhoramento contava já um anno de existencia, tinha-se pago toda a divida á fazenda, sustentava-se o pessoal que lhe era indispensavel, ficando um saldo em deposito, superior a 400$000 réis, e em dois annos de trabalhos apenas tinha morrido o sentenceado que lá permanecia como guarda, de hydropesia no ventre.

Dois annos depois quando ali passei, já a nossa obra estava um pouco abandonada, porque o governador era outro; porém depois houve quem se lembrasse de a levantar da decadencia em que jazia, e ultimamente a Camara Municipal tem tido com ella toda a attenção, não sendo infructiferos os seus cuidados.

Quando em Loanda, no dia 7 de dezembro de 1878, fomos proceder á abertura dos fossos, para os caboucos da Escola Profissional, cuja construcção estava a nosso cargo dirigir, apesar de já termos uma certa acclimatação nas nossas possessões do littoral, certamente porque o solo nunca fôra revolvido, e ha muitos annos não chovesse, o facto é, que ás onze horas quando os trabalhos terminavam, recolhemos a casa com uma febre, que por quatro dias nos prostrou de cama.

O pessoal com que então trabalhavamos, era apenas de alguns jornaleiros africanos que na vespera arranjaramos, e de um apontador tambem africano.

Muitos mais exemplos que se deram comnosco poderiamos citar, provando que os trabalhos preparatorios de qualquer emprehendimento em Africa, principalmente os de saneamento, e muito especialmente os de remoção de terras, só devem ser executados por emquanto, pelos indigenas.

É dos nossos dias a anniquilação das colonias Julio de Vilhena, e a outra tambem de sentenceados europeus, a que se deu a denominação de — Esperança.

E não foi a boa vontade e recursos que faltaram na instituição de uma e outra. Foram os crassos erros da sua direcção, o desconhecimento completo das localidades onde se pretendeu crear aquelles estabelecimentos, e ainda a escolha dos individuos que compunham o seu pessoal de trabalhadores.

Na primeira, que se destinava a ser de sentenceados, deu-se começo aos trabalhos com uma leva de colonos voluntarios que chegaram a Loanda na occasião, e que precipitadamente se mandaram para lá.

Na segunda, sem que os trabalhos preparatorios estivessem iniciados, e numa localidade cuja escolha foi feita por um individuo que lhe era inteiramente estranho, e da provincia, se alguma cousa conhecia, era o littoral — e que só teve em vista a abundancia de agua, disposição do terreno e distancia ao centro mais populoso — para lá se foram enviando levas de degredados á medida que iam chegando á provincia, isto devido a informações enganosas que se ministravam ao chefe da provincia, com respeito ás commodidades que os colonos ahi encontrariam.

Esqueceu-se numa e noutra que o pessoal de trabalhadores era europeu, inteiramente novo na provincia, e os poucos da colonia Esperança que haviam passado por uma acclimatação no littoral, estavam exhaustos de forças, e na maioria anemicos; que todos tinham a vencer uma grande marcha de dias a pé, com as suas cargas ás costas, e que em seguida tinham de ir construir abrigos para si e suas familias, tendo de proceder logo ao córte de madeiras, limpeza do solo e remoção de terras.

Seguiu-se a rotina, caiu-se nos mesmos erros do passado,

anniquilaram-se boas instituições, retrocedeu-se, o que é bem peor do que parar; e isto quando se encontrava á testa da administração provincial, um governador de muito boa vontade e coragem, e que se empenhava pela instituição d'aquella colonia que tinha esperanças de ver progredir.

Hoje maiores serão as resistencias a vencer para se levar por deante um plano d'esta ordem, que além de util é moral e humanitario; e comtudo, nós dispomos de bons recursos para, sanando uma grande porção de terreno, e imitando os particulares, (homens praticos das regiões agricolas), crear, manter e fazer progredir instituições d'estas, de que se ha de dotar necessariamente a provincia, na sua região central até aos seus confins, se quizermos que ella se desenvolva, e evitar a decadencia do seu commercio, que sómente, com o caminho de ferro que se está construindo se não pode restaurar.

Apesar da ruina d'essas duas colonias agricolas, de que nas localidades em que se instituiram não ha um unico vestigio, não obstante ter sido desmoronada a primeira ha seis annos; nós ainda insistimos, acreditando nas vantagens da sua creação, e para isso chamâmos a attenção da iniciativa particular, hoje que o caminho de ferro é uma verdade, e que reconhecemos ser difficil ao governo tomar sobre si a responsabilidade de tudo, na administração das colonias.

Nem o pessoal de estudos do caminho de ferro de Ambaca, nem o actual da sua construcção, teria proseguido nos seus trabalhos, se não fosse o grande auxilio que encontraram nos indigenas da provincia, que a esses trabalhos affluiram e estão affluindo todos os dias.

Esses homens, em principio receosos, abandonaram completamente o transporte das cargas preferindo estes trabalhos. E este nucleo de trabalhadores a quem se crearam necessidades, é que teem dado alento a esta parte da provincia, não só porque estão sanando os terrenos, mas porque ainda o producto dos seus trabalhos lá tem ido para o commercio supprir a quebra do rendimento d'esses productos valiosos, que nunca se pensou se extinguissem, a cera, o marfim, e a borracha.

É notavel, por emquanto, que o indigena que trabalha não guarda, não accumula. Gasta o que adquire, procurando sempre o mais ousado equiparar-se com o europeu.

O caso é elle ter de que dispor, o que deve ser levado á conta da novidade dos interesses, e em não pensar senão no presente.

Veste roupas de riscado e algodão, quando as não pode ter de melhores tecidos; usa de chapéu de palha, se não pode obter um de feltro ou de panno; protege os pés com alpercatas se não pode comprar sapatos, e bebe emfim aguardente se não pode beber vinho.

Os nossos contractados em Loanda, no regresso, tinham de receber naquella cidade todos ós seus vencimentos, e ainda um certo numero de mezes de rações em dinheiro, mas chegando a Malanje todos elles tinham necessidade de abonos para se vestirem, e tão desordenadamente abusavam do credito, comprando cousas boas para seu uso, que houve necessidade de lhe pôr um termo, fazendo cessar os creditos que tinham nos diversos estabelecimentos. O chefe além da gratificação particular que distribuiu a cada um, teve de dar a um d'elles ainda 20$000 réis, para este poder pagar á Fazenda 30$000 réis, que dispendêra a mais. Finalmente, em todas as contas de creditos d'estes homens se vêem garrafas de vinho, e só o ultimo, á sua parte, havia comprado sessenta garrafas ao preço de 300 réis, o que para elle era importante.

Chegando a Loanda, pouco era o que tinham a receber, se bem nos recorda, variaram os saldos de 10$000 a 100$000 réis, pois todos elles ainda assim, reconhecendo que a epocha do seu fausto, que durava havia seis mezes, estava a terminar, e não querendo voltar aos antigos tempos de carretos de machillas ou de transporte de cargas da Alfandega, não nos deixaram emquanto lhes não alcançámos emprego nas officinas das obras publicas, e devido á amabilidade dos Srs. Marquez das Minas e David Sarmento, lá foram todos admittidos.

Dois d'elles vieram a Lisboa, onde estiveram um mez; pois aqui consumiram as suas economias, em bons objectos de uso que levaram, e tambem lá estão trabalhando nas officinas. Com

os carregadores de Malanje, deu-se o mesmo. Tendo de receber os vencimentos atrasados, tudo consumiram nas casas de commercio em boas compras, sem pensarem no dia seguinte, não obstante os conselhos que lhes davamos.

—Estivemos para morrer umas poucas de vezes, diziam elles, e agora queremo-nos desforrar dos trabalhos que passámos.

Vae pois o indigena trabalhar onde aufira lucros para satisfazer as suas necessidades immediatas, e procura sempre maiores interesses, e poder estar ao pé da familia ou da tribu de que faz parte. Aproveitemos pois as suas boas disposições e preparemos as localidades para receberem a colonisação europea, fazendo-os interessar nessa colonisação.

Tratando de Malanje, dissemos como se poderia extinguir o seu pantano, e aproveitá-lo na cultura da canna e beterraba, e servia-nos de exemplo a propriedade de C. Machado, e os importantes trabalhos que se estavam fazendo nas propriedades de Narciso Paschoal, no Anjínji e os que estão tendo grande desenvolvimento, de A. da Conceição Pinto, no Quissole.

São dos indigenas os primeiros trabalhos. Foram estes que derrubaram as arvores, limparam o solo e desviaram as aguas. Não se imprimiu então a esses trabalhos uma boa orientação, porém fez-se muito; tornaram-se as localidades aptas para o pessoal dirigente, e este, com o tempo, tem modificando a direcção primitiva, tem conseguido nas suas propriedades fazer lidar o europeu ao lado do indigena, se não já a cavar a terra, em outros serviços que não demandam menos esforço.

Chamo a attenção dos poderes publicos para o facto, que o sentenceado europeu no serviço de emprezas particulares, em trabalhos analogos aos que lhe exige o governo resiste, estima o producto de seu labor, gosa relativamente de boa saude, e vê progredir a empreza para que contribue.

Deixou a cazerna, deixou o convivio em que o vicio estava inveterado, livremente exerce a sua actividade em proveito proprio e no da sociedade, isenta-se da obrigação do serviço em commum, e constitue familia, tem amor á vida, e por consequencia ao emprego que lhe proporcionou estas vantagens. Nas-

cem-lhe aspirações, procura regenerar-se, e são as suas ambições que o patrão, os vizinhos, a auctoridade sob a vigilancia de quem está, possam d'elle informar bem, para se poder solicitar da clemencia regia a commutação da sua pena.

E já que fallámos nisto, digamos com sinceridade. Custa a crer que havendo todos os annos grande numero de perdões para criminosos, e entrando centenas de degredados por anno em Angola, não haja, pelo menos em um certo periodo de tempo, motivo para serem contemplados alguns dos que ha muito estão comprindo sentença. Conhecemos trez de uma conducta irreprehensivel, sempre sob a vigilancia official, trabalhando nas obras do governo pelo salario que se lhes tem querido dar.

Antes do consorcio de Sua Magestade El-Rei D. Carlos, se um d'esses perdões chamados da «Semana Santa», chegou a algum d'aquelles infelizes, foi caso raro, emquanto que o obtiveram muitos que ainda para lá haviam de ir cumprir sentença.

Na lei fazem-se comprehender as commutações ou perdões como estimulos para a regeneração dos condemnados, porém, parece que esquece a quem cumpre, lembrar os que se tenham tornado merecedores da clemencia real.

O liberrimo ministro Rebello da Silva, decretando as colonias penitenciarias, tinha em vista a regeneração dos criminosos, e passando-os de classe em classe, não só lhes promettia a commutação da pena, mas ainda preparava-lhes um futuro honesto, e proporcionava-lhes os meios para se fixarem na provincia, ou em terra da patria, logo que obtivessem a sua rehabilitação.

Não foi comprehendida aquella alma generosa, e já vinte annos decorreram, sem que na nossa legislação se tenha preceituado sobre a vida dos sentenceados que se mandam para a Africa; e comtudo, no mesmo periodo, grande numero de associações de caridade e de protecção se tem instituido em Portugal, não esquecendo até a de protecção aos irracionaes.

Mas porque se não põe em execução a idea das *Colonias Penitenciarias,* como as decretára Rebello da Silva? É o que naturalmente pergunta quem lê tão luminoso decreto. E a resposta é sempre, porque o nosso Codigo Penal se lhe oppõe!

Reforme-se pois este codigo, ao menos nessa parte, de modo que se torne exequivel aquella humanitaria lei, que regenera pelo trabalho o homem que a sociedade repelliu temporariamente do seu seio, e que faz aproveitar a força e actividade de que elle dispõe e os conhecimentos que possue, em prol da terra que se lhe tornou uma nova patria.

Ha opiniões de que se não devem enviar os criminosos para as nossas possessões africanas; não é este o logar para tratar d'este assumpto, mas o que não offerece duvida, é que devemos pensar na condição dos que para lá se vão mandando.

São milhares de vidas que seria crime de leso patriotismo, de lesa humanidade, de lesa sciencia deixar inutilisar. Não abolimos a pena de morte directa, para indirectamente a sustentarmos, mas de um modo mais horrivel, vendo o sentenceado definhar-se dia a dia, conhecendo que a vida se lhe vae. Não queremos que os chibatem, não queremos que os torturem a ferros, não queremos emfim, que os maltratem; mas esquecemo-nos de providenciar ácerca dos meios da sua rehabilitação, de obstar a que prosigam na senda do crime, e de evitar a applicação d'esses castigos que nos repugnam; esquecemo-nos emfim de os estimular pelo amor da patria e da familia, para que de novo a sociedade os admitta como cidadãos prestantes.

Seria muito proficua ainda uma missão religiosa bem organisada, que os attrahisse ao trabalho e lhes incutisse a idéa de crearem familia e de se regenerarem. Esta instituição muito bons serviços podia prestar á causa d'esta desgraçada classe, ás nossas possessões e ao paiz em geral. E a despesa não seria superior á que actualmente com elles se faz.

Mas repetimos, quer se entregasse a regeneração d'essa classe a uma direcção official, ou a qualquer empreza particular, quer a uma missão religiosa ou especial; essa classe só podia ser aproveitada com vantagens, em trabalhos que a prendessem á terra, mas antes de nelles intervirem, a iniciação d'estes trabalhos deveria estar feita pelos indigenas.

Florescem hoje colonias que foram preparadas pelo esforço de homens que a sua metropole degredára, mas ao lado do

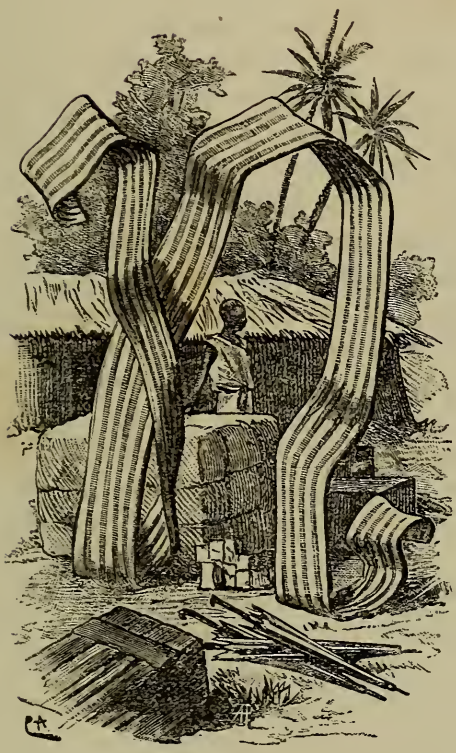
sentenceado lá estava a companheira e os filhos que o incitavam ao trabalho para a sua manutenção. Esses tiveram a seu favor uma facil adaptação ao clima, e crearem industrias que progrediam a olhos vistas, e cujos productos eram então muito procuradas pela metropole que assim as estimulavam.

Com o tempo a sciencia tem adquirido grande numero de factos, e tem-se assenhoreado de recursos que lhe permittem pôr em acção os meios necessarios para fazer adaptar os individuos aos climas, e de se proceder ao saneamento das regiões em que a agricultura progride; pois a sciencia tem vasto campo na enorme região de que nos occupâmos para indicar as localidades que devem ser já preferidas para esse effeito. E se a observação não nos engana, devem as investigações começar nas planuras mais elevadas, e o desbasto da vegetação arborea, e o desvio de aguas devem ser principiados pelos indigenas, sendo esse o primeiro passo para o saneamento.

Sejam ainda os indigenas que aproveitem as madeiras para construcções de abrigos, adequados ás necessidades da vida de familia; sejam elles que revolvam a terra, a arroteem e procedam ás primeiras plantações, e que se sigam então os degredados europeus distribuidos em casaes, a aperfeiçoar os trabalhos iniciados e proseguir no seu desenvolvimento explorando-se novos terrenos, no que devem ser auxiliados ainda pelos indigenas, aos quaes cumpre tambem fazer interessar na exploração.

Esses casaes, nucleos de civilisação agricola, hão de estimular a iniciativa particular — que o governo pode auxiliar com isemções de impostos por um certo tempo, com outras concessões, e ainda garantia de juros de emprestimos — a encaminhar para a nossa provincia a emigração da metropole, que hoje procura terras de estranhos que progridem á custa do seu trabalho.

SITUAÇÃO DO INDIGENA



os capitulos anteriores mostrámos, não só o que havia a esperar do incremento da agricultura, em toda a região de que nos occupâmos, mas ainda o modo pelo qual devemos considerar os seus povos, o estado de atraso em que os encontrámos, a influencia que nelles exercemos, e como se podem aproveitar para beneficio da civilisação e dos interesses que ahi formos adquirindo.

Emquanto aos povos vizinhos, os Capendas, que vivem na margem direita do Cuango, para mostrar como elles nos procuram, como elles solicitam a protecção dos Portuguezes, e se sujeitam ao seu governo, daremos publicidade ao terceiro officio que do seu potentado recebemos já depois do nosso regresso.

Este documento, e os dois anteriores a que este se refere, valem muito mais, fallam mais alto que os tratados arrancados á falsa fé aos indigenas pelos estrangeiros, forjados mesmo por estes sem conhecimento dos interessados. Este documento é escripto e enviado da localidade, por individuo que embora só

conheçamos de nome, não se atreveria a mandá-lo sem lhe ter sido ordenado pelos potentados, em nome de quem se nos dirigiu.

Sr... Henrique Augusto Dias de Carvalho.—Pungo Andongo (sitio de Quiongoa) 30 de novembro de 1888.

Embora de que não tenho pleno conhecimento com V. durante o tempo que andou no interior da Lunda, em consequencia de me ter apanhado ausencia na occasião quando V. tinha atravessado o Rio Quango aonde m'achava collocado a meus negocios, porque no mesmo tempo fui chamado pelo Capenda-Camulemba (do Xinje) para com fins de principiar o negocio que elle tem representado a V. , já duas vezes; que aos 25 de junho dirigiu-lhe mais o officio n.º 2 que foi remettido por minha intervenção e pedi ao cuidado do meu amigo José Antonio de Vasconcellos, quem o remetteu para o correio de Malanje, que o meu portador lh'o tinha entregue na presença do sr. C. J. de Sousa Machado.

Comtudo já poderá fazer idéa de mim, por meus escriptos que tenho dirigido a V. por pedido do mesmo Potentado, como verá no mesmo officio n.º 2, auctorisação que me deu para que suas respostas que venham remettidas sempre por minha intervenção, antes que não tenham algum impedimento, e no caso de não haver por emquanto tempo comtudo terá a bondade de mandar publicar segunda vez para que chegue ao conhecimento de todos o que até aqui ainda V. não cumpriu aquillo.

No mesmo officio n.º 2, fiz annunciado o sitio por aqui aonde resido e do tempo de que teria de me retirar lá do Xinje, que seria aos fins de julho, o que antes de chegar o tempo assignalado, arrebentou logo lá no interior guerras dos Maquiócos contra o Muata Cumbana, e o Cuangula que obrigou o Muáta Cumbana abandonar a Quipanga (cerco, fortaleza) e foi sonegar-se em Cazele aonde elle tem reunido guerras; e o Caungula tem combatido com elles, e nunca jamais poderão corre-lo da Quipanga, porém a gente dos suburbios da terra d'elle foi corrida, alguns se refugiaram até para cá do Xinje, como um d'elles o Quifa-messu do porto do Rio Cuillu. Advertindo porém os Maquiócos que estão bravos são os de baixo Caboco Camuapa Mueji e outros Muquiche, menos os de cima dos que V. já comprou a faca em resgate da cabeça de Muatianvua.

O que pareceu aquillo cousa mui ademiravel! O rato papar o gato: como o Maquióco sendo moleque natural e tributario ao Muatianvua, superior de todos sobas do interior, e hoje todos aquelles subordinados esmagar a grande posição d'este poderoso soba! E ao mesmo tempo os Bangalas de Cassanje tambem continuam com seus roubos, que já lhe avizámos tudo no officio n.º 2, que até hoje o commercio por cá em cima

anda paralisado por esta causa, e foi em vista d'isto que Capenda o potentado, teve de me impedir para o fim d'aquillo, a bem de vir eu annunciar tudo a V. , que de maneiras não cheguei aqui senão aos ultimos dias do presente mez.

Para dizer com franqueza, lá a gente da Lunda de Muatianvua e outros Maxinjes de Capenda-Camulemba andam esperando a pessoa de V. como o povo de Jerusalem esperou pela vinda de Christo, por saber que era o Salvador do mundo. No dia 20 do corrente, appareceram-me por aqui tres individuos de nomes Cacuáta Mutombo Mucoi, Calenga Caxalapole e Quitamba do Madiamba, aquelles dois são uns dos que vieram com filho do Muatianvua, e este é um dos que seguiram em setembro os quaes pertencem ao Caumgula, vindo saber noticias da vinda de V. e tambem á compra de polvora para as suas guerras. O filho do Muatianvua encontra obstaculo no caminho por causa dos Bangalas e Maquiócos que se acharam offendidos pela vinda do mesmo na companhia de V. porque elles dizem que tiveste caminho de ir, e não has de ter caminho de regressar, salvo se teu Pae Sua Magestade (Muene Puto) tiver o poder de o fazer passar, de sorte que está elle parado em Malanje, os tres individuos que acima ficam expostos passaram aqui com direcção para o Dondo, dizendo que vamos fazer caça de bois silvestres naquelles matos visinhos ao Dondo, depois iremos até ás lagoas visinhas caçar cavallos marinhos, isto é, sómente para entretermos o tempo da vinda do sr. major, e logo que nos conste que elle está no Dondo, nós apresentaremos á presença d'elle, a fim de seguirmos para cima, e se não vier, coitados de nós! porque nunca teremos passagem.

Aonde chegou o atrevimento dos Bangalas! Certos individuos que tem ido a Loanda e tem encontrado o trabalho para o caminho de ferro, no regresso ás suas terras, informando o Jaga e seus sobetas, dizem que o Muene Puto não tem que fazer, por isso se entrega a estes trabalhos, imaginando que com isso nós ficaremos temorisados, pelo contrario é uma fortuna para nós, porque apenas que nos conste que chegou tal caminho a Malanje, nós degolaremos e roubaremos tudo quanto existe cá. E com estas basofias obrigam o Capenda-Camulemba a estar preparado para quando lhe constar a vinda da força de Muene Puto, poder soccorrê-lo sómente com a polvora que será de que podêmos dispor contra os Bangalas, que como costumam em outros tempos hão de querer valer-se de fugirem para cá nas minhas terras.

Por isso temos pedido a probidade de V. mandar publicar tudo quanto é acontecimentos que tem passado no interior, isto para maior satisfação do tal potentado, e melhor conhecimento do publico.

Aqui fico ás suas ordens para aquillo que me julgar prestavel.

De V. , etc., seu humilde venerador e creado. = *Diogo Fernandes de Sousa e Silva.*

Não serão pois estes povos que nos contrariarão nos nossos intentos, antes nos hão de auxiliar, quando mais não seja imitando o que fizermos na margem que lhes fica fronteira.

Suppor-se ainda, que será possivel explorar o preto sem o recompensar, é um erro não menos grave do que querer, na occasião actual, nivelá-lo comnosco, sem que para isso o tenhamos preparado, impondo-lhes costumes, habitos e leis que adquirimos no decurso de seculos. Nivelá-lo comnosco é querer que elle vença a immensa distancia que o separa do estado de adeantamento do branco, quando este o alcançou, lenta e penosamente, é em summa, querer admitti-lo como superior a nós, e julgar que é mais susceptivel do que outro qualquer de se approximar da perfectibilidade humana. Explorá-lo sem o recompensar, é querer continuar a deprimi-lo, para dar razão aos que asseveram que é incapaz de sair da inferioridade em que vive.

Diga-se á criança a quem se ensina a decorar uma oração, que nos prove que a comprehendeu; a um individuo de uma nação estranha que não conhece a nossa lingua, que nos descreva nesta uma occorrencia que lhe seja familiar; pergunte-se a um dos nossos provincianos que nunca abandonou o torrão patrio, e que, regando a terra com o suor do rosto, só tem em vista a manutenção e felicidade da familia, que idea forma do seu rei e da côrte que o cerca? A muitos individuos, infelizmente ainda numerosos, da classe menos illustrada de Lisboa, perguntemos-lhe o que pensam sobre a Africa e seus habitantes? Que distincção fazem entre as colonias que ahi possuimos? Mesmo em qualquer capital de primeira ordem, annuncie-se em grandes cartazes e pela imprensa periodica, ou ainda, sem apparato, sob pretexto de prohibição policial, propale-se em segredo, que num determinado local, a uma certa hora, e com certas formalidades um homem ou uma mulher adivinha o nosso futuro, nos diz a sorte que nos espera, e nos ensina os meios de tornar a vida mais longa, de nos livrar de males que impendem sobre nós, e veremos correntes de povo encaminharem-se para essas consultas e pagarem-nas, embora com sacrificio.

Muitas outras comparações podiamos apresentar, até das invasões e guerras europeas do nosso tempo, em que as vantagens não são a favor do branco, quando olhâmos para o preto que estudámos, na situação em que se encontra.

Tudo é relativo ao estado de adeantamento dos povos; e se quando attentâmos nos males que temos por casa, encarâmos o futuro com esperança e confiança no progresso, porque não faremos o mesmo quando nos empenhâmos em dar cumprimento á obrigação, de esclarecer a intelligencia do africano que nasceu, e do que procura vir viver, nos territorios que conquistámos naquelle continente?

Desde o momento em que emancipámos o indigena africano, isto é, desde que o eximimos á sujeição do senhor, que dispunha das suas forças, da sua vida, no proprio interesse, como de um ser que não passava de um automato, corria-nos o dever imperioso de o amparar, e de o encaminhar pelo trabalho livre e pela transformação de habitos no convivio comnosco, para um futuro melhor.

Mas em vez d'isto, contentámo-nos com o generoso acto da emancipação, e em seguida fizemos que se lhe remunerasse o trabalho, que regulamentámos a titulo de livre.

Mas, diziamos nós, em 21 de fevereiro de 1875, numa carta que correu impressa e que ousámos dirigir da ilha de S. Thomé ao venerando general marquez de Sá da Bandeira, o vulto benemerito que toda a sua vida trabalhou por libertar os povos de Africa, e que deixou o seu nome vinculado á regeneração das nossas colonias pelo trabalho livre:—A liberdade mal entendida pode ter consequencias funestas, e a liberdade só pode existir onde se ama a justiça e se respeitam os direitos.

E durante os doze annos que se teem succedido áquelle acto expontaneo, que com tanto enthusiasmo applaudimos em beneficio da raça indigena, o que temos feito para tornar efficaz a liberdade que se concedeu?

Esperar!...

A nossa innacção terá sido conveniente ao fim que se teve em vista?

Não; embora neste periodo tenhamos procedido com mais lealdade, liberalidade e humanidade do que as demais nações, que teem procurado alargar os seus mercados no continente africano, fazendo apregoar, que se condoem do estado de atraso dos naturaes, e que só as move o interesse de fazer extinguir a escravidão.

Num rapido relance, vejamos o modo de proceder d'essas nações no campo da sua acção no Continente durante o mesmo periodo.

A França no norte, repelle para o interior os povos que já ali encontrou, e se tornaram rebeldes á sua iniciativa e expansão colonial, e conquista pela força das armas, terrenos aos indigenas, para desenvolvimento do commercio da metropole, que se vae alargando; na costa oriental arranca capciosamente braços na terra firme, para os levar ás ilhas fronteiras que á custa d'elles vae cultivando, protegendo tambem os mercados de escravos.

A Inglaterra, sempre opportunista e estribada no bem da humanidade, repelle no sul os indigenas que lhe estorvam unirem as suas colonias com os lagos, de que se vae apossando, e porque á nossa tolerancia no passado se quer impor com direitos de senhorio, e, pretendendo alargar mercados ao seu commercio, que a compensem do que vae perdendo na Europa, pela concorrencia da Belgica, França e Allemanha, e na India pela sua administração odiada entre os indigenas, tenta desalojar-nos do que é nosso. Elimina povos ou os conduz como prezas, em proveito de outras colonias suas distantes; e entre os Arabes, anima de novo a escravatura como meio de salvar as suas emprezas no Egypto.

A Belgica, creando o Estado Independente do Congo, protege tacitamente a sociedade de Stanley com Tippu-Tib, o mais odioso mercador de escravos que tem apparecido em Africa; e apossa-se das terras dos Cubas e Lubas sob a denominação de Lubuco do Muquêngue, aproveitando-se das relações commerciaes que nós ahi sustentavamos ha vinte annos, sem o que não teriam lá chegado os seus agentes.

A Allemanha, ultimamente, entendeu que o modo de agradecer a protecção que dispensámos aos seus exploradores scientificos, era contribuir para a creação do Estado de Stanley, e de accordo com os seus influentes, indemnisar-se pelos exforços que nesse fim empregou, creando sem opposição colonias no occidente e no oriente; e as recentes noticias sobre o bloqueio no oriente, a sua imprensa, os discursos do principe de Bismark e as medidas que vae adoptando, dizem bem alto o seu modo de proceder com respeito aos indigenas.

Portugal, sempre liberal, querendo provar a boa fé dos seus tratados, perante as grandes nações europeas, para pela sua parte extinguir a escravidão em Africa, abre ahi as suas portas para o interior do Continente, e dá passagem franca aos exploradores d'aquellas nações, que vão arruinar o seu prestigio e preparar a sua expoliação. Não vê que esses exploradores, fora das vistas de suas auctoridades, lá alimentam como necessidade o negocio de escravos, que aos Portuguezes não pode convir; que elles assim vão exercendo influencia entre os povos que necessitam do commercio que lhes levam, e que apoiados nessa influencia nos hão de restringir ás faxas do littoral já cerceadas pelos seus governos.

No jogo em que o governo da Inglaterra anda durante muitos annos com o de Portugal, sobre todos os seus dominios coloniaes, era de esperar ou a partilha do leão, ou que nos forçasse a repartirmos com outros. Affrontava-o a grandeza do nosso imperio colonial, era preciso reduzi-la e enfraquecê-la.

Egoista como sempre, quando conheceu que pertendiamos dar vida a esses dominios, revelou-se o seu caracter, tal como o descreveu Montesquieu: «Cuida em triumphar dos seus adversarios, e para chegar aos seus fins, venderá não só todos os povos do mundo mas até a propria Inglaterra».

A Belgica e Allemanha, aproveitando-se das delongas d'essas discussões, sempre ferteis em argumentos da parte de Inglaterra para nos contestar o dominio no Zaire e nos Lagos, adquirem portos no littoral do continente, para nos expoliarem do melhor que havia no centro entre as nossas provincias.

A França, não entrando na contenda, não se importa nem mesmo contesta que Portugal se apodere d'essa região central, mas fecha-nos num pequeno recinto da Guiné, e para que não encontre embaraços da parte da Inglaterra, que suppõe nos deve tutelar, entra em accordo com esta, não se intromettendo nos negocios do Egypto, deixando-a tambem operar sem opposição no que chama as suas colonias africanas de leste.

A Inglaterra, que sempre duvidou que a Belgica pudesse dispor de capitaes para manter a empreza de Stanley, e surprehendida pela sua colligação com o grande colosso da epocha, a Allemanha, que todos pensavam se não arriscaria a emprezas maritimas e coloniaes, e sendo despertada ultimamente pelos trabalhos no oriente da Africa, emquanto é tempo, procura apoderar-se da parte d'esse interior que fica entre as suas colonias e os Lagos, empolgando-nos os dominios que sempre nos reconheceu.

Mas ainda não está tudo perdido, e tratando do occidente, onde desempenhámos a nossa missão, é occasião de dizermos francamente aos governos que se o acto da emancipação dos escravos nas nossas colonias, foi um acto generoso que muito nos honra, e a remuneração imposta ao seu trabalho um acto de justiça; erro gravissimo tem sido porém, nos doze annos decorridos, não educar os indigenas que temos libertado; não aproveitar as correntes de emigração que do interior teem vindo augmentar as populações dos concelhos sertanejos da nossa provincia de Angola, ao norte do Cuanza; não proporcionar ao commercio, diminuindo-lhe entraves para que não tivesse a recear das facilidades da concorrencia do estrangeiro pelo nosso norte, que continuasse mantendo as relações iniciadas com os povos do Lubuco, onde Silva Porto e Machados realisaram antes transacções importantes; não ter creado as Estações civilisadoras, com as modificações que se julgassem convenientes, medida esta de tão grande alcance, que foi logo abraçada até pelas missões particulares do bispo Taylor, que lá se espalharam mesmo no Lubuco; emfim, mal gravissimo tem sido a inacção que de nós se apossou e que tende a augmentar, á me-

dida que vamos vendo os estrangeiros ganhar terreno nessa lucta, que tem por pretexto a civilisação da Africa.

E mais diremos, ao governo e ao paiz, pelo conhecimento que temos dos povos do interior, nesta occasião de crise, de summa gravidade, em que se debatem as nações mais importantes com interesses em Africa, sobre os limites que querem impor aos nossos dominios; que se deve immediatamente proceder de modo que nos sustentemos com vantagem, agora, ao menos, na posição que nos deixou a conferencia de Berlim.

Não é com certeza entre as nações citadas que encontrâmos exemplos a imitar na administração das nossas colonias africanas, porque o seu modo de proceder com respeito aos indigenas, não nos convem. Se queremos bons modelos, encontrâmo-los na America, que protege a administração da Liberia, e na Hollanda administrando Java.

Ahi educa-se o indigena em beneficio da terra onde nasceu, e tambem aquelles que nella buscam uma patria, e isto, em vez de os condemnarem ao ostracismo, ou os levarem para terras estranhas.

É sabido que entre os indigenas africanos, nesta parte do continente de que tratâmos, o respeito pela auctoridade e o seu poder residem mais no apparato, nas manifestações ruidosas, no prestigio, do que na força real de que ella se cerca. E tambem que a grandeza dos povos se afere pela graduação dos chefes, menor distancia a que vivem d'elles, e maior contacto que com elles manteem.

Não devemos esquecer ainda, que por menor que seja uma tribu, ella tem um chefe; e que as determinações d'este, tomadas pelos que deliberam e votam no seu conselho, são irrevogaveis e por todos acceites sem hesitação; que as relações entre populações ou tribus, se entreteem pelos chefes por via de representantes, quando os negocios dizem respeito á tribu; que os chefes de maior graduação não saem da tribu para irem visitar os que a teem menor; que um certo numero de tribus constitue o que elles chamam *uata* (Estado), e que este, sendo independente na sua administração do vizinho, pode comtudo

fazer com elle parte, do que tambem elles chamam dominio ou senhorio de terras, geralmente confiado a um individuo, cuja influencia fora de uma area restricta é hoje imaginaria, limitando se a sujeição dos estados, apenas a contribuições para o dominio, e actualmente, se se lhes dá a de gente armada, para auxilio em alguma guerra, é pelo interesse na parte das prezas.

As tribus mais perto de nós, áquem do Cuango, são ambanzas ou sobados, grandes ou pequenos, porém os potentados dentro dos nossos concelhos, já se afastam um pouco das praxes conservadas pelo gentio, pois se avistam e habituaram-se a vir á residencia das auctoridades portuguezas e ás casas de commercio.

Fazem-se tambem respeitar entre si por graduações, mas já procuram as nossas auctoridades, como arbitros, para a resolução das suas pendencias.

Porém, já assim não succede com os que se julgam superiores a estes, e que querem conservar uma tal ou qual independencia, e por isso mesmo, vivem mais afastados da residencia das nossas auctoridades; como succedia com o jaga de Andala Quissúa, Muene Canje e outros, entre os rios Luí e Cuango, para os quaes ainda a força é o direito.

A derrama das contribuições entre as tribus para o Estado, faz-se pelos chefes, e estes apenas indicam ás tribus, nas audiencias geraes, o que lhes mandam pedir sem designação nem limite. Pedido simples: —«Que F... me envie tributos, pois já ha muito tempo se esqueceu de mim, ou porque tenho agora uma guerra com S... ; ou, pergunte a F... se elle já é mais que eu, se é, que quebre a faca ou o pau da bandeira de meu signal que envio, e então eu lá irei buscar os tributos que me pertencem, etc.»

Acto continuo, cada um se levanta, e segundo as suas posses vae buscar o que pode dar ao chefe.

Alguns nada dão, por nada terem na occasião; e outros dão cousas que a nós parecem insignificancias, como uma flecha, uma esteira, uma caneca, um prato, algumas pederneiras já

preparadas para as suas armas lazarinas, etc., mas a par d'isto, alguns apresentam fazendas, espingardas, polvora, tambem creações, gado meudo, gado vaccum, onde o ha, e filhos dos considerados escravos, rapazes ou raparigas e mesmo adultos e até os estimados.

Taes contribuições não se fazem só por estes motivos, tambem teem logar para pagamento de causas que se perderam entre chefes de tribus, que são consideradas communs; promovem-se especialmente em alimentos para se dar uma boa hospedagem a um viajante, sobretudo quando seja aviado de algum potentado que é considerado em hierarchia, superior ao da tribu.

O chefe, reunindo tudo, se a contribuição é boa, envia só parte para o Estado; se foi pequena, junta-lhe alguma cousa de sua casa, geralmente escravos ou gado se o tem, e sempre uma porção de polvora como signal de obediencia, e de que se pode contar com elle com auxilio na guerra.

Com os Estados dá-se o mesmo relativamente ao dominio ou senhorio das terras.

Este modo de tributar, como se vê, é simples e liberal; cada um dá o que pode dar e é da sua vontade, e o serviço é feito de um modo singelo e sem os encargos de fiscaes e outros empregados.

A applicação dos tributos não é feita em beneficio das terras, nem tão pouco em interesse de quem manda tributar, e sim do seu poder, da força que o mantem, que são os conselheiros. Logo que os tributos chegam, repartem-se pelos grandes da côrte, e se assim não fosse, o potentado que por ultimo os recebe, seria mal visto, e tratava-se por qualquer modo de o eliminar, e de collocar outro em seu logar. Em compensação, são os da côrte que dão de comer e de vestir aos potentados.

A reciprocidade nas dadivas, é o que elles chamam governar bem, cuja interpretação litteral é: «Comer bem o Estado com os velhos».

Nos sobados de Malanje, dá-se o mesmo, porém a cobrança não é tão amiudada nem por pretextos insignificantes, por isso que é mais valiosa, consistindo em gado grande, fazendas e

polvora em quantidades que enriquecem os sobas, sempre preparados para a contribuição do concelho nas devidas epochas.

Os filhos do sobado (povo), não se ausentam para trabalhar fóra das povoações, sem o consentimento dos chefes, e estes recebem uma parte do pagamento pelos serviços que se vão prestar e recebem-na adeantada. Tambem os sobas teem poderes para contractarem os serviços d'elles, e responsabilisam-se pelos seus resultados.

Não só os sobas, como os individuos mais bem governados nas sanzallas, já possuem curraes de gado. Com os saldos das ganancias que accumulam de tempos a tempos, vão até á margem do Luí para norte, e mais para noroeste comprar gado, e já ha quem o venda para o municipio de Malanje. Assim se teem feito pequenos marchantes, e é muito natural que o interesse que neste ramo de commercio vão adquirindo, continue a ser estimulo para desenvolvimento da creação de gado vaccum, mesmo além do Cuango.

Oxalá se providenciasse, quando o caminho de ferro chegar a Malanje, a fim de que a ambição dos marchantes europeus, que necessariamente hão de apparecer, não seja causa de que se torne demasiado o estimulo, e não vá isso redundar em imprevidencias nos creadores de gado, e na extincção das origens d'essa fonte de receita para Malanje e para a provincia, como succedeu com a borracha e o marfim.

Os sobas nossos vassallos, contribuem de bom grado para o concelho quando contam com a protecção, que julgam indispensavel, para sustentarem a sua auctoridade e não serem molestados pelos vizinhos; e é por isto que elles desejam proximo de suas sanzallas, uma força de tropas moveis, e os mais distantes da residencia, um chefe de divisão ou pelo menos um sargento.

E estas forças moveis, na maior parte compostas de Ambaquistas, ou de individuos que já com elles se confundem pelos habitos adquiridos, modo de fallar a lingua portugueza e mesmo de escrevê-la, que não são pagos, e a quem se exige serviço não inferior ao da tropa de linha, vivem á custa d'essas sanzal-

las e todos os que fazem parte d'essas forças, com as familias que adquirem, teem junto ás suas moradias o seu pedaço de terra, maior ou menor, cultivado, ainda que rudemente, o que tem servido de incentivo para os povos das sanzallas os imitarem. E estes, se mais não teem desenvolvido as suas lavras, já dissemos as razões que apresentam: — É porque os seus productos não são procurados para negocios; e para o sustento da população, cada familia cultiva só o que consome.

Aproveitando a boa disposição d'estes povos em geral para a agricultura, creações de gado e para commercio, e de alguns individuos para officios e artes, nós, usando da nossa influencia, podemos pelo ensinamento pratico, dispertar-lhe a necessidade de se aperfeiçoarem e de se desenvolverem, e estimulá-los por maiores lucros e beneficios immediatos; estas vantagens redundam na prosperidade das terras que elles habitam.

Os Bondos de Andala Quissúa, que apresentámos como um povo docil e socegado, distinguindo-se já dos vizinhos a norte e leste, pela creação de gados, asseio das suas povoações, mais perfeição na construcção das habitações, obediencia aos chefes e respeito pelas nossas auctoridades, são aquelles que mais interessa civilisar pelo convivio comnosco.

Tendo morrido o velho jaga com quem mantivemos relações, e que haviamos preparado juntamente com os seus velhos para se avassalar; foi eleito para lhe succeder, Teca, de quem fallámos a proposito do encontro que com elle tivemos indo a Cafúxi escolher o local para a Estação Ferreira do Amaral, e quando elle seguia com gente armada para Quifucussa.

Ao brioso official do nosso exercito Simão Candido Sarmento, chefe do concelho de Malanje, cujo pensar com respeito ao partido que se pode tirar dos povos indigenas na administração publica, sabendo manter relações com elles, se conforma muito com o nosso, não foi difficil avassallar o novo jaga.

Este bom homem, que se dizia nosso compadre e amigo, sabendo que estavamos de regresso da nossa missão, mandou-nos esperar ao caminho e pedir que não seguissemos, sem des-

cançarmos dois dias na sua povoação, pois queria ver-nos, abraçar-nos, conversar muito comnosco e dar-nos de comer.

Grande era a recepção, ao uso do gentio, que se nos preparou; mas o que mais apreciámos, foi o enthusiasmo com que elle e os seus macotas nos pediram que lessemos o termo de vassallagem que elle prestára a Muene Puto, e a correspondencia que mantinha com o seu amigo chefe do concelho, e

SIMÃO CANDIDO SARMENTO

quando nos mostrou no largo, hasteada á frente da sua residencia, a bandeira portugueza [1].

As demonstrações de alegria d'estes povos pelo nosso regresso, a sua bella hospedagem quando já sabiam que nada

[1] O que se passou por esta occasião, reservâmo-lo para quando tratarmos do nosso regresso, e que além de offerecer uma certa curiosidade, prova que o preto não é indifferente ao bem que se lhe faz, como muitos pretendem.

tinhamos com que corresponder-lhe; a satisfação por Muene Puto ter reconhecido o seu jaga, o que para elles tem importado em deveres que teem cumprido; a boa vontade que nos manifestaram os povos pelas boas relações que com elles mantivemos, e depois de nós o individuo que nos substituiu na Estação; são circumstancias que nos devem levar a aproveitar o ensejo que se offerece no interesse da prosperidade da provincia, e melhoramento das condições da gente que a povoa.

O novo jaga, sempre que o chefe do concelho lhe communica, que entre os seus povos ou nas suas vizinhanças, uma comitiva de commercio estranha, foi assaltada no caminho e roubada, ou está impedida de continuar a sua viagem, immediatamente manda sair forças suas, e tem sempre providenciado de modo que os roubos são restituidos, e as comitivas continuam as suas jornadas nas terras d'elle, protegidas por essas forças.

Em Cabuíri, nas margens do Luí, o negociante Vasconcellos, que ahi havia realisado as suas transacções, pretendia retirar para Malanje, mas fôra avisado que nas vesperas da sua retirada, a sua casa seria assaltada por gente de Songo. Em vista d'isso immediatamente fez partir com toda a urgencia, um dos seus serviçaes, pedindo ao chefe do concelho auxilio de força militar para poder retirar, e no emtanto continuou elle a fazer ainda transacções, convencendo assim os povos vizinhos, de que mudára de resolução, adiando para mais tarde a sua retirada.

O chefe do concelho de Malanje, reconhecendo que seria arriscado mandar tão distante meia duzia de soldados, que era o mais de que podia dispor, officiou ao jaga Andala Quissúa, como bom vassallo e auctoridade de confiança mais proxima d'aquella localidade, para que protegesse com as suas forças a retirada d'aquelle negociante, que era Portuguez.

O Jaga, logo fez marchar para aquella casa, a dois dias de distancia da sua residencia, uma força armada com o seu bastão, e dois dias depois retirava o negociante José Antonio de Vasconcellos com todas as suas cargas e poude seguir até ao Luximbe, sem que tivesse havido novidade.

Dos Ambanzas a leste da sua casa em Cabuíri, entre os rios Luí e Cuango, nada tinha a recear aquelle negociante, porquanto dias antes, em 21 de novembro de 1887, escrevia elle ao chefe da Expedição: «Participo-lhe que passaram os filhos dos Ambanzas Anguvo, Zanza e Quissueia que tinham ido acompanhar a V. até ahi, os quaes levaram em grande estima o tratamento que tiveram durante o tempo que existiram sob o poder de V. , assim como os presentes que V. mandou aos paes em agradecimento de o terem mandado acompanhar».

O receio do referido negociante Vasconcellos, era da gente do Calandula, na margem direita do Luí a nordeste, e tanto os temia, que tambem escreveu ao chefe da Expedição, dizendo-lhe: «Por quem é accuda-me, que fico desgraçado para toda a minha vida, se o sr. chefe do concelho me não soccorre com o auxilio que lhe pedi. Se depois de tantos trabalhos e sacrificios me roubam, como hei de pagar os creditos que me forneceram? Valha-me empenhando-se para com o sr. chefe».

As acertadas providencias que se tomaram, dispensaram o chefe da Expedição de seguir immediatamente para aquella localidade como tencionava, pois era uma necessidade para o nosso prestigio, salvar-se aquelle negociante, dos perigos de que estava ameaçado.

Não é pois para desprezar a vassallagem do jaga Andala Quissúa, e é de toda a conveniencia correspondermos aos seus bons serviços com outros analogos, para lhe garantirmos a protecção que promettemos á sua auctoridade, entre os povos gentilicos que lhe são adversos.

Não nos devemos importar por agora, com a indole mais aspera de alguns povos sujeitos ao Jaga de Cassanje, vulgo Bângalas, mesmo dos que não reconhecem a auctoridade d'este, e para os quaes o caminho de ferro em construcção é um meio de os chamar á ordem. A situação um tanto ou quanto insubmissa, em que ainda se conservam para comnosco, resulta das ambições desmedidas de alguns dos passados feirantes portuguezes e dos chefes da feira que havia junto do Jaga de Cassanje, os quaes nos fizeram perder em dias, o que havia-

mos ganho em influencia durante dois seculos de boas relações commerciaes. Havendo a necessaria prudencia, e observando-se uma politica de conciliação entre os povos que luctam com pretenções ao jagado, podemos sem nos pronunciarmos, conseguir aquietar os animos irrequietos, ir mantendo a situação de modo que se não levantem conflictos com os povos vizinhos, até que o caminho de ferro nos habilite a obrar de modo decisivo.

Não são tambem para incommodar os povos da Jinga, cujo caracter não é tão mau como se suppõe, pois não só, não estorvaram os reconhecimentos que o pessoal do caminho de ferro ali emprehendeu nos fins do anno passado, o que era dado esperar; mas ao contrario, acolheram bem esse pessoal, que de lá regressou muito satisfeito, declarando não ter motivos para se queixar d'essa gente, nem sequer de exigencias ou pedidos, tão vulgares entre elles, e que são levados á conta de extorsões. Podemos pois reservar o seu aproveitamento, e a consolidação da nossa auctoridade e influencia ali para quando nos approximemos mais d'elles.

Não tendo nós nada a recear do estado relativamente atrasado dos Holos e Cobos, quando tornarmos effectiva a nossa occupação e dominio entre os Bondos de Andala Quissúa, e os interessarmos na nossa administração; e sendo certo que os Songos já fizeram parte do concelho de Malanje, antes do injustificavel abandono a que em 1869 os votou o governador geral, fazendo retirar as suas auctoridades e a força militar — quando já ali existiam casas de commercio europeas, mantendo pelas suas relações a nossa influencia e dominio que estavam sendo desprestigiados pelos povos de Cassanje — vamos dizer agora, como se nos afigura que devem ser aproveitados os recursos de que podemos dispor, e se deve dar á região de que tratâmos, o desenvolvimento de que é susceptivel, e a vida de que carece.

Tratando-se de uma questão d'esta ordem, certamente se pergunta logo: Ha nessa região riquezas a explorar? Como e com quem as havemos de explorar?

Actualmente as desillusões teem sido tantas, que os animos não estão dispostos senão a acceitar ideas muito praticas.

Convictos que as riquezas existem, responderemos que só pelo trabalho é que ellas se podem utilisar; mas esse trabalho que muitos suppõem poder ser feito por europeus que procurassem emigrar da metropole, depende de circumstancias locaes que precisam ser estudadas e modificadas sobre o ponto de vista de acclimatação, e não é portanto com estes que podemos contar neste momento, que considerâmos opportuno, tendo em vista a nossa aprendizagem neste systema que diga-se a verdade, tem sido fecunda.

Logo é o indigena que ha de trabalhar na exploração d'essas riquezas.

Resta agora saber se o indigena é susceptivel de civilisar-se? Elle progride e revela aptidões, e nós temos exemplos em Ambaca e suas vizinhanças, de que não foi infructifero o ensino pratico, não obstante a orientação d'esse ensino não ser a melhor porque os missionarios que o ministravam, miravam a fins de interesse da sua ordem que não eram os do paiz, nem tão pouco o dos educandos.

Conhecendo os erros do passado, tratemos de os corrigir, e renovemos a nossa acção benefica sob a divisa de — Missões Civilisadoras de Instrucção e Protecção ao indigena.

A instrucção a ministrar deve comprehender tambem o ensino profissional, e para isso é necessario que façam parte das missões, individuos que tenham aptidões especiaes para o poderem proporcionar nessas condições.

A protecção deve consistir principalmente, nos beneficios que é quasi um dever dispensar aos orphãos desvalidos, ás crianças que teem de acompanhar as suas mães para o trabalho, e aos individuos que adoecem ou se inutilisam pelo trabalho nos estabelecimentos das missões.

O ensino de noções rudimentares e de conhecimentos geraes, e o profissional, deve ser o mais pratico possivel, e por isso se farão acompanhar as lições theoricas, de muitos exemplos, de objectos figurados e de exercicios, que incitem o animo pela

curiosidade, e sempre que possa, deve ser estimulado pelo interesse na satisfação de necessidades que, de caso pensado, se procurará dispertar nos que querem instruir-se, e a ninguem melhor pode pertencer semelhante ensino, do que ao sacerdote catholico, quando devidamente habilitado para tal fim, e elle sem precipitações, irá preparando os tutelados a serem admittidos na nossa communidade religiosa, com alguma consciencia das doutrinas que nella se professam.

Desenganemo-nos; o preto possue como nós a faculdade de comprehender as cousas, de conhecer e distinguir o verdadeiro do falso, e o bem do mal.

Possue elle uma percepção clara e facil, porém o campo em que a sua reflexão elabora é muito restricto, cinje-se ao maior horizonte que a sua vista pode abranger, por isso a sua razão é muito mais limitada que a nossa, mas muito mais sã, e não viciada pelos principios dissolventes que desvirtuam infelizmente os progressos da civilisação.

Sujeitos apenas ás exigencias que a natureza lhes impõe, e adstrictos ao espaço d'onde nunca sairam, não sabem o que se passa mais além, e mesmo a sua linguagem se limita a um pequeno peculio de vocabulos, apenas significativos do que lhe é dado ver; podem considerar-se como individuos encerrados num grande recinto não podendo communicar com o exterior, e por isso mesmo os pretos communicam entre si, por imagens, phantasiam chimeras e vivem de illusões; e isso que nos é obstaculo, que nos enche de tedio, e nos faz recuar quando tentâmos abrir caminho entre as suas povoações para o seio do continente, são excellentes predicados quando nos propozermos a educá-los devidamente.

Mas esta educação será morosa, porque temos de nos transformar para nos collocarmos ao seu nivel, sujeitarmo-nos aos seus usos e costumes e á sua linguagem, para podermos caminhar com elles, guiando-os, levando-os por assim dizer pela mão, até alcançarmos pelo menos os primeiros resultados de alguma confiança.

Lembremo-nos dos cuidados com que os povos mais adean-

tados estão actualmente cercando a educação da infancia. Se entre estes, o ensino está passando para o campo pratico, se estamos procurando esclarecer e illuminar as intelligencias figurando tudo que é possivel, tornando assim real e efficaz o ensino, que até ha pouco tempo se obtinha cançando a imaginação e a memoria, porque não havemos de assim proceder para com o preto, que abstraindo do meio em que vive, está quasi nas mesmas condições do que o branco?

Tratando da evolução das civilisações, é opinião de Gustave le Bon, que as crianças negras educadas a par das brancas, caminham sem difficuldades até uma phase do seu desenvolvimento na mesma classe, porém que o cerebro do branco, depois continua a evolucinar para attingir o nivel dos seus antepassados adultos, emquanto que o do negro, chegando ao limite a que seus antepassados attingiram, não pode ultrapassá-lo e fica estacionario.

Não nos podemos conformar com semelhante opinião, d'onde se pretende concluir o abysmo que existe entre as duas raças, e que se attribue a lentas accumulações hereditarias, continuadas durante seculos, porque o principio d'onde se parte, não é mais que um preconceito vulgar; tanto para uma como para outra criança se admitte que possa evolucionar o seu cerebro até ao nivel a' que chegaram seus antepassados, mas quem pode affirmar que esse nivel, no preto, em igualdade de circumstancias, não seja superior ao do branco?

Se acceitâmos o preconceito como um lemma, inferioridade d'onde não é possivel levantar-se a raça negra, impossibilidade de a fazer sair do atrophiamento em que jaz, então deduz-se que as vantagens da criança branca sobre a preta, devem ter logar já na educação da infancia, mas não mostra a pratica que seja assim.

Speke foi mais restricto, e não deixa de encontrar partidarios, porque diz: — «Em Africa, todos os exforços serão baldados, para tirar o preto da inferioridade em que vive».

A par do branco e no mesmo meio, exemplos brilhantes se apontam na actualidade, pelo menos no nosso paiz, de que o

preto recebe bem a educação mais apurada, e que pode elevar-se ás mais altas posições sociaes.

As nossas escolas superiores, militares, medicas e outras, as escolas superiores analogas no estrangeiro, fornecem-nos bons exemplos a citar de filhos das nossas possessões africanas, que seguiram os seus cursos, sendo alguns laureados a par dos seus condiscipulos europeus. E se no periodo dos ultimos vinte e cinco annos, o seu numero não é tão grande como seria para desejar, relativamente ao numero de habitantes das nossas possessões, não é porque não existissem muito mais intelligencias, que cultivadas não dessem os mesmos brilhantes resultados, ou superiores; é por causa das circumstancias economicas, e não ser possivel ao governo attender a todos que teem reclamado a sua benefica protecção para lhes proporcionar educação nessas escolas.

Felizmente, de todas as nossas possessões africanas, até da ilha do Principe, a mais desattendida e menos populosa, conhecemos individuos que pela sua intelligencia e cursos que fizeram, conseguiram exercer elevados cargos sociaes.

Se compararmos em igualdade de circumstancias dois entes na infancia, um branco e outro preto, embora aquelle numa das primeiras cidades da Europa, e este no limitado recinto da sua povoação, talvez o primeiro com o lapis não trace no papel um desenho como o fez o segundo, embora seja absurdo, monstruoso, e composto de elementos disparatados. Arranquemo-lo depois do meio em que vive, ponhamo-lo na mesma cidade em que reside o primeiro, e passado algum tempo, sem que mesmo o tivessem ensinado, quando volte a tomar o lapis, ver-se-ha que elle modifica já a sua composição, sómente pelo que tem visto, desapparecendo o que havia de monstruoso e de disparatado, e o branco, se primeiro pouco fez, nas mesmas circumstancias, não melhorou porque todos os dias viu o mesmo. Fallâmos assim por ser um facto que observámos, e que nos impressionou.

Da mesma sorte, se apresentarmos á criança preta uma bacia com agua, e nesta, com uma porção de barro lhe figurar-

mos um continente, uma ilha, uma bahia, um cabo, um promontorio, etc., ella comprehenderá tudo tão bem como a criança branca. Se a levarmos a um jardim e a instruirmos sobre as plantas, com os mesmos cuidados que dedicarmos á outra, se a orientarmos sobre os rumos, e lhes ensinarmos a marcar distancias a passo, e lhe exigirmos que figure no papel o caminho percorrido; se lhe ensinarmos a recortar cuidadosamente folhas de cartão, e lhe apresentarmos modelos de caixas ou de pequenas casas para construir, a perspicacia e o espirito de observação não se pronunciam a favor da criança branca, porque a curiosidade, embora sem os apparatos de enthusiasmo, é natural no preto.

Por isso mesmo que o preto vive num recinto muito limitado, nos convencemos de que é facil despertar-lhes a curiosidade, e tirar o maximo proveito do seu espirito de observador, quando se queira educá-lo. E é notavel que este se reconhece tanto mais, quanto mais afastado estiver dos povos civilisados.

Elles não aspiram de continuo a conhecimentos novos, como succede nas intelligencias cultas; não é porque lhes falte a penetração de espirito, e sim porque a sua curiosidade está satisfeita com o que os rodeia. Se um objecto novo lhes apparece, se um facto succede de um modo diverso do que lhe era dado esperar, no decurso da sua existencia, então estudam-no em todos os seus promenores, procuram esclarecer-se e chegam até onde lhes é possivel, sem que d'isso façam alarde; porém se as cousas se lhes apresentam complicadas, se reconhecem a sua inferioridade para as comprehender logo e imitá-las, consideram-nas feitos por um ente sobrenatural, e com a maior ingenuidade demonstram a sua admiração, dizendo não serem feitas pela mão do homem.

Ferteis em comparações, chegando a adquirir conhecimentos positivos da realidade ácerca do que os impressiona, notam os defeitos, os erros e em geral os meios por que se devem emendar as cousas, procuram approximar-se da perfectibilidade corrigindo-se, e nisso alguma cousa temos para imitar.

A evolução historico-social d'estes povos havia de fazer-se naturalmente com muita lentidão, porém era bem melhor isso, do que lá ter entrado a civilisação para os depauperar em beneficio de outras regiões fora do seu continente, convertendo os que ficaram, em creaturas que mal se definem.

Hoje, é bem mais difficil concorrermos para apressar essa evolução, mas confiando que a colligação na cruzada emprehendida contra o trafico, ha de ser uma realidade; e que o systema de colonisar tem variado muito com os tempos, principalmente neste seculo; tratemos pela nossa parte, de preparar o terreno para irmos recebendo as immigrações que do interior hão de procurar a nossa provincia, quando lhes faltem os recursos para se manterem, o que necessariamente se dará, logo que se extingam as unicas fontes de receita em exploração, marfim, borracha e escravos.

E o terreno prepara-se, educando os povos nos nossos limites mais sertanejos, sobre a immediata vigilancia e protecção de auctoridades nossas, de confiança.

Talvez pareça prolixo descermos a tanta minuciosidade, mas não o é, porque até agora, o que temos lido sobre a educação e aproveitamento do preto gentio, ou são ideas muito theoricas, ou então planos muito geraes para generos de explorações que se baseiam em esperanças por ora vãs, em que d'elle se pretende trabalho com interesses de momento, e que o não arranca da situação em que se encontra; quando o nosso fim deveria ser civilisá-lo pelo estimulo na pratica, e obter que produza bom trabalho no logar em que vive.

Não precisâmos ir ao estrangeiro buscar exemplos, não vamos apresentar cousas novas, é tudo de casa. Aproveitâmos instituições que já entre nós existem dispersas em differentes provincias ultramarinas, que são muito nossas, velharias sim, mas que honram os nossos antepassados, e que, se não teem dado melhores resultados, é porque o pensamento que a ellas presidiu, tem sido infelizmente mal apreciado, por nós os modernos, que até para a administração das nossas colonias, queremos importar novidades do estrangeiro, como se fosse uma

questão de modas. Sabe-se que a Allemanha e a Belgica principiam, só agora, a saber o que são colonias; que a Inglaterra e França, se em algumas teem andado acertadamente com respeito á sua administração, teem despendido muitos capitaes e sacrificado muitas vidas perdendo outras colonias que se libertaram da sua administração por nefasta aos naturaes; e que a Hollanda, a qual sempre nos tem procurado acompanhar e usurpar os nossos padrões de conquistas, comnosco foi aprendendo e acertou em Java, fazendo desenvolver o systema por nós iniciado, de attrahir o indigena para o nosso convivio, interessando-o na administração publica.

O que era a vassallagem dos sobas nos tempos passados, com obrigação de pagamento de dizimos, e de darem carregadores para os serviços dos presidios?

O que é, depois, a derrama das contribuições dos povos avassallados a cargo dos seus sobas?

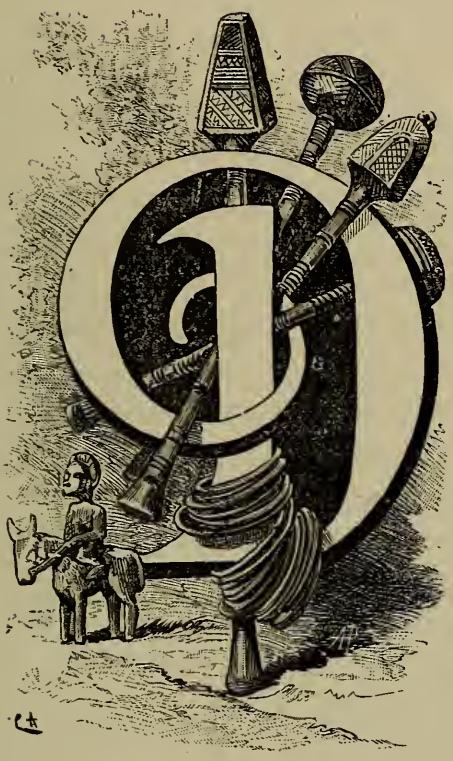
É o reconhecimento d'essas auctoridades na nossa administração.

Pois agora, já é tempo de chamar ainda para mais perto de nós essas auctoridades, garantindo-lhes o prestigio entre os seus, dando-lhes mais importancia, e concorrendo para o bem estar dos seus povos, ao passo que lhes vamos preparando o que elles até agora não teem, nem no que não acreditam — um melhor futuro.

Garantindo-se entre estas gentes a instituição dos sobados independentes, conseguimos auctoridades administrativas, fiscaes de fazenda, força armada, policia local, juizes de facto, e pessoal para melhoramentos publicos e para missões por insignificante remuneração, que o producto dos trabalhos que elles hão de prestar, compensará de sobra.

MUJIJI

ORGANISAÇÃO DO GOVERNO DO DISTRICTO DE MALANJE



Depois de todas as considerações que havemos exposto até aqui sobre esta região, afigura-se-nos de necessidade a creação de um governo, constituido pelos concelhos de Malanje, Pungo Andongo, Duque de Bragança, Tala Mugongo e pelos novos territorios dos Bondôs, Songos, Holos, Iongos e Jinga, ficando a occupação definitiva d'estes ultimos, reservada para melhor opportunidade, isto é, quando se proceda á construcção de um ramal do caminho de ferro que atravesse o paiz para o norte.

Nós devemos ter sempre em vista, que o caminho de ferro do Zaire é uma empreza muito duvidosa; caminho de ferro com curvas de raio de 50 metros, rampas de 46 metros e vias de largura de $0^m,75$ é de grandes difficuldades, e a empreza que se proponha a fazê-lo corre grandes riscos, sobretudo quando a região que se procura servir, durante o tempo da construcção ficará exhausta dos productos que se tinha em vista transportar.

Não nas devemos illudir com as informações dos exploradores da bondade do rei dos Belgas, e tanto o novo Estado Independente do Congo reconhece até que ponto chegou a sua illusão, que actualmente abandonou as estações do interior, e as transacções do commercio com o gentio, são feitas nos proprios barcos a vapor que navegam nos affluentes do Zaire e que chegam até proximo do Luebo, e da antiga estação do Luluabourg.

Manifesta-se assim o que era realmente verdade, só para quem era testemunha dos factos, a saber: que tanto as expedições allemãs como o novo Estado para quem trabalharam, não tinham em vista civilisar o gentio d'aquella região, e apenas explorá-lo do que elle tinha bom, marfim e borracha, em troca dos productos superabundantes das fabricas europeas que estavam armazenados sem saida.

Sobre a construcção de caminhos de ferro, temos conhecimento de duas opiniões que parecendo em contradicção, são aliás muito sensatas e de que se tem obtido resultados.

É uma que se devem fazer para servir paizes florescentes e que carecem de facilidade de transportes; outra, que se devem estabelecer para crear povoações nas regiões imperfeitamente ou totalmente inexploradas e que manifestam recursos de vitalidade.

O caminho de ferro de penetração que desejâmos se prolongue até ao Cuango, está neste caso. A região que vae atravessar é essencialmente agricola, e pode tornar-se industrial, acrescendo ser ponto onde afflue o commercio que os Bângalas ainda obteem do interior, e por onde entra a immigração que de lá corre para a nossa provincia.

Depois dos sacrificios que se estão fazendo com tão importante melhoramento, é obrigação impreterivel aproveitar todos os recursos que offerece esta região quando devidamente explorada, unico meio de crear receitas e auxiliar os rendimentos da empreza e da provincia.

Nós não vimos os reconhecimentos já emprehendidos pelo pessoal do caminho de ferro, mas se um ramal vier atravessar

o Hungo e puder dar serventia a Encoje, acreditâmos que muito commercio que passa actualmente pelas terras do Congo, se encaminhará para esse ramal.

A iniciativa particular principia agora a ser despertada.

Até aqui, não se conhecia, diga-se com franqueza, o que havia a explorar nestes confins da provincia. Faça o governo mais alguns sacrificios em estudos e outros auxilios, que é por pouco tempo.

Não se colhe com bons resultados sem semear e semear bem.

É uma necessidade que o caminho de ferro chegue a Malanje e se prolongue até ao Cuango, no Zaire, no logar em que passámos o rio no nosso regresso, ou até qualquer outro embarcadouro de mais conveniencia, que certamente pouco se afastará d'este, e assim garantimos não só a vassallagem que nos sollicita Capenda-cá-Mulemba, cujos dominios se estendem para leste até ao Cuango, como ainda facilmente tornaremos effectivo o nosso dominio na região habitada pelos Quiôcos e Lundas, como o pretendem os seus maiores potentados.

Fazendo-se um ramal de 180 kilometros, que será pouco mais ou menos a distancia da villa de Malanje áquelle ponto no Cuango, que para caminho de ferro é uma distancia que se vence em horas, não offerece duvida que deve ser Malanje a capital d'este grande governo no centro do continente, importando-nos pouco o titulo que mais lhe convem; e cujos limites a leste dependem da expansão que se lhe queira dar, em harmonia com a que ficou estipulado na conferencia de Berlim, referindo-se por agora as nossas considerações, só até ao Cuango.

Penso que o governo de que trato, se pode manter nos primeiros tempos da sua existencia, como iniciação, por meio de missões agricolas e profissionaes de que façam parte individuos de reconhecida competencia, e sob a direcção de missionarios religiosos que hajam prestado bons serviços em Africa.

A direcção superior das missões de que será presidente o governador, deve ter a sua residencia na capital.

Deve haver pelo menos uma missão em cada concelho, e o chefe da missão exercerá as funcções de administrador do concelho, emquanto o governo de Sua Magestade entenda que não convem fazer preencher esses cargos por outros funccionarios habilitados; sendo as auctoridades subordinadas entre as povoações indigenas, os seus sobas, e onde esta entidade não exista, o individuo que o povo eleja para chefe.

As missões devem estabelecer-se nos concelhos, em logares que reunam ás melhores condições de habitabilidade, as de boa qualidade e quantidade de solo para agricultar e para estabelecimento de officinas de trabalho, as de boas e abundantes aguas e madeiras, e ainda a de serem pontos centraes.

Cada missão tem de crear quintas regionaes modelos, onde a charrua, os moinhos, as bombas e outros recursos mechanicos auxiliarão a força humana no desenvolvimento do trabalho, funccionando ellas como meios poderosos para a civilisação dos povos.

Na cultura devem ter preferencia os productos considerados africanos, e os já conhecidos de facil acclimatação em Malanje, como o trigo, arroz, etc., e plantas solaneas e leguminosas, productos de que démos noticia nas secções respectivas do capitulo anterior.

Os exemplos dos trabalhos das missões serão imitados muito principalmente, se ao lado d'ellas se instituirem colonias agricolas de indigenas, formadas de pequenas propriedades ou casaes, protegidas pelas missões, e ás quaes estas possam comprar, ou tenham o encargo de fazer collocar em bons mercados os seus productos.

Um pessoal de individuos indigenas, instruidos na direcção das missões, ou por ellas examinados para dirigirem um certo numero de trabalhos nas artes e officios, em algumas industrias e em geral nos misteres em que se pretende aproveitar-lhes as aptidões, preparados como decuriões, com um certo numero de noções theoricas e praticas, para um determinado periodo de trabalho, virão depois para as missões dos concelhos, instruir a classe dos agremiados na sua profissão.

Na direcção das missões deve existir o pessoal indispensavel de europeus, com conhecimentos das diversas profissões, artes, officios, da agricultura e outras industrias, e ainda com uma certa ordem de noções scientificas, e assim todos os estabelecimentos das missões devem ser modelos, estando organisados quando possivel, com os recursos da localidade, e nelles deve estar figurado tudo quanto possa elucidar e esclarecer a instrucção que se ministra.

Entregâmos a instrucção directa ao indigena como decurião, d'aquillo em que tenha sido examinado pelo pessoal habilitado, o que não é mais do que um aperfeiçoamento do que se passa entre os Ambaquistas, que transmittem os conhecimentos que adquiriram da nossa lingua, e do officio de que teem pratica, a qualquer gentio, servindo-se do dialecto d'este, e é o mestre mais economico que podemos manter em Africa.

Quem tem vivido na nossa provincia de Angola, sabe que em todos os tempos, já pela iniciativa particular, já pela iniciativa official, se fizeram bons mestres de alfaiates, sapateiros, pedreiros, canteiros, carpinteiros, ferreiros, funileiros, serradores, etc., e o methodo de ensino não era outro. Ao lado do official sempre se vê um rapasito, uma especie de servente, a quem elle a pouco e pouco tem ensinado o seu officio, e d'estes rapazes já conhecemos alguns no nosso regresso a Loanda, que trabalhavam como officiaes e com aspirações a mestres.

O director das obras publicas Arnaldo de Novaes Rebello, encarregou um official de pedreiro, indigena, de uma empreitada, e tão satisfeito ficou com o serviço por elle executado, que do seu bolso lhe deu uma gratificação de 50$000 réis.

Este rapaz havia entrado para o serviço das obras publicas cinco annos antes, como servente de pedreiro, e tornára-se cabeça de um partido de officiaes, que todos foram serventes por elle educados. E porque o seu serviço diario não era inferior ao de officiaes europeus, que venciam 1$500 réis, foi elevada a sua soldada a 1$200 réis.

Não se julgue que a instrucção por decuriões e para determinados periodos, por ser fora das condições normaes, esteja

longe de satisfazer. O preto não olha a distancias, sobretudo quando nisso interessa; e emquanto vem instruir-se numa nova ordem de noções, a classe a seu cargo, continua sob a vigilancia da missão, praticando no que fôra ensinada e melhor recebe a instrucção que se seguir.

Habilitada a direcção das missões com o pessoal e recursos que julgâmos indispensaveis, tem ella um papel tão importante a desempenhar na civilisação dos indigenas gentios, que julgâmos de toda a conveniencia que os regulamentos especiaes de ensino e de administração se formulem só depois de um praso de tirocinio, e ouvidos os jagas e os sobas de mais importancia no districto.

Deve ella instruir e dirigir o colono indigena nas terras onde afflue a emigração, quer na agricultura, quer nas industrias, de modo a tirar partido dos recursos que já existem, ou que se possam crear, como são: algodão, tabaco, mendoim, borracha, ficus-elasticus, gommas, papyrus, canna, café, beterraba, salsa parrilha, urucú, ferro, madeiras, argillas, calcareos, etc.; deve animar e mesmo convidar a iniciativa particular europea, a estabelecer fabricas devidamente montadas, aproveitando-se da facilidade de transportes para o littoral, pelo caminho de ferro cuja construcção está iniciada e que não pode deixar de proseguir, e pela navegação do Cuango por barcos a vapor, que ha de necessariamente fazer-se, e dentro em pouco tempo.

Para os trabalhos agricolas, tendo em vista todas as condições que lhes são mais indispensaveis, não devemos esquecer que é de toda a conveniencia, aproveitar a affluencia dos indigenas para o enxugo das terras encharcadas, fazendo a par das plantações de resultados conhecidos, um certo numero de obras que muito contribuirão para o saneamento das localidades, e as quaes não podem ser feitas por europeus.

Tendo as missões de crear officinas e telheiros para trabalhos especiaes, e de obter tanto dos seus productos, como dos estabelecimentos agricolas as receitas para a sua manutenção, ao mesmo tempo que tem de estimular os educandos pelo interesse nos trabalhos, resulta de tudo isto que a sua adminis-

tração é muito complexa, exigindo um pessoal idoneo e praticamente habilitado.

Deve fazer parte de cada missão pelo menos um ecclesiastico, a cargo de quem ficará a direcção da instrucção moral e litteraria, mas que deve ser um verdadeiro mestre, e não um homem que baptisa por officio e que procure involver o indigena num labyrintho de ideas abstractas que elle por emquanto não pode conceber. Que lhes ensine primeiro o que é positivo, o que ha de real na vida, e que não se estabeleça a confusão num cerebro falto de acção e que se procura modificar, misturando os preceitos sociaes com as leis de Deus. Que o encaminhe para bem exprimir antes de tudo as suas necessidades, explicando-lhe como as pode satisfazer. Que se lembre emfim que trata com um povo materialista, e que para o fazer comprehender um assumpto tem de o preceder da explicação de outros que o tornem intelligivel. Que finalmente ponha de parte o mysticismo, geralmente de effeito entre os povos civilisados, e lhes mostre praticamente com argumentos sãos e exemplos frisantes, as vantagens da civilisação que se deseja elles attinjam para o goso de um futuro melhor.

Este é o modo de ver dos nossos homens praticos, dos que teem andado pelos sertões de Africa, e não uma opinião exclusivamente nossa. Como os benemeritos exploradores Serpa Pinto, Capello e Ivens, os illustrados engenheiros Gorjão e Machado, o esclarecido governador Ferreira do Amaral, o intelligente viajante africano F. Nogueira e uma pleiade de escriptores africanistas conhecidos, taes como Luciano Cordeiro, Andrade Corvo e outros, que teem acolhido bem e como as acertadas opiniões dos primeiros, dos que andaram no interior e conhecem os diversos papeis que teem desempenhado os missionarios; como elles, repetimos, indicámos o que deve ser o missionario.

Deve além d'isto, ser elle o verdadeiro interprete dos povos do concelho na sua administração em geral, dos interesses particulares de cada um, e especialmente dos individuos filiados na missão; e por isso é indispensavel que procure ha-

bilitar-se com o conhecimento da lingua que fallam os indigenas.

No estabelecimento de cada missão haverá, pelo menos, uma sala de asylo para os filhos das mulheres que procurem trabalho na missão, e que d'elles se não podem afastar pela necessidade de vigilancia e cuidados maternos, e tambem um hospicio para os orphãos desvalidos que a missão recolha e eduque, e outro para doentes e individuos que se inutilisem no serviço d'ella, ficando a superintendencia da sua administração e a educação dos desvalidos, a cargo do mesmo missionario, quando não haja mais de um ecclesiastico na missão.

Ha actualmente um juizado regular em Pungo Andongo, que se estende até Malanje. Continue-se a manter esta instituição visto estar creada, mas no novo governo só para europeus e indigenas considerados cidadãos portuguezes.

Com relação á administração da justiça entre os gentios, é necessario crear-se um tribunal novo com um codigo especial, em que os processos sejam um tanto summarios, e em que a base da penalidade seja o trabalho em vez de prisão; lembrâmos uma procuratura de negocios gentilicos como ha em Macau para os negocios sinicos.

Este tribunal deve compor-se do juiz da comarca como procurador, e de um jury de seis sobas.

A nomeação d'este jury, feita pelo governador para o serviço de um biennio, deve recahir sobre os sobas que forem eleitos pelos sobas de todo o districto.

Neste tribunal só podem ser julgados os delictos que não constituem crimes previstos na lei penal do paiz para os casos de deportação e penas maiores, e por isso as sentenças do procurador, baseadas no voto do jury, terão effeito immediato.

Os administradores dos concelhos ou quem faça as suas vezes, logo que tenham conhecimento pelos chefes de divisão ou pelos sobas, de delictos praticados na área da sua jurisdicção, levantarão o respectivo auto, que farão remetter com as testemunhas, delinquentes e partes de accusação, se os houver, para a procuratura dos negocios gentilicos.

Pertence ao procurador decidir da competencia do tribunal que ha de julgar os delinquentes, e portanto estes, ou são sentenciados no mesmo dia, ou entram na cadeia á disposição da justiça da comarca.

Lembrâmos a instituição d'este tribunal especial como o temos em Macau para os Chins, porque entendemos ser ainda muito cedo para impor aos povos que nos propomos educar, as nossas leis, e encerrar por consequencia numa prisão os delinquentes, onde, ou temos de lhes dar de comer e de vestir em quanto aguardam as resoluções do poder judicial, que são sempre morosas, ou de os deixar ahi jazer expostos á fome e nús, chegando como tem succedido ás vezes, a um estado que se torna perigoso para a saude publica.

Ultimamente, o chefe do concelho de Malanje, como presidente da commissão municipal, lembrou-se e bem haja por isso, de applicar uma parte da verba destinada para limpeza da villa e outros melhoramentos, a remunerar os trabalhos feitos por individuos presos na cadeia e que elle empregou nesses serviços.

Até como medida hygienica para a villa mereceu os nossos louvores esta providencia, porque se limpava e arejava o pequeno recinto onde estavam os presos; estes comiam e vestiam-se, porém trabalhavam regularmente, que é a maior penalidade que actualmente se pode dar ao preto, sendo certo que este correctivo fez com que diminuisse o numero de prezos.

Dividem-se actualmente os concelhos em divisões, que são guarnecidas de companhias de Moveis e de outras denominadas da guerra preta, indigenas, com os seus officiaes subalternos e inferiores, sendo os capitães, os chefes d'essas divisões, que exercem as funcções de auctoridades administrativas na área que estas comprehendem. As praças d'estas divisões na sua maioria são indigenas dos sobados, a quem se impõe o dever de servir o Estado nessa qualidade, por oito ou dez annos. É um tributo pesadissimo, porque demais exijem-se-lhes serviços não inferiores aos das tropas de primeira linha e não se lhes dá remuneração alguma, e nem de comer, nem de vestir.

E nunca deixam de comparecer ao serviço para que são chamados! Mas como? Esfarrapados, quasi nús, tendo alguns por arma uma das antigas bayonetas encabadas num pau, outros espingardas antigas de caçoletas, na maior parte tendo seguros os canos ás coronhas por meio de cordas, e as fecharias mantidas no seu logar por um outro qualquer atilho.

Vêem-se muitos d'estes soldados pelos caminhos levando a tiracollo um sacco de algodão em forma de bornal, em que transportam as malas do correio.

A troco de 90 ou 120 réis, faz este homem uma marcha de 30 a 40 kilometros e ás vezes mais, para em dia determinado as malas que transporta serem entregues na residencia do chefe do concelho vizinho, e conhece-se que é um soldado, pelo bonés.

É de suppor que a muitos viajantes, principalmente aos que pela primeira vez deparam com um d'estes individuos no caminho, lhes cause desagradavel impressão o estado lastimoso em que o vêem, e lance para a conta de mau governo não se substituir aquella entidade por empregados especiaes do correio, devidamente uniformisados, como estamos acostumados a ver nos centros civilisados.

A nossa impressão foi porém outra, a de aproveitar o que está iniciado, melhorar a sorte do soldado Movel, de modo a torná-lo um bom soldado, podendo ao mesmo tempo accumular diversos encargos por escala.

A burocracia, tem entre nós exercido uma grande influencia, generalisou-se mesmo, como instituição a seguir em toda a parte, pouco nos importando o meio em que a pretendemos implantar.

Quem manda, entende-se logo com jus a rodear-se do mesmo numero de auxiliares, que com o tempo, a necessidade obrigou a crear nas administrações antigas e onde tudo era muito diverso. Não tratâmos de preparar os povos para receber essas administrações pomposas que se teem creado e só teem rasão de ser nas localidades já civilisadas. Estabelecem-se administrações novas, por exemplo a da Guiné, com uma organisação pesada e de um machinismo complicadissimo, que nem os po-

vos as comprehendem, nem ellas os fazem progredir, porque lhes falta a receita indispensavel.

Assim tambem tratando-se da força publica para um novo governo no ultramar, imaginam-se logo corpos do exercito organisados como os principaes da Europa, com um estado maior e uniformes luxuosos, e assim se procura ir adiando a necessidade instante, porque ainda se não comprehendeu bem o alcance do pensamento d'aquelles que perfilham a idea de que o exercito deve ser um unico, para serviço de toda a monarchia, metropole e colonias.

O serviço da guarnição das nossas possessões africanas, não pode deixar de ser feito com praças de pret indigenas, e os uniformes teem de ser apropriados á condição do individuo e ao meio tropical em que vive.

A instituição dos corpos de segunda linha, divisões de tropas moveis e as companhias de guerra preta na provincia de Angola, denota o bom senso pratico de quem contribuiu para a sua creação. É uma instituição ou antes são instituições antigas, que provam que se pensava manter devidamente o nosso prestigio em Africa, sem dependencias e sem encargos para a metropole.

Se ellas teem perdido muito do seu valor, é isso devido á indifferença com que as teem deixado vegetar, á pouca importancia que hoje se lhes liga, á falta de estimulos que convidem ao alistamento, emfim, ás ideas modernas que vogam, de que a auctoridade só pode manter-se entre o gentio, tendo sob as suas ordens uma respeitavel força de tropas regulares, querendo até alguns que sejam de europeos.

A pratica mostra-nos que em todos os tempos as tropas Moveis em Angola, quando bem armadas e adestradas, mesmo em guerra, não prestaram serviços inferiores aos das tropas de primeira linha; e quanto á adopção de praças europeas para serviço effectivo no sertão, é para nós uma illusão como a de suppor ser possivel em qualquer parte de Africa ainda por explorar, obter-se do braço europeu, trabalho agricola com bons resultados.

Conta só o concelho de Malanje mais de quatrocentos sobados. Ora se estes contribuissem numa dada proporção com os seus habitantes para o tributo de sangue, ainda no caso mais desfavoravel, que o sobado de menor população fosse tomado como unidade para a comparação, teriamos logo uma força superior a mil homens.

Para o caso do novo governo em que entram além d'aquelle concelho, os antigos de Pungo Andongo e Duque de Bragança, e outros novos, podemos preparar as cousas de modo que tenhamos em serviço effectivo mil homens adestrados, e a titulo de reserva para casos de necessidade mais quatro ou cinco mil.

As forças moveis organisadas em divisões, como actualmente, bem divididas por todos os caminhos do districto, mas de modo que possam as praças servir de cantoneiros, de portadores de malas do correio e de policias, garantindo a conservação dos caminhos e passagens de aguas, a segurança individual e do commercio, ao mesmo tempo que possam empregar-se na agricultura fazendo-a desenvolver na área da sua divisão, tornar-se-hão incentivos para a educação dos povos vizinhos, principalmente quando os cargos de chefes e officiaes que commandem forças destacadas (patrulhas), recaiam em individuos que comprehendam as indicações dos chefes das missões do seu concelho, saibam ensinar a instrucção primaria e dirigir os trabalhos agricolas.

Ao mesmo tempo que creâmos uma força respeitavel, que deve ser bem armada, teremos em cada soldado um trabalhador agricola, um leitor da lingua portugueza, um chefe de familia, finalmente um bom cidadão para a communidade a que pertence.

O batalhão que em 1887 vimos em Inhambane, serve-nos em parte de modelo para a organisação do serviço agricola que lembrâmos, sem prejuizo do serviço militar.

Uma parte da villa, do lado interior, cortada por amplas ruas que se cruzavam, abrangia recintos fechados em compartimentos, com cêrcas ou paliçadas, e dentro viam-se boas habitações altas, de base circular, revestidas de argamassa e

caiadas, ao seu lado o inseparavel cajueiro, fonte da receita importante do districto, e terrenos horticultados que pertenciam aos soldados e suas familias.

Aos soldados que tinham bom comportamento e estavam de folga, depois da formatura do recolher, permittia-se-lhes que fossem pernoitar para suas casas.

Mesmo em Malanje se encontra um inicio do que desejâmos se faça em grande escala. A divisão movel que está de serviço na villa para a guarda, e as praças de serviço diario, teem um quartel defronte da fortaleza do outro lado do largo principal, e atrás d'esse quartel, para o interior, todo o terreno está occupado pelas praças da divisão, que ahi construiram o que entre nós se chama casaes, habitações, e cercados de terras cultivadas e tambem fazem ahi desenvolver creações, tudo pelo trabalho d'elles e das suas familias. As mulheres d'estas praças todos os dias vão para o mercado negociar os productos do seu casal.

Em logares determinados existem nos caminhos principaes do concelho, as patrulhas de que temos fallado, ou quarteis para as praças das divisões que estão de serviço. Devem pois aproveitar-se as que estão em bom estado, augmentando-se-lhes a capacidade, renovarem-se as que careçam de reparos, e construirem-se outras onde seja conveniente. Em terrenos annexos a estas patrulhas, distribuam-se glebas por cada uma das praças da divisão e suas familias, mas traçadas devidamente com boas ruas que devem ser limpas, e bem conservadas na parte correspondente por cada morador.

Os chefes de divisão bem como os sobas nas suas povoações, devem ser instruidos de modo, que se lhes torne obrigatorio dedicarem-se a um certo numero de culturas que não requerem grandes cuidados como: algodão, tabaco, mendoim, etc., e a da borracha, onde se possa replantar, sob pena de multas em dias de trabalho.

Pela direcção das missões serão indicados os terrenos proprios para as culturas de canna sacharina, café, cacau, beterraba e outras consideradas de maior importancia, e estes

podem ser vendidos em lotes, de modo que tambem d'elles possam fazer acquisição as pessoas de pequenos haveres.

Mas antes, teem as missões de proceder ao arrolamento das propriedades, garantindo a posse das terras aos que se encontram occupando-as, e senão estiverem cultivadas, que elles se compromettam a cultivá-las em determinado praso. E garante-se a propriedade por um imposto lançado sobre o rendimento da producção, que poderá ser pago ás missões em productos da mesma producção, ou em dias de trabalho nas quintas regionaes das missões.

Para o serviço diario em cada patrulha, nomear-se-hão seis praças que permanecerão durante vinte e quatro horas no local, sendo uma encarregada de vigiar no quartel, outra no mercado, ficando quatro sempre promptas para qualquer serviço extraordinario, mas rendendo no serviço as primeiras; e mais seis, quatro para o serviço de limpeza e reparação dos caminhos até 3 kilometros de distancia para cada lado do quartel, e duas para serviço da arribana e do correio.

Para o caso de reparações de simples passagens de linhas de aguas, como o são os estrados grosseiros de troncos lançados sobre as suas margens, e tambem para os de estragos nos caminhos feitos pelas chuvas, como serviço extraordinario se nomeará por uma escàla especial, diariamente, um certo numero de praças que poderão auxiliar-se de suas familias para accudirem immediatamente a esses reparos.

Os portadores das malas do correio, em dias determinados, montados em bois, levarão as malas ás estações de mudas e d'ahi trarão as que devem regressar.

Junto ao quartel haverá uma arribana para dois bois de monta, um do serviço do correio, outro para serviço do chefe, quando tenha de percorrer a área da sua jurisdicção, ir á missão, á capital do districto, etc.

É de crer que, com o tempo, qualquer particular tome a iniciativa, ou mesmo a divisão precise de ao lado d'essa arribana, construir outra de maior capacidade, destinado ás mudas para carros de transporte, tendo de haver, pelo menos, dois

homens encarregados de vigiar o gado e conservar sempre em deposito agua e alimento para o mesmo.

Ao lado do quartel deve haver tambem uma casa especial para aula de instrucção primaria, continuando o ensino a ser dirigido pelos chefes de divisão, ou commandantes das patrulhas, como ultimamente se estabeleceu no concelho de Malanje, mas de modo que esse ensino se torne mais proficuo.

A estas aulas fornecerá o governo livros, e todo o material necessario, e tambem para estimulo concederá premios constando de vestuario, e outros de reconhecida utilidade para os alumnos.

Serão obrigados a frequentarem estas aulas em determinadas horas do dia, por classes, não só as praças da divisão como seus filhos, e mesmo as suas mulheres, querendo, o poderão fazer.

As aulas serão praticas e se em principio, só de rudimentos da lingua portugueza, poderão mais tarde ampliar o seu ensino com noções de agricultura, de artes, de officios, etc.

Nas divisões proximas dos sobados devem comprehender-se na classe das creanças que pertencem ás mesmas divisões as creanças dos sobados. Para os adultos dos sobados, a instrucção da aula é voluntaria, fazendo-se encorporar estes na classe correspondente.

Procurarão os chefes que nas suas divisões se desenvolvam as creações de gado vaccum, concedendo mesmo o governo premios, aos que se tornarem distinctos nesta industria, reservando-se logares especiaes para os curraes e ainda para pastos além das áreas cultivadas, mas onde as manadas andem sempre acompanhadas por guardadores.

O tempo do serviço obrigatorio para os Moveis é de cinco annos effectivos, e de tres na reserva, garantindo-se-lhes a propriedade dos productos que adquirirem pela lavoura ou qualquer outra industria.

Admitte-se que a praça que serviu os cinco annos com bom comportamento, se aliste novamente por outros cinco, dando-se-lhe nova gleba para elle e sua familia cultivarem no logar

em que d'ellas se possa dispor, e tambem que possa substituir uma praça nova, obtendo d'esta qualquer indemnisação, sem que a auctoridade nisso intervenha e ficando sem direito a nova gleba.

A praça que contar tres alistamentos voluntarios successivos, isto é, quinze annos de serviço, poderá ir estabelecer-se em qualquer localidade do concelho, sob a protecção das missões, que lhes fornecerão sementes, utensilios ou ferramentas que sejam indispensaveis á profissão que exerce, e fica isempto de contribuições nos primeiros cinco annos, a contar da data em que se estabelecer.

Os uniformes das praças das divisões, serão simples, que não diffiram muito do vestuario a que estão habituados, que lhes permitta a liberdade de movimentos, e que sejam hygienicos.

A nosso ver satisfará a camisola sobre o largo, de flanella azuloia, de mangas terminando em punho, e pequena gola direita, tanga côr de cinza, sustentada na cintura por um cinturão do armamento quando em serviço ou por outro, feito por elles para uso ordinario, tendo uma pala para o machado, e as alpercatas que lhe são usuaes e chapéus feitos de capim em fórma de tampa, terminando superiormente em bico pronunciado como os dos Chins.

Os officiaes inferiores, em vez de camisolas usarão casacos da mesma flanella, largos, sem costura nas costas e de aba curta.

Os chefes de divisão e officiaes subalternos usarão dos actuaes uniformes, que são os antigos raglans de infanteria, de gola encarnada, calças de panno azul, substituindo-se porém o panno por flanella, e os antigos kepis por chapéus de palha, lendo-se em uma fita preta o numero da divisão.

O armamento será bom, e segundo o systema que as circumstancias aconselhem, tendo-se em vista a sua facil limpeza, reparação, manejo, conservação de munições, etc., o que é conveniente estudar.

Os uniformes são fornecidos ás praças pelo governo e o armamento fica a cargo dos chefes das divisões.

A instrucção militar será ministrada por um official de primeira linha em commissão para esse serviço, coadjuvado por tres officiaes inferiores em determinados periodos do anno para cada divisão, e nas epochas em que a lavoura conceda folgas para essa instrucção.

Tanto o official como os inferiores, fora da epocha da instrucção, fazem parte do pessoal da secretaria do governo.

Dos rendimentos dos portes do correio, que devem tambem abranger encommendas de certas dimensões e pesos, e dos impostos para estradas, se pagará a jornal o serviços das praças empregadas no transporte das malas e no de cantoneiros.

O cargo de chefe de divisão deve recair em indigenas que mais se recommendem pela sua idoneidade.

Em cada patrulha observar-se-ha a pratica antiga de hospedar os viajantes, havendo para isso a mobilia adequada e indispensavel, a cargo dos commandantes, e os viajantes que queiram utilisar-se d'essa hospedagem, pagarão um imposto que se julgar rasoavel para a conservação e melhoramentos nos quartos que se destinam para aquelle fim, devendo haver um livro na patrulha, em que o viajante que nella toma agasalho inscreva o seu nome, e onde deverá estar escripturada a receita cobrada por esse imposto.

Isempta-se d'este imposto, qualquer empregado do governo, em serviço.

Na capital do districto deve existir uma companhia de policia de trinta praças europeas, sob o commando de um official subalterno, tendo para o coadjuvar tres officiaes inferiores.

Esta companhia é destinada a policiar as ruas e mercados, e a fazer as rondas e diligencias puramente policiaes. Esta força será sempre considerada prompta para casos eventuaes, em que seja indispensavel restabelecer a ordem, e dar toda a força á auctoridade.

O official commandante d'esta companhia será o administrador do concelho da capital, e no serviço da secretaria é auxiliado por um dos officiaes inferiores, no que for expediente de policia, e pelo escrivão da administração no que respeite ao

do concelho. E este será um empregado civil, que pode ser indigena, quando tenha as precisas habilitações.

É com os sobas que os governos e as missões se devem entender sempre, no relativo aos melhoramentos particulares da localidade e aos do districto em geral; e assim conseguiremos pôr em acção e utilisar os braços validos e disponiveis em beneficio de toda esta região.

Com a intervenção dos sobas na administração publica, garantindo-lhes a auctoridade que lhes concedermos entre os seus, conseguiremos que os sobados se convertam em aldeias de bom aspecto, melhorando as suas construcções, alinhando-as devidamente, transformando-as em logares mais salubres, e mesmo aprazíveis, em que se attenda á hygiene, extinguindo-se os focos de doença, e derivando as aguas para pontos em que se não tornem nocivas á população.

As contribuições dos sobados devem ser marcadas em presença de todos os sobas e sobre os esclarecimentos e informações obtidas: com respeito ás populações, modo de existir, estado de desenvolvimento, receita provavel a cobrar, etc., tomando-se por base do lançamento a quota considerada mais inferior, e esta deve recair sobre os sobas, tanto no que respeita a rendimentos como á apresentação de individuos para o alistamento nas tropas moveis e para trabalhos que redundem em melhoramentos publicos. O soba fará a derrama entre os seus, como julgue mais conveniente.

Quando se trate de administração concelhia, devem ter voto na materia os tres sobas mais graduados e vizinhos da missão; a administração formulará com elles o codigo para o indigena, que se irá reformando no que for judicioso e conveniente, por meios suaves, a pouco e pouco, e quando não haja repugnancias da parte dos sobas em acceitar as substituições, ao que seguem como praxe, ou, a adoptarem preceitos ainda não estabelecidos e que os possam ir preparando para uma transição que os encaminhe para a sujeição ás nossas leis, as quaes com o tempo, tendo d'ellas melhor comprehensão, decerto hão de preferir a muitas das suas usanças.

As missões auxiliadas por aquelles sobas, adquirem os reditos municipaes do concelho, e teem voto deliberativo na execução de medidas approvadas pelo governo do districto.

O chefe da divisão mais proxima faz parte da missão do concelho, quando não houver administrador do concelho definitivo.

Para auxiliar o governador na administração do districto, lembrâmos por emquanto tres intendentes com a mesma categoria e vantagens, e da mesma forma nomeados como os residentes do districto do Congo; um para os antigos concelhos do Duque e Pungo Andongo, outro, para os novos dos Bondos e Holos, e o terceiro para o Cuango, comprehendendo o antigo concelho de Tala Mugongo e Songos. Nas localidades em que residirem serão elles os chefes ou presidentes das missões.

A direcção das missões na capital do districto, assume as funcções das camaras municipaes nos negocios em que possa haver analogia com as attribuições d'ellas, e resolverá tambem todas as duvidas sobre o mesmo assumpto com respeito ás missões nos concelhos.

Para o serviço das obras publicas o governador terá sob suas immediatas ordens para o auxiliar, um conductor de trabalhos do pessoal das obras publicas da provincia.

Farão parte respectivamente da direcção das missões e das missões concelhias em que o chefe é um residente, os facultativos do quadro de serviço de saude que tem a sua residencia na capital do districto, ou nas localidades dos residentes. E para o serviço clinico em cada uma das quatro localidades, haverá uma pharmacia com o respectivo pharmaceutico do quadro, e em cada missão, alem d'esta, uma ambulancia fornecida, por aquellas pharmacias, a cargo de ajudantes habilitados.

A cargo dos facultativos ficarão os postos meteorologicos que se devem montar devidamente, sujeitos a instrucções do observatorio de Loanda, e os gabinetes de estudos anthropologicos com os respectivos apparelhos de anthropometria para os estudos essenciaes sobre os indigenas.

Estabelecer-se-hão communicações telegraphicas entre a ca-

pital do districto e os respectivos concelhos, devendo ligar-se a capital com Loanda.

As estações ficam a cargo das missões, que educarão no serviço da telegraphia os indigenas que mostrem propensão para este genero de trabalho.

O governo, para o serviço do expediente, terá um secretario de igual categoria ao do governo do Congo, que será o chefe da secretaria do districto, e que dirigirá os trabalhos que teem de ser impressos na typographia do governo.

A typographia, por emquanto, reduzir-se-ha ao pessoal e material indispensaveis para uma *minerva,* d'onde se possa fazer tiragem semanal de um boletim não inferior em formato ao de todas as provincias ultramarinas.

É indispensavel esta typographia para simplificação do expediente, e para se tornarem publicos todos os trabalhos emprehendidos pelo novo governo.

O governador terá um ajudante de ordens para trabalhos de campo e para o representar junto dos sobas, dos chefes de divisão, das missões, etc.

Todo o serviço de expediente da fazenda publica, ficará a cargo de um delegado da repartição de fazenda da provincia, logar de commissão para dois annos de exercicio, o qual terá para o coadjuvar um escrivão de fazenda, dois amanuenses e dois continuos, pessoal que pode ser indigena, tendo as precisas habilitações.

O governador, o administrador do concelho da capital, e o referido delegado de fazenda, serão clavicularios do cofre da fazenda, e responsaveis pela execução do regulamento que se formular para a administração das receitas do districto.

Tanto as receitas das missões, como as de cada um dos concelhos a cobrar, e as despezas a fazer com aquellas em vista dos seus orçamentos especiaes, ficam a cargo das missões, que mensalmente enviam as contas com os saldos, se os houver, para a direcção das missões, que depois formula a conta geral e a remetterá para a repartição de fazenda do districto; e quando os saldos sejam negativos a direcção das missões os

satisfará justificando á repartição de fazenda, por que verba satisfez tal pagamento.

É natural que succeda, e para isso mesmo se devem empregar todos os exforços, que a creação de gado vaccum que até agora se desenvolvia pouco, e se mantinha para pagamentos de multas e de outras contribuições, e ainda a creação de algum gado que se reservava para negocio, se torne com a formação do novo governo muito maior, para alimento do pessoal que se procurará fazer trabalhar. A mira nos lucros, ha de fazer prosperar e desenvolver essa industria, e esse desenvolvimento crescerá á medida que o caminho de ferro for rasgando as florestas através das serras, e for espalhando por toda esta região, menos onerados e em maior quantidade, os varios artigos de commercio de que nella se carecer.

Por isto mesmo devem as missões ter todo o empenho em crear e fazer crear nos sobados e nas divisões das tropas moveis, gado vaccum em boas condições, mesmo para exportação.

Insistimos, para nós, na importante industria da creação de gado vaccum, porque receâmos que no momento opportuno, ou quando se organise o novo governo, ou quando o caminho de ferro chegue a Malanje, por falta de providencias, se extinga aquella fonte de receita que deve ser perenne para a região entre Malanje e o Cuango.

Ahi ficam pois lançadas em traços geraes, as bases para uma organisação adequada do novo governo, cujas vantagens são de reconhecido alcance para a condição do indigena que procurâmos melhorar, e para o desenvolvimento da provincia.

Comprehende-se bem, que os primeiros tres annos, se pode dizer, hão de decorrer, não podendo esperar-se fazer mais do que os trabalhos de installação, e necessario é que o governo estipule para elles um subsidio que no primeiro anno não pode ser inferior a 10:000$000 réis mensaes, no segundo a 8:000$000 réis e no terceiro a 6:000$000 réis.

Este subsidio será pedido na proporção do que falte ás receitas para a satisfação dos encargos, mas se o governo provincial tem de contar com este subsidio como encargo por um

lado, por outro fica liberto de despesas que hoje faz com um certo numero de empregados e com os novos de que carece o governo projectado.

Num periodo de cinco annos depois dos tres de installações, estarão os subsidios satisfeitos, e se reformará a organisação do governo d'este novo districto, conforme as circumstancias aconselhem e no interesse geral da provincia.

É de suppor que neste periodo o caminho de ferro de penetração de Loanda, haja chegado ao Cuango, e que no emtanto a colonisação europea por iniciativa particular tenha tomado o desenvolvimento que é para desejar, e que assim as circumstancias se modifiquem para melhor e com tal rapidez, que tudo aconselhe uma reforma administrativa sobre outras bases.

A necessidade, que desde já se faz sentir, da creação de um governo districtal em toda esta região impõe-se, porque sendo esta a zona das terras altas, e estando em boas condições climatericas relativamente ao littoral, deve tornar-se um centro de exploração agricola, de attracção commercial e ainda de aproveitamento de todos os indigenas que emigram das terras além do Cuango.

É de necessidade tornar-se este governo a sentinella vigilante que estude todos os movimentos dos que trabalham pelo Estado Independente do Congo, contrapondo a nossa á influencia que procuram adquirir entre o gentio e mantendo a que ha seculos sobre elle conseguimos exercer, porque tendo nós governos no littoral de ha muito estabelecidos, precisâmos de um, pelo menos, no interior, que seja barreira a todas as tendencias absorventes que hoje se manifestam, e que em breve se podem tornar fortes obstaculos á nossa expansão colonial. Como é sabido, nesta região muito distante do littoral, um nucleo de colonos europeus e de africanos de outras provincias, trabalham ha annos sem protecção official e por iniciativa propria, por firmar o nosso dominio, quer pelo commercio, quer pela agricultura, e a attenção do governador geral de Loanda ha de ser sempre distrahida pelos negocios instantes e que respeitam ao que d'elle fique mais perto.

Ha ainda considerações de outra ordem que mostram a necessidade d'este governo no interior do continente.

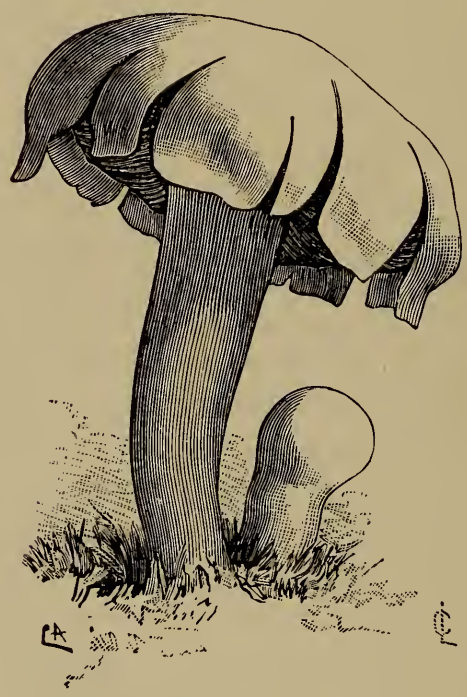
O caminho de ferro ha de elevar muito mais a importancia commercial e agricola que Malanje tem adquirido, e a iniciativa particular ha de necessariamente desenvolver-se, já na agricultura iniciada, já aproveitando todos os elementos para a creação de varias industrias, e por isso importa quanto antes preparar os povos indigenas, e sobretudo o gentio que nos rodeia, para acompanharem o movimento evolutivo, que carece dos seus auxilios, evitando-se sacrificios de vidas europeas e de despezas infecundas.

A auctoridade de um governador nesta região, dispondo de duas linhas de viação importantes, a do caminho de ferro para Loanda e a fluvial do Cuango para o Zaire, e d'uma rede telegraphica que o ponha em communicação com todas as auctoridades sob suas ordens e com o governador geral da provincia, e robustecida pelo pessoal proposto, embora não seja grande, já muito influirá não só no animo dos povos áquem do Cuango, mas ainda sobre os que demoram alem d'elle, pois a preponderancia que temos conseguido conservar nas relações que com elles mantemos, deve ser agora mais que nunca aproveitadas, para os attrahir ao nosso convivio, despertando-lhes necessidades e proporcionar-lhes os meios de as satisfazerem.

Ainda sob a protecção d'este governo se podem destacar das suas missões delegados, que se espalhem e fixem em logares que a experiencia aconselhe que devem ter preferencia no seio do continente para radicar ali a nossa influencia e poderio, e que aproveitem as linhas fluviaes que rasgam toda essa região para o norte, garantindo a segurança da sua navegação até ao Cuango, onde vão affluir.

Finalmente, só creando-se este governo, nós podemos tornar efficaz a protecção de que carecem os diversos povos que habitam as terras da Lunda, encaminhando-os e governando-os como subditos portuguezes que elles dizem ser do coração. Utilisaremos tambem todos os trabalhos, sacrificios e despesas da nossa Expedição, ali feitos durante tres annos, que como

vamos ver nos volumes que se seguem, tem para o nosso paiz uma alta importancia, quer sob os pontos de vista humanitario e scientifico, quer sob os dos interesses particulares e das industrias nacionaes, e principalmente sob o da firmação e florescimento do nosso imperio atravez do Continente africano.



APPENDICE

Já depois de impressa parte do ultimo capitulo d'este volume, o illustrado Ministro o sr. Frederico Ressano Garcia mandou-nos consultar por mais de uma vez, sobre o que podiamos informar, com respeito á situação politica dos povos da Lunda; conveniencia do estabelecimento de missões religiosas entre elles com a séde em Malanje; sobre a occupação das Estações, que a nossa Expedição havia estabelecido em differentes pontos do seu transito até á Mussumba do Muatiânvua, e ainda sobre o seu projecto de enviar uma nova embaixada á Lunda, de que fariam parte os missionarios que deviam já permanecer com os referidos povos.

Desempenhámos esse honroso encargo, fundados nos conhecimentos praticos que adquiriramos pela observação; mas como surgissem difficuldades, para a execução immediata dos projectos de grande alcance politico do estudioso e sensato ministro, por uma má percepção dos telegrammas da Direcção do Ultramar por parte do Governo de Angola, ainda que me fosse bastante penoso na occasião, entendi do meu dever promptificar-me a ir dar cumprimento ás determinações de S. Ex.ª o Ministro, lembrando então a conveniencia de se crear o governo no interior da provincia de Angola, como proponho no final d'este livro, tendo por emquanto por capital Malanje; e como a este proposito tivesse de prestar diversos esclarecimentos, entendo opportuno dar d'elles publicidade, antes de proseguir na descripção da viagem da Expedição para além do Cuango.

PLANO E ORÇAMENTO
PARA O NOVO GOVERNO DE MALANJE

Pelo plano que esboçâmos, o governo do districto de Malanje, por emquanto, deve comprehender o concelho da capital e tres intendencias, abrangendo cada uma d'estas dois concelhos.

O concelho da capital é limitado ao norte pelos rios Cole e Lucala, até ao 16° de long. E. de Greenwich, a oeste por este meridiano até ao Cuanza, a sul por este rio até ao parallelo 10° seguindo com elle o limite até ao meridiano 17°, a leste por este meridiano até á baixa da serra de Tala Mugongo, lado do oeste, seguindo o limite até ao parallelo que passando nas terras de Quifucussa vae cortar o rio Cole.

A primeira intendencia, comprehende os antigos concelhos de Pungo Andongo e Duque de Bragança, sendo a residencia neste.

A segunda, comprehende os novos concelhos dos Bondos e Holos, limitados pelos rios Cuango, Luí, Cambo, e seu affluente mais occidental, e pelo limite norte do concelho da capital, sendo a residencia nos Bondos.

A terceira comprehende o antigo concelho de Tala Magongo e o novo dos Songos, cujos limites são, a sul o parallelo 10° até ao Cuango, a leste este rio, a norte e oeste os designados para os concelhos com que confina, sendo a residencia em Cassanje, o mais proximo possivel de um dos bons portos do Cuango.

O pessoal de que carece este governo, como projectâmos, reduz-se ao seguinte:

Na capital

Governador do districto.
Ajudante de ordens.

Pessoal da secretaria do governo:
Secretario do governo.

1 official subalterno, encarregado da instrucção militar.
3 officiaes inferiores, idem.
4 amanuenses, indigenas.
2 continuos, idem.

Missão principal:
1 ecclesiastico, superior das missões.
2 ditos, seus coadjuctores.
1 agronomo.
1 telegraphista.
1 typographo.
6 officiaes de officios manuaes.
1 escripturario.
6 empregados menores [1].

Administração do concelho:
Administrador, o commandante da companhia de policia.
1 escrivão, indigena.
2 amanuenses, idem.
2 empregados menores, idem.

Companhia de policia:
Commandante, 1 official subalterno.
3 officiaes inferiores (1 para secretario).
4 cabos.
26 soldados.

Tribunal de justiça:
1 juiz.
1 delegado do ministerio publico.
1 escrivão, indigena.
1 amanuense, idem.
1 official, idem.
1 continuo, idem.

Procuratura dos negocios gentilicos:
1 procurador, o juiz.
1 escrivão, indigena.
1 interprete, idem.

---

[1] Podem ser educandos dos collegios das missões, ou indigenas com as necessarias habilitações.

1 amanuense, idem.
1 official, idem.
1 continuo, idem.

Delegação de fazenda:
1 delegado.
1 escrivão, indigena.
2 amanuenses, idem.
1 official, idem.
1 continuo, idem.

Serviço de saude:
1 facultativo de 1.ª classe.
1 pharmaceutico de 1.ª classe.
1 enfermeiro, indigena.
4 empregados menores, idem.

Serviço de obras publicas:
1 conductor de trabalhos.
1 apontador, indigena.
1 guarda, idem.

Serviço do correio:
Director, o secretario do governo.
1 escripturario, indigena.
1 fiel, idem.
1 distribuidor, idem.

Posto meteorologico e gabinete anthropologico:
Director, o facultativo de 1.ª classe.
1 escripturario, indigena.
1 guarda, idem.
1 servente, idem,

Estação telegraphica e typographia:
A cargo da missão principal:
4 empregados menores, indigenas.
6 guarda fios.
1 impressor.
6 aprendizes.

Cada concelho será dividido em quatro divisões, e cada divisão terá uma companhia de Moveis para a guarnecer, na força necessaria para se

fraccionar pelo menos em quatro secções, commandadas cada uma por official, sendo os quarteis nas proprias patrulhas, denominação esta que se deve conservar.

Fora da capital

3 intendentes (sendo cada um o administrador no seu concelho).
3 administradores do concelho subordinados áquelles, que podem ser os chefes civis das missões.
3 facultativos de 2.ª classe.
3 pharmaceuticos de 2.ª classe.
3 ajudantes de pharmacia.
6 chefes ecclesiasticos das missões.
6 irmãos missionarios.
6 escrivães de administração e de fazenda, indigenas.
6 amanuenses, idem.
6 continuos, idem.

N. B.— Na intendencia do Cuango, isto é, na terceira, cuja residencia é em Cassanje, ha a contar tambem com o pessoal europeu e indigena para a navegação dos barcos a vapor.

Em todos os sete concelhos ha a contar com uma guarda diaria de Moveis, de commando de official inferior, devendo contar-se pelo menos com tres sentinellas, e que será paga na rasão de 100 réis cada soldado, 120 réis cada cabo e 240 réis o official inferior. Nos casos ordinarios esta guarda compõe-se: do official inferior, commandante, 3 cabos e 15 soldados.

Despeza mensal com o pessoal proposto

Governador:		
Ordenado	420$000	
Despezas de representação [1]	80$000	500$000
Secretaria geral:		
Secretario, ordenado	100$000	
Official subalterno, instructor militar, soldo e gratificação	60$000	
3 officiaes inferiores instructores, 24$000	72$000	
4 amanuenses civis, 18$000 réis	72$000	
2 continuos, 10$000 réis	20$000	324$000
		824$000

[1] Nestas despezas comprehendem-se os presentes aos sobas e jagas.

Transporte — Rs.		824$000
Missão principal:		
Ecclesiastico superior [1]	90$000	
2 ditos, coadjuctores, 45$000 réis	90$000	
1 agronomo	60$000	
1 telegraphista	50$000	
1 typographo	50$000	
6 officiaes de officios, 36$000 réis	216$000	
1 escripturario	18$000	
6 empregados menores, 6$000 réis	36$000	610$000
Companhia de policia:		
Commandante, official subalterno, soldo e gratificação	50$000	
3 officiaes inferiores, 24$000 réis	72$000	
4 cabos, 18$000 réis	72$000	
26 soldados, 15$000 réis	390$000	
2 corneteiros indigenas, 9$000 réis	18$000	602$000
Administração do concelho:		
Administrador, commandante de policia, gratificação	30$000	
Escrivão, ordenado	30$000	
2 amanuenses, 15$000 réis	30$000	
2 empregados menores, 6$000 réis	12$000	
1 official inferior de policia	6$000	108$000
Tribunal de justiça:		
Juiz de direito	120$000	
Delegado do procurador da corôa e fazenda, ordenado	80$000	
Como conservador	20$000	
Escrivão, ordenado	45$000	
Ajudante privativo	40$000	
1 amanuense da conservatoria	20$000	
1 escripturario do tribunal de justiça	18$000	
1 official de diligencias	15$000	
1 continuo	9$000	367$000
		2:511$000

[1] Tanto os superiores como os coadjuctores têm encargos na parochia.

Transporte — Rs. 2:511$000

Procuratura dos negocios gentilicos:		
Procurador, juiz, gratificação	50$000	
Jury, 6 sobas, gratificação [1], 12$000 réis	72$000	
Escrivão, ordenado	18$000	
1 interprete	15$000	
1 amanuense	12$000	
1 official de diligencias	9$000	
1 continuo	6$000	182$000
Delegação de fazenda:		
Delegado, ordenado	90$000	
Escrivão, dito	45$000	
2 amanuenses, ordenado, 18$000 réis	36$000	
1 official, ordenado	18$000	
1 continuo	12$000	201$000
Serviço de saude:		
Facultativo de 1.ª classe, ordenado e gratificação	90$000	
1 pharmaceutico de 1.ª classe, ordenado e gratificação	60$000	
1 enfermeiro	30$000	
4 empregados menores, 9$000 réis	36$000	216$000
Serviço de obras publicas:		
1 conductor de trabalhos	100$000	
1 apontador	30$000	
1 guarda	15$000	145$000
Serviço do correio:		
Director, secretario do governo, gratificação	30$000	
1 escripturario	24$000	
1 fiel	18$000	
1 distribuidor	15$000	87$000
		3:342$000

[1] Esta gratificação é indispensavel para os transportes.

Transporte — Rs.		3:342$000	
Posto meteorologico e gabinete anthropologico:			
Director, facultativo de 1.ª classe, gratificação	30$000		
1 escripturario, ordenado	18$000		
1 guarda	9$000		
1 servente	6$000	63$000	
Estação telegraphica e typographia:			
6 guarda fios, 12$000 réis	72$000		
1 impressor	30$000		
6 aprendizes, 12$000 réis	72$000		
4 empregados menores, 9$000 réis	36$000	210$000	
Secção militar:			
Ajudante de ordens, soldo e gratificação		60$000	
Guardas permanentes nos concelhos:			
7 commandantes, officiaes inferiores, réis 7$200	50$400		
21 cabos 3$600 réis	75$600		
105 soldados, 3$000 réis	315$000	441$000	4:116$000

Fora da capital

3 intendentes, ordenado, 150$0000 réis	450$000		
3 administradores de concelho, 60$000	180$000		
3 facultativos de 2.ª classe, 60$000 réis	180$000		
3 pharmaceuticos de 2.ª classe, 40$000	120$000		
3 ajudantes de pharmacia, 20$000 réis	60$000		
6 ecclesiasticos chefes de missão, 50$000	300$000		
6 irmãos missionarios, 30$000 réis	180$000		
6 escrivães de administração e fazenda, 20$000 réis	120$000		
6 amanuenses, 12$000 réis	72$000		
6 continuos, 9$000 réis	54$000		
Gratificações de direcção do correio a 6 directores e administradores, 10$000	60$000	1:776$000	4:116$000

Transporte — Rs.		1:776$000	4:116$000
3 gratificações para postos meteorologicos e gabinetes, 20$000 réis.....	60$000		
6 escripturarios, ordenado, 15$000 réis.	90$000		
6 empregados menores, 6$000 réis.....	36$000		
Serviço de barcos no Cuango (pessoal) .	200$000		
Gratificações a 18 sobas que farão parte das missões concelhias, 6$000 réis ...	108$000	494$000	2:270$000
			6:386$000

Não podem pois os encargos com este pessoal exceder a verba mensal de 6:400$000 réis.

Resta pois no primeiro anno do subsidio pedido ao governo, mensalmente, a verba de 3:600$000 réis, que tem de ser distribuida pelas missões, patrulhas e uniformes para os Moveis, colonias agricolas, acquisição de instrumentos, utensilios, ferramentas, etc., e pelo menos a decima parte para viação e outro tanto para o estabelecimento das linhas telegraphicas.

É de crer que no fim do primeiro anno não só as missões, como as tropas agricolas e colonias indigenas agricolas deem rendimento, mas tambem que esteja feito sobre boas bases um lançamento de tributos directos sobre os estabelecimentos commerciaes e agricolas existentes, e portanto que haja rendimentos não só para manter as instituições creadas, mas para as fazer progredir.

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Descrevendo a viagem da minha Expedição de Loanda á Mussumba do Muatiânvua, pareceu-me de conveniencia ao terminar a primeira parte — de Loanda ao rio Cuango — que se refere especialmente á provincia de Angola, visto que me tornára minucioso dando conta das minhas observações sobre a região mais a leste, o vasto concelho de Malanje e d'ahi até ao Cuango, região pouco conhecida dos poderes publicos e mesmo do governo provincial; pareceu-me de conveniencia, repito, planear como se me afigurava um governo interior districtal, que comprehendendo essa grande região e os antigos concelhos, um em decadencia, Pungo Andongo, e o outro que não passou de iniciação, o do Duque de Bragança, pudesse com um pequeno subsidio do governo de Sua Magestade, tomar um tal desenvolvimento que depois dos tres annos da sua installação, fosse o que devia ser — o celleiro do governo central da provincia.

Nesse intento, esbocei um projecto de administração para o novo governo, de modo que em menos tempo do que se poderia suppor, se pro-

moveria a nossa expansão colonial, atravez das terras da Lunda entre o 6° e o 12° de lat. S. do Equador, até chegarmos á provincia de Moçambique, auxiliando-nos voluntariamente nessa expansão as diversas tribus que as povoam.

Não era o plano projectado com uma iniciativa progressiva, de effeitos immediatos, e com cujos resultados florescentes se pudesse contar em curto praso. Para isso era necessario uma completa transformação, e portanto um grande pessoal dirigente, rico em habilitações e por isso mesmo muito oneroso.

O plano era muito mais modesto, visando aos mesmos fins, mas vagarosamente, tendo a vantagem de crear receitas ao mesmo tempo que se procurasse educar os povos para prepararem o terreno para colonisação europea em todo o seu desenvolvimento, fosse qual fosse o ramo de actividade humana a que ella se quizesse dedicar.

Levado de consideração em consideração, aproveitando-me de instituições antigas nas nossas colonias, procurando fazer interessar o indigena pela intervenção directa na administração do novo governo e espalhando missões de ensino pratico profissional e agricola em toda aquella vasta região, eu estava satisfeito com o meu projecto; porque além de me encontrar com uma força indigena respeitavel em armas, guarnecendo todo o districto, devidamente uniformisada e instruida, mantinha communicações rapidas por meio de uma rede telegraphica entre todas as auctoridades e missões do districto e as do governo districtal e com o da provincia no litoral; attendia á exploração da via fluvial no Cuango; conseguia ter em todo o districto os recursos medicos indispensaveis; creava um grande numero de empregos publicos — estimulo para o aperfeiçoamento social e litterario do indigena, e finalmente, dispunha de um pessoal importante em numero e intelligencia, e com a auctoridade precisa para se attender a todos os assumptos, ainda os de mais reconhecida importancia, para uma administração colonial bem orientada, despendendo apenas com esse pessoal bem remunerado a verba em numeros redondos de 6:500$000 réis em cada mez ou 78:000$000 réis por anno.

Mas o que eu nunca podia suppor, antes mesmo d'este projecto chegar a ter publicidade, é que V. Ex.ª, havendo acceitado bem a idea das missões religiosas civilisadoras para o ensino pratico profissional e agricola dos indigenas, com séde em Malanje, podendo exercer directa influencia além-Cuango, entre Lundas e Quiôcos, e tendo como complemento indispensavel para a nossa occupação effectiva sobre a região da Lunda a instituição de um governo interior com a sua capital por emquanto em Malanje, se dignasse confiar-me o encargo de ir organisar e installar esse governo.

Parece-me que nada haverá a desprezar na organisação projectada anteriormente, porém, attendendo á urgencia da occupação das terras

da Lunda, é preciso desde já fazer occupar quatro Estações: No *Caungula do Lovua*, no *Quissengue*, em *Mataba* na margem esquerda do Cassai, e na *Mussumba*, entre os rios Luíza e Calânhi.

O pessoal d'estas Estações deve compor-se, além do privativo das missões, de um delegado do governo do districto de Malanje, um escripturario e dois escoteiros, que todos podem ser indigenas do referido districto, e que teem de se manter assim como a missão, por meio de transacções commerciaes com os povos vizinhos.

Deve dotar-se a companhia de policia do novo governo, com duas até quatro metralhadoras, que podem ser do systema Nordenfjeld, ou talvez fossem preferiveis pelo numero de tiros as de Gatling, com uma bateria de peças de montanha Armstrong, de pequeno calibre, das que existem no nosso arsenal já recolhidas em deposito, e com armamento completo de infanteria, antigo systema Snyder Burnett, para 600 praças.

Devendo aproveitar-se onde seja possivel o recurso da navegação dos rios, e sendo certo que o Cuango, salva a queda D. Luiz I, numa extensão linear de 50 kilometros, entre o 4° 25′ a 5° de lat. S. do Equador, se pode navegar a contar do 9° até ao Zaire, por barcos a vapor que demandem 10 pollegadas; torna-se indispensavel a acquisição de dois d'esses barcos que se possam transportar por terra sobre rails do systema Decauville, os quaes tambem servirão para facilitar o transporte de artilheria e metralhadoras para qualquer ponto do interior.

O official ou officiaes competentes que tomarem o commando d'aquelles barcos, poderão depois estudar quaesquer modificações a introduzir em outros, para se emprehender a navegação dos affluentes do Cuango até onde seja possivel, e assim, melhor do que por qualquer outro meio, attendendo ás circumstancias economicas, se garantirá ao commercio a segurança nas suas transacções e para os povos a efficacia da nossa valiosa protecção.

A occupação official da vasta região da Lunda, sem que a iniciativa particular a acompanhe, dispondo dos meios ao seu alcance para obter mercados commerciaes entre os seus povos, desenvolver a agricultura e todas as industrias de remuneradora exploração, onde desde já o reclamem as circumstancias, é de certo neutralisar os esforços do governo; e por isso me parece necessario a propaganda, para que se organizem companhias de exploração agricola que protejam colonias indigenas e as estimulem a produzir, embora o governo haja de conceder a essas companhias um certo numero de isenções e privilegios que facultem e convidem a affluencia do capital para emprezas d'esta ordem no centro do continente, para onde o governo por outro lado procurará, se façam convergir não uma, mas todas as linhas de caminhos de ferro de penetração em projecto, a partir de diversos pontos no littoral no occidente e no oriente.

O estabelecimento das linhas telegraphicas, que se faria a pouco e pouco na area do districto; tem agora, pelo menos a principal ao Cuango, e d'ahi para as Estações no interior, e de umas para outras, de ser feito immediatamente, para o caso de providencias urgentes que as Estações reclamem do governo do districto, e para que este as possa reclamar do governo provincial caso seja preciso. Portanto a direcção das obras publicas da provincia de Angola, que tem hoje um pessoal pratico, e em parte indigena, quando habilitada com os recursos materiaes de que se carece, pode em pouco tempo attender ao estabelecimento d'estas linhas, e necessario se torna, que esta direcção se dedique a isso de preferencia a qualquer outro trabalho, caso não resulte prejuizo quando esse tenha de ser suspenso temporariamente.

Desde que seja approvado a organisação das companhias moveis como as projectei, a agricultura, as receitas do correio, as hospedagens nas patrulhas e o imposto de trabalho para estradas, permittirão ao nosso governo manter uma força armada importante, não inferior em disciplina e educação militar a qualquer corpo indigena de primeira linha, porém muito mais economicamente, porque dispensa um luxuoso estado maior, sendo mais bem alimentada e melhor aquartelada, visto cada praça viver com sua familia, e estar vestida de modo mais apropriado ao clima, serviços que se lhe exigem e que mais se coadunam aos seus habitos.

No emtanto para preparar esta força carece-se de tempo, e sendo necessario logo de principio estar prevenido para qualquer eventualidade que se possa dar nas novas intendencias, ou além do Cuango, em uma qualquer das delegações do governo ou das missões que vão crear-se, e portanto, devendo haver sempre uma força prompta a que recorrer immediatamente, julgo que, não havendo rasão alguma que justifique a permanencia em Loanda de dois corpos de caçadores de primeira linha, existindo ali uma bateria de artilheria, uma boa companhia de policia e um batalhão de segunda linha e no porto uma força naval respeitavel, julgo, repito, que seria de conveniencia, que um d'esses corpos de caçadores voltasse a residir no interior, podendo agora ser mesmo na villa de Malanje. Elle forneceria os destacamentos para o Dondo, Dande, Encoje, Golungo Alto e Ambaca, de modo que, sempre uma ala estivesse no seu quartel em Malanje, prompta a prestar qualquer auxilio dentro do districto ou nas suas dependencias para leste.

Logo que as companhias estejam preparadas de modo a inspirar confiança, poderia retirar-se essa ala para novo quartel, que a nosso ver deveria ser sempre no interior, mas onde mais conviesse ao governo provincial.

Não me parece facil fazerem-se reducções na verba a despender com o pessoal proposto para o projectado governo, porém o que é possivel em principio, é reduzir-se um pouco esse pessoal e applicar a importancia

excedente em gratificações pelas accumulações de serviços e manutenção das quatro estações no interior além do Cuango; neste caso o orçamento seria o seguinte:

Despeza mensal

Governador, ordenado e representação			500$000
Secretaria geral, fazenda e correio:			
Secretario, ordenado	100$000		
» gratificação pela direcção do correio	20$000		
» gratificação como delegado da fazenda	30$000	150$000	
Ajudante de ordens, ordenado e gratificação	60$000		
Ajudante, gratificação como instructor e pelo serviço de secretaria	20$000	80$000	
3 officiaes inferiores, gratificação pela instrucção e secretaria, 27$000 réis		81$000	
4 amanuenses, ordenados 18$000 réis	72$000		
» gratificação pela fazenda e correio, 6$000 réis	24$000	96$000	
1 official de deligencias		18$000	
1 distribuidor		6$000	
2 continuos, 6$000 réis		12$000	443$000
Missão principal			610$000
Companhia de policia:			
Commandante, ordenado e gratificação		50$000	
2 officiaes inferiores, 24$000 réis		48$000	
4 cabos, 18$000 réis		72$000	
20 soldados, 15$000 réis		300$000	
2 corneteiros, 9$000 réis		18$000	488$000
Administração do concelho:			
Administrador, commandante de policia, gratificação		10$000	
Escrivão, ordenado		30$000	
1 official inferior de policia, gratificação		6$000	
1 amanuense, ordenado		15$000	
1 continuo		6$000	67$000
			2:108$000

Transporte—Rs.		2:108$000
Tribunal de justiça e conservatoria (supprimido o ajudante privativo)		327$000
Procuratura dos negocios gentilicos		182$000
Serviço de saude, posto meteorologico e gabinete anthropologico (supprimidos os quatro empregados menores)		243$000
Serviço de obras publicas (a cargo do governo)		-$-
Estação telegraphica e typographia a cargo da missão principal:		
6 guarda fios, 12$000 réis	72$000	
4 empregados menores, 9$000 réis	36$000	108$000
6 guardas militares permanentes (nos concelhos)		378$000
		3:346$000

Fora da capital

3 intendentes (nas novas intendencias)	450$000	
3 administradores do concelho, gratificação aos chefes das missões	30$000	
3 officiaes de 2.ª classe	180$000	
3 pharmaceuticos de 2.ª classe	180$000	
3 ajudantes de pharmacia	60$000	
3 ecclesiasticos chefes de missão	300$000	
6 irmãos missionarios	180$000	
6 escrivães	120$000	
6 amanuenses	72$000	
6 continuos	54$000	
6 gratificações aos chefes das missões, pelo correio	30$000	
3 gratificações no posto meteorologico e gratificação aos facultativos de 2.ª classe	60$000	
6 escripturarios	60$000	
6 empregados menores	36$000	
Serviço de barcos no Cuango	200$000	
Gratificação a 18 sobas	108$000	2:120$000
Somma		5:466$000
Despeza do primeiro projecto		6:400$000
A favor		934$000

D'esta forma, fazendo algumas reducções no pessoal, que em principio será possivel dispensar, dando gratificações aos empregados que accumulem outros serviços, podemos obter o saldo de 934$000 réis, que chega para pagar ao pessoal das quatro Estações, em fazendas e outros artigos de commercio — a moeda corrente além do Cuango — sendo indispensavel porém que estes artigos sejam remettidos por um fornecedor official em Lisboa, e isentos de direitos nas alfandegas de Lisboa e de Loanda, porque sobre elles teem de pezar os fretes de Lisboa até ás Estações, que hão de sair d'aquella dotação para as referidas Estações.

Logo de principio ha a attender em todos os concelhos, e principalmente na capital, aos alojamentos indispensaveis para as diversas repartições. Nas villas dos dois antigos concelhos de Malanje e Pungo Andongo, supprem-se por emquanto as faltas tomando de arrendamento a particulares o que haja disponivel, porém nos outros concelhos ha a fazer logo de principio construcções aos usos do paiz, mas em melhores condições de habitabilidade, e com o tempo, aproveitando os recursos do districto, podem-se fazer construcções adequadas, seguindo um systema que garanta solidez e duração.

Do subsidio mensal excedente, 3:600$000 réis no primeiro anno da installação do novo governo, uma parte tem logo de ser applicada a estas construcções.

Como um dos primeiros actos do novo governo tem de ser, necessariamente, o de fazer sair uma embaixada para o Muatiânvua eleito no Caungula, e para o Quissengue, principe Quiôco, de que façam parte os missionarios que teem de occupar as duas Estações civilisadoras, uma junta de cada um d'esses potentados; deve o governo ser auctorisado para as despezas com essa expedição e Estações, a dispor da verba de um anno para a dotação das duas Estações, e outro tanto da verba do subsidio para material, no primeiro anno da installação, para o novo governo.

São estes os alvitres que mais de prompto se me offerecem para a organisação e installação do governo districtal de Malanje e suas dependencias além do Cuango, occupando-se logo duas Estações civilisadoras e passado algum tempo as outras duas mais longinquas, a de Mataba e a da Mussumba.

Lisboa, 3 de janeiro de 1880. = *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Officios

Illmo e Exmo Sr. — Passando ás mãos de V. Ex.ª os inclusos tres documentos referentes: á organisação de um governo districtal no interior da provincia de Angola, em Malanje, até á margem do Cuango, com navegação d'este rio até ao Zaire, e ao pessoal indispensavel para a acquisição de receita, e ao ensino e aproveitamento do gentio, de modo que,

passados tres annos depois da sua installação. se tornasse possivel dispensar a dotação que se pede ao governo de Sua Magestade para a realisação do referido projecto — dotação que se restringíra ao mais essencial — como se vê pelas verbas distribuidas no orçamento, que faz parte dos referidos documentos e ainda por uma memoria em que, pela urgencia de se occupar as terras da Lunda como dependencias do referido governo, tendo em attenção a economia com a mesma dotação, reduzindo ao principio o numero de empregados, se consegue fazer já quatro Estações em diversos pontos da Lunda, os mais principaes; devo ainda dizer a V. Ex.ª que já depois de elaborados aquelles trabalhos, tendo conferenciado com V. Ex.ª, novas considerações me suggeriram os assumptos que V. Ex.ª mais fixou então como preferentes desde já, e se bem me recordo, podem elles synthetisar-se da maneira seguinte:

1.º Organisar uma expedição que acompanhe: a embaixada do Muatiânvua que está em Malanje, no seu regresso, ao ponto onde se encontra o Muatiânvua que a enviou, e os missionarios do Rev.do Campana, para se estabelecerem nas Estações que de accordo com elle e os potentados principaes, devam de preferencia occupar-se já.

2.º Estabelecer, mas para occupar definitivamente, pelo transito, Estações ou Patrulhas, aproveitando as que foram por mim levantadas na primeira viagem através das terras da Lunda e até onde seja possivel, ligando-as por linhas telegraphicas.

3.º Estabelecer no Cuango barcos a vapor, apropriados á navegação, a partir das vizinhanças de Cassanje até o Zaire, tendo de se fazer na margem esquerda entre o 5º e 4º,45′ S. do Equador, um caminho devidamente regularisado que não pode exceder 60 kilometros, para supprir por terra a interrupção da linha fluvial, devida á queda de agua D. Luiz I.

4.º Assegurar a occupação, sujeitando os povos de Cassanje, os Bondos, Holos, Songos, Cobos e Haris á nossa auctoridade, sem o que não fica garantida a segurança da navegação do Cuango, nem tão pouco a nossa posse das terras dos Capendas, da margem direita, como estes pedem, nem a occupação das terras da Lunda, habitadas pelos povos do Muatiânvua e pelos Quiôcos.

5.º Finalmente, pôr em evidencia principalmente ao norte, a auctoridade de Portugal, entre o Cuango e Lualaba, de modo que os agentes do Estado Independente do Congo não procurem, enganando os povos, sair da linha limite que lhe foi fixada na conferencia de Berlim, para fronteira d'esse estado a sul, entre aquelles rios.

Estes fins que me parece serem os principaes, que o governo de Sua Magestade tem em vista sejam satisfeitos immediatamente, podem sê-lo quando não faltem os devidos auxilios logo no principio. É indispensavel que as Estações estabelecidas sejam occupadas e fornecidas de fazendas e outros objectos para negocio com as povoações, quando mais não seja

com alimentos para o pessoal, pois assim transita sem difficuldades o chefe, ou quem elle mande, de uma para outra Estação.

A maior difficuldade que encontrou sempre a minha Expedição, foi ao retirar a ultima parte d'ella,porque os povos vizinhos das Estações não se podiam conformar com a facto das casas ficarem despejadas, e de as fazendas seguirem todas com a Expedição para serem negociadas com outros povos mais para o interior.

Emquanto as Estações estavam occupadas, os povos mesmo se prestavam ao serviço de transportes das cargas de umas para outras, porém ao deixarem-se as ultimas, levantavam-se sempre questões que era necessario toda a prudencia para resolver, e por isso mesmo eu tive necessidade, depois de marcar as novas Estações, de voltar atrás para retirar com a ultima parte da Expedição.

Já assim não succederia se a Estação tivesse ficado devidamente occupada.

Providas as Estações, e obtidos os recursos de umas para as outras, creia V. Ex.ª que se consegue ir de costa a costa ou onde se queira chegar, sem ser preciso grande pessoal de carregadores ao serviço permanente das Expedições. As proprias povoações nos auxiliam no serviço de transportes.

Se o commercio particular viesse occupar algumas Estações, muito auxiliaria na questão economica o governo.

Só por isto, vê já V. Ex.ª a necessidade que ha de que o chefe de uma missão d'esta ordem tenha a necessaria auctoridade em Malanje, porque logo os povos vizinhos o reconhecem como pessoa de grande confiança do Governo de Sua Magestade (Muene Puto), e sendo eu o encarregado de tal missão, dá-se ainda a circumstancia de terem tido os principaes Ambanzas com honras de Jagas, com quem estive no interior, a idea de solicitar de Muene Puto, para eu ser nomeado chefe de Cassanje; e vendo-me agora feito Guvulo (governador) mais me respeitarão, e acreditarão que mereço confiança a Muene Puto, vendo-me de mais a mais com galões de tenente coronel, influindo ainda mais no seu animo esse augmento de posto.

Eu pedia no projecto do governo a reorganisação das companhias moveis, de modo a serem proficuas e a dispensar-se força de primeira linha; mas attendendo a que preparar essa força como deve ser, levava algum tempo, lembrei na memoria a vinda de um corpo de caçadores da capital para Malanje. Agora depois que soube por V. Ex.ª que o governador de Angola se queixa de não ter gente para dispor, e que S. Ex.ª o sr. Ministro tinha mandado vir uma força de 400 Zanzibares que eu julgo não ser conveniente para acompanhar uma expedição á Lunda, que não precisa forçar uma passagem rapida; lembro que ella pode ser aproveitada como força de respeito, distribuida no governo de Malanje até ao Cuango,

pelas Estações a fazer para o norte, e recorrer-se de Estação em Estação a ella, quando fosse indispensavel. Assim suppria-se a falta do batalhão pedido para Malanje.

Em todo o caso a companhia de policia pedida na memoria, e que é pequena, 1 official subalterno, 3 officiaes inferiores, 4 cabos e 20 soldados, creio ser facil arranjá-la, e é muito conveniente, sobretudo quando bem armada e munida pelo menos com 2 metralhadoras e com a pequena bateria Armstrong de que fallei.

Tambem é indispensavel obter 600 armamentos completos do antigo systema Snyder Burnett, com o respectivo cartuchame.

Os rails do systema Decauville para o transporte de volumes pesados, do Dondo para deante, creia V. Ex.ª ser acquisição de grande alcance, e nas officinas de obras publicas em Loanda, cujo director é o engenheiro David Sarmento que está ahi, ha pessoal habilitado para ir ao Cuango armar barcos a vapor e pô-los a navegar. Tambem na provincia ha pessoal habilitado para continuar a linha telegraphica até Malanje, mas para abreviar, e como commissão extraordinaria de Malanje em deante, é conveniente angariar pessoal habilitado em Lisboa.

São estas as considerações que muito resumidamente julguei necessario expor a V. Ex.ª para acompanharem os documentos juntos que rogo a V. Ex.ª sejam presentes a S. Ex.ª o Sr. Ministro.

Por ultimo, eu ainda devo lembrar a V. Ex.ª, que ha toda a conveniencia que no estrangeiro se ignore o fim da minha missão, porque o Estado Independente do Congo poderá, prevenido a tempo, antecipar-se com os seus empregados já no que se projecta, com respeito a occupações alem do Cuango, já navegando neste rio e introduzindo fazendas e artigos desonerados de impostos aduaneiros, prejudicando assim muito os rendimentos da alfandega de Loanda, e o meio será não se lhe dar publicidade no reino, o que facilmente se conseguirá dando-se-me uma carta de prego que conterão as minhas instrucções.

Deus guarde a V. Ex.ª — Illmo e Exmo Sr. Secretario Geral do Ministerio dos Negocios de Marinha e Ultramar. = *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Illmo e Exmo Sr. — Encarregou-me V. Ex.ª por determinação de S. Ex.ª o Sr. Ministro dos Negocios da Marinha e Ultramar, de me dirigir ao Chefe da segunda repartição da Direcção dos Negocios da Marinha, o distincto official da Armada Real, José Maria Teixeira Guimarães, para me entender com elle relativamente aos barcos a vapor, que lembrei ser de conveniencia o governo manter no rio Cuango, a fim de entreter por sua conta a navegação d'este rio entre o 8º de lat. S. do Equador e a sua confluencia no grande Zaire, e que pela conferencia de Berlim ficou comprehendido nos dominios portuguezes.

Pedindo-me o illustrado funccionario varios esclarecimentos sobre os referidos barcos e condições do rio, eu passo a dizer a V. Ex.ª o que é do meu conhecimento e que posso assegurar, desejando que esses esclarecimentos sirvam de algum modo para se levar a effeito um projecto, que poderá evitar graves prejuizos aos rendimentos aduaneiros da provincia de Angola na sua região norte, isto é, no vasto paiz que se estende do rio Cuanza ao Zaire.

O barco a vapor *Peace,* que apresentei como typo para navegar no baixo Cuango, e que pertence á missão Baptista, no Congo, de que é chefe o Rev.do Grenfell, tem de peso seis toneladas, navega em 0m,30 de agua, tem duas machinas, sendo a sua velocidade de 20 kilometros por hora. Se uma das machinas se avariar, pode ainda obter-se de andamento 10 kilometros durante que ella se repara.

Desmonta-se em oitocentas peças, não excedendo cada uma o peso de 70 libras e que um homem pode transportar em dias successivos de marcha. Foi despachada da Europa desmontada para a embocadura do Congo, e 800 homens a transportaram a Stanley-Pool.

O vapor *Stanley,* feito pelos constructores M. M. Yarrow em Poplar, por conta da Associação Internacional para navegar no Congo, foi construido de modo que facilmente se desmonta e transporta, evitando um grande pessoal de carregadores.

O systema adoptado foi semelhante ao que se tem applicado para as canhoneiras desmontaveis do Tonkim.

O vapor é dividido em seis compartimentos que são corpos fluctuantes que se separam, ou compõem um todo conforme convenha, mas como estes compartimentos são de limitadas dimensões, collocam-se á vontade sobre montantes de quatro rodas, circulando em terra como carretas.

A embarcação, que foi despachada como carga da Europa, em diversos volumes, para o porto de Banana, foi ahi montada para navegar até Vivi. Aqui desmontou-se a machina, e como o casco vasio apenas cala 0m,15, procedeu-se á desunião dos pedaços que se fixaram a quatro grandes rodas de aço transformando-se em verdadeiras carroças.

Assim seguiu o vapor por terra até Isanghila, onde se tornou a montar para navegar até Manyanga, e d'aqui seguiu do mesmo modo por terra até Stanley-Pool.

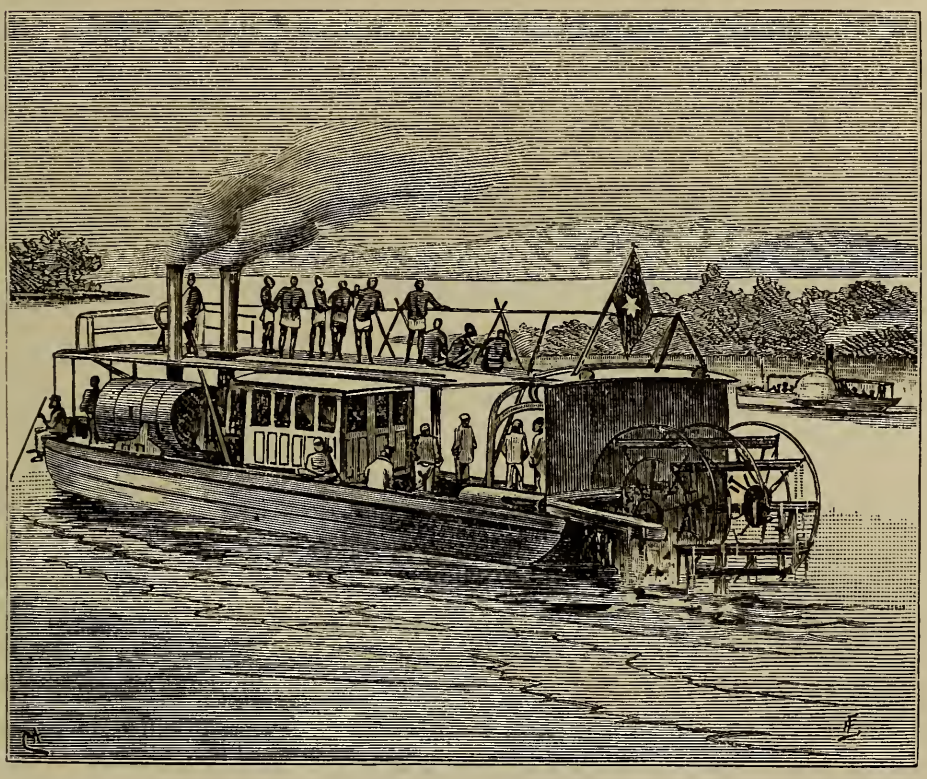
O *Stanley* tem uma velocidade regular de 16 kilometros por hora, muito sufficiente para vencer as correntes do Congo. Governa admiravelmente, girando quasi no mesmo logar, o que é muito util naquelle rio.

O vapor é de aço, tem 21 metros de comprimento e 5m,40 de largo. A coberta é de madeira, o que foi exigido por causa do paiz ser quente, e tem um salão muito arejado e confortavel.

Apesar da divisibilidade do casco, para o arrastar por terra de Vivi a Stanley-Pool, foram ainda assim precisos mais de quinhentos pretos.

Em principios de dezembro de 1886 o vapor *Peace* fez uma exploração no baixo Cuango, principiando por vencer em tres dias, a distancia de Quimpoco á bocca do Cua.

Entre o Mussuata e esta, o rio em partes apresentava uma largura de 2:000 metros; entrando no Cua, que é o Cuango, subdivide-se este em affluentes, Cassai e o mesmo Cuango que vem de S.W.; na affluencia com aquelle, o Cuango apresenta uma largura proxima de 700 metros. A differença de nivel na embocadura com o da agua, medida



VAPORES STANLEY E PEACE

pelo major Mechow (no 5° 5′ lat. S. do Equador), sobre as rochas que dão logar a queda que interrompeu a sua marcha, é de 33 metros que se repartem sobre o grande comprimento que dão ao rio as grandes voltas que elle faz.

O Cuango depois alarga-se até 2:000 metros, diminuindo muito em profundidade, e a 4° 35′ lat. S. do Equador, chega a ter só 200 metros.

Foi nesta altura que o vapor *Peace* parou na sua navegação por causa dos baixos acima (ao sul) do confluente esquerdo, o Fufu, sobre os quaes era difficil navegar.

Eram estes os mesmos obstaculos que obrigaram o major Mechow que vinha do sul, tambem a suspender a sua navegação, encontrando-se ainda o seu barco de aço (movido a remos) abrigado em terra, não em Quingundíji, mas em Candinga, sitio proximo.

Regressou pois o *Peace* em sete dias d'aquelle ponto a Stanley-Pool, o que não admira porque a corrente então o auxiliava.

Mechow havia navegado num barco a remos, de aço, desde a confluencia do Cambo, que elle marginára por terra até ao 5° 5′ lat. S. do Equador, e porque os carregadores que o acompanharam de Malanje tivessem receio de continuar a viagem por terra transportando o barco que tambem se fraccionava, teve de o deixar na margem do Cuango em Candinga.

Não conheço este barco, mas pode avaliar-se pelo da expedição Wissmann em 1884, que tambem era de aço, dividia-se em sete ou nove fracções, sendo cada fracção transportada por dois homens, regulando a sua largura interior de $1^m,4$ a $1^m,6$.

Uma ou duas canoas nestas circumstancias, para um calado de agua de 10 pollegadas, com uma machina apropriada para a navegação entre o Cambo e Fufu, no Cuango, e um vapor da lotação do *Peace*, ou que demandasse menos agua, para entrar nos seus affluentes, no Cuílo e nos do Cassai, Luango, Lulúa e outros, deve por emquanto satisfazer-nos.

O bispo Taylor, das missões americanas na provincia de Angola, achando-se em grandes difficuldades nas margens de Stanley-Pool para fazer transportar cargas para as suas missões, escrevia em 1877 para a direcção das missões em New-York: «A solução dos successos das minhas missões é simples. Torna-se-me necessario um vapor. O preço de uma lancha a vapor como desejo, e o seu transporte aqui no Pool pode custar 100:000 francos (20:000 dollars), mas preciso um anno de praso para garantir as estações missionarias que já tenho fundado. É para esta epocha que eu peço que esteja prompto este vapor.»

Este bispo, missionario de grande persistencia e coragem, reconhecendo os grandes obstaculos a vencer para conseguir evangelisar no Cassai e seus affluentes, não abandonou comtudo a sua idea, confiando que os seus concidadãos não recuavam deante de qualquer sacrificio pecuniario para o auxiliar na sua missão.

É de suppor que o Rev.do Bispo e os seus missionarios, que na sua estação em Quimpoco, se occuparam nos mezes de grande fome ali e nos arredores, a abrir um profundo canal de irrigação e a estabelecer uma queda de agua da altura de vinte pés, para alcançar uma força motora de que careciam para utilisar num moinho destinado ao fabrico da farinha de mandioca, a qual chegaram a vender por preços reduzidissimos ás missões Baptistas e estações do Estado Independente; é de sup-

por, repito, que já hoje tenham pelo menos uma lancha a vapor para seu serviço, e se a tiverem não é para admirar, não só que o referido Bispo estabeleça novas missões marginando o Cuango e o Cambo a ligar a rede com a de Malanje, mas ainda que continuasse a estabelecer filiaes para leste d'este rio entre os Quiôcos e Lundas, idea que predominava quando cheguei a Malanje em fins de 1887.

O dr. Summers, que fazia parte d'estas missões, mezes antes de eu chegar a Malanje, havendo-se naturalisado portuguez, conseguiu com auxilios dos negociantes Narciso Antonio Paschoal (africano) e Marcus Zagury, organisar uma pequena expedição, e seguindo o itinerario garantido pela nossa Expedição até ao Cuengo, affluente direito do Cuango, e apresentando-se entre os povos dizendo ir ao meu encontro, conseguiu caminhar sem difficuldades, dirigindo-se depois para o Lubuco onde queria estabelecer-se na missão do bispo Taylor. Infelizmente morreu ahi, e quem sabe se moralmente affectado, porque o barão de Macar, agente do Estado Independente, e chefe da estação de Luluabourg não consentiu que elle entrasse em exercicio de suas funcções.

Não desiste o bispo Taylor do seu intento, e já no anno findo elle estava de novo em Malanje, e é de crer que haja obtido muitas informações da embaixada do Muatiânvua que ali tem estado, porque esta embaixada foi sempre muito estimada pelos missionarios Samuel Mead, sua esposa e filhas miss Bertha e miss Aida e por L. Johnson e W. Cordon.

Esta senhora e suas filhas, com a grande bonhomia de que são dotadas, sabendo que tanto o sobrinho do Muatiânvua como os seus companheiros se admiravam e mesmo se extasiavam ouvindo-as cantar os psalmos com acompanhamento de *harmonium-flutte*, sempre que estes entravam na missão ellas de bom grado e promptamente os faziam sentar a seu lado e dispunham-se a entretê-los, ás vezes horas, com os seus cantos e musica, obtendo depois a compensação em informações e esclarecimentos que pretendiam.

Esta agradavel forma de catechese ainda para o mais selvagem, torna muito sympathica entre os povos gentios aquella missão, e suas filiaes, que podem ir muito longe quando os seus missionarios se familiarisem com todos os dialectos das tribus d'essa grande familia africana, a que chamo povos *Tus*, denominação muito mais caracteristica e scientifica que Bântu, que nada justifica.

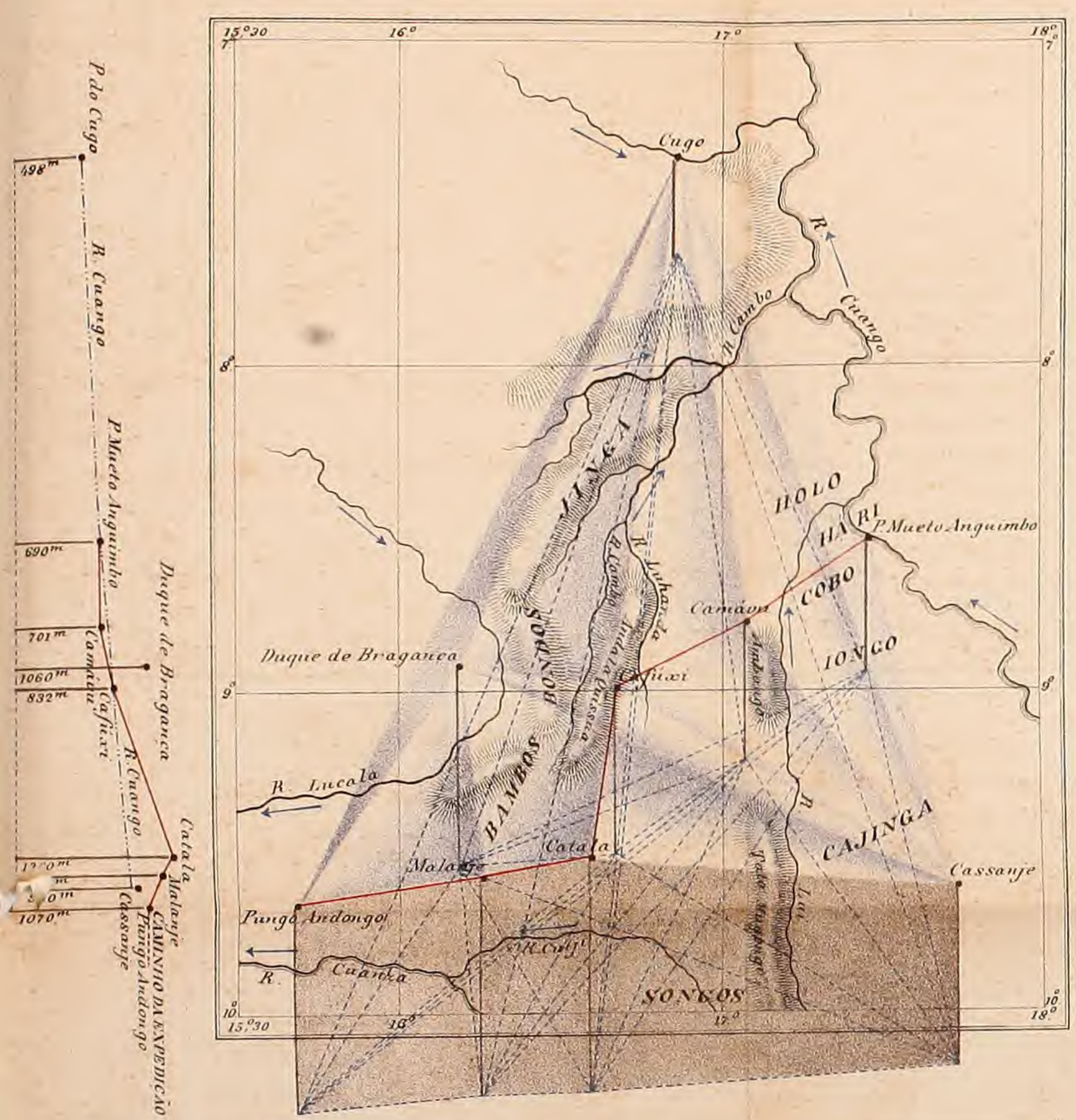
Tendo-me afastado do fim principal que tinha em vista, isto é, apresentar a V. Ex.ª as condições mais essenciaes a que devem satisfazer os barcos para navegação do Cuango, e as condições d'este rio na parte que se devem aproveitar; esclarecimentos que podem servir ao dignissimo chefe da segunda repartição da Direcção dos Negocios de Marinha para a acquisição de alguns barcos identicos; ainda assim, mais uma vez demonstrei a V. Ex.ª, a necessidade que temos de contrapor aos

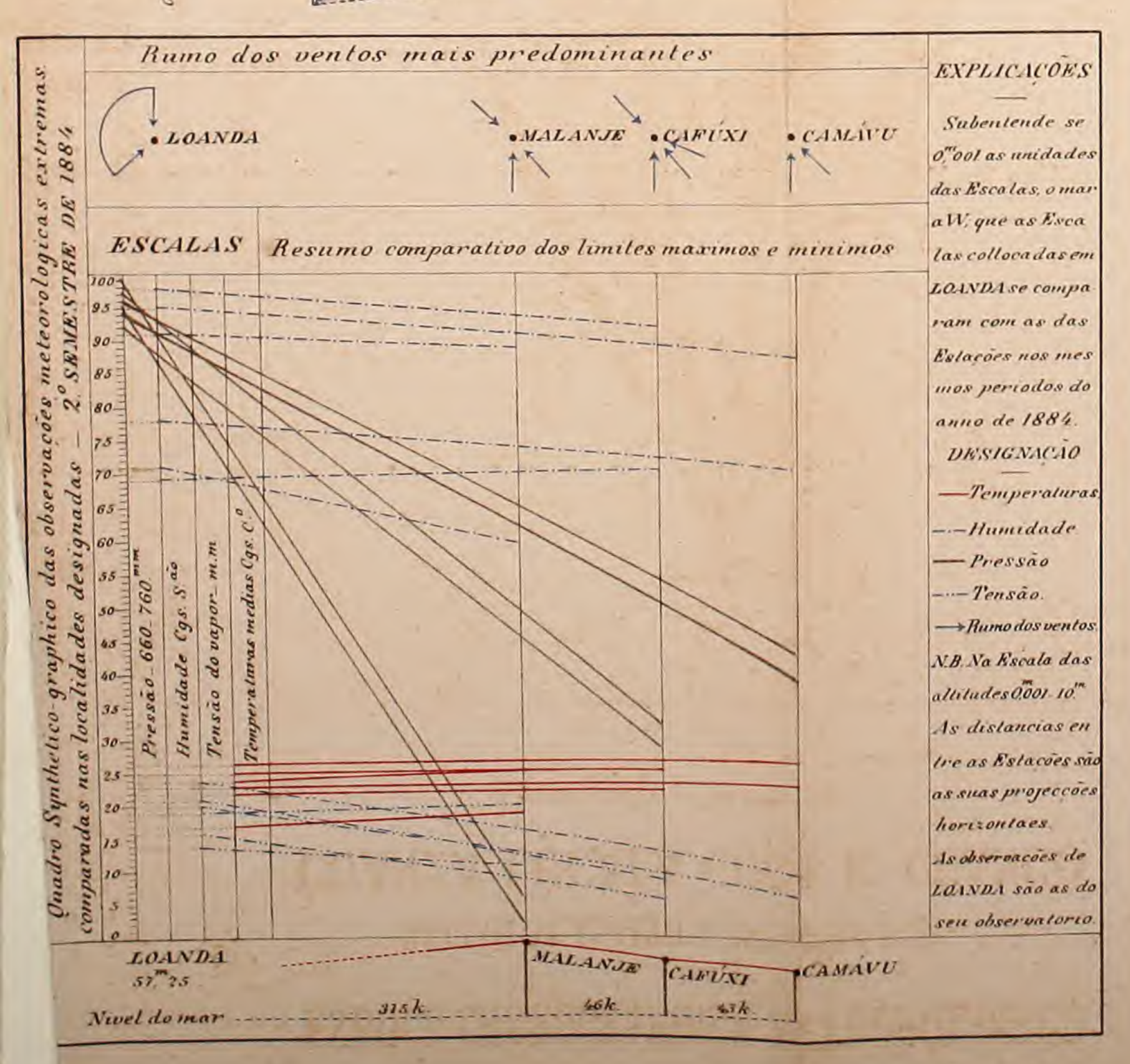
effeitos das referidas missões, boas missões nossas de resultados praticos e proficuos para o gentio que nos cerca, não se lhes recusando todos os recursos de que careçam.

Deus guarde a V. Ex.ª Lisboa, 11 de janeiro de 1890. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Secretario Geral do Ministerio dos Negocios da Marinha e Ultramar. *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

ESBOÇO CHOROGRAPHICO METEOROLOGICO
DA
REGIÃO PLANALTICA ENTRE OS RIOS
CUANZA, LUCALA, CUGO E CUANGO

Escala 0,001 = 2 kilometros.





EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIÂNVUA

AFRICA AUSTRO-EQUATORIAL

PARTE DA REGIÃO OCCIDENTAL PORTUGUEZA

Contendo os itinerarios da expedição e diversos caminhos dos indigenas

1884-1888

Escalas de 1/400:000

Escala de 1/400:000

Lithographia da Imprensa Nacional Reg.ta 13 5 80

Boa Esperança

3 9088 00021 7356
SMITHSONIAN INSTITUTION LIBRARIES